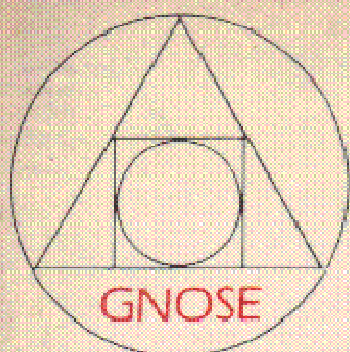




RAÍZES DO OCULTO

**A VERDADEIRA HISTÓRIA DE
MADAME H.P. BLAVATSKY**



HENRY STEEL OLCOTT



Madame Blavatsky foi uma das personagens
mais marcantes de nosso tempo,
e deve ser considerada figura dominante
no desenvolvimento do ocultismo.

e dos estudos teosóficos em todo o mundo.

Sobre Helena Blavatsky, fundadora da
Sociedade Teosófica, citam-se fatos
extraordinários. Sua vida é cercada
de episódios fantásticos. Ninguém melhor
do que Henry Steel Olcott,
seu íntimo colaborador durante muitos anos
e até sua morte, para falar a respeito
dessa estranha figura feminina.

RAÍZES DO OCULTO, além do relato de
episódios da vida de Helena Blavatsky,
contém toda a história da fundação
da Sociedade Teosófica, em Nova York, e da
rápida propagação de
seus ideais pelo mundo todo.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Câmara Brasileira do Livro, SP

038r Olcott, Henry Steel, 1832-1907
Raízes do Oculto: a verdadeira história de Madame H.P. Blavatsky/Henry Steel Olcott; Tradução de Alcione Soares Ferreira. – São Paulo: IBRASA, 1983.

(Coleção gnose; 10)

1. Blavatsky, Helena Petrovna, 1931-1891 2. Teosofia
I. Título.

83-0206

17. CDD-212.5
18. -212.52
17. e 18. -922.91

Índice para catálogo sistemático

1. Teosofia: Religião natural 212.5 (17.) 212.52 (18.)
2. Teosofistas: Biografia 922.91 (17. e 18.)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



**RAÍZES
DO
OCULTO**

A Verdadeira História

de

Madame H. P. Blavatsky

RAÍZES

DO

OCULTO

A Verdadeira História

de

Madame H. R. Blavatsky

HENRY STEEL OLCOTT

Tradução de

Alcione Soares Ferreira

IBRASA
INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S. A.

SÃO PAULO

Índice

<i>Os Fundadores da Sociedade Teosófica</i>	6
CAPÍTULO I: Primeiro Encontro dos Fundadores	10
CAPÍTULO II: Madame Blavatsky na América	33
CAPÍTULO III: Fenômenos de Filadélfia	45
CAPÍTULO IV: O Segundo Casamento de Madame Blavatsky.....	55
CAPÍTULO V: O Espiritismo.....	66
CAPÍTULO VI: A Desaprovação Oriental	80
CAPÍTULO VII: Dr. Slade	97
CAPÍTULO VIII: Proposta a Sociedade Teosófica	107
CAPÍTULO IX: Formação da Sociedade Teosófica.....	118
ANEXO 1: Carta do Sr. Feld sobre os elementais.....	133
CAPÍTULO X: O Barão de Palm.....	140
CAPÍTULO XI: A Primeira Cremação na América.....	158
CAPÍTULO XII: Autor Putativo de "Arte Mágica"	175
CAPÍTULO XIII: Ísis Revelada.....	189
CAPÍTULO XIV: Hipóteses Diferentes	204
CAPÍTULO XV: Possessão Aparente Por Entidades Externas	218
CAPÍTULO XVI: Definição dos Termos.....	233
CAPÍTULO XVII: Reencarnação	250
CAPÍTULO XVIII: Os Primeiros Dias da Sociedade	267
CAPÍTULO XIX: Visões Conflitantes - I.....	272
CAPÍTULO XX: Visões Conflitantes - II.....	285
CAPÍTULO XXI: A Sede de Nova York	294
CAPÍTULO XXII: Descrição de Fenômenos Diversos	304
CAPÍTULO XXIII: Precipitação de Quadros	316
CAPÍTULO XXIV: Projeção do Duplo.....	329
CAPÍTULO XXV: Swami Dyanand	346
CAPÍTULO XXVI: Mme. Blavatsky na Intimidade.....	358
CAPÍTULO XXVII: Ilusões.....	376
CAPÍTULO XXVIII: Um Esboço de Madame Blavatsky.....	396
CAPÍTULO XXIX: Madame Blavatsky Torna-se Cidadã Americana - Formação da Sociedade Teosófica Britânica - Últimos Dias em Nova York	409

Os Fundadores da Sociedade Teosófica

Helena Petrovna Blavatsky nasceu a 31 de julho de 1831, na Rússia, de família nobre e abastada. Poderia ter-se criado e vivido nos mesmos moldes das jovens bem nascidas de seu tempo, mas, ao que consta, foi desde sempre uma rebelde. Da vida e da educação no lar, conservou para o resto da vida as bases de uma cultura eclética e cosmopolita, e o apego carinhoso à família, entre cujos membros, para sua vida afetiva, sempre se destacou a figura da Tia.

Aos 16 anos, casou-se, por "*arranjo de família*" — como era então costume universal — com o General Nichepore Blavatsky, vinte e cinco anos mais velho que ela. O casamento durou pouco, e, segundo fontes seguras, jamais se consumou. Aos 17 anos, Helena Petrovna fugiu para a Europa Ocidental. Diz-se que ela juntou-se então a uma *troupe* circense, na qualidade de amazona acrobata — pois era, como grande parte das moças de bom nascimento na época, excelente cavaleira. Durante a sua fase circense, sofreu uma queda do cavalo, que veio pôr termo a sua carreira eqüestre e, segundo o Conde Witte, comprometer-lhe decisiva e definitivamente a vida sexual.

Um de seus biógrafos atribui-lhe um filho ilegítimo, criança malformada (seria um corcunda) que viveu apenas poucos anos, mas a própria Helena Petrovna jamais aludiu ao fato. Do ponto de vista existencial, mundano, os anos mais marcantes de sua vida viveu-os em Paris, em meio à feérica ebulição do "*fin de siècle*", onde conviveu com artistas, místicos e intelectuais de todo tipo.

Para o ocultismo, porém, seu verdadeiro nascimento deu-se no Tibete, aonde chegou após uma verdadeira epopéia, sendo por duas vezes barrada na fronteira do país pelas autoridades britânicas, que não concebiam se aventurasse uma mulher a tão intrépida aventura. Há inclusive referências de que ela teria finalmente se disfarçado com trajes e maneiras masculinas, para atingir sua meta.

A odisséia tibetana não se constituiu, porém, na única jornada aventureira de Helena Petrovna. Conheceu o fragor das batalhas, nos campos da Itália, lutando ao lado de Garibaldi. Desse episódio, aliás, ela guardou diversas cicatrizes, que exibiu orgulhosamente aos incrédulos. E nos desertos africanos acampou com beduínos e camaleiros, com xeques e magos — com quem por vezes "*trocava*" prodígios e experiências

Sua fantástica carreira - ou o Destino, ou seus Mestres - levou-a por fim aos Estados Unidos, aonde chegou quase sem dinheiro, sem conhecidos e sem referências. Em breve, porém, viria a conhecer o Coronel Henry Steel Olcott, que se tornou seu colaborador até o fim da vida dela, e com quem iria fundar a Sociedade Teosófica. Foi ainda na companhia de Olcott que Helena Petrovna — de certa forma, uma feminista em sua época — viajaria à Índia, onde ocorreram suas últimas realizações no plano público, antes de morrer, aos 60 anos, em Londres, em 1891.

Legou à posteridade, além de sua obra teosófica, dois livros até hoje discutidos, mas sempre respeitados — *Ísis Revelada* e *A Doutrina Secreta*. Além de falar e escrever fluentemente várias línguas, tinha também grande talento pianístico, e consta que teria realizado mesmo tournées musicais pela Europa, apresentando-se por vezes ao lado de expoentes como Madame Schumann, e usando então o pseudônimo de Madame Laura.

Henry Steel Olcott nasceu nos Estados Unidos em 1832. Homem de cultura cosmopolita, advogado por profissão, típico novaiorquino do fim do século, alcançou certo renome como jurista, ocupando cargos e desempenhando funções junto a e para o Erário de Nova York. Profundamente interessado em ciência e tecnologia, não se cansava de investigar e "*assuntar*" nesse campo. Durante a Guerra Civil, com a patente de Coronel, atuou intensamente junto ao Ministério da Guerra, no âmbito do apoio logístico e da coordenação de abastecimento às tropas.

Em Nova York, Olcott dedicou-se ainda ao jornalismo, como colaborador para diversos jornais, chegando a obter algum renome nessa atividade. E foi na condição de "*correspondente free-lancer*" do *New York Daily Graphic*, em 1874, fazendo uma cobertura dos fenômenos mediúnicos de *Chinttenden*, que Olcott veio a conhecer Madame Blavatsky, que lá se achava em companhia de uma amiga.

Entre os dois nasceu instantânea simpatia, que evoluiu rapidamente numa amizade duradoura e decisiva. Olcott colaborou com Blavatsky na consecução da obra pública de Helena Petrovna, prestou-lhe inestimável colaboração na redação e publicação de *Ísis Revelada*, foi seu consultor e de certa forma seu protetor em questões de ordem prática e jurídica — ela era, segundo o próprio Olcott e na opinião unânime de seus biógrafos, e como freqüentemente ocorre com pessoas de intensa vida espiritual ou intelectual, profundamente vulnerável aos pequenos embaraços do cotidiano. Dividiram um apartamento em Nova York, que se constituiu em certa época num verdadeiro centro cultural e boêmio da cidade. Compartilharam outras casas em outras cidades e juntos viajaram pela Índia e pela Europa. Ao contrário, porém, do que supunham e apregoavam os críticos e observadores da época, e provavelmente grande parte da opinião pública, jamais mantiveram qualquer espécie de laço sexual ou sentimental. Em seu livro, Olcott diz

mesmo que para Helena Blavatsky ele não chegava a ter um significado profundo como amigo, senão como colaborador.

Modestamente, o Coronel Olcott atribui-se na obra pública de Madame Blavatsky um mero lugar de colaborador. É porém sabido e notório que, não fora a experiência dele no plano organizacional, sua assistência "*técnica*", os recursos financeiros que muitas vezes proveu à causa, e, ainda, seu amplo relacionamento nas esferas sociais e políticas americanas, talvez a Sociedade Teosófica não tivesse chegado a ganhar existência concreta.

Diferentemente de Helena Petrovna Blavatsky, Olcott chegou a testemunhar o acender das luzes do novo século — no qual os intelectuais e cientistas do século passado depositavam infinitas esperanças.

Ele morreu em 1907, quando a Sociedade Teosófica já tinha perto de 500 sucursais em todo o mundo.

A.S.F.

CAPÍTULO I: Primeiro Encontro dos Fundadores

Já que me proponho narrar a história do nascimento e progresso da Sociedade Teosófica, devo começar pelo início, contando como se encontraram pela primeira vez seus dois fundadores. Foi um incidente bastante prosaico: eu disse "*Permettez moi, Madame*¹", e dei-lhe fogo para o cigarro; nosso conhecimento começou em fumaça, mas suscitou um incêndio grande e permanente. Foram peculiares as circunstâncias que nos reuniram, como em breve explicarei.

Os fatos foram, em parte, publicados anteriormente.

Um dia, no mês de julho de 1874, estava eu sentado em meu escritório de advocacia, pensando num caso indigesto para o qual me havia contratado a Companhia da Cidade de Nova York, quando me ocorreu que, durante anos, eu não prestara atenção ao movimento Espiritualista. Sei lá que associação de idéias levou minha mente a passar da construção mecânica de hidrômetros ao Moderno Espiritismo, mas, não obstante, fui até um jornaleiro da esquina e comprei um exemplar do *Banner of Light*².

Nele, li um relato de certos fenômenos incríveis, a saber, a solidificação de formas de fantasmas, que, dizia-se, estava ocorrendo numa casa de fazenda, na pequena localidade de Chittenden, estado de Vermont, à distância de várias

¹ "*Permettez moi, Madame*" - Com sua permissão, Madame - em francês no original. (N. do T.)

² *Banner of Light*. Literalmente, *Bandeira de Luz* - Uma das primeiras publicações surgidas nos Estados Unidos para veicular especificamente temas ligados ao espiritismo e ciências ocultas. De grande sucesso na época. (N. do T.)

centenas de quilômetros de Nova York³. Vi imediatamente que, se fosse verdade que visitantes pudessem ver, e mesmo tocar e conversar com parentes falecidos que encontrassem um meio de reconstruir seus corpos e vestimentas de forma a ficarem temporariamente sólidos, visíveis e tangíveis, este seria o fato mais importante da moderna ciência física. Determinei-me a ir e ver por mim mesmo. Assim o fiz, constatei que a história era verdadeira, detive-me por três ou quatro dias, e então retornei a Nova York. Escrevi um relato de minhas observações para o *New York Sun*, relato esse que foi publicado em quase todo o mundo, tamanha a gravidade e o interesse dos fatos. Foi-me então feita uma proposta pelo Editor do *New York Daily Graphic*, no sentido de que eu retornasse a *Chittenden* a serviço do jornal, em companhia de um artista que desenharia sob as minhas ordens, para fazer uma rigorosa investigação do caso. O assunto interessava-me tão profundamente que fiz a necessária disposição dos compromissos do escritório, e, a 17 de setembro, eu estava de volta ao "*Solar dos Eddy*", como era chamado a partir do nome da família que o possuía e ocupava. Fiquei naquela casa de mistério, circundado por fantasmas, e tendo experiências diárias da mais extraordinária natureza, durante mais ou menos doze semanas — se não me falha a memória. Enquanto isso, duas vezes por semana apareciam no *Daily Graphic* minhas cartas sobre os "*fantasmas de Eddy*", ilustradas, cada uma, com desenhos de espectros realmente vistos pelo artista, Sr. Kappes, e por mim mesmo, bem como por cada

³ O caso dos irmãos Eddy. A respeito, diz Sir Arthur Conan Doyle, em sua História do Espiritismo: "*O primeiro incidente notável foi a mediunidade dos irmãos Eddy, que talvez jamais tenha sido superada no terreno da materialização ou, como podemos agora chamar, das formas ectoplásmicas*". E, mais adiante, op. cit, pág. 218: "*Os irmãos Eddy, Horatio e William, eram primitivos moradores de uma pequena propriedade na aldeia de Chittenden, perto de Rutland, no Estado de Vermont. Um observador os descreveu como sensitivos, frios e abruptos com os estranhos, mais parecendo trabalhadores braçais de fazenda do que profetas ou sacerdotes de uma nova dispensação; de complexão maciça, cabelos e olhos negros, articulações duras, atitude desgraciosa, encolhida e que embaraça os recém-chegados. Não se dão com alguns vizinhos e para outros não são simpáticos... Na verdade se acham separados da opinião pública, que não está preparada ou desejosa de estudar os fenômenos, as maravilhas científicas, ou as revelações do outro mundo*". (N. do T.)

uma das pessoas — por vezes até quarenta — presentes à "sala de sessões"⁴. Foi a publicação dessas cartas que levou Madame Blavatsky a *Chittenden*, e, assim, nos aproximou.

Lembro-me do relacionamento do nosso primeiro dia como se fosse ontem; além do que, registrei os principais fatos em meu livro (*People from the Other World*, página 293 e seguintes). Era um dia de sol, e mesmo a sombria e velha casa de fazenda parecia alegre. Ela fica no meio de uma adorável paisagem, num vale delimitado por faldas cobertas de relva que se elevam em montanhas cobertas até o topo dos cumes por alamedas copadas. Era o tempo do "Verão Índio", quando o campo todo fica coberto de uma tênue bruma azulada, semelhante àquela que deu nome às montanhas "*Nilgiri*", e a folhagem das faias, olmos e bordos, tocada pelas geadas prematuras, passa do verde a uma mescla de dourado e carmesim que empresta à paisagem a aparência de tapeçarias reais dependuradas por toda parte. Deve-se ir à América para ver esse esplendor outonal na plenitude de sua perfeição.

O almoço, no solar dos Eddy, era ao meio-dia, e foi da porta de entrada da sala de jantar, despojada e sem conforto, que Kappes e eu vimos pela primeira vez H.P.B. Ela havia chegado pouco antes do meio-dia, com uma senhora franco-canadense, e, quando entramos, estavam as duas à mesa. Meu olhar foi atraído primeiro por uma camisa escarlate garibaldino que a primeira usava, formando um vívido contraste com as cores opacas ao redor. O cabelo dela era então uma espessa vassoura loura, que ela usava cortado acima dos ombros, e sobressaía-lhe da cabeça, macio como seda e ondulado até às raízes, como o velo de uma ovelha *Cotswold*. Isso, e a camisa vermelha, foi o que me chamou a atenção antes de eu observar o desenho de seus traços. Era um sólido rosto *calmuco*, contrastando, em

⁴ Em *People from the Other World*, descrevi todos esses fenômenos e os testes anti-fraude que inventei e coloquei em prática

sua sugestão de força, cultura e imperiosidade, com os rostos comuns que havia na sala, de maneira tão estranha quanto sua roupa vermelha se opunha aos tons cinzentos e brancos das paredes e peças de madeira e dos trajes apagados do resto dos convidados. Toda espécie de maníacos estava continua menteindo e vindo do solar dos Eddy para ver os fenômenos mediúnicos, e só me ocorreu, ao ver essa excêntrica senhora, que fosse apenas mais uma do gênero. Detendo-me na soleira da porta, sussurrei para Kappes: "*Deus meu! Dê só uma olhada naquele espécime*". Atravessei a sala e tomei lugar em frente a ela, para entregar-me ao meu hábito predileto, o estudo de personalidades⁵. As duas senhoras conversavam em francês, fazendo observações sem importância, mas percebi imediatamente, pelo seu sotaque e pela fluência da linguagem, que, se não fosse parisiense, ela devia, pelo menos, ser uma consumada erudita francesa. Terminado o jantar, as duas saíram da casa e Madame Blavatsky enrolou um cigarro, para o qual dei-lhe fogo como pretexto para entabular conversa. Tendo sido feita em francês a minha observação, passamos imediatamente a conversar nessa língua. Ela perguntou-me havia quanto tempo eu lá estava, e o que pensava dos fenômenos; disse que ela mesma tinha grande interesse em tais coisas, e que fora levada a Chittenden pela leitura das cartas do Daily Graphic: o interesse do público por essas cartas crescia de tal forma que às vezes tornava-se impossível encontrar um exemplar do jornal nas bancas, uma hora após a publicação, e ela havia pago um dólar por um exemplar do último número. "*Hesitei antes de vir aqui*", disse-me, "*porque tinha receio de encontrar esse tal Coronel Olcott*". "*Por que deveria ter medo dele, Madame?*", repliquei eu. "*Oh,*

⁵ Numa invectiva contra um difamador americano, ela esboça de si mesma este adorável retrato: "*Uma velha - não importa se de quarenta, cinqüenta ou sessenta anos; uma velha cujos traços calmuco-budista-tártaros jamais lhe deram, mesmo na juventude, uma bela aparência; uma mulher cujo aspecto tosco, maneiras rudes e hábitos masculinos bastam para amedrontar e desorientar qualquer animada dama de corpete e anquinhas das rodas elegantes.*" (Vide carta dela, intitulada "*The Knout*" ("*O Cnute*", i.e., açoite com que os camponeses russos eram punidos pelos senhores de gleba), ao R. P. Journal, edição de 16 de março de 1876.)

porque temia que ele pudesse escrever a meu respeito em seu jornal." Eu lhe disse que ela podia ficar perfeitamente tranqüila quanto a isso, pois eu tinha plena certeza de que o Coronel Olcott não a mencionaria em sua correspondência, a menos que ela o desejasse. E me apresentei. Ficamos amigos imediatamente. Cada um de nós tinha a sensação de pertencer ao mesmo universo social do outro, cosmopolitas, livres-pensadores, e em mais estreita comunicação um com o outro do que com o resto das pessoas presentes, não obstante quão inteligentes e respeitáveis fossem algumas delas. Era a voz da solidariedade comum pelo lado oculto e mais elevado do homem e da natureza; a atração de alma a alma, não de sexo a sexo. Nem naquela época, no início, nem em qualquer outra ocasião posteriormente, teve qualquer de nós a sensação de que o outro pertencesse ao sexo oposto. Éramos simplesmente camaradas, assim nos encarávamos, assim chamávamos um ao outro. De tempos em tempos, algumas pessoas vulgares ousaram sugerir que um laço mais íntimo nos unisse, assim como ousaram sugerir que aquela pobre, grotesca e perseguida H.P.B. tenha sido amante de vários outros homens, mas nenhuma pessoa pura poderia manter tal opinião depois de passar algum tempo em companhia dela e ver como cada olhar, palavra e ação seus proclamavam-lhe a assexualidade⁶.

Passeando em companhia de minha nova amiga, conversávamos sobre os fenômenos do solar dos Eddy e sobre os de outras terras. Descobri que ela fora grande viajante e vira muitas coisas do oculto e adeptos da ciência oculta, mas de início não fez menção alguma quanto à existência dos sábios do Himalaia ou aos seus próprios poderes. Falou da tendência materialística do Espiritismo Americano,

⁶ Mantenho esse mesmo ponto de vista, a despeito das pretensas confissões de primitiva má conduta, contidas em certas cartas dela a um cavalheiro russo e recentemente publicadas numa obra intitulada *A Modern Priestess of Isis* (Moderna Sacerdotisa de Ísis. Creio, em resumo, sejam verdadeiras as minhas deduções quanto à pureza sexual dela, e falsas as suas pretensas revelações - mera bravata.

que era uma espécie de deboche aos fenômenos, seguido de indiferença comparativa pela filosofia. Ela tinha um jeito gracioso e cativante; suas críticas a homens e coisas eram originais e cheias de verve. Tinha um particular interesse em dissuadir-me de minhas próprias idéias quanto às coisas espirituais, e mostrou-se prazerosa ao descobrir que eu, instintivamente, me inclinara para as linhas ocultistas que ela mesma abraçara. Não era como um místico oriental, mas antes como um refinado espiritualista que ela falava. Por meu lado, eu nada sabia então, ou quase nada, sobre a filosofia oriental, e de princípio ela se manteve calada a esse respeito.

As sessões de William Eddy, o principal médium da família, tinham lugar, a cada noite, num grande salão do andar superior, numa ala da casa, acima da sala de jantar e da cozinha. Ele e um irmão, Horatio, eram fazendeiros trabalhadores; Horatio ocupava-se dos deveres externos, e William, desde que os visitantes passaram a afluir de todas as partes dos Estados Unidos, cozinhava para a família. Eram pobres, mal-educados e preconceituosos — por vezes grosseiros para com seus hóspedes não convidados. Bem lá no fundo da sala de sessões, a profunda chaminé que vinha da cozinha atravessava o telhado. Entre ela e a parede da face norte, havia um gabinetezinho estreito, de largura igual à profundidade da chaminé, dois pés e sete polegadas, no qual William Eddy ia sentar-se à espera dos fenômenos. Ele não tinha qualquer controle aparente sobre estes, apenas sentava-se e esperava que eles eventualmente acontecessem. Como havia um cobertor dependurado à entrada da porta, o quartinho ficaria em perfeita escuridão. Pouco depois que William entrava no reservado, o cobertor era puxado para o lado e adiantava-se para o público alguma figura de uma pessoa morta, homem, mulher ou criança — uma estátua animada, por assim dizer - temporariamente tornada sólida e substancial, mas já no minuto seguinte restituída ao nada ou à invisibilidade.

Ocasionalmente, essas figuras podiam dissipar-se enquanto ainda plenamente visíveis pelos espectadores.

Até a época em que H.P.B. fez seu aparecimento em cena, as figuras que se haviam mostrado eram ou índios Peles Vermelhas ou americanos ou europeus aparentados aos visitantes. Mas, na primeira noite de sua estada no solar, vieram a nós espectros de outras nacionalidades. Havia um criado georgiano proveniente do Cáucaso, um mercador muçulmano de Tíflis, uma jovem camponesa russa, e outros. Em outra noite, apareceram um cavaleiro curdo, armado de cimitarra, pistolas e lança; um feiticeiro negro, da África, tremendamente feio e de aparência diabólica, que usava uma grinalda de quatro chifres de órix com campainhas nas pontas, ligados a um filete bordado, profusamente colorido, amarrado à volta da cabeça; e um cavalheiro europeu, que usava a cruz e colar de Sant'Ana, reconhecido por Madame Blavatsky como seu tio. O advento de tais figuras na sala de sessões daqueles fazendeiros pobres e quase iletrados de Vermont, que não tinham dinheiro para adquirir aparatos teatrais, nem experiência para empregar tais coisas, se as tivessem, e nem espaço onde pudessem utilizar-se delas, era, para qualquer testemunha ocular, uma prova convincente de que as aparições eram genuínas. Elas mostram, ao mesmo tempo, que Madame Blavatsky tomava-se de uma estranha atração em suscitar essas imagens daquilo que os asiáticos denominam *Kama-Loka*. Foi só muito depois que fiquei sabendo que ela as havia evocado por seu próprio poder, desenvolvido e magistral. Ela até afirma o fato, numa nota escrita em nosso Álbum de Recortes, Volume I, anexada a um recorte de *The Spiritualist* de Londres, de janeiro de 1875.

Durante sua permanência em Chittenden, contou-me muitos incidentes de sua vida passada, entre outros o ter estado presente, como voluntária, com diversas

outras senhoras européias, e com Garibaldi, à sangrenta batalha de Mentana. Como prova de sua história, mostrou-me o local em que o seu braço esquerdo se havia quebrado em dois lugares, em decorrência de um golpe de sabre, e fez-me sentir, em seu ombro direito, uma bala de mosquete, ainda entranhada no músculo, e ainda outra na perna. Mostrou-me também uma cicatriz logo abaixo do coração, onde lhe havia penetrado um estilete. Esse ferimento voltou a abrir-se um pouco, enquanto ela estava em Chittenden, e foi para consultar-me a propósito dele que ela mo mostrou. Contou-me muitos casos curiosos de perigos e aventuras, entre esses a história do fantasma do feiticeiro africano com a grinalda de chifres de órix, o qual, quando vivo, ela vira produzir fenômenos no Alto Egito, havia muitos anos.

H.P.B. fez o que pôde para levar-me a suspeitar dos fenômenos de William Eddy enquanto provas do controle inteligente de um médium por espíritos; disse-me que, no caso de serem genuínos, deviam ser o "*duplo*" do médium que saiu do corpo dele e reveste-se de outras aparências, mas não acreditei nela. Argumentei que as formas apresentavam uma diversidade extrema de altura, volume e aparência, para serem um disfarce de William Eddy; deviam ser mesmo o que pareciam ser, isto é, espíritos de mortos. Nossas disputas foram bastante acaloradas em certas ocasiões, pois, naquela época, eu ainda não me aprofundara o suficiente na questão da natureza plástica do Duplo humano, de forma a perceber a força das alusões dela, ao passo que, da teoria oriental de Maya, eu não sabia absolutamente nada. No entanto, como ela me disse, o resultado era que ela se convenciu de minha disposição em não aceitar nada em confiança e apegar-me tenazmente a tais fatos, como eu fazia ou pensava estar fazendo. Tornamo-nos dia a dia maiores amigos, e, pela época em que ela se prestava a deixar Chittenden, havia aceito de mim o apelido de "*Jack*", e assim se assinava nas cartas que me enviou de Nova

York. Quando nos separamos, foi como bons amigos, de modo a continuar o relacionamento que havia começado de maneira tão agradável.

Em novembro de 1874, ao terminar minhas pesquisas, regressei a Nova York e fui visitá-la em seu endereço de Irving Place, número 16, onde ela fez para mim algumas sessões de mesas girantes e "*batidas*", recebendo mensagens de todo tipo, principalmente de uma inteligência invisível que se autodenominava "*John King*".

Este pseudônimo tornou-se familiar, nestes últimos quarenta anos, aos freqüentadores de sessões mediúnicas em todo o mundo. Ouviu-se falar nele, pela primeira vez, em 1850, no "*centro espírita*" de Jonathan Kooms, de Ohio, onde aquele que assim se chamava afirmou ser o chefe de uma tribo ou tribos de espíritos. Posteriormente, disse ser a alma penada de Sir Henry Morgan, pirata famoso, e foi como tal que se apresentou a mim. Mostrou-me o rosto e a cabeça enrolada num turbante, em Filadélfia, no curso de minhas investigações sobre os médiuns Holmes, realizadas em conjunto com o falecido e respeitado Robert Dale Owen, o General F. J. Lippitt, e Madame Blavatsky (ver *People from the Other World*, Segunda Parte); com ambos falei e eles me escreveram, o último mais assiduamente.

"*John King*" tinha uma linda caligrafia e usava extravagantes expressões de inglês antigo. Julguei-o então um verdadeiro *John King*, pois sua personalidade, imaginei, me fora provada tão convincentemente quanto se poderia desejar. Agora, porém, depois de ver o que *H.P.B.* era capaz de fazer, na maneira de produzir ilusões "*maiálicas*" (isto é, hipnóticas) e no controle de dementais, estou persuadido de que "*John King*" era um elemental enganoso, que ela manejava como marionete e utilizava como recurso para a minha educação. Compreendam: os fenômenos

eram reais, mas não eram produzidos por qualquer espírito humano desencarnado. Ao escrever o que expus acima, descobri a prova destas afirmações nos próprios manuscritos dela, fixados em nosso *Álbum de Recortes*, Volume I.

Ela manteve a ilusão durante meses — não posso exatamente precisar quantos, decorrido todo esse tempo — e presenciei números de fenômenos supostamente produzidos por *John King* — como, por exemplo, toda a notável série na residência dos Holmes em Filadélfia, e os da própria *H.P.B.*, aos quais me referi há pouco. Ele era, inicialmente, *John King*, personalidade independente; depois *John King*, mensageiro e servo — jamais o igual — de seus adeptos vivos, e, por fim, um puro e simples elemental empregado por *H.P.B.* e outro determinado especialista na produção de prodígios.

É desnecessário negar que, ao longo da primeira fase de sua residência nos Estados Unidos, *Madame Blavatsky* denominou-se espiritualista e defendeu vivamente o Espiritualismo e seus médiuns dos ataques de sabichões e outros acerbos detratores. As cartas dela, publicadas em diversos jornais americanos e ingleses, contêm muitas evidências dessa postura que ela adotou. Entre outros exemplos, vou simplesmente relacionar o seguinte:

"Fiz, por assim dizer, apenas minha obrigação; primeiro, quanto ao Espiritismo, que defendi o melhor que pude dos ataques e imposturas perpetrados sob a máscara, demasiado transparente, de ciência; a seguir, quanto aos dois médiuns, desvalidos e ultrajados... Mas vejo-me na obrigação de confessar que, na verdade, não creio ter feito qualquer bem ao próprio Espiritismo... Contrista-me profundamente o coração o reconhecimento deste fato, pois começo a achar que não há remédio para ele. Por mais de quinze anos, travei minha batalha pela bendita verdade; viajei e preguei-a - embora eu não tenha nascido para conferencista — dos

cimos nevados das montanhas do Cáucaso, bem como dos arenosos vales do Nilo. Comprovei a sua verdade, através da prática e da persuasão. Pelo bem do Espiritismo, deixei minha casa, uma vida amena no seio de uma sociedade civilizada e me tornei um ser errante na face da terra. Já vi realizadas minhas esperanças, além das mais ardentes expectativas, quando minha estrela funesta me trouxe à América. Sabedora de que este país é o berço do Moderno Espiritismo, vim da França para cá imbuída de sentimentos semelhantes aos do maometano que se aproxima do torrão natal do Profeta.", etc. etc. (Carta de H.P.B. ao jornal The Spiritualist, de Londres, datada de 13 de dezembro de 1874.)

Os dois "*médiuns desvalidos*" aos quais ela aludiu eram os *Holmes*, de cuja envergadura moral tive sempre a menos lisonjeira das opiniões. Ainda em presença de *H.P.B.*, testemunhei, sob minhas próprias condições experimentais, juntamente com o falecido *Robert Dale Owen* e o *General Lippitt*, uma série dos mais convincentes e satisfatórios fenômenos mediúnicos. Depois, fiquei meio desconfiado de que o poder que produzia tais fenômenos proviesse de *H.P.B.*, e que, se só os *Holmes*, eles apenas, estivessem na coisa, eu teria presenciado apenas truques, ou nada. Agora, perscrutando velhos álbuns de recortes, descubro num memorando de *H.P.B.*, que passo a transcrever, e que ela evidentemente pretendia fosse publicado após sua morte:

"NOTA IMPORTANTE"

"Sim, sou constrangida a dizer que tive de me identificar, durante aquela vergonhosa exposição dos médiuns Holmes, com o Espiritualismo. Tive de salvar a situação, pois enviaram-me de Paris à América com o propósito de provar os

fenômenos e a realidade deles, e demonstrar a falácia da teoria espírita sobre espíritos. Mas como poderia fazê-lo melhor? Eu não queria que as pessoas soubessem, indiscriminadamente, que eu podia produzir as mesmas coisas à vontade. Foi-me ordenado o contrário, e ainda tive de manter viva a realidade, a genuinidade e a possibilidade de tais fenômenos, nos corações daqueles que, de Materialistas, se haviam tornado Espíritas; mas agora, devido à exposição de diversos médiuns, tornaram a retroceder, retornaram ao seu ceticismo. Eis por que, selecionando um pouco do que é digno de crédito, dirigi-me aos Holmes e, auxiliada por M. e sua força, trouxe da Luz Astral os rostos de John King e de Katie King, produzi os fenômenos de materialização, e deixei que os espíritas à solta acreditassem que isso se fizera por intermédio da Sra. Holmes. Ela própria estava terrivelmente amedrontada, pois sabia que, dessa vez, a aparição era real. Fiz mal? O mundo ainda não está preparado para compreender a filosofia da Ciência Oculta; deixêmo-lo primeiro assegurar-se de que existem seres num mundo invisível, sejam eles "Espíritos" de mortos ou dementais; e de que existem no homem poderes ocultos capazes de fazer dele um deus sobre a terra".

"Quando eu estiver morta, as pessoas talvez venham a apreciar meus motivos desinteressados. Empenhei minha palavra em ajudar as pessoas no caminho da Verdade enquanto vivesse, e mantereí minha palavra. Que me ofendam e caluniem, que me chamem de médium e Espírita, alguns, e outros de impostora. Dia virá em que a posteridade aprenderá a conhecer-me melhor. Oh, pobre mundo tolo, crédulo e travesso!"

A coisa toda fica aqui bem clara: o *Espiritismo* que a mandaram professar na América, e que veio afinal substituir o mediunismo ocidental mais tosco, era o Espiritualismo Oriental, ou *Brahma Vidya*. Não estando o Ocidente preparado para

aceitá-lo, o primeiro trabalho que lhe foi designado foi a defesa dos fenômenos reais do "círculo", daquele inimigo militante e preconceituoso da crença espiritual — a ciência física, semidouta e materialista, com seus líderes e sectários. O que era mesmo necessário para a época era atacar o ceticismo materialista e fortalecer a base espiritual do anelo religioso. Assim, pois, encetada a batalha, ela alinhou-se com os *Espiritualistas Americanos*, e fez, naquele momento, causa comum com eles. Sim, a posteridade há de fazer-lhe justiça.

Eu gostaria de poder evocar o primeiro fenômeno que ela tenha confessamente produzido como um exercício do poder de sua própria vontade, mas não posso. Deve ter sido logo depois de ela ter começado a escrever *Ísis Revelada* e foi possivelmente o seguinte: após mudar-se do número 16 de Irving Place e fazer uma visita a amigos no campo, ela ocupou por algum tempo aposentos noutra casa de Irving Place, algumas casas além do *Clube Lótus*, no mesmo lado da rua. Foi ali que, mais tarde, reuniu-se um grupo informal de amigos, no qual eu propus a formação daquilo que posteriormente se tornaria a Sociedade Teosófica. Entre os convidados de *Madame Blavatsky*, encontrava-se um artista italiano, certo *Signor B.*, *ex-Carbonário*. Eu estava sentado sozinho com ela na sala de visitas, quando este senhor fez sua primeira visita. Ele e a anfitriã conversaram sobre negócios italianos, e ele, de repente, pronunciou o nome de um dos maiores adeptos. Ela começou a fazer como se tivesse recebido um choque elétrico; olhou direto nos olhos do visitante e disse (em italiano) "*Que é? Estou pronta.*"

Ele mudou casualmente de assunto, mas, daí para a frente, a conversa foi toda sobre *Magia, Mágicos e Adeptos*. O *Signor B.* foi e abriu uma das portas-janelas, fez alguns passes de mímica na direção do ar exterior, e, logo, uma

borboleta toda branca adentrou o aposento e foi, voando, quase até o teto. *H.P.B.* riu-se de maneira jovial, e disse: "*Isso é lindo, mas também posso fazê-lo!*"

Ela, igualmente, abriu a janela, fez passes mímicos semelhantes, e, sem demora, uma segunda borboleta branca entrou, adejando. Subiu até o teto, seguiu a outra ao redor da sala, brincou com ela por instantes, com ela voou até um canto, e, zás! de repente ambas desapareceram, enquanto olhávamos para elas. "*Que significa isso?*", perguntei eu. "*Apenas isto: que o Signor B. pode fazer um elemental transformar-se em borboleta, assim como eu posso.*" Os insetos não eram reais, mas ilusórios.

Lembro-me de outros exemplos do controle que ela tinha sobre os elementais, ou, como diriam os hindus, *Yakshini Vidya*. Um caso remoto é o seguinte: numa noite fria de inverno, quando se haviam acumulado sobre o solo diversas polegadas de neve, eu e ela trabalhávamos no seu livro, até tarde, em seus aposentos da Rua Trinta e Quatro. No jantar, eu comera qualquer comida meio salgada, e, por volta da uma da madrugada, sentindo muita sede, disse-lhe: "*Não seria ótimo ter umas uvas de estufa?*" "*Seria mesmo*", respondeu ela, "*vamos arranjar algumas.*" "*Mas as lojas já fecharam há horas, e não podemos comprar nada*", disse eu. "*Não importa, teremos as uvas de qualquer maneira*", foi a resposta dela. "*Mas, como?*" "*Já lhe mostro, se você fizer a fineza de abaixar a luz daquele lampião sobre a mesa à nossa frente.*" Virei automaticamente a torneirinha, até quase extinguir a luz. "*Você não precisava ter feito isso*", ela disse. "*Eu só queria que você diminuísse um pouco a luz. De qualquer forma, acenda-o de novo, rápido.*" Bem ao alcance da minha mão havia uma caixa de fósforos, e, num instante, reacendi a lâmpada. "*Veja!*", exclamou ela, apontando para uma prateleira de livros na parede à nossa frente. Para meu espanto, pendiam das bordas nas duas

extremidades de uma das prateleiras dois grandes cachos de uvas pretas, tipo Hamburgo, maduras, que nos pusemos a comer. À minha pergunta, quanto ao expediente empregado, disse ela que a coisa fora feita por determinados elementais sob seu controle, e por duas vezes, mais tarde, quando estávamos morando no assim chamado "*Lamastério*", ela repetiu o fenômeno de fazer aparecerem frutas, para que nos refrescássemos enquanto trabalhávamos em *Ísis*.

Pouco a pouco, *H.P.B.* deixava-me conhecer adeptos orientais e seus poderes, e dava-me, por uma infinidade de fenômenos, provas de seu próprio controle sobre as forças ocultas da natureza. Inicialmente, como já observei, atribuiu-os à autoria de "*John King*", e foi por intermédio da suposta amizade dele que tive o primeiro contato pessoal com os Mestres. Conservei muitas das cartas deles, com meu próprio endosso quanto às datas em que foram recebidas. Durante anos, e até pouco antes de eu partir de Nova York para a Índia, eu mantinha ligações de aprendizado com a corrente africana da Irmandade Oculta; mais tarde, porém, quando certa alteração *psicofisiológica*, maravilhosa, aconteceu a *H.P.B.* — da qual não tenho liberdade para falar aqui, e da qual ninguém até o momento suspeitou, mesmo entre as pessoas que privavam com ela e gozavam de sua total confiança, como imaginam — passaram-me à corrente indiana, sob a tutela de outro grupo de Mestres. Pois, deve-se dizer, existe e sempre existiu apenas uma aliança altruística, ou fraternidade, desses *Irmãos Maiores da humanidade*, espalhados pelo mundo todo; essa fraternidade, porém, está dividida em duas correntes, de acordo com as necessidades da raça humana em seus sucessivos estágios de evolução. Numa era, o centro focal desta força de auxílio mundial estará localizado num lugar, outra, em outra parte. Desapercebidos, insuspeitados como as correntes espirituais vivificadoras dos *Akash*, que têm se mostrado indispensáveis para o bem-estar

espiritual da humanidade, sua energia divina combinada se mantém de idade a idade e continuamente revigora o peregrino da Terra, que se empenha no rumo da Realidade Divina. O cético nega a existência desses adeptos porque não os viu nem falou com eles, e ainda porque não há, na História, registro da intermediação visível dessas entidades em acontecimentos nacionais. Sua existência, porém, foi do conhecimento de milhares de místicos e filantropos auto-iluminados, em sucessivas gerações, cujas almas purificadas alçaram-nos, da estrumeira do mundo físico, à luminosidade da consciência espiritual; e, em muitas épocas, entraram eles em relacionamento pessoal com as pessoas que se devotam ou inclinam-se a devotar-se ao trabalho altruístico para promover a fraternidade da raça humana. Alguns, nesta categoria, muito humildes e aparentemente pouco dignos — como nós, líderes da Sociedade Teosófica — foram abençoados com a simpatia deles, e partilharam de sua instrução. Alguns, como *Damodar* e *H.P.B.*, viram-nos inicialmente em visões, quando jovens; alguns os encontraram sob aparências estranhas e em lugares os mais inverossímeis; fui apresentado a eles por *H.P.B.*, mediante os recursos que minhas experiências anteriores melhor compreendessem, um pretenso "espírito" que "tomava" o médium.

John King apresentou-me quatro *Mestres*, dos quais um era um Copta, outro um representante da escola *Neoplatônica Alexandrina*, por assim dizer — um veneziano, e um filósofo inglês, que ainda em vida se afastara do convívio dos homens. O primeiro destes tornou-se meu *Guru*, e tinha, na verdade, uma disciplina inflexível, era um homem de caráter esplendidamente viril.

Deles vim a saber, a seu tempo, que *H.P.B.* era uma sua serva fiel, embora seu temperamento peculiar e suas idiossincrasias a tornassem extremamente antipática a alguns deles para permitir que trabalhassem com ela. Isto

não parecerá estranho se tivermos em mente que cada indivíduo, seja adepto ou leigo, evoluiu ao longo de determinada linha do Logos, encontrando-se em identificação espiritual com as suas almas gêmeas dessa linha, ao mesmo tempo em que pode, neste plano físico, achar-se em posição antagônica com entidades de outras linhas quando encarnadas. Trata-se provavelmente da razão última da assim chamada simpatia ou antipatia magnética, áurica ou física. Seja lá por que motivo for, alguns dos *Mestres* não puderam e não trabalharam com *H.P.B.* Diversos trabalharam, entre eles alguns cujos nomes jamais haviam sido divulgados, mas com quem manteve muito intercâmbio naqueles anos iniciais do *Movimento Teosófico*.

Entre outras coisas que *H.P.B.* contou-me a respeito dela mesma, quando eu já havia feito progresso suficiente para vir a saber da *Irmãdade* e de suas relações com ela, eu soube que ela fora a Paris no ano anterior (1873) com a intenção de ficar durante algum tempo sob a proteção de um seu parente, morador à *Rue de l'Université*, porém recebeu, um dia, dos "*Irmãos*", uma ordem peremptória no sentido de rumar para Nova York e aí aguardar mais ordens.

No dia seguinte, embarcou com dinheiro pouco mais que suficiente para a passagem. Escreveu ao pai, solicitando o envio de fundos aos cuidados do *Cônsul Russo* em Nova York; o dinheiro, porém, não poderia chegar antes de determinado tempo, e como o *Cônsul* recusou-lhe um empréstimo, ela teve de trabalhar para ganhar seu pão de cada dia. Ela me disse que se havia alojado num dos bairros mais pobres de Nova York - *Madison Street* — e provia o seu próprio sustento fazendo gravatas de flores artificiais — não me lembro agora que flores — para um judeu de bom coração, que tinha uma loja. Ela sempre me falou desse homenzinho com gratidão. Como ainda não recebera qualquer ordem quanto ao futuro, esse era

um livro selado. Mas no ano seguinte, em outubro de 1874, ordenaram-lhe que fosse a *Chittenden* e encontrasse o homem que, como aconteceu, devia ser seu futuro colega num grande trabalho — eu.

Seus amigos íntimos não de recordar-se dela contando esta história de sua súbita partida de Paris para Nova York, atendendo a ordens que lhe haviam sido dadas. O Sr. Sinnett menciona o caso em seu livro *Incidentes da Vida de Madame Blavatsky* (página 175), publicado alhures. Mas esses amigos e conhecidos souberam-no, da parte dela, mais tarde, e seus inimigos podem dizer que se tratou de uma reflexão tardia dela, uma falsidade tramada para combinar com uma pequena farsa que ela inventou a seguir. O acaso, porém — se existe o acaso — trouxe-me, bem agora, quando escrevo estas páginas, um considerável bocado de prova corroborativa. Tivemos em Adyar uma senhora americana, *Miss Anna Ballard*, veterana jornalista, membro vitalício do *Clube de Imprensa de Nova York*, que, no exercício de sua profissão, encontrou-se com *H.P.B.* na primeira semana após a chegada desta a Nova York. No decorrer da conversa, em meio a uma variedade de fatos de somenos importância, *Miss Ballard* citou-me casualmente dois, que eu de pronto lhe pedi para registrar por escrito, a saber: que *H.P.B.*, por ela encontrada morando numa imunda hospedaria, afirmou ter deixado Paris súbita e inesperadamente, de um dia para o outro; e, em segundo lugar, que ela tinha visitado o Tibete. Eis a própria versão de *Miss Ballard* sobre o caso:

"ADYAR, 17 de janeiro de 1892".

"Prezado Coronel Olcott"

*“Meu relacionamento com Mme. Blavatsky remonta a uma data anterior à que o senhor supõe. Conheci-a em julho de 1873, em Nova York, não mais que uma semana após seu desembarque. Eu era então repórter do quadro do New York Sun, e recebera a incumbência de escrever um artigo sobre um assunto russo. No curso de minha busca aos fatos, a chegada desta senhora russa foi-me relatada por um amigo, e eu a procurei; assim começou um conhecimento que durou vários anos. Em nossa primeira entrevista, contou-me ela que não tivera intenção de sair de Paris, com destino à América, até a exata noite anterior ao seu embarque, mas não me disse por que veio ou quem a impeliu. Lembro-me perfeitamente de ela ter dito, com um ar de exultação, **"Estive no Tibete"**. Por que haveria ela de considerar esse um grande assunto, mais extraordinário do que qualquer outra das viagens ao Egito, Índia e outros países dos quais me falou, não posso perceber, mas o fato é que ela mencionou o assunto com especial ênfase e animação. Agora, naturalmente, sei o que significa”.*

“ANNA BALLARD.”

A menos que esteja preparado para admitir em *H.P.B.* o poder de antever que eu ia tomar este depoimento escrito de *Miss Ballard* na Índia, dezenove anos mais tarde, o leitor de boa fé admitirá que as afirmações feitas por ela à sua primeira amiga em Nova York, em 1873, corroboram vigorosamente as asserções que ela

fez, desde então, a um grande número de pessoas sobre os dois episódios de maior importância na história de sua ligação com o *Movimento Teosófico*, a saber: a) sua preparação no Tibete; b) sua jornada à América em busca da pessoa cujo *Karma* a ligasse a ela na qualidade de co-agente no estabelecimento desta vaga social em movimento.

Ela fez uma tentativa frustrada de fundar uma espécie de Sociedade Espiritual no Cairo, em 1871 (ver a obra *Around the World*, de Peeble, pág. 215, e *Incidents in the Life of Mme. Blavatsky*, de Sinnett, pág. 158), numa base fenomenológica. Não dispondo das pessoas certas para organizar e dirigir o movimento, a coisa resultou num lamentável fiasco, acarretando para ela muito ridículo. Mesmo os fenômenos mágicos que ela produziu com a ajuda daquele mesmo Copta já mencionado e de um outro adepto com o qual travei conhecimento depois foram sumamente assustadores⁷. Foi, aparentemente, um temerário

⁷ Veja-se o artigo publicado no *Popular Magazine* de Frank Leslie, número de fevereiro de 1892, ilustrado por gravuras mentirosas, mas contendo alguns fatos juntamente com muita mentira. O autor, Dr. A. L. Rawson, menciona o fracasso do Cairo, na "tentativa de formação de uma sociedade para pesquisa oculta", e diz que "Paulos Metamon, célebre mago copta, que tinha vários livros muito curiosos, cheios de fórmulas astrológicas, encantamentos mágicos e horóscopos que adorava mostrar aos visitantes, após uma introdução adequada", aconselhou o adiamento. O Dr. Rawson diz que ela (H.P.B.) contara à Condessa Kazinoff "que havia resolvido pelo menos um dos mistérios do Egito, e provou-o deixando sair uma serpente viva de uma bolsa que havia ocultado nas pregas do vestido." Eu soube, por uma testemunha ocular, que, enquanto H.P.B. esteve no Cairo, os mais extraordinários fenômenos podiam ocorrer em qualquer aposento onde ela estivesse sentada; o lampião da mesa, por exemplo, podia deixar seu lugar numa mesa e ir, pelo ar, para outra, exatamente como se levado pela mão de alguém; esse mesmo copta misterioso podia subitamente desaparecer do sofá onde estava sentado, e muitos prodígios do gênero. Não mais milagres, desde que tivemos os cientistas a nos provar a possibilidade de inibição dos sentidos da visão, audição, tato e olfato, por simples sugestão hipnótica. Essa inibição, indubitavelmente, era provocada nos presentes, que eram então levados a ver desaparecer o copta, e o lampião se mover no espaço, mas não a pessoa cuja mão o carregava. Era o que H.P.B. denominava um "truque psicológico", ainda assim um fato, e de interesse para a ciência. Os cientistas atestam o fato da inibição, mas confessam sua ignorância quanto à mecânica do mesmo. "Como" - dizem os Drs. Binet e Féré, em sua celebrada obra *Le Magnetisme Animal* - "o experimentador produziu esse curioso fenômeno? Nada sabemos a respeito. Apreendemos apenas o fato externo, ou seja, que quando se afirma a um sujeito sensível que um objeto presente não existe, esta sugestão tem o efeito, direto ou indireto, de induzir no cérebro do hipnotizado uma anestesia correspondente ao objeto designado. Mas, o que acontece entre a afirmação verbal, que é o meio, e a anestesia sistematizada, que é o fim?... Aqui, as leis de associação, que representam tão grande auxílio na solução de problemas psicológicos, nos abandonam por completo." Pobres iniciantes! Não vêem que a inibição se realiza sobre o homem astral, e os magos orientais excedem-nos em "truques psicológicos" simplesmente porque sabem mais sobre psicologia, e conseguem atingir o Observador que visualiza o tolo mundo da ilusão

desperdício de energia psíquica, que não demonstrou nada além da infalibilidade pessoal ou da orientação divina. Nunca pude compreender esse episódio. E quanto à *Sociedade Teosófica*, cada circunstância tende a mostrar que foi uma evolução gradual, controlada por circunstâncias e resultante de forças opostas, ora deslizando suavemente, ora correndo sobre trilhos ásperos, e próspera ou refreada na proporção da sabedoria ou insensatez da sua direção. A orientação geral sempre foi mantida, mantendo-se sempre igual a sua linha mestra, mas o seu programa conheceu modificações diversas, sendo ampliado e melhorado à medida que aumentou nosso conhecimento e que a experiência, de tempos a tempos, o sugeriu. Todas as coisas demonstram-me que o movimento, como tal, foi planejado com antecedência pelos Sábios Vigilantes, deixando, porém, a nosso cargo todos os detalhes, para que nos desincumbíssemos deles da melhor maneira. Se tivéssemos fracassado, outros teriam tido a oportunidade que coube ao nosso *Karma*, assim como eu fui o herdeiro das oportunidades desperdiçadas do grupo de *H.P.B.* no Cairo em 1871. Por falar em crescimento do conhecimento, posso olhar para trás e traçar uma ampliação constante de minhas próprias idéias, percepção mais profunda da verdade, e capacidade de assimilar e divulgar idéias. Meus artigos e cartas publicados entre 1875 e 1878 provam nitidamente isto. Quando eu era criança (no *Ocultismo*), eu falava como criança; muitas vezes dogmaticamente, à moda dos novatos comparativos.

Nos primeiros dias, jamais ouvi de *H.P.B.* qualquer coisa que me levasse a pensar que ela tivesse o menor aviso, até que foi enviada a mim em Chittenden, sobre qualquer futuro relacionamento entre nós no trabalho, nem mesmo que devesse vir a existir a *Sociedade Teosófica*. Ela mesma afirmou, como mencionei

através das janelas do corpo: inibidos os nervos telefônicos, cortam-se os cabos telegráficos, e nenhuma mensagem passa.

anteriormente, que foi enviada de Paris a Nova York a serviço do *Espiritualismo*, no melhor sentido dessa palavra, e antes de nos conhecermos ela tinha assistido a sessões e se ligado a médiuns, mas isso nunca foi divulgado. Em maio de 1875, eu me empenhara numa tentativa de organizar, em Nova York, com o concurso dela, um comitê particular de investigação, sob o título de o "*Clube do Milagre*". No *Álbum de Recortes* (Volume I), ela escreve a respeito:

*"Uma tentativa em decorrência de ordens recebidas de T*B* (um Mestre) por intermédio de P. (um Elemental) personificando John King. Ordem para começar a contar ao público a verdade sobre os fenômenos e seus médiuns. E começará agora o meu martírio! Terei contra mim todos os espíritas, além dos cristãos e dos cétricos. Vossa vontade, ó M., seja feita. H.P.B."*

O plano era manter as portas fechadas a todos, exceto aos membros do Clube, que estavam proibidos de divulgar até mesmo o local de reunião. "*Todas as manifestações, inclusive materializações, ocorrerão à luz, e sem cabine.*" (*Spiritual Scientist*, número de 10 de maio de 1876.) Tomando-se a observação de H.P.B., transcrita acima, na forma como foi redigida, parece como se não devesse haver nenhuma *Sociedade Teosófica* — parece, digo — eu se o médium que ela pretendia para o *Clube do Milagre* não tivesse nos levado a um fracasso total, obstando, assim, que eu completasse a organização.

Reparo, no livro do Sr. *Sinnett*, a coincidência de ter ela chegado a Nova York a 7 de julho de 1873 — ou seja, no sétimo dia do sétimo mês de seu

quadragésimo segundo (6X7) ano de vida, e que o nosso encontro foi adiado até que eu completasse meu quadragésimo segundo ano. E, antecipando-nos na narrativa, deve-se também notar que ela morreu no sétimo mês do décimo sétimo ano de nosso relacionamento teosófico. A isto acrescenta-se o fato suplementar de que a *Sra. Annie Besant* veio a *H.P.B.* como postulante à sociedade no sétimo mês do décimo sétimo ano após sua retirada final da comunhão cristã, e temos aqui um belo conjunto de coincidências para ter em mente.

CAPITULO II: Madame Blavatsky na América

Encontrei uma carta a mim dirigida por uma conhecida de *Madame Blavatsky*, anterior até mesmo à *Srta. Ballard*, de cuja existência eu me havia esquecido. A referida senhora encontrou-a em Nova York, na primeira semana de sua chegada da França, mas a *Dra. Marquette* conheceu-a em Paris, antes de ela dar início àquela longa e brilhante carreira que a levou, "*per aspera ad astra*", a terminar no crematório *Woking*, agora em 1891, de onde não mais saiu. As insinuações sobre uma possível vida turbulenta que teria ela levado na capital francesa, em 1873, responde-as esta franca declaração de uma médica educada, que conheci pessoalmente em Nova York, mas que, compreendo, agora é falecida. Diz ela:

"NOVA YORK, 26 de dezembro de 1875".

"Prezado Senhor":

"Em resposta às suas indagações, devo dizer que travei conhecimento com *Madame Blavatsky* em Paris, no ano de 1873. Ela morava na *Rue du Palais*, num apartamento⁸ em companhia do irmão, *M. Hahn*, e de um amigo íntimo deste, *M. Lequeux*. Estive com ela quase que diariamente, e, na verdade, passei com ela uma boa parte do meu tempo, quando não estava nos hospitais ou assistindo a conferências. Estou, portanto, apta a declarar, a partir do conhecimento positivo,

⁸ Um "*appartement*" (em francês no original) não significa, como entre nós, um único aposento, mas um conjunto de salas, compreendendo a recepção, a sala de estar e os dormitórios, com cozinha e aposentos de criados (N. do T.).

qual era o comportamento dela. Dá-me grande prazer dizer que esse comportamento era irrepreensível e de molde a aboná-la sob todos os aspectos. Ela passava todo o tempo pintando e escrevendo, raramente saindo do quarto. Tinha poucas amizades, entre as quais, porém, encontravam-se o Sr. e a Sra. Leymarie. Tenho Madame Blavatsky na conta de uma das mais apreciáveis e interessantes senhoras que jamais conheci, e, desde meu retorno da França, nosso relacionamento e amizade renovaram-se”.

“Sem Mais, Respeitosamente”,

“DRA. L. M. MARQUETTE”

Mencionei, no capítulo anterior, que ela deixara Paris, com destino a Nova York, por ordem dos Mestres, de um dia para outro e provida tão somente do dinheiro necessário para custear sua partida. Lembro-me de uma circunstância de sua viagem que, da maneira como ela a contou, põe em relevo um traço de sua personalidade plurifacetada — sua generosidade impulsiva.

Ela havia comprado uma passagem de primeira classe do Havre para Nova York e fora ao cais para ver ou embarcar no vapor, quando teve a atenção voltada para uma camponesa, sentada no chão com uma ou duas crianças ao lado, e que chorava amargamente. Aproximando-se, descobriu *H.P.B.* que ela estava indo da Alemanha para a América, para reunir-se ao marido, mas um agente de emigração trapaceiro, em Hamburgo, vendera-lhe passagens falsas de navio, e ali estava ela, desassistida e sem vintém: a companhia de navegação, é claro, nada podia fazer, e ela não tinha parentes nem conhecidos no *Havre*. O coração de nossa

boa H.P.B. ficou tão tocado que ela disse: "*Não tem importância, boa mulher, vou ver se não se pode fazer algo.*" Primeiro, tentou sem resultado fazer valer seus poderes de persuasão (e de censura) sobre o inocente agente da companhia, e depois, como último recurso — sendo os seus próprios fundos insuficientes para o propósito — trocou sua passagem de camarote por um beliche, e, com a diferença, comprou passagens de terceira para a pobre mulher e seus filhos!

Muita gente "*correta*" e "*respeitável*" tem com freqüência manifestado horror pelas rudes excentricidades de H.P.B., inclusive suas irreverências, todavia eu acho que uma ação generosa como esta poderia fazer com que páginas inteiras de solecismos compilados nas boas maneiras fossem apagadas do *Livro das Contas Humanas*! Se alguém duvidar disso, que experimente a terceira classe de um navio de emigrantes.

Já vimos de que maneira a *Srta. Ballard* descobriu *H.P.B.* morando numa miserável casa de cômodos numa rua do East-end de Nova York, na dependência do dinheiro que lhe devia chegar de casa, e sustentando-se honestamente, costurando gravatas. Isso foi em julho de 1873. No próximo mês de outubro, morreu seu pai, querido, paciente e sempre indulgente, e, a 29 daquele mês, ela recebeu um cabograma de sua irmã "*Elise*", de Stavropol, pondo-a a par das notícias e informando-a quanto à soma de sua herança: acrescentando que lhe fora enviada uma ordem de pagamento no valor de 1000 rublos (tenho diante de mim o original do despacho, enquanto escrevo). No devido prazo, ela recebeu todo o dinheiro pelo correio, e mudou-se então de bairro, para arredores mais aprazíveis na cidade de Nova York — Union Square, East Sixteenth, St. Irving Place etc., e foi neste último que a encontrei instalada, no meu retorno do *Solar dos Eddy*.

O dinheiro, contudo, não a acompanhou por muito tempo, pois, como se registra no livro do Sr. *Sinnett*, se por um lado ela era capaz de suportar com perfeita paciência as misérias da pobreza, se isso levada, por outro, tão logo lhe caía algum dinheiro no bolso, já parecia ela impaciente por esbanjá-lo com as duas mãos, da maneira mais imprudente. Um documento em meu poder ilustra isto tão bem que devo citá-lo. Trata-se de um contrato sob o título de *"Artigos de co-participação registrados neste dia 22 de junho do ano de Um Mil Oitocentos e Setenta e Quatro, por e entre C.....G....., pela primeira parte, e Helen Blavatsky, pela segunda parte"*, a saber: *"A Cláusula 1 reza que a co-participação estabelecida destina-se ao propósito de exploração do terreno e fazenda em N_____, no Condado de_____, Long Island"*, propriedade de C.G.; a Cláusula 2 diz: *"Dita co-participação iniciar-se-á no primeiro dia de julho de 1874, devendo continuar pelo período de três anos."* A Cláusula 3 dispõe que CG. entra na co-participação com o uso da fazenda, à guisa de compensação pela soma de um mil dólares, integralizados por H.P.B. Pela Cláusula 4, *"todos os proventos de colheitas, avicultura, produção e outros produtos cultivados na dita fazenda serão divididos igualmente, e todas as despesas"* igualmente partilhadas. A Cláusula 5 e última reserva o título da terra a C.G. O documento é devidamente assinado e selado pelas partes, e registrado sob testemunhas.

O que qualquer um esperaria que acontecesse: que *H.P.B.* fosse residir na fazenda, que não tivesse qualquer lucro, arrumasse uma briga, arranjasse dívidas e um litígio limpo que amigos mais tarde a ajudaram a tocar. Foi este o fim de seu sonho bucólico de obter lucros a partir da venda de artigos de jardim, avicultura, ovos etc.: três meses depois, ela se encontrou comigo na cidade fantasma de

Vermont, e as rodas de nosso carro de guerra começaram a murmurar profeticamente pelos níveis mais baixos do Akash!

Em novembro de 1874, assinando-se "*Jack, o Filho dos Índios*", ela me escreveu uma carta pedindo-me que lhe arranjasse um emprego para escrever histórias fantásticas para certo jornal, já que em breve ela estaria "*dura*", e deu-me um relato bem-humorado de sua árvore genealógica, traçando as ligações de ambos os lados, num tom democrático, mas que apenas mostrava muito claramente que ela, quando nada, achava que tinha motivos para orgulhar-se de sua linhagem. Ela me escreve contando como o pessoal do *Daily Graphic* a havia entrevistado sobre suas viagens, pedindo-lhe uma foto. Considerando quantos milhares de cópias de sua figura foram, desde então, postas em circulação, em todo o mundo, será divertido citar uma ou duas frases a respeito desta primeira experiência no gênero:

"Sabe, os rapazes do Graphic bisbilhotaram na minha vida para que eu lhes desse meu retrato? Mandaram o Sr. F. para fazer com que eu falasse, depois que eu saí (ela queria dizer, com destino à propriedade dos Eddy), e queriam publicar meu artigo contra... Beard. Acho que queriam fazer sensacionalismo e assim se apoderaram de minhas belas narinas e de minha boca esplêndida. . . Eu lhes disse que a natureza dotou-me e agraciou-me com um nariz de batata, mas não tive intenção de permitir que eles debochassem dele, mesmo sendo vegetal. Eles negaram o fato muito seriamente, e até me fizeram rir, e, você sabe, "celui qui rit est desarme".

Um conhecido médico de Nova York, certo *Dr. Beard*, atraído a Chittenden pelas minhas cartas para o *Graphic*, saíra-se com uma bombástica e tola explicação dos fantasmas *Eddy*, como sendo meros frutos de truques, e ela o esfolara vivo numa réplica, datada de 27 de outubro e publicada no *Graphic* a 30 daquele mesmo mês. Sua carta constituía-se numa defesa tão brilhante e corajosa dos médiuns *Eddy*, e seu testemunho quanto às sete "*formas espirituais*" que ela própria reconheceu era tão convincente, que ela de repente se viu lançada no ardor de uma publicidade que jamais, depois, a abandonou.

Foi esta a primeira vez que se ouviu falar do nome dela, na América, ligado a mistérios psicológicos, sendo a minha própria citação de sua chegada a Chittenden, no *Graphic*, um pouco posterior, se não me engano. No entanto, sua contenda com o *Dr. Beard* foi a causa primária de sua notoriedade.

Ela transmitiu um bocado de jovialidade, desafiante rudeza e "*camaraderie*" através de todos os seus pronunciamentos escritos e falados naqueles dias, a todos fascinando por sua verve brilhante, seu descaso pelas hipocrisias sociais, e toda a "*grosseria*", e aturdindo-os com seus poderes psíquicos. A erudição de *Ísis Revelada* ainda não a havia eclipsado, mas ela se valia constantemente de uma memória provisionada com um tesouro de recordações de aventuras e perigos pessoais, e com conhecimento de ciência oculta, não apenas sem paralelo, mas do qual nem mesmo se aproximara qualquer outra pessoa que já houvesse aparecido na América, até onde eu saiba.

Era ela uma personagem totalmente diferente, então, daquela que veio posteriormente a ser, quando as pessoas a viram entregue à obra séria para a qual todo o seu passado fora uma escola preparatória. Sim, a *H.P.B.* sobre a qual escrevo agora, com quem vivi em íntima camaradagem, com quem estive em termos

de perfeita igualdade pessoal, que transbordava uma exuberante vivacidade e a quem nada divertia tanto quanto uma canção ou história cômica, não era a *H.P.B.* da Índia ou de Londres, nem seria reconhecível no colosso mental dos dias posteriores. Ela mudou em muitas coisas, ainda que numa coisa jamais tenha melhorado, a saber, a escolha de amigos e confidentes. É quase como se ela lidasse sempre com o eu mais profundo de homens e mulheres, permanecendo cega à fraqueza ou corrupção de suas conchas corpóreas visíveis. Da mesma forma como ela atirou seu dinheiro a cada desgraçado artificioso que dela se aproximou e lhe mentiu, assim também fez amigos íntimos ocasionais entre gente da pior espécie. Confiou um após outro, e, temporariamente, parecia não haver, aos seus olhos, ninguém como eles; mas o amanhã geralmente traz desilusão e desgosto, quando não se tem a prudência necessária para não fazer tudo de novo.

Mencionei, anteriormente, a tentativa feita para a formação do *Clube do Milagre*, destinado ao estudo de psicologia prática. O médium em vista pertencia a uma família respeitabilíssima, e falava com tal honestidade que pensamos haver ganho um prêmio. Ele mostrou que não tinha vintém, e como *H.P.B.*, na hora em que ele mais precisava, não tinha dinheiro sobrando, empenhou sua comprida corrente de ouro e deu a ele o dinheiro resultante.

Esse desgraçado não só falhou totalmente como médium, como também nos foi denunciado por ter espalhado calúnias contra aquela que lhe fizera o bem. E tal foi a experiência dela até o fim de sua vida; a ingratidão e a maledicência cruel dos *Coulombs* foram apenas um episódio numa longa série de mágoas.

É interessante o desdobramento da história daquela corrente de ouro. Ela foi, naturalmente, resgatada do penhor, e, mais tarde, sua dona usou-a em *Bombaim e Madras*. Durante a *Nona Convenção Anual da Sociedade*, celebrada em *Adyar*,

quando se deu início a uma subscrição para criação do Fundo Permanente, *H.P.B.* colocou sua corrente em leilão, sendo ela arrematada pelo *Sr. E. D. Ezekiel* e o dinheiro entregue ao *Tesoureiro da Sociedade Teosófica* para o fundo em questão.

Antes de eu terminar minha série de cartas sobre Chittenden para o *Daily Graphic*, eu fizera arranjos para sua publicação em livro, em *Hartford, Connecticut*, e mais ou menos pela mesma época, *H.P.B.* transferiu-se para Filadélfia. Uma ducha de água fria caíra sobre o Espiritismo, naqueles dias, em consequência da denúncia pública do *Sr. Dale Owen* sobre os médiuns Holmes, que ele apontava como trapaceiros. Os jornais daquele movimento conheceram maciças perdas de assinantes, os livros mais populares permaneceram invendidos nas prateleiras dos editores. Meus próprios editores ficaram tão alarmados que eu combinei, por intermédio do *Sr. Owen*, a realização de um curso de sessões de teste sob condições por mim fixadas, com a Sra. Holmes, e fui lá e pus em prática o meu plano, com os colegas anteriormente citados. De lá fui a Havana, Nova York, e vi os fenômenos mediúnicos realmente maravilhosos da *Sra. Compton*. Ambos os conjuntos de experiências foram compilados no meu livro, e ele foi publicado.

H.P.B. estava ainda em Filadélfia, e assim aceitei seu convite insistente no sentido de que eu lá fosse e tirasse uns dias de férias depois de meu longo turno de trabalho. Esperando ausentar-me de Nova York por apenas dois ou três dias, não deixei instruções no escritório ou no clube sobre a remessa de minhas cartas, mas, percebendo, na chegada, que ela não estava disposta a deixar-me ir tão cedo, dirigi-me, no segundo dia, à *Agência Geral dos Correios*, dei o meu endereço e solicitei que as cartas que chegassem para mim fossem enviadas para lá pelo mensageiro. Eu não esperava nenhuma, mas cogitei que o pessoal, no meu escritório, não tendo notícias minhas, pudesse dirigir-se a mim no Correio de Filadélfia, na possibilidade

de que eu fosse apanhar sua carta. Aconteceu então algo que me abismou — sabendo tão pouco quanto eu sabia sobre os recursos psíquicos de *H.P.B.* e seus *Mestres* — e que mesmo agora, a despeito de tão longa experiência com fenômenos, continua a ser uma maravilha mundial. Para compreender o que se segue, examine o leitor qualquer carta que tenha recebido pelo correio, e encontrará na parte superior dois selos: um, na parte frontal do envelope, é o da agência onde a carta foi postada, e o outro, no verso, é o da agência à qual a correspondência foi endereçada; se a carta lhe foi enviada da última agência, ela levará pelo menos esses dois selos, e, além deles, os de qualquer outra agência para a qual tenha sido re-endereçada até chegar-lhe finalmente às mãos. Pois bem, ao entardecer do mesmo ia em que eu deixara meu endereço na *Agência Geral do Correio e Filadélfia*, o carteiro local trouxe-me cartas provenientes de lugares muito distantes — uma delas, acho, da América do Sul, ou, e qualquer forma, de algum país estrangeiro - endereçada a mim em Nova York, portando os selos das respectivas agências postais, *mas não o do Correio de Nova York*.

A despeito das normas e costumes postais, elas haviam vindo direto para mim em Filadélfia sem passar, em absoluto, pelo Correio de Nova York. *E ninguém, em Nova York, sabia o meu endereço de Filadélfia*, pois eu mesmo não sabia o que aconteceria quando eu saísse de casa. Eu mesmo peguei essas cartas da mão do carteiro, estando já de saída para dar uma volta, quando ele chegou. Assim, as cartas não foram adulteradas por H.P.B. *Ao abri-las, encontrei, dentro de cada uma, algo escrito na mesma caligrafia de cartas que eu recebera dos Mestres, em Nova York, tendo o escrito sido feito nas margens ou em qualquer outro espaço em branco que os autores houvessem deixado*. As coisas escritas eram comentários sobre o caráter ou motivos dos autores, ou assunto de alcance geral, como observações

sobre os meus estudos de ocultismo. Isso foi apenas o prenúncio de toda uma série daquelas surpresas fenomenais durante mais ou menos uma quinzena que passei em Filadélfia. Recebi muitas, e nenhuma das cartas do lote portava o selo de Nova York, embora fossem todas endereçadas a mim no meu escritório naquela cidade.

O fac-símile anexo de um dos envelopes — uma carta do *Prof. J. R. Buchanan* — mostrará que, embora endereçada a mim em Nova York, ela foi expedida pelo mensageiro de Filadélfia sem ter sido re-endereçada àquela cidade. O número da casa — a residência de *H.P.B.* — foi escrito no Departamento Municipal de Expedição do Correio de Filadélfia. No verso não há o selo de Nova York.

Quando procedemos à análise dos fenômenos psíquicos de Madame Blavatsky ou a ela relacionados, descobrimos que podem ser classificados como segue:

1. Aqueles cuja produção requer um conhecimento das propriedades últimas da matéria, da força de coesão que aglomera os átomos, especialmente um conhecimento do *Akash*, de sua composição, conteúdo e potencialidades.
2. Aqueles que se relacionam com os poderes dos dementais, quando tornados subservientes à vontade humana.
3. Aqueles em que a sugestão hipnótica cria, por intermédio do médium de transferência de pensamento sensações ilusórias de visão, som e tato.
4. Aqueles que envolvem a arte de produzir imagens objetivas, pictóricas ou de escrita — que são criadas primeiro propositalmente na mente do adepto-operador: por exemplo, a precipitação de um quadro ou escrito

sobre papel ou outra superfície material, ou de uma carta, imagem ou outra marca sobre a pele humana.

5. Os relativos à leitura de pensamento e clarividência retrospectiva ou prospectiva.
6. Os de intercâmbio de vontade entre a mente dela e as de outras pessoas vivas, fisicamente igual ou melhor dotadas do que ela própria. Ou, por vezes, a subordinação da vontade dela e de toda a sua personalidade à vontade de outra entidade.
7. Esses, da classe mais elevada, em que, por introspecção espiritual, ou intuição, ou inspiração — como são impropriamente chamados, não havendo diferença real de categoria, mas apenas de nomes — ela atingia as reservas acumuladas de conhecimento humano jacentes no registro da *Luz Astral*.

Rememorando o melhor que posso minhas observações dos últimos vinte anos, acho que todos os casos que já contei ou venha a contar daqui por diante virão a se inserir numa ou noutra destas categorias.

O cético dirá certamente que meus grupos são arbitrários e minhas hipóteses, quiméricas. Ele me pedirá que prove a existência de espíritos ementais; que prove que existe essa coisa chamada clarividência; que se possa chamar objetos materiais e trazê-los de longe; que alguém conheça realmente a natureza da atração de coesão etc. Eu, por única resposta, relatarei o que eu e outros vimos, e então desafiarei aquele que duvide a descobrir na natureza leis ponderáveis, além das enumeradas, que expliquem os fatos — os fatos incontestáveis. Se for proposta a teoria do milagre, ou diabolismo, então ficarei mudo, pois isso corta o argumento.

Não finjo que sou capaz de explicar o racional de todos os fenômenos de H.P.B., pois para fazê-lo teria de ser tão bem informado quanto da mesma, o que jamais simulei ser.

CAPÍTULO III: Fenômenos de Filadélfia

Um experimento, feito por *H.P.B.* tendo a mim como agente passivo, e realizado pouco depois de minha ida à casa dela em Filadélfia, reduz os fenômenos de transporte de carta, com precipitação de escrita dentro de envelopes selados, a limites muito estritos. Estes foram os fatos: ela estava fazendo exercícios de batidas na mesa, para mim, com e sem contato entre suas mãos e a mesa; produzindo batidas fortes e fracas — por vezes enquanto ela mantinha a mão a seis polegadas acima da madeira, e às vezes enquanto a mão dela pousava sobre a minha, espalmada sobre a mesa; e transmitindo-me mensagens do pretense *John King*, mensagens essas que, à medida em que iam sendo "*telegrafadas*" pelo alfabeto, eu registrava em tiras de papel sucessivamente rasgadas e jogadas fora. Afinal, algumas dessas mensagens, relativas a terceiras pessoas, pareciam valer a pena, e assim, um dia, a caminho de casa, comprei uma agenda de jornalista, e, ao chegar a casa, mostrei-a a ela e expliquei para que pretendia usá-la. Ela estava sentada, nesse momento, e eu de pé. Sem tocar a caderneta ou fazer qualquer passe ou sinal místico, disse-me que a pusesse no peitilho da camisa. Assim fiz, e depois de uma pausa de momento ela mandou que eu pegasse a caderneta e olhasse dentro. Eis o que encontrei: dentro da primeira capa, escrito e desenhado no papel branco do forro, a lápis preto:

"*JOHN KING*",

"*HENRY DE MORGAN*",

Seu Livro;

4º dia do Quarto mês do ano 1875 d.C."

Aqui abaixo, desenho de uma jóia rosacruziana; acima do arco da coroa ornada de jóias, a palavra *DESTINO*, abaixo da qual está o nome dela, "*Helen*", seguido daquilo que parece, após o atrito destes dezessete anos, ser 99, qualquer coisa meio apagada, e depois um simples +. No ponto mais estreito, onde a parte superior dos círculos entra na coroa, estão as iniciais *I.S.F.*; abaixo disso um monograma, em que se misturam as letras maiúsculas *A, T, D e R*, sendo o *T* muito maior que as outras. Numa base dos círculos está o meu nome, na outra, o de outro homem, residente em Filadélfia; e sobre o seguimento do arco que liga os dois pontos do par de círculos, aparecem as palavras "*Caminhos da Providência*". Enquanto escrevo, tenho a caderneta sobre a mesa, e a descrição que faço é tirada do próprio desenho. Um aspecto surpreendente deste exemplo de psicodinâmica é o fato de que ninguém, além de mim, tocara a caderneta depois que ela foi comprada: ela ficara no meu bolso até eu mostrá-la a *H.P.B.*, à distância de dois ou três pés, e eu mesmo a colocara no peitilho da camisa, tirara-a depois de um momento, quando instado, tendo pois a consecução da escrita e desenho a lápis preto se dado quando a caderneta se achava dentro do meu colete. Ora, o escrito no lado interno da capa da minha caderneta é bastante peculiar; os *e* todos parecem-se com o ípsilon grego, e os *n* parecem-se um pouco com o pi grego: é uma caligrafia original e bastante individual, não como a de *H.P.B.*, mas idêntica à que aparece em todas as mensagens escritas que eu tive de "*John King*", da primeira à última. Tendo *H.P.B.*, então, o poder de precipitação, deve ela ter transferido, da minha mente para o papel, as imagens de palavras traçadas nesse estilo especial de escrita; ou, se não foi ela, mas algum outro especialista nesta arte que o fez, então essa outra pessoa deve tê-lo produzido da mesma maneira — isto é, primeiro esboçou mentalmente para si mesmo as imagens daquelas palavras e daquele desenho e então as

precipitou, ou seja, tornou-as visíveis no papel, como se escritas com um lápis preto. Após dezessete anos, esta psicografia permanece legível, e alguns — não todos — dos caracteres têm o brilho do grafite: aqueles que não davam a impressão de as linhas terem sido afundadas na trama do papel. Tenho registros de precipitações feitas a crayon, aquarelas, lápis azuis, vermelhos e verdes, pintura a tinta e a ouro, bem como a formação de substâncias sólidas, mas um princípio científico os sustenta a todos, a saber, a objetivação de imagens, previamente "*visualizadas*" ou formadas na mente do especialista, pelo emprego de força cósmica e matéria difusa do espaço. A imaginação é a divindade criativa oculta; força e matéria são suas ferramentas de trabalho.

Os dias e noites de minha visita a Filadélfia foram simpósios de leitura, ensino e fenômenos ocultistas. Entre os mais agradáveis e simpáticos amigos de *H.P.B.* estavam o *Sr. e Sra. Amer*, e os *Senhores M. D. Evans e J. Pusey*, em cuja presença produziram-se inúmeros fenômenos. Lembro-me, entre outros, daquele em que, certa tarde, ela fez uma fotografia na parede desaparecer subitamente de sua moldura e dar lugar a um retrato desenhado de *John King*, enquanto uma pessoa presente estava realmente olhando para ele. Minha mente ia, por etapas, abrangendo as teorias orientais do espírito e espíritos, da matéria e do materialismo. Sem que *H.P.B.* me instasse a renunciar às hipóteses espiritualistas, eu ia sendo levado a ver e sentir que, como verdadeira ciência, só se poderia dizer que o *Espiritismo* existisse no Oriente, e seus únicos peritos eram alunos e professores das escolas orientais de ocultismo. No mais sincero desejo de ser justo para com os espíritas, devo dizer que, até o presente momento, nenhuma teoria científica de fenômenos mediúnicos que abranja o básico e seja geralmente aceita entre eles foi desenvolvida, e eu também não tive qualquer prova convincente de que, entre os

adeptos orientais do movimento, tenha sido descoberto um sistema pelo qual se possa, à vontade, invocar espíritos ou sujeitar fenômenos físicos. Jamais vi ou ouvi falar de um médium que possuía "*mantra*" ou *Vidya* (método científico) para esses propósitos, do modo como são comuns e vêm sendo conhecidos há séculos em todos os países do Oriente. Veja-se, por exemplo, o artigo intitulado "*Uma Evocação por Feitiçaria*", publicado no *Theosophist*, em seu número de maio de 1892. Assim, por exemplo, enquanto eu e outros amigos de *H.P.B.* éramos levados a crer que os fenômenos de *John King* (quase que diários) fossem produzidos por um homem desencarnado, que fora outrora o famoso pirata *Sir H. Morgan*, e que ela lhe servia como médium, ou, pelo menos, como auxiliar satisfeita, *H.P.B.* fazia coisas que implicavam um conhecimento de magia. Deixem-me dar um exemplo singelo, observando, ao mesmo tempo, que se chegou a grandes induções científicas pela observação casual de fatos igualmente vulgares — como, por exemplo, a queda de uma maçã, o pulular da tampa de uma chaleira fervente. Um dia, considerando comigo mesmo que na casa dela havia evidente falta de toalhas, comprei algumas e as levei comigo para casa num embrulho. Separamos as toalhas, e ela ia colocá-las imediatamente em uso, sem fazer-lhes a bainha, mas, como eu protestasse contra um tal desleixo doméstico, ela, de bom grado, sentou-se para ocupar-se da agulha. Mal havia começado quando deu um chute, com raiva, sob a mesa de trabalho à qual se havia sentado, e disse "*Saia daí, seu bobo!*" "*Que aconteceu?*", perguntei. "*Ah*", respondeu ela, "*é apenas um bestinha de um elemental que me puxou o vestido e quer algo para fazer.*" "*Ótimo!*", disse eu, "*pois é isso mesmo: faça-o fazer a bainha nessas toalhas. Pois, por que haveria você de se aborrecer com isso, já que é uma costureira tão lamentável quanto demonstra aquela simples bainha?*" Ela riu-se e execrou-me pela minha alocução tão pouco lisonjeira, mas, a princípio, não

queria contentar o coitado do escravozinho ali debaixo da mesa, que estava pronto a fazer o papel do "*leprechaun*"⁹ bonzinho, se o deixassem. No entanto, eu finalmente a convenci: ela me disse que trancasse as toalhas, agulhas e linha numa estante com portas de vidro forradas de grossa seda verde, que ficava no canto mais afastado da sala. Fiz o que ela mandara e retomei meu lugar perto dela, e passamos a conversar sobre o tema, único e inexaurível, que ocupava nossos pensamentos — a ciência oculta. Após talvez uns quinze ou vinte minutos, ouvi um chiadinho, como o guincho de um rato, debaixo da mesa, posto o que disse-me *H.P.B.* que "*aquele estorvo*" tinha acabado as toalhas. Então eu destranquei a porta da estante e descobri que as doze toalhas estavam realmente debruadas, embora de uma maneira tão desajeitada que desagradaria à criança mais nova de um jardim de infância de costura. Estavam de bainha feita, sem sombra de dúvida, e dentro de uma estante trancada, da qual *H.P.B.* nem por um instante se aproximara enquanto a coisa era feita. Eram mais ou menos quatro horas da tarde, e, naturalmente, à plena luz do dia. Éramos as únicas pessoas na sala, e nenhuma terceira pessoa entrou lá até que tudo acabasse.

A casa dela, em Filadélfia, era construída segundo o padrão local, com um edifício na frente e uma ala traseira que continha a sala de jantar embaixo e a sala de estar ou dormitórios em cima. O quarto de *H.P.B.* era o da frente, no primeiro andar (segundo, como se chama na América) do edifício principal; na virada da escada ficava a sala de estar, onde as toalhas foram debruadas, e da sua porta aberta podia-se olhar diretamente pela passagem no quarto de *H.P.B.*, se a porta dela também estivesse aberta. Ela estivera sentada no primeiro aposento, conversando comigo, mas saíra para ir apanhar qualquer coisa em seu quarto. Vi-a

⁹ Duende muito popularizado nas mitologias céltica e normanda, da mesma classe das fadas. No universo do texto, seria tomado por um elemental. (N. do T.).

subir os poucos degraus que davam acesso ao seu andar, entrar no quarto e deixar a porta aberta. Algum tempo decorrido, ela não voltou. Esperei, esperei, até que, temendo que ela pudesse ter desmaiado, chamei-a pelo nome. Não houve resposta, e então, estando um pouco ansioso e sabendo que ela não podia estar secretamente ocupada, já que a porta não tinha sido fechada, fui lá, chamei de novo, e investiguei; ela não estava visível, mesmo eu abrindo o armário embutido e olhando debaixo da cama. Tinha desaparecido, sem possibilidade de que tivesse saído pela via normal, pois, à exceção da porta que dava para o patamar, não havia outro meio de saída; o quarto era um beco sem saída. Eu era muito frio a respeito de fenômenos, depois de minha longa carreira de experiências, mas esta me confundiu e atormentou. Voltei para a sala de estar, acendi um cachimbo e tentei desvendar o mistério. Isto foi, deve-se ter em mente, em 1875, muitos anos antes de terem sido divulgadas as experiências da escola da Salpêtrière sobre hipnotismo, de forma que jamais me ocorreu que eu fosse o sujeito de um perfeito experimento de sugestão mental, e que *H.P.B.* tinha simplesmente inibido meus órgãos da visão no sentido de que não percebessem a presença dela, talvez a dois passos de mim no quarto. Depois de um instante, ela saiu calmamente de seu quarto, pela passagem, e voltou para junto de mim na sala de estar. Quando lhe perguntei onde estivera, riu-se e disse que tivera de ocupar-se de algum assunto oculto, e fizera-se invisível. Como, porém, ela não ia explicar. Ela fez o mesmo truque outras vezes, comigo e com outros, antes e depois de nossa ida à Índia, mas mesmo o último caso desses ocorreu muito antes que me ocorresse a fácil solução hipnótica do problema. Como expliquei no primeiro capítulo desta série, a superior limpidez da sugestão hipnótica oriental sobre a ocidental reside no fato de que, em casos como este, o efeito inibitório sobre os órgãos da percepção do sujeito resulta de comando ou sugestão

mental, não falado. O sujeito não é posto em guarda para resistir à ilusão, e esta se produz antes que ele tenha a menor suspeita de que um experimento qualquer está sendo feito às suas custas.

Uma vez que não fiz qualquer aferição naquela época, devo admitir que o caso seguinte também possa ter sido um caso de ilusão sugerida. *H.P.B.*, naquele tempo, usava o cabelo como uma massa espessa, sem pentes nem presilhas, nem tranças, e, no comprimento, ele devia bater-lhe mais ou menos nos lóbulos das orelhas. Um dia, cheguei em casa para um lanche, e, estando aberta a porta do quarto dela, como sempre, parei para um papinho rápido, antes de subir para meu próprio quarto no andar de cima. Ela estava de pé perto de uma das janelas, e como a cabeça dela estava plenamente iluminada, notei especialmente a massa do cabelo e sua aparência desgrenhada. Observei também o brilho da luz do dia sobre o papel acetinado, cinza pálido, que cobria o teto. Após trocar umas palavras com ela, subi correndo a escada, mas antes que se passasse um minuto ouvi-a chamar-me lá embaixo. Fui imediatamente, vi-a de pé no mesmo lugar, mas o cabelo dela estava agora tão mais comprido que quase lhe tocava nos ombros. Ela não disse nada a respeito, mas apontou para o teto sobre a cabeça e disse: "*Eis algo que John desenhrou para você.*" Tenho agora uma lembrança muito apagada do que era, mas, segundo me recordo, era um desenho imenso de uma cabeça de homem, com algum escrito ou símbolos perto; tudo feito a lápis preto, no ponto onde eu havia notado a superfície em branco, ao passar escadas acima. Segurei-lhe o cabelo crescido e perguntei-lhe, rindo, onde comprara a pomada, já que esta era certamente muito eficaz, para fazer cabelos crescerem duas polegadas em três minutos. Ela respondeu qualquer coisa alegremente, e disse que eu não devia bulir com coisas sem importância. Tais caprichos da natureza por vezes lhe aconteciam,

não fora para ver aquilo que ela me havia chamado, mas apenas para mostrar-me o que *John King* tinha feito no teto. Considerando o tempo decorrido entre o momento em que eu deixara o quarto e aquele em que eu tornara a entrar, e o fato de que o teto era demasiado alto para que ela o alcançasse, mesmo subindo numa cadeira ou numa mesa, minha dedução, atualmente, é que o desenho foi produzido de uma de duas maneiras, a saber, ou por ela mesma, calmamente, usando uma escada de mão, enquanto eu estava fora, e inibindo-me no sentido de que eu não visse o trabalho até que ela determinasse ou, pelo processo da precipitação instantânea, enquanto eu subia e descia um curto lance de escadas. Posso, com certeza, asseverar que a coisa não me foi visível enquanto eu estava inicialmente no quarto, e, se o leitor preferir especular quanto ao aspecto racional do assunto, deve tomar a minha afirmação como digna de crédito. O que me leva a suspeitar de que o aparente crescimento do cabelo de *H.P.B.* fosse ilusório é o fato de que, por mais que me esforce, não consigo lembrar se ele continuou a parecer comprido, ou se readquiriu aparentemente seu comprimento anterior, naquele dia ou no dia seguinte. Na Índia, e depois na Europa, pessoas viram o cabelo dela torcido num coque e preso por um pente, mas foi só anos depois que nos conhecemos que ela o deixou crescer o suficiente para esse fim; não tenho certeza de que ele não estivesse comprido quando fomos visitar os Sinnetts em Simla; assim, é provável que eu esteja certo, ao suspeitar de que o súbito crescimento aparente do cabelo dela tenha sido um *Maya*, produzido a título de piada. Mas coisas muito, muito estranhas aconteceram com o cabelo dela, em diversas ocasiões, que vou narrar a seguir. E a mais estranha de todas foi a que aconteceu certa noite à minha barba, como veremos oportunamente. Por falar nas piadas dela, deve-se dizer que, ao longo de todos os nossos anos de convivência, ela desperdiçou, em fenômenos inúteis, força

psíquica suficiente para ter suficientemente convencido toda a *Royal Society* se fosse judiciosamente empregada. Ouvi-a tocar sinos astrais que se afogaram no barulho da conversa, produzir batidas que ninguém ouviu, além de mim, e produzir outros fenômenos que passaram despercebidos, mas que teriam fortalecido grandemente a credibilidade dela como taumaturga, se ela tivesse simplesmente escolhido o momento adequado e provido a oportunidade correta para que fossem observados. Tudo aquilo, no entanto, já passou, e minha tarefa é registrar, à medida que os recordo, os experimentos psíquicos que satisfizeram minha razão crítica quanto à realidade da ciência da *Magia Oriental*. Em o fazendo, não estarei agindo como um verdadeiro amigo de *H.P.B.*, cujo caráter foi vilipendiado, e cujos poderes ocultos foram negados, por ter ela alimentado patifes à sua mesa e aquecido traidores em seu seio? Aqueles dias e acontecimentos sobre os quais escrevo ocorreram na era pré-colombiana, quando verdadeiros adeptos ensinaram discípulos ávidos, e fenômenos genuínos tiveram lugar. E foram dias em que conheci minha colega como ser humano, antes de ela ter sido semi-endeusada por amigos que nada souberam de suas fraquezas humanas, e, portanto, de sua humanidade. Da maneira como vou agora apresentá-la, a já esmorecida imagem ideal da autora de *Ísis* e o *D.S.* revestir-se-á de carne e sangue; uma mulher de verdade (masculinizada), vivendo como outras pessoas, quando desperta, mas que, quando adormecida ou em estado de clarividência desperta, ia para outro mundo e lidava com pessoas mais nobres, uma personalidade que habitava um depauperado corpo de mulher, "*no qual. . . se agita um ciclone vital na maior parte do tempo*" para citar as palavras de um Mestre. Tão imprevisível, tão caprichosa, tão pouco digna de confiança, tão exigente, tão tempestuosa a ponto de reivindicar ascendência heróica e autocontrole, se se vivesse e trabalhasse com ela com espírito desprendido. Os

fenômenos dela que eu vi, as múltiplas provas que ela deu da existência, por trás dela, de Mestres de cujos pés, sentia ela, mal era digna de limpar o pó, e a epístase posterior, quando a mulher turbulenta e exasperada se tornou uma sábia que escrevia e ensinava, e uma benfeitora para o pesquisador da alma; — tudo isto, e os livros que ela deixou após si, combinam-se para provar sua excepcional grandeza e fazem esquecer suas excentricidades, mesmo por parte daqueles a quem elas causaram o maior sofrimento mental. Mostrando-nos a Senda, ela nos colocou a todos sob uma tal carga de obrigação que é impossível abrigar, em relação a ela, qualquer sentimento que não seja de gratidão.

CAPÍTULO IV: O Segundo Casamento de Madame Blavatsky

Ao fazer algo como um relato seqüencial dos primeiros dias teosóficos — expressão pela qual pretendo abranger todos os dias de relacionamento entre H.P.B. e eu, até onde me lembro — devo fazer uma breve alusão aos casos de precipitação de manuscritos, por parte dela, mencionados em meu livro *Gente do Outro Mundo* (páginas 455-6-7 e 8). Eles me eram aparentemente oferecidos por *John King*, de *Kamaloca*, outrora pirata, feito cavaleiro por Sua Majestade Britânica *Carlos II*, mas então aparentemente um mero pseudônimo dos dementais de *H.P.B.*

Numa sessão no hotel dela em Filadélfia, na noite de 6 de janeiro de 1875, o pretenso *John King* estava produzindo fenômenos e eu disse: "*Se você é na verdade um espírito, como pretende ser, me dê uma demonstração de seu poder. Produza-me, por exemplo, uma cópia da última nota de E. W. para o Sr. Owen, que eu, tenho na carteira no meu bolso.*" Naquela noite, não se deu atenção ao pedido, mas, duas noites depois, enquanto H.P.B. estava escrevendo, e eu lendo, à mesma mesa, soaram batidas altas, e, quando empreguei o alfabeto inglês, as batidas soletraram¹⁰: "*Quer me passar o dicionário sob a mesa, sim?*" O único dicionário que havia lá era um Russo-Inglês, de *H.P.B.*, que foi passado (não jogado, mas passado, como se a uma qualquer coisa ou alguém invisível lá embaixo, que pudesse pegar o grosso volume) para baixo, conforme solicitado. As batidas pediram então uma garrafa de goma, e depois um canivete. Tendo esses objetos sido também passados para debaixo da mesa, houve um silêncio momentâneo, depois do qual bateu-se a

¹⁰ O método empregado nas famosas sessões de "*raps*" (batidas) e mesas falantes era o de as entidades comunicantes produzirem batidas - daí a designação literal, em inglês, que se universalizou: "*raps*", do verbo "*to rap*", bater - ou através de um dos pés da mesa, ou através de objetos, ou por outro meio qualquer. As batidas correspondiam, em número, às letras do alfabeto (ex: A = 1 batida, B = 2 batidas, etc). Então uma pessoa previamente designada, munida de lápis e papel, ia anotando as letras, e decodificando a mensagem. Por isso a expressão "*soletraram*", que é literal. (N. do T.)

palavra "*Olhe!*" Pegamos o livro, a faca e a garrafa, e, sobre uma folha de guarda do dicionário, achei uma cópia precipitada da nota em questão. Assim me foi explicado o pedido relativo à faca: uma quantidade infinitesimal do metal que compunha as lâminas foi desintegrada da massa e utilizada na precipitação do escrito em preto, a partir do estado de vapor metálico. A goma arábica cedeu algumas de suas partículas — também vaporizadas para o mesmo fim — como auxiliar de coesão na experiência. A carteira que continha a nota duplicada estivera o tempo todo no meu bolso, desde minha chegada a Filadélfia até meia hora antes do experimento, quando eu a tinha deixado sobre o aparador, e estivera totalmente à minha vista quando levantei os olhos do meu livro. *H.P.B.* esteve todo o tempo a dois pés de mim, escrevendo à mesa, e ninguém, além de nós dois, estava ou tinha estado no aposento desde que eu a deixei sobre o aparador. Ao comparar o escrito original com a duplicata, por superposição, ficou patente que não eram fac-símiles, o que tornou a coisa ainda mais interessante.

Na noite seguinte, estando *H.P.B.* e eu novamente a sós, as batidas pediram que um pedaço de papel cartão de desenho fosse passado para baixo da mesa. Mostrando-me primeiro que os dois lados estavam em branco, minha colega passou-o para baixo a "*John King*", no que as batidas instaram-me a olhar no meu relógio e notar quanto tempo demandaria a experiência. Com o relógio na mão, dei uma olhada sob a toalha da mesa e fiquei convencido de que ali havia apenas a folha de papel que eu manuseara um momento antes. Ao fim de apenas trinta segundos, as batidas soletraram "*Feito*". Olhei para o papel e fiquei desapontado ao ver que a superfície exposta estava tão em branco quanto antes, mas, na face inferior, a que estava perto do tapete, descobri uma segunda cópia, e ainda melhor, da carta original de *E.W.* Dessa vez, a carteira que continha a carta estava dentro do

bolso da frente do meu paletó, onde estivera continuamente desde a experiência de precipitação da noite anterior. Um certo *Sr. B.* — que entrou na sala nesse instante — ajudou-me a fazer uma investigação muito cuidadosa dos documentos, a colocar um sobre o outro como eu já fizera, e ficou, como eu mesmo, inteiramente convencido da genuinidade do fenômeno. Devo dizer, entre parênteses, que esse cavalheiro recebeu, em sua valise de mão, enquanto viajava de trem, uma carta de "*John King*", transmitindo-lhe instruções quanto a qualquer coisa de natureza pessoal. Ele mesmo me contou a história, mostrou-me a carta, e deu-me sua palavra de honra quanto a que a carta fora parar na sua valise enquanto ele estava num trem, e a quilômetros de distância de *Filadélfia* e de *H.P.B.*

Este incidente faz lembrar experiências semelhantes sucedidas a mim mesmo, enquanto eu viajava de trem, na França, com *Babu Mohini M. Chatterji*, e na Alemanha, em companhia do Dr. *Huebbe Schleiden*, ambas ocorridas no ano de 1884.

A menção deste cavalheiro (*Sr. B.*) recorda-me o dever que tenho para com a memória de *H.P.B.*, no sentido de testemunhar suas exatas relações com ele. Insinuou-se que elas não eram de todo honrosas, e que havia um mistério oculto, que não resistiria a uma devassa. Isto faz parte de um sem número de relatos cruéis, que se espalharam a respeito dela. Agora ela está morta, e já se foi da vista do mundo, e está fora do alcance dos caluniadores, mas, a julgar pelos meus próprios sentimentos, tenho certeza de que todos os que amam a memória dela ficarão contentes em saber dos fatos por alguém, dentre uma meia dúzia, capaz de os fornecer. E eis os fatos: uma das minhas cartas de Chittenden, no *Daily Graphic*, suscitou o interesse desse *Sr. B* - um assunto russo - e levou-o a escrever-me de Filadélfia, expressando seu veemente desejo de encontrar-se com minha colega e

conversar sobre o *Espiritismo*. Como ela não pusesse objeção, ele veio a Nova York ali por fins de 1875, e ambos se encontraram. Daí resultou que ele caiu imediatamente num estado de profunda admiração, que expressou verbalmente, e, posteriormente, por carta, manifestou-o a ela e a mim. Ao ver que ele se inclinava ao casamento, ela recusou-o persistentemente, e ficou furiosa ante sua insistência. Isto só conseguiu aprofundar a devoção dele, que por fim ameaçou por fim à vida se ela não aceitasse sua mão. Entrementes, antes de esta crise instalar-se, ela tinha ido a Filadélfia, hospedando-se no mesmo hotel e recebido visitas diárias dele. Ele declarou que não pediria nada além do privilégio de olhar por ela, que o sentimento por ele nutrido era de adoração desprendida pela grandeza intelectual dela, e que ele não reivindicaria qualquer dos privilégios da vida matrimonial. Ele fez-lhe tal cerco — no que me pareceu um laivo de loucura — que ela finalmente consentiu em aceitar-lhe a palavra e tomá-lo nominalmente como esposo, com a condição, porém, de que ela continuasse a usar seu próprio nome, e que permanecesse tão livre e independente de qualquer restrição disciplinar quanto era então. Assim, eles foram legalmente casados por um respeitabilíssimo sacerdote da Igreja Unitária de Filadélfia, e estabeleceram seu "*lares e penates*"¹¹ numa casinha da Rua Sansom, onde me receberam como hóspede em minha segunda visita àquela cidade — depois que acabei meu livro e ele foi publicado. A cerimônia, na verdade, teve lugar enquanto eu estava na casa, embora não estivesse presente para testemunhá-la. Mas vi-os quando regressavam da residência do sacerdote, após a celebração do ritual. Quando, particularmente, expressei a ela meu assombro ante o que eu considerava um ato de desatino de sua parte, casando-se com um homem mais jovem, e indizivelmente inferior a ela quanto à capacidade mental, alguém,

¹¹ "*Lares e penates*". Em latim no original: Seu lar e domicílio. (N. do T.)

sobretudo, que jamais conseguiria ser sequer uma companhia agradável para ela, e de escassos recursos — ele ainda não tinha se estabelecido no comércio — ela disse que se tratava de um infortúnio do qual não podia escapar. Seu destino e o dele estavam temporariamente ligados por um *Karma* inexorável, e a união estava para ela como uma espécie de punição por seu horrível orgulho e combatividade, que impediam sua evolução espiritual, ao passo que, para o jovem, não resultaria qualquer dano duradouro. O resultado inevitável foi que este casal mal começado morou junto apenas por poucos meses. O marido esqueceu seus votos de desprendimento, e, para inexprimível desgosto dela, tornou-se um amante inoportuno. Em junho, ela caiu perigosamente enferma, de um machucado no joelho, causado por uma queda que ela tivera em Nova York, no inverno anterior, sobre a pedra solta de uma calçada; isto terminou numa violenta inflamação do periósteo e gangrena parcial da perna. Assim que ela melhorou (o que conseguiu numa noite, por uma de suas curas semi-miraculosas, depois de ter um eminente cirurgião declarado que ela morreria, a menos que se lhe amputasse imediatamente a perna), ela o deixou, e não queria voltar. Quando, após muitos meses de separação, ele viu que a determinação dela era irrevogável, e que seu negócio em decorrência da má administração estava indo para o beleléu, constituiu advogado e requereu divórcio sob a alegação de abandono de lar. Ela recebeu a intimação em Nova York, o *Sr. Judge* funcionou como advogado dela, e, a 25 de março de 1878, foi homologado o divórcio. Os documentos originais estiveram desde então sob minha custódia. Eis a história toda, e ver-se-á que não revela criminalidade nem ilegalidade da parte dela, nem qualquer evidência de que ela tenha tirado do casamento a menor vantagem material, além de uma pensão muito modesta, sem qualquer mordomia, durante alguns meses.

Antes de tirar de cena o Sr. B., devo citar uma variante dos fenômenos de precipitação de H.P.B., que testemunhei pessoalmente. Ele falava continuamente de uma avó falecida, que afirmava ter amado ternamente, e pediu a H.P.B. que lhe desse, se possível, um retrato dela, já que a família não possuía nenhum. Enfadada dessa amolação, um dia em que estávamos os três juntos, ela pegou um pedaço de papel ofício, foi à janela, segurou-o contra o vidro com as palmas das mãos, e, em questão de minutos, passou a ele o papel, sobre o qual vi um retrato, em preto e branco, de uma excêntrica velhinha, pele trigueira, cabelo negro, muitas rugas, e grande verruga no nariz! O Sr. B. atestou enfaticamente a aparência perfeita.

Durante esse período, o tempo dela foi totalmente absorvido em escrever para a grande imprensa, de início sobre o Espiritualismo Ocidental, e depois sobre o do Oriente. Seu primeiro "*lance oculto*", como ela o denomina numa nota ao recorte colado em nosso Álbum Me Recortes, será encontrado no *Spiritual Scientist* (de Boston), primeiro número, de 15 de julho de 1875, sobre o qual se fará um comentário no próximo capítulo.

A publicação de meu livro levou a importantes resultados, entre outros, a intermináveis discussões nos órgãos do Espiritualismo americano e inglês e na imprensa leiga, na qual tanto H.P.B. quanto eu tomamos parte, e à formação de amizades duradouras com diversos dos mais excelentes correspondentes, com quem desvendamos todo o assunto do ocultismo oriental e ocidental. Vi-mo-nos, quase imediatamente, alvo de pesquisadores em ambos os hemisférios, e atacados ou defendidos por simpatizantes e oponentes. O famoso *Honorável Alexandre Aksakof*, Conselheiro Privado Imperial Russo, e fervoroso espiritualista, convidou H.P.B. para traduzir meu livro para o russo, oferecendo-se para publicá-lo às suas próprias custas. Ela aceitou, e pouco depois aparecia em São Petersburgo um

panfleto muito gentil e apreciável, de autoria do *Professor N. A. Wagner*, da Universidade Imperial, no qual ele (que era uma autoridade científica de primeira linha) teve a imensa bondade de dizer que, ao conduzir minhas pesquisas, eu "*tinha cumprido todas as exigências da investigação científica cautelosa*", testemunho do qual, naturalmente, me orgulhei muito. O *Sr. Crookes, F.R.S.*, e o *Sr. Alfred R. Wallace, F.R.S.*, da Inglaterra, e *Monsieur Camille Flammarion*, da França, astrônomo de fama mundial, foram também muito gentis e simpáticos em suas expressões. Alguns meses mais tarde, o *Sr. C. C. Massey*, de Londres, veio à América expressamente para verificar, por observação pessoal "**in loco**", a exatidão de meu relato dos fenômenos dos *Eddy*. Estivemos freqüentemente em mútua companhia, e ficamos tão satisfeitos um com o outro que entre nós se estabeleceu uma amizade íntima, quase de irmãos, amizade que perdura até esta data, intacta e não empanada nem mesmo por um simples mal-entendido. Eu já travara as mais simpáticas relações com o falecido Honorável *R. D. Owen* e o *Sr. Epes Sargent*, de Boston. O último cavalheiro e erudito servira de veículo para que eu ganhasse tanto um precioso correspondente quanto o mais caro dos amigos, na pessoa do falecido *Sr. W. Stainton Moses*¹², M.A. (Oxon), professor de Letras Clássicas e Inglês no University College, de Londres, e o mais honrado e brilhante escritor dentre os espiritualistas ingleses. Foi-lhe enviado um exemplar de meu livro, cuja crítica saiu publicada na *Psychological Magazine ou Human Nature*, — não me lembro qual — e pouco a pouco intensificamos um intercâmbio quase que semanal de cartas, que durou vários anos. A primeira carta dele, que tenho agora diante de mim, é datada de 27 de abril de 1875, e dedicada à discussão das condições e resultados dos fenômenos mediúnicos do "*círculo*". Ele chama minha atenção para um fato que fora

¹² O nome real não é Moses, mas Moseyn, ou Mostyn, como me contou ele. A outra forma é uma corruptela.

motivo de troça do Professor Tyndall em sua famosa carta à velha *Sociedade Dialética de Londres*, ainda que demasiado palpável para todos os pesquisadores experientes neste tipo de fenômenos naturais, a saber, que "*na verdade, certas pessoas, por sua simples presença, interferem seriamente nos fenômenos, e a simples proximidade delas os paralisa; e tal sucede não por culpa dessas pessoas, nem por qualquer atitude mental de sua parte (como falta de fé, etc.), mas em decorrência da atmosfera que as envolve. Quanto mais sensitivo o médium, isto se torna mais perceptível.*" O Sr. Stainton Moses continua: "*Existem muitos amigos pessoais meus, em cuja presença os fenômenos comigo cessam, para grande pesar meu, e nem tenho eu o menor poder de alterar o resultado.*" Aludindo ao fenômeno de aparente desmaterialização do médium (por exemplo, o caso da Sra. Compton, segundo descrito em meu livro), declara ele que se trata do mais assombroso de todos, e diz que não pode explicar o fenômeno, embora acredite "*que não seja desconhecido para os Magos Orientais.*" O que eu disse num capítulo anterior, quanto ao poder de iludir a vista pelo agora científico processo de inibição hipnótica dos nervos, resolve este mistério e afasta uma porção de crenças supersticiosas e suposto diabolismo. Foi válida toda aquela confusão de escrever aquele livro, para ter feito duas amizades vitalícias como as de Stainton Moses e de Massey: mas o livro fez muito mais, mudou a minha vida e marcou época. Enquanto o Sr. Massey estava na América, visitamos, juntos, diversos médiuns, e ele foi um dos que se juntaram a H.P.B. e a mim próprio para formar a *Sociedade Teosófica*, pelos fins daquele ano (1875). Apresentei-o a H.P.B. e ele visitou-a em sua casa, ficou amigo íntimo dela e tornou-se seu correspondente assíduo, até que a intimidade deles se desfez, vários anos mais tarde, por uma circunstância conhecida como o "*incidente Kiddle*". Quando ele voltou a Londres, dei-lhe uma carta de apresentação para o Sr.

Stainton Moses, e assim começou um íntimo relacionamento entre nós três, que só se interrompeu com a morte de "*M. A. Oxon*".

Há que se mencionar um certo *Signor B.* — um artista italiano dono de poderes ocultos, que visitou *H.P.B.* em Nova York. Presenciei, numa noite de outono de 1875, logo depois de formada a *S.T.*, o extraordinário fenômeno de fazer chuva, por ele efetuado — como disse ele — pelo controle de espíritos do ar. A lua estava cheia, e nem uma só nuvem flutuava no céu azul claro. Ele chamou *H.P.B.* e eu para fora, no balcão da sala de visitas de trás da casa dela, e, mandando que eu ficasse em total calma e silêncio, independente do que pudesse acontecer, tirou do peito do casaco e segurou contra a lua uma carta de papelão, de talvez 6X10 polegadas de tamanho, numa face da qual estava pintado aquarela certo número de quadrados, contendo cada um uma estranha figura matemática, a qual, porém, ele não me deixaria manusear ou examinar. Permaneci de pé, perto dele, e pude sentir seu corpo retesar-se como se estivesse respondendo a uma intensa concentração de vontade. Dali a pouco ele apontou para a lua e vimos densos vapores negros, como nuvens de trovão, ou antes, eu diria, como a massa de fumaça negra que jorra em tropel, a sotavento, da chaminé de um vapor em movimento, derramando-se da brilhante borda oriental do satélite brilhante, e flutuando na direção do horizonte. Involuntariamente soltei uma exclamação, mas o feiticeiro segurou-me o braço com garra de aço e fez-me ficar quieto. A mortalha de nuvens precipitava-se com rapidez cada vez maior, distendendo-se mais e mais na distância, qual monstruosa pluma azeviche. Esparramou-se numa forma de leque, e logo apareceram no céu outras nuvens escuras de chuva, ora aqui, ora acolá, e formavam massas que se enrolavam, se amontoavam e punham-se em fuga, exatamente como um hidrômetro natural. O firmamento ficou rapidamente empanado, a lua desapareceu da vista, e

uma bâtega de pingos de chuva impeliu-nos para dentro da casa. Não houve trovão nem relâmpago, nem vento, apenas, simplesmente, um aguaceiro vigoroso, produzido no espaço de um quarto de hora por esse homem misterioso. Quando viemos para a luz do candelabro, vi que o rosto dele tinha aquele aspecto de firmeza de aço, e aquele cerrar de dentes que se vê nos rostos dos camaradas em batalha. E, na verdade, por boa razão, pois ele estivera exatamente batalhando e conquistando as hostes invisíveis dos elementos, algo que revela num homem cada centelha de força viril. O *Signor B.* não se demorou em nossa companhia, mas despediu-se apressadamente, e, como se fizesse tarde, segui-lhe o exemplo nos próximos minutos. A calçada estava úmida de chuva, o ar era úmido e fresco. Meus aposentos ficavam a apenas uns poucos passos dali, e, mal eu os havia alcançado e decidira-me a fumar, quando a campainha tocou, e, na porta de frente, aberta, na soleira da porta, encontrei o *Signor B.*, pálido e parcialmente exausto. Desculpou-se por incomodar-me, mas pediu um copo d'água. Fi-lo entrar, e, depois de ele beber a água e descansar um momento, fomos conversar sobre assuntos ocultos, no que ficamos por muito tempo. Descobri que ele estava disposto a conversar sobre arte, literatura ou ciência, mostrando-se, porém, extremamente reticente quanto à ciência oculta e quanto à sua experiência pessoal em desenvolvimento psíquico. Explicou, contudo, que todas as raças de espíritos *elementais* são passíveis de ser controladas pelo homem, quando se desenvolvem as potências divinas inatas deste: sua vontade torna-se então uma força irresistível ante a qual todos os inferiores, ou seja, qualquer força *elemental*, seja ela organizada em entidades ou como agentes cósmicos brutos e cegos, são coagidos a se render. Eu, na verdade, não vira nenhuma fumaça negra derramando-se da lua, aquilo era uma simples ilusão produzida pela concentração do pensamento dele sobre a superfície lunar, mas

certamente vi nuvens formarem-se no céu enluarado, e a chuva cair, e ele deixava o fato à minha reflexão. No momento, porém, deu-me um conselhozinho que me deixou francamente atônico. Eu o tinha visto nos melhores termos com *H.P.B.*, conversando da maneira mais amistosa e mais sem reservas sobre a Itália, *Garibaldi*, *Mazzini*, os *Carbonari*, os adeptos orientais e ocidentais etc., e produzindo fenômenos, como o truque das borboletas brancas, e, pois, foi com razão que fiquei espantado quando ele, assumindo um ar de mistério, advertiu-me para que rompesse minha familiaridade com ela. Disse-me que ela era uma mulher perversa e perigosa, e trar-me-ia alguma terrível calamidade, se eu me deixasse dominar por seu encanto maligno. Isto — disse ele — fora-lhe ordenado pelo grande *Mestre*, cujo nome eu o ouvira pronunciar para *H.P.B.*, para que me dissesse. Olhei para o homem a ver se conseguia descobrir o sentido oculto de sua fala absurda, e disse finalmente: "*Bem, Signor, sei que existe o Personagem a que o senhor se refere; depois de ver os seus fenômenos, tenho motivos de sobra para suspeitar de que o senhor tenha relações com ele ou com a Irmandade; estou pronto, mesmo com o sacrifício de minha vida, a obedecer às ordens dele; e agora peço ao senhor que me dê um certo sinal pelo qual eu possa saber, positivamente e sem a menor margem de dúvida, que Madame Blavatsky é o demônio que o senhor pinta, e que é da vontade dos Mestres que minha amizade com ela se interrompa.*" O italiano hesitou, gaguejou algo incoerente, e mudou de assunto. Embora ele fosse capaz de tirar da lua nuvens carregadas, não conseguiu lançar no meu coração a negra dúvida sobre minha amiga e guia, através dos enredos intrincados da ciência oculta. Na próxima vez em que a vi, contei a *H.P.B.* sobre a advertência de *B.*, do que ela riu-se, disse que eu passara maravilhosamente por aquele pequeno teste, e escreveu uma nota ao *Signor B.*, dizendo-lhe que "*esquecesse o caminho da casa dela*", o que ele fez.

CAPÍTULO V: O Espiritismo

Fora do mar de controvérsia no qual mergulhamos, *H.P.B.* e eu, por obra das minhas cartas para o *Graphic* e do meu livro; do artigo do Sr. *Owen* sobre *Katie King* e do repúdio dele, no *Atlantic Monthly* de janeiro (1875); das contribuições do General *Lippitt* para o *Galaxy* (dezembro de 1874) e para o *Banner of Light*; dos ataques e defesas aos médiuns *Holmes*; e da discussão universal do Espiritismo na imprensa americana e européia - vieram à tona certas coisas preciosas, entre as quais o brusco amadurecimento de idéias ocultas orientais na atenção ocidental, e o nascimento da *Sociedade Teosófica*.

Para refutar as histórias mentirosas de interferências *Mahatma* e de fenômenos correlatos, e mostrar os estágios naturais pelos quais a Sociedade veio a existir, devemos lançar os olhos às primeiras cartas escritas à imprensa por seus dois reais pioneiros e pais (das quais tenho uma série incompleta de cópias). Os detalhes podem ser insípidos, mas são importantes como dados históricos. Como já foi explicado, a acusação de auto-promoção, do falecido Dr. *George M. Beard* — médico da cidade de Nova York — aos *Eddys*, e sua virulenta e falsa afirmação de que poderia imitar as aparições de formas, ao custo de "*três dólares, relativos a tecidos*", sacudiu *H.P.B.* numa frenética fúria redatorial e fê-la mandar para o *Graphic* aquela cáustica resposta, cobrindo uma aposta de 500 dólares como ele não conseguiria sair-se bem de sua jactância, o que primeiro familiarizou o público americano com a existência e o nome dela. Naturalmente, as pessoas tomaram partidos: os amigos do espiritismo e os médiuns alinharam-se com *H.P.B.*, enquanto que os oponentes, em especial os cientistas de tendência materialística, constituíram-se na corte dos que apoiavam o Dr. *Beard*. Quem lucrou com a disputa

foi *Beard*, cujo estratagema — digno de *Pears*, *Beecham* ou *Siegel* — serviu de publicidade para ele e sua eletricidade, além de suas expectativas. Favorecido pelo acaso, fez uma conferência sobre o assunto, muitíssimo bem divulgada, e outra, se bem me lembro, sobre mesmerismo¹³ e leitura de pensamento, na *Academia de Música de Nova York*. O *Banner of Light*, o *R.P. Journal* e outros jornais teceram comentários sobre a carta *anti-Beard* de *H.P.B.*; ela foi à réplica, e, assim, muito rapidamente encontrou-se no centro de muita controvérsia. Como já disse antes, ela assumiu a posição de espiritualista total, que não apenas acreditava, mas sabia que os poderes por trás dos médiuns, que escreviam, produziam fenômenos físicos, falavam com vozes formadas no ar, e até mesmo mostravam toda a sua forma e seus rostos, mãos, pés e outros membros separadamente, eram as almas penadas dos mortos, nem mais nem menos. Num capítulo precedente, citei passagens das cartas e artigos dela, publicados, que servem para provar isto, e, na primeira carta dela a mim, escrita de Nova York na semana após a nossa despedida em Chittenden (outubro de 1864), na qual ela se dirigia a mim como "*Caro Amigo*", e assinava-se "*Jack*", e em sua segunda carta, datada de seis dias depois e assinada "*Jack Blavatsky*", ela me roga que não exalte a atuação mediúnico-musical de certo *Jesse Sheppard*, cuja pretensão de haver cantado perante o Czar, e outras jactâncias, ela descobrira serem absolutamente falsas, já que tal conduta, de minha parte, viria a "*ofender o Espiritismo mais do que qualquer outra coisa no*

¹³ O "*Mesmerismo*" foi uma corrente médico-filosófica de grande aceitação na Europa no século XIX, e que passou à História como uma das precursoras do hipnotismo no Ocidente. Franz Anton Mesmer, que lhe empresta o nome, formou-se em medicina na Universidade de Viena, e, ligado a estudos de astronomia e matemática, elaborou uma complicada teoria sobre a influência dos astros na saúde e na psique humanas. As experiências que denominava de "*magnetismo animal*" eram, na verdade, exercícios de sugestão hipnótica coletiva, realizados com os participantes sentados ao redor de uma tina da qual saíam varetas metálicas "*imantadas*", que, tocadas pelos pacientes ao comando sugestivo do experimentador, produziram o transe e eventualmente as curas. Mais tarde, o próprio Freud retomou os princípios experimentais do "*magnetismo animal*", à luz de uma nova compreensão do fenômeno. (N. do T.)

mun¹⁴". "Digo-lhe", fala-me ela, "como sua verdadeira amiga e (como) espírita ansiosa por salvar o Espiritismo de um perigo." Na mesma carta, referindo-se a uma promessa que lhe fora feita por "Mayflower" e "George Dix", dois dos supostos guias espirituais de Horatio Eddy, no sentido de que eles a auxiliariam, influenciando o juiz sob cuja jurisdição estava correndo seu processo, a recuperar o dinheiro investido na sociedade horti-comercial de *Long Island* — diz ela: "*Mayflower tinha razão, o Juiz entrou com outra decisão a meu favor.*" Será que ela acreditava, então, que guias espirituais de médiuns poderiam e se disporem a influenciar os magistrados? Ou ela era espírita, ou assim se apresentava na época, com o desígnio posterior de passar os espíritas da plataforma de crença ocidental para a oriental, com relação aos fenômenos mediúnicos. Na sua carta *anti-Beard* (*New York Daily Graphic* de 13 de novembro de 1874), ela diz — referindo-se ao incidente pelo qual lhe fora trazida, pelos "espíritos" de *Horatio Eddy*, uma fivela decorativa que tinha sido enterrada com o corpo do pai dela em Stavropol — "*Considero de meu dever, como espírita*", etc., etc. Mais tarde, ela me disse que a eclosão de fenômenos mediúnicos fora causada pela *Irmadade de Adeptos* como recurso evolutivo, e incorporei essa idéia numa frase do meu livro (*People of the Other World*, pág. 454), sugerindo a hipótese plausível de que essa devia ser a verdade. Mas então, nesse caso, o surto espiritualista não podia ser tido na conta de absolutamente maléfico, como o pintaram alguns extremistas teosóficos, pois é inconcebível — pelo menos para mim, que os conhecia — que aqueles *Irmãos Mais Velhos da Humanidade* viessem jamais a empregar, ainda que para o bem da raça humana, um expediente absolutamente

¹⁴ Levado por sua estrela infausta, Sheppard — escreve ela - trouxera-lhe uma porção de suas credenciais de St. Petersburg, em russo, para traduzir. Entre estas, encontrou ela uma licença da Polícia para cantar no Salle Koch, uma cervejaria e salão de danças de baixa classe, freqüentado por indivíduos dissolutos de ambos os sexos, e uma fatura de 32 rublos, de um professor de música, por ter-lhe ensinado certas canções russas que o ouvimos cantar no Eddy, numa sessão às escuras, quando estava ostensivamente sob o controle de Grisi e Lablachel Apresento estes fatos sobre a autoridade dela sem preconceito.

mau em si mesmo. O moto jesuítico, "*Finis coronat opus*"¹⁵, não está escrito nas paredes do templo da Fraternidade.

No mesmo número do *Daily Graphic* para o qual ela contribuiu com sua carta *anti-Beard*, publicou-se sua biografia, a partir de notas fornecidas pela própria. "*Em 1858*", diz ela, "*voltei a Paris e fiz amizade com Daniel Home, o espírita... Home converteu-me ao espiritismo... Depois disso fui à Rússia. Converti meu pai ao espiritismo.*" Num artigo em que defende os médiuns *Holmes* do traiçoeiro ataque do ex-sócio e empresário deles, Dr. *Child*, ela fala no Espiritismo como "*a nossa fé*" e "*a nossa causa*"; e, novamente, "*toda a crença de nós, espíritas*"; ainda mais adiante, "*se nós, os espíritas, tivermos de ser escarnecidos, e ridicularizados, e olhados com desprezo, e se rirem de nós, devemos, pelo menos, saber por quê.*" Certamente; e alguns dos colegas dela que lhe sobreviveram deviam proveitosamente tê-lo em mente. No *Spiritual Scientist* de 8 de março de 1875, ela diz que certa coisa "*contribuiria para mostrar que, não obstante a divina verdade de nossa fé (o Espiritismo) e os ensinamentos de nossos guardiões invisíveis (os espíritos dos círculos), alguns espiritualistas não se valeram deles para aprender a imparcialidade e a justiça.*"

Isto foi, da parte dela, corajoso e magnânimo, profundamente característico da maneira pela qual ela se arrojava na linha de frente da batalha, por qualquer causa que abraçasse. Suas simpatias pela liberdade e pelo livre pensar levaram-na a seguir, com diversas outras senhoras, a bandeira portadora da vitória de Garibaldi, o Libertador, e a mergulhar na lama da carnificina em *Mentana*; agora, pois, quando via a *Idéia Espiritual* debater-se contra a *Ciência Materialística*, nem o medo de contaminação por contato com médiuns fraudulentos, maus espíritos, ou

¹⁵ "*Finis coronat opus*". Em latim no original: "O fim coroa a obra". (N. do T.)

camarilhas de espiritistas que pregavam e praticavam o amor livre e a quebra dos laços sociais saudáveis, a fez hesitar por um momento quanto a tomar seu lugar junto ao *Espiritualismo*. Sua política pode ser condenada por alguns, sua linguagem — como se pode ver nos poucos espécimes, dentre muitos, já mencionados — pode ser tida na conta de um total endosso do mesmo Espiritismo que ela posteriormente criticou tão sem piedade; mas, para julgá-la corretamente, deve-se tentar colocar-se ao lado dela sob as condições da época, deve-se tentar perceber o quanto ela sabia, tanto na teoria quanto na prática, sobre os fenômenos psíquicos que o mundo precisa conhecer antes de lançar-se na corrente letal do *Materialismo*. Muitos de nós teríamos empregado uma linguagem muito mais cautelosa, e assim evitado deixar atrás de nós um tal emaranhado de contradições e confusão, mas ela era então excepcional sob todos os aspectos — em poderes psíquicos e mentais, em temperamento e no método de controvérsia. Um dos objetivos desta narrativa é mostrar que, com todas as fraquezas humanas e excentricidades que lhe podem ser atribuídas, era ela uma grande personagem, de estatura dominante, que realizou pelo mundo uma grande obra altruística, e recebeu como prêmio uma selvagem ingratitude e uma cega depreciação.

As instruções que ela me dava sobre a existência do mundo dos espíritos dementais prosseguiram — como já notei — apressadamente com o nosso relacionamento particular com (supostos) espíritos produtores de batidas, e assim, muito antes de ter eu adotado a teoria oriental de *Pisachas* e *Bhutas*, por nós denominados elementares¹⁶, eu chegara a distinguir as duas classes diversas de agentes produtores de fenômenos, os espíritos sub-humanos da natureza, e os

¹⁶ Na verdade, nós ambos costumávamos chamar de "elementares" aos espíritos dos elementos, causando assim muita confusão, mas, quando *Ísis* estava sendo escrito, sugeri que empregássemos distintamente os termos "elemental" e "elementar", no sentido que eles adquiriram desde então. Agora é tarde demais para mudá-los, mesmo que eu quisesse.

elementares ex-humanos, ligados à terra. Por volta do fim do inverno de 1874-5, enquanto eu estava em *Hartford*, acompanhando a impressão do meu livro, porém demasiado tarde para reescrevê-lo, tive a rara oportunidade de consultar a soberba coleção de livros sobre ciências ocultas na *Biblioteca de Consulta Watkinson*, coleção elaborada para esse órgão pelo Dr. *H. C. Trumbull*, o erudito bibliotecário. Fiquei assim muito bem preparado para compreender as explicações verbais de *H.P.B.*, e os muitos e surpreendentes fenômenos psíquicos dela para ilustrá-las. Esse curso de leituras preparatórias e fenômenos colocou-me também em condições de ser útil quando ela se dedicou à laboriosa tarefa de escrever *Ísis Revelada*, e qualificou-me para ser seu auxiliar.

Foi no primeiro trimestre do ano de 1875 que passamos a nos interessar pelo *Spiritual Scientist*, pequeno mas brilhante jornal independente, publicado e editado em Boston pelo Sr. *E. Gerry Brown*. A clamante necessidade do momento era um jornal que, ao mesmo tempo reconhecido como órgão do *Espiritualismo*, pudesse ser levado a auxiliar na tarefa de fazer com que os espíritas fiscalizassem mais de perto o comportamento e pretensos dons psíquicos de seus médiuns, e a ouvir com paciência as teorias da existência do espírito e de suas relações com os vivos. Os jornais mais antigos dessa espécie eram o que se poderia classificar como demasiado ortodoxos, ao passo que a especialidade do Sr. *Brown* parecia ser conquistar o seu caminho através da crítica destemida aos abusos. Nosso relacionamento com ele começou com uma carta a ele endereçada (*Spiritual Scientist* de 8 de março de 1875), e no mês seguinte ele tinha caído nas graças dos poderes por trás de *H.P.B.* Na edição do referido jornal de 17 de abril, apareceu uma memorável circular intitulada "*Importante para os Espíritas*". Sua importância, para o

Sr. Gerry Brown, residia na promessa (honrosamente cumprida)¹⁷ nela contida, de ajuda literária e pecuniária, a ser-lhe prestada, ao passo que, para o público, no tocante à mesma quanto ao Espiritismo, ela proclamava a idéia proveitosa de que o jornal fosse usado como órgão do novo movimento, para colocar o espiritismo americano numa base mais filosófica e intelectual. A circular afirmava que os principais jornais espíritas eram *"obrigados a dedicar a maior parte de seu espaço a comunicações de natureza trivial e meramente pessoal, que só interessavam aos amigos dos espíritos que as enviavam..."* e a principiantes. *The Spiritualist*, de Londres, e, em Paris, a *Révue Spirite*, foram citados como *"exemplos do tipo de jornal que devia ter sido fundado em nosso país (Estados Unidos) há muito tempo — jornais que dedicam mais espaço à discussão de princípios, ao ensino da filosofia, e à manifestação da capacidade crítica conservadora, do que à mera publicação de mil e uma ocorrências de somenos importância de... círculos."* O terceiro parágrafo diz o seguinte:

"Constitui-se no permanente opróbrio do espiritualismo americano o fato de ele ensinar tão poucas coisas dignas da atenção de um homem que pense: que tão poucos de seus fenômenos ocorram sob condições satisfatórias para homens afeitos aos moldes científicos; que a propagação de suas doutrinas esteja nas mãos de tantos ignorantes, se não de pessoas positivamente viciosas; e que ele ofereça, em troca das disposições ordenadas dos principais

¹⁷ O Professor Buchanan, Epes Sargent, Charles Sotheran e outros famosos escritores, para não mencionar nós dois mesmos, começaram a contribuir para as colunas dele, e H.P.B. e eu demos-lhe várias centenas de dólares para despesas correntes. Esta última forma de contribuição foi acusada em seu artigo de fundo de 1º de junho de 1875, intitulado *"Rock Bottom"*.

credos religiosos, nada além de um indigesto sistema de responsabilidades e relações morais e sociais, presentes e futuras¹⁸".

Redigi eu mesmo cada palavra desta circular, corriji sozinho as provas tipográficas, e paguei pela sua impressão. Vale dizer, ninguém ditou uma palavra que eu devesse dizer, nem interpolou quaisquer palavras ou frases, nem controlou minha ação de qualquer modo visível. Redigi-a para externar os desejos expressos dos *Mestres*, de que nós — eu e *H.P.B.* — ajudássemos o editor do *Scientist* naquilo que era, para ele, uma crise difícil, e usei meu melhor julgamento quanto à linguagem que mais se adequava ao propósito. Quando a circular estava composta na tipografia e eu havia corrigido as provas e alterado a disposição da matéria em seus parágrafos finais, perguntei a *H.P.B.* (por carta) se ela achava melhor que eu a publicasse anonimamente, ou apusesse meu nome. Respondeu-me que era desejo

¹⁸ Fui, e tenho sido desde então, freqüentemente repreendido pelos espíritas pela severidade de minhas críticas sobre a grande e dominante admissão de pontos de vista e comportamentos imorais entre médiuns e grupos inteiros de pretensos espíritas, mas nunca escrevi sobre eles coisas mais cáusticas do que as que podem ser encontradas sobre os próprios nos artigos de jornais e livros dos principais escritores sobre a matéria. Para não falar da total e selvagem depreciação de todo o grupo de seus irmãos médiuns e sensitivos por Home, esse médium pavão, diz a Sra. *Hardinge Britten* (*Nineteenth Century Miracles*, pág. 426), que os guias espirituais dela lhe haviam dito que "os piores inimigos do espiritismo seriam mesmo os de casa, e que as punhaladas mais cruéis contra ele partiriam das mãos dos próprios espíritas." Noutro trecho, diz ela: "e assim esta grande causa, como muitas outras dos mais puros Messias do mundo, foi erguida na cruz do martírio entre os ladrões de licenciosidade e da cupidez"; se não morreu, "não foi por falta de qualquer esforço de que a humanidade fosse capaz para solapar sua integridade pela corrupção interna, bem como pelo antagonismo externo..." O amor livre "expandira-se de um germe incipiente à plena maturidade de um movimento largamente disseminado... O monstruoso fluxo de doutrina licenciosa, tantas vezes ilustrado por monstruosa licenciosidade de vida e conduta, que durante certo período de tempo se espalhou como contágio maligno através de todos os Estados Unidos, ...lançou um mui injusto e desastroso mau cheiro sobre a reputação e a crença de centenas de milhares de pessoas inocentes", etc. Jamais escrevi algo assim forte; mesmo que a Sra. Britten não tenha exagerado o insalubre estado de coisas produzido pelo irrestrito encorajamento das relações entre vivos e mortos. Regular essa relação, tornar-lhe públicos os perigos, e mostrar o que era o verdadeiro espiritismo, e como pode o homem desenvolver a verdadeira espiritualidade, era inteiramente a intenção de *H.P.B.*, e foi o que a levou a declarar-se espírita. Isto, creio eu, ficará claro àqueles que acompanham sua carreira até o dia de sua morte.

dos Mestres que a circular fosse assinada assim: "*Pelo Comitê dos Sete, IRMANDADE DE LUXOR*".

E assim foi ela assinada e publicada. A seguir ela explicou que nosso trabalho, e muitos mais da mesma espécie, estava sendo supervisionado por um Comitê de sete Adeptos pertencentes ao grupo egípcio da *Irmandade Mística Universal*¹⁹. Até então ela não vira a circular, mas aí eu mesmo levei-lhe uma e ela começou a lê-la com atenção. Daí a pouco ela riu-se e disse-me para ler o acróstico formado pelas iniciais dos seis parágrafos. Para meu espanto, elas formavam o nome pelo qual (Egípcio) eu conhecia o adepto sob cujas ordens estava então estudando e trabalhando. Mais tarde, recebi um certificado, escrito em tinta dourada, num grosso papel verde, no sentido de que eu estava ligado a esse "*Observatório*", e de que três (designados) Mestres tinham-me sob investigação. Esse título, Irmandade de Luxor, foi surrupiado por maquinadores que, sete anos mais tarde, começaram um "*pega-trouxas*" denominado "*A H.B. of L.;*" (iniciais, em inglês, de *Irmandade de Luxor*). A existência da verdadeira Loja é mencionada na *Royal Masonic Cyclopedia* (página 461) de *Kenneth Mackenzie*. Nada, no início de minha experiência ocultista, durante essa época de H.P.B., causou em minha mente impressão mais profunda do que o acróstico supramencionado. Provou-me que o espaço não constituía obstáculo à transmissão de sugestões de pensamento do cérebro do mestre para o do discípulo, e apoiava a teoria de que, na consecução da obra universal, o agente pode muitas vezes ser realmente dirigido por diretores superintendentes a fazer coisas que eles acham que devem ser feitas, sem ter consciência de que sua mente não está funcionando apenas sob o impulso de seu *Ego controlador*. Aplicando-se esta teoria, não desarrazoada ou não-científica, à

¹⁹ Já foi explicado que trabalhei primeiro sob a parte egípcia da secção árabe, e depois sob a secção indiana.

história global da *Sociedade Teosófica*, quem pode dizer em que proporção de casos esteve algum de nós a fazer aquilo que tinha de ser feito, mas não devia sê-lo se uma influência externa não nos tivesse dado o empurrão? E quantos, dos malditos erros, maus passos e excentricidades injuriosas, ocorridos ou apresentados por qualquer de nós dois, deveram-se ao simples fato de estarmos seguindo nossos próprios impulsos errados, resultados de nossos temperamentos, ignorância, debilidade moral ou preconceitos hipócritas? Com freqüência, as pessoas se indagam por que não foram previstos pelos Mestres os vários escândalos, como o de Coulomb e os menores, que nos fizeram sofrer, e por que eles não nos preveniram a respeito; por que não foi *H.P.B.* alertada antecipadamente sobre o que iam fazer os traidores; e por que, na crise aparentemente mais séria, não adveio qualquer auxílio, não apareceu qualquer guia espiritual. Naturalmente, tais questões encerram o absurdo de que os *Mahatmas*, que implicitamente acreditam e governam suas próprias ações pelas leis estritas do *Karma*, nos tomariam como umas tantas marionetes, ou cachorrinhos a que se ensinassem truques, e nos movimentariam, interferindo com o nosso *Karma* e, conseqüentemente, interferindo em nossos direitos. O de que necessita a evolução da sociedade, em determinada conjuntura, é, talvez, que determinada pessoa faça, escreva ou diga algo que, uma vez feito, acarrete toda uma cadeia de conseqüências. Se a coisa necessária não envolver qualquer malefício ao indivíduo, o impulso mental para fazê-la pode ser-lhe dado, gerando-se assim as seqüências de causa e efeito. Os destinos da Europa, por exemplo, encontram-se sob o controle de três ou quatro homens, que se devem reunir numa festa a bordo do mesmo barco. Por qualquer *frioleira* que viesse a ocorrer, tal reino deveria então ser finalmente destruído, tal dinastia transformar-se num flagelo da raça, ou iniciar-se uma tal era de paz e progresso. Se este ou aquele

for solicitado, nessa conjuntura, pelos interesses de toda a humanidade, e não se dispuser de nenhum outro meio para precipitar a crise, então eu poderia conceber que fosse lícito que se exercesse de fora a sugestão mental: ou, tomando-se um caso mais simples, também histórico. Atingiu-se um ponto no progresso da Egiptologia em que o mundo precisava, para a leitura dos hieróglifos, de uma chave melhor do que a que possuía: na literatura da civilização antiga repousam verdades grandes e preciosas — verdades para as quais chegara o momento de serem redivulgadas. Falhando todos os outros meios, um operário árabe é, simplesmente, levado a cavar um certo ponto, ou abrir violentamente certo sarcófago; ele encontra uma pedra entalhada ou um papiro com inscrições, o qual vende ao Sr. *Grey*, em Tebas, em 1820, ou ao Signor *Casati*, em *Karnak* ou *Luxor*; que, por sua vez, transmitem-no a *Champollion*, ou a *Young*, ou a *Ebers*, que descobre a pista que falta, e com ela decifra velhos escritos de grande importância. É a mão que ajuda, não a mão fraticida, que esses nossos benfeitores ocultos estendem à humanidade. Ou, para citar um caso muito mais próximo de mim: sou levado, certo dia, a comprar um jornal; nele leio algo que me instiga a tomar um passo natural que, posteriormente, reúne *H.P.B.* e eu, o que, depois de um momento, evolui na Sociedade Teosófica e nas suas conseqüências. Não me cabe qualquer mérito por ter tomado o passo inicial, -mas se o efeito resultante for bom, e eu me absorver nele e por ele trabalhar com fervor desprendido, partilharei, então, do benefício global que aquele efeito confere à humanidade. Vi uma vez, em *Galle*, uns pobres estendendo as mãos para alcançar cestos de comida que vizinhos mais ricos tinham arranjado e levavam, na cabeça, a uma comunidade de monges budistas. Ao indagar a respeito, disseram-me que, por sentirem uma verdadeira simpatia pelo ato

de caridade, eles partilhavam do mérito que tal feito envolvia. Significou para mim mais do que um longo sermão, e incorporei a idéia ao meu *Catecismo Budista*.

Na semana passada, encontrei entre meus papéis uma velha carta do Honorável *Alexander Aksakoff*, de São Petersburgo, que, embora não seja provavelmente uma daquelas que foram abstraídas de forma tão fenomenal das malas postais a caminho de Nova York e enviadas a mim em Filadélfia, já que é datada de São Petersburgo, 4-16 de abril de 1875, e deve ter chegado a mim depois de finda minha visita a *H.P.B.*, contém um pós-escrito a lápis preto, na quarta página, na singular caligrafia de "*John King*". Diz-me ele que meu correspondente "*é realmente um homem bom, e instruído também*" — fatos que são agora de conhecimento universal. Havendo perdido ou dado o envelope, não posso fixar a data exata da chegada da carta. Nela, *Monsieur Aksakoff* me informa que, depois de ler minhas cartas no *Graphic*, e notar o efeito delas nos dois hemisférios, está convencido da absoluta necessidade de uma investigação exaustiva dos fenômenos, por parte dos melhores homens de ciência. Pergunta-me se não posso organizar um tal comitê, e conta-me o que foi feito na Rússia. Existem quatro professores eminentes, em diferentes universidades, que, em conjunto, investigaram a fundo a matéria e ficaram convencidos da realidade dos fenômenos; se eu preferir, esses cavalheiros de ciência mandar-me-ão um apelo conjunto aos seus colegas americanos, para que procedam como eles, e resolvam, assim, de uma vez por todas, o problema mais importante que o homem tem de resolver por amor de si mesmo e para o bem-estar da raça. Era este, naturalmente, exatamente o motivo pelo qual ele me incentivara a empreender as pesquisas *Eddy*, mas achei insuperáveis os obstáculos que se apresentaram, na obstinação brutal e ignorante dos médiuns e de todo o corpo de seus "*guias*", e registrei o fato em meu livro. Achei

um pouco divertido ler, num pós-escrito redigido dois dias depois da carta dele, que *Monsieur Aksakoff*, que tinha nesse entremeio acabado de ler a tradução de H.P.B. do meu livro para o russo, disse que era evidente que uma pesquisa científica metódica, com tal gente como médiuns, era impossível, e pedia-me para considerar cancelado o seu plano. O assunto, porém, não terminou aí, pois nossa correspondência se manteve e resultou num convite a *H.P.B.* e a mim, no sentido de que funcionássemos como uma comissão para selecionar um médium de confiança, que seria mandado a São Petersburgo para investigação e teste por uma *Comissão Especial de Professores da Universidade Imperial* daquela cidade. Aceitamos a incumbência, e nosso comunicado conjunto, anunciando o fato ao público, foi publicado no *Spiritual Scientist* de 8 de julho de 1875 - tanto quanto posso deduzir da maneira confusa pela qual os recortes de jornal estão colados em nosso *Álbum de Recortes, Volume I*. Em todo Caso, no jornal daquele dia foi publicada uma tradução da carta do Sr. Aksakoff a H.P.B., divulgando o assunto, assim:

*"Meu pedido à senhora e ao Coronel Olcott é o seguinte: teriam vocês a bondade de traduzir para o inglês o **Apelo aos Médiuns**, aqui incluso... deliberarem em conjunto e relatar-nos (à **Sociedade Imperial de Experimentadores de Física**) quem, dentre os médiuns americanos, seria melhor convidarmos para vir a São Petersburgo, para o melhor proveito da Causa? Para nossas primeiras experiências, preferiríamos ter médiuns para manifestações simples, mas vigorosas, à **luz**. Usem toda a influência de vocês para conseguir-nos bons médiuns, comecem o trabalho imediatamente e avisem-nos sem perda de tempo. Tenham em mente que o dinheiro não é problema para nós" etc.*

Muito naturalmente, esta carta suscitou muitos pedidos, e nós testamos pessoalmente a mediunidade de diversos dos sujeitos, vendo alguns fenômenos

extremamente surpreendentes, e alguns realmente belos. O advento dela não passou despercebido a certos impostores impudentes, servindo-lhes de pretexto para um espetáculo público de pretensa mediunidade no Teatro de Boston, numa noite de domingo do mesmo mês de julho; anunciaram-se a si mesmos como contratados para irem à Rússia. Nós os denunciemos e repudiamos, numa carta enviada a 19 de julho a todos os jornais de Boston.

CAPÍTULO VI: A Desaprovação Oriental

O público ocidental presumiu, por consenso comum, que os médiuns profissionais, cuja alimentação e alojamento depende de sua habilidade constante em produzir fenômenos psíquicos quando seus patrocinadores vêm a aperceber-se dos mesmos, são grandemente tentados, em emergências a suplementar fenômenos reais com imitações fraudulentas. Pobres, quase sem exceção, muitas vezes inválidos, ou mesmo obrigados a sustentar filhos e talvez maridos preguiçosos ou incapazes, tendo, no máximo, rendas extremamente precárias, porque o estado mediúnico depende tanto de condições psicofisiológicas quanto atmosféricas fora do controle deles, não é estranho que, sob a pressão financeira do cotidiano ou outra qualquer odiosa necessidade, seu senso moral fique embotado. Rendem-se, naturalmente, à tentação lançada a eles por visitantes crédulos, que, aparentemente, não pedem nada mais do que pagar para serem ludibriados. De qualquer forma, é o que os médiuns profissionais me explicaram. Contaram-me suas miseráveis experiências de vida, de como o dom fatal da mediunidade lhes amargara a infância, fazendo com que seus colegas de escola os evitassem e perseguissem, e os curiosos os olhassem de esguelha e os criticassem e levando-os a ser usados como atração pública por empresários ambulantes, em proveito de seus próprios pais (vide a trágica história das crianças *Eddy*, como me foi contada por eles, em *People of the Other World*, capítulo II), e desenvolvendo os germes da

histeria, tísica ou escrófula, para ruína de sua saúde. A Sra. *Hardinge Britten*²⁰ que conheceu mais do que ninguém coisas de médiuns e mediunidade, contou-me em Nova York, em 1875, que raramente ou jamais conhecera um médium que não tivesse um temperamento escrofuloso ou tísico, e a observação médica demonstra, acredito, que entre eles são muito comuns os desarranjos dos órgãos reprodutivos. A mediunidade genuína, praticada em condições promíscuas, é, receio, um sério perigo físico, para não falar de seus efeitos morais. Todo médico nos diz que dormir num quarto mal ventilado, em companhia de um grupo variado de pessoas, algumas das quais talvez portadoras de doenças, é perigosíssimo e pode mostrar-se fatal. Mas este risco é nada, se comparado com aquele que o pobre médium público enfrenta, tendo de tolerar a presença de todos os que chegam e embeber-se na aura magnética deles, sejam eles saudáveis ou doentes, quer física ou moralmente: brutos, sensuais, irreligiosos, desespirtualizados, embrutecidos na maneira habitual de pensar, falar ou agir, ou o contrário. Ah! Pobres objetos, é uma prostituição psíquica, a deles. Três vezes ditosos os que podem desenvolver e praticar seus dotes psíquicos na vizinhança pura de companhia seleta e superior: assim eram guardadas as profetisas do Templo, nos tempos antigos.

As observações acima são relativas à linha de investigação que eu e H.P.B. adoramos, a pedido de Monsieur *Aksakoff*, em nome da comissão científica de São Petersburgo. Ao perceber que teríamos de escolher entre profissionais, não sendo provável que qualquer médium particular se dispusesse à amolação e à

²⁰ Emma Hardinge Britten, inglesa de nascimento, foi a Nova York com uma companhia de teatro e acabou radicando-se aí, com a mãe. Médium, pregadora e ativista do movimento espírita na América. Fundou o jornal *The Two Worlds* (Os Dois Mundos), de grande penetração nos meios interessados no assunto à sua época. Um caso interessante em que se envolveu foi aquele no qual ela foi informada de que o navio "*Pacific*" naufragara no Atlântico, tendo perecido todos os passageiros. Foi então perseguida pela empresa proprietária do navio, por ter divulgado o que lhe teria sido contado pelo espírito de uma das vítimas do naufrágio. (Citado por Conan Doyle, em *História do Espiritismo*, pág. 132). E. H. Britten morreu em 1889, e foi cognominada, pelos espíritas, "*a São Paulo do Espiritismo*", em alusão ao seu papel de viajante e pregadora em prol da causa (N. do T.).

publicidade implícitas em tal exame, decidimos que deveríamos ficar profundamente convencidos dos poderes psíquicos real e razoavelmente disponíveis do ou da médium que devêssemos finalmente recomendar. O desejo de *M. Aksakoff*, no sentido de que se desse preferência àqueles cujos fenômenos pudessem ser mostrados "*à luz*" era muito razoável, pois dessa forma minimizava-se a possibilidade de trucação bem sucedida; embora existissem então — e existam agora, para esse fim — uns poucos médiuns que podiam, em suas sessões à luz do dia, contar com algo de natureza muito surpreendente. Nossa escolha teria de reduzir-se a uns dois ou três como *C. H. Foster* ou o Dr. *Slade*, a quem era indiferente que a coisa se fizesse de dia ou de noite, uma vez que os sucessos deles em oferecer "*testes de identidade de espíritos*" eram razoavelmente certos. Decidimos, portanto, encontrar a qualquer custo um bom médium, quer ele ou ela viesse ou não de encontro ao ideal fixado por *M. Aksakoff*. Nossas consultas se estenderam por vários meses, até maio de 1876, se não me engano. Como já posso terminar este episódio, já que dele me ocupei, embora ele quebre a seqüência cronológica dos acontecimentos que envolvem a história da S.T., lembrarei, da melhor maneira possível, os sucessivos estágios da investigação mediúnica de São Petersburgo.

No verão de 1875, uma mulher chamada *Youngs* estava praticando a mediunidade como meio de vida em Nova York. Era, da maneira como a recordo obscuramente, pessoa de complexão sólida, de maneiras estrepitosas e físico forte, bem como de fortes poderes psíquicos. O tom no qual ela intimava seus "*guias na Terra do Espírito*" contrastava divertidamente com a inflexão melíflua que a maioria dos médiuns usa para dirigir-se aos invisíveis. "*Vamos lá, espíritos*", dizia ela, "*deixem de ser preguiçosos; vamos, vamos! qual é a de vocês? Mudem aquele*

piano, ou façam isto ou aquilo. Vamos, estamos todos esperando!" E eles faziam, como se obedientes à vontade dela. Seu principal fenômeno era fazer os espíritos levantarem um piano pesado, tamanho grande, e fazê-lo empinar para a frente e para trás, a tempo de ela tocar árias. Ouvi falar nela e achei que devia levar H.P.B. comigo e ver o que ela podia fazer. Ela concordou, e então coloquei no meu bolso três coisas, a serem usadas como novos testes da mediunidade dela - dois ovos crus e duas nozes inglesas, objetos cujo valor experimental em breve se verá. Felizmente, não sou obrigado a confiar totalmente na memória, já que achei um recorte do *New York Sun*, edição de 4 de setembro de 1875, dando um relato preciso da sessão e dos meus testes. Estavam presentes quinze pessoas. O repórter do Sun diz:

"A função começou com um levantamento do piano por forças invisíveis, três vezes para "sim" e uma vez para "não", em resposta a questões formuladas pela Sra. Youngs, pousando ela levemente as mãos no alto da caixa do piano. Então ela sentou-se e tocou várias árias, e o instrumento subiu e desceu e marcou o compasso. Daí ela foi até uma das extremidades do piano e chamou o Coronel Olcott, e quem mais, entre os outros, ia sendo escolhido para fazer a experiência, e, fazendo com que cada um colocasse a mão esquerda sob a caixa, deixava uma de suas próprias mãos sob ela, posto o que, a pedido dela, a ponta do pesado instrumento (diz o repórter que ele próprio não conseguiria levantar uma ponta do piano, tão grande era seu peso) levantava-se do chão sem o menor esforço da parte dela. Aqui, o Coronel pediu que lhe fosse permitido fazer um único teste, que não causaria qualquer dano à médium. A Sra. Youngs consentiu, e ele tirou de uma caixa um ovo de galinha, e pediu a ela que segurasse o ovo de encontro ao lado inferior do piano, solicitando então aos espíritos que o levantassem. A médium disse

que, no decurso de sua mediunidade, jamais fora sugerido um tal teste, e que ela não podia dizer que ele tivesse bom êxito, mas tentaria. Pegou o ovo e segurou-o da maneira desejada, e então, dando pancadas sobre a caixa com a outra mão, pediu aos espíritos para verem o que podiam fazer. Imediatamente o piano levantou-se como antes, e manteve-se por um momento suspenso no ar. A novel e notável experiência foi um completo sucesso”.

"A Sra. Youngs, então, pediu a tantas quantas pudessem, dentre as pessoas mais pesadas da sala, que se sentassem no instrumento, que subissem nele, e, sendo o convite aceito por sete senhoras e cavalheiros, ela tocou uma marcha, e o instrumento, com as pessoas e tudo, foi facilmente levantado. Nesse momento o Coronel Olcott apresentou um par de nozes inglesas, e pediu aos espíritos que quebrassem as cascas delas sob as pernas do piano sem amassar-lhes o miolo, sendo sua intenção, com isso, demonstrar que ali se exercia um poder qualquer acima da própria mulher, e um poder governado por inteligência. Os espíritos estavam dispostos a fazê-lo, mas, como as pernas do piano estivessem montadas sobre rodízios, abandonou-se o teste. Então o Coronel pediu licença para segurar um ovo, com sua própria mão, contra o lado inferior do piano, ao mesmo tempo que a Sra. Youngs deixasse a mão dela sob a mão dele e contra a mesma, de forma que ele pudesse ter uma perfeita demonstração do fato de não haver qualquer força muscular sendo exercida por ela. Houve também aquiescência para esta prova, e ela foi imediatamente tentada. O piano levantou-se o mesmo tanto que antes. Encerraram-se então as manifestações da noite, com o levantamento do instrumento sem o toque das mãos da médium."

Foi, certamente, uma espantosa manifestação de força psicodinâmica. Não era apenas um piano de sete oitavas e meia, pesado demais para que um

homem o levantasse na perpendicular, erguido sem o menor dispêndio de força muscular, pela médium ou por qualquer outra pessoa viva presente, e numa sala totalmente iluminada, como também demonstrava-se uma compreensão inteligente dos pedidos e anuência a eles. Admitamos que só a inteligência da médium estivesse em jogo, e ainda temos o problema de como podia ela transformar seu pensamento, primeiro, em vontade, e depois em força ativa. A prova final, de fazê-la deixar a mão sob a minha, que segurava um ovo, e então fazer levantar-se o pesado instrumento, tão levemente como uma pena, contrariando a lei da gravidade, foi, para mim, tanto quanto para *H.P.B.*, prova conclusiva de seu dom mediúnico, e fizemos-lhe uma oferta condicional no sentido de recomendá-la a *M. Aksakoff*. Havia a condição de que ela se submetesse a uma série de testes inofensivos e convincentes, sua aprovação nos quais nos serviria de garantia para endossá-la plenamente. No entanto, ela declinou do oferecimento, alegando a longa viagem que teria de fazer e a sua relutância em sair do seu país para ir viver no meio de estrangeiros. Não sei o que foi feito dela, mas ouvi dizer que adotou minha prova do ovo como uma demonstração "*de bolso de colete*" da veracidade de sua mediunidade. Havia nela muito pouca espiritualidade, mas uma boa porção de revolução da física, que, pensei eu, podia fazer tremer nas bases o Professor *Mendeleyeff* e seus confrades cientistas.

Fase mediúnica muito mais bela e poética era a da Sra. *Mary Baker Thayer*, de Boston, Massachussets, ao exame de cujos fenômenos dediquei umas cinco semanas daquele mesmo verão. Ela é, ou era, aquilo que se chama uma "*médium de flores*", isto é, uma psique em cuja presença chovem mancheias de flores, crescem arbustos, videiras e relva, e folhas e ramos recém-arrancados de árvores, talvez de espécies exóticas, só encontráveis em estufas naquele país frio.

Quando a conheci, era uma mulher de meia-idade, de maneiras cativantes, muito prestativa a testes, e sempre jovial e afável. No entanto, como muitos outros médiuns públicos, ela bebia um pouco; disse ela — e acredito — que era para preparar-se para a terrível drenagem que os fenômenos exerciam sobre sua força nervosa. De que ela era uma médium verdadeira, estou plenamente convencido, mas sei também que completava seus fenômenos genuínos com truques. Sei porque a peguei em flagrante, certa noite do ano de 1878, pouco antes de partirmos para a Índia, quando ela tentava convencer-me da sua capacidade de fazer "*a matéria atravessar a matéria*", numa imitação dos célebres experimentos realizados em Leipzig, com a ajuda do médium *Slade*. Fiquei muito sentido de que ela tentasse a brincadeira comigo, pois até então eu nada tivera a dizer dela senão coisas boas. É triste, repito, saber que esses pobres mártires mediúnicos do egoísmo e da curiosidade humanos sejam tão freqüentemente, para não dizer invariavelmente, levados pela necessidade a agir contra a credulidade pela falta de manutenção e vigilância racionais por parte de sociedades e comissões espíritas constituídas, no comando de fundos adequados para esse fim. Sempre me compadecei, mais do que vituperei, dos desgraçados médiuns, ao mesmo tempo que atribuo a responsabilidade ao *Espiritismo* como uma corporação, a quem pertence unicamente. Que aqueles que pensam de maneira diferente experimentem por um momento a fome e o desprezo egoísta, e vamos ver se eles serão então tão rápidos em condenar as psiques artificiosas.

Um longo relatório resumido de minhas investigações *Thayer* - das quais H.P.B. participou em parte - apareceu no *New York Sun*, em sua edição de 18 de agosto de 1875, sendo largamente copiado em toda a América e Europa e traduzido em diversas línguas.

Era este o método de procedimento nas sessões da Sra. *Thayer*: Reunida a assistência, pedia-se a algum visitante respeitável, muito grato a todos, que examinasse a sala e a mobília, que prendesse, e, se o desejasse, lacrasse as janelas, trancasse as portas e tomasse conta das chaves. Se lhe fosse pedido, a médium também (desde que ela não ideava qualquer truque), se submeteria à revista de suas próprias roupas para detectar-se eventuais flores ou objetos ocultos. Deixou-me fazer isto sempre que eu quis, e de boa vontade deixou-me amarrá-la e lacrá-la num saco, numa prova que empreguei primeiro com a Sra. *Holmes*. Todos os presentes deviam então sentar-se ao redor de uma grande mesa de jantar, dar-se as mãos (a médium também, como o resto), apagavam-se as luzes e, em total escuridão, esperava-se pelos fenômenos. Depois de alguma demora, podia-se ouvir um tamborilado no tampo nu da mesa, o ar enchia-se de fragrância, e a Sra. *Thayer* pedia luz. Ao iluminar-se a sala, via-se, por vezes, a superfície da mesa toda coberta de flores e plantas, e, às vezes, achavam-se flores e plantas enfiadas na roupa ou no cabelo dos que estavam sentados. Ocasionalmente vinham borboletas, ou ouvia-se uma revoada de pássaros acima das cabeças e podia haver um pombo, um canário, um pintarroxo ou algum outro pássaro, voando pelos quatro cantos da sala; ou um peixe dourado estava se debatendo na mesa, úmido, como se tivesse acabado de ser tirado da água. As pessoas presentes, por vezes, gritavam de deleitado espanto ao encontrar entre as mãos qualquer flor ou planta que haviam mentalmente pedido lhes fosse trazida. Vi, uma noite, em frente a um cavalheiro escocês, uma urze crescida de sua terra natal, com raízes e tudo, e com a terra agarrada a elas, como se tivesse acabado de ser arrancada. Havia até três minhocas mexendo-se no barro. Era bastante comum serem trazidas esmiláceas e outras trepadeiras, aparentemente recém-tiradas de seus vasos ou canteiros, e com

terra entre as raízes: eu mesmo vi. Mas tive coisa ainda melhor. Uma tarde, visitei o *Cemitério de Forest Hills*, situado num subúrbio de Boston, e, atravessando as estufas, chamou-me a atenção uma planta curiosa, com folhas longas e estreitas, listrada de branco e verde pálido, conhecida em botânica por "*Dracena Regina*". Desenhei com meu lápis azul, sob uma das folhas, a estrela de seis pontas, e pedi mentalmente aos espíritos que a trouxessem a mim no próximo círculo da Sra. *Thayer*, na noite seguinte. Sentei-me, nessa ocasião, ao lado dela, e segurei-lhe as mãos para assegurar-me de sua boa fé. No escuro, senti um objeto frio e úmido pingar numa das minhas mãos, objeto esse que, uma vez iluminada a sala, revelou-se a minha folha marcada de *Dracena*! Para certificar-me duplamente, tornei a visitar a estufa e descobri que minha folha tinha realmente sido destacada do caule e aquela que eu tinha no bolso serviu na fratura! Diversos fatos semelhantes, para os quais falta-me espaço para sequer mencionar de passagem, convenceram-me de que a Sra. *Thayer* era uma verdadeira sensitiva; houve, sobretudo, certo fenômeno fisiológico que não apenas reforçou minha crença, mas lançou muita luz sobre todo o problema da mediunidade. Segurando ambas as mãos dela na minha, notei que exatamente no momento em que as plantas cadentes começavam a tamborilar sobre a mesa, ela tremia como se estivesse com frio, suspirava, e suas mãos tornavam-se imediatamente mortalmente frias, como se de repente lhe houvesse perpassado pelas veias um fluxo de água gelada. No momento seguinte, as mãos dela readquiriam a temperatura normal da saúde. Desafio todos os cientistas desconfiados do mundo a imitar em si mesmos este fenômeno. O fato parece indicativo de uma troca total de "*polaridade vital*" na produção dos fenômenos, para usar uma expressão necessária. Quando *H.P.B.* evocou a forma espiritual em tamanho natural que saiu da cabine da Sra. *Holmes* (*People of the Other World*, pág.

477), ela agarrou convulsivamente minha mão, e a dela ficou fria de gelo; a mão do *Signor B.*, o feiticeiro italiano, parecia de gelo depois do fenômeno de chamar chuva; e a passagem do transe histérico para o cataléptico e outros estágios mais profundos de inconsciência física é acompanhado de queda da temperatura corporal. O Dr. A. Moll diz (*Hypnotism*, pág. 113) que experiências "*particularmente surpreendentes*" de *Kraft-Ebing* provam que "*devemos supor uma capacidade assombrosa de regulação da temperatura do corpo*" pela sugestão hipnótica. É lícito inferir-se, portanto, que uma tal mudança muito acentuada no calor animal, como vimos ocorrer com a Sra. *Thayer* e outros no momento em que estão ocorrendo os fenômenos psíquicos, indica "*bona fides*" que a alteração patológica não podia ser simulada. Para não nos demorarmos demasiado no caso desta médium, embora seja ele profundamente interessante, mencionarei simplesmente o fato de que, numa de suas sessões públicas, contei e identifiquei oitenta e quatro espécies de plantas; noutra, realizada sob minhas próprias condições de teste, vi aparecerem pássaros, peguei-os e os retive; noutra, numa residência particular, à plena luz do dia, vi flores e um galho arrancado de uma árvore num conjunto; e ainda noutra, na casa do mesmo amigo — onde eu e H.P.B. éramos hóspedes, tendo ela vindo de Filadélfia e eu de Nova York para dar prosseguimento a essas investigações para *M. Aksakoff* — vi pedras e velha e singular faca de mesa, de modelo antigo, deixadas cair sobre a mesa. Mas uma rosa em particular, que me foi dada pelo benévolo *Pushpa Yakshini* da Sra. *Thayer* (vide o artigo intitulado "*Fire Elementals*" — "*Elementais do Fogo*", no *Theosophist*, vol. XII, 259), serviu de veículo a um fenômeno realizado por *H.P.B.*, que ultrapassa tudo o que já vi um médium fazer.

Nossa gentil anfitriã, a Sra. *Charles Houghton*, esposa de um conhecido advogado de Boston, residente no bairro de *Roxbury*, foi comigo à cidade, uma

noite, para assistir à sessão pública da Sra. *Thayer*. *H.P.B.* declinou de ir, e deixamo-la assim conversando com o Sr. *Houghton* na sala de estar. Mandáramos vir a carruagem a determinada hora, mas a sessão fora curta, e todos os assistentes tinham saído, à exceção da Sra. *Houghton*, outra senhora e eu. Como não tínhamos nada melhor de que nos ocupar, pedi à Sra. *Thayer* que desse uma sessão particular para nós três, com o que ela concordou prestativamente. Assim, tomamos lugares à mesa. Segurei as duas mãos da médium e coloquei um pé sobre os dois pés dela, uma das senhoras fechou as portas e viu que as janelas estavam seguras, e a outra encarregou-se da luz. Apagada esta, esperamos no escuro durante algum tempo, mas não houve qualquer som de plantas caindo. Dali a pouco ouvimos o carro dirigindo-se para a porta, e, no mesmo instante, senti cair de leve uma flor fria e úmida, como se fosse um floco de neve, sobre o dorso de minha mão. Eu nada disse até que se acendesse a vela, e mesmo então continuei segurando as mãos da Sra. *Thayer*, e chamei a atenção das senhoras para o fato: a flor na minha mão, um lindo botão de rosa, duplo e meio aberto, cintilante de gotas de sereno. A médium, estremecendo como se alguém a tivesse chamado de trás, disse: "*Os espíritos dizem, Coronel, que é um presente para Madame Blavatsky.*" Passeio em seguida à Sra. *Houghton*, e ela o entregou a *H.P.B.* ao chegar em casa, onde a encontramos fumando cigarros e ainda em conversa com o nosso anfitrião. A Sra. *Houghton* saiu da sala para ir tirar o chapéu e o abrigo, e eu me sentei com os outros. *H.P.B.* segurava a rosa, cheirando-lhe o perfume e tendo no rosto uma ar característico de alheamento, que as pessoas mais chegadas a ela sempre associaram com a produção de seus fenômenos. Seu enlevo foi interrompido pelo Sr. *Houghton*, que disse: "*Que flor extraordinária, Madame, deixe-me vê-la, por favor.*" Ela passou-lhe a flor com o mesmo ar sonhador, e como que mecanicamente. Ele aspirou-lhe o

perfume, mas de repente exclamou: "*Como é pesada! Nunca vi uma flor como esta. Veja, o peso dela na verdade a faz pender do caule!*" "*De que o senhor está falando?*", comentei, "*Nada há de incomum com ela; certamente não havia, há momentos, quando ela caiu na minha mão. Deixe-me vê-la.*" Tomei-a dele com a mão esquerda, e oh! sem dúvida ela pesava muito. "*Tenha cuidado; não a quebre!*" exclamou *H.P.B.* Ergui suavemente o botão, com o polegar e o indicador da mão direita e olhei para ele. Nada, que fosse visível ao olho, podia ser responsabilizado pelo peso fenomenal. Mas dali a pouco, bem no coração da rosa, brilhou um pontinho de luz amarela, e antes que eu pudesse dar uma segunda olhada, um espesso aro de ouro liso saltou, como que impelido por uma mola interior, e caiu no chão entre os meus pés. A rosa retomou imediatamente sua posição ereta e desaparecera o seu peso incomum. O Sr. *Houghton* e eu, ambos advogados, levados pelo instinto profissional de cautela, examinamos então cuidadosamente a flor, mas não descobrimos o menor sinal de que se lhe houvessem adulterado as pétalas; elas estavam tão cerradamente dispostas e sobrepostas que não havia possibilidade de forçar o anel sob o invólucro sem mutilar o botão. E, na verdade, como poderia *H.P.B.* ter feito o truque, bem defronte aos nossos dois pares de olhos, sob o brilho total de três bicos de gás, e enquanto segurava a rosa na mão direita por um espaço de tempo não superior a alguns minutos, antes de tê-la dado ao Sr. *Houghton*? Bem, certamente, há uma explicação possível na *Ciência Oculta*: a matéria do anel de ouro e a das pétalas da rosa poderiam ter sido levadas da terceira para a quarta dimensão, e novamente restituídas à terceira no momento em que o anel saltou da flor. E isso, sem dúvida, foi o que aconteceu; e os físicos de mente aberta queiram, por favor, notar que a matéria pode ter peso sem volume físico, como prova esta encantadora experiência. Constatou-se que o anel pesava

meia onça²¹. Estou usando-o neste momento. Não era uma criação do nada, apenas um "apport"; pertencia a *H.P.B.*, creio eu, e está "gravado", ou por outra, impresso para indicar sua qualidade. Era um grande anel para fenômenos, certamente, a julgar pelo que aconteceu a ele um ano e meio mais tarde. A *Sociedade Teosófica* tinha, então, um ano de vida, e eu e *H.P.B.* estávamos morando em dois apartamentos da mesma casa. Uma noite, minha irmã casada, Sra. *W. H. Mitchell*²², veio com o marido visitar-nos, a *H.P.B.* e a mim, e, no decorrer da conversa, pediu-me para ver o anel e fez-me contar a história dele. Olhou para ele e pôs-lhe o dedo, enquanto eu falava, após o que passou-o a *H.P.B.* na palma da mão esquerda, para que ela o pegasse. Mas *H.P.B.*, deixando-o como estava, sem tocá-lo, fechou os dedos de minha irmã sobre ele, segurou-lhe a mão por um momento e depois soltou-a e disse à minha irmã para olhar. Não era mais um anel de ouro liso, pois descobrimos três diamantezinhos incrustados no metal, à moda "cigana", e dispostos de modo a formar um triângulo. Como aquilo foi feito? A teoria menos miraculosa é que *H.P.B.* tivesse previamente mandado um joalheiro incrustar os diamantes, e os tivesse escondido de nós inibindo nosso sentido de percepção até que o sortilégio fosse removido no momento em que a mão de minha irmã se abriu. Como experiência hipnótica, é perfeitamente compreensível; vi fazerem-se muitas coisas e posso fazê-las eu mesmo. Pode-se não apenas cobrir um pequeno diamante com a máscara da invisibilidade, mas também um homem, uma sala cheia de gente, uma casa, uma árvore, uma rocha, estrada, montanha — qualquer coisa, em resumo: a sugestão hipnótica inclui aparentemente possibilidades ilimitadas. Bem, que esta experiência específica tenha a explicação que tiver, foi um perfeito sucesso.

²¹ Onça, medida equivalente a 1/12 de libra ou pouco mais de 28 gramas. (N. do T.)

²² Se alguém preferir perguntar-lhe, ela confirmará minha narrativa, sem dúvida. Seu endereço é Orange, New Jersey, EUA.

Voltando à Sra. *Thayer*: agradou-nos tanto a sua fase de mediunidade, que lhe oferecemos a oportunidade de ir à Rússia, mas, como a Sra. *Youngs*, e pelos mesmos motivos, ela declinou. Foram feitas ofertas semelhantes, sob condições, à Sra. *Huntoon*, uma irmã dos *Eddy*, e à Sra. *Andrews* e ao Dr. *Slade*, mas todos declinaram. E assim o caso se arrastou até o inverno de 1875, época em que passou a existir a *Sociedade Teosófica*; a comissão de *M. Aksakoff* rompera o convênio original idealizado para assegurar uma investigação criteriosa dos fenômenos, e, tendo à frente o Professor *Mendeleyeff* — empedernido materialista - publicara um relatório desabonador, elaborado sobre conjeturas sem base, não em evidências ; posto o que, *M. Aksakoff*, com nobre desprendimento e por límpido amor à verdade, determinou levar avante o programa original por sua própria conta e risco. Por essa época, escreve ele ao *Spiritualist*, de Londres:

"Quando resolvi procurar médiuns para visitarem São Petersburgo... decidi-me por uma linha de ação que comuniquei ao Coronel Olcott, a quem encarreguei de escolher os médiuns na América. Disse-lhe que queria que nossa comissão tivesse meios de provar o movimento anormal de objetos sólidos à luz, sem contato com qualquer pessoa viva. Eu desejava ainda encontrar médiuns que pudessem induzir o movimento de objetos sólidos no escuro, atrás de cortinas, enquanto sentados em frente aos assistentes e sendo totalmente vistos por eles" etc.

Isto dará aos meus leitores indianos uma idéia dos extraordinários fenômenos físicos que aconteciam, naquela época, nos países ocidentais. No Oriente, semelhantes deslocamentos de coisas sólidas, como mobiliário doméstico, utensílios de cozinha, artigos de vestuário etc., são coisas de que ocasionalmente se ouve falar, mas sempre com horror, e as testemunhas oculares sequer sonharam

tornarem-se elas mesmas sujeitos de pesquisa científica; são, pelo contrário, olhadas como desaventurados, obra de maus espíritos, muitas vezes de almas penadas de parentes próximos e amigos íntimos, e seu maior desejo é refutá-las como incômodos impróprios. Repito, apenas, aquilo que foi freqüentemente explicado diante de todos os escritores teosóficos, ao dizer-se que o intercâmbio entre o vivo e seus amigos e parentes ou conhecidos falecidos é, para o asiático, uma prova abominável de que os mortos não são ditosamente separados dos interesses terrenos, e são assim obstados em sua evolução normal à condição de puro espírito. O Ocidente, como um todo, a despeito de seu credo religioso, é grosseiramente materialista, imaginando a vida futura como mera extensão desta em tempo — e em espaço também, se considerarmos suas concepções físicas de céu e inferno — e consegue apenas apanhar a realidade da existência consciente no pós-morte através de fenômenos físicos concretos tais como os que *M. Aksakoff* enumera, e os muitos outros que pasmam os que visitam os médiuns²³. O Oriente, por outro lado, é espiritual e filosófico em seus conceitos, e fenômenos do tipo mencionado são, para os asiáticos, apenas evidências da possessão de uma baixa classe de poderes psíquicos por parte daqueles que os exibem. O incidente do meu anel nascido da flor, das chuvas de plantas, flores e pássaros da Sra. *Thayer*, e do levantamento de pianos sobre ovos, pela Sra. *Youngs*, sensibilizam a imaginação do materialista ocidental, não como horrores, as simplesmente como mentiras interessantes, demasiado revolucionárias, cientificamente, para serem verdadeiras, ainda que grandemente importantes, neste caso. Suponho que devo ter ouvido mais de uma centena de vezes pelo menos, na Índia, que era uma grande pena que *H.P.B.*

²³ Ao redigir o discutidíssimo "*Terceiro Objetivo*" da Sociedade Teosófica, em Nova York, meu espírito foi influenciado pelo conhecimento deste fato, e, ao mesmo tempo, minha ignorância de todo o escopo da Ciência Oriental. Soubesse eu dos males que haviam de nos advir do pretendido desenvolvimento de poderes psíquicos, tê-lo-ia colocado de outra forma.

mostrasse os fenômenos, pois isso provava não ter ela atingido um alto estágio de *Yoga*. Na verdade, o *Yogi* é advertido por *Patanjali*, como o eram os contemporâneos por *Gautama Buddha*, para acautelar-se contra a vã demonstração de seus prodígios, ao descobrirem que os *Siddhis* tinham-se desenvolvido o curso de sua evolução psíquica. Até o próprio *Buddha* exibia às vezes seus poderes transcendentais desse tipo, mas aproveitava a ocasião para pregar as nobres doutrinas de seu *Arya Dharma*, e para incentivar seus ouvintes aos mais nobres esforços no sentido da espiritualização, depois de se desanimalizarem. O mesmo se aplica, à maioria dos educadores religiosos. Não deveria *H.P.B.* adotar política semelhante? Não deveria ela, mesmo ao fazer suas maravilhas, alertar-nos a todos de que elas representavam apenas uma parte bastante subalterna e insignificante da *Teosofia* — algumas, meras sugestões hipnóticas, outras prodígios físicos no manejo da matéria e da força, pelo conhecimento dos segredos destas e por um controle adquirido sobre as raças *elementais* relacionadas com os fenômenos cósmicos? Ninguém pode negar isto; ninguém pode, em verdade, asseverar que ela não ensinasse invariavelmente que o experimento psíquico está, para a filosofia espiritual, na mesma relação em que o experimento químico está para a ciência química. Sem dúvida, ela errou em desperdiçar poder para pasmar observadores sem importância, energia essa que poderia ter sido muito mais proveitosamente empregada em abrir brechas nas paredes da incrédula e despótica ciência ocidental: ainda que ela tenha, por esse meio, convencido alguns que foram assim induzidos a fazer um bom trabalho por este nosso grande movimento; e alguns dos mais incansáveis desse gênero entre nós passaram-se do espiritualismo ocidental para o oriental pela ponte dos fenômenos psíquicos. De minha parte, posso dizer que a grande gama de portentos do poder da vontade disciplinada, que ela me mostrou,

facilitou-me a compreensão das teorias orientais da ciência espiritual. Meu maior desgosto é que outros, especialmente aqueles dentre os meus colegas orientais cuja mente estava perfeitamente preparada, não tenham tido a mesma oportunidade.

CAPITULO VII: Dr. Slade

Nossa busca aos médiuns levou-nos a escolher o Dr. *Henry Slade* para o teste de São Petersburgo. O Sr. *Aksakoff* enviou-me, para as despesas, mil dólares em ouro, e, no tempo devido, o Dr. *Slade* partiu para a sua missão. Mas, por avareza, ou talvez por vaidade, certamente mais por imprudência, ele se deteve em Londres, deu sessões, criou uma grande excitação pública, e foi detido após apresentação de queixa pelo Professor *Lankester* e o Dr. *Donkin*, sob alegação de fraude. Foi seu advogado *C. C. Massey*, que o salvou na apelação, valendo-se de um pormenor técnico. *Slade* prestou-se em seguida aos famosos testes de *Leipzig*, pelos quais o Professor *Zollner* provou sua teoria da *Quarta Dimensão*, e visitou o *Hague* e outros lugares antes de ir a São Petersburgo. Antes de o mandarmos para o estrangeiro, ele submeteu seus poderes mediúnicos ao escrutínio de uma comissão especial da *Sociedade Teosófica*, a qual, com um dissidente, que fez um relatório minoritário sumamente injusto, certificou para o Sr. *Aksakoff* sua crença na autenticidade dos fenômenos do Dr. *Slade*. O Sr. *James Simmons*, seu ex-sócio nos negócios, forneceu, para publicação no *Theosophist* de novembro de 1893, uma narração sumamente instrutiva, demonstrando longa e íntima familiaridade com seus poderes.

Até começar a escrever o presente capítulo, eu tinha esquecido totalmente em que altura do ano de 1875 foi trazida à atenção do público a teoria oriental dos espíritos subumanos e ligados à terra, mas agora descubro, nos nossos *Álbuns de Recortes*, que o termo "*Espíritos Elementais*" foi usado pela primeira vez por mim mesmo, numa carta ao *Spiritual Scientist*, edição de 3 de junho de 1875, fazendo-se referência aos espíritos subumanos dos elementos, ou àquilo a que hoje

denominamos "*elementais*". Foi apenas uma simples referência, sem que se dessem quaisquer detalhes *explanatórios*, que pretendia ser um alerta aos espíritas para que não engolissem, como vinham fazendo anteriormente, sem passar pela adequada sondagem e análise, as mensagens de reais ou pretensos médiuns como comunicações fidedignas de espíritos de falecidos. A publicação da circular "*Luxor*" (no *Spiritual Scientist* de 17 de abril de 1875) provocou alguma correspondência particular e comentários públicos, sendo, neste último caso, o exemplo mais importante o de um artigo erudito e interessante, escrito por um jovem tribuno chamado *Failes*, que escreveu sob o pseudônimo de "*Hiraf*". Esse artigo apareceu no *Spiritual Scientist* durante 1875, página 202, e teve prosseguimento na edição da semana seguinte. Está repleto de idéias teosóficas interpretadas em termos *rosacruzianos* e sob esse título. O escritor apresenta a filosofia oriental da *Unidade e Evolução*, e mostra que ela antecipou em muitos séculos as modernas teorias de correlação de forças e conservação da energia. Sua maior importância, porém, residia no fato de ter ele merecido uma resposta de *H.P.B.*, a qual, em nosso *Álbum de Recortes*, ela denomina "*Meu primeiro lance oculto*", e que, na verdade, franqueou todo o campo de pensamento anteriormente arado pelos membros, amigos e adversários da *Sociedade Teosófica*.

Ao traçar a história literária de *H.P.B.* a partir daquele ponto até o fim de sua vida, um fato importante deveria ser tido em mente por quem lhe deseje fazer apenas justiça. Era uma mulher "*culta*", no sentido literário, quando veio para a América. Muito mais tarde, quando ela começou *Ísis Revelada*, inquiri-a sobre sua bem-amada tia, *Mademoiselle N. A. Fadeyerf*, junto a quem a sobrinha apreendera todo esse variado conhecimento de filosofias recônditas, metafísica, e ciências, essa compreensão prodigiosamente intuitiva de evolução étnica, as migrações de idéias,

as forças ocultas da natureza etc.; escreveu-me ela, francamente, que até o último encontro delas, havia uns quatro ou cinco anos, Helena "*não tinha sequer imaginado em sonhos tais coisas*", e que a educação dela fora simplesmente a de qualquer mocinha de boa família.

Aprendera, além de sua língua-mãe, o russo, ainda o francês, um pouco de inglês, umas noções de italiano, e música; estava surpresa com minhas alusões à sua erudição, e só podia atribuí-la à mesma espécie de inspiração de que gozaram os Apóstolos, que, no *Dia de Pentecostes*, falavam em línguas estranhas, as quais anteriormente ignoravam. Acrescentou que, desde a infância, a sobrinha fora médium, mais extraordinária pelo poder psíquico e variedade de fenômenos do que qualquer daqueles sobre os quais ela lera em todo o decorrer de uma vida de estudos sobre o assunto²⁴. Tive uma oportunidade melhor do que qualquer dos amigos dela de saber o que eram as suas verdadeiras realizações literárias, tendo-a ajudado na sua correspondência e trabalhos de autoria, e corrigido quase cada página de seu MSS durante anos, além do que, gozei da confiança dela, num grau mais profundo do que qualquer outra pessoa, de 1874 a 1885. Posso, então, afirmar que, naqueles primeiros dias, ela não era, em seu estado normal, uma mulher culta, e jamais foi uma escritora precisa. Isto, a propósito de sua resposta a "*Hiraf*", na qual ela entrou em particularidades sobre o Ocultismo e explicou a natureza dos espíritos elementares. Um seu crítico, culto, mas cegamente vingativo, estigmatiza seu artigo como "*simples reiteração dos escritos sobre magia, de Eliphas Levi e Des Mousseaux, e dos "Rosacruzianos" de Hargrave Jennings.*" "*Nesse artigo*", diz ele, "*Madame (sic) renuncia a qualquer autoridade como mestra, dizendo-se "uma pobre e ignorante", e afirma que desejou simplesmente contar um pouco do pouco que*

²⁴ Carta datada de Odessa, 8/20 de maio de 1877.

absorveu em suas longas viagens ao Oriente. A afirmação de que ela extraísse "do Oriente" seja o que for desse artigo é falsa; ele foi todo tirado de livros europeus."

E de onde seus autores adquiriram o conhecimento, senão de outros autores? E esses autores? Do Oriente, sempre do Oriente. Nenhum dos citados era um ocultista prático, adepto da psicologia prática²⁵; nem mesmo *Eliphas Levi*, salvo no grau menor de ser capaz (admitindo-se seu próprio testemunho) de evocar espíritos mediante fórmulas de Magia Cerimonial. Ele era também um grande aficionado dos prazeres da mesa, para ser qualquer coisa mais elevada em *Magia*. *Des Mousseaux* era simplesmente um laborioso e bem sucedido compilador a serviço dos *Jesuítas* e *Teatinos*, cujos certificados lisonjeiros publica em suas obras; e, quanto ao falecido Sr. *Hargrave Jennings*, todos o conhecemos como um estimável cavalheirozinho, um literato londrino, com conhecimento livresco de assuntos ocultos e não notavelmente acurado em suas deduções. Se H.P.B. adquiriu ou não seus conhecimentos ou seus poderes psíquicos práticos no Oriente, é inegável que ela os tinha, podia pô-los em prática sempre que o desejasse, e que suas explicações a respeito deles eram idênticas às que são ministradas nos ensinamentos de qualquer escola oriental de Ciência Oculta. Eu, pessoalmente, posso ainda atestar que ela tinha relações com adeptos orientais, e que não apenas ela, mas até eu, fomos visitados por eles, com eles conversamos e deles recebemos ensinamentos, antes de sairmos da América e depois de alcançarmos a Índia. Para ela, os livros de *Levi*, *Des Mousseaux*, e todos os outros escritores, antigos ou modernos, eram simplesmente caixas de ferramentas, de onde ela podia tirar as de

²⁵ Na época em que escreve o Coronel Olcott, usava-se ainda o termo "*psicologia*" sem a conotação científica específica que passou a ter neste século. O termo abrangia indiscriminadamente especulações filosóficas e estudos espíritas e ocultistas. Assim como a expressão "*neurologia*" tinha, no início das experiências da Salpêtrière, uma conotação muito mais vaga. Foi realmente com Charcot, e depois com Freud, que aquilo a que hoje conhecemos por Psicologia passou a ter uma real especificidade no âmbito científico e normativo. (N. do T.)

que necessitasse para construir a estrutura ocidental onde haveriam de habitar as idéias orientais: de uma, ela podia extrair um fato, de outra, outro. Ela achou-as ferramentas imperfeitas, na melhor das hipóteses, para aqueles que conheciam, dissimulados, e para os que não conheciam, distorcidos e mutilados ou mal interpretados, os seus fatos. Os escritores ocidentais, rosa-cruzes, herméticos e teosóficos, produzindo seus livros em épocas de ignorância religiosa e fanatismo cruel, escreveram, por assim dizer, com o machado do carrasco suspenso sobre o pescoço, ou o feixe do executor sob a cadeira, e ocultaram seu conhecimento divino sob símbolos bizarros e metáforas ilusórias. Faltava ao mundo um intérprete, e *H.P.B.* veio suprir essa necessidade. Tendo as pistas do labirinto em sua própria consciência treinada e plena experiência prática, ela mostrou o caminho, de tocha na mão, e convidou os que tinham audácia moral a segui-la²⁶. Um crítico americano disse, de *Ísis*, que ela fez indiscriminadamente citações de autores clássicos e dos jornais circulantes; e estava certo, pois não importa que autor ou jornalista ela citasse, contanto que o texto dele sugerisse uma idéia que viesse ilustrar o tema atual dela. Esta resposta a "*Hiraf*" foi o primeiro dos escritos esotéricos dela, assim como a sua resposta ao Dr. *Beard* foi a primeira de suas defesas do espiritismo mediúnico. A história da Literatura não oferece espetáculo mais surpreendente do que o desta nobre russa elegantemente sub-educada, que às vezes escrevia em inglês como um britânico; um francês tão puro que autores franceses disseram-me que seus artigos iriam servir de modelo estilístico nas escolas francesas; e um russo tão sedutoramente brilhante que levaria o diretor da mais importante revista russa a realmente suplicar-lhe que escrevesse constantemente para sua revista, dirigindo-se a ela em termos tão elevados quanto a um *Tourguénief*. No entanto, ela não esteve

²⁶ Digo isto com reservas quanto ao verdadeiro grau da própria participação dela no caso, sobre o que não sinto vontade de dogmatizar.

sempre nessa maré alta: escreveu por vezes um inglês tão ruim que seu *MSS* teve de ser quase que reescrito. Nem era, como já se disse, uma escritora metódica ou precisa, sua mente parecia precipitar-se num tal passo, e torrentes de pensamento derramavam-se de ambos os lados com tal força que, nos escritos dela, resultavam confusão e falta de método. Uma vez ela riu-se, mas confessou a justeza da comparação, quando eu lhe disse que sua mente era como a imagem do *Entroncamento de Mugby*, de *Dickens*, com seus incessantes trens rangendo para cá e para lá, manobrando e afastando-se, e da manhã à noite mantendo uma desnorteante confusão. Mas, para começar com o artigo de "*Hiraf*" e chegar até à última linha que ele escreveu em letra de imprensa, deve-se dizer honestamente uma coisa — o texto dela sempre foi cheio de sugestões de pensamento, num estilo brilhante e viril, enquanto que seu senso mordaz de humor freqüentemente temperava seus mais graves ensaios com idéias que provocavam hilaridade. Para o erudito metódico, ela era exasperante, embora jamais obtusa ou desinteressante. Mais tarde, terei ocasião de falar das mudanças fenomenais em seu estilo e maneiras literárias e de conversação. Eu disse, e sempre reiterarei, que aprendi mais com ela do que com qualquer mestre, professor ou autor com quem eu já tenha lidado. No entanto, a grandeza psíquica dela, de tal forma superou sua primeira educação e disciplina mental que os críticos que a conheceram apenas em literatura cometeram contra ela uma amarga e selvagem injustiça. *X. B. Saintine* escreve, em *Picciola*, que o isolamento é a punição da grandeza; o caso dela prova este aforismo: ela habitou as alturas espirituais onde só pairam as águias da espécie humana. A maioria de seus adversários viu apenas a lama de seus sapatos; e, na verdade, ela por vezes os limpou até em seus amigos, que não podiam alçar-se em asas tão fortes quanto às dela própria.

A carta de "*Hiraf*" tem outro valor histórico, naquilo que ela aí proclama inequivocamente "*de conhecimento pessoal*" - a existência de livros formais de treinamento oculto "*na Índia, Ásia Menor, e outros países*".

"*Como nos primitivos dias de Sócrates e outros sábios da antiguidade*", diz ela, "*assim agora, aqueles que estão desejosos de aprender a Grande Verdade encontrarão sempre a oportunidade, se apenas 'tentarem' encontrar alguém que os conduza à porta 'daquele' que saiba quando e como*". Ela corrige a generalização demasiado radical de "*Hiraf*", quando ela chama todos os ocultistas de Rosacruz, dizendo-lhe que aquela fraternidade foi apenas uma das muitas seitas ou grupos ocultos. Aí ela se intitula abertamente "*uma seguidora do Espiritismo Ocidental*", e antevê a época em que o Espiritismo Americano "*tornar-se-á uma ciência e objeto de certeza matemática*". Novamente, voltando à questão dos adeptos, diz ela que a verdadeira Cabala, da qual a versão judaica é apenas um fragmento, encontra-se na posse de "*apenas uns poucos filósofos orientais; onde estão, quem são, é mais do que me é dado revelar. Talvez eu mesma não o saiba, e tenha apenas sonhado. Milhares dirão que é tudo imaginação: assim seja. O tempo mostrará. A única coisa que posso dizer é que existe tal corpo, e que a localização de suas Irmandades jamais será revelada a outros países até o dia em que a Humanidade desperte... Até então, a teoria especulativa da existência delas será sustentada por aquilo que as pessoas erroneamente acreditaram serem fatos celestes*". O artigo dela veicula a advertência de que é perda de tempo aspirar a tornar-se um *Cabalista prático* (ou *Rosacruz*, se desejarem) adquirindo-se um conhecimento livresco de literatura oculta; isso é tão tolo, diz ela, "*quanto tentar atravessar o famoso labirinto sem o fio da meada, ou abrir os engenhosos ferrolhos da Idade Média sem estar de posse das chaves*". Ela define a diferença entre *Magia Branca* e *Negra*, e lança uma

admoestação contra esta última. Finalmente, diz: "*Mas, digam o que disserem (os padres e ministros muito ortodoxos de vários credos e denominações, vocês que são tão intolerantes em relação ao Espiritismo*", [notar que significado ela dá, no contexto, ao termo agora] "*os mais puros dos Filhos da Magia Antiga*), vocês não podem evitar aquilo que foi, é e sempre será, nomeadamente, a comunicação direta entre os dois mundos. Denominamos esse intercâmbio moderno *Espiritismo*, com a mesma força e lógica de quando dizemos "*Novo Mundo*", referindo-nos à América".

Estou certo de que todos os membros mais ardentes da *Sociedade Teosófica* ficarão contentes em saber que, já em julho de 1875, 1 *H.P.B.* afirmou a existência dos *Adeptos Orientais*, da *Irmandade mística*, das reservas de conhecimento divino em poder deles, e de suas ligações pessoais com eles. Ela o reafirma numa carta dirigida ao *Spiritual Scientist* (página 64, porém não posso precisar de que mês de 1875, já que ela não datou o recorte no nosso *Álbum de Recortes*; mas ela escreve de *Ítaca*, aonde foi em visita ao Professor e Sra. Corson, da *Universidade Cornell*, em agosto ou começo de setembro), e lança a importante idéia de que "*o Espiritismo, nas mãos de um adepto, torna-se Magia, pois ele é versado na arte de misturar as leis do Universo, sem transgredir qualquer delas, e, portanto, violar a Natureza. Nas mãos de um médium inexperiente, o Espiritismo torna-se **FEITIÇARIA IGNORANTE**, pois... ele abre uma porta, desconhecida para ele próprio, de comunicação entre os dois mundos, através da qual emergem as forças cegas da Natureza que se ocultam na Luz astral, bem como espíritos bons e maus*".

A *Idéia oculta* estava agora claramente lançada, e nossos escritos publicados e correspondência particular, daí em diante, proliferaram com tais alusões. Minha primeira contribuição apresentada nessas linhas foi uma carta

intitulada "*A Vida Imortal*", datada de 23 de agosto de 1875 e publicada no *New York Tribune* do dia 30 daquele mês. Nela, afirmo que havia acreditado nos fenômenos mediúnicos durante mais ou menos um quarto de século, mas desconfiara da pretensa identificação das inteligências por trás deles. Afirmo minha crença na realidade da antiga ciência oculta, e o fato de ter eu sido inesperadamente "*posto em contato com pessoas vivas que operam, e operaram na minha presença prodígios já atribuídos a Paracelso, Alberto e Apolônio*". Ao dizer isto, tive em mente não apenas os variados fenômenos de *H.P.B.*, não apenas os primórdios de meu relacionamento com os *Mahatmas*, mas também a revelação, aos meus próprios olhos, e em meu próprio quarto, numa casa onde *H.P.B.* não morava, e não estando ela presente, dos espíritos dos elementos, por um estranho que encontrei casualmente em Nova York, um dia, logo antes de redigir a carta.

O estranho veio aos meus aposentos para um encontro marcado. Abrimos as portas de dois batentes que separavam a sala de estar do pequeno dormitório, sentamo-nos em cadeiras defronte à ampla entrada da porta e, por um processo maravilhoso de *Maya* (agora suponho) vi o quarto converter-se, como estava, num cubo de espaço.vazio. A mobília desaparecera de minha vista, e ali apareciam, alternadamente, cenas vívidas de água, atmosfera nublada, cavernas subterrâneas, e um vulcão ativo; cada um dos elementos pululava de seres, e formas, e rostos, dos quais tive vislumbres mais ou menos transitórios. Algumas das formas eram adoráveis, algumas malignas e cruéis, algumas terríveis. Podiam flutuar na paisagem tão suavemente quanto bolhas numa corrente tranqüila, ou precipitar-se através da cena e desaparecer, ou brincar e cabriolar juntas em labareda e torrente. *Anon*, um monstro disforme, tão horroroso de se ver quanto os quadros do "*Magus*" de *Barret*, lançava fogo pelos olhos, para mim, e lançava-se à frente, como se

quisesse apanhar-me como faz o tigre ferido à sua vítima, esvaindo-se porém ao atingir o limite do cubo de *akash* visualizado, onde se juntavam os dois cômodos. Era penoso para os nervos da gente, mas, depois de minhas experiências junto aos *Eddy*, consegui não "*fraquejar*". Meu amigo desconhecido declarou-se satisfeito com o resultado do teste psíquico, e, ao sair, disse que deveríamos encontrar-nos novamente. Mas até agora não nos encontramos. Ele parecia um asiático de pele clara, mas não pude descobrir qual era exatamente sua nacionalidade, embora eu então o tomasse por hindu. Falava um inglês tão fluente quanto o meu.

CAPÍTULO VIII: Proposta a Sociedade Teosófica

Podemos agora ocupar-nos da história da formação da *Sociedade Teosófica* e mostrar o que levou a ela, quem eram as pessoas que a formaram, e como foram definidos seus objetivos e metas. Pois esta, lembremo-nos, é uma história completa dos primórdios da *Sociedade*, não um mero registro de recordações pessoais de *H.P.B.*

O caminho para a organização de uma tal sociedade fora preparado, primeiro, pela discussão ativa do Espiritualismo, e, depois, de algumas partes das idéias espíritas orientais. Isso tivera prosseguimento desde o aparecimento de meu relato sobre os *Eddy* para o *New York Sun*, em agosto do ano anterior (1874), intensificando-se amplamente desde o momento em que eu e *H.P.B.* nos conhecemos em *Chittenden* e passamos a usar a imprensa para exposição de nossos pontos de vista heterodoxos. Suas mordazes cartas publicadas, as estórias que vieram à tona sobre os poderes mágicos dela, e nossas diversas afirmações da existência de raças não humanas de seres espirituais, trouxeram para o nosso círculo de relações muita gente brilhante e inteligente, de tendências ocultistas. Entre estes contavam-se cientistas, filólogos, autores, antiquários, religiosos de mente aberta, advogados e médicos, alguns deles espíritas conhecidos, e um ou dois jornalistas ligados aos grandes jornais metropolitanos, apenas demasiado ávidos por extrair do assunto boas matérias. Foi, certamente, coisa audaciosa, sustentar, em desafio ao preconceito público, e asseverar a legitimidade científica da Magia antiga, nesta época de ceticismo científico. A própria audácia do empreendimento atraiu a atenção do público, e o resultado inevitável foi que, a seu tempo, aqueles a quem a discussão reunira em simpatia iriam agrupar-se numa

sociedade para a pesquisa oculta. Frustrada a tentativa de maio de 1875, no sentido de formar-se um núcleo como o "*Clube do Milagre*", pelos motivos expostos no Capítulo I, apresentou-se a próxima oportunidade quando *H.P.B.* fez uma palestra privada a alguns amigos nossos, em sua residência, em Irving Place, nº 46, Nova York, a 7 de setembro do mesmo ano. Dessa vez não houve fracasso: a minúscula semente daquilo que devia ser uma figueira da Índia que cobrisse o mundo foi plantada em solo fértil, e germinou. Lamento dizer que, ao que eu saiba, não existe registro oficial das pessoas realmente presentes àquela noite específica, embora uma delas, o *Reverendo J. H. Wiggin*, ministro Unitário, publicasse, a 4 de setembro, no *Liberal Christian*, uma nota relativa a uma reunião semelhante, durante a semana anterior, na qual se anunciou a prometida conferência do Sr. *Felt*, acho que para a noite do dia 7. Ele cita *H.P.B.*, eu próprio, o *Signor Bruzzesi*, um Sr. *Judge* de Nova Jersey e sua esposa, e o Sr. *Charles Sotheran* (que conseguira para si mesmo um convite de *H.P.B.*). O ministro manifesta sua admiração pela gama e profundidade da conversa, notando:

"Seria descortês detalhar a pauta de uma conversa amigável onde não houve desejo de publicidade, nem qualquer demonstração de magia ou oferecimento de noções a respeito. O elemento fálico nas religiões; portentos recentes entre os médiuns; história; a alma das flores; a personalidade italiana; singularidades de viagem; química; poesia; a trindade da Natureza; romanismo; gravitação; os Carbonari; prestidigitação; as novas descobertas de Crooker sobre a força da luz; a literatura da Magia — estiveram entre os tópicos de animada

discussão que se prolongou até depois da meia-noite. Se Madame Blavatsky puder realmente trazer ordem ao caos do moderno espiritismo, prestará um serviço ao mundo."

Na noite de 7 de setembro, o Sr. *Felt* fez sua conferência sobre "*O Cânone Perdido de Proporção dos Egípcios*". Era ele um desenhista notavelmente inteligente e preparara diversos desenhos extraordinários, para ilustrar sua teoria de que o cânone de proporção arquitetônica empregado pelos arquitetos egípcios, bem como gregos, foi realmente preservado nos hieróglifos do templo da *Terra de Khemi*. Sua alegação era que, seguindo-se certas pistas exatas, podia-se registrar sobre certa parede do templo o que ele chamou de "*Estrela da Perfeição*", dentro da qual se podia ler todo o segredo do problema geométrico da proporção; e que os hieróglifos do lado de fora da figura gravada eram apenas meros disfarces para iludir o pesquisador profano de curiosidades, pois, lidas consecutivamente aos que estão dentro da figura geométrica, resultam ou num indecifrável "*nonsense*", ou numa narrativa bastante trivial.

O diagrama consiste num círculo com um quadrado dentro e fora, contendo um triângulo comum, dois triângulos egípcios e um pentágono. O conferencista aplica-o aos quadros, estátuas, portas, hieróglifos, pirâmides, planos, túmulos e edifícios do Egito Antigo, e mostra que todos esses elementos concordam tão perfeitamente com as proporções do diagrama, que devem ter sido feitos pela regra dele. Aplica o mesmo cânone de proporção a obras-primas da arte grega e descobre que foram, ou devem ter sido, esculpidas sem modelo por esta regra. É, de fato, o verdadeiro cânone da arquitetura da Natureza. O falecido Dr. *Seth Pancoast*, M.D., de Filadélfia, cabalista dos mais eruditos, encontrava-se presente e interrogou

categoricamente o Sr. *Felt* sobre se ele podia provar na prática o seu perfeito conhecimento dos poderes ocultos possuídos por um verdadeiro mago antigo;entre outros, a evocação de espíritos nas profundezas do espaço. O Sr. *Felt* respondeu, de forma igualmente categórica, que fizera e podia fazê-lo sem seu *Círculo* químico.

"*Ele podia fazer aparecer centenas de formas imprecisas que lembravam a humana, mas não vira sinais de inteligência nessas aparições.*" Tomo esses detalhes de um recorte da época, que encontro em seu devido lugar em nosso *Álbum de Recortes I*, mas ao qual não foi aposto o nome do jornal. Parece ter sido recortado do jornal do Sr. *Wiggin*, *The Liberal Christian*.

A teoria de *Felt* e seus desenhos foram tão cativantes que *J.W. Bouton*, editor de livros simbólicos, contratara junto a ele a publicação de sua obra numa edição de 1.000 páginas, com inúmeras ilustrações, tendo-lhe feito um substancial adiantamento para as placas de cobre, ferramentas de entalhe, prensas etc. etc. Mas, tendo de lidar com um gênio sobrecarregado com uma família grande e exasperantemente impontual, a coisa arrastou-se até que o editor perdeu toda a paciência, e o resultado final foi, creio eu, uma ruptura entre eles, e a grande obra jamais veio a público.

O Sr. *Felt* contou-nos, em sua conferência, que, enquanto realizava seus estudos egíptológicos, descobrira que os velhos sacerdotes egípcios eram adeptos da ciência mágica, tinham o poder de evocar e empregar os espíritos dos elementos, e haviam deixado registrados seus formulários; ele decifrara-os e os pusera à prova, e tivera êxito na evocação dos elementais. Ele estava disposto a dar assistência a algumas pessoas do tipo certo, para testarem por si mesmas o sistema, e ia exhibir os espíritos da natureza a todos nós no decorrer de uma série de conferências, pelas

quais deveríamos pagar-lhe. Naturalmente, transmitimos-lhe informalmente nossos cordiais agradecimentos pela sua palestra altamente interessante, e seguiu-se uma discussão animada. No transcorrer dessa, ocorreu-me a idéia de que seria bom formar uma sociedade para prosseguir e promover essa pesquisa oculta, e, depois de revolver a coisa na mente, escrevi num recorte de jornal o seguinte:

"Não seria bom formar uma Sociedade para este tipo de estudo?" — e dei-o ao *Sr. Judge*, que no momento estava de pé entre mim e *H.P.B.*, sentada em frente, para que ele o passasse a ela. Ela leu e acenou a cabeça afirmativamente. Em seguida, então, levantei-me e, com algumas observações introdutórias, coloquei a questão. Ela agradou à audiência, e, quando o *Sr. Felt*, respondendo a uma pergunta nesse sentido, disse que se disporia a ensinar-nos a evocar e controlar os elementais, houve concordância unânime em que se devia formar a sociedade. Por moção do *Sr. Judge*, fui eleito Presidente, e por moção minha, o *Sr. Judge* foi eleito Secretário da assembléia. Fazendo-se tarde, adiou-se a reunião para a noite seguinte, quando se empreenderia uma ação formal. Pediu-se aos presentes que trouxessem simpatizantes que estivessem inclinados a juntar-se à sociedade proposta.

Como se afirmou anteriormente, não há registro oficial, por parte do Secretário da assembléia, remanescente desse primeiro encontro, mas a *Sra. Britten* cita, em seu *Nineteenth Century Miracles* (Milagres do Século Dezenove) (página 296), um relato publicado num diário de Nova York e reproduzido no *Spiritual Scientist*, e, do livro dela, extraio os seguintes trechos:

*"Um movimento de grande importância acaba de ser inaugurado em Nova York, sob a direção do Coronel Henry S. Olcott, na organização de uma sociedade, a ser conhecida como a **Sociedade Teosófica**. A sugestão foi inteiramente*

espontânea, e apresentada na noite de 7 do corrente, nos salões de Madame Blavatsky, onde se reunira um grupo de dezessete senhoras e cavalheiros, para um encontro com o Sr. George Henry Felt, cuja descoberta das figuras geométricas da **Cabala Egípcia** pode contar-se entre os mais surpreendentes feitos ao intelecto humano. O grupo incluía diversas pessoas de grande erudição e algumas de larga influência pessoal: os editores gerais de dois jornais religiosos; os co-editores de duas revistas literárias; um licenciado de Oxford; um venerável erudito judeu e viajante de nomeada; um editorialista de um dos matutinos de Nova York; o Presidente da Sociedade Novaiorquina de Espiritualistas; o Sr. C. C. Massey, visitante inglês (advogado militante). Sra. Emma Hardinge Britten e o Dr. Britten; dois advogados de Nova York, além do Coronel Olcott; um dos sócios de uma editora de Filadélfia; um conhecido médico; e, mais notável de todos, Madame Blavatsky em pessoa, compunham o auditório do Sr. Felt... Durante uma pausa oportuna na conversa, o Coronel Olcott levantou-se, e após delinear em breves palavras o estado atual do movimento espiritualista; a atitude de seus antagonistas, os Materialistas; o irreprimível conflito entre a ciência e os sectários religiosos; o caráter filosófico das antigas teosofias e sua aptidão para reconciliar todo antagonismo existente; e a realização aparentemente sublime do Sr. Felt, ao extrair de escassos fragmentos da sabedoria antiga, que nos foram deixados pelas mãos devastadoras dos fanáticos muçulmanos e cristãos dos primeiros séculos, a chave para a arquitetura da Natureza, propôs a formação de um núcleo em torno do qual se poderiam reunir todas as almas corajosas e iluminadas que se disponham a trabalhar em conjunto para a coleta e difusão de conhecimentos. Era seu plano organizar uma sociedade de ocultistas e começar imediatamente a reunir uma biblioteca; e difundir

informações relativas àquelas leis secretas da Natureza, tão familiares aos caldeus e egípcios, mas agora totalmente desconhecidas de nosso moderno mundo científico."

Provindo isto de uma fonte externa, e tendo sido publicado a poucos dias da reunião, é ainda mais bem-vindo do que se fosse oficial, já que demonstra conclusivamente o que eu tinha em mente ao propor a formação de nossa Sociedade. Ela devia constituir-se num organismo destinado à coleta e difusão de conhecimentos, à pesquisa oculta e ao estudo e disseminação de antigas idéias filosóficas e teosóficas. Um dos primeiros passos era a reunião de uma biblioteca. A idéia da *Fraternidade Universal* não entrava aí, porque a proposta para a formação da *Sociedade* brotou espontaneamente do tópico atual de discussão. Era um empreendimento simples, funcional, desacompanhado de fenômenos ou qualquer incidente incomum. Estava, finalmente, isento de qualquer caráter sectário, e era inquestionavelmente anti-materialista. O pequeno grupo de fundadores era inteiramente constituído por gente de sangue europeu, sem qualquer antagonismo natural resistente, quanto a religiões; distinções de classe não existiam para eles. O item da *Fraternidade*, na plataforma *futura da Sociedade*, não havia portanto sido cogitado; posteriormente, porém, quando nossa esfera de influência estendeu-se de maneira a colocar-nos em contato com os asiáticos e suas religiões e sistemas sociais, tornou-se uma necessidade, e, na verdade, a pedra angular de nosso edifício. A *Sociedade Teosófica* representava uma evolução, não — no plano visível — uma criação planejada.

Tenho um relato oficial do encontro de 8 de setembro, assinado por mim próprio, na qualidade de Presidente, e por W.Q. Judge, como Secretário, que passo a citar do nosso Livro de Atas:

"Em decorrência de uma proposta do Cel. Henry S. Olcott, de que se constituísse uma Sociedade para o estudo e elucidação de Ocultismo, Cabala etc., as senhoras e cavalheiros lá e então presentes decidiram, em assembléia, e por moção do Sr. William Q. Judge, que:

"O Coronel H. S. Olcott assumia a Presidência. Por moção, foi também":

"Decidido que o Sr. W. Q. Judge funcione como Secretário. A Presidência chamou, então, pelos respectivos nomes, as pessoas presentes, que deviam anuir em fundar e pertencer a uma Sociedade nos moldes já mencionados. Deram seus nomes ao Secretário as seguintes pessoas":

"Coronel Olcott, Madame H. P. Blavatsky, Chas Sotheran, Dr. Chas. E. Simmons, H. D. Monachesi, C. C. Massey, de Londres, W. L. Alden, G. H. Felt, D. E. de Lara, Dr. W. Britten, Sra. E. H. Britten, Henry J. Newton, John Storer Cobb, J. Hyslop, W. Q. Judge, H. M. Stevens (todos presentes, menos um)".

"Por moção de Herbert D. Monachesi, decidiu-se":

"Que uma comissão de três pessoas seja designada pela Presidência para elaborar uma constituição e estatutos, devendo relatá-los na próxima reunião. Por moção, decidiu-se":

"Que a Presidência se junte à Comissão".

"A Presidência então designou os Senhores H. J. Newton, M. Stevens, e C. Sotheran, para constituírem tal Comissão".

"Por moção, decidiu-se

"Que seja adiada a sessão para Domingo, 13 de setembro, às 8 horas da noite, no mesmo local."

A Sociedade tinha, então, dezesseis constituintes — para usar o termo mais adequado — não fundadores, pois o estabelecimento permanente resultava de

um trabalho duro e auto-sacrifício de anos, e durante uma parte daquele tempo eu e *H.P.B.* trabalhamos completamente sozinhos nas trincheiras, lançando a vigorosa fundação. Nossos colegas, ou se afastaram totalmente, ou tornaram-se negligentes, ou foram pelas circunstâncias impedidos de dedicar à obra seu tempo e esforços. Mas não devo antecipar-me.

Quando apareceu esta parte de minha narrativa no *Theosophist* (edição de novembro de 1892), publicaram-se esboços de diversos funcionários da *Sociedade*, que o leitor interessado pode consultar; a superabundância de material para o presente volume impõe-me a necessidade de condensar o máximo possível. Conservarei, porém, minha nota sobre o Sr. Alden, em proveito da história de uma de suas experiências ocultas.

O Sr. *W. L. Alden*, hoje tão famoso nos meios literários de Londres, era então *editorialista do New York Times*, de grande reputação por suas críticas cáusticas e bem humoradas sobre tópicos de atualidade. Encontrei-o em Paris, recentemente, depois de muitos anos de separação, e soube que ele fora designado para um importante posto consular do Governo Americano. Ele teve, lembro-me, uma aventura divertida em Nova York, lá pelo início de nosso relacionamento. Era, na época, colaborador do *New York Daily Graphic*, e eu estava escrevendo para esse jornal minhas cartas de Chittenden. Um bando de gente excêntrica foi atraído à redação para fazer perguntas estúpidas, e essa gente chateou tanto o editor, *Sr. Croly*, que ele publicou por fim um quadrinho, representando-se a si próprio, metido em apuros, com um revólver e um enorme par de tesouras de tosquiar, para defender-se da irrupção de "*espíritas de cabelo comprido e senhoras espíritas de cabelos rentes*". Mas uma manhã apareceu lá um velho, vestido à oriental, levando sob o braço um livro de aparência estranha, evidentemente muito velho. Depois de

cumprimentar o pessoal da redação com grave cortesia, começou a falar sobre as minhas matérias e sobre o espiritualismo do Oriente e do Ocidente. Todo mundo abandonou .nas escrivaninhas e veio juntar-se ao redor dele. Quando ele falou de magia, voltou-se silenciosamente para Alden, de cujos gostos ocultos ninguém até então suspeitava, e disse: "*Acredita que exista verdade na Magia, Senhor?*" Perplexo, Alden respondeu: "*Bem, eu li Zanoni e acho que pode haver algo nisso.*" A pedidos, o estranho mostrou seu estranho livro aos editores. Viu-se que o livro era um *tratado de Magia*, escrito em árabe ou alguma outra língua oriental, com inúmeras ilustrações interpostas com o texto. Estavam todos muito interessados, principalmente *Alden*, que, ao despedir-se, perguntou ao velho senhor se podia ter depois uma conversa com ele. Este assentiu sorridente, e deu-lhe um endereço onde procurá-lo. Quando *Alden* foi lá, no entanto, verificou que se tratava de uma loja onde se vendiam livros e imagens de santos católicos; meu amigo achou que lhe haviam pregado uma peça, e, desde então, durante meses, perscrutou atentamente, sem resultado, as pessoas que encontrava, na esperança de que uma delas fosse o misterioso asiático. Contou-me o Sr. *Croly* que o homem nunca tornou a visitar o escritório do *Graphic*; era como se a terra o tivesse engolido. Esse misterioso aparecimento e súbito desaparecimento de gente misteriosa, trazendo livros raros ao homem certo, ou que lhe dão pistas úteis que o colocam na trilha certa através do pântano de dificuldades pelo qual ele se debate rumo à verdade, não é uma experiência incomum. A história religiosa registra muitos casos do gênero. A visita se faz, por vezes, nas horas de vigília, às vezes em visões noturnas. As revelações vêm por vezes em "*flashes*" — "*flashes*" dos *buddhi* nos *manas* — dando origem a grandes descobertas científicas; assim como a idéia do espectroscópio brilhou na mente de *Fraunhofer*, a da natureza do raio brilhou na de *Franklin*, a do telefone na

de *Edison*, e as de dezenas de milhares de outros grandes fatos ou leis brilharam em outras mentes abertas à sugestão. Seria exagero dizer que todo aspirante ao conhecimento dos arcanos tem sua oportunidade, uma vez na vida, embora seja verdade, creio eu, que a percentagem daqueles que a têm é cem vezes maior do que as pessoas imaginam. É azar do indivíduo se, através de idéias errôneas e ignorantes sobre como deveria parecer tal mensageiro, ou com que portentos fenomenais deveria ser transmitida sua mensagem, ele "*hospeda inadvertidamente*" um anjo ou acotovela-o na rua sem sentir sequer um tremor para desviar sua atenção de um carro de aluguel que vai passando. Falo daquilo que sei.

CAPITULO IX: Formação da Sociedade Teosófica

Na noite de 18 de setembro de 1875, na reunião anteriormente marcada, o Sr. *Felt* continuou de onde parara no encontro anterior, do dia 8, a interessante descrição de suas descobertas, as quais ele ilustrou com diversos diagramas coloridos. Algumas pessoas presentes julgaram ver luz tremeluzindo sobre as figuras geométricas, mas inclino-me à crença de que isto se deveu, em parte, à auto-sugestão, e, em parte, àquilo que *Felt* disse sobre as propriedades mágicas das mesmas²⁷. Eu, sem dúvida, nada vi de natureza oculta, nem outras pessoas presentes, à exceção de uma minoria bem pouco considerável. Terminada a palestra, procedeu-se à ordem do dia; eu funcionando como Presidente, e o Sr. C. *Sotheran* como Secretário. Diz o Livro de Atas:

"A Comissão, em Preâmbulo e Estatutos, registrou progresso, e o Sr. De Lara leu um documento que a Comissão lhe solicitara redigir".

"Por sugestão da Comissão, foi, por moção, decidido":

"Que o nome da Sociedade seja "A Sociedade Teosófica".

"A Presidência designou o Reverendo Sr. Wiggin e o Sr. Sotheran como Comitê para escolher aposentos adequados para as reuniões, e foram então nomeados diversos novos membros, e, por moção, foi decidido":

"Que se acrescentem essas pessoas à lista dos fundadores."

²⁷ O importante rascunho de uma carta assinada pelo Sr. Felt, que se segue, foi por mim encontrado pouco depois de escrito este capítulo. Não consigo lembrar se a carta foi ou não enviada para publicação, mas inclino-me à última hipótese. A importância do documento repousa no fato de, nela, o Sr. Felt afirmar sem reservas a existência de espíritos elementais, o controle que ele adquirira sobre os mesmos, seu efeito sobre animais e suas relações com a humanidade. Acho que as afirmações quanto à influência dos desenhos geométricos egípcios sobre os ouvintes do Sr. Felt eram exageradas. Os aspirantes a professores que não vieram aprender, como os descreve o Sr. Felt, eram os membros espíritas, cuja ortodoxia era inabalável. (Essa carta foi colocada originalmente como nota de rodapé. No entanto, sendo longa e terminando por quebrar a sequência do texto, resolvi colocar como anexo no final do capítulo. Sandra)

"Após o que, transferiu-se a assembléia, sujeita à convocação da mesa. O registro é assinado por mim, na qualidade de Presidente, e pelo Dr. John Storer Cobb, por C. Sotheran, Secretário."

A escolha de um nome para a *Sociedade* foi, naturalmente, questão para grave discussão na Comissão. Sugeriram-se diversos, entre os quais, se bem me lembro, os de *Sociedade "Egiptológica"*, *"Hermética"*, *"Rosacruziana"* etc., mas nenhum deles parecia dizer exatamente a coisa. Por fim, virando as páginas do Dicionário, um de nós encontrou casualmente a palavra *"Teosofia"*²⁸, posto o que, após discussão, concordamos por unanimidade que aquela era a melhor de todas, já que expressava, ao mesmo tempo, a verdade esotérica que desejávamos atingir, e cobria o princípio dos métodos de pesquisa científica oculta de *Felt*. Circulou a respeito uma historiazinha estúpida, de que, enquanto a Comissão estava reunida, adentrou a sala um estranho hindu, jogou sobre a mesa um pacote lacrado e novamente caminhou para fora, ou desapareceu, ou algo no gênero. Aberto o pacote, ter-se-ia descoberto que ele continha um esboço completo de uma *Constituição e Estatutos para a Sociedade*, o qual teríamos adotado imediatamente. Isto é puro *"nonsense"*, não aconteceu nada desse tipo. Diversas lorotas semelhantes têm vindo à baila, a nosso respeito, de tempos a tempos; algumas são muito engraçadas, algumas fantásticas, outras ainda demasiado infantilmente improváveis para que se lhes dê crédito mesmo ao lê-las, mas são todas ilusórias. Sendo eu próprio um velho jornalista, preocupo-me muito pouco com esses

²⁸ Literalmente: *"amor de Deus"* (do grego). O dicionário caldas Aulete (Tomo V, pág. 3931) diz: *"comunicação com Deus; conhecimento de Deus; ciência das coisas divinas... Panteísmo emanantista inspirado no budismo e no hinduísmo, pregado inicialmente pela teosofista russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e continuada pela inglesa Annie Wood Besant (1847-1933)".* (N.do T.)

"canards"²⁹ para dar-lhes um mínimo que seja de atenção. Se, por um lado, criam temporariamente confusão e interpretações errôneas, a longo prazo são inofensivas.

Quanto à minuta dos *Estatutos* originais, tivemos muita dor de cabeça, e elaboramos um conjunto tão bom quanto qualquer sociedade teria desejado. Examinaram-se as *Normas* de vários organismos corporativos, mas as da *Sociedade Estatística e do Instituto Americano* pareceram-nos muito bons modelos a seguir. Estabelecidos todos os preliminares, obtivemos permissão da *Sra. Britten* para que a reunião seguinte se realizasse na residência dela (não havendo até então sido constituída sede da Sociedade) e dei à publicação (em postais) a seguinte nota:

"A SOCIEDADE TEOSÓFICA"

"NOVA YORK, 13 de outubro de 1875".

"Tendo a Comissão regida pelos Estatutos completado seu trabalho, reunir-se-á em assembléia a Sociedade Teosófica, na residência particular, n° 206 de West 38th Street, no sábado, dia 16 de outubro de 1875, às 8 horas da noite, para organizar-se e eleger funcionários. Se o Sr. Felt estiver na cidade, dará prosseguimento ao seu relato, profundamente interessante, sobre suas descobertas egíptológicas. Pelos Estatutos propostos, não podem eleger-se novos membros até que decorram trinta dias de consideração do pedido de adesão dos mesmos. É, portanto, desejável um pleno comparecimento a esta reunião preliminar".

"O abaixo-assinado publica esta convocação de conformidade com a ordem adotada pela assembléia de 13 de setembro último".

"(Assinado) HENRY S. OLCOTT, Presidente, pro. tem."

²⁹ Em francês no original. Canard = boato, especificamente no sentido jornalístico. Notícia sensacionalista que carece contudo de um lastro mais forte de verdade. Um "furo furado". (N. do T.)

Tenho, emoldurado, em "*Gulistan*", a cópia do postal original que *Sotheran* enviou a H.P.B., e minha própria cópia está também em meu poder.

Nosso Livro de Atas registra, como presentes à reunião em questão, as seguintes pessoas:

"Mme. Blavatsky, Sra. E. H. Britten, Henry S. Olcott, Henry J. Newton, Chas. Sotheran, W. Q. Judge, J. Hyslop, Dr. Atkinson, Dr. H. Carlos, Dr. Simmons, Tudor Horton, Dr. Britten, C. C. Massey, John Storer Cobb, W. I. Alden, Edwin S. Ralphs, Herbert D. Monachesi, e Francisco Agromonte".

"No interesse da Comissão em Prólogo e Estatutos, o Prólogo foi lido pelo Presidente, e os Estatutos pelo Sr. Chas Sotheran."

O Sr. Massey foi então apresentado pela Presidência e fez algumas observações, após o que foi obrigado a sair apressadamente com destino ao vapor no qual devia embarcar para a Inglaterra.

Sucederam-se as discussões e fizeram-se várias moções sobre a adoção dos Estatutos; o resultado final foi que a minuta submetida pela Comissão foi deixada sobre a mesa e a ordem impressa. Suspendeu-se então a assembléia.

A próxima reunião preliminar celebrou-se a 30 de outubro, no mesmo local. Tendo-se pronunciado a Comissão sobre o local, escolheu-se o endereço de Mott Memorial Hall, nº 64, Madison Avenue (a apenas algumas casas da nossa Sede de Nova York, recém-adquirida), como local de reunião da *Sociedade*. Os Estatutos foram lidos, postos em discussão e finalmente aprovados, com a condição, porém, de que o Prólogo fosse revisado por *H. S. Olcott, C. Sotheran e J. S. Cobb*, e então publicado como Prólogo da *Sociedade*.

Procedeu-se em seguida à votação dos funcionários, e tendo sido designados *Tudor Horton* e o *Dr. W. H. Atkinson* como relatores da eleição, anunciou-se o resultado por intermédio do *Sr. Horton*, como segue:

Presidente, *HENRY S. OLCOTT*; Vice-Presidente, *DR. S. PANCOAST* e *G. H. FELT*; Secretário Correspondente, *MME. H. P. BLAVATSKY*; Secretário Relator, *JOHN STORER COBB*; Tesoureiro, *HENRY J. NEWTON*; Bibliotecário, *CHARLES SOTHERAN*; Conselheiros, *REV. J. H. WIGGIN*, *R. B. WESTBROOK, LL. D.*, *SRA. EMMA HARDINGE BRITTEN*, *C. E. SIMMONS, M. D.*, e *HERBERT D. MONACHES*; Consultor Jurídico da Sociedade, *WILLIAM Q. JUDGE*.

Transferiu-se então a assembléia para o dia 17 de novembro de 1875, quando seria apresentado o Prólogo na forma definitiva, o Presidente Eleito pronunciaria seu discurso de posse, e a Sociedade estaria assim plenamente constituída.

Na noite determinada, reuniu-se a Sociedade em sua própria sede alugada, foram lidas e aprovadas as atas da assembléia anterior, pronunciou-se e liberou-se para impressão o discurso inaugural do Presidente. Por moção do *Sr. Newton*, votaram-se agradecimentos ao Presidente e a Sociedade, agora constitucionalmente organizada, transferiu a sessão para o dia 15 de dezembro.

Assim, a *Sociedade Teosófica*, inicialmente concebida a 8 de setembro, e constitucionalmente consolidada a 17 de novembro de 1875, após um período de gestação de setenta dias, veio a existir e deu início à sua maravilhosa carreira de empenho altruístico ***per angusta ad augusta***. Inadvertidamente, em nosso primeiro documento publicado, o "*Prólogo e Estatutos da Sociedade Teosófica*", deu-se a data de 30 de outubro como a de organização, quando, como se viu anteriormente, a data a ser apresentada deveria ser a de 17 de novembro de 1875.

A narrativa precedente, quanto à origem e nascimento da *Sociedade*, é bastante prosaica e carece totalmente das características sensacionais e imaginativas que têm sido por vezes imputadas ao acontecimento. Tem, contudo, o mérito de ser historicamente exata, pois, já que estou escrevendo História, e não um romance, ative-me às evidências de nossos registros certificados e posso provar cada ponto. Com um exagero de suposta lealdade que gerou injustiça, como o fanatismo invariavelmente sói fazer, muitas pessoas têm estado a repetir, como um eco, a afirmação incoerente de que *H.P.B.*, e só ela, fundou a *Sociedade Teosófica*; o que fizeram os colegas dela nada representou. O fato é que ela mesma repudiou energicamente a idéia, quando divulgada pelo *Sr. J. L. O'Sullivan*, em 1878. Em resposta a uma crítica cáustica, diz ela:

*"Com ironia demolidora, ele fala de nós como **"nossos mestres"**. Lembro-me agora de ter afirmado distintamente, numa carta anterior, que nós (ela e eu) não nos oferecemos como professores, mas, pelo contrário, declinamos de qualquer posto no gênero, tudo o que pudesse merecer o panegírico superlativo do meu estimado amigo, o Sr. O'Sullivan, que não apenas vê em mim uma **"sacerdotisa budista"** (!), senão, sem sombra de garantia do fato, credita-me a fundação da Sociedade Teosófica e suas sucursais."* (Carta de H. P. Blavatsky, publicada no ***Spiritualist*** do dia 22 de março de 1878.)

H.P.B. já era suficientemente maravilhosa, sem a mesquinha lisonja que lhe foi prodigalizada, e a tentativa de ler em cada palavra e ação um valor oculto apenas refluirá para os seus autores, pela inflexível lei geral de ação e reação, que se observa na *Natureza*. Os devotos dela ignoram o fato de que, quanto mais lhe imputarem poderes previsionários e perspicácia infalível, mais impiedosamente a terão os homens como responsável por cada atitude, pondo em julgamento seus

erros e enunciando seus enganos e outras fraquezas que, numa pessoa comum — isto é, não inspirada — são muitas vezes apenas ligeiramente execrados, por serem reconhecidos como provas da fragilidade humana. É um ato sumamente inamistoso tentar fazer dela um ser acima da humanidade, sem uma fraqueza, mancha ou nódoa, pois seu registro público escrito, deixando de lado sua correspondência particular, prova que isso é impossível. Embora meu *Discurso Inaugural* fosse aplaudido pela minha platéia, e o *Sr. Newton*, espírita ortodoxo, se tenha juntado ao *Sr. Thomas Freethinker* e o *Reverendo Sr. Westbrook*, para obter um voto no sentido de que o discurso fosse impresso e estereotipado — boa prova de que eles não achavam desarrazoado o tom do discurso ou seus pontos de vista — ainda assim ele soa um pouco tolo, após dezessete anos de árdua experiência. Boa parte de seus prognósticos de resultados se verificou, muito dela falsificado. Aquilo com o qual contávamos como sua base experimental sólida, a saber, a demonstração de *Felt* sobre a existência das raças *elementais*, mostrou-se um completo e mortificante desapontamento. O que quer que ele possa ter feito por si mesmo, nesse sentido, a nós nada mostrou, nem mesmo a pontinha do rabo do menor *espírito da Natureza*. Deixou que fôssemos escarnecidos pelos espíritas e por toda sorte de céticos. Era ele um homem de extraordinários conhecimentos, e fizera o que parecia uma descoberta notável. Na verdade, ela parecia tão provável que — como afirmei anteriormente — o *Sr. Bouton*, comerciante experiente, arriscou uma soma muito grande na especulação de publicar o livro de *Felt*. De minha parte, acredito que ele tivesse feito o que apregoava, e que, se apenas tivesse seguido sistematicamente seus primórdios, seu nome ter-se-ia inscrito entre os mais famosos de nossa época. Tendo visto com tanta frequência *H.P.B.* empregar dementais para produzir fenômenos, o *Signor B.* fazer o mesmo em diversas ocasiões, e meus misteriosos

estranhos mostrarem-se a mim em meus próprios aposentos, o que era mais fácil para mim do que acreditar que *Felt* pudesse agir de maneira semelhante, especialmente quando me assegurou *H.P.B.* que ele podia fazê-lo? Então, com a temeridade de um pioneiro de nascença e o zelo de um otimista e entusiasta congênito, refreei minha imaginação e descrevi, em meu Discurso, o que poderia resultar se a promessa de *Felt* viesse a mostrar-se compensatória. Felizmente para mim, coloquei tudo no condicional; e teria sido melhor se aqueles "se" tivessem sido impressos assim — **SE**. Sob a alegação de necessidades pecuniárias, ele extraiu do Tesoureiro *Newton* 100 dólares para custear as experiências prometidas, mas não nos trouxe nenhum elemental. Na assembléia realizada a 29 de março de 1876, leu-se uma carta dele, na qual afirmava que estava "*preparado para cumprir sua promessa de fazer uma palestra perante a Sociedade sobre a Cabala*," e dava-nos um esboço das diversas sessões em que dividiria o tema.

Aí, o *Sr. Monachesi* propôs uma Resolução, que foi aprovada, no sentido de que:

"Seja incumbido o Secretário no sentido de fazer imprimir e circular entre os Companheiros da Sociedade, ou a carta de V.P. Felt, ou um extrato que o próprio Companheiro Felt prepararia." (Extraído de Atas da Sociedade Teosófica, página 15).

Publicou-se a circular, que de certa forma ajudou a reduzir um pouco o sentimento de ressentimento que prevalecia contra o *Sr. Felt*, por sua quebra de promessa. Na verdade ele deu sua segunda conferência a 21 de junho, mas nessa ocasião, mais uma vez, faltou conosco, e acho que, numa reunião do Conselho, a 11 de outubro, por moção do Tesoureiro *Newton*, adotou-se uma Resolução, instruindo o *Sr. Judge*, consultor jurídico da *Sociedade*, a acioná-lo para que cumprisse sua

obrigação legal em data próxima. Mas ele jamais o fez. Por fim, saiu da *Sociedade*, e, ficando assim provado que dele nada se devia esperar, diversas pessoas também sumiram da *Sociedade*, deixando a nós outros, que não éramos meros caçadores de sensação, a tarefa de nos empenharmos o melhor possível.

E foi um trabalho árduo, como se lembram muito bem todos os que estiveram de qualquer forma ativos naqueles dias. Era nosso objetivo aprender, experimentalmente, tudo o que fosse possível sobre a constituição do Homem, sua inteligência e seu lugar na natureza. Era para nós um grande problema principalmente a *Mente*, ativa na forma de *VONTADE*. O mago oriental a utiliza, o *mesmerista* e o psicopata ocidentais a empregam; um a desenvolve e torna-se herói, outro a paralisa e torna-se um meio do espírito. Ao seu assédio irresistível são obedientes os seres de todos os reinos e variados planos de matéria, e, quando a imaginação é simultaneamente ativa, ela cria, emprestando objetividade a imagens mentais recém-formadas. Assim, embora *Felt* tivesse falhado, e não pudéssemos esperar navegar em águas tranquilas, tínhamos ainda assim muitos campos deixados à pesquisa, e os exploramos um pouco. Os velhos registros mostram que testamos médiuns, tentamos experimentos em psicometria, leitura de pensamento e mesmerismo, e escrevemos e assistimos à leitura de documentos. Mas fizemos um lento progresso, pois, embora todos nós, por tácito consenso, nos aplicássemos ao empreendimento com a melhor disposição, cada um de nós estava secretamente desencorajado pelo fiasco de *Felt*, e parecia não haver oportunidade de encontrar um substituto; o fazedor de chuva, *Signor B.*, fora afastado por *H.P.B.* Após seu fútil intento de criar uma ruptura entre mim e ela, meu tisonado convocador de elementais não tornou a mostrar a cara; e *H.P.B.* com cujo auxílio todo mundo — como achávamos contava, não sem razão, recusou-se a produzir o menor fenômeno que

fosse em nossas reuniões. Assim a confraria foi progressivamente minguando, até que, ao final de um ano mais ou menos, sobrevivia dela o seguinte: a forma de uma boa organização, sólida e forte em sua plataforma, uma *clangorosa* notoriedade, poucos membros, mais ou menos indolentes e um indestrutível foco de vitalidade no inextinguível entusiasmo de dois amigos, uma russa e um americano, que se encaravam com profunda seriedade e que, jamais, nem por um momento sequer, abrigaram uma dúvida quanto à existência de seus *Mestres*, a excelência da obra que lhes fora confiada, ou o sucesso final e completo que haveria de coroá-la. *Judge* era amigo leal e colaborador aplicado, mas estava tão "*cru*" em relação a nós, que não podíamos encará-lo como um terceiro Igual. Ele era, mais propriamente, como o filho caçula numa família. Muitas noites, depois de termos estabelecido nossa sede residencial, quando nossos visitantes se iam e eu e *H.P.B.* nos detínhamos na biblioteca para um papo e um último cigarro, ría-mo-nos ao pensar com quão poucos podíamos contar que permanecessem conosco para tudo o que desse e viesse. Havíamos de relembrar as belas falas e sorrisos dos convidados da noite, e descobriríamos o egoísmo que eles muitas vezes pretenderam dissimular. Algo que sentíamos mais e mais, à medida que o tempo passava, era que podíamos depender absolutamente um do outro para a *Teosofia*, mesmo que o próprio céu se fendesse; além disso, tudo dependia das circunstâncias. Costumávamos falar de nós mesmos como os *Gêmeos Teosóficos*, e por vezes como uma trindade, o candelabro que pendia sobre nossas cabeças formando a terceira pessoa! Ocorrem em nossa correspondência teosófica freqüentes ilusões a essas brincadeiras e, no dia em que ela e eu estávamos deixando nossos apartamentos desfeitos em Nova York, para em embarcarmos no vapor que devia levar-nos à Índia, a última coisa que

fizemos foi dizer, com zombeteira seriedade: "*Adeus, velho Candelabro, amigo e confidente silencioso, iluminador e imutável!*"

Os inimigos têm dito, às vezes, que ao fazer-nos ao mar, na América, não deixamos atrás de nós nenhuma *Sociedade Teosófica*; e, até certo ponto, isso era verdade, pois, devido a diversos motivos, não adiantava nada falar dela durante os próximos seis anos. O núcleo social — sempre o fator mais poderoso em movimentos deste gênero — dispersara-se, ninguém conseguiu formar um novo; não se podia criar outra *H.P.B.* e o *Sr. Judge*, então único futuro líder e organizador em potencial, foi chamado aos países de língua espanhola por assuntos profissionais, como assinalei anteriormente.

Deve-se dizer, em justiça ao *Sr. Judge*, *General Doubleday* e seus associados na *Sociedade Teosófica* original, a quem deixamos encarregados dela, ao partir para a Índia, que a animação suspensa deveu-se, durante dois ou três anos, principalmente à minha própria falha. Houvera alguma conversa, no sentido de converter a *Sociedade* a um alto *grau da Maçonaria*, e o projeto fora visto favoravelmente por alguns maçons influentes. Posteriormente, terei de voltar a este assunto. No momento, basta dizer que me pediram para esboçar uma forma adequada de ritual, e, ao sair da América, essa era uma das primeiras coisas que eu devia fazer ao chegar à Índia. Mas, ao invés do descanso e do sossego previstos, fomos imediatamente lançados numa confusão de trabalho e excitação cotidianos: fui forçado a dar conferências; fizemos longas jornadas através da Índia; fundou-se o *Theosophist*, e foi simplesmente impossível dar qualquer atenção à questão do ritual, embora eu tenha diversas cartas do *General Doubleday* e de *Judge*, queixando-se de que não lhes fora mandado o projeto, e dizendo que não podiam fazer nada sem ele. Acima de tudo, nossa experiência mais ampla convenceu-nos

da inviabilidade do plano: nossa atividade adquirira uma extensão muito mais ampla, e nossa obra um caráter mais sério e independente. Assim, finalmente, resolvi não seguir o programa. Mas por essa época *Judge* fora para o Exterior, e os outros não fizeram nada.

Em carta datada de Nova York, 17 de outubro de 1879 — um ano após nossa partida — escreve o *Sr. Judge*: "*Admitimos apenas uns poucos membros e resolvemos esperar pelo ritual antes de aceitar mais outros, já que isso poderia significar uma séria mudança.*" No entanto, para nós dois, tinham sido doze meses de trabalho duro. O *General Doubleday* escreve, no mesmo sentido, com data de 19 de setembro de 1879, dizendo: "*Com respeito à S.T. nos Estados Unidos, ficamos no **Status quo**, esperando pelo ritual prometido.*" A 23 de junho de 1880, ele indaga: "*Por que não nos mandaram aquele ritual?*" E o *Sr. Judge*, a 10 de abril de 1880, conta-me: "*Aqui está tudo atrasado. Ritual nenhum, ainda. Por quê?*" A 7 de novembro de 1881, estando *Judge* ausente, na América do Sul, seu irmão, que ele deixara incumbido dos negócios da S.T., escreve-me que nada foi feito e que "*a Sociedade não começará a funcionar até que W.Q.J., o General Doubleday e eu (isto é, ele) possamos encontrar tempo e meios, os quais nos faltam, para dar-lhe início*". Por fim — já que é inútil ir mais adiante com o assunto — a 7 de janeiro de 1882, escreve *Judge*: "*A Sociedade está dormente, sem fazer absolutamente nada. Sua explicação sobre o ritual é satisfatória.*"

Ainda durante todos esses anos, as cartas do *Sr. Judge* a *H.P.B.*, a mim e a *Damodar* demonstram que o zelo dele pela *Teosofia* e todo o misticismo era inextinguível. Seu maior desejo era o de que chegasse um dia em que ele estivesse livre para dedicar inteiramente seu tempo e suas energias à obra da *Sociedade*. Mas como a semente do trevo, incrustada no solo a vinte pés da superfície, germina

quando os cavadores de poços trazem-na para a superfície, assim a semente por nós plantada no espírito americano, entre os anos de 1874 e 1878 frutificou a seu devido tempo; e *Judge* foi o lavrador predestinado para colher a nossa seara. Assim, sempre, o *Karma* desenvolve seus pioneiros, semeadores e segadores. A viabilidade de nossa *Sociedade* estava, proximamente, em nós, os dois fundadores, mas finalmente em sua idéia básica, e os transmissores, os *Augustos*, que nos ensinaram e verteram em nossos corações e mentes a luz de sua benevolente boa vontade. Como nós ambos percebemos isso, e como a ambos foi permitido trabalhar com eles e para ela, havia entre nós um laço mais estreito do que qualquer laço que as relações sociais comuns pudessem ter forjado. Ele nos fez suportar as fraquezas um do outro e tolerar todos os penosos atritos próprios à colaboração entre duas personalidades assim tão contrastante. Quanto a mim, fez-me deixar para trás, como coisas sem qualquer valor, todas as mentiras, ambições e desejos mundanos. Eu sentia e sinto, verdadeiramente, do fundo do coração, que é melhor ser porteiro, ou mesmo algo ainda mais servil do que isso, na casa do "*Senhor das Alturas*", do que morar em qualquer pavilhão de seda que me pudesse dar em troca o mundo egoísta. Assim sentia *H.P.B.*, cujo incansável entusiasmo pelo nosso trabalho era um infalível manancial de encorajamento a quem quer que entrasse em contato com ela. Assim sentindo, e prontos como estávamos a fazer qualquer sacrifício pela nossa causa, a extinção da *Sociedade Teosófica* era simplesmente impossível.

Nos primeiros registros da *Sociedade* estão consignadas muitas coisas do interesse dos teosofistas. Na Assembléia realizada a 12 de janeiro de 1876, resolveu-se, por moção de *J. S. Cobb*, que "*William Q. Judge, Consultor Jurídico da Sociedade, seja convidado a colaborar nas deliberações do Conselho, nas reuniões.*" Na mesma assembléia, registrou-se o afastamento do *Sr. Sotheran* da

Sociedade, designando-se o Sr. H. J. Newton para preencher a vacância; e o Conselho mandou que o Secretário de Assentamentos exhibisse à *Sociedade*, na próxima assembléia ordinária, de conformidade com a recomendação do Conselho, a seguinte *Resolução*, para adoção:

"Que no futuro esta Sociedade adote o princípio do sigilo, em relação a seus trâmites e transações, e que seja designada uma Comissão para redigir e relatar sobre os detalhes necessários para dar efetividade a tal alteração."

Assim, pois, após uma experiência de apenas três meses — período que me pareceu então muito mais longo — fomos obrigados, em defesa própria, a tornar-nos um organismo secreto. Na *Reunião do Conselho*, a 8 de março de 1876, por moção de H. P. Blavatsky, resolveu-se que

"A Sociedade adote um ou mais sinais de identificação, a serem usados entre os Companheiros da Sociedade, ou para admissão às reuniões."

Foi por mim designada uma *Comissão* de três membros, dos quais H.P.B. era um, para idealizar e recomendar os ditos sinais. O selo conveniente da *Sociedade* foi parcialmente desenhado, segundo um, muito místico, que um amigo de H.P.B. elaborara para ela, para ser usado em seu papel de carta, e foi lindamente gravado, para nós, pelo Sr. Tudor Harton. Pouco depois, o Sr. Judge e eu, com o concurso de outros, esboçamos uma insígnia de confraria, que consistia em uma serpente enrolada ao redor do *Tau* egípcio. Eu tinha feito dois, um para H.P.B. e outro para mim, mas em seguida os demos a amigos. Bem recentemente, reviveu na América esse símbolo, muito bonito e apropriado.

Mas o pouco sigilo que sempre houve na *Sociedade* — tão pouco, ou ainda menos do que aquele tão ciosamente guardado pelo porteiro de uma Loja *Maçônica* — virtualmente acabou, após um breve período de vigência em nossos

primeiros dias. Em 1889, tornou-se a principal característica da *Sociedade Esotérica* que elaborei para *H.P.B.* e, lamento dizer, causou muito mal com muito bem.

ANEXO 1: Carta do Sr. Feld sobre os elementais

"NOVA YORK, 19 de junho de 1878.

AO EDITOR DO LONDON SPIRITUALIST.

Só agora atraíram-me a atenção certos artigos, publicados em sua cidade, e um deles em seu jornal, onde se fazem reflexões sobre afirmações feitas por amigos meus, a respeito da "Sociedade Teosófica" e a meu próprio respeito. Um ou mais dos autores indaga se uma pessoa como eu realmente existe, ou é apenas "criação dos cérebros de Madame Blavatsky e outros". Tendo muito pouco em comum com o público que sustenta seu jornal, raramente o vejo, e talvez jamais viesse a saber dessas afirmações, se não me tivessem sido mostradas. Estou empenhado em investigações matemáticas, e pouco ou nenhum interesse me traz algo que não possa ser exatamente demonstrado, razão pela qual os espíritas e eu partilhamos bem poucos laços de simpatia. Tenho tão pouca fé nas assim chamadas manifestações deles, que há muito desisti de seguir-lhes a pista.

A Sociedade Teosófica teve início sob a errônea impressão de que uma fraternidade desse tipo pudesse dar prosseguimento ao moderno plano de mútua admiração para benefício dos jornais, mas muito cedo tudo ficou confuso. Não havia graus de filiação nem graduações, mas eram todos iguais. A maioria dos membros aparentemente veio para ensinar, não para aprender, e seus pontos de vista eram ventilados a fundo nas esquinas. A propriedade de constituir diferentes graus tornou-se de repente evidente aos verdadeiros teosofistas, e a absoluta necessidade de constituir a Sociedade num corpo secreto. Essa reorganização numa sociedade secreta, compreendendo diferentes graus, tendo sido levada a efeito, deve-se olhar com suspeita todas as afirmações feitas sobre o que possa ter transpirado desde

então, já que os membros da sociedade estão presos ao sigilo, de vez que, mesmo sendo verdadeiras tais afirmações, as coisas podem ter sido feitas na presença de Illuminati, dos quais muitos ex-membros e noviços não têm conhecimento. Dos meus próprios atos, dentro e fora da sociedade, antes da obrigação de sigilo, tenho liberdade para falar, mas dos meus feitos ou dos de outros, desde aquela época, não tenho o direito de apresentar evidência. A afirmação do Sr. Olcott sobre minhas experiências com espíritos elementais ou elementares, na sua mensagem de posse, foi feita sem consulta a mim ou meu consentimento, e era-me desconhecido até muito depois de seu aparecimento, para que eu protestasse. Embora substancialmente verdadeira, vejo-a como prematura, e como algo que devesse ser mantido dentro do conhecimento da Sociedade. Estou convencido, através de minhas investigações de arqueologia egípcia, de que esses assim chamados elementais, ou intermediários, ou elementares, ou espíritos originais, fossem criaturas que realmente existiam. Enquanto trabalhava em desenhos de diversos Zodíacos egípcios, no intento de chegar às suas correspondências matemáticas, notei que se produziam por vezes efeitos muito curiosos e inexplicáveis. Minha família observou que em certas ocasiões, um cachorrinho terrier e um gato maltês, criados juntos e que costumavam freqüentar meu estúdio e dormir ao pé de minha cama, agiam muito estranhamente, e o fato finalmente chamou-me a atenção. Notei então que, quando comecei certas investigações, o gato primeiro pareceu inquieto, e o cão, por pouco tempo, tentou aquietá-lo, mas logo também o cão parecia presa do temor de algo que estivesse acontecendo. Era como se a percepção do gato fosse mais aguda, e ambos então insistiam em que se os deixasse sair do aposento, tentando por si mesmos escapar, colidindo contra as vidraças. Uma vez liberados, paravam do lado de fora e um miava e outro latia, como se a chamar-me para fora.

Este comportamento repetiu-se até que fui compelido à conclusão final de que eles eram suscetíveis a influências que eu não percebia.

Inicialmente supus que as horríveis representações no Zodíaco etc., fossem "vãs imaginações de um cérebro desequilibrado", mas achei depois que eram representações convencionais de objetos naturais. Depois de estudar esses efeitos sobre os animais, refleti que, assim como o espectro produz raios, que embora invisíveis à nossa visão desaparelhada foram declarados capazes - por eminentes cientistas — de sustentar outra criação além daquela que é objetiva para nós, sendo também essa criação provavelmente invisível (Teoria de Zollner), este fenômeno era uma de suas manifestações. Como esses raios invisíveis poderiam tornar-se aparentes por meios químicos, e como se poderiam reproduzir imagens químicas invisíveis, dei início a uma série de experimentos para ver se essa criação invisível, ou as influências exercidas por ela, seriam assim afetadas. Comecei então a compreender e apreciar muitas coisas em minhas pesquisas egípcias, antes incompreensíveis. Em consequência, fiquei convencido de que esses desenhos zodiacais e outros são representações de tipos nesta criação invisível delineada de maneira mais ou menos precisa, e mesclada com imagens de objetos naturais mais ou menos convencionalmente desenhados. Descobri que essas aparições eram inteligências, e que, enquanto algumas pareciam ser malévolas e eram temidas pelos animais, outras, pelo contrário, não lhes eram ofensivas, e, pelo contrário, eles pareciam apreciá-las e ficavam satisfeitos quando elas estavam por perto.

Fui levado a acreditar que elas formavam uma série de criaturas num sistema de evolução que ia da natureza inanimada ao homem, passando pelo reino animal, e tendo no homem seu ponto mais alto de desenvolvimento; que havia inteligências suscetíveis de serem mais ou menos perfeitamente controladas, na

medida em que o homem estivesse mais ou menos profundamente familiarizado com elas, já que ele podia impressioná-las como estando mais alto ou mais baixo na escala de criação, ou na medida em que estivesse ele em maior ou menor harmonia com a natureza ou as obras da natureza. Pesquisas recentes demonstraram que as plantas possuem sentidos em escala de maior ou menor perfeição, e isso convenceu-me de que esse sistema pode ser ainda mais desenvolvido. Descobri que a pureza de mente e corpo são de grande poder, e observei que eles desgostam particularmente do hábito de fumar, mascar tabaco e outros hábitos sujos.

Fiquei convencido de que os egípcios usaram essas aparições em suas iniciações; acho, na verdade, que deixei isto claro além de qualquer dúvida. Minha idéia original era introduzir na fraternidade maçônica uma forma de iniciação como as que prevaleciam entre os antigos egípcios, e tentei fazê-lo, mas, ao descobrir que somente homens puros de mente e corpo poderiam controlar essas aparições, decidi que, para agir nesse sentido, teria de encontrar outros, que não os meus compatriotas encharcados de uísque e tabaco. Descobri que, quando essas aparições, ou elementais, não pudessem ser mantidos sob perfeito controle, tornavam-se maliciosos, e, desprezando os homens que sua malícia lhes 'diz que devam ser rebaixados, tornavam-se perigosos, e capazes de infligir danos e prejuízos.

Com um dos membros da Sociedade, autêntico cavalheiro de mente com precisão matemática, consegui o que se segue, à moda de Cornélio Agrippa, que disse, de si próprio e de Trithemus, que, "a uma grande distância, é possível sem qualquer dúvida influenciar espiritualmente a outrem, mesmo desconhecendo-se sua localização e a distância entre os dois." (De Occulta Phil, livro III, pág. 3): Diversas

vezes, logo antes de encontrar-se comigo, ele notava uma luz brilhante, e, por fim, estabeleceu uma ligação entre essa luz e minha chegada; interrogou-me a respeito. Eu lhe disse para notar a hora (hora e minutos) em que visse dessas luzes, e, quando o encontrasse posteriormente, eu lhe diria a hora exata. Fiz isso 30 ou 40 vezes antes de que seu espírito naturalmente cético ficasse totalmente convencido. Essas luzes lhe apareceram em diversas ocasiões do dia, onde quer que se encontrasse, em Nova York ou Brooklyn, e combina mos que, em cada caso, mais ou menos duas horas a partir de então, eu deveria encontrá-lo em seu escritório.

Esses fenômenos diferem essencialmente de quaisquer manifestações mesméricas, magnéticas ou as chamadas espirituais, com as quais estou acostumado, e que não se referem a isso; este cavalheiro jamais fora por mim influenciado em qualquer desses sentidos.

Uma vez, ele veio à minha casa, nos subúrbios desta cidade, e examinou alguns desenhos cabalísticos sobre os quais eu estava trabalhando, um dos quais o impressionou bastante. Ao sair, ele viu, à brilhante luz do dia, nos carros, a aparição de uma curiosa espécie de animal, do qual fez, então, de cabeça, um esboço. Estava tão impressionado com a circunstância e a nitidez da aparição, que se dirigiu imediatamente a um dos Illuminati da Sociedade, e mostrou-lhe o desenho. Informaram-no de que, embora se tratasse aparentemente de uma figura ideal, era na verdade um chamado espírito elemental, representado pelos egípcios como próximo, na escala evolutiva, a determinado réptil, o qual era a figura que ele vira em minha casa, e empregado pelos egípcios na elaboração de seus Zodíacos, em iniciações etc. etc. Então ele voltou a procurar-me, e, sem comentários, mostrei-lhe um desenho da mesmíssima figura que ele vira, posto o que, ele me contou que a vira, e em que circunstâncias, e fez o esboço. Ficou então convencido de que eu

previra que ele ia ver essa aparição depois de ter sofrido a impressão de meu desenho cabalístico.

Estes fenômenos estão claramente desvinculados de qualquer forma familiar de manifestação.

Em uma de minhas conferências perante a Sociedade Teosófica, à qual se achavam presentes membros de todos os graus, os Illuminati viram luzes indo e vindo num dos meus desenhos. Embora estivessem à luz de diversos lampiões a gás, outros observaram que uma nuvem escura se fixou sobre ele, e outros fenômenos, como a mudança aparente das figuras zodiacais em outras formas ou representações de elementais, foram ainda observados.

Certos membros de grau inferior impressionaram-se, ficaram amedrontados como se estivesse para acontecer algo terrível; a maior parte dos principiantes passaram a sentir-se inquietos ou desconfortáveis, alguns tornaram-se excessivamente críticos ou injuriosos; vários principiantes abandonaram a sala; e Mme. Blavatsky, que vira, no Oriente, fenômenos mais ou menos semelhantes serem seguidos de efeitos desagradáveis, pediu-me para virar os desenhos e mudar de assunto. Se houvera anteriormente qualquer dúvida, tornou-se então evidente a necessidade de formar a sociedade escalonada em graus, e jamais, desde então, encontrei outros que não os Illuminati da Sociedade, com manifestações semelhantes.

O tom inamistoso do artigo a que me referi anteriormente não foi absolutamente citado, e não houve exaltação por parte de qualquer dos membros, em suas observações. Sendo uma sociedade secreta, não podíamos por qualquer forma passar à retaliação até que fosse dada permissão para fazê-lo. Tendo agora recebido permissão, afirmo aqui, publicamente, que realizei recentemente o que

concordei em fazer, e, a menos que o proíba o Conselho, dou, por este, permissão aos ditos Illuminati, como o vi, a virem a público, se assim desejarem, e apresentarem evidência do fato.

Não sei se V.S. julgará estas linhas dignas do espaço que deverão ocupar em suas colunas, mas parece-me apenas justo, depois de manter absoluto silêncio por mais de dois anos, que eu devesse agora ser ouvido neste assunto. O moderno espiritismo não precisa chorar com Alexandre, pois há outro mundo a descobrir e conquistar.

GEORGE H. FELT

CAPITULO X: O Barão de Palm

Tendo-se traçado a evolução da *Sociedade* até a sua organização perfeita, podemos agora dar atenção a incidentes especiais que ocuparam a atenção de seus fundadores e afetaram mais ou menos os interesses da mesma. Se os detalhes da história *primeva da S.T.* fossem conhecidos pela maioria de seus membros, este retrospecto histórico poderia ter sua compilação deixada a cargo de alguém menos ocupado do que eu. Na verdade, porém, nenhuma outra pessoa viva os conhece todos tão bem quanto eu; ninguém, salvo *H.P.B.* e eu, assumiu todas as responsabilidades, recebeu todos os duros golpes, organizou todos os sucessos: assim, devo forçosamente bancar o historiador. Se eu não o fizer, a verdade jamais se fará conhecida. No presente capítulo, o incidente especial com o qual vamos lidar é a história da ligação do *Barão de Palm* com nossa *Sociedade*, seus antecedentes, sua morte, vontade e funeral; sua cremação requererá um capítulo à parte. Isto não é *Teosofia*, mas não estou escrevendo *Teosofia*, é história, um de vários casos que se misturaram aos assuntos de nossa *Sociedade*, e que ocupam grandemente o tempo e os pensamentos meus e de minha colega. Na qualidade de *Presidente da Sociedade*, esses casos lançados sobre mim em particular graves responsabilidades. Quando digo que realizei as exéquias fúnebres de *De Palm* com a convicção de que me acarretariam honorários profissionais no valor de mais ou menos 2.000 libras por ano, explicarei o que quero dizer. O que se imaginava aconteceu, porque ofendi mortalmente o cavalheiro — um cristão hipócrita — que controlava o assunto em questão, e que influiu na sua transferência para outro amigo dele. Naturalmente, eu faria tudo de novo, e só menciono a circunstância para mostrar que custava algo ser, naqueles primeiros dias, um obreiro dos *Mestres*.

Joseph Henry Louis Charles, Barão de Palm, Comandante da Grande Cruz da Ordem do Santo Sepulcro e Cavaleiro de diversas outras Ordens, nasceu em Augsburg, a 10 de maio de 1809, numa antiga família de barões da Bavária. Já entrado em anos, emigrou para a América, viveu alguns anos nos estados do Oeste, e, por volta de dezembro de 1875, veio até mim, em Nova York, com uma carta de apresentação do falecido *Coronel Bundy*, editor do *Religio Philosophical Journal*, recomendando-o à minha atenção. Vendo nele um homem de maneiras cativantes, evidentemente familiarizado com a melhor sociedade, e que manifestava muito interesse pelo *Espiritismo* e o desejo de aprender alguma coisa sobre nossas teorias orientais, dei-lhe as boas-vindas, e, a pedido dele, apresentei-o a *H.P.B.* A amizade continuou, o *Barão* juntou-se à nossa *Sociedade*, e, ocorrendo logo depois uma vacância, pelo afastamento do *Reverendo J. H. Wiggan*, foi ele eleito *Membro do Conselho*, a 29 de março de 1876. Como ele se queixasse de saúde fraca, e de não ter em Nova York ninguém que se importasse de ele estar vivo ou morto, na desgraçada pensão onde o haviam instalado, convidei-o para vir ocupar um quarto em meu "*apartamento*", cuidei para que ele tivesse conforto, e chamei um médico para receitar-lhe. Como se apresentassem sintomas de pneumonia e nefrite, e o médico declarasse que ele corria perigo, ele me fez mandar-lhe o Sr. *Judge*, *Consultor Permanente da Sociedade*, e fez um testamento em que deixava algumas parcelas de propriedade imobiliária em Chicago a duas senhoras amigas, nomeava-me seu herdeiro universal e designava a mim e ao Sr. *Newton*, *Tesoureiro da Sociedade Teosófica*, seus executores com plenos poderes. A conselho médico, e por seu insistente pedido, foi ele removido, na noite de sexta-feira, 19 de março (1876), para o *Hospital Roosevelt*, onde morreu na manhã seguinte. O resultado de uma autópsia veio mostrar que ele sofrera, durante anos, de uma complicação de

moléstias dos pulmões, rins e outros órgãos; expediu-se um atestado médico, certificando que ele morrera de nefrite, o qual foi arquivado, como manda a lei, na *Secretaria da Saúde*, transportado para o *cenotáfio* do *Cemitério Luterano*, aguardando a conclusão dos arranjos para o enterro.

Em religião, o *Barão de Palm* era *voltairiano* com um verniz de *Espiritismo*. Ele pediu particularmente que não houvesse padre ou religioso oficiando em seu funeral, mas que eu oficiasse as exéquias de modo a ilustrar as noções orientais de morte e imortalidade. A recente agitação do assunto da cremação, na Inglaterra e América, causada pela incineração do corpo da primeira *Lady Dilke*, as experiências científicas de Sir *Henry Thompson* (vide seu ensaio publicado, *The Treatment of the Body after Death — O Tratamento do Corpo Após a Morte*, Londres, 1874), e os artigos e panfletos sensacionais do Reverendo *H. R. Haweis* sobre os inenarráveis horrores dos cemitérios de Londres, levaram-me a perguntar-lhe como ele gostaria que eu dispusesse de seus restos mortais. Ele pediu minha opinião sobre a superioridade relativa das duas maneiras de sepultura, concordou com minha preferência pela *cremação*, manifestou horror pelo *enterramento*, já que certa senhora que ele conhecera tinha sido enterrada viva, e mandou que eu fizesse o que achasse mais aconselhável. Formara-se em abril de 1874 um órgão de tipo diletante, que se intitulava *Sociedade de Cremação de Nova York*, e eu me inscrevera como membro, tendo sido eleito membro da *Comissão Jurídica*, mas, além de aprovar resoluções e publicar panfletos, os membros nada haviam feito para provar a fé que se depositava neles. Aí, finalmente, estava a chance de se ter um corpo para ser consumido pelo fogo, e inaugurar assim a reforma muito necessária. Ofereci-o à *Sociedade* em questão e eles o aceitaram. Como fazia calor para a estação, requereu-se urgência, e até a noite anterior ao dia designado para o *funeral*

público do Barão, ficou entendido que, após as cerimônias, eu devia entregar o corpo aos representantes da *Sociedade*, para a cremação. Nesse ínterim, *H.P.B.* e o resto de nós nos ataviamos para organizar um solene "*Funeral Pagão*" — como a imprensa preferiu chamá-lo. Compusemos uma *litania*, elaboramos um cerimonial, escrevemos um par de hinos *órficos* para a ocasião e os fizemos acompanhar da música adequada. Na noite do sábado já mencionado, estávamos revisando pela última vez nosso programa, quando me trouxeram uma nota, da parte do *Secretário da Sociedade de cremação de Nova York*, dizendo que teriam de renunciar à cremação por causa do grande barulho que os jornais tinham feito a respeito do funeral e de seus ataques à *Sociedade Teosófica*. Por outras palavras, esses respeitáveis covardes morais não ousaram enfrentar o ridículo e a animosidade que haviam sido instigados contra nós, inovadores. O dilema em que nos achávamos não durou mais de meia hora, pois finalmente ofereci-me para assumir toda a responsabilidade, e empenhei minha palavra de que o corpo seria incinerado ainda que eu mesmo tivesse de fazê-lo. A promessa se cumpriu a seu tempo, como a seqüência mostrará.

Pela prestativa cortesia do *Reverendo O. B. Frethingham*, cuja congregação se reunia em culto no salão nobre do *Templo Maçônico*, na esquina da Rua Vinte e Três com a Sexta Avenida, Nova York, pudemos realizar as *exéquias fúnebres do Barão* naquele vasto apartamento. Uma hora antes da hora marcada, a rua ficou apinhada de uma multidão ávida, mesmo um pouco estrepitosa, e um forte aparato policial teve de ser mandado para evitar que as portas fossem forçadas. Tínhamos expedido duas espécies de bilhetes de admissão, ambos de forma triangular, sendo um em cartão preto impresso em prateado, para os lugares reservados, e o outro pardo, impresso em preto, para admissão geral, e a polícia foi

instruída no sentido de não deixar entrar ninguém sem bilhetes de um ou outro tipo. Mas é difícil conter uma multidão americana ou inglesa, e, quando as portas se abriram, houve tamanho tropel que os 1.500 possuidores de ingressos tiveram de fazer o que pudessem para encontrar lugares. O salão nobre, que comporta 2.000 pessoas, ficou apinhado de todos os lados, foram bloqueados os próprios corredores e passagens, e, pelo burburinho da conversa e mal-estar reinante, era fácil perceber que a multidão viera para satisfazer sua curiosidade, e não, certamente, para patentear respeito ao morto ou simpatia pela *Sociedade Teosófica*. Ela mostrava exatamente essa incerta disposição, quando o menor incidente inesperado e sensacional podia transformá-la na besta selvagem em que por vezes se transforma uma multidão excitada. Ao longo de toda a semana anterior, os grandes jornais tinham açulado a curiosidade pública num frenesi, e uma das sátiras mais sarcásticas que já li, publicada no *World* sobre nosso propalado cerimonial e procissão pública, provocou o riso de toda Nova York. Em favor de nossos netos teosóficos, citarei o seguinte fragmento:

"Muito bem", disse o Coronel; "vão em frente e cumpram o seu programa, mas omitam todo mundo menos os membros da Sociedade, pois os maçons não terão o que fazer com eles".

"Gastaram-se então duas horas para cumprir uma ordem de marcha e um programa de exercícios depois que a procissão chegou ao Templo, e o resultado foi o seguinte: a procissão se moverá na seguinte ordem":

"O Coronel Olcott como sumo sacerdote, usando uma pele de leopardo e carregando um rolo de papiro (papelão castanho)".

"O Sr. Cobb, como escriba sagrado, com estilo e tabuinha".

"Sarcófago de múmia egípcia, transportado num trenó tirado por quatro bois. (Também um escravo portando um vaso com óleo lubrificante.)"

"Mme. Blavatsky como carpideira principal e também portadora do sistro. (Usará vestido de linho, até os pés, e cinto.)"

"Menino preto carregando três gansos abissínios (frangos de Filadélfia) para serem colocados sobre o ataúde".

"O Vice-Presidente Felt, com o olho de Osíris pintado sobre o lado esquerdo do peito, e portando uma víbora negra (comprada numa loja de brinquedos da Oitava Avenida)".

"O Dr. Pancoast, entoando antiga endecha tebana":

"Ísis e Néftis, começo e fim;

Enviamos mais uma vítima para Amênti.

Paguemos o transporte e não tardemos,

Cruzemos o Estige pela barca da Rua Roosevelt³⁰"

³⁰ As três divindades a que o texto faz referência, *Ísis*, *Néftis* e *Amênti*, são deusas da primitiva religião e mitologia egípcias. *Ísis* é a grande deusa, a deusa-mãe, esposa-irmã de *Osíris* e mãe de *Horus*, o deus falcão. Os gregos identificavam-na com *Deméter*, *Hera* ou *Selene*, mas principalmente com a primeira, deusa da fecundidade e das searas, da vida que renasce. *Plutarco* é o primeiro autor a relatar em minúcias o mito de *Ísis*, que ele teria aprendido junto aos sacerdotes de *Sais*, no Egito. Nos murais e pinturas egípcios, a deusa é representada usando um disco entre chifres de vaca. Nalgumas representações assumiria mesmo a forma duma vaca. É a protetora dos mortos. *Néftis*, a segunda divindade mencionada no texto, é outra das deusas tutelares da morte, no panteão egípcio. Esposa de seu irmão *Set*, não tinha filhos dele e então uniu-se ao seu outro irmão, *Osíris*, de quem gerou *Anúbis*, o deus que vela pela preservação dos cadáveres. *Néftis* é freqüentemente citada ou representada em companhia de *Ísis*, e recebe o epíteto de "*Senhora do Palácio*" - o palácio da morte. Usa sobre a cabeça uma coluna, que representa o próprio palácio. Os gregos identificavam-se com *Nike*. A terceira divindade citada, *Amênti*, é representada como uma deusa que usa uma pluma de avestruz na cabeça, e por vezes a pluma e um falcão. Seu nome significa literalmente "*A do Ocidente*", sendo que o Ocidente, isto é, o poente, é o símbolo da própria morte, ou da terra para onde vão os mortos. Na lenda egípcia, essa terra dos mortos situava-se nos portões do mundo, à entrada do deserto, onde a alma do defunto era recebida por uma deusa meio escondida entre a folhagem da árvore que escolhera para viver. Ela lhe oferecia pão e água, e, se o defunto bebesse e comesse, tornava-se "*amigo dos deuses*", e não podia mais retornar. O *Estige* a que se refere a letra dos teosofistas, é o rio do mundo subterrâneo (ou lagoa), entre os gregos, mais ou menos equivalente ao *Ordálio* dos persas. A alma devia atravessá-lo na barca de *Caronte*, para ingressar no reino de *Hades*. Alguns gêiseres e cavernas situados em diversas regiões da Grécia eram tidos como entradas ou bocas do mundo subterrâneo, que iriam dar no *Estige* e no *Aqueronte*. (N. do T.).

"Escravos em roupas de luto, portando as oferendas e libações, que consistirão de batatas novas, aspargos, rosbife, panquecas francesas, cerveja e cidra de Nova Jersey".

"O Tesoureiro Newton, como chefe dos músicos, tocando gaita dupla".

"Outros músicos tocando harpas de oito cordas, tantas etc."

"Meninos carregando um grande lótus (girassol)".

"O Bibliotecário Fassit, que se revezará com a música repetindo versos que começam assim":

"Aí vem Horus, vejo o barco,

Amigos, contende vossas lágrimas fluentes;

A alma humana só trespassa

Uma cabra em 3.000 anos".

"No Templo, a cerimônia será curta e simples. Os bois serão deixados na calçada, tendo por perto um menino para evitar que chifrem os transeuntes. Além do hino teúrgico, aqui reproduzido na íntegra, será entoado o hino nacional copta, traduzido e adaptado para a ocasião assim:

*"Cinocéfal³¹ pousado no topo de uma árvore,
Vejo-vos e vós me vedes.
Rio pleno de crocodilos, vede seu focinho longo!
Içai a sombra e tirai-a do caminho".*

Com esse tipo de coisa continuando com dias de antecedência, pode-se imaginar em que perigoso estado de espírito se encontrava a platéia que ali se amontoava, da qual apenas um punhado de gente se constituía de membros da S.T., a maioria estando positivamente predisposta contra ela. No entanto, tudo decorreu com bastante calma, até que um metodista excitado, parente de certo F.T.S. que estava me ajudando na cerimônia, levantou-se e gritou, gesticulando com selvageria: *"Isso é mentira!"*, exatamente quando eu acabava de pronunciar as palavras: *"Existe apenas uma primeira causa, incriada —."* Imediatamente o público pulou nos calcanhares e alguns se voltaram para a porta, como as pessoas fazem em tais crises, sem saber se o brado confuso pode ou não significar um alarme de incêndio: alguns, do tipo mais rude, subiram nas cadeiras, e, olhando para o palco, pareciam dispostos a tomar parte na luta ou escaramuça, em caso de que essa irrompesse. Foi um desses momentos em que o curso dos acontecimentos depende do narrador. Acontece que eu vira uma vez *Wendell Philips*, o grande orador

³¹ *Cinocéfal* - O de cabeça de cão. O texto certamente alude a *Hapis*, que as fontes mitológicas geralmente dão como filho de *Ísis* e *Horus*. Era um dos tutelares do reino dos mortos, embora de importância secundária na religião. Cada uma dessas divindades velava sobre uma parte do corpo do defunto, e a *Hapis* (ou *Hapi*) cabia a tutela das vísceras. A alusão posterior, do *"rio pleno de crocodilos"*, confirma a invocação a Hapi, que em certa fase da mitologia egípcia foi identificado com o próprio Nilo, e, nessa acepção, era representado como o rio literalmente cheio de crocodilos. Eventualmente, outro deus do panteão egípcio, *Tot*, era representado como cinocéfal, isto é, com cabeça de cão. Vale lembrar que o panteão egípcio era inteiramente zoomórfico, cabendo a cada deus os atributos físicos de um animal - falcão, cão, crocodilo, hipopótamo etc. O deus tinha, assim, a cabeça do animal, e o resto do corpo em forma humana. O mesmo não ocorre no panteão grego, onde os deuses eram freqüentemente representados juntamente com o seu animal consagrado - a coruja de *Atená*, a cabra de *Afrodite*, o touro de *Zeus*, etc. - mas com forma totalmente humana. (N. do T.).

abolicionista, subjugar, por meio de uma frieza imperturbável, uma turba que o azoïnava e vaiava, e, assim que isso me veio à memória, adotei a tática dele. Adiantando-me calmamente, pousei a mão esquerda sobre o *esquife do Barão*, encarei o público, fiquei imóvel e não disse nada. Num instante fez-se um silêncio mortal de expectativa; nisso, erguendo lentamente a mão direita, eu disse, com grande vagar e solenidade: "*Estamos em presença da morte!*" e esperei. O efeito psicológico foi para mim — que fora durante tantos anos um estudioso das multidões — muito interessante e divertido. A excitação foi contida como por mágica, e então, no mesmo tom de voz de antes, e sem parecer sequer ter sido interrompido, terminei a sentença da litania — "*eterna, infinita, desconhecida*".

Um coro de voluntários do *New Yorker Saengerbund* entoou os dois hinos órficos que havíamos composto para a ocasião, acompanhado ao órgão pela música de uma Missa italiana de 300 anos; "e" — diz o repórter do Sun — "*à medida que o canto cresceu, e depois morreu suavemente na semi-obscuridade da sala apinhada mas silente, com o fogo simbólico bruxuleando (no altar triangular) e os antigos ornamentos cavaleirescos cintilando no caixão, o efeito foi muito impressionante*".

Entoado o primeiro *hino órfico*, fez-se uma invocação, ou *mantram*, à "*Alma do Mundo, cujo sopro dá e retira a forma a tudo*". "*O universo*", prosseguia a oração, "*é sua manifestação e revelação. Vós, perante quem a luz do ser é uma sombra que muda e um vapor que se dissipa; exalais o vosso hálito, e os espaços infinitos se povoam; aspirais, e tudo o que esteve à vossa frente retorna novamente*". Isto era bom vedismo e boa teosofia! O mesmo pensamento impregnava todas as partes do serviço — os hinos, a invocação, a litania e o meu discurso. Neste último, forneci alguns detalhes sobre o *Barão de Palm*, segundo eu os ouvira dele mesmo (e muito enganosos, como se mostraram depois, quando os ouvi do advogado da

família). Expliquei o caráter e objetivos da S.T³². e meu ponto de vista sobre a total ineficácia do arrependimento no leito de morte para o perdão dos pecados. Fico feliz em ver, ao ler os relatos dos jornais, após um lapso de muitos anos, que preguei, pura e simplesmente, a doutrina do *Karma*. Houve uma explosão de aplausos e vaias, quando disse que a *Sociedade* "*considerava o biltre que subisse à força um biltre, ainda que vinte preces tivessem sido pronunciadas por ele*". Impus silêncio imediatamente e continuei com minhas observações — que foram assim relatadas:

"Ele então continuou a dizer que a Teosofia não podia conceber o mau que permanecesse sem punição ou o bom que não viesse a ser premiado. Acredito que o homem é um ser responsável, e a Teosofia foi uma religião não de profissões, mas de práticas. Opunha-se totalmente às paixões e ensinava a subordinação do corpo ao espírito. Aí, nesse caixão, jaz (o corpo de) um teosofista. Devemos dizer que o aguarda um futuro de felicidade sem jaca, desvinculada do curso de sua vida pregressa? Não, mas conforme tiver ele agido, assim sofrerá ou se rejubilará. Se tivesse sido sensual, usurário e corrupto, então a primeira e divina (e única) causa não poderia perdoar-lhe a menor de suas transgressões, pois isso lançaria o universo no caos. Deve haver compensação, equilíbrio, justiça".

Entoado o segundo *hino órfico*, a Sra. *E. Hardinge Britten*, oradora espírita, dirigiu-se à platéia durante uns dez minutos, com a capacidade de um médium que se pronuncia pela palavra, e concluiu com uma apóstrofe vigorosamente emocional ao *Barão falecido*, dizendo-lhe adeus e declarando que ele atravessara "*os portões dourados onde (sic) não penetra a tristeza*", e espargiu

³² "*Esta Sociedade*", disse eu, "*não era nem religiosa nem caritativa, mas um organismo científico. Seu objetivo era inquirir, não ensinar, e entre seus membros contavam-se homens de diversos credos e crenças. "Teologia" significava a vontade revelada de Deus, e "Teosofia", o conhecimento direto de Deus. Uma nos pedia que acreditássemos no que outrem tinha visto e ouvido, enquanto que a outra dizia-nos para vermos e ouvirmos por nós mesmos. Ensinava a Teosofia que, pelo cultivo de seus poderes, pode o homem ser interiormente iluminado e adquirir assim o conhecimento de suas faculdades divinas.*"

flores sobre o ataúde "*como símbolos da vida plenamente desabrochada!*" Isto encerrou a cerimônia, e a platéia maciça dispersou-se calmamente.

O corpo do falecido foi entregue à responsabilidade do Sr. *Buckhorst*, agente funerário da *Sociedade*, para que o alojasse numa capela fúnebre até que eu conseguisse providenciar a cremação. Fui obrigado a inventar um método melhor de preservação do que o deficiente processo de embalsamação que tinha sido empregado no Hospital, o qual mostrou sua ineficácia já no espaço de quinze dias. Acarretou-me grande ansiedade, e não havia propósito de investigação ou pesquisa, mas resolvi finalmente a dificuldade, embalando o cadáver em argila seca, impregnada com vapor carbólico e outros vapores de alcatrão de hulha destilada. Tinha realmente começado a decomposição, quando, na primeira semana de junho, aplicou-se o anti-séptico, mas, quando examinamos o cadáver, no próximo mês de dezembro, antes de ser removido para cremação, descobriu-se que estava completamente mumificado, tendo sido absorvidos todos os líquidos e detido por completo o processo de apodrecimento. Estou convencido de que ele poderia ter sido mantido assim, por muitos anos, talvez por um século, e recomendei o processo como sendo superior a qualquer outro método barato de embalsamação de que já tive notícia.

H.P.B. não desempenhou nenhum papel oficial na celebração pública das exéquias de De Palm, mas fez-se ouvir do mesmo jeito. Sentou-se entre a platéia, com os membros não oficiantes da *Sociedade*, e, quando o metodista exaltado interrompeu nossa litania e um policial o teve em mãos para escoltá-lo para fora, ela se pôs de pé e gritou: "*Ele é fanático, isso é que é!*" e todo mundo, à volta dela, foi obrigado a rir, o que ela logo fez também, cordialmente. Os membros que tomaram

parte na cerimônia foram os Srs. *Judge, Cobb, Thomas, Monachesi, Oliver*, e mais três ou quatro de cujos nomes não consigo lembrar-me.

Em sua assembléia de 14 de junho, o *Conselho da Sociedade Teosófica* e a própria *Sociedade* aprovaram *Resoluções* ratificando e confirmando tudo o que seus representantes haviam feito em relação à autópsia, exéquias e embalsamação de *De Palm*. Adotou--se também uma *Resolução* no sentido de que

"O Presidente e Tesoureiro desta Sociedade, executores da última vontade e testamento de nosso camarada falecido, sejam, e o são por este instrumento, autorizados e dotados de poderes para proceder, em nome desta Sociedade, a todos e quaisquer atos posteriores que possam julgar necessários para levar a termo a disposição dos restos mortais de nosso companheiro falecido, de acordo com os desejos e orientações por ele expressos".

Terminado o funeral do Barão, a próxima coisa a fazer era ver de que forma o seu patrimônio podia ser útil à *Sociedade* (pois, embora tudo me tivesse sido deixado individualmente, havia entre nós um entendimento no sentido de que eu estava livre para transferir tudo à *S.T.*). Eu e o Sr. *Newton* obtivemos uma cópia legal do testamento, e o Sr. *Judge* foi instruído para fazer as necessárias averiguações. Levamos um primeiro choque ao abrir, no hospital, o baú do Barão: continha duas das minhas próprias camisas, das quais fora escolhido o monograma alinhavado. Isto pareceu realmente muito nebuloso, um mau começo para o suposto grande legado. Havia também no baú um pequeno busto de bronze representando um bebê chorando, algumas fotografias e cartas de atrizes e "*prima donnas*", algumas contas não saldadas, réplicas douradas e esmaltadas de suas ordens nobiliárquicas, um estojo chato e forrado de veludo, contendo as certidões de nascimento dele, seus passaportes e os documentos relativos aos diversos negócios

diplomáticos e judiciais de que ele se ocupara, o rascunho do testamento, já cancelado, e uma escassa provisão de roupas. Além disso, mais nada, nem dinheiro ou jóias, nem documentos, nem manuscritos, nem livros, nem evidências de gosto ou hábitos literários. Forneço estes detalhes — no que o *Sr. Newton* e o *Sr. Judge* me corroborarão — por um excelente motivo, a ser em breve relatado.

O testamento velho dava-o como *Seignior* dos castelos de *Old e New Artensee*, no Lago Constância, e os papéis dele apresentavam-no como suposto proprietário de 20.000 acres de terra em *Wisconsin*, quarenta terrenos em Chicago, e umas sete ou oito propriedades mineiras nos Estados do Oeste. Calculando-se por baixo que o seu patrimônio fundiário valesse 5 dólares por acre, correu o boato de que eu herdara pelo menos 20.000 libras, sem falar dos dois castelos suíços, dos terrenos e das reivindicações às minas de ouro e prata. Esses boatos correram por toda a imprensa americana, escreveram-se editoriais a respeito, e recebi uma chusma de cartas, de congratulações e de pedidos, de pessoas conhecidas e desconhecidas, e procedentes de países variados. O *Sr. Judge* comunicou-se com as legatárias, com as autoridades no país e no exterior, e com um representante da família do *Barão*. Isto levou vários meses, mas o resultado final foi este: as senhoras não iam ter de presente os terrenos de Chicago, a terra no *Wisconsin* tinha sido penhorada anos antes, as ações de minas só serviam para empapelar paredes, e ficou provado que os castelos na Suíça eram de ar; o patrimônio todo não renderia nem mesmo o suficiente para ressarcir o *Sr. Newton* e a mim mesmo pelos modestos custos do funeral e verificação do testamento! O *Barão* era um nobre falido, sem meios, sem crédito ou esperanças, um símbolo de uma grande classe que se precipita para a América republicana, como último recurso, quando a Europa não mais os sustentará. Seu bom nascimento e seus títulos de nobreza granjeiam-

lhes entrada na sociedade americana, por vezes oportunidades de cargos lucrativos, e mais freqüentemente viúvas ricas. Eu nunca soube exatamente o que nosso amigo estivera fazendo no Oeste, mas, por intermédio de credores importunos, que surgiram, descobri que ele estivera de qualquer forma ligado a tentativas infrutíferas de organizar empresas industriais.

Nem na época, nem desde então, descobri um grão de prova de que o *Barão de Palm* tivesse talento literário, erudição ou gostos intelectuais. A conversa dele com *H.P.B.* e comigo versava principalmente sobre assuntos superficiais, cujos tópicos são do interesse da sociedade. Mesmo em matéria de *Espiritismo* ele não parecia ser um pensador profundo, mas antes um observador interessado de médiuns e fenômenos. Ele nos contou muita coisa sobre suas experiências nos círculos diplomáticos, e atribuía suas aperturas da época (com respeito à posse de dinheiro vivo) às suas fúteis tentativas, quando adido, no sentido de rivalizar com ricos diplomatas ingleses no sentido de viver com magnificência e ser elegantemente generoso. Lia pouco e não escrevia, como pude observar largamente, já que ele morou comigo como meu hóspede.

Ser-me-ia penoso deter-me nessas personalidades, não fosse pela necessidade de mostrar o caráter do homem e deixar que meus leitores julguem por si mesmos se ele tinha condições de ser mestre ou mentor de uma pessoa como a autora de *Ísis Revelada* e de *A Doutrina Secreta*. Pois é este o ponto em questão. Com inconcebível malignidade, certos adversários sem princípios de *H.P.B.* espalharam a calúnia de que o seu *Ísis Revelada* "*nada mais é do que uma compilação dos manuscritos do Barão de Palm, sem a devida citação*". Isto se encontrará numa capciosa carta do Dr. *Elliott Coues*, publicada no *New York Sun* de 20 de julho de 1890, a qual, mais recentemente, o editor daquele influente jornal, no

mais honrado espírito de justiça, lamentou ter publicado e declarou carente de evidência que a sustentasse. A mentira, segundo me informou a Sra. *Emma Hardinge Britten*, foi posta em circulação por um douto caluniador, no *Carrier Dove* e por outros jornalistas hostis. Ganhou, principalmente, certo caráter de publicação duradoura, por intermédio de um francês banido, um certo Dr. *G. Encausse, F.T.S.* (conhecido pelo pseudônimo de "*Papus*"), em sua obra *Traité Méthodique de Science Occulte*, analisado no *Theosophist* de agosto de 1892.

Àqueles que conheceram o modo de vida de H.P.B. enquanto ela escrevia seu livro, aos que estiveram familiarizados com o *Barão de Palm* no Oeste e em Nova York, e que a ele estiveram associados durante sua breve ligação com a S.T., os detalhes acima citados, fácil e singelamente provados, sobre a personalidade, hábitos e conhecimentos dele serão suficientes. Para os outros, é com relutância que anexo a fulminante carta enviada ao Sr. *Judge* por Herr *Obermayer*, cônsul em *Augsburg*, na *Bavária*, em resposta à consulta oficial e profissional feita pelo primeiro quanto às supostas propriedades européias de *M. de Palm*. O texto publicado foi traduzido para esta publicação, do original em meu poder. Pela data da carta, o leitor verá que não a recebemos — e, em consequência, não tivemos ciência da verdade sobre os antecedentes europeus do *Barão* — senão um ano após sua morte, e cinco meses depois da mundialmente famosa cremação de seus restos mortais:

"CONSULADO DA REPÚBLICA ARGENTINA, AUGSBURG, 16 de maio de 1877. NP 1130. A WILLIAM Q. JUDGE",

"Advogado e Procurador, 71 Broadway, Nova York".

"Pela sua carta de 7 p.p., fui informado de que o Barão Josef Heinrich Ludwig von Palm morreu em Nova York, no mês de maio de 1876".

"O abaixo-assinado, Cônsul Max Obermayer (que foi Cônsul dos Estados Unidos em Augsburg de 1866 a 1873), encontra-se por acaso em condições de fornecer-lhe a informação desejada quanto ao falecido, de maneira rigorosamente exaustiva, e o faz de boa vontade".

"O Barão von Palm foi, na juventude, oficial do exército bávaro, mas, em decorrência de suas muitas e nebulosas transações e de seus débitos, foi forçado a deixar o serviço. Foi então para outros lugares da Alemanha, não conseguindo porém jamais permanecer durante muito tempo em parte alguma, porque sua grande frivolidade e devassidão levavam-no constantemente a incorrer em novos débitos e a envolver-se em negócios suspeitos, de maneira que ele era sempre condenado pela justiça e mandado para a cadeia".

*"Ao tornar-se-lhe impossível permanecer por mais tempo na Alemanha, foi para a Suíça para meter-se numa nova carreira de trapanças, e realmente conseguiu, por meio de falsas promessas e adulterações, persuadir o proprietário do Schloss (Castelo) "**Wartensee**" a vender-lhe aquela propriedade, a qual ocupou em seguida. Sua permanência ali, no entanto, foi breve; ele não apenas não conseguiu levantar o dinheiro da compra, como não pôde sequer pagar os impostos, e, em consequência, a propriedade foi vendida para ressarcir os credores e Palm passou-se para a América".*

"De propriedade sua, na Europa, ele não possui algo sequer no valor de um centavo; a esse respeito, tudo o que possa constar entre seus haveres é puro logro".

"A única propriedade à qual ele já teve algum direito, antes de ir para a América, era uma parte da herança Knebelisher, em Trieste. Ao partir, ele já fizera muito barulho para conseguir o pagamento imediato daquela quantia, mas em vão".

Lá pelo fim do ano de 1869, Palm dirigiu-se ao abaixo-assinado, então na qualidade deste, de Cônsul dos Estados Unidos, solicitando-lhe que lhe conseguisse o pagamento de sua quota do supra citado patrimônio Knebelisher".

"Tal pedido foi imediatamente atendido, e, como se pode ver pela cópia inclusa de seu recibo, foi colocada à disposição de Palm, por uma carta consular datada de 21 de janeiro de 1870, a soma de 1.068 táleres, e ele valeu-se disso através da casa bancária de Greenbaum Bros. & Co., como se deduz de sua carta dirigida ao consulado e datada de 14 de fevereiro de 1870".

"Posso apenas repetir que Palm não possuía na Europa nem um único dólar em dinheiro, nem um pé em terras, e que tudo o que possa ser encontrado entre seus papéis, em sentido contrário, baseia-se apenas em simulação fraudulenta.

"Os únicos parentes conhecidos de Palm são as duas Baronesas Von T---, domiciliadas em Augsburg, ambas de famílias respeitabilíssimas sob qualquer aspecto, e a quem Palm, em seu último ano de residência na Europa, causou muito escândalo e aborrecimento."

"O acima nomeado declara tudo o que deve ser conhecido a respeito do falecido Palm da maneira mais cabal, e provavelmente mais ainda do que V.V. S.S. podiam esperar".

(Assinado) MAX OBERMAYER

"Cônsul da República Argentina".

Meus cumprimentos a M. Papus, à Sra. Britten e seus "*colegas*". *Palmam qui meruit, ferat!*

CAPÍTULO XI: A Primeira Cremação na América³³

O tema do presente capítulo é a cremação do *Barão de Palm*. Relatei, anteriormente, as circunstâncias que me levaram a tomar pessoalmente o encargo, e, já que é historicamente importante por ter sido a primeira cremação pública nos Estados Unidos, e a primeira na qual se empregou um crematório, os detalhes podem ser interessantes.

A cremação teve lugar a 6 de dezembro de 1876, na pequena cidade interiorana de Washington, Condado de Washington, na Pennsylvania, mais de seis meses após ter o corpo sido embalado em argila *carbolizada* seca, em Nova York.

³³ Embora o meio de sepultamento mais antigo que se conhece seja o do alojamento do cadáver em grutas, a cremação parece ser uma opção pelo menos tão antiga quanto o enterramento. Nas civilizações européias das idades do Bronze e do Ferro, ela aparece esporadicamente, coexistindo com a prática generalizada do sepultamento. No Oriente, notadamente na Índia, e entre chineses e japoneses, foi prática corrente desde tempos imemoriais. No Brasil, há registros dessa prática datando de 2.250 anos, entre os habitantes pré-colombianos das cercanias da cachoeira do Rio Orobó, em Pernambuco. Como no caso norte-americano, citado por Olcott, em que aparecem registros esporádicos de cremações, ocorreram entre nós, desde os tempos coloniais, cremações eventuais ou por vontade expressa do falecido. O Padre Manuel da Nóbrega, por exemplo, foi cremado. E, séculos depois, em 1920, o jornalista e botânico Manuel Lopez de Oliveira, popularmente conhecido por Manequinho Lopez, chegou a liderar um movimento pela instalação de um crematório em São Paulo. Não seria, porém, senão em meados da década de 70, que se iria implantar no Brasil, justamente em São Paulo, o primeiro crematório do País. Esse crematório, o de Vila Alpina, entrou em operação a 11 de agosto de 1974, com moderníssimo equipamento inglês fabricado por Dowson & Mason Ltd. e instalado num parque de 4.700 m². Tem capacidade para 3.000 cremações por mês, ou 100/dia, e o corpo demora apenas 50 minutos para ser totalmente reduzido a cinzas puras (as do caixão, flores e adereços são automaticamente retiradas do conteúdo final por exaustão). A operação é inteiramente automatizada, por painéis eletrônicos, e a realização de cerimônia religiosa fica inteiramente a critério da família ou segundo as determinações deixadas pelo morto. Em termos de técnica, como outros grandes crematórios do mundo, parece ser a coroação dos sonhos e previsões de Olcott e Le Moyne. A evolução dos números estatísticos, porém, mostra que a aceitação da idéia, entre nós, foi (e continua a ser) lenta e gradual: entre agosto e dezembro de 1974, registraram-se apenas 73 cremações, média de 14 por mês. Já em 1975 houve 257 cremações, dando uma média de 21 por mês e representando um incremento de 50% em relação ao ano anterior. Um dado significativo: entre agosto de 1974 e junho de 1975, 50% de todas as cremações foram de estrangeiros. E, embora até 1977 esse número tenha caído para 33%, a cifra permaneceu surpreendente, se se considerar que a cidade de São Paulo (mais Grande São Paulo) não compreende 33% de população estrangeira. Em 1976, de janeiro a outubro, realizaram-se 335 cremações, com média mensal de 33 e aumento de 57% em relação a 1975. Um fato interessante: os registros do crematório assinalam que as pessoas de credo espírita requerem a conservação do corpo, nas câmaras frigoríficas ali existentes para tal fim, por um período de 72 horas após o óbito, antes da cremação. Também se registram ocorrências pitorescas com relação a disposições deixadas por falecidos quanto a particularidades da cerimônia e quanto à música que deva ser executada durante o serviço. Há, por exemplo, o caso de um senhor que deixara por escrito a instrução para que fosse executada "La Cumpaisita". Geralmente, os pedidos são atendidos. (N. do T.)

Hoje, é muito fácil cremar-se um corpo, na América ou na Inglaterra, pois dispõe-se de crematórios eficientes, e existem sociedades de cremação, mas na época a coisa era bem outra. Quando me comprometi a dispor dos restos mortais do *Barão* como ele desejava, não havia instalações, nem precedentes a serem seguidos no meu país, a não ser que eu quisesse adotar o método oriental de queima ao ar livre, já empregado uma vez, e que, sob a alegação de então, de detrimento público, e ante a provável recusa da *Secretaria de Saúde* em expedir um alvará, teria sido muito difícil, para não dizer perigoso. A única tática que eu podia adotar era esperar até que se oferecesse a oportunidade. No ano de 1816, um certo Sr. *Henry Laurens*, um cavalheiro de posses da Carolina do Sul, deixou ordens para que seus testamenteiros lhe queimassem o corpo, e compeliu a família a aquiescer, por uma cláusula testamentária, em que não entrariam de posse da herança de seu patrimônio a menos que se cumprissem estritamente seus desejos. De acordo com isso, seu corpo foi queimado em sua própria fazenda, à moda oriental, numa pira funerária e a céu aberto; estiveram presentes a família e amigos íntimos. Há registro de outro caso do gênero, o de um certo Sr. *Berry*, tendo sido, também neste caso, usada a pira, se não me falha a memória. Mas não houvera nenhum caso de eliminação de restos mortais humanos numa retorta ou crematório construído para esse fim, e, assim, como foi dito anteriormente, eu não tinha escolha senão esperar pacientemente pelo desenrolar dos acontecimentos. Não fiquei muito tempo em suspense, pois certa manhã, em julho ou agosto, anunciou-se nos jornais que o Dr. *Julius Le Moyne*, médico excêntrico mas muito filantrópico, da região oeste da Pensilvânia, começara a construir um crematório para queimar seus próprios despojos. Entrei imediatamente em correspondência com ele, daí resultando que (carta de 16 de agosto de 1876) ele deu seu consentimento no sentido de que, se

sobrevivesse à conclusão de seu edifício, seria o cadáver do Barão o primeiro a usá-lo. Na época do funeral, não se anunciou a possibilidade de vir a haver uma posterior cremação, apenas cochichou-se a respeito; agora, porém, a coisa foi abertamente declarada, sendo meu propósito deixar as autoridades plenamente cientes, de forma que, se houvesse qualquer obstáculo legal, fosse ele trazido à baila. O Sr. *F. C. Bowman*, Consultor Jurídico (Advogado), e eu, fomos constituídos numa *Comissão de Assessoria Jurídica da primitiva Sociedade de Cremação de Nova York*, para examinar cuidadosamente os estatutos e relatar se uma pessoa tinha ou não o direito de escolher a maneira pela qual seu corpo devia ser eliminado. Nada descobrimos que indicasse o contrário; e, na verdade, o próprio bom senso por si mesmo diria que, se um homem tem posse absoluta de algo que lhe pertença, este deve ser o seu corpo físico, e deve ele ter liberdade para dizer de que forma se deve dispor desse corpo após sua morte, desde que não escolha qualquer método que ponha em perigo os direitos ou bem-estar dos outros. Por um acordo particular meu com a *Sociedade de Cremação de Nova York*, e desde que o crematório do Dr. *Le Moyne* estava pronto havia muito, fizemos um requerimento formal à *Secretaria de Saúde de Brooklyn* pedindo um alvará de remoção para cremação, e a Secretaria buscou aconselhamento jurídico³⁴.

A *Secretaria* concordou com o parecer do Sr. *Bowman* e meu, e, tendo-se feito uma petição, resguardada nos termos prescritos em lei, mais tarde, ao estar terminado o crematório, foi-nos devidamente outorgado o alvará. Estava assim cumprido o primeiro ponto importante, e, não havendo impedimentos legais, os

³⁴ Segue-se o texto da nota em questão:

CIDADE DE NOVA YORK, 5 de junho de 1876, CAVALHEIROS:

Os abaixo-assinados, Executores da Última Vontade e Testamento de Joseph Henry Louis, Barão de Palm, pelo presente instrumento solicitam a liberação de seu corpo, que ora jaz na cripta mortuária do Cemitério Luterano: o dito corpo deverá ser removido para local conveniente, além dos limites da cidade, e cremado, de acordo com o pedido do supra mencionado De Palm.

(Assinado) H. S. OLCOTT, H.J. NEWTON

advogados da cremação tinham apenas de defrontar-se com objeções de caráter teológico, econômico, científico e sentimental. O Dr. *Le Moyne* e eu concordamos no plano de providenciar uma reunião pública com pronunciamentos de homens representativos, que deveria ter lugar imediatamente após a cremação, e uma reunião noturna, na qual se discutiriam os méritos e deméritos desta modalidade de sepultura. Concordamos em que cada orador público devesse limitar-se a um aspecto específico do tema, para evitar repetições, enquanto se abordaria toda a matéria.

Devido à neutralidade da S.T. em todas as questões que envolvessem diferentes opiniões religiosas, decidiu-se que eu e meu co-executor deveríamos desincumbir-nos de nossa tarefa como pessoas físicas. Decidiu-se também que não devia haver mais cerimônias religiosas. Tanto o Dr. *Le Moyne* quanto eu éramos vigorosos defensores da cremação, e estávamos assim plenamente convictos de que, no interesse público, dever-se-ia dar ampla publicidade ao acontecimento, requerendo a ocasião que se convidassem homens de ciência e autoridades dos órgãos de Saúde, que deveriam estar presentes e analisar cuidadosamente o processo de redução do corpo pelo fogo. "*Concordo com o senhor*", escreve o bom e velho Doutor, "*em que os pronunciamentos devem limitar-se ao tema da cremação, sem extrapolar para outros tópicos, não importa quão apropriados e correios pudessem eles ser por si mesmos isoladamente. Jamais cogitei ou esperei que nosso programa incluísse qualquer espécie de serviço religioso, mas que fosse uma experiência estritamente científica e sanitária, visando a uma reforma no sistema de eliminação de cadáveres.*" A imprensa americana, que caçou da Sociedade Teosófica por termos tido excesso de cerimônias religiosas no funeral do Barão, exprobrou-nos então por não termos nenhuma cerimônia religiosa durante sua

cremação. Não de mos, porém, a menor atenção a isso, de vez que a censura e o elogio dos ignorantes têm igualmente nenhum valor. O Dr. *Le Moyne* e eu desejávamos abordar os seguintes pontos: a) Se a cremação era realmente um método científico de sepultamento; b) Se era mais barata que o sepultamento; c) Se apresentava qualquer aspecto repugnante; d) Quanto demoraria para se incinerar um torpor humano. Em cumprimento à política de ampla publicidade, eu e o Sr. Newton, como executores, e o Dr. *Le Moyne*, como proprietário do crematório, enviamos, aos órgãos de *Saúde*, cientistas, diretores e professores de faculdades, religiosos e editores, o seguinte convite:

“NOVA YORK, novembro de 1876”.

“PREZADO SENHOR: Aos 6 dias do mês de dezembro p.f., na cidade de Washington, Filadélfia, deverá ser cremado o corpo do falecido”

*“JOSEPH HENRY LOUIS, BARÃO DE PALM,
Comandante da Grande Cruz da Soberana Ordem
do Santo Sepulcro em Jerusalém; Cavaleiro
de São João de Malta; Príncipe do
Império Romano; ex-Camareiro
de Sua Majestade, o Rei
da Bavária; Membro da
Sociedade Teosófica etc. etc.”*

de conformidade com os desejos por ele expressos aos seus executores testamentários, pouco antes de seu passamento. V. S. é mui respeitosamente convidado a assistir à citada cerimônia, em pessoa ou por procuração.

A cremação efetuar-se-á num forno especialmente projetado para este fim, e erigido pelo Dr. *F. Julius Le Moyne*, em atenção à sua preferência por este estilo de sepultura.

Sendo a ocasião de interesse para a *Ciência*, em seus aspectos histórico, sanitário e outros, os testamenteiros do *Barão de Palm* consentiram em que se lhe dê publicidade. Assim, é-lhe enviado o presente convite na esperança de que V. S. ache conveniente divulgá-lo, e, no caso de ser posto em debate o tema geral da cremação, tome parte no debate. Já manifestaram intenção de enviar representantes ao evento a *Universidade da Pennsylvania*, o *Washington e Jefferson College*, o *Colégio de Médicos e Cirurgiões de Nova York*, outras instituições do saber e as Secretarias de Saúde de Boston, Filadélfia, Washington D. C. e outras cidades. Acredita-se que a ocasião reunirá um grande número de observadores científicos altamente competentes e influentes. Haverá pronunciamentos adequados à ocasião.

Washington é uma cidade do Condado de Washington, no Estado da Pennsylvania, a vinte e cinco milhas ao oeste de Pittsburg, no Vale Chartiers R. R., e mais ou menos a meio caminho das cidades de Pittsburgh e Wheeling. Saem trens de Pittsburgh e Wheeling para Washington às nove da manhã e cinco da tarde, todos os dias exceto aos domingos. O tempo de viagem é de aproximadamente duas horas.

Como o auditório do Crematório é muito pequeno, faz-se necessário conhecer-se com antecedência o número previsto dos presentes. Solicita-se,

portanto, a V.S., que comunique sua determinação, por carta ou telegrama, a qualquer dos abaixo-assinados, segundo lhe convier.

HENRY S. OLCOTT } Executores da Vitima Vontade e
HENRY J. NEWTON } Testamento do Barão de Palm.

Caixa Postal 4335, Nova York, NY

ou DR. F. JULIUS LE MOYNE

Washington, Condado de
Washington, Filadélfia.

As confirmações foram muitas, tendo crescido tanto o interesse do público que um cavalheiro (Sr. A. C. Simpson, de Pittsburgh, Filadélfia), que tinha acesso às cotações de um influente jornal, declara: "*Não há um só jornal impresso nos Estados Unidos que não tenha tido mais ou menos a dizer, não só sobre a incineração do Barão, como também sobre seus pontos de vista teológicos e religiosos*" (ver *Banner of Light*, número de 6 de junho de 1887). Uma das coisas mais engraçadas que se escreveram a respeito do caso foi a expressão usada pelo Sr. *Bromley*, num editorial do *New York Tribune*: "O *Barão de Palm* foi famoso principalmente como cadáver."

Foi uma grande responsabilidade que assumimos, pois, se algo saísse errado com o forno do Dr. *Le Moyne*, teria havido um tremendo clamor contra nós, por expormos um corpo humano à possibilidade de mau trato científico irreverente³⁵. Entretanto, sendo tão humanitário o objetivo em vista, levamos a coisa a efeito sem

³⁵ Havia um risco contra o qual devíamos prevenir-nos, a saber, a possibilidade de o cadáver ser carbonizado no ar parado de uma retorta incandescente de barro aquecida a uma temperatura de 1500 a 2000 graus Fahrenheit. Para se precaver contra isto, o Dr. *Le Moyne*, sob protestos de seu empreiteiro, perfurou um respiro na porta de aço da retorta e adaptou-lhe uma válvula giratória que deixava o respiro ser aberto ou fechado à vontade. No experimento piloto de cremação, isto mostrou-se tão eficaz que o empreiteiro aderiu ao ponto de vista do Doutor.

hesitar. Para resguardar-se tanto quanto possível de acidentes, o bom Doutor testou primeiro o forno numa carcaça de carneiro, e, numa carta datada de 26 de outubro de 1876, relata-me que *"foi um sucesso total. A carcaça pesava 164 libras, e foi cremada em seis horas, podendo tê-lo sido em menos tempo."* Ele fez então uma caixa para o esqueleto, ou esquife, composta de barras roliças e chatas de meia polegada, pesando no total cerca de 40 libras, na qual deveria jazer o cadáver para ser colocado na retorta; e pediu-me para comprar, se possível, uma manta de tecido de amianto, que deveria recobri-lo à guisa de mortalha resistente ao fogo. Na época, isso não era obtenível, e tive de imaginar um substitutivo. Ao chegar ao local, uma espiada na retorta aquecida mostrou-me que qualquer substância cerosa ao redor do cadáver seria instantaneamente consumida e o corpo ficaria descoberto, e assim embebi um lençol numa solução saturada de alúmen e tentei isso. Mostrou-se perfeitamente eficaz, e, acredito, tornou-se agora de uso corrente.

Não preciso entrar em muitos detalhes sobre a cremação, já que eles podem ser todos encontrados nos arquivos de qualquer jornal americano referente ao mês de dezembro de 1876; todavia, considerando-se o interesse histórico que se prende a essa primeira cremação científica realizada nos Estados Unidos, é preferível apresentar uma narrativa condensada englobando os principais fatos, pelo gerente responsável.

O crematório *Le Moyne* (pois ainda existe) fica num edifício pequeno, de um andar, de tijolos, dividido em dois cômodos; um, na entrada, à esquerda, é a recepção, enquanto que o outro contém o forno e a retorta. Excluindo-se o valor do terreno, custou ao Dr. *Le Moyne* mais ou menos 1.700 dólares, ou seja, 340 libras. Tudo era muito simples, repulsivamente simples, pode-se dizer: não havia qualquer ornamentação dentro ou fora — pura e simplesmente um incinerador prático de

cadáveres, tão antiestético quanto um forno de padeiro. Mas os resultados mostraram que ele é profundamente prático e pode desincumbir-se da função para a qual foi criado tão bem quanto se suas paredes fossem de mármore esculpido, as divisórias de madeira decorativamente esculpida, e as portas e o forno fossem poemas em bronze modelado. Escreveu-me o Dr. *Le Moyne* que seu objetivo era dar aos pobres um método de sepultura que fosse largamente mais barato do que o sepultamento, e oferecer-lhes mais salvaguardas contra as violações de túmulos e as tragédias de sepultamento prematuro, inevitáveis na maneira predominante de inumação. O roubo dos cadáveres do falecido *Lord Crawford* e *Balcarres*, da Escócia, e do Sr. *A. T. Stewart*, de Nova York, para não mencionar os milhares de corpos que são arrebatados pelos dissecadores, mostra a realidade do primeiro método, ao passo que o pretense retalhamento do pobre *Irving Bishop*, enquanto estava em transe profundo, e os casos em que, ao se reabrir um caixão, encontrou-se o corpo virado e com a carne dos braços roída pela desgraçada vítima em sua agonia de fome e sufocação, conferem um peso medonho ao anteriormente sugerido. Os fins pecuniários e sanitários visados foram atingidos com o forno de *Le Moyne*, pois mesmo esta primeira cremação na América custou-nos apenas cerca de dez dólares, e provou que se pode eliminar um corpo sem segmentos desagradáveis.

Eu e o Sr. *Newton* chegamos a Washington, Pa³⁶ a 5 de dezembro de 1876, com os restos mortais do Barão encerrados em dois volumes — o caixão e uma caixa externa de madeira. Encontraram-nos na estação o Dr. *Le Moyne* e outros, e o cadáver foi levado para o crematório num coche fúnebre, onde ficou até a manhã seguinte, a cargo de um criado, o foguista que alimentava o forno. O fogo (de

³⁶ Não confundir com Washington D. C, a capital federal (N. do T.).

coque) fora acendido às duas da madrugada daquele dia, e a retorta já mostrava um calor branco reluzente — "*bastante quente*", disse o foguista, "*para fundir ferro*". A construção mecânica do aparelho era a pura simplicidade. Uma retorta arqueada de argila refratária, com 8 pés de comprimento por 3 de largura e igual altura, para receber o corpo, circundada por um condutor de fogo que se comunicava com a fornalha debaixo da retorta, o qual tinha uma chaminé alta para formar uma corrente e levar a fumaça para fora. Uma abertura da retorta para o condutor circundante de ar quente permitia a evasão, no condutor, dos gases e outros produtos voláteis da cremação, e eles eram aí eficazmente consumidos. Uma grande porta de ferro, tarjada de luto com argila retrataria ao redor do caixilho estava fixada em frente da retorta, e a aba móvel, de que falei anteriormente, não só permitia a introdução de ar frio e a formação de uma leve corrente de ar através da retorta, à vontade, como também servia de vigia pela qual podia-se ter um vislumbre, a espaços, de como ia a cremação. Como o cadáver repousava numa caixa aberta, de ferro, envolto em seu lençol *saturado de alúmen*, e numa caixa de argila refratária que o separava eficientemente do fogo da fornalha abaixo dele, ver-se-á que não podia haver nada daquele horror de carne humana torrando e entranhas queimando, que faz a gente estremecer numa incineração em pira ao ar livre, enquanto que, à medida que todos os produtos mais leves da cremação, os componentes gasosos e aquosos de um corpo, eram queimados no condutor de calor que circundava a retorta incandescente, nada havia daquele odor desagradável que por vezes faz desfalecer quem passa por um "*ghât*" de cremação indiano. O cadáver é simplesmente dessecado, até não restar nada além das cinzas do esqueleto. Aberta a retorta, na manhã seguinte à cremação de *De Palm*, nada ficara do corpo outrora alto e

robusto, senão vestígios de pó branco e alguns fragmentos de articulações ósseas; no total, pesou apenas umas 6 libras³⁷.

Em muitos casos, houve aceitação de nosso convite a cientistas e autoridades sanitárias, e assistiram à cremação os seguintes cavalheiros: Dr. Otterson, da Secretaria de Saúde de Brooklyn; Dr. Seinke, Presidente da Secretaria de Saúde do Condado de Queen; Dr. Richardson, editor do *Medical Journal* (Boston); Dr. Felsom, Secretário da S.S. de Boston; Prof. Parker, da Universidade da Pennsylvania; três médicos representando a S.S. de Filadélfia; um que representava a Universidade Lehigh; Dr. Johnson, da S.S. de Wheeling, W. Va; Dr. Asdale, Secretário da S.S. de Pittsburgh; diversos outros membros da classe médica, em caráter não oficial; e um enxame de repórteres e enviados especiais, representando todos os principais jornais da América e alguns do Exterior. Sei que na realidade a intenção dos editores era de que a maior profusão de detalhes possível fosse telegrafada para seus jornais; o *New York Herald*, por exemplo, mandou que o seu repórter lhe enviasse por telégrafo pelo menos três colunas; mas ocorreu uma tragédia que mudou os planos deles: o *Teatro de Brooklyn* pegou fogo na mesma

³⁷ Mais afortunado do que a maioria dos inovadores, eu vivera para ver tornarem-se sucessos mundiais algumas reformas que ajudei a implantar na terra natal. A cremação é uma delas. Hoje, após um lapso de dezessete anos, a opinião pública chegou ao ponto de um jornal jurídico atrever-se a estampar em suas páginas a seguinte declaração em favor da cremação:

"Nada mais certo que, num futuro não muito distante, a cremação de cadáveres constitua uma prática universal. Supõe-se atualmente que as minhocas trazem dos cemitérios micróbios portadores de doenças e os distribuem a seu bel-prazer. Nunca pudemos compreender como uns trinta mil corpos em putrefação, num acre ou dois de terra, podem representar algo mais do que um inaplacável perigo para os que vivem a poucas milhas de sua influência. A terra é um desodorizante muito bom, mas há limites à sua capacidade. Se alguém já estudou o lento processo de putrefação animal, sabe quão revoltante é ele, e que perigo se origina dos fétidos gases que escapam. Será que os defensores do enterramento imaginam que os gases provenientes de milhares de cadáveres amontoados tão perto uns dos outros escapam para o centro da terra? Se assim pensam, terão que aprender que tais gases infiltram-se facilmente através de uns poucos pés de terra, e acham-se livres para errar à luz do sol e envenenar aqueles que por acaso lhes cruzam o caminho. Toda doença maligna que hoje em dia aflige a humanidade é a admoestação da lei conclamando-nos a melhorar nossos hábitos e viver de acordo com a razão, e a única esperança de nos livrarmos de vez das epidemias é pelo processo lento mas seguro de educação. Dia virá em que toda matéria putrefata será tornada inofensiva pela ação do calor". - Jury.

noite, e umas duzentas pessoas foram queimadas vivas. Assim, a cremação maior diminuiu o interesse do público pela menor.

O corpo mumificado do *Barão* foi removido do esquife e depositado na caixa de ferro, embrulhado no lençol e embebido em alúmen que eu providenciara; borrifei-o com gomas aromáticas e fiz chover sobre ele rosas escolhidas, primaveras, esmiláceas e folhas de palmeira anã, e deitei sprays de folhagens no peito e ao redor da cabeça³⁸. Cito, do artigo do New York Times, o seguinte trecho:

"Tudo pronto, o corpo foi calma e reverentemente lançado na retorta. Não houve serviços religiosos, nem discursos, nem música, nem clímax, o que teria revestido a ocasião de grande solenidade. Não houve um nada de cerimônia. Tudo foi o mais trivial possível. Às 8:20h o Dr. Le Moyne, o Coronel Olcott, o Sr. Newton e o Dr. Asdale tomaram quietamente seus lugares de cada lado do corpo, e, erguendo a caixa do catafalco, levaram-no imediatamente para a retorta crematória, e fizeram-no deslizar para dentro dela com seu fardo descoberto de cabeça para a frente."

"Quando a ponta da caixa atingiu a extremidade mais distante e mais quente da fornalha, as folhagens ao redor da cabeça queimaram numa labareda e foram rapidamente consumidas, mas as flores e folhagens na outra parte do corpo permaneceram intactas. As chamas formaram, por assim dizer, uma coroa de glória para o morto."

A descrição não é bem completa, pois, quando a cabeça do cadáver penetrou na retorta superaquecida, as folhagens que a envolviam pegaram fogo, e um penacho de fumaça saiu pela porta, como se fosse um punhado de penas de avestruz, dessas que as senhoras usam no chapéu numa sala de visitas, ou que um cavaleiro de antigamente levava no topo do elmo. A porta de ferro da retorta foi

³⁸ Os visitantes da sede de Adyar podem ver fotos gravadas e emolduradas desta e de outras cenas e detalhes da cremação, tiradas do New York Daily Graphic.

imediatamente fechada depois que o caixão foi lançado lá dentro, e depois aferrolhada e aparafusada apertado. De início, tudo ficou escuro lá dentro, devido ao vapor fumacento do lençol embebido e ao desprendimento de fumaça das gomas e plantas que se estavam incinerando, mas isso passou em poucos minutos, e então pudemos ver o que foi descrito pelo correspondente do Times nestes termos:

"A esta altura a retorta apresentava a aparência de um disco solar radiante, de cor mais quente que brilhante, e, embora todas as flores e folhagens estivessem reduzidas ao estado de cinza ígnea, conservaram suas formas individuais, os ramos pontudos das folhagens pendendo sobre o corpo. Pude ver, ao mesmo tempo, que a mortalha ainda envolvia o cadáver, o que mostrava que a solução de alúmen tinha cumprido plenamente sua finalidade. Isto responde a uma das objeções levantadas contra a cremação — a possibilidade de exposição indecente do corpo. Meia hora depois, era plenamente evidente que o lençol estava carbonizado. Ao redor da cabeça, a matéria estava enegrecida e áspera. Isso era facilmente explicável. Parece que, ao saturar o lençol com a solução de alúmen, o Coronel Olcott começou pelos pés, e, quando chegou à cabeça, o suprimento tinha enfraquecido. Todos, porém, rejubilaram-se ao ver que o calor aumentava rapidamente."

UMA CENA NOTÁVEL

"Bem nessa hora ocorreu uma notável ação muscular no cadáver, remontando quase a um fenômeno. A mão esquerda, que ficara do lado do corpo, levantou-se pouco a pouco e três dos dedos apontaram para cima. Embora um pouco impressionante na hora, essa ação foi naturalmente mero resultado do intenso calor de queima que produziu a contração muscular. Às 9:35 h., o Dr. Otterson experimentou a corrente de ar na retorta, colocando um pedaço de papel

de seda por sobre a vigia, tendo alguns sugerido que não havia oxigênio em quantidade suficiente, na retorta, para produzir a necessária combustão. Descobriu-se que a corrente era abundante. Nesse momento a mão esquerda começou a decair lentamente para sua posição normal, enquanto uma brilhante luz cor-de-rosa cingia os restos mortais, e um leve odor aromático abriu caminho através do respiro da fornalha. Uma hora depois o corpo apresentava a aparência de absoluta incandescência. Parecia em brasa. Isto era resultado da combustão extra, sendo então o calor do forno muito mais desagradável do que antes, com a boca da retorta escancarada".

EFEITOS CURIOSOS NOTADOS

"Quando a retorta ficou mais quente, a névoa rósea de que falei adquiriu um matiz dourado, e notou-se nos pés um efeito muito curioso. Naturalmente, as solas dos pés estavam totalmente expostas a quem quer que olhasse através da vigia. Elas foram gradualmente adquirindo certa transparência, de natureza semelhante à da mão quando se mantêm os dedos entre o olho e uma luz brilhante, mas muito mais luminosa. Às 10:40 h. o Dr. Le Moyne, o Coronel Olcott, William Harding e as autoridades sanitárias presentes entraram na sala do forno e consultaram-se a portas fechadas. Ao reaparecer, anunciaram que a cremação do corpo estava praticamente completa. Quem quer que nesse momento olhasse para dentro da retorta pensaria que assim era".

"O ordálio de fogo pelo qual passaram Shadrach, Meshach e Abed-nego por causa da imagem dourada de Nabucodonosor deve ter sido uma experiência impressionante, comparada com aquilo por que passou o corpo do Barão de Palm. O Dr. Le Moyne fez algumas experiências com carneiros, quando o forno ficou pronto, mas o Dr. Dye, o construtor, diz que o corpo foi cremado mais perfeitamente

ao cabo de duas horas e quarenta minutos do que os carneiros em cinco ou seis horas. Mais ou menos a essa altura, notei que o corpo começava a depositar-se no fundo, que, embora até certo ponto incandescente, era não obstante apenas uma estrutura de cinzas pulverulentas, que os pulmões de uma criança poderiam soprar. A mortalha incandescente enevoadada ainda cobria os restos mortais, e os brotos das folhagens permaneciam ainda de pé, embora tivessem afundado com a sedimentação do corpo. Também os pés haviam decaído, e tudo se estava tornando rapidamente uma massa ardente de uma luz branca e um calor intenso ... Às 11:12 h. o Dr. Felsom, Secretário da S.S. de Massachusetts, procedeu a um exame cuidadoso, tanto quanto possível, da retorta e de seu conteúdo. Seu comunicado de que "Sem dúvida alguma completou-se a incineração" foi recebido com satisfação geral. O derradeiro vestígio da forma de um corpo desaparecera na massa geral." Se dei tanto espaço aos trechos descritivos citados, é por causa da excelência do material narrativo, e pela sua importância histórica. Outro motivo é que ele mostra o quão limpo e estético é este estilo de sepultura, em contraste com o enterramento. Uma característica da cremação deve recomendá-la aos amigos daqueles que morrem em terras distantes, a saber, que os corpos podem ser convertidos em pó, e, dessa forma, podem ser trazidos para casa de forma fácil, não ostensiva e irrepreensível, e ser colocados no jazigo da família ou no cemitério, junto com os restos dos parentes."

*"Aqueles que ele amou e não mais vê,
... que não morreram, mas partiram antes."*

Na tarde daquele mesmo dia, no encontro público realizado na Prefeitura Municipal, o Dr. King, de Pittsburgh, discursou sobre os efeitos deletérios e

venenosos dos cemitérios superlotados; o Dr. *Le Moyne*, sobre os aspectos éticos e práticos da cremação; o *Presidente Hays* mostrou o caráter irrepreensível dessa prática, sob o aspecto bíblico; o Sr. *Crumrine* expôs a legalidade da cremação; e eu contribuí com um retrospecto histórico do assunto em tempos modernos e antigos.

Naturalmente, o fogo da fornalha foi desativado tão logo o corpo estava totalmente incinerado, e o respiro na porta foi fechado, de forma a dar tempo para que a retorta esfriasse gradualmente, já que, se exposta ao ar frio, ela se teria inevitavelmente quebrado. O Dr. *Asdale* e eu removemos as cinzas na manhã seguinte e as depositamos numa urna hindu que fora dada em Nova York para esse fim. Levei-as comigo para a cidade e guardei-as até pouco antes de nossa partida para a Índia, quando então espargi-as sobre as águas do Porto de Nova York, com um cerimonial adequado, embora simples.

E aconteceu, assim, que a *Sociedade Teosófica* não apenas introduziu nos Estados Unidos *idéias filosóficas hindus*, mas também a maneira *hindu de sepultura*. Desde aquela primeira cremação científica na América, ocorreram muitas outras, de homens, mulheres e crianças; construíram-se outros crematórios e originaram-se em meu país sociedades de cremação. O preconceito inglês foi superado a tal ponto que o Parlamento legalizou a cremação, registrou-se uma sociedade, e foi em seu crematório de Woking, perto de Londres, que o corpo de *H.P.B.* foi cremado, de acordo com o pedido por ela expresso verbalmente e por escrito. Em abstraio, pouco me importa que o meu "*corpo de carne*" seja lançado no mar salgado para o seu leito juncado de amebas, ou deixado nos caminhos cobertos de neve do Himalaia, ou na areia quente do deserto; mas, se eu tiver de morrer em casa e ao alcance de amigos, espero que, como os do *Barão de Palm* e o de *H.P.B.*, ele possa ser reduzido pelo fogo a poeira inofensiva, e não tornar-se uma praga ou

um perigo para os vivos, depois de ter servido ao propósito de meu presente
prarâbdha karma!

CAPITULO XII: Autor Putativo de "Arte Mágica"

Agora cumprirei minha promessa (ver Capítulo VIII) de dizer algo sobre o *Arte Mágica da Sra. Hardinge Britten*, e sobre a elaboração da obra. Mencionou-se anteriormente o fato de o livro ter sido lançado quase junto com a formação da *Sociedade Teosófica*, e as circunstâncias são um pouco curiosas. A Sra. *Britten* foi particularmente atingida por elas, e dá testemunho de sua surpresa, nos seguintes trechos constantes de uma carta dirigida ao *Banner of Light*:

"Fiquei tão surpresa e sensibilizada com a coincidência de propósitos (não idéias) expressa na inauguração da Sociedade Teosófica, à qual estive presente, que achei de meu dever escrever ao Presidente daquela Sociedade, incluir uma cópia do anúncio ainda não publicado, e explicar-lhe que a publicação do livro em questão antecipou, sem pacto de ação ou mesmo conhecimento pessoal, entre as partes envolvidas, tudo o que a dita Sociedade Teosófica pudesse doravante desdobrar do saber cabalístico."

A coincidência residia no fato de que o livro e a nossa *Sociedade* afirmavam simultaneamente a dignidade da antiga *Ciência Oculta*, a existência dos *Adeptos*, a realidade, e o contraste entre as *magias Branca e Negra*, a existência da *Luz Astral*, a abundância das *raças elementais* nas regiões do ar, terra etc., a existência de relações entre elas e nós, e a viabilidade de colocá-las sob sujeição mediante certos métodos há muito sabidos e experimentados. Foi, por assim dizer, um ataque de duas frentes simultâneas ao campo entrincheirado da ignorância e preconceito ocidentais.

A Sra. Britten afirmou que *Arte Mágica* foi escrito por um adepto seu conhecido, "um amigo de toda a vida" e profundamente honrado³⁹, que ela conhecera na Europa, e para quem apenas trabalhava como "Tradutora" e "Secretária". O nome dele, disse ela, era *Louis*, e era um *Chevalier*. Publicou-se um prospecto mordaz, calculado para açular a mais débil curiosidade até o ponto de compra, e a cupidez do bibliófilo, excitada pelo anúncio de que o autor só permitiria a impressão de quinhentos exemplares, e ainda assim reservar-se-ia o direito de recusar a venda àqueles que julgasse indignos⁴⁰! Esse direito ele parece ter exercido, já que, noutra carta publicada aos "Difamadores de *Arte Mágica*" — que ela chama de "cachorrinhos" — relata-nos a Sra. Britten que "*uns vinte nomes foram vetados pelo Autor.*" O fato de terem algumas pessoas, mais cavilosas que bem informadas, insinuado que o livro dela fora gestado na *Sociedade Teosófica*, provocou-lhe a ira a tal ponto que, numa profusão de maiúsculas e negritos, ela admoesta todos esses mexeriqueiros que não ousam defrontar-nos abertamente, no sentido de que ela e o marido "*haviām entregue o caso a um eminente jurisconsulto de Nova York*", que os aconselhara "*a dizer publicamente que, livre como pode ser este país para que cada um faça o que lhe agrade (sic), não é suficientemente livre para permitir a circulação de libelos injuriosos*" — e que eles "*o haviām instruído a processar imediatamente qualquer pessoa que, daqui por diante, venha a afirmar, pública ou particularmente, que o trabalho por mim assumido — a saber, secretariar a publicação de *Arte Mágica*, ou *Espiritismo Mundano*, *Sub-Mundano* ou *Super-Mundano* — tem algo a ver com o Coronel Olcott, Madame Blavatsky, a *Sociedade**

³⁹ Em "*Nineteenth Century Miracles*", pág. 437.

⁴⁰ "Para evitar que seu trabalho recôndito caísse às mãos desses leitores heterogêneos, de vez que ele achou que o confidente iria interpretar mal ou talvez perverter seus objetivos para usos maus." (*Nineteenth Century Miracles*, pág. 437). E, em carta a mim dirigida, datada de 20 de setembro de 1875, sobre seu exemplar de Cornelius Agrippa que eu desejava tomar emprestado, ela chama Louis ao "*Autor do livro dos livros*" (o grito é dela), apenas anunciado no Banner, e diz: "*Esse homem preferiria queimar seu livro e morrer entre as cinzas dele a cedê-lo mesmo a uns 500 privilegiados.*"

Teosófica de Nova York, ou qualquer coisa ou pessoa que pertença a qualquer dessas pessoas ou àquela Sociedade" (vide sua carta publicada em *Banner of Light*, por volta de dezembro de 1875; como não há data no recorte afixado em nosso *Álbum de Recortes*, não posso precisar mais exatamente a ocasião).

Esse bate-bate de panelas manteve-se com tanta insistência — sendo ela e o marido, durante todo o tempo, membros da *Sociedade Teosófica* — que, a despeito do preço singular do livro — 5 dólares por um volume de 467 páginas de composição pesada em tipo "*paika*", ou o que pôde ser feito para fazer conter toda a matéria no volume da edição inglesa — sua lista ficou logo completa. Eu mesmo paguei-lhe 10 dólares por dois exemplares, mas o que tenho agora diante de mim está autografado, com a letra da Sra. *Britten*: "*Madame Blavatsky, como prova da estima do Editor (ela própria) e do Autor (?)*." O prospecto afirmava que, depois de rodada a edição de 500 exemplares, os "*clichés*" deviam ser destruídos. O cabeçalho mostra que o livro foi "*Publicado pelo Autor, em Nova York, América*," mas os direitos autorais foram adquiridos por *William Britten*, marido da Sra. *Britten*, no ano de 1876, na devida forma. Foi impresso pelos Srs. *Wheat e Cornett*, Rua *Spruce*, nº 8, N.Y.

Apresentei os detalhes acima pelos seguintes motivos: 1) O livro representa um marco na literatura e pensamento americanos; 2) Suspeito que não se agiu de boa fé com os assinantes, inclusive eu mesmo, de vez que a obra — pela qual pagamos um preço extravagante — foi impressa em tipos, não em clichés, e o Sr. *Wheat* contou-me, ele mesmo, que a sua firma imprimira, por ordem do Sr. ou da Sra. *Britten*, 1.500 exemplares em vez de 500 — afirmação cuja veracidade seus livros contábeis poderiam mostrar. Apenas repito o que o impressor me contou, e dou-o como verdade; 3) Porque estas e outras circunstâncias, entre outras a

evidência interna do assunto e execução da obra, fazem-me duvidar da história da autoria do pretenso adepto. Há, no livro, inquestionavelmente, passagens lindas, brilhantes mesmo, e uma parte que é instrutiva e valiosa. Como neófito nesse gênero literário, fiquei, na época, profundamente impressionado com a obra, e escrevi isso à Sra. *Britten*; mas o efeito em mim produzido foi posteriormente maculado pela minha descoberta do uso desautorizado de texto e ilustrações tirados de *Barrett*, *Pietro de Abano*, *Jennings*, *Layard*, e até (ver páginas 193 e 219 e ilustrações correspondentes) do *Jornal Ilustrado* de Frank Leslie⁴¹; também pela personificação inespíritual de Deus, "*o domínio eterno, incriado, auto-existente e infinito do espírito*" (pág. 31), como um globo, ou seja, uma esfera limitada ou sol central em relação para o universo assim como o nosso sol está para o nosso sistema solar; por muitos erros de gramática e de ortografia; por equívocos como aquele em que "*Khrishna e Buddha Sakia*" são apresentados como heróis de um episódio idêntico ao que se conta de Jesus, a saber, "*a fuga e ocultação no Egito*, e

⁴¹ O crítico literário do *Woodhull and Claflin's Weekly*, jornal novaiorquino da época, noticiando o lançamento de *Arte Mágica*, usa uma linguagem bastante severa com respeito ao suposto Autor, que ele identifica - não posso dizer se justa ou injustamente - com a Sra. *Britten*. O livro, diz ele, "*é simplesmente um fricassé de livros acessíveis a qualquer estudioso, mesmo de meios limitados, e (que) podem ser facilmente encontrados em praticamente qualquer livraria, ou nas prateleiras de qualquer biblioteca pública. A História da Magia de Ennemoser, o Sobrenatural de Howitt, a Filosofia da Magia de Salverte, o Rosacruz de Hargrave Jennings, o Magus de Barrett, a Filosofia Oculta de Agrippa, e alguns outros, são as verdadeiras fontes desta desprezível compilação, cheia de má gramática e piores suposições. Atestamos sem hesitação que não há, no livro, uma única afirmação importante que não possa ser descoberta em livros já impressos.*" Há aqui uma censura exagerada, pois o livro contém trechos dignos de Bulwer-Lytton; dir-se-ia, na verdade, que tais trechos foram escritos por ele; e enquanto são palpáveis os empréstimos forçados de matéria e ilustrações aos autores citados, há muita doutrina oculta, legítima, sentenciosamente colocada, para recompensar o leitor paciente.

seu retorno para operar milagres" etc.⁴²; também pela declaração, que contradiz todos os cânones da *Ciência Oculta* jamais ensinados em qualquer escola, de que, para tornar-se *Mágico*, ou *Adepto*, o "*primeiro grande pré-requisito é uma organização profética ou naturalmente mediúnica*" (pág. 160); e que a participação em "círculos"⁴³, mesmerismo mútuo, o cultivo de relações com espíritos de mortos, e a aceitação de guias e mentores espirituais, constituem auxílios substanciais ao desenvolvimento dos poderes do adepto. Qualquer que seja o adepto que possa ter escrito esse livro, ele com toda a certeza se tornou, no processo de "*editoração*" e "*tradução*" uma apologia da mediunidade, e das fases de mediunidade que a história da Sra. Britten parece ilustrar. Basta que se o compare com *Ísis Revelada*, para constatar-se a ampla diferença em favor desse último fidedigna elucidação da natureza, história e condições científicas da magia e dos mágicos, sejam eles da *Direita ou da Esquerda*. Afirmar que a mediunidade e a condição de adepto são coisas compatíveis, e que qualquer adepto se deixaria guiar ou comandar por espíritos desencarnados, é um absurdo só comparável a dizer que os pólos Norte e Sul estão em contato entre si. Lembro-me muito bem de ter salientado isto à Sra.

⁴² Mas devo realmente citar, para a edificação do Sumo Sacerdote H. Sumangala, e outros eruditos budistas não esclarecidos, todo o trecho: "*O nascimento desses Avatares através da maternidade de uma Virgem pura, suas vidas na infância ameaçada por um rei vingativo, sua fuga e ocultação no Egito, seu retorno para operar milagres, salvar, curar e redimir o mundo, sofrer perseguição, uma morte violenta, uma descida ao Inferno, e um reaparecimento como Salvador recém-nascido, são todos tópicos constantes da história do Deus Sol, que já foram recitados, etc, etc.*" (Op. cit., pág. 60). Imaginem só Gautama Buddha escondido no Egito, sofrendo uma morte violenta, e descendo depois aos Infernos! E alega-se que este *Arte Mágica* é obra de um adepto, que estudou no Oriente e foi iniciado em sua ciência mística! Acima de tudo, um adepto que, quando o cólera grassava em Londres, transferiu-se para um observatório - em Londres - onde ele e "*um grupo seleta - todos notáveis por suas conquistas científicas*", fizeram "*observações por meio de um imenso telescópio, construído sob a direção de Lord Rosse*" (Ghost Land, pág. 134, do mesmo Autor); telescópio esse que, aliás, nunca esteve mais perto de Londres do que sua localização em Birr Castle perto de Parsons Town, no Condado de Kings, Irlanda! O fato é que o Autor desse livro parece ter tomado emprestados seus (dele ou dela) supostos fatos - já pela *grafia errônea dos nomes de Krishna e Sakya Muni* - ao *Capítulo I do livro autêntico de Kersey Graves, The World's Sixteen Crucified Saviours* (Os Dezesesseis Salvadores Crucificados do Mundo), o qual H.P.B. ironizou de maneira tão feliz em seu *Ísis Revelada*.

⁴³ Tradução literal do inglês "*circles*". Em português, o vernáculo espírita adotou a designação mesa, válida porém para as correntes *kardecistas*, ao passo que, na *Umbanda e Candomblé*, emprega-se mais correntemente terreiros ou giras. (N. do T.).

Britten, à primeira leitura de seu livro, e que a explicação dela não foi nada convincente. Ela faz, contudo, uma afirmação, que os espíritas freqüentemente negam, mas que é indubitavelmente verdadeira apesar disso:

*"É também fato significativo, e que mereceria a atenção do fisiologista e do psicólogo, que pessoas afligidas por escrófula e dilatações glandulares, parecem muitas vezes fornecer o **pabulum** que possibilita aos espíritos a produção de manifestações de poder físico. Mulheres frágeis, delicadas — e também pessoas de natureza refinada, inocente e pura, mas cujo sistema glandular foi atacado pelo demônio da escrófula, revelaram-se freqüentemente suscetíveis de tornar-se os mais notáveis instrumentos de demonstrações físicas dos espíritos."*

O autor vira espantosos fenômenos exibidos por "*rudes camponeses e vigorosos homens da Irlanda e Alemanha do Norte*", mas uma investigação cuidadosa revelara, muitas vezes, nos médiuns, tendência à epilepsia, coréia⁴⁴ e distúrbios funcionais das vísceras pélvicas.

"É um fato, que podemos tentar mascarar, ou contra cujo reconhecimento nós (os adeptos?) podemos protestar indignados, que a existência de poderes mediúnicos notáveis prognostica uma falta de equilíbrio no sistema etc."

Contudo, é-nos afirmado que (pág. 161) "*Ser um **adepto** era ser capaz de praticar a magia, e fazê-lo era ser, ou profeta por natureza (ou médium, como dito antes), cultivado até atingir a força de um mago, ou um indivíduo que adquirira esse poder profético (mediúnico?) e força mágica através de disciplina.*"

E esse que se diz adepto diz (pág. 228) que, "*se se combinasse a magia do Oriente com a espontaneidade magnética do Espiritismo Ocidental, poderíamos ter uma religião, cujos fundamentos repousassem na ciência e, alçando-se aos céus*

⁴⁴ Dança de São Guido (N. do T.).

em inspiração, revolucionaria a opinião das eras e estabeleceria na terra o verdadeiro Reino Espiritual."

Mas isto bastará para mostrar que tipo de adepto é o alegado *Autor de Arte Mágica*, e que peso deveria ser dado aos sarcasmos e tolices que a Sra. *Britten* fez circular contra H.P.B., seus ensinamentos e pretensões da *Sociedade Teosófica* que ela nos ajudou a fundar. No começo, ela qualificou de "*grande privilégio*" o fato de privar conosco, disse que sua filiação à S.T. era algo de que se orgulhava, e que seu cargo nesta Sociedade era "*uma honra*" (carta sobre "*Os Detratores de Arte Mágica*", no *Spiritual Scientist*); e, já no ano de 1881 ou 1882, numa carta apresentando a H.P.B. o *Professor J. Smyth, de Sydney*, declara-se sua amiga de sempre, por quem nunca deixou de sentir "*a amizade dos velhos tempos*"; ela, porém, foi qualquer coisa, menos a mesma dos primeiros anos e é sua atitude em relação à *Teosofia* que determinou a necessidade destas várias reminiscências, tanto no interesse da história como em proveito de seus amigos e dela mesma.

Foi-nos dito que o autor tivera "*mais de quarenta anos*" de experiência no ocultismo (pág. 166), depois de ter "*aprendido a verdade*" sobre a ciência mágica; de forma que seria razoável supô-lo um homem de pelo menos cinquenta ou sessenta anos de idade quando da publicação de *Arte Mágica*; todavia, de um suposto retrato dele, que me foi gentilmente enviado de Boston a Nova York pela Sra. *Britten*, em 1876, para exame⁴⁵, ele parece um moço de mais ou menos vinte e cinco anos. Além do mais, todos esses anos de estudo profundo deveriam ter-lhe emprestado ao rosto a majestade viril que se encontra na continência de um verdadeiro *Yogi ou Mahatma*, ao passo que nesse retrato, de um rapagão com suíças, o rosto apresenta a insossa fragilidade de um "*sensitivo doentio*", de um elegante estraçalhador de

⁴⁵ Ela impôs-me a condição de mostrá-lo apenas às pessoas que moravam em nossa casa, e devolvê-lo em seguida a ela.

corações femininos, ou, como dizem muitos dos que o viram, de um manequim de cera como aqueles que os barbeiros de Paris colocam na vitrine para exhibir as perucas e suíças da casa. Aquele que já esteve cara a cara com um verdadeiro adepto seria forçado a suspeitar, por esta continência de ocioso efeminado, que a Sra. *Britten* teria, à falta de melhor, apresentado um falso retrato do verdadeiro autor, ou que o livro simplesmente não foi escrito por nenhum "*Chevalier Louis*".

O retrato é em si mesmo muito menos interessante do que em sua relação com um fenômeno notável, que H.P.B. produziu instigada por uma senhora francesa, espírita, que era então nossa hóspede em nossa sede de Nova York. O nome dela era *Mlle. Pauline Liebert*, e morava em *Leavenworth*, no Kansas, um estado distante do Oeste. H.P.B. conhecera-a em anos passados, em Paris, onde ela fora tomada do mais profundo interesse pela "*fotografia de espíritos*". Acreditava-se sob a proteção espiritual de Napoleão Bonaparte, e julgava-se possuída pelo poder de conferir a um fotógrafo a faculdade mediúnica de tirar retratos dos amigos espirituais de modelos vivos! Quando leu nos jornais as primeiras cartas de H.P.B. sobre o Dr. *Beard* e os fenômenos da família *Eddy*, escreveu-lhe contando do maravilhoso sucesso que tivera em Kansas, St. Louis, e alhures, entre fotógrafos, tirando retratos de espíritos. O Sr. *H.J. Newton*, *Tesoureiro da S.T.*, era fotógrafo amador notável e científico, e montara em sua própria casa uma excelente galeria experimental. Ao ouvir-me falar sobre as pretensões de *Mlle. Liebert*, pediu-nos para convidá-la a fazer-nos uma visita e dar-lhe sessões, com vistas a testar as afirmações dela, em favor da ciência. H.P.B. concordou, e a excêntrica senhora veio a Nova York a nossas custas, e foi nossa hóspede durante vários meses. O erudito caluniador do *Carrier Dove*, que já citei anteriormente em outro episódio, publicou (*Carrier Dove*, volume VIII, 298) uma suposta afirmação de *Mlle. Liebert* a ele, no

sentido de que os fenômenos de *H.P.B.* seriam truques para iludir a mim e a outros, que seus retratos eram comprados ou preparados com antecedência, impingidos a nós como instantâneos etc. etc.; em resumo, uma teia de mentiras. Ele mostra-a como pessoa inteligente, mas o fato é que ela era a credulidade em pessoa, no que se refere às suas fotografias espíritas. A sua chegada a Nova York, começou uma série de sessões em que posava como modelo fotográfico, na casa do *Sr. Newton*, prognosticando confidencialmente que o capacitaria a tirar genuínas fotografias de espíritos. O *Sr. Newton* prosseguiu pacientemente com sua investigação até que, com a décima quinta sessão e nenhum resultado, esgotou-se-lhe a paciência e ele parou. *Mlle. Liebert* tentou explicar seu fracasso alegando que o "*magnetismo*" da galeria particular do *Sr. Newton* não era afim aos espíritos, não obstante o fato de ser ele o primeiro espírita da cidade de Nova York, presidente da maior sociedade do gênero. Com a solícita ajuda do *Sr. Newton*, providenciei então uma nova série de investigações na galeria fotográfica do *Hospital Bellevue*, cujo diretor, o *Sr. Mason*, era homem de formação científica, membro do *Departamento Fotográfico do American Institute*, e estava ansioso por testar as pretensões de *Mlle. Liebert* com disposição favorável. Ele não teve mais sucesso do que o *Sr. Newton*, a despeito das setenta e cinco experiências realizadas tomando-se as precauções prescritas pela francesa contra o malogro. Durante todas essas semanas e meses em que se desenrolaram as duas séries de experiências, *Mlle. Liebert* morou conosco, e quase toda noite tirava e estudava amorosamente um punhado de alegadas fotografias de espíritos, que recolhera em diversos lugares. O ignominioso colapso de suas esperanças quanto às experiências em desenvolvimento pareceu fazê-la caducar; ela voltou-se para o que julgava, pobre criatura iludida, seus sucessos do passado, e era um estudo engraçado observar-lhe o rosto enquanto manuseava suas já gastas

"pièces de conviction". H.P.B., naturalmente, não tinha muita piedade pelas criaturas intelectualmente mal dotadas, e especialmente pouca pelos incautos cabeçudos que caíam em truques mediúnicos, e muitas vezes despejava seu frasco de cólera sobre a — como a chamava — velha tonta. Numa noite fria (19 de dezembro de 1875), após um novo dia de malogros no laboratório do Dr. Mason, Mlle. Liebert estava, como de costume, baralhando suas fotografias sujas, suspirando e arqueando as sobrelanceiras numa expressão de desespero, quando H.P.B. explodiu: "Por que você continua com essa bobagem? Será que não percebe que todas essas fotografias aí na sua mão foram engodos aplicados a você por fotógrafos que lhe extorquiram dinheiro? Você tem tido, agora, todas as oportunidades possíveis de provar seus pretensos poderes — deram-lhe mais de cem oportunidades, e você não conseguiu fazer nada de nada. Onde está Napoleão, que você acha que é seu guia, e os outros doces anjos do Paraíso; por que eles não vêm ajudar você? Baá! A sua credulidade me dá enjôos. Agora veja aqui: posso fazer uma "fotografia de espíritos" quando eu bem quiser, e de quem eu quiser. Você não acredita, hein? Bom, vou provar-lhe imediatamente!" Procurou um pedaço de papelão, cortou-o do tamanho de uma fotografia de cabine, e perguntou então a Mlle. Liebert que retrato ela queria. "Quer que eu faça o seu Napoleão?", perguntou. "Não", disse Mlle. L., "por favor, faça para mim um retrato daquele belo M. Louis." H.P.B. explodiu numa risada de escárnio, porque, a pedido da Sra. Britten, eu lhe devolvera pelo correio, três dias antes, o retrato de Louis, e estando ele nessa altura em Boston, a 250 milhas de distância, era demasiado evidente a armadilha armada pela francesa. "Ah!" disse H.P.B., "achou que podia me pegar, mas veja!" Deixou sobre a mesa, diante de Mlle. Liebert e de mim, o cartão preparado, esfregou a mão sobre ele três ou quatro vezes, virou-o, e ei-lo! vimos (como então pensamos) sobre a face inferior

do papelão, um fac-símile do retrato de *Louis*. Num fundo nublado, de ambos os lados do rosto, espíritos elementais arreganhavam os dentes, e acima da cabeça, uma mão sombria apontava com o indicador para baixo. Nunca vi num rosto humano maior espanto do que o estampado naquele momento no rosto de *Mlle. Liebert*. Contemplou com positivo terror o cartão misterioso, e logo rompeu em lágrimas e precipitou-se para fora da sala com ele na mão, enquanto eu e *H.P.B.* tínhamos um acesso de riso. Ela voltou, depois de meia hora, deu-me a foto, e, ao retirar-me naquela noite, coloquei-a como marcador num livro que estava lendo, em meu próprio apartamento. Ao voltar, anotei a data e os nomes das três testemunhas. Na manhã seguinte, descobri que toda a foto tinha se esvanecido, à exceção do nome "*Louis*", escrito ao fundo à semelhança do original; a legenda, uma precipitação feita simultaneamente com o retrato e os elfos da parte de trás. Era um fato curioso — que uma parte de uma foto precipitada permanecesse visível, enquanto todo o resto tinha desaparecido, e não tenho explicação para isso. Guardei-a em minha gaveta, e como o Sr. *Judge* apareceu para uma visita, um ou dois dias depois, ou talvez na mesma noite, contei-lhe a estória e mostrei-lhe o cartão apagado; nisso ele pediu a *H.P.B.* para fazer reaparecer o retrato e "*consertá-lo*". Não foi preciso mais que um momento para ela deitar novamente o cartão, a frente virada para a mesa, cobri-lo com a mão e reproduzir a foto em sua forma original. Com a permissão dela, o Sr. *Judge* pegou a foto e guardou-a até que o encontramos em Paris, em 1884, ocasião em que - já que ele felizmente a trouxera consigo - pedi-a dele para a *Biblioteca de Adyar*. De Paris, fui para Londres, e, indo uma noite jantar com meu amigo *Stainton Moses*, mostrou-me ele sua coleção de curiosidades mediúnicas, entre outras, a mesma foto original de *Louis*, que eu restituíra à Sra. *Britten* pelo correio, de Nova York a Boston, em 1876! No verso, estava escrito "*M. A. Oxon, 19 de março de*

1877, do autor de *Arte Mágica*, e *Ghostland*". No dia seguinte, levei a cópia de *H.P.B.* e mostrei-a a *Stainton Moses*, e ele deu-me gentilmente o original. Assim, após um espaço de oito anos, ambas voltaram às minhas mãos. Comparando-as, descobrimos tantas diferenças, que ficava conclusivamente demonstrado que uma não era duplicata da outra. Para começar com os rostos, eles olhavam em direções opostas, como se uma fosse reflexo, ampliado e algo desarranjado, da outra num espelho⁴⁶. Quando perguntei a *H.P.B.* o motivo disso, disse-me ela que todas as coisas do plano objetivo têm suas imagens revertidas no plano astral, e que ela simplesmente transferira para o papel o reflexo astral da foto de *Louis*, do jeito que a via: a minuciosidade de sua precisão dependeria da exatidão da percepção clarividente dela. Aplicando esse teste a essas duas fotos, descobrimos que há diferenças materiais nas medidas horizontal e vertical, bem como no corte do cabelo e barba e nos contornos da roupa: as assinaturas "*Louis*" também variam em todos os detalhes, ao passo que persiste uma semelhança no geral. Ao ser precipitada a cópia, o tom imbuíu-se na superfície de todo o cartão como uma espécie de borrão pigmentoso, exatamente como ainda permanece o verso dele, e *H.P.B.* retocou algumas das linhas principais com lápis preto; isto, em favor da melhoria artística do quadro, mas em detrimento dele como peça de fotografia oculta.

Estou, felizmente, apto a citar um relato, até agora não publicado, da própria *Sra. Britten*, dos incidentes ligados à execução do retrato. Esse relato aparece numa carta a *Lady Caithness*, Duquesa de Pomar, que o copiou a meu pedido:

⁴⁶ Em experiências mediúnicas e parapsicológicas mais recentes, este fenômeno é comum, ou seja: ao reproduzir uma imagem pictórica ou fotográfica, o sensitivo parece incorrer na distorção que os pedagogos denominam, em alfabetização, "*visão espelhada*". É curioso notar que no processo de revelação fotográfica ocorre naturalmente a mesma coisa. (N. do T.)

"Remeto-lhe agora, anexa, uma pálida sombra de nosso "arqui-mago".

Lamento profundamente minha impossibilidade de enviar-lhe algo melhor, pois, na verdade, o rosto dele é maravilhosamente belo. Ele tem cabelos negros e brilhantes, olhos soberbos, uma linda compleição, e o mais doce sorriso que se possa imaginar - a senhora pode, portanto, aquilatar que pobre imagem dele é esta foto. Só se parece com ele quando estava desmaiado no coche⁴⁷, quando saímos do fotógrafo. Houve um incidente muito curioso com respeito a esta foto. Quando o negativo ficou pronto, insisti com o fotógrafo para que me fizesse uma prova, ali na hora, para que eu pudesse julgar da sua semelhança; levei aquela prova conosco, e pedi a meu amigo, que é um bom artista, para fazer-me dela um esboço ampliado a crayon — com o que ele concordou. Indaguei-me por que o fotógrafo não me mandou mais fotos, e esperei por elas muitos dias. Eu sabia que ela só representava o meu pobre sofredor como ele era então, não como ele geralmente aparece, mesmo tendo ele acertado comigo para que eu a enviasse, do jeito que estava, à sua Madonna — como ele a chama — porque fizera um tão grande empenho em tirar aquela foto, e só para a senhora. Ele ainda não veio. O fotógrafo, acho eu, podia ter evitado fazer as fotos por causa do mau tempo. Finalmente fui visitá-lo — quando, com um ar estranho e singular de relutância, admitiu que, quase imediatamente após a nossa saída, a foto em negativo ESVAIU-SE POR COMPLETO, deixando apenas algumas marcas ou indicações muito desmaiadas, que pareciam caracteres cabalísticos. Ele estava muito bravo com isso, e queixou-se de que esses espíritas estavam sempre a pregar peças quando o procuravam para fazer fotos, e ele não aguentava lidar com eles. Pedi para ver o negativo, que ele me mostrou com relutância. A meu pedido, então, revelou a chapa (notar acima que já tinha sido revelada e impressa - H.S.O.

⁴⁷ Um adepto desmaiado seria realmente novidade no Oriente!

—), mas as figuras ou sinais são tão desbotados que mal se os percebe. O fotógrafo acrescentou, amedrontado, que "não queria que o cavalheiro voltasse, pois não achava que se tratasse de um mortal."

"Fiquei terrivelmente desapontada, mas não podia fazer outra coisa senão conformar-me. Eu estava meio resolvida a obter uma cópia de minha miniatura, quando recebi, de Cuba, aonde Louis foi primeiro, o desenho a giz que ele fez a partir da prova. Ele acrescentou-lhe uma declaração de que a prova que levou consigo tinha, estranhissimamente, esvanecido, sem deixar nada além de uma desmaiada indicação de alguns sinais cabalísticos, demasiado apagados para serem retocados."

"Isso não é muito estranho? Determinada a não ser obstada, fiz fotografarem o desenho a giz, e, embora ele seja, em suavidade, algo inferior à prova, é igualmente uma boa imagem de nosso inválido. Que tempos momentosos estes que estamos vivendo!"

Momentosos, realmente, quando adeptos de quarenta anos de experiência são levados a parecer um herói de colegiais, e negativos fotográficos são revelados duas vezes, produzindo a cada vez um resultado diferente!

CAPÍTULO XIII: Ísis Revelada⁴⁸

Vejamos que reminiscências a memórias nos pode trazer da câmara escura onde estão guardados os imperecíveis negativos de *Ísis Revelada*, sobre a elaboração desse livro. Se jamais se pôde dizer que um livro marcasse época, esse marcou. Em certo sentido, os efeitos por ele produzidos foram tão importantes quanto os produzidos, noutro sentido, pela primeira grande obra de Darwin; ambos foram vagalhões que agitaram o pensamento moderno, e cada um deles foi de molde a varrer as cruezas teológicas e substituir a fé no milagre pela fé na lei natural. E ainda assim, nada poderia ter sido mais lugar comum e despretensioso do que o início de *Ísis*. Um dia, no verão de 1875, *H.P.B.* mostrou-me algumas folhas de manuscrito que ela escrevera, e disse: "*Escrevi isto a noite passada, 'por ordens', mas não sei que diabo vai ser. Talvez seja para um artigo de jornal, talvez para um livro, talvez para nada: de qualquer forma, fiz o que mandaram.*" E o deixou numa gaveta, e por algum tempo não disse mais nada a respeito. No mês de setembro, porém — se não me falha a memória — ela foi a Syracuse, no Estado de Nova York, em visita a seus novos amigos, o *Professor e Senhora Corson*, da *Universidade Cornell*, e o trabalho prosseguiu. Escreveu-me dizendo que ia ser um livro sobre a *história e a filosofia das Escolas Orientais e suas relações com as de nossa época*. Disse que estava escrevendo sobre coisas que nunca estudara, e fazendo citações de livros que jamais lera em toda a sua vida: que, para pôr à prova a exatidão dela, o *Prof. Corson* havia comparado suas citações com obras clássicas, na *Biblioteca da Universidade*, e descobrira que ela estava certa. À sua volta à cidade, ela não se mostrava muito aplicada nesse negócio, mas escrevia apenas esporadicamente, o

⁴⁸ O título original do livro em inglês é *Ísis Unveiled*. A tradução literal seria *Ísis Sem Véu*. É possível que já tenha aparecido em língua portuguesa sob esse título, mas preferimos a presente forma, mais sonora e, ao que parece, mais fiel à intenção da autora. (N. do T.).

mesmo podendo-se dizer quanto à época de sua residência em Filadélfia; mas, um mês ou dois depois da formação da *Sociedade Teosófica*, ela e eu ocupamos dois conjuntos de salas no nó 433 da Rua 34 Oeste, ocupando ela o primeiro e eu o segundo andar, e daí por diante a redação de *Ísis* prosseguiu sem quebra ou interrupção até sua conclusão no ano de 1877. Em toda a sua vida, ela jamais fizera uma décima parte de tal labor literário, embora eu nunca tivesse conhecido um jornalista militante da imprensa diária que se lhe pudesse comparar em persistência ou infatigabilidade no trabalho. Ela podia ficar na escrivaninha da manhã à noite, e raramente um de nós ia para a cama antes de duas da manhã. Durante o dia, eu tinha de cuidar de meus deveres profissionais, mas sempre, após um jantar prematuro, sentávamos juntos à nossa grande mesa de trabalho e trabalhávamos, como se o estivéssemos fazendo para ganhar a vida, até que o cansaço físico nos compelissem a parar. Que experiência! A educação de uma existência comum de leitura e reflexão, para mim, coroou-se e ficou compreendida neste período de menos de dois anos. Não funcionei meramente como seu amanuense ou revisor de provas, mas ela tornou-me um colaborador; fez com que eu utilizasse — parecia — tudo o que eu já lera ou pensara, e estimulava-me o cérebro a resolver novos problemas que ela me colocava a respeito de ocultismo e metafísica, a que minha educação não me havia levado, e que cheguei apenas a compreender quando se desenvolveu minha intuição sob esse processo de amadurecimento à força. Ela trabalhava sem plano fixo, mas as idéias fluíam-lhe da mente como uma torrente perene que está sempre transbordando. Num momento ela podia estar escrevendo sobre *Brahma*, e logo no momento seguinte sobre o rastreador elétrico de meteoros de Babinet; num momento, citaria reverentemente *Porphyrios*, e já no seguinte faria uma citação de um jornal diário ou de algum panfleto moderno que eu acabara de

trazer para casa; podia estar louvando as perfeições de adepto ideal, mas desviar-se-ia um instante para vergastar o *Professor Tyndall* ou qualquer outra picuinha doméstica, com sua clava crítica. A coisa vinha confusamente, num arroio incessante, cada parágrafo completo em si mesmo e passível de ser amputado sem comprometer o que vinha imediatamente antes ou depois. Mesmo na forma em que se encontra hoje, e depois de todas essas transformações, um exame do extraordinário livro mostrará que assim é.

Se não tinha plano de trabalho, não obstante todo o seu conhecimento, não vem isso provar que a obra não era de sua concepção; que ela era apenas o veículo mediante o qual se derramava esse fluxo de essência fresca e vital sobre o charco estagnado do pensamento espiritual moderno? Como parte de meu treinamento educacional, ela me pediria para escrever algo sobre algum tema especial, talvez sugerindo os pontos a serem destacados, talvez deixando-me apenas fazer com minhas próprias intuições o melhor que eu podia. Quando eu terminava, se o trabalho não a agradasse, ela geralmente recorria à linguagem forte, chamando-me de nomes feios capazes de provocar o impulso homicida; mas, se eu me preparava para rasgar minha desditosa composição, ela me arrancava e deixava-a para ser posteriormente usada em outro lugar, depois de alguns retoques, e eu tentava de novo. Seu próprio manuscrito era, muitas vezes, algo curioso de se ver; cortado e remendado, recortado e recolado, até que, se se segurasse uma página dele contra a luz, ver-se-ia que ele consistia de talvez seis, ou oito, ou dez tiras cortadas de outras páginas, coladas juntas, e o texto ligado por palavras ou frases interpostas. Ela ficou tão perita nesse trabalho que costumava muitas vezes gabar-se, bem humorada, de sua habilidade, a amigos que estivessem presentes. Nossos livros de referência sofriam por vezes nesse processo, pois a colagem dela

era freqüentemente feita sobre suas páginas abertas, e não faltam, em *Adyar* e nas bibliotecas de Londres, volumes que apresentam as marcas até hoje.

Desde a data de sua estréia no *Daily Graphic*, em 1874, durante toda a sua carreira americana, foi ela assediada por visitantes, e se entre eles houvesse eventualmente algum que tivesse algum conhecimento especial de qualquer coisa relacionada ao campo de trabalho dela, ela o persuadia, e, se possível, fazia-o colocar no papel seus pontos de vista ou reminiscências, para inserção no livro.

Entre os exemplos desta espécie estão o relato do Sr. *O'Sullivan* sobre uma sessão de magia em Paris, o interessante esboço do Sr. *Rawson* sobre as iniciações secretas dos drusas do Líbano, as numerosas notas do Dr. *Alexander Wilder* e os parágrafos constantes da introdução e do texto dos dois volumes, e outros que tanto acrescentam em valor e interesse à obra. Conheci um rabino judeu que passou horas e noites inteiras em companhia dela, discutindo a *Cabala*, e ouvi-o dizer-lhe que, embora tivesse estudado a ciência secreta de sua religião durante trinta anos, ela lhe ensinara coisas que ele nem sonhara, e lançara uma luz clara sobre passagens que nem mesmo seus melhores mestres tinham entendido. De onde auferia ela esse conhecimento? Que o possuía, ficou patente; de onde o obtinha? Não fora de suas governantas na Rússia, nem de qualquer outra fonte que fosse do conhecimento de sua família ou dos amigos mais íntimos; nem nos vapores ou trens que ela freqüentou em suas errâncias pelo mundo desde os quinze anos; nem de qualquer colégio ou universidade, pois nunca freqüentou nenhum; nem das vastas bibliotecas do mundo. A julgar pela sua conversa e hábitos antes de empreender essa tarefa literária monstro, ela não o apreendera, seja de uma fonte ou de outra; mas, quando precisou desse conhecimento, teve-o, e, nos seus momentos de maior inspiração — se o termo cabe aqui — abismou os mais eruditos,

pelo seu sabor, quase tanto quanto fascinava todos os presentes por sua eloquência e encantava-os por sua verve e zombaria bem humorada.

Pode-se imaginar, ao ver as numerosas citações em *Ísis Revelada*, que ela o tivesse escrito numa alcova do *Museu Britânico*, ou da *Biblioteca Astor de Nova York*. No entanto, o fato é que toda a nossa biblioteca de consulta mal compreendia cem livros de referência. De vez em quando, o Sr. *Sotheran*, o Sr. *Marble* ou outros amigos traziam-lhe volumes simples, e posteriormente ela tomou alguns emprestados ao Sr. *Bouton*. De alguns livros ela fez uso intenso — do *Gnósticos de King*, por exemplo; dos *Rosacruztes de Jennings*; do *Sod and Spirit History of Man*, de *Dunlop*; do *Panteão Hindu de Moor*; dos furiosos ataques de *Des Mousseaux à magia*, ao *mesmerismo* e *espiritismo* etc.; coisas essas que ele denunciava a todas como do Demônio; as várias obras de *Eliphas Levi*; os vinte e sete volumes de *Jaccoliot*; as obras de *Max Müller*, *Huxley*, *Tyndall*, *Herbert Spencer*, e as de muitos outros autores de maior ou menor nomeada, que não chegaram a exceder os cem, diria eu. Então, que livros ela consultou, e a que bibliotecas teve acesso? Numa carta aberta ao *Truth-seeker*, o Sr. *W. H. Burr* indagava do Dr. *Wilder* se procedia a versão de que ele tinha redigido *Ísis* para *H.P.B.*; ao que nosso queridíssimo amigo iria responder que era puro boato, e que ele fizera por *H.P.B.* apenas aquilo a que me referi, dando-lhe excelente aconselhamento, e havia, em consideração a ela, preparado o copioso índice de umas cinquenta páginas, a partir de provas tipográficas que lhe haviam sido enviadas antecipadamente para esse fim. Isso é tudo. Carece igualmente de fundamento a história, muitas vezes repetida, de que eu escrevi o livro e ela deu-lhe os retoques: foi exatamente o contrário. Eu corriji várias vezes cada página do manuscrito dela, e cada página das provas, redigi para ela muitos parágrafos, muitas vezes simplesmente dando corpo às suas

idéias, que ela, então (uns quinze anos antes de sua morte, e numa fase ainda anterior a toda a sua carreira como escritora da literatura inglesa) não conseguia moldar a seu gosto em inglês; ajudei-a a localizar citações, e fiz outros trabalhos puramente auxiliares: o livro é obra só dela, até onde estão envolvidas personalidades deste plano de manifestação, e a ela cabem todos os elogios e censuras que a obra merece. Ela marcou época com seu livro, e, ao fazê-lo, tornou-me — seu discípulo e auxiliar — tão apto quanto devem ter-me achado para realizar a obra teosófica durante esses últimos vinte anos. Então, de onde tirou *H.P.B.* as matérias que compõem *Ísis*, e que não são encontráveis em fontes literárias acessíveis? Da *Luz Astral*, e, por intermédio de seus sentidos espirituais, de seus *Mestres* — os "*Irmãos*", "*Adeptos*", "*Sábios*", "*Mestres*", segundo se os denomine de variadas formas. Como é que eu sei? Trabalhando com ela dois anos em *Ísis* e muitos anos mais em outras obras literárias.

Observá-la trabalhar era uma experiência rara e inesquecível. Sentávamo-nos geralmente em lados opostos de uma grande mesa, e eu podia ver-lhe cada movimento. A caneta dela deslizava sobre a página, quando, parando subitamente, ela olhava para o espaço com o olhar vago do profeta clarividente, restringindo a visão como para olhar algo que se mantivesse invisível no ar diante dela, e começava a copiar no papel aquilo que via. Terminado o trecho, seus olhos readquiriam a expressão natural, e ela continuava a escrever até se deter novamente por uma interrupção semelhante. Lembro-me bem de duas ocasiões em que eu também consegui ver e até manusear livros de cujas duplicatas astrais ela havia copiado trechos em seu manuscrito, e que foi obrigada a "*materializar*" para mim, para minha referência quando eu lia as provas, já que me recusei a passá-las para a impressão a menos que fossem esclarecidas minhas dúvidas quanto à

exatidão da cópia dela. Um desses era um trabalho francês sobre fisiologia e psicologia; outro, também de autor francês, era sobre algum ramo da neurologia. O primeiro era em dois volumes, encadernado em meia pele de bezerro, o outro em brochura. Foi quando estávamos morando no endereço da Rua 47 Oeste, nº 301 — o outrora famoso "*Lamastério*" e ex-sede executiva da *Sociedade Teosófica*. "*Não posso passar este trecho*", disse eu, "*pois tenho certeza de que não pode estar escrito assim.*" Ela disse: "*Oh, não se preocupe, está certo; vá em frente.*" Recusei-me, até que ela finalmente disse: "*Bem, fique quieto um minuto e tentarei trazê-lo.*" O livro distante veio-lhe aos olhos, e logo depois ela apontou para um canto remoto da sala, para um "*étagère*" sobre o qual mantínhamos algumas curiosidades, e disse numa voz cava: "*Lá!*", e então voltou novamente a si. "*Ali, ali, vá olhá-lo ali!*" Fui, e encontrei os dois volumes desejados, os quais, ao que me conste, não tinham estado na casa até aquele exato momento. Comparei o texto com a citação de *H.P.B.*, mostrei-lhe que eu estava certo em minha suspeita quanto ao erro, fiz a correção na prova e então, a pedido dela, coloquei os dois volumes de volta no lugar do "*étagère*" de onde os havia pegado. Voltei ao meu lugar e ao meu trabalho, e quando, após um momento, olhei novamente naquela direção, os livros tinham desaparecido! Ao meu relato desta história (absolutamente verdadeira), os céticos ignorantes têm liberdade para duvidar de minha sanidade; espero que lhes faça bem. O mesmo aconteceu no caso do *apport* do outro livro, mas esse permaneceu, e encontra-se nesta data em nosso poder.

A "*cópia*" produzida por *H.P.B.* apresentou, em épocas diferentes, os mais marcantes disfarces. Enquanto que o manuscrito apresentou, do começo ao fim, uma letra peculiar, de forma que alguém familiarizado com a escrita de *H.P.B.* podia detectar qualquer dada página como sendo dela, a um exame cuidadoso descobria-

se pelo menos três ou quatro variações de estilo, persistindo cada uma delas durante várias páginas, quando daria lugar a algumas outras variantes caligráficas. Vale dizer, não haveria freqüentemente — nunca, como me ocorre agora — mais que dois dos estilos na mesma página, e mesmo dois só quando o estilo que tivesse sido empregado durante o trabalho de, talvez, toda uma noite ou talvez metade de uma noite desse subitamente lugar a um dos outros estilos que seriam, por sua vez, usados durante o resto de uma noite, ou em toda a noite seguinte, ou na "cópia" da manhã. Um desses manuscritos de *H.P.B.* era muito pequeno, mas claro; um, ousado e livre, outro, franco, de tamanho médio, e muito legível; e outro roto e difícil de ler, com seus **aa**, **xx** e **ee** exóticos e de forma estranha. Havia também a maior dissemelhança possível no inglês desses vários estilos. Por vezes eu tinha de fazer diversas correções em cada linha, ao passo que, em outras, podia passar muitas páginas com apenas um deslize gramatical ou de linguagem a corrigir. Os mais perfeitos de todos eram os manuscritos escritos para ela enquanto ela dormia. O início do capítulo sobre a civilização do *Egito Antigo* (volume I, cap. XIV), é um exemplo. Havíamos parado o trabalho na noite anterior, por volta das duas da manhã, como de costume, ambos demasiado cansados para pararmos para o nosso costumeiro papo e cigarro antes de nos separar; ela quase caiu no sono na cadeira, enquanto eu lhe desejava boa noite, de forma que apressei-me a ir para o meu quarto. Na manhã seguinte, quando descí após meu desjejum, ela me mostrou uma pilha de pelo menos trinta ou quarenta páginas de um manuscrito lindamente redigido, o qual, disse-me ela, fora escrito para ela por — bem, por um *Mestre*, cujo nome não foi jamais denegrido como alguns outros. Era perfeito sob todos os aspectos, e foi para impressão sem revisão.

Agora, era curioso que cada mudança no manuscrito de *H.P.B.* fosse precedida ou pela saída dela da sala, por um momento ou dois, ou por ela entrar em transe ou no estado de abstração, quando seus olhos sem vida olhariam para além de mim no espaço, como acontecia, voltando quase imediatamente ao estado normal de acordada. E havia também uma distinta mudança de personalidade, ou antes de individualidade pessoal, no modo de andar, na expressão vocal, vivacidade e maneiras, e, acima de tudo, no temperamento. O leitor de seu *Caves and Jungles of Hindustan* lembra--se de como a pitonisa girante de tempos em tempos sumia para retornar depois sob o controle, segundo diziam, de uma deusa diferente? Era exatamente assim — com exceção da feitiçaria e da dança vertiginosa — com *H.P.B.*: ela saía da sala uma pessoa e logo em seguida voltava outra. Não outra quanto à mudança visível do corpo físico, mas outra quanto às sutilezas de movimento, fala e maneiras, com um brilho mental diferente, diferentes pontos de vista sobre as coisas, diferente domínio da gramática, idioma e ortografia inglesas, e um domínio diferente — muito diferente — de seu temperamento, o qual, na sua forma mais radiosa, era quase angelical, e, em sua pior forma, o contrário. Por vezes, minha mais estúpida incapacidade em dar forma escrita às idéias que ela desejava que eu expressasse era sobrepujada com paciência benevolente; outras, talvez pelo menor dos erros, ela parecia pronta a explodir de raiva e aniquilar-me imediatamente! Esses acessos de violência eram, sem dúvida, por vezes, explicáveis pelo seu estado de saúde, e, vistos assim, quase normais; mas esta teoria não bastaria, por pouco que seja, para explicar algumas de suas explosões. *Sinnett* descreve-a admiravelmente numa carta particular como uma combinação mística de deusa e tártaro, e, notando o comportamento dela nessas diferentes disposições de espírito, diz: "*Ela certamente não apresentava qualquer dos atributos*

superficiais que se pudesse esperar de um mentor espiritual; e como poderia ela ser, ao mesmo tempo, suficientemente filósofa para renunciar ao mundo em prol do progresso espiritual, sendo ainda assim capaz "de entregar-se a frenesim de paixão por aborrecimentos triviais, foi para nós, por longo tempo, profundo mistério etc.⁴⁹."

Mas, pela teoria de que, quando o corpo dela fosse ocupado por um sábio, seria forçado a agir com a tranquilidade de um sábio, e quando não, não, resolve-se o enigma. Sua adorada tia, *Mme. N.A.F.*, que a amou, e a quem ela amou apaixonadamente até morrer, escreveu ao *Sr. Sinnett* que a estranha excitabilidade dela, já uma de suas características mais marcantes, era já manifesta em sua primeira juventude. Mesmo então era ela propensa a acessos incontroláveis de paixão, e demonstrava uma disposição profundamente arraigada de se rebelar contra qualquer tipo de autoridade ou controle. *"...A mais leve contrariedade suscitava uma explosão de paixão, muitas vezes um acesso de convulsões."* Ela própria descreveu, numa carta familiar (op. cit., pág. 205), sua experiência psíquica durante a redação de seu livro:

*"Quando escrevi Ísis, escrevi-o tão facilmente que não foi certamente um trabalho, mas um verdadeiro prazer. Por que deveria eu receber louvores por isso? Sempre que me dizem para escrever, sento-me e obedeço, e posso então escrever com facilidade sobre quase tudo — metafísica, psicologia, filosofia, religiões antigas, zoologia, ciências naturais, uma coisa qualquer. Jamais me coloquei a questão: **"Posso escrever sobre este assunto?"**...eu, **"estou à altura desta tarefa?"**; apenas, sento-me simplesmente e escrevo. Por quê? Porque alguém que tudo sabe dita para mim. Meu Mestre, e ocasionalmente outros que conheci em minhas viagens anos atrás. Por favor, não imagine que perdi o juízo. Fiz anteriormente a*

⁴⁹ *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pág. 224.

você alusões sobre eles ...e digo-lhe candidamente que, sempre que escrevo sobre um assunto, sei pouco ou nada a respeito, dirijo-me a eles, e um deles me inspira, isto é, permite que eu simplesmente copie aquilo que escrevo de manuscritos, e até de matéria impressa que passa diante dos meus olhos, no ar, e durante esse processo jamais estive inconsciente um só instante."

Ela escreveu uma vez à sua irmã Vera sobre o mesmo assunto — sua maneira de escrever:

"Você pode não acreditar em mim, mas digo-lhe que, ao afirmar isso, falo apenas a verdade; estou unicamente ocupada, não em escrever Ísis, mas com a própria Ísis. Vivo numa espécie de encantamento permanente, uma vida de visões e vistas, de olhos abertos, e sem qualquer possibilidade de iludir meus sentidos! Sento-me e observo constantemente a bela deusa. E enquanto ela exhibe diante de mim o significado secreto de seus segredos há muito perdidos, e a cada hora o véu, tornando-se mais adelgado e mais transparente, cai diante dos meus olhos, prendo a respiração e mal posso acreditar nos meus sentidos! ...Por vários anos, para não esquecer o que aprendera alhures, fizeram-me ter permanentemente diante dos olhos tudo o que eu precisava ver. Assim, dia e noite, desfilam-me perante a visão interior imagens do passado. Lentamente, e deslizando silenciosamente como imagens num panorama encantado, aparecem diante de mim século após século... e fazem-me ligar essas épocas com certos eventos históricos, e sei que não pode haver erro. Raças e nações, países e cidades, emergem durante algum século passado, e depois definham e desaparecem durante algum outro, cuja data precisa me dizem então... A encanecida antiguidade dá lugar a períodos históricos; explicam-se mitos por acontecimentos reais, e personagens que realmente existiram; e cada evento importante, e muitas vezes sem importância,

*cada revolução, uma nova folha virada no livro da vida das nações — com seu curso incipiente e subseqüentes resultados naturais — fica fotografado na minha mente como se impresso em cores indelévels... Quando penso e observo meus pensamentos, eles me aparecem como se fossem semelhantes àqueles pedaços de madeira de variadas formas e cores, no jogo conhecido por "**cassetete**"⁵⁰: Pego-os um por um e tento fazê-los encaixar-se, tomando primeiro um, e colocando-o de lado até que descubra aquele que se lhe emparelha, e no fim sai sempre algo que é geometricamente correto... Certamente recuso-me categoricamente a atribuir isso ao meu próprio conhecimento ou a minha memória, pois, sozinha, jamais consegui chegar, quer a tais premissas ou conclusões... Digo-lhe seriamente: Recebo ajuda. E aquele que me auxilia é meu **GURU**." (Op. cit., pág. 207).*

Ela conta à tia que, durante a ausência de seu *Mestre*, ocupado em outra tarefa qualquer:

*"Ele desperta em mim, seu substituto em saber... Nessas ocasiões já não sou eu quem escreve, mas meu Ego interior, meu "**eu luminoso**", que pensa e escreve por mim. Veja apenas... você que me conhece. Desde quando sou eu tão culta para escrever tais coisas? De onde veio todo esse saber?"*

Os leitores, cujo gosto leva-os a explorar em profundidade problemas psíquicos singulares como este, não deveriam deixar de comparar as explicações citadas que ela fornece sobre seus estados de consciência, com uma série de cartas à sua família, iniciada em dezembro de 1894 na revista *Path* (Nova York 144, Madison Avenue). Nestas, ela admite francamente que seu corpo, em tais ocasiões, era ocupado, e a obra literária realizada por entidades externas que me ensinaram

⁵⁰ Em francês, no original: quebra-cabeças (N. do T.).

por intermédio dos lábios dela e transmitiram o saber do qual ela mesma não possui, em seu estado normal, sequer um vislumbre.

Tomada literalmente, como está escrita, esta explicação pouco satisfaz; pois, se os pedaços esparsos de seu quebra-cabeças psíquico sempre se ajustavam de maneira a tornar a carta enigmática perfeitamente geométrica, então sua obra literária deveria estar isenta de erros, e suas matérias deveriam fluir continuamente, num quadro ordenado de seqüência lógica e literária. É desnecessário dizer que o caso é justamente o contrário; e que, mesmo quando *Ísis Revelada* saiu do prelo de *Trow*, depois de *Bouton* ter gasto mais de 600 dólares em correções e alterações feitas por ela nas provas de espelho, página e chapa⁵¹, o livro não tinha, e até hoje ainda não tem, um plano literário definido. O **Volume I** apregoa que se limitará a *questões de Ciência*, o **Volume II às de Religião**, e no entanto há, em cada volume, muitas partes de um que pertencem ao outro; e a *Srta. Kislingbury*, que preparou o índice do **Volume II**, na noite em que eu preparava o do **Volume I**, é testemunha da dificuldade que tivemos em traçar as características de um plano para cada um de nossos respectivos volumes.

Então, novamente, quando o editor recusou-se peremptoriamente a investir qualquer capital mais na aventura, tínhamos preparado notas adicionais quase suficientes para fazer um terceiro volume, que foi impiedosamente destruído antes de partirmos da América; *H.P.B.* não sonhava com que viesse um dia a querer utilizá-lo na Índia, assim como o *Theosophist*, *Secret Doctrine* e suas outras produções literárias subseqüentes, que ainda nem imaginava. Quantas vezes não

⁵¹ Escreve-me ele, a 17 de maio de 1887: "As alterações já custaram \$280.80, e, nessa proporção, na época em que o livro sair, estará gravado por essa terrível despesa, de forma que cada exemplar dos primeiros 1.000 irá custar bem mais do que conseguiremos por ele, o que é um estado de coisas bastante desencorajador para começar. O custo de composição do primeiro volume, só (com estereotipia), chega a \$1,359.69, e isto, imagine, só para um volume, sem papel, trabalho de impressão ou encadernação. Cordialmente, J.W. Bouton." Ela não apenas fez correções sem fim nos tipos, como ainda, depois de compostas as chapas, fê-las cortar para mudar a matéria velha e inserir coisas novas, que lhe haviam ocorrido ou que descobrira na leitura.

lamentamos juntos que todo aquele valioso material tivesse sido tão irrefletidamente desperdiçado!

Trabalháramos no livro durante vários meses e tínhamos produzido 870 páginas adicionais de manuscrito quando, uma noite, ela colocou-me a questão: será que eu, por obséquio, concordaria em... começar tudo de novo?! Lembro-me bem do choque que me causou pensar que todas aquelas semanas de trabalho duro, de tormenta psíquica e dor de cabeça com charadas arqueológicas, tinham servido — como imaginei, em minha cega ignorância — para nada. No entanto, como não tinham limites meu amor, reverência e gratidão por este *Mestre*, e por todos os *Mestres*, por darem-me o privilégio de partilhar de sua obra, concordei, e atacamos de novo o trabalho. E foi bom para mim tê-lo feito; pois, tendo provado minha firmeza de propósito e minha lealdade a *H.P.B.*, recebi ampla recompensa espiritual. Princípios foram-me explicados, variados fenômenos foram apresentados em ilustração dos fenômenos psíquicos, ajudaram-me a fazer experiências por mim mesmo, fizeram-me conhecer e aproveitar do conhecimento de vários adeptos, e, de modo geral, fizeram-me adaptar-me — até onde permitissem a minha arraigada teimosia e auto-suficiência prática terrena — para a então insuspeitada obra pública que se tornou, desde então, uma questão de história. Frequentemente, pessoas têm achado muito estranho, na verdade incompreensível, que, de todos os que contribuíram neste movimento teosófico, muitas vezes ao custo do mais duro sacrifício pessoal, fosse eu o único a ser tão favorecido com experiências pessoais de e com os *Mahatmas*, a ponto de a existência deles tornar-se para mim assunto de conhecimento tão real quanto a existência de meus próprios parentes ou amigos íntimos. Eu mesmo não posso explicá-lo. Sei o que sei, mas não sei por que muitos dos meus colegas não sabem tanto. É comum muita gente contar-me que sua fé nos

Mahatmas está ligada ao meu irrestrito e imutável testemunho pessoal, o qual complementa as declarações de *H.P.B.* Eu, provavelmente, fui tão abençoado porque tinha de lançar, juntamente com *H.P.B.*, a nau "*Teosofia*", para os *Mestres* de *H.P.B.*, e conduzi-la através de muitos redemoinhos e ciclones, quando nada que carecesse de real conhecimento da base segura de nosso movimento ter-me-ia influenciado a permanecer fiel ao meu posto.

Vamos, a seguir, tentar analisar o estado mental de *H.P.B.* enquanto ela escrevia seu livro, e ver se qualquer hipótese conhecida nos fornece a chave para aquelas marcantes diferenças de personalidade, caligrafia e mentalidade, às quais já aludimos. A tarefa é de natureza tão delicada e complicada que duvido que um tal problema psíquico tenha jamais se apresentado, salvo o de Shakespeare; e acho que, depois de ler o que tenho a dizer, meus camaradas estudiosos de *Teosofia* e *Ciência Oculta* concordarão com esta opinião.

CAPÍTULO XIV: Hipóteses Diferentes

Ao mesmo tempo em que bem posso perder as esperanças de provar a exata medida em que se pode dizer que *H.P.B.*, essa complexa personalidade, tenha escrito *Isis Revelada*, acho, contudo, claro e fora de contestação que ela digeriu e assimilou todo o material, fazendo-o seu e ajustando-o ao livro como pedaços de pedra num mosaico. Como recentemente me escreveu o *Prof. Wilder*: "*Poucos livros são absolutamente originais. É mais do que evidente que esses volumes apresentavam o estilo peculiar a ela. A gente apenas pede que se aplique o princípio do Sr. Henry Ward Beecher: "Quando como frango, não viro frango, mas é o frango que se torna em mim!"*" "

Nada seria mais fácil do que furtar-se a todas as indagações e aderir ao coro dos que declaram, simplesmente, que *H.P.B.* foi, por assim dizer, divinamente inspirada, não sendo passível de erros, contradições, exageros ou limitações; mas não posso fazer isso, tendo-a conhecido tão bem, e só a verdade me servirá. Quanto a esquivar-me da perquirição mais íntima de seus dotes ocultos e mentais, nem penso nisso. Sem dúvida, não vou fechar os olhos aos fatos, dessa forma abandonando-a e à sua obra àqueles que se rejubilariam em destruir o pedestal no qual devemos colocá-la, e rebaixando-a à qualidade de impostora perigosa, como os líderes do *S.P.R.* tentaram apresentá-la. A própria questão das pretensas semelhanças entre a caligrafia dela e a de um Mestre — uma das considerações apresentadas na acusação — insere-se oportunamente nas linhas de nossa presente discussão da autoria de *Isis Revelada*.

Não se pode deixar de ver, depois de alguma reflexão, que, no que concerne ao caso em questão, devem ser consideradas pelo menos estas várias hipóteses:

1. O livro foi inteiramente escrito por *H.P.B.*, na qualidade de amanuense conscienciosa e independente, a partir do ditado de um *Mestre*?
2. Ou o foi, no todo ou em parte, pelo *Eu Superior* dela, enquanto lhe controlava o organismo físico?
3. Ou foi ele produzido estando ela na qualidade de médium obcecado por outras pessoas vivas?
4. Ou em parte sob duas ou mais destas três condições?
5. Ou como um médium espiritual comum, controlado por inteligências desencarnadas?
6. Ou foi o livro escrito por diversas personalidades dela própria, alternadamente latentes e ativas?
7. Ou o foi simplesmente por ela, como *H.P.B.*, a russa não inspirada, descontrolada e não obcecada, no estado normal de consciência desperta, sem qualquer diferença com qualquer autor que faça um trabalho desta espécie?

Comecemos pela última alternativa. Muito prontamente, e de maneira inequívoca, descobriremos que a educação e o treinamento de *H.P.B.* eram bastante incompatíveis com a idéia de que ela fosse erudita, filósofa ou, em menor grau, um "*rato de biblioteca*". Os relatos de sua vida, como foram transmitidos pela

família dela ao Sr. *Sinnett*, seu biógrafo, e a mim próprio⁵², mostram que ela foi aluna rebelde, sem amor pela literatura séria, não sentindo atração pelas pessoas cultas, e sem qualquer tendência a freqüentar bibliotecas: o terror de suas governantas, desespero dos parentes, uma rebelde apaixonada contra o jugo dos costumes ou convenções. Sua primeira juventude passou-se em companhia de "*diabretes corcundas*" e duendes, com quem ela passava dias e semanas, pregando peças desagradáveis às pessoas e, por meio de clarividência, contando-lhes segredos desagradáveis. A única literatura de que gostava era o folclore russo, e, em nenhum período de sua vida pregressa, começou a escrever *Isis*, e nem mesmo durante o ano em que viveu em Nova York, antes que a mandassem buscar-me, teve sua família ou alguém de suas relações conhecimento de que ela revelasse hábitos ou gosto pelos livros. A *Srta. Ballard* e outras senhoras que a conheceram nas várias hospedarias em que morou em Nova York, e que privaram dos seus hábitos e modo de vida, jamais tiveram notícia de que ela tivesse visitado a biblioteca *Astor*, a *Society*, a de *Mecânica*, a de *História*, a do *American Institute*, a do *Brooklyn* ou a *Mercantil*: ninguém chegou jamais a reconhecê-la como freqüentadora daquelas alcovas do pensamento impresso. Não pertencia a qualquer sociedade científica ou de saber, em qualquer parte do mundo; não tinha nenhum livro publicado. Foi em busca de taumaturgos, em países selvagens e semi-civilizados, não para ler-lhes os livros (que não existiam), mas para aprender psicologia prática. Em resumo, até a época em que escreveu *Ísis*, ela não era uma personalidade literária. Tal fato ficou igualmente claro para todas as pessoas que, em Nova York, privaram com ela, assim como para mim mesmo; e ela mesma confirma esta opinião, no artigo do último *Lúcifer*, intitulado *My Books* (Meus Livros),

⁵² Cf. Capítulo VII.

escrito por ela antes de morrer⁵³. Diz ela, nesse artigo, que os fatos que se seguem são "inegáveis e não deixam margem a contestação":

"(I). Quando vim para a América, em 1873, eu não falava inglês — que tinha aprendido na infância, de forma coloquial — havia mais de trinta anos. Eu conseguia entendê-lo, lendo, mas mal falava a língua".

"(II). Jamais estive em qualquer Escola Superior, e o que eu sabia, aprendera por mim mesma; jamais preteixi qualquer erudição, no sentido da pesquisa moderna; eu mal tinha, então, lido alguns trabalhos científicos europeus, conhecia um pouco de filosofia e ciências ocidentais; o pouco das quais tinha estudado e aprendido desagradaram-me com seu materialismo, suas limitações, seu espírito dogmático estreito e sem originalidade e seu ar de superioridade em relação às filosofias e ciências da antiguidade".

"(III). Até 1874 eu jamais escrevera uma palavra em inglês, nem tinha jamais publicado qualquer trabalho em qualquer língua. Portanto":

"(IV). Eu não fazia a menor idéia de regras literárias. A arte de escrever livros, de prepará-los para o prelo e a publicação, de ler e corrigir provas eram para mim verdadeiros segredos".

"(V). Quando comecei a escrever aquilo que posteriormente se desenvolveu em Isis Revelada, não fazia a menor idéia sobre o que deveria sair dali. Não tinha plano, não sabia se ia ser um ensaio, um panfleto, livro ou artigo. Eu sabia que tinha de escrevê-lo, eis tudo. Comecei o trabalho antes de conhecer bem o Coronel Olcott, e alguns meses antes da constituição da Sociedade Teosófica."

⁵³ O artigo em questão é muito impreciso, como se mostrou neste capítulo segundo sua forma originalmente publicada no Theosophist de maio de 1893. A limitação de espaço não permite sua repetição aqui.

O último período é enganoso, pois ela não iniciou o trabalho antes de nos conhecermos bem, e, na verdade, antes de sermos amigos íntimos. Na verdade, o artigo todo deveria ter sido inteiramente reescrito, se se soubesse que seria o último escrito dela.

As intermináveis substituições de matéria, e os transportes de um capítulo ou um volume para outro, em *Ísis Revelada*, confinaram-se a tais partes da obra que, eu diria, foram feitas em seu estado normal — se havia tal coisa — e sugeriam as dolorosas lutas do "*marinheiro de primeira viagem*" numa tarefa literária gigantesca. Não familiarizada com os métodos literários e gramaticais da língua inglesa, e com a mente absolutamente despreparada para tal trabalho burocrático, ainda que dotada de uma coragem sem limites e de um poder de concentração mental contínuo, que dificilmente terão encontrado paralelo, ela se debatia durante semanas e meses, voltada para a sua meta, o cumprimento das ordens de seu *Mestre*. Este seu feito literário excede todos os seus fenômenos.

Os evidentes contrastes entre as partes confusas e as quase perfeitas de seus originais provam bastante claramente que a mesma inteligência não esteve em ação o tempo todo: e as variações de letra, método mental, facilidade literária e idiossincrasias pessoais confirmam esta idéia. A esta distância no tempo, e com seu manuscrito destruído, é-me impossível dizer qual das suas instáveis personalidades é a principal responsável pela suposta utilização não autorizada que ela teria feito de trechos. O que quer que me viesse ter às mãos, que parecesse tirado de outro autor, eu, naturalmente, colocaria entre aspas, e é bastante possível que se me deva imputar a mescla desses trechos com algumas das idéias originais dela própria; os trechos em questão liam-se como se fossem de outrem.

Quando ela escrevia palavras de outras pessoas no seu próprio argumento, sem quebrar a continuidade do texto, então, muito naturalmente — a menos que os trechos pertencessem a livros que eu já houvesse lido, e que me fossem familiares — eu continuava corrigindo o texto como se fosse o próprio "*original*" de *H.P.B.* Eu disse, anteriormente, que minha educação no oculto se fez na compilação de *Ísis* e nos ensinamentos e experimentos de *H.P.B.*; devo, agora, acrescentar que minha vida literária pregressa levara-me a outros e mais práticos campos de estudo, que não a literatura sintetizada em *Ísis*, a saber, Química Agrícola e Agricultura Científica de modo geral. De forma que ela podia ter-me dado o original inteiramente composto de passagens tomadas de empréstimo a orientalistas, filólogos e sábios orientais, sem que eu fosse capaz de detectar o fato. A mim, pessoalmente, jamais foram apontados plágios em *Isis*, quer verbalmente ou por outro meio, nem sei que os haja, mas, se os houver, duas coisas são possíveis: a) que o empréstimo tenha sido feito pela *H.P.B.* principiante literária inexperiente e sem tarimba no mister, ignorante do pecado literário cometido; ou b) que as passagens tenham sido tão trabalhadas na copidescagem a ponto de não chamar minha atenção editorial para sua incompatibilidade com o que vinha antes ou depois delas. Ou — uma terceira alternativa — pode ter acontecido que, ao escrever, ela estivesse sempre metade neste plano de consciência e metade no outro e que lesse suas citações por clarividência, no Astral, usando-as à medida que elas vinham à propósito, sem saber realmente quem eram os autores ou qual o título de seus respectivos livros? Seguramente, seus conhecidos do Oriente estarão preparados para achar essa uma teoria plausível, pois se já houve alguém que vivesse habitualmente nos dois mundos foi ela. Muitas vezes — como já afirmei

anteriormente — eu a vi no próprio ato de copiar extratos de livros fantasmas, invisíveis para os meus sentidos, ainda que sem dúvida alguma visíveis para ela.

Consideremos agora a hipótese seguinte, a sexta, a saber, que o livro fosse escrito por diversas e diferentes personalidades de *H.P.B.*, ou diversos estratos pessoais de sua consciência, capazes de sair sucessivamente de latência e entrar em atividade. Neste ponto as pesquisas de nossos contemporâneos não estão tão avançadas que nos capacitem a dogmatizar. O Sr. *Sinnett*, em seu *Incidentes na Vida de Mme. Blavatsky* (pág. 147), reproduz uma descrição redigida por ela, de uma "vida dupla" que ela levou durante certa "febre leve", que não foi contudo uma doença grave, e que a acometeu quando mocinha, na Mingrelia:

"Sempre que me chamavam pelo nome, eu abria os olhos ao ouvi-lo, e era eu mesma, minha própria personalidade em cada detalhe. Mas tão logo me deixavam sozinha, recaía em meu estado normal, de meio sonâmbula, e tornava-me alguém mais (quem, especificamente, Mme. B. não dirá)... Nos casos em que fui interrompida, quando em meu outro eu, pelo som de meu nome atual que era pronunciado, e enquanto estava conversando em minha vida de sonho — isto é, no meio de uma sentença dita por mim ou por aqueles que estavam na hora com meu segundo eu, — e abria os olhos para responder ao chamado, eu costumava responder de maneira muito racional, e compreendia tudo, pois nunca estive delirante. Mas tão logo fechava de novo os olhos, já a sentença que fora interrompida era completada pelo meu outro eu, a continuar da palavra, ou mesmo da meia palavra em que tinha parado. Quando acordada, e sendo eu mesma, lembrava-me bem de quem eu era em minha segunda faculdade, e o que estivera e estava fazendo. Quando era outrem, isto é, a personagem em que tinha me tornado, sei que não fazia idéia de quem era H. P. Blavatsky! Achava-me num outro e remoto

país, uma individualidade totalmente diversa de mim mesma, e sem qualquer conexão com minha vida real."

Em vista do que se verificou desde então, alguns podiam dizer que a única *H.P.B.* era a entidade consciente que habitava seu corpo físico, e que o outrem não era *H.P.B.*, mas outra entidade encarnada, que tivesse uma ligação explicável com o corpo de *H.P.B.* e com *H.P.B.* Realmente, há casos conhecidos em que certos gostos e talentos foram apresentados pelo segundo eu, que eram estranhos ao eu normal. O *Prof. Barrett*, por exemplo, fala do filho de um cura, no norte de Londres, que, após uma séria enfermidade, tornou-se em duas personalidades distintas. O eu anormal "*não conhecia seus pais, não tinha memória do passado, chamava-se a si mesmo por outro nome, e, o que é ainda mais notável, desenvolveu talento musical, do qual jamais apresentara vestígio*". Há, assim, muitos casos em que o segundo eu, substituindo o eu normal, se atribui um nome diferente e tem uma memória especial de suas próprias experiências. No famoso caso de *Lurancy Vennun*, o corpo dela foi completamente obsedado pelo espírito desencarnado de outra moça, de nome *Mary Roff*, morta havia doze anos. Sob essa obsessão, sua personalidade mudou completamente; lembrava-se de tudo o que havia acontecido a *Mary Roff* antes do falecimento desta, mas seus próprios pais, parentes e amigos tornaram-se-lhe totalmente estranhos. A obsessão durou quase quatro meses⁵⁴. O corpo ocupado parecia a *Mary Roff* "*tão natural que ela mal sentia que não era esse seu corpo original, nascido havia trinta anos*". O Editor do panfleto intitulado *The Watseka Wonder* reproduz, do número de maio de 1860 ao *Harper's Magazine*, o relato do Reverendo *Dr. W. S. Plummer* sobre certa *Mary Reynolds* e sua dupla personalidade, que durou, com intervalos em que ela voltava

⁵⁴ Ver *The Watseka Wonder*.

ao estado normal, dos dezoito aos sessenta e um anos de sua vida. Durante os últimos vinte e cinco anos de vida, permaneceu ela totalmente em sua segunda condição anormal; o eu normal, que era o proprietário consciente daquele corpo, fora apagado, por assim dizer. Observe-se, porém, o estranho fato de que tudo o que ela sabia, no segundo eu, lhe fora ensinado naquele estado. Ela iniciou aquela segunda vida aos dezoito anos (da vida do corpo), esquecida de *Mary Reynolds*, de tudo o que esta soubera ou sofrera; seu segundo estado foi exatamente o de um bebê recém-nascido. *"Tudo o que lhe ficou do passado foi a faculdade de pronunciar umas poucas palavras: até lhe ensinarem o significado dessas palavras, eram para ela sons sem sentido."* — (*Watseka Wonder*, pág. 42)

Em *Incidents etc.* (pág. 146) há uma explicação do modo pelo qual H.P.B. respondia à nobreza *gouriana* e *mingreliana*, que vinha consultá-la, nas perguntas deles com relação a seus negócios particulares. Simplesmente, ela, enquanto plenamente consciente, via por clarividência os pensamentos deles *"enquanto se evolavam de suas cabeças em forma de fumaça luminosa em espiral, às vezes em jatos do que podia ser tomado por algum material radiante, e se fixava à volta deles em quadros e imagens distintos"*. O que se segue é especialmente sugestivo:

*"Com freqüência, tais pensamentos e respostas a eles encontrar-se-iam impressos em seus próprios cérebros, contidos em palavras e frases da mesma forma que os pensamentos originais. Mas, até onde todos nós podemos entender, os pensamentos anteriores eram sempre mais fidedignos, já que são independentes e distintos das próprias impressões do vidente, pertencendo à pura clarividência, não fruto de **"transmissão de pensamento"**, processo este sempre passível de se imiscuir às próprias impressões mentais mais vívidas do indivíduo"*.

Parece que isto lança alguma luz sobre o problema presente, e sugere que é plausível que *H.P.B.*, ainda que bastante normal quanto ao estado de consciência desperta, via por clarividência, ou por absorção de pensamento — expressão melhor do que transmissão de pensamento, neste contexto — a sabedoria acumulada do campo literário que estava examinando, e, assim, tomava-a para seu próprio cérebro a ponto de perder a noção de que não fosse algo original dela própria. Os psicólogos práticos do Oriente não acharão esta hipótese tão desarrazoada quanto possa parecer a outros. Na verdade, afinal, é apenas uma hipótese, e os inimigos dela chamá-la-ão simplesmente plagiaria. O insulto é o calcanhar de Aquiles dos ignorantes.

No entanto, os partidários desta teoria deveriam lembrar que o mais ardente e apaixonado desejo de *H.P.B.* era reunir o maior número possível de provas comprobatórias, de fontes antigas e modernas, dos ensinamentos teosóficos que ela divulgava; e todo o seu interesse residia em citar autoridades respeitáveis, não em plagiar-lhes as obras para maior glória dela própria.

Li um bocado de coisas e sei algo sobre esta questão da personalidade múltipla em seres humanos, mas não me ocorre um caso em que as personalidades latentes despertas, ou a segunda personalidade, quando desperta, fosse capaz de fazer citações de livros ou falar línguas com as quais o eu normal acordado jamais tivesse tido qualquer ligação. Sei de um homem de ciência, na Inglaterra, que chegou quase a esquecer sua língua-mãe após ter vivido no estrangeiro, dos onze anos — sem falar ou mesmo ouvir o idioma pátrio — até os vinte e nove, quando começou a reaprender a língua com o auxílio de gramática e dicionário, e debatendo-se ainda assim com os rudimentos da língua, quando, no entanto, ele a falava correntemente durante o sono. Mas o conhecimento tido, nesse caso,

simplesmente submergiu no domínio da consciência "subliminar", isto é, da memória latente. E há o caso familiar da criada ou cozinheira iletrada que, em seu estado sonambúlico, era vista recitando frases e versos em hebraico, os quais — como se provou depois — ouvira declamar por um ex-patrão, anos atrás. Mas quem pode provar que *H.P.B.* tenha jamais, em sua vida, estudado os autores citados em *Isis Revelada*! Se ela não os plagiou conscientemente, e jamais os leu, como poderiam eles ter chegado a ela, segundo a teoria de que o livro foi escrito por uma *H.P.B. II*, ou *H.P.B. III*? Nas terras do Ocidente, meus leitores terão visto o caso único de Madame B., uma francesa histérica, paciente do *Professor Janet*, caso este que foi relatado e comentado pelo *Prof. Richet*, hipnotista eminente. O caso é citado pelo *Sr. Stead* em seu *Real Ghost Stories (Histórias Reais de Fantasma)*, para o número de Natal de 1891 da *Review of Reviews*. Nesse caso, as duas personalidades - relatamos o autor — "*não apenas existiam lado a lado, mas no caso do eu subconsciente, sabidamente elas coexistiam, enquanto que acima ou abaixo de ambas existe uma terceira personalidade, ciente das outras duas, e aparentemente superior a ambas...* Pode-se fazer dormir **Mme. B.** a quase qualquer distância, e, quando hipnotizada, ela muda completamente de temperamento. Existem nela duas personalidades bem definidas, e uma terceira, de natureza mais misteriosa que qualquer das duas primeiras. O estado normal acordado da mulher denomina-se **Léonie I.**, o estado hipnótico, **Léonie II.** A terceira personalidade inconsciente oculta, da camada mais profunda, denomina-se **Léonie III.** **Léonie I.** é "**uma mulher séria e algo melancólica, calma e vagarosa, muito gentil e extremamente tímida**". **Léonie II.** é o oposto — "**alegre, álcere e buliçosa a um ponto insuportável: continua a ser de bom natural, mas adquiriu uma tendência singular à ironia e gestos amargos**". Neste caso, não reconhece sua identidade com seu eu funcional.

"Aquele boa mulher não sou eu", diz ela: "É muito estúpida". Léonie II assume o controle da mão de Léonie I quando abstraída; a face calma, os olhos fitando o espaço com certa fixidez, "mas não" em catalepsia, pois ela cantarolava num tom rústico; a mão direita escrevia rapidamente, e, por assim dizer, sub-repticiamente". Quando a faziam voltar a si e lhe mostravam o que estava escrevendo, "desconhecia tudo aquilo". Quando Léonie I (o eu acordado) se anulou e surgiu Léonie II, o segundo eu, no estado hipnótico, matraqueando em sua volubilidade e estrépito costumeiros, ela apresentou subitamente sinais de terror; ouvia uma voz que vinha como que de outra parte da sala, que ralhava com ela e dizia: "Chega, chega, fique quieta, sua barulhenta". Era uma terceira personalidade, que acordara e tomara plena posse do organismo da paciente quando esta fora mergulhada num estado mais profundo de letargia. Sem hesitar, ela confessou que fora ela quem havia pronunciado as palavras ouvidas por Léonie II, e que o havia feito por ver que o Professor estava sendo molestado pela algaravia da outra. "A voz imaginária, que tanto aterrorizou Léonie II por parecer-lhe sobrenatural, procedia" — diz o Sr. Stead — "de um estrato profundo de consciência do mesmo indivíduo."

Sendo nosso propósito atual examinar apenas superficialmente o tema da personalidade múltipla, em conexão com a hipótese de que H.P.B. não pudesse ter tido, ao escrever *Ísis*, outra ajuda que não a de suas próprias e várias personalidades, não precisamos aprofundar-nos mais num problema para sondar aquilo que se deve transferir para as autoridades do misticismo e da filosofia hindus. Diz a teoria antiga que "O QUE SABE" é capaz de ver e saber tudo, quando aliviado do fardo do último véu da consciência física. E esse conhecimento chega progressivamente à pessoa, à medida que são levantados os véus da carne. À semelhança, suponho eu, da maioria dos oradores que falam em público de

improviso, adquirir, por longa prática e até certo ponto, o hábito da ação mental tríplice. Quando, na Índia, dou conferências de improviso, em inglês, o intérprete vertendo frase por frase para alguma outra língua, descubro que uma parte de minha mente segue o tradutor e tenta apreender o comportamento da platéia, freqüentemente auxiliada pela audição de palavras familiares, a ver se meus pensamentos estão sendo corretamente vertidos; ao mesmo tempo, outra parte de minha mente estará observando os indivíduos e fazendo comentários mentais sobre suas peculiaridades ou capacidades — por vezes posso até dirigir observações paralelas a algum conhecido que esteja sentado perto de mim na plataforma; as duas atividades mentais são distintas e independentes. No momento em que meu intérprete proferiu a última palavra, apanho o fio de meu argumento e prossigo noutra sentença. Simultaneamente ao desenvolvimento dessas duas funções, tenho uma terceira consciência, como de um terceiro e mais alto eu que observa, que registra os outros dois segmentos de pensamento, embora sem se imiscuir com eles. Isto, naturalmente, representa um estágio rudimentar de desenvolvimento psíquico, cujos mais altos graus são indicados em alguns dos aspectos dos dotes espirituais de *H.P.B.*; ainda que experiências como esta nos ajudem a compreender o problema de seus fenômenos mentais: é um frágil sinal, embora seguro, de que "O QUE SABE" pode observar e saber.

Se eu fosse *Muçulmano*, provavelmente afirmaria, secundando o próprio *Maomé*, que a produção escrita do *Corão*, num árabe tão clássico, por um homem inculto como era ele, foi o maior dos milagres psíquicos, prova de que seu *Ego* espiritual rompera as peias da carne e extraíra o conhecimento diretamente de sua fonte celestial. Se *H.P.B.* tivesse sido uma asceta, senhora de seu eu físico e de seu cérebro desperto, capaz de escrever num inglês castiço sem tê-lo aprendido, e de

moldar seu livro segundo um plano consistente, ao invés de fazer de seus materiais a balbúrdia que fez, eu poderia fazer dela a mesma idéia, e atribuiria esse maravilhoso livro de fascinante interesse à sua própria individualidade desenvolvida. Certamente não posso; e devo passar à discussão de nossas outras teorias.

CAPITULO XV: Possessão Aparente Por Entidades Externas

Nossa próxima questão é: teria ela escrito *Ísis* na condição de um médium espiritual comum, isto é, sob o controle de espíritos dos mortos? Respondo: seguramente não. Se assim fosse, então o poder de controle sobre o organismo dela teria funcionado de maneira diversa de tudo o que está registrado em livros, ou que eu, pessoalmente, já vi acontecer durante os muitos anos em que me tenho interessado por esse movimento. Conheci médiuns de todos os tipos — falantes, de transe, de escrita⁵⁵, produtores de fenômenos, médicos⁵⁶, clarividentes e de materialização; vi-os em ação, assisti a sessões suas e observei os sinais de sua obsessão e possessão. O caso de *H.P.B.* não se assemelha a nenhum deles. Quase tudo o que eles faziam ela podia fazer, mas a seu próprio talante e quando lhe agradasse, de dia ou de noite, sem formar "*círculos*"⁵⁷, sem escolher testemunhas ou impor as condições costumeiras. Então, mais uma vez, tive a prova ocular de que pelo menos alguns daqueles que conosco trabalhavam eram seres vivos, e tal prova me veio por tê-los visto em carne e osso na Índia, depois de tê-los visto na América e na Europa, em seu corpo astral; de tê-los tocado e com eles conversado. Em vez de dizer-me que eram espíritos, disseram-me que estavam tão vivos quanto eu mesmo, e que cada um tinha suas próprias peculiaridades e capacidades; em resumo, sua completa individualidade. Disseram-me que aquilo a que tinham chegado, eu próprio iria atingir um dia; quão cedo, dependeria inteiramente de mim

⁵⁵ Segundo o vernáculo espírita brasileiro corrente, "psicográficos". (N. do T.)

⁵⁶ Ou "*de cura*" (N. do T.).

⁵⁷ "*Mesas*" ou "*correntes*", como se diz no Brasil. (N. do T.)

mesmo, e que eu nada podia antecipar de favor; mas como eles, devo galgar degrau por degrau, cada polegada de progresso por meus próprios esforços.

Um dos maiores dentre eles, o *Mestre dos dois Mestres* sobre os quais o público tem ouvido alguns fatos e sobre quem circulou muita calúnia tola, escreveu-me a 22 de junho de 1875: "*A hora é chegada de deixá-lo saber quem sou. Não sou um espírito desencarnado, **Irmão**, sou um homem vivo, dotado pela nossa **Loja** de poderes que estão reservados para si mesmo um dia. Não posso estar consigo senão em espírito, pois milhares de milhas, no momento, nos separam. Seja paciente e de bom ânimo, incansável obreiro da sagrada Irmandade! Persevere e trabalhe também para si, pois a auto-realização é o mais poderoso fator de sucesso. **Ajude** o seu irmão necessitado e será ajudado, em virtude da infalível e sempre ativa **Lei da Compensação***": a lei do Karma, em resumo, a qual, como percebe o leitor, me foi ensinada quase desde o início de meu relacionamento com *H.P.B.* e os *Mestres*.

E não obstante, a despeito do que se acabou de ler, fizeram-me acreditar que trabalhávamos em colaboração com pelo menos uma entidade desencarnada — a alma pura de um dos mais sábios filósofos dos tempos modernos, ornamento de nossa raça e glória de seu país. Era um grande platônico, e disseram-me que, tão absorvido estava pelo estudo desenvolvido em vida, que se tornara uma alma penada, isto é, não conseguia romper os liames que o prendiam à Terra, mas sentou-se numa biblioteca astral de sua própria criação mental, mergulhou em suas reflexões filosóficas, indiferente ao passar do tempo, e ansioso por promover a volta da mente humana para a sólida base filosófica da verdadeira religião. Seu desejo não o levou a renascer entre nós, mas fê-lo buscar aqueles que, como nossos *Mestres* e os agentes deles, desejassem trabalhar pela disseminação da verdade e

o banimento da superstição. Contaram-me que ele era tão puro e tão desprendido que todos os *Mestres* o tinham em profundo respeito, e, sendo proibido imiscuir-se em seu *Karma*, só podiam deixá-lo encontrar sua saída de suas ilusões (*Kamalocaicas*), e caminhar para a meta do ser sem forma e da absoluta espiritualidade, segundo a ordem natural de *Evolução*. Sua mente fora tão intensamente empregada em especulação puramente intelectual, que sua espiritualidade se apagara temporariamente. Entrementes lá estava ele, desejoso e pronto a trabalhar com *H.P.B.* nesse livro que marcou época, na parte filosófica para a qual muito contribuiu. Ele não se materializava nem sentava-se conosco, nem obsedava *H.P.B.* mediunicamente; simplesmente, conversava com ela, psiquicamente, durante toda uma hora, ditando originais, dizendo a ela que referências buscar, respondendo às minhas perguntas sobre detalhes, instruindo-me quanto a princípios, e, na verdade, fazendo o papel de uma terceira pessoa em nosso simpósio literário. Deu-me uma vez seu retrato — um esboço a cores em crayon, em papel fino — e às vezes deixava-me uma nota breve sobre algum assunto pessoal, mas do começo ao fim sua relação para conosco foi a de um professor brando, afável, extremamente culto, e de um amigo mais velho. Jamais proferiu ele uma palavra a indicar que se julgasse algo que não um homem vivo, e, na verdade, disseram-me que ele não percebia que seu corpo se tinha extinguido. Do passar do tempo, parecia ter tão pouca percepção que, lembro-me, eu e *H.P.B.* rimo-nos, uma vez às 2,30 da madrugada, quando, após uma noite de trabalho extraordinariamente puxado, enquanto fumávamos um cigarro, de despedida, ele tranquilamente perguntou a *H.P.B.*: "*Estão prontos para começar?*", sob a impressão de que estávamos no começo, e não no fim da noite! E também me lembro de como ela disse: "*Por Deus do céu, não ria fundo em pensamento, senão o "velhinho"*"

seguramente ouvirá você e vai se sentir magoado!" Isso deu-me uma idéia: rir superficialmente é o riso comum, mas rir profundamente é transferir o júbilo da gente para o plano da percepção psíquica! Assim, as emoções podem, como a beleza, estar às vezes apenas à flor da pele. Os pecados também: pense nisso!

Exceto no caso deste *velho platônico*, nunca me relacionei, conscientemente, com ou sem a ajuda de *H.P.B.*, com outra entidade desencarnada, durante o progresso de nosso trabalho, a não ser que *Paracelso* possa ser chamado assim, sobre o que, como os alsacianos, tenho sérias dúvidas. Lembro-me de que, uma noite, perto do ocaso, enquanto morávamos na Rua Trinta e Quatro Oeste, tínhamos estado conversando sobre a grandeza de *Paracelso* e o ignominioso tratamento que ele teve de suportar durante sua vida e depois de sua morte aparente. Eu e *H.P.B.* estávamos no corredor entre as salas da frente e de trás, quando de repente mudaram seus modos e sua voz, ela tomou-me a mão como para expressar amizade, e perguntou: "*Quer ser amigo de Teofrasto, Henry?*" Murmurei algo em resposta; quando passaram as maneiras estranhas, *H.P.B.* voltou a ser ela mesma outra vez, e aplicamo-nos a nosso trabalho. Aquela noite, escrevi os períodos sobre ele, que constam agora da página 500 do *Volume II de Ísis*. Quanto a estar ele morto, há sempre pouca probabilidade de que um dado adepto tenha realmente morrido, quando assim parecia aos homens comuns. Com seu conhecimento da ciência da ilusão *maiática*, mesmo estando seu cadáver aparente contorcido num caixão e deixado num túmulo, isto não seria prova suficiente de que ele estivesse realmente morto. Salvo acidentes, que podem acontecer a ele como a um homem comum, se for apanhado descuidado, um adepto escolhe seu próprio lugar para morrer, e seu corpo é eliminado de forma a não deixar vestígio. Por exemplo, o que foi feito do talentoso *Conde de Saint-Germain*, aquela nobre alma,

"aventureiro" e "espião" das enciclopédias, que há um século deslumbrou as cortes da Europa, movimentou os círculos mais altos e mais eruditos, foi admitido na intimidade de *Luís XV*, construiu hospitais e, aliás, prodigalizou grandes quantias em obras de caridade, nada recebeu nem mesmo pelos seus maiores serviços pessoais, retirou-se para *Holstein*, e ... desapareceu tão misteriosamente quanto aparecera⁵⁸? *Après nous le Déluge*⁵⁹, disse a amante do Rei; depois de *Saint-Germain* veio a *Revolução Francesa* e o levante da espécie humana.

Ao rejeitar a idéia de que *H.P.B.* escreveu *Ísis* na qualidade de médium comum de espíritos, "sob controle", vimos, contudo, que algumas partes da obra foram realmente escritas segundo o ditado de um espírito: entidade extraordinária e excepcional, não obstante, um homem que já não habitava seu corpo físico. O método de trabalho com ele, conforme eu já disse anteriormente, corresponde muito de perto ao descrito por ela numa carta familiar, ao explicar de que forma escreveu seu livro sem qualquer instrução prévia para tal obra.

"Sempre que me mandam escrever, sento-me e obedeço, e posso então escrever com facilidade sobre quase qualquer coisa — metafísica, psicologia,

⁵⁸ Ninguém jamais conheceu sua origem ou seu verdadeiro nome - O *Maréchale de Belle Isle*, que o conheceu na Alemanha, induziu-o a ir para Paris. Tinha ele uma nobre aparência e maneiras polidas, "considerável erudição e prodigiosa memória, falava Inglês, Alemão, Espanhol e Português com perfeição, e o Francês com ligeiro sotaque piemontês... Ocupou por muitos anos uma posição social notável na Corte Francesa... Costumava contar, aos crédulos, que tinha vivido 350 anos, e alguns anciãos, que pretendiam tê-lo conhecido quando jovens, afirmavam que, em 60 ou 70 anos, sua aparência absolutamente não mudara. Frederico o Grande, ao perguntar a Voltaire alguns pormenores com respeito a esse misterioso personagem, recebeu em resposta a afirmação de que ele era **"um homem que nunca morre e que tudo sabe."** Como ninguém lhe soubesse os motivos ou conhecesse as fontes de sua fortuna, estabeleceram-nas a seu próprio talante, da mesma forma que Hodgson, o espião do S.P.R., fez no caso de *H.P.B.*, para explicar a presença dela na Índia. Alegava-se que ele estivera, durante a maior parte de sua vida, a serviço das cortes em que residia, como espião" (Enciclopédia Americana, Edição 1868, volume XIV, págs. 266-7). Da mesma forma, porém, nunca veio a público qualquer evidência em apoio dessa calúnia. A "Enciclopédia Britânica" apresenta o mesmo ponto de vista sobre *Saint-Germain*, e o "Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie", fazendo coro à mentira, diz que "isto explicará suas riquezas e o mistério no qual ele se envolvia!" Se *Mme. de Fadeef* - a tia de *H.P.B.* - pudesse ser convencida a traduzir e publicar certos documentos constantes de sua famosa biblioteca, o mundo teria uma abordagem mais aproximada da verdadeira história da missão desse adepto oriental na Europa pré-revolucionária, do que a versão até agora disponível.

⁵⁹ Em francês no original: *Depois de nós o Dilúvio*. (N. do T.)

filosofia, religiões antigas, zoologia, ciências naturais, ou seja lá o que for... Por quê? Porque alguém que sabe tudo dita para mim, Meus Mestres, e, ocasionalmente, outros que conheci em minhas viagens, anos atrás." (Incidents, pág. 205).

Isto é exatamente o que aconteceu entre ela e o velho platônico, mas ele não era "*Mestre*" dela, e ela não podia tê-lo encontrado durante suas viagens neste plano físico, já que ele morrera antes de ela nascer — desta vez. Coloca-se então a questão: era esse platônico realmente um espírito desencarnado, ou um adepto que havia vivido no corpo do filósofo, e parecia ter morrido — embora em realidade não o tivesse — a 1º de setembro de 1687. Certamente, é um problema de difícil solução. Considerando-se que faltavam as concomitantes ordinárias da possessão por espíritos e do intercâmbio com espíritos, e que *H.P.B.* funcionou, da forma mais prosaica, como amanuense do platônico, a relação entre ambos em nada difere da de qualquer Secretária Particular com seu chefe, salvo que o último era-me invisível, mas visível para ela, e parece mais que estávamos lidando com um homem vivo, do que com uma pessoa desencarnada.

Ele não parecia exatamente um "*Irmão*" — como então costumávamos chamar os adeptos — embora parecesse mais isso do que outra coisa; e quanto ao próprio trabalho literário, desenvolveu-se exatamente como as outras partes do mesmo, quando aquele que ditava, ou escritor, como fosse o caso, era confessamente um *Mestre* (vide *Teoria I*). O que ditava, ou escritor, digo eu, e isto requer alguma explicação.

Declarei anteriormente que o manuscrito de *H.P.B.* às vezes variava, e que havia diversas variantes do texto principal; disse-se também que cada variação na redação era seguida de sensível mudança de modos, movimentos, expressão e capacidade literária de *H.P.B.* Quando ela ficava inteiramente entregue aos seus

próprios recursos, era quase sempre fácil sabê-lo, pois então se tornava manifesta a aprendiz destreinada de literatura, e começava o processo de corte e colagem; a cópia que me era então passada para revisão era terrivelmente defeituosa, e depois de tê-la transformado num grande borrão de entrelinhas, rasuras, correções ortográficas e substituições, podia terminar sendo ditada por mim para que ela a reescrevesse. (Vide *Teoria 7*). Já muitas vezes, depois de um instante, eram-me ditas coisas que seriam mais do que indícios de que outras inteligências, que não *H.P.B.*, estivessem usando-lhe o corpo como uma máquina de escrever: nunca foi dito expressamente, por exemplo: "*Sou Fulano de Tal*", ou "*Agora está aqui A. ou B.*" Não era preciso que tivéssemos — nós, os "*gêmeos*" — trabalhado juntos durante bastante tempo, para que eu me familiarizasse com cada particularidade de fala, maneiras e impulsos. A mudança era clara como o dia, e logo em seguida, depois de ela ter-se ausentado da sala e voltado, um breve estudo de seus traços e atitudes capacitava-me a dizer a mim mesmo: "*Este é..., ou...*", e dentro em pouco se confirmaria minha suspeita, em vista do que acontecia. Um desses *Alter Egos* dela, que conheci pessoalmente, usa barba comprida e um bigode longo, que se entrelaçam com as costeletas, à moda *Rajput*. Quando imerso em ponderações, tem o costume de puxar constantemente o bigode e o faz mecânica e inconscientemente. Bem, havia ocasiões em que a personalidade de *H.P.B.* fundia-se e ela era "*Outrem*", e então eu me sentava e via-lhe a mão como que puxando e enrolando um bigode que, certamente, não crescia visivelmente no seu lábio superior, e em seus olhos o olhar longínquo, até que, dentro em pouco, voltava a atenção para as coisas do momento, o *Alguém* bigodudo olhava, pegava-me olhando para ele, tirava prontamente a mão do rosto e continuava com o trabalho de escrever. Havia então outro *Alguém*, a quem a língua inglesa de tal forma

desagradava que nunca, de bom grado, falava comigo senão em francês: tinha um grande talento artístico e apaixonada inclinação à invenção mecânica. Outro, de vez em quando, sentava-se ali, rabiscando algo com um lápis e recitando para mim dúzias de estrofes poéticas que sintetizavam idéias ora sublimes, ora humorísticas. Assim, cada um dos vários *Alguéns* tinha suas peculiaridades, distintamente marcadas, tão identificáveis quanto as de qualquer de nossos amigos ou conhecidos comuns. Um era jovial, gostava de uma boa história e tinha lá sua verve, outro era todo dignidade, reserva e erudição. Um podia ser calmo, paciente e benevolmente prestativo, outro era rabugento e por vezes exasperante. Um *Alguém* estava sempre pronto a enfatizar suas explicações filosóficas e científicas dos temas sobre os quais eu devia escrever, produzindo fenômenos para minha edificação, enquanto que para outro *Alguém* eu não ousava sequer mencioná-los. Levei, uma noite, um pito terrível. Pouco antes eu trouxera para casa dois lindos lápis moles, ideais para o nosso trabalho burocrático, e dera um a *H.P.B.*, guardando o outro comigo. Ela tinha o péssimo hábito de pedir emprestados canivetes, lápis, borracha e outros itens de material de escritório, e esquecer de devolvê-los: uma vez na sua gaveta ou escrivaninha, lá ficavam eles, não importa o barulho que a gente fizesse por causa disso. Nessa noite, em especial, o *Alguém* de veia artística estava desenhando, numa folha de papel comum, uma cara de escavador, e papeava comigo sobre qualquer coisa, quando me pediu que lhe emprestasse outro lápis. O pensamento perpassou-me pelo espírito: "*Se eu lhe emprestar este lindo lápis, irá parar na gaveta dela e eu ficarei sem nenhum para meu próprio uso.*" Eu não o disse, apenas o pensei, mas o *Alguém* deu-me uma olhada levemente sarcástica, alcançou o porta-penas atrás de nós, deixou seu lápis ali, manuseou-o com os dedos daquela mão, por um momento, e, oh! ... uma dúzia de lápis de idêntica marca e qualidade!

Não disse uma palavra, não me deu sequer uma olhada, mas o sangue afluiu-me às têmporas e senti-me mais humilhado do que jamais o fora em minha vida. Não obstante, não consigo achar que merecesse o pito, considerando-se que grande "coleccionadora" de material de escritório era *H.P.B.*!

Mas quando qualquer desses *Alguéns* estava "*de guarda*", como eu costumava dizer, o manuscrito de *H.P.B.* apresentava peculiaridades idênticas às que apresentara na última vez em que o mesmo *Alguém* estivera de serviço no fazer literário. Escrevia, de preferência, sobre o tipo de tema que era de seu agrado, e, ao invés de *H.P.B.* fazer o papel de escriturária, ter-se-ia ela tornado temporariamente naquela outra pessoa (conforme Teoria 3). Naqueles dias, se me dessem uma página do manuscrito de *Ísis*, eu poderia, quase sem dúvida, dizer por qual dos *Alguéns* fora escrita. Mas então, onde estava o eu de *H.P.B.* durante essas substituições? Ah, eis aí a questão; e essa questão constitui um dos mistérios que ninguém consegue ir chegando e resolvendo⁶⁰. Da maneira como o entendo, ela mesma emprestara seu corpo, como a gente poderia emprestar a máquina de escrever, e saía, a cuidar de outro assunto oculto, de que se pudesse ocupar em seu corpo astral; e alguns adeptos lhe ocupavam e manipulavam o corpo alternadamente. Quando souberam que eu conseguia distinguir entre eles, tendo mesmo chegado a inventar um nome para cada um, pelo qual eu e *H.P.B.* os pudéssemos designar em nossa conversa, durante a ausência deles, faziam-me freqüentemente uma grave reverência ou um aceno amistoso, quando prestes a deixar a sala para dar lugar ao próximo a render a guarda. E por vezes conversavam comigo uns sobre os outros, como fazem amigos a respeito de terceiras pessoas ausentes, através do que vim a conhecer pedaços de suas várias histórias pessoais;

⁶⁰ Quase dois anos após a publicação destas linhas, *H.P.B.* explicava a seus parentes (Path, artigos anteriormente mencionados) o segredo: ela não estava em seu corpo, mas aparentemente perto dele, plenamente consciente, assistindo à sua manipulação por terceiras pessoas.

e falavam-me também sobre *H.P.B.*, quando ausente, distinguindo-a do corpo físico que haviam tomado de empréstimo a ela. Um *Mahatma*, escrevendo-me sobre algum assunto oculto, fala disso — do corpo de *H.P.B.* — como de "*o velho semblante*"; novamente em 1876, escreve sobre "*ele e o Irmão que está dentro*"; outro *Mestre* pergunta-me — a propósito de um terrível acesso de raiva que eu provocava (involuntariamente) em *H.P.B.* — "*Você quer matar o corpo?*"; e o mesmo, numa nota de 1875, fala "*daqueles que nos representam na casca*" — o grifo é dele. Será que alguém pode entender o que eu senti ao descobrir que, certa noite, sem o suspeitar, eu cumprimentara o grave filósofo descrito nas próximas frases do texto principal, com uma hilariante leviandade que quase perturbou a sua calma usual? Imaginando que me dirigia apenas à minha "*chapa*" *H.P.B.*, disse-lhe: "*Bem, Cavalo Velho, vamos trabalhar!*" No momento seguinte eu estava vermelho de vergonha, pois a expressão mista de surpresa e alarmada dignidade que lhe veio ao rosto mostrou-me com quem eu estava lidando. Foi uma "*gauchérie*"⁶¹ tão ruim quanto aquela cometida pelo velho e bom *Peter Cooper*, no *Baile da Academia* de Nova York ao *Herdeiro Presuntivo*, quando, com uma palmada no ombro do *Herdeiro*, disse-lhe: "*Bem, Gales, que acha disto?*" Este era um dos que me inspiravam maior reverência filial. Não só pela sua profunda cultura, excelso caráter e comportamento digno, como também por sua bondade e paciência realmente paternais. Parecia-me que só ele me lia no fundo da alma e desejava fazer brotar cada germezinho espiritual que ali jazesse como potencialidade latente. Era ele — disseram-me — um personagem do Sul da Índia, de grande experiência espiritual, um *Mestre de Mestres*, vivendo ainda entre os homens, ostensivamente, como proprietário de terras, mas sem que ninguém à sua volta soubesse o que ele era. Ah,

⁶¹ Em francês no original: Falta de jeito, atitude desastrada, gafe (N. do T.).

os serões de alta meditação que passei com ele: como se lhes comparar qualquer outra experiência de minha vida? Lembra-me, mais vividamente que todas, uma noite em que, por meias sugestões mais do que por qualquer outro meio, ele despertou-me a intuição de forma que ela chegou à compreensão da teoria da relação dos ciclos cósmicos com pontos fixos nas constelações estelares, com o centro de atração mudando de ponto a ponto numa seqüência ordenada. Lembro-me de suas sensações na primeira vez em que olhou para os céus estrelados, através de um grande telescópio — o temor reverente, o assombro, a imediata expansão mental experimentados ao olhar, da Terra — familiar e corriqueira — para as incomensuráveis profundezas do espaço e os incontáveis mundos estelares que juncam o infinito azulado. Essa foi uma pálida abordagem dos sentimentos que me assediaram no momento em que o majestoso conceito da ordem cósmica acometeu-me a consciência; tão subversivo era ele que realmente abri a boca para tomar fôlego. Se houve anteriormente a mais ligeira tendência hereditária para a teoria geocêntrica, sobre a qual os homens construíram suas teologias inúteis, ela foi então varrida como uma folha seca antes do furacão. Eu nasci num plano mais elevado de pensamento, era um homem livre.

Foi este *Mestre* quem ditou a *H.P.B.* as *Répliques a um F.T.S.* inglês sobre questões suscitadas por uma leitura do *Esoteric Buddhism* (Budismo Esotérico), publicado no *Theosophist* em setembro, outubro e novembro de 1883. Foi em *Ootacamund*, na casa do *Major-General Morgan*, quando, tiritando de frio, e tendo as pernas e pés enrolados em mantas de viagem, ela sentou-se e escreveu-as. Uma manhã, estava eu em seu quarto, lendo um livro, quando ela voltou a cabeça e disse: "*Macacos me mordam se já ouvi falar nos lafígios. Você já leu alguma coisa sobre essa tribo, Olcott?*" Disse-lhe que não, por que ela perguntava? "*Bem*",

replicou-me, "*o velhinho está me dizendo para escrever, mas receio que haja algum engano; que me diz?*" Respondi-lhe que, se o *Mestre* em questão dava-lhe o nome, ela devia escrevê-lo sem receio, já que ele sempre acertava. E ela o fez. Este é um exemplo dos inumeráveis casos em que ela escrevia, a partir de ditado, coisas bastante estranhas ao seu conhecimento pessoal. Ela nunca estudou *Hindi*, nem, como é natural, podia falá-lo ou escrevê-lo, mas tenho em *Devanâgari* uma nota em caracteres *hindi*, que a vi escrever e passar ao *Swami Dayanand Saraswati*, na casa de campo de *Vizianagram*, em *Benares*, onde estivemos hospedados em 1880. O *Swami* leu-a, redigiu e assinou a resposta na mesma folha, e *H.P.B.* deixou-a na mesa, de onde a peguei.

Mas desejo dizer novamente, o mais claro possível, que, nem mesmo do mais sábio e nobre desses *Alguéns* de *H.P.B.* recebi o menor incentivo no sentido de julgá-los infalíveis, oniscientes, ou onipotentes. Nunca houve a menor demonstração de qualquer desejo, da parte deles, de que eu os cultuasse, falasse neles com a respiração suspensa, ou considerasse como inspirado aquilo que eles escreviam através do corpo de *H.P.B.* ou ditavam a ela na qualidade de sua escrituraria. Faziam-me simplesmente olhá-los como homens, meus companheiros mortais, mais sábios, na verdade, infinitamente mais adiantados do que eu, mas apenas em virtude de me haverem precedido na senda normal da evolução humana. Abominavam o servilismo e a adulação indiscriminada, e diziam-me que tais atitudes são geralmente apenas disfarces do egoísmo, da presunção e da debilidade moral. Suas cândidas opiniões eram-me freqüentemente concedidas após a saída de algum desses visitantes lisonjeiros, e causaria a alguns dos meus leitores um acesso de riso estar lá uma noite, depois que uma senhora espalhafatosa nos desejara boa-noite. Antes de sair, ela afagou *H.P.B.*, sentou-se no braço da cadeira desta,

acariciou-lhe a mão e beijou-a na face; eu estava por perto e vi o pálido desespero no rosto (masculino) do *Alguém*. Levei a dama até a porta, voltei para a sala, e quase explodi, divertido, quando o *Alguém* ascético — era um *sadu assexuado*, se é que há algum — voltou para mim os olhos pesarosos e disse, numa inflexão de indescritível melancolia: "**ELA ME BEIJOU!**" Foi demais. Tive de sentar-me.

Assinalei, anteriormente, que o ditado e a colaboração literária entre o velho platônico e *H.P.B.* eram idênticos aos que ocorriam entre ela e os verdadeiros adeptos, e que, da mesma forma que ele se comprazia num determinado ramo de trabalho, assim também cada um dos outros tinha suas preferências individuais. Mas havia uma diferença: enquanto aqueles podiam, às vezes, ditar a ela, e outras vezes ocupar-lhe o corpo e escrever por intermédio dele como se lhes pertencesse (exatamente como o espírito de *Mary Roff* utilizava o corpo de *Lurancy Venum* e sentia-o tão natural como se tivesse nascido nele), o platônico jamais a obsedou: ele apenas a usava como amanuense. Torno então a falar da parte da redação de *Ísis* escrita por *H.P.B.* "*in própria persona*", a qual era inferior à realizada para ela pelos *Alguéns*. Isto é perfeitamente compreensível, pois como poderia *H.P.B.*, que não tivera conhecimento prévio desta espécie, escrever corretamente sobre os variados assuntos tratados em seu livro? Em seu estado (aparentemente) normal, ela lia um livro, assinalaria as partes que lhe causassem impressão, escreveria sobre as mesmas, cometeria erros, corrigi-los-ia, discuti-los-ia comigo, pôr-me-ia a escrever, ajudaria minhas intuições, arranjaria amigos que lhe fornecessem subsídios, e assim continuaria fazendo o melhor que pudesse, contanto que não houvesse nenhum dos professores ao alcance de seus recursos psíquicos. E eles não estavam, de forma alguma, o tempo todo conosco. Ela redigiu um bom bocado e esplendidamente, pois era dotada de maravilhosa aptidão literária natural; nunca foi idiota ou

desinteressante, e, como já notei alhures, era igualmente brilhante em três línguas, quando com força total. Ela escreve à tia que, quando seu Mestre estava ocupado alhures, deixava-lhe um substituto, e então era o seu "*Eu Luminoso*", seus *Augoeides*, que escreviam e pensavam por ela (conforme Teoria 2). Sobre isto, não posso arriscar uma opinião, pois nunca a observei nesse estado: eu a conheci apenas em três estados, a saber, o do seu próprio eu, como *H.P.B.*; com o corpo possuído ou dominado pelos *Mestres*; e como escrevente, tomando ditado. Pode ser que seus *Augoeides*, tomando posse de seu cérebro físico, lhe dessem a impressão de ser um dos *Mestres* que estava em ação: não posso dizer. Mas o que ela omite, na narração à sua tia, é que havia muitas, muitas vezes em que ela não estava nem possuída nem controlada, nem recebendo ditado de qualquer inteligência superior, mas era simples e palpavelmente *H.P.B.*, nossa conhecida e querida amiga, posteriormente nossa mestra, que tentava, o melhor que podia, desincumbir-se de sua missão literária. Contudo, a despeito das diversas interveniências em ação na produção de *Ísis*, há uma expressão de individualidade que flui ao longo de toda a obra e de suas outras obras — algo que lhe é peculiar. *Epes Sargent* e outros literatos americanos expressaram-me sua admiração ante a compreensão que ela mostrou possuir de nossa língua, e um cavalheiro chegou ao ponto de publicar a opinião de que não tínhamos um autor vivo que pudesse excedê-la em escrever o inglês. Isto, naturalmente, é um vago exagero, mas felizmente o estilo dela veio a ser tema de comparação com os de outros por um filólogo de formação científica.

Em sua obra *Origin, Progress and Destiny of the English Language and Literature* (Origem, Progresso e Destino da Língua e Literatura Inglesa), o *Dr. John A. Weiss*, erudito autor, publica diversos quadros analíticos que mostram as fontes das palavras usadas por escritores ingleses de renome. Ver-se-ão, nos excertos que

se seguem, a etimologia do inglês de Isis Revelada, em comparação com a das palavras empregadas por alguns outros autores. Diz o *Dr. Weisse* que o livro "*é um glossário de novas fases e fatos, relatados de maneira tão viva que qualquer um, até mesmo os não iniciados, pode lê-los com interesse.*" Vem a seguir a análise:

Obras e Autores Analisados – Ano	Palavras Gr. Lat.	Palavras Germânicas	Palavras Célticas	Palavras Semíticas
Robert Burton 1621 <i>Anatomy of Melancholy</i>	54	46	0	0
John Bunyan 1682 <i>Pilgrim's Progress</i>	31	68	1	0
Sir Thomas Browne 1682 <i>Hydriotaphia</i>	51	47	2	0
Sam. Johnson 1784, <i>Lives of the</i> (1780?) <i>English Poets</i>	47	51	2	0
R. C. Trench <i>On the Study of Words</i>	30	68	2	0
Gorge P. Marsh <i>Lectures on the English Language</i> - Pág. 133 .	58	41	1	0
S. A. Allibone 1872 <i>Dic. Eng. Literature etc.</i> . . .	53	46	1	0
Darwin <i>Origin of Species</i>	53	46	1	0
H. P. Blavatsky <i>Isis Unveiled</i>	46	51	1	2
Sua Majestade, a Rainha <i>Leaves of our Four Highlands</i>	36	63	0	1

Parece, portanto, que o inglês de *Madame Blavatsky* é praticamente idêntico ao do *Dr. Samuel Johnson*, que, poder-se-ia dizer, é quase classicamente perfeito. O mesmo teste, aplicado aos seus escritos em francês, viria indubitavelmente provar que ela tinha, no uso dessa bela língua, quase tanta facilidade quanto os maiores dentre os modernos autores franceses.

CAPITULO XVI: Definição dos Termos

Como, então, devemos encarar a autoria de *Ísis Revelada*, e como ver *H.P.B.*? Quanto à primeira, é inquestionavelmente um trabalho cooperado, produção de diversos e distintos escritores, e não de *H.P.B.* sozinha. Minhas observações pessoais sobre este ponto são inteiramente confirmadas pelo que ela mesma admite em suas cartas explicativas à família, como cita o *Sr. Sinnett*, pois diz ela que todas as partes que tratam de temas com os quais não estava previamente familiarizada foram-lhe, ou ditadas por algum mestre, ou escritas pelo eu superior através do cérebro e da mão de seu corpo físico. A questão é altamente complexa, e jamais se conhecerá a verdade exata quanto à parcela que coube a cada um dos participantes no trabalho. A personalidade de *H.P.B.* foi a matriz na qual a matéria toda foi moldada, e que, portanto, controlou-lhe a forma, cor e expressão, por assim dizer, pelas suas próprias idiossincrasias, tanto físicas quanto mentais. Exatamente como os sucessivos ocupantes do corpo de *H.P.B.* apenas modificavam-lhe a letra normal, mas não escreviam a sua própria⁶², ao usar o cérebro de *H.P.B.*, eram forçados a

⁶² Note-se, a este propósito, um fato muito curioso, a saber, que a caligrafia do "*Mahatma M.*", tão cuidadosamente examinada pelo *S.P.R.*, seus especialistas e agentes, e que disseram assemelhar-se à de *H.P.B.*, era desigual e grosseira, algo como uma coleção de raízes cortadas e matagal, ao passo que a caligrafia do mesmo personagem, no manuscrito de *Ísis* e nas notas que ele me escreveu era totalmente diferente. Era uma escrita pequena, linda, como se fosse de uma dama, e embora no geral se parecesse com a própria letra de *H.P.B.*, dela diferia, porém, por apresentar uma aparência de individualidade distinta, que me capacitava a reconhecê-la como daquele personagem, sempre que eu a via. Não pretendo explicar o fato, apenas constato que é algo que deve ser registrado. Deveria ser doravante levado em consideração por qualquer psicólogo experimental que possa estar estudando o fenômeno geral da escrita psíquica por meio de médiuns ou intermediários de tipo parecido, seja por precipitação, controle da mão ou ocupação do corpo. Acho que uma tal investigação resultará na prova de que tal escrita, quando atentamente analisada como foram os escritos do suposto *Mahatma* pelo *S.P.R.*, sempre se parece com a do intermediário, em maior ou menor medida, e sem que isso implique má fé da parte dele ou dela. A ignorância, ou o menosprezo intencional deste fato, fez com que o processo do *S.P.R.* contra *H.P.B.* perdesse quase todo o sentido. O falecido *W. Stainton Moses*, MA. (Oxon.) reproduz, em seu estudo sobre *Psicografia*, à página 125, trechos de uma carta a ele enviada pelo *Sr. W. H. Harrison*, ex-editor de *The Spiritualist*, e observador muito experimentado de fenômenos psíquicos, em que ele faz a seguinte observação sobre as mensagens recebidas por intermédio do *Dr. Slade*: "Notei que elas apareciam quase sempre na caligrafia do médium; e isto, que para uma pessoa ignorante seria indício de impostura, vinha em favor da autenticidade dos fenômenos, para um perito. Ao deixar a sala, após a sessão, tive uma breve conversa com o *Sr. Simmons*, e, sem contar-lhe o que eu sabia, mas apenas para testar-lhe a integridade, perguntei-lhe se a escrita das lousas guardava alguma semelhança com a do *Dr. Slade*. Respondeu-me, sem hesitar, que havia geralmente uma forte semelhança. Isto demonstra a veracidade e ausência de exageros incidentais nas afirmações do *Sr. Simmons*." Acrescenta o *Sr. Harrison* que, "antes de o *Dr. Slade* vir a Londres, anos de observação em numerosas sessões haviam-me provado que as mãos materializadas (*), comuns nas sessões, eram muito freqüentemente duplicatas das do médium e produziam quase a mesma escrita." Entretanto, na presença de *Slade* e de um outro sensitivo chamado *Watkins*, supostas "mensagens de espíritos" foram escritas numas vinte línguas diferentes, nenhuma delas conhecida dos médiuns nem por eles escrita em sua maneira normal de escrever, mas todas por precipitação ou pela manipulação de um toco de lápis ou crayon deixado sobre a lousa, que suas mãos não tocavam.

* Mãos materializadas. Foram dos primeiros fenômenos de materialização registrados e estudados no século XIX, em caráter mais ou menos sistemático, pelos primeiros observadores espíritas. Ver, a propósito, *História do Espiritismo*, de Conan Doyle. (N.doT.)

permitir-lhe que desse cor a seus pensamentos e lhes organizasse as palavras segundo uma maneira pessoal estabelecida, que lhe era peculiar. Assim como a luz do dia, atravessando as janelas de uma catedral, torna-se colorida pelas tonalidades dos vitrais, também os pensamentos por eles transmitidos por intermédio do cérebro específico de *H.P.B.* teriam de se modificar no estilo literário e hábitos de expressão para os quais ela o desenvolvera. E até o bom senso nos ensina que quanto mais estreita for a identificação natural entre a inteligência possensora e a personalidade intelectual e moral sob seu controle, mais fácil se tornará o controle, mais fluente a composição, menos comprometido o estilo. Na verdade, o que notei foi isto: que por vezes, quando a *H.P.B.* física se encontrava num estado de suprema irascibilidade, o corpo raramente era ocupado, salvo pelo *Mestre* de quem ela era discípula e pupila espiritual, e cuja férrea vontade era até mais forte do que a dela própria; os filósofos mais brandos mantinham-se à parte. Perguntei, naturalmente por que não era exercido, sobre a sua têmpera impetuosa, um controle permanente, e por que não a transformavam sempre na sábia calma e egocêntrica em que se tornava sob certas obsessões. A resposta foi: tal procedimento levá-la-ia inevitavelmente à morte por apoplexia; o corpo era vitalizado por um espírito ardente e impetuoso, que desde a infância não tolerara qualquer repressão, e, se não se lhe deixasse uma via de desafoço para a excessiva energia corporal, o resultado devia ser fatal. Disseram-me que lançasse vistas à história da sua parentela, os *Dougoroukis* da Rússia, e eu iria compreender o que queriam dizer. Assim fiz e descobri que essa família, principesca e guerreira, que remontava a *Rurik* (século IX da Nossa Era), sempre se distinguira por extrema coragem, uma ousadia igual em todas as emergências, um amor apaixonado pela independência pessoal, e destemor quanto às conseqüências da realização de seus desejos. O *Príncipe Yakob*, senador de *Pedro, o Grande*, foi

um típico exemplar do caráter da família. Desgostoso de um *ucasse*⁶³ imperial, rasgou-o em pedaços no plenário do Senado, e, quando o Czar o ameaçou de morte, replicou-lhe: "*Basta-vos imitar Alexandre, e encontrareis em mim um Clito.*" (*Enciclopédia Americana*, VI, 551) Essa era a própria índole de H.P.B. em relação à vida, e ela mais de uma vez disse-me que não seria controlada por qualquer poder, nem da terra ou de fora dela. As únicas pessoas que ela realmente reverenciava eram os Mestres, embora mesmo em relação a eles por vezes se mostrasse tão combativa que, como já disse anteriormente, em alguns dos seus caprichos, os mais gentis não pudessem ou não lograssem abordá-la. Manter-se numa disposição de espírito em que pudesse ter livre intercâmbio com eles custara-lhe — como ela me assegurou pateticamente — anos do mais desesperado autocontrole. Duvido que alguém tenha jamais adentrado a *Senda* tendo pela frente maiores obstáculos, ou com um maior teor de auto-anulação.

Naturalmente, um cérebro tão passível de perturbações não era o mais adaptado à tarefa supremamente delicada da missão que ela tomou sobre si; mas os *Mestres* disseram-me que ele era, então, o melhor de que dispunham, e que deviam tirar dele tudo o que pudessem. Ela era, para eles, a lealdade e a devoção em pessoa, e pronta a tudo arrostar e sofrer pelo bem da Causa. Dotada, mais do que todas as pessoas de sua geração, de poderes psíquicos inatos, e animada de um entusiasmo que chegava ao fanatismo, fornecia-lhes o elemento da rigidez de propósito, o qual, conjugado com um grau fenomenal de resistência corporal, tornava-a um agente poderosíssimo ainda que não muito dócil e uniforme. Com menos turbulência de espírito, ela teria provavelmente produzido uma obra literária menos defeituosa, mas ao invés de passar dezessete anos sob tensão, ter-se-ia,

⁶³ Decreto imperial do Czar (N. do T.).

sem dúvida, safado do corpo dez anos mais cedo, e seus escritos posteriores ter-se-iam perdido para o mundo.

O fato de a personalidade de um sensitivo modificar a escrita extrínseca que se faz através de seus recursos ou mediação dá-nos, parece-me, um parâmetro pelo qual julgar da genuinidade de quaisquer comunicações supostamente provenientes dos *Mahatmas* "M." ou "K.H.", desde a morte de *H.P.B.* Enquanto ela viveu, as comunicações deles guardaram sempre, onde quer que fossem recebidas ou por quem quer que fossem aparentemente escritas, uma semelhança, até certo ponto, com a escrita dela própria. Isto tanto se aplica às cartas que recebi pessoalmente, num vapor em alto-mar e em vagões de trem, quanto às que caíram do espaço, ou de outro modo chegaram, fenomenologicamente, às mãos do *Sr. Sinnett*, do *Sr. Hume* e de outros privilegiados correspondentes de nossos professores do Oriente. Pois, onde quer que ela pudesse estar, era ela o cerne do vórtice através do qual eles tinham de trabalhar conosco na evolução de nossa galáxia para fora da nebulosa do pensamento moderno. Não fazia a menor diferença que ela estivesse com eles no *Tibet*, ou comigo em *Nova York*, ou com o *Sr. Sinnett* em *Simla*: a afinidade cooperativa entre eles era psíquica, e portanto isenta de interferência — como o próprio pensamento — de questões de tempo e espaço⁶⁴. Vimos, no fenômeno de cartas apreendidas em trânsito postal, escritas e feitas chegar até mim em Filadélfia, ao invés de Nova York, uma admirável ilustração deste princípio de psicodinâmica (vide Capítulo II). Com isto em mente, segue-se a importante dedução de que há probabilidade de cem para um de que qualquer comunicação escrita, atribuída a qualquer dos *Mestres* e recebida desde a morte de *H.P.B.*, seja passível de suspeita, se a escrita for a mesma de antes daquele

⁶⁴ A moderna Parapsicologia reconhece e afirma este princípio (N. do T.).

acontecimento⁶⁵. Admitida a premissa, a conclusão é inevitável. Se, ao tempo dela, tudo o que o *Mahatma MSS* tinha de fazer e fez se parecesse até certo ponto com a escrita dela, por serem seus escritos transmitidos através dos recursos psíquicos dela, então, naturalmente, nenhum dos que chegaram a nós desde maio de 1891 deveria ou haveria de guardar tal similitude, já que cessara a interveniência dela e fora destruída a sua ação modificadora. Tais escritos deveriam agora assemelhar-se à escrita do novo agente ou agentes. Naturalmente, pressuponho que a evidência de autenticidade seja satisfatória, como foi no caso de *H.P.B.*, cujas comunicações transmitidas foram muitas vezes produzidas por precipitação na presença de outrem, ou chegaram dentro de envelopes lacrados, que ela não manuseara, ou caíram do espaço diante dos olhos de alguém, ou foram de outro modo produzidas fenomenologicamente. Os escritos precipitados de *Slade*, *Watkins* e vários outros médiuns inserem-se na mesma categoria. Nem uma parecença com a escrita de um Mestre, nem o fato de que houvesse mais ou menos semelhança com a do suposto intermediário, constituiria a menor evidência, *prima fade*, de autenticidade; bem ao contrário. A menos que fosse eliminada toda suspeita razoável de má fé, a mensagem mística não seria digna do papel em que foi escrita, nem do tempo necessário para se a ler. Mesmo quando a genuinidade esteja fora de dúvida, as mensagens psíquicas são freqüentemente lugares-comuns e absolutamente sem valor, salvo como fatos psíquicos. Eu, por mim, posso dizer que desde 1853, quando soube pela primeira vez desses fenômenos, nunca dei a menor importância a qualquer ensinamento psíquico por causa de sua suposta autoria, atribuindo-lhe valor exclusivamente pelo seu tema. Aconselho veementemente todos os meus

⁶⁵ Este capítulo foi originalmente publicado em julho de 1893. Opuseram-se à minha dedução algumas pessoas cujo julgamento merece-me grande respeito. Pode ser que eu esteja em erro, mas pelo menos posso dizer que não vi provas em contrário, até o presente momento (agosto de 1895). Os exemplares de escritos de Mahatmas de que tive notícia desde 1891 são, receio, imitações fraudulentas.

leitores a seguirem o mesmo método, se quiserem ficar do lado certo: é muito melhor um ceticismo esclarecido do que a mais louvada credulidade. Para lembrar que provavelmente ninguém jamais recebeu uma linha de um *Mestre*, escrita em inglês e na própria letra normal dele, e por ele escrita da maneira usual, com exceção, possivelmente, da nota que *K.F.* formou em minha própria mão quando me visitou em seu corpo físico, uma noite em minha tenda em *Lahore*, em 1883, eu não me importaria em ser dogmático sobre o fato de que, como não o vi escrevê-la, e ele pode ter criado a carta ali na hora através da aura de *H.P.B.*, que ia comigo a toda parte. Além de *K.H.* e do *velho platônico* que já citei, nenhum dos *Mestres* aprendera a escrever em inglês, e quando o faziam, tinham de recorrer ao mesmo método anormal usado por *H.P.B.* em *Benares* para escrever a nota em *Hindi*, em caracteres *Devanâgari*, para o *Swami Dayanand*, a que aludimos previamente. Neste contexto, as duas escritas completamente *dissemelhantes* do *Mahatma M.* no manuscrito de *Ísis* de 1875/7 e as cartas indianas a diversas pessoas depois de 1879 devem ser lembradas. Quando *H.P.B.* escrevia aos *Mestres* ou eles a ela, sobre assunto que não devesse ser comunicado a terceiros, era numa língua arcaica, que disseram ser o "*Sanzar*", que se assemelha ao tibetano e que ela escrevia tão fluentemente quanto o russo, francês ou inglês. Preservei, na verdade, uma nota que recebi de um dos *Mestres* estando em Nova York, no alto da qual está escrita, em puros caracteres tibetanos numa espécie de tinta dourada, a locução "*Sems dpah*". Eu não a havia mostrado a ninguém durante todos estes anos, até bem recentemente, em Calcutá, quando *Pandit Sarat Chandra Das, C.I.E.*, explorador e erudito tibetano, traduziu-a para mim como "*De coração poderoso*" — título honorífico que se dá, no *Tibet*, a um *Bodhisativa*.

Havia outra e suprema razão pela qual os Mestres não ousaram controlar e compelir o caráter inato de *H.P.B.*, abrandando-o e refinando-o no ideal mais elevado de um sábio gentil e benevolente, independentemente de sua própria volição. Fazê-lo teria sido uma interferência desleal em seu *Karma* pessoal — como devo agora expressá-lo. Como cada ser humano, ela representava, como era então, uma certa equação pessoal, fruto de determinado progresso evolucionário de sua entidade. Era do *Karma* dessa entidade ter nascido, desta vez, justamente num tal corpo de mulher tumultuosa, e ter as oportunidades assim oferecidas para ganhar progresso espiritual mediante um combate vitalício contra suas paixões hereditárias. Interferir nisso, entorpecendo o temperamento violento e suprimindo os outros defeitos pessoais de caráter, teria sido uma grave afronta a ela, sem apressar sua evolução um nadinha que fosse: teria sido algo como manter um sensitivo hipnótico perpetuamente sob o domínio da vontade do hipnotizador, ou manter um inválido permanentemente estupidificado por um narcótico. Havia intervalos em que o corpo dela não era ocupado pelos *Mahatmas* que escreviam, nem sua mente era absorvida em tomar-lhes o ditado; eu, pelo menos, suponho que fosse assim, embora fosse às vezes tentado até a suspeitar de que nenhum de nós, seus colegas, tenhamos jamais conhecido a *H.P.B.* normal, mas que apenas lidássemos com um corpo artificialmente animado, espécie de perpétuo mistério psíquico, do qual o *jiva* próprio tivesse sido eliminado na *batalha de Mentana*, ocasião em que ela recebeu aqueles cinco ferimentos e foi retirada de uma vala para mortos. Nada há de intrinsecamente impossível nessa teoria, já que temos o fato histórico de que a personalidade normal da moça *Mary Reynolds* foi posta de lado ou obliterada pelo espaço de quarenta e dois anos, enquanto seu corpo era ocupado, energizado e controlado por outra personalidade, que não tinha conhecimento das experiências

dos dezoito anos e das reminiscências do eu normal antes de sua substituição. No que concerne a *H.P.B.*, não afirmo, apenas teorizo, pois não ousa dizer positivamente quem foi essa maravilha de mulher, ou, como a teria *classificado* *M. de Buffon*, este *homo duplex*. Era ela um tal feixe de contradições, tão absolutamente incapaz de ser classificada como qualquer de nós, gente comum, que, como homem consciencioso, furto-me a algo como a asserção dogmática. O que quer que tenha ela dito a mim ou a alguém mais, pouco, bem pouco me importa, pois tendo vivido e trabalhado com ela durante tanto tempo, e tendo-lhe presenciado tantas entrevistas com terceiros, ouvi-a contar sobre si mesma as mais conflitantes histórias. Ter sido aberta e comunicativa teria significado trair as residências e personalidades de seus *Professores*, perante aquela multidão de egoístas cujas inconveniências sempre levaram o iogue em potencial à reclusão da caverna ou da floresta. Ela achou que o meio mais fácil de contornar essa dificuldade era contradizer-se e lançar em confusão o espírito de seus amigos. Como lhe teria sido fácil, por exemplo, ter contado ao *Sr. Sinnett* que, ao tentar entrar no *Tibet*, em 1854, via *Butão ou Nepal*, fê-la retroceder o *Capitão* (hoje Major-General) *Murray*, comandante militar daquela área da fronteira, o qual a manteve em sua casa, na companhia da esposa, durante todo um mês. Mas ela nunca o fez, nem qualquer de seus amigos jamais soube do fato, até que o *Sr. Edge* e eu obtivemos o relato da história do próprio *Major-General Murray*, a 3 de março último, no trem entre *Nalhati* e *Calcutá*, e eu a publiquei. Assim, quanto à sua idade, ela contou todo tipo de histórias, que a faziam vinte, quarenta, e até sessenta e setenta anos mais velha do que na realidade era. Temos, em nosso *Álbum de Recortes*, algumas dessas histórias, narradas por sucessivos entrevistadores e correspondentes a seus respectivos jornais, depois de entrevistas pessoais com ele, e em diversas ocasiões

em que eu próprio estava presente⁶⁶. Justificando-se, disse-me que os *Alguéns* dentro de seu corpo, nessas várias épocas, tinham essas diferentes idades, e daí resultava que ela não estava contando mentira, embora quem ouvia visse apenas a concha de *H.P.B.* e pensasse que o que estava sendo dito se referisse apenas a essa concha! Empreguei anteriormente a palavra "*obsessão*", mas estou bem ciente de sua miserável insuficiência neste caso. Tanto "*obsessão*" quanto "*possessão*" passaram a significar a perturbação de uma pessoa viva por maus espíritos ou demônios⁶⁷: uma pessoa obsedada é molestada e assediada, um possesso é aquele que é possuído, controlado, dominado, ou ocupado por eles. Mas de que outro termo dispomos, em inglês? Por que os *Patriarcas* não inventaram uma palavra mais decente, para significar a posse, controle, ocupação ou domínio de uma pessoa por bons espíritos, do que aquela idéia de "*enchimento*"? Ou, até, por que não deixaram que *obsessão* e *possessão* ficassem também para esse caso? "*E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar outras línguas, pois o espírito lhes dava eloquência.*" Mas isso não nos ajudará, a menos que ignoremos a circunstância de ser o corpo de *H.P.B.*, por vezes, ocupado por outras entidades — até onde possa sugerir a anedota que se segue. Estávamos, eu e ela, em nosso

⁶⁶ Vide relato do entrevistador do *Hartford Daily Times*, a 2 de dezembro de 1878. Ela fizera-se parecer uma espécie de *Matusalém*, e o correspondente escreve: "*Muito, muito velha? Impossível. Mesmo que ela o declare; às vezes indignada, às vezes com certo orgulho, outras com indiferença ou impaciência. 'Venho de uma raça muito longeva. Todo o meu povo vive muito, ficam bem velhos... Duvida da minha idade? Posso mostrar-lhe meus passaportes, meus documentos, minhas cartas de anos atrás. Posso provar minha idade de mil maneiras.*" Era um grande jeito, o que ela tinha, de tergiversar com números! Como o daquele *Sikh Akalí* (vide a reportagem do Sr. *MacLagan* sobre o Censo de *Punjab* de 1891), que "sonha com exércitos e pensa em lakhs;" - (um *lakh* vale.....100,000). "*Para significar que estão presentes cinco Akalis, dirá que cinco lakhs estão em frente a você.*"

O *Phrenological Journal* de março de 1878 apresenta o retrato dela e seus dados pessoais. Diz o autor: "*No curso de sua longa vida - pois ela tem mais de oitenta anos - etc.*" Eu mesmo a ouvi contar esta lorota ao autor do artigo.

⁶⁷ A própria palavra demônio chegou até nós distorcida pelo conceito cristão, e mais particularmente, medieval. Originariamente, em grego, *Daimon* exprimia a idéia de gênio ou espírito, bom ou mau, de variável grau de elevação e esclarecimento, que presidia ou inspirava os destinos de uma pessoa, grupo étnico ou nação. O mais célebre deles, nesta acepção, parece ter sido o famoso "*demônio familiar*" de Sócrates. É provável que o Cristianismo tenha apostado ao termo a idéia pejorativa pela qual a conhecemos, ao condenar a invocação dos mortos para fins divinatórios. (N. do T.)

estúdio literário em Nova York, num dia de verão após o jantar. Era no começo do entardecer, e o lampião ainda não fora aceso. Ela estava sentada em frente à janela da face sul, e eu de pé sobre o capacho diante da lareira, pensando. Ouvi-a dizer: "*Olhe e aprenda*", e, relanceando os olhos para aquela direção, vi uma neblina erguer-se-lhe da cabeça e ombros. Em breve, definiu-se na imagem de um dos *Mahatmas*, aquele que, mais tarde, deu-me o histórico turbante, cujo duble astral ele usava agora na cabeça saída da névoa. Absorto no fenômeno, fiquei quieto e imóvel. A forma nevoenta compunha-se apenas da metade superior do dorso, e então dissipou-se e sumiu, se reabsorvida no corpo de *H.P.B.* ou não, não sei. Ela ficou sentada como uma estátua, por dois ou três minutos, após o que suspirou e voltou a si, e perguntou-me se vira algo. Quando lhe pedi para explicar o fenômeno, recusou-se, dizendo que era para eu desenvolver minha intuição de maneira a compreender os fenômenos do mundo em que eu vivia. Tudo o que ela podia fazer era ajudar, mostrando-me coisas e deixando-me fazer delas o que eu pudesse.

Numerosas testemunhas podem confirmar outro fenômeno que pode ou não vir a provar que outras entidades ocupavam por vezes o corpo de *H.P.B.* Em cinco diferentes ocasiões — uma vez, para obsequiar a *Srta. Emily Kislingbury*, e outra vez minha irmã, a *Sra. Mitchell*, recordo-me — ela juntou uma mecha de seu lindo cabelo castanho ondulado, e, ou o arrancou pela raiz ou cortou-o com tesoura, e deu-o a um de nós. Mas a mecha era áspera, azevichada, lisa e sem a menor ondulação; por outras palavras, eram cabelos hindus ou de outros asiáticos, e em nada semelhantes às suas mechas sedosas, castanho claras e semelhantes às de um bebê. Meu *Diário* de 1878 mostra que as duas outras ocasiões foram: a 9 de julho, quando ela fez isso para o *Hon. J. L. O'Sullivan*, ex-Ministro dos Estados Unidos em Portugal, e a 19 de novembro, quando o fez para a *Srta. Rosa Bates*, na

presença de seis outras testemunhas além da *Srta. Bates* e ela e eu. Os inimigos podem sugerir que isso foi apenas um truque de simples "*manipulação*", mas isto se choca com a afirmação de que, no caso da mecha dada à *Srta. Kislingbury*, ou a minha irmã — não me lembro qual delas — a destinatária teve permissão para tomar a tesoura e cortar ela mesma a mecha. Tenho duas mechas tiradas da cabeça dela, ambas pretas como azeviche, e muito mais grosseiras do que as dela, uma porém mais grosseira do que as outras. A primeira é de cabelo egípcio, a última de cabelo hindu. Que melhor explicação para este fenômeno, do que supor que os homens a quem tinham pertencido essas mechas de cabelo preto estivessem realmente ocupando o corpo *maiáxico* de *H.P.B.* quando elas foram removidas da cabeça? Mas, voltando à nossa dificuldade filológica.

A palavra *epistasis* (*epístase* ou *epistasia* = *sobreposição de um caráter por outro*) não nos servirá, pois significa "*inspeção, superintendência, comando, direção*", que não se aplicam ao caso. Epifania não é muito melhor, já que *epiphaneia* é uma cintilação, uma manifestação etc. etc. Não temos uma palavra; uma que seja faz-se profundamente necessária neste estágio de nossa pesquisa psíquica, e devemos ir buscá-la no Oriente.

Esta ocupação do corpo de uma pessoa viva por outras pessoas vivas, embora tão estranha à nossa experiência ocidental que não temos palavra para defini-la, é, como tudo o mais na ciência psicológica, conhecida e definida na Índia. *A'ves'a* (que se pronuncia *Aveixa*) significa o ato de possuir, isto é, entrar em um corpo humano que pertença a um ser vivo (*jīva*) e controlá-lo. Pode ser de duas espécies: quando o próprio *ams'a* (*súkshma s'arīra*) do adepto, ou seu corpo astral, é retirado de seu próprio corpo físico e introduzido no corpo de outra pessoa, sendo então denominado *svarúpdves'a*; mas quando só por seu *sankalpa* (poder da

vontade) ele influencia, medita ou controla o corpo daquela outra pessoa (jîva), para fazer aquilo que estaria de outra forma além do poder desta - por exemplo, falar uma língua estranha, compreender ramos do conhecimento que não lhe são familiares, desaparecer instantaneamente da vista dos circunstantes, transformar-se numa forma apavorante, como a de uma serpente ou animal feroz, etc. - então o fenômeno denomina-se *saktyádves'a*. Isto nos dá tudo de que precisamos, e assim, como tomamos ao grego a palavra "*Ephifania*", por que não deveríamos unanimemente adotar do sânscrito a palavra *A'ves'a*, que é fácil, e já que a temos à mão e ela significa exatamente aquilo com que nós, titubeantes bebês no berçário da carreira de adeptos, vamos ter de trabalhar em nosso estudo? Ela se aplica somente ao intercâmbio psíquico entre duas pessoas vivas, ou à *obnublação* e inspiração de uma pessoa viva por uma entidade espiritual superior, e não deve ser rebaixada ao significado de ocupação do corpo de um médium ou controle do mesmo para produção de fenômenos, pela alma de um morto. Isto denomina-se *gráhana*, e o elementar (alma do morto) *gráham* (pronuncia-se *grarãm*). A mesma palavra é empregada para expressar a ocupação de um *corpo vivo por um elemental*, ou *espírito da Natureza*⁶⁸. Tal ocupação pode ser: a) espontânea, isto é, efetuada pela atração de um elemental para um sensitivo; b) compulsória, isto é, coagida pela vontade de um feiticeiro ou mago, que tenha aprendido as fórmulas para sujeitar a seu controle um elemental ou elementar. Tirei, no Japão, uma fotografia de um grupo em bronze, representando *Ko-bo-dai-shi*, suposto adepto fundador da seita *Shingon*, com dois pequenos elementais encolhidos aos pés dele e esperando-lhe as ordens. Um monge da seita *Yama-busi* — a dos produtores de prodígios do

⁶⁸ O princípio oriental de "*espíritos da Natureza*" coincide de certa forma com o da Umbanda, onde os Orixás têm atribuições específicas segundo o elemento a que presidem: a Água, as Pedreiras, o Fogo etc. Também a filosofia ocidental, a partir dos Pitagóricos - Órficos, esboçou uma compreensão deste princípio. (N. do T.)

Japão — deu-me um painel em pergaminho do *Fundador de sua seita*, com uma comitiva de servos elementais. Essa pintura está agora pendurada na velha sala de *H.P.B.* em Londres. Ela própria tinha também tais servos, que a obedeciam.

Há uma velha e divertida história indiana sobre como o *Rei Vikramádityá* venceu a teimosia da *Princesa Pés'ámadandé*, que fizera um voto de manter-se calada e não desposar quem quer que fosse, a menos que ele conseguisse induzi-la a responder-lhe às questões. O poderoso rei mágico escarrapachou-se sobre o seu elementar (não elemental) favorito, o *Brahmarákshás Bhetála*, e fê-lo transportar o amo até o próprio quarto da dama. Ao descobrir que ela não ia responder-lhe às perguntas pelo meio natural, fez *Bhetála* obsedar todas as damas de companhia e as pôs a louvá-lo, a contar-lhe uma história e a repreender sua senhora por seu silêncio. Em seguida, mandou-as para fora do quarto. A Princesa então estendeu uma cortina entre ela e o rei, mas fez-se com que o espírito entrasse na cortina e a fizesse falar. A Princesa empurrou a cortina para um lado, daí, a anágua dela assumiu a conversa, e ela a pôs de parte. Daí, fez-se-lhe falar a túnica, e depois a roupa de baixo, e depois as quatro pernas de seu sofá; mas a estúpida donzela segurou a língua. Por fim, fez-se com que *Bhetála* se mostrasse (se materializasse) na forma de um papagaio, e por ordem da Princesa foi ele pego e dado a ela, e ele foi direto contar uma história sobre a Princesa estar sendo obsedada por *S'ani*, o *deus do Infortúnio*. Isso foi demais para ela: lançou-se aos pés de *Vikram*, confessou-se vencida, e como ele não a quisesse por esposa, deu-a em casamento a um príncipe adequado. A história consta do *Pés'ámadandê Kathai*, livro de histórias *tâmul* (ou *tamil*)⁶⁹.

⁶⁹ O *tamil* ou *tâmul*, ao lado do *malabar*, *telinga*, *tulo* e *canarum*, é uma das línguas *dravídicas* faladas no sul da Índia. É considerada das mais cultas. (N. do T.)

O importante tema do A'ves'a é tratado no *Laghu Sabdârtha Saravasva* do *Mahámahopádhya Paravastu*, Volume I, página 316, no capítulo Avatâra. Todos os leitores inteligentes de literatura teosófica do Ocidente ouviram falar da teoria *hindu dos Avatares* - os *Avatares de Vishnu*, manifestação visível da proteção de Deus sobre a espécie humana pecadora, as provas do desejo divino de manter essa mesma humanidade na senda da aspiração religiosa. Os *Avatares* são de dois tipos: *Prádurbháva* e *A'ves'a*. O ato de assumir um corpo sobre o qual não preside um *jîva* ou que não é por ele animado, denomina-se *Prádurbháva*, fenômeno do qual Rama e Krishna são citados como exemplos. O que é o *A'ves'a* foi anteriormente demonstrado. Encontramos no *Páncharâtra Charyápada*, Capítulo XXIV, versos 131-140, instruções completas para a prática do *A'ves'a*:

"Narro-vos agora, ó vós que nascestes **Lótus**, o método pelo qual podeis entrar noutro corpo (**Pindam**)... O cadáver a ser ocupado deve ser fresco, puro, de meia-idade, dotado de todas as boas qualidades e isento das doenças horríveis que resultam do pecado (a saber, sífilis, lepra etc.). O corpo deveria ser o de um **Brahmin** ou mesmo de um **Kshatriya**. Deveria ser deixado nalgum lugar isolado (onde não haja risco de interrupção durante o processo cerimonial), com o rosto voltado para o céu e as pernas esticadas. Ao lado das pernas dele, deveis sentar-vos vós mesmo, em **Yogsâma** (um postura de Yoga), mas antes, ó aquele de quatro faces, deveríeis ter exercitado, com concentração mental e fixa, este poder iogue. O **jîva** se localiza no **nábhichakra** (plexo solar), é por si mesmo radiante como o sol e tem a forma de

***hamsa** (um pássaro)⁷⁰ e se movimenta pelos **nâdis Idâ** e **Pingala** (supostos canais de circulação psíquica). Tendo estado concentrado como **hamsa** (pela Yoga), ele sairá pelas narinas, e, como um pássaro, se lançará no espaço. Deveis acostumar-vos a este exercício, lançando o **Prana** à altura de uma palmeira, e fazendo-o viajar uma milha, ou cinco milhas ou mais, e então tornando a atraí-lo para o vosso corpo, no qual deverá reentrar como dele saiu, através das narinas, sendo então restituído ao seu centro natural no **nâbhichakra**. Isto deve ser praticado diariamente até que se alcance a perfeição."*

Então, tendo adquirido a habilidade necessária, o iogue pode tentar a experiência da transferência psíquica, e, sentado como foi descrito, será capaz de retirar seu *Prâna-jîva* de seu próprio corpo e introduzi-lo no cadáver escolhido, pela via das narinas, até que este chegue ao plexo solar vazio, aí se estabeleça, reanime a pessoa falecida, e faça com que esta seja vista como se "*ressuscitada dos mortos*".

A história da ressurreição do corpo do falecido *Rajá Amaraka de Amritapura*, pelo *Sábio S'ankaráchârya*, apresentada por *Mâdhava*, um de seus biógrafos, teve ampla divulgação. Um resumo dela poderá ser encontrado no artigo "*Vida de S'ankaráchârya etc.*", (no próximo *Justice*), colaboração do Sr. K. T. Telang para o número do *Theosophist* de janeiro de 1880, à página 69. O *Sábio* se comprometera, se lhe concedessem um repouso de um mês, a responder às questões que lhe fossem propostas pela esposa do *Sábio Mândana Misra* sobre a

⁷⁰ Hamsa é "Soham" ao contrário, que significa "Aquilo que Sou", referindo-se ao Parabrahm. Assim, Parabrahm = Jivâtma = Soham = Hamsa. Porém Hamsa, ao mesmo tempo, é também o nome de uma ave divina que supostamente possui o poder de separar o leite da água, e esotericamente representa A'tmá. Este o significado do texto, quando fala "da forma do pássaro Hamsa." Hamsa é aquela "centelha prateada no cérebro", aquela centelha luminosa que "não é a alma, mas um halo ao redor da alma", tão vividamente descrita por Bulwer Lytton no Capítulo XXXI de *A Strange Story* (Uma Estranha História).

ciência do *Amor*, à qual ele, celibatário desde a infância, era totalmente desafeto. Jornadeando com seus discípulos, chegou aos arredores de *Amritapura*, e viu o *cadáver do Rajá* que jazia ao pé de uma árvore, circundado pelos que o pranteavam. Era sua oportunidade de adquirir de forma prática o conhecimento desejado, e assim, deixando seu corpo ao cuidado de seus discípulos, retirou dele seu *prána-jíva*, entrou no corpo do *Rei*, e em meio à alegria tumultuosa dos súditos face à suposta ressurreição, foi à capital e durante alguns meses viveu a costumeira vida *zenana* (isto é, de serralho) de um governante soberano, e finalmente respondeu a todas as perguntas sobre amor⁷¹. Os detalhes não cabem aqui, já que meu objetivo é simplesmente usar o incidente em conexão com o problema de *H.P.B.* como ilustração do reconhecido poder de *A'ves'a* que um iogue possui. Assim o descreve o *S'ankaravijaya* de *Mádhaváchárya*:

"Retirado o (Prána) Váyu das extremidades dos dedos dos pés, o que sabia Yoga (S'ankara) emergiu pelo brahmarândhra e adentrou o corpo, e, paulatinamente, ocupou todo o corpo do (Rei) morto até os pés."

Por uma coincidência interessante, eu tinha acabado de ler esta passagem quando determinada circunstância me veio à memória, e folheei meu velho arquivo de cartas e memorandos de Nova York até descobrir o que se segue. Ocorre, em algumas notas que escrevi na época, de uma conversa entre mim e um dos *Mahatmas*, húngaro de nascimento, que aquela noite ocupava o corpo de *H.P.B.*:

"Ele abriga os olhos da luz e desliga o gás no bico sobre a mesa. Pergunto por quê. Diz que a luz é uma força física, e, ao entrar no olho de um corpo desocupado, encontra — isto é, choca-se com — a alma astral do ocupante temporário, produz nela um choque e um tal empuxo que o ocupante poderia ser

⁷¹ Vide "Káma Sutra".

empurrado para fora. É possível até a paralisia do corpo ocupado. Deve-se usar de extrema cautela ao entrar num corpo, e não se pode adaptar-se totalmente a todo ele até que os movimentos automáticos da circulação, respiração etc., se ajustem ao automatismo do próprio corpo do ocupante — com o qual, apesar de muito distante, seu corpo astral projetado está mais intimamente relacionado. Acendo então um bico do candelabro acima, mas o ocupante segura imediatamente um jornal como se para proteger da luz o cocoruto. Surpreso, pedi uma explicação, e disse-me que era ainda mais perigoso ter-se uma forte luz superior batendo no cocoruto, do que ter uma luz brilhando contra os olhos."

Na época eu nada sabia sobre os seis centros vitais (*shat chakras*) do corpo; nem estava ciente de que o mais importante deles, o *brahmarânakra*, localiza-se sob os ossos parietais; nem que é costume, na Índia, quebrar a caveira do cadáver a ser queimado, nesse lugar, para facilitar a retirada do corpo astral do falecido; além disso, nessa época eu não tinha lido a estória da saída de *S'ankará-chárya* de seu próprio corpo e de sua entrada no corpo do Rajá falecido por aquela passagem da alma. Vi simplesmente o que fez o Mahatma, e admirei-me com sua explicação; mas agora, na plenitude do tempo, o mistério esclareceu-se e os casos de Nova York e *Amritapura* se relacionam mutuamente. Pela luz do último e os ensinamentos da ciência oculta ariana, pode-se compreender mais facilmente o mistério do primeiro. Enquanto que antes tudo eram trevas, e não tínhamos sequer, à nossa disposição, um nome para explicar o fato, podemos agora ver que é possível, para qualquer pessoa versada em Yoga, ocupar o corpo de outra pessoa viva, quando o corpo astral de seu dono tenha sido retirado e a casa vazia é posta à disposição de amigos visitantes. O apoio que esta matéria encontra no problema de *H.P.B.* é muito evidente, como tentarei mostrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO XVII: Reencarnação

A primeira consequência de se provar a natureza colaborativa de *Ísis Revelada* é confirmar nosso ponto de vista crítico sobre o seu autor registrado: ela continua a ser um prodígio mental, ainda que não se inscreva no rol literário que inclui gigantes do conhecimento adquirido como *Aristóteles*, *Longino*, *Buddaghosha*, *Tsang*, *Alberuni*, *Madhavacharya*, *Nasireddin* - filósofos persas e enciclopedistas - e, nos tempos modernos, *Leibnitz*, *Voltaire*, *Spencer* etc. A justeza de sua auto-avaliação é patente, e, sem se classificar entre os eruditos, ela torna-se um problema quase único entre o povo ocidental. Se for desmentida a teoria de *Bacon* quanto à autoria das peças de *Shakespeare*, então o tê-las composto *Shakespeare*, quando se leva em consideração seu temperamento vadio e sua personalidade comum, vem antes em apoio do que em contestação à teoria de que, à semelhança de H.P.B., era ele apenas um agente de maiores e invisíveis intelectos, que lhe controlavam o corpo e o usavam para escrever coisas que estavam muito além de sua capacidade. A comparação é favorável a *Shakespeare*, porque encontramos em suas obras um conhecimento muito mais profundo da natureza humana, e um domínio muito mais amplo do conhecimento intuitivo do que os dela. A mente natural dele (ou aquela que lhe serviu de modelo) parece ter contido, desde o início, tudo o que ele ia ser obrigado a utilizar, ao passo que ela parece ter sido o sujeito de uma evolução mental distinta. Tome-se, por exemplo, seus ensinamentos sobre Reencarnação, pedra angular da antiga filosofia oculta, afirmada em *A Doutrina Secreta* e nos escritos posteriores dela. Quando trabalhávamos em *Ísis*, essa teoria não nos foi nem ensinada pelos *Mahatmas*, nem sustentada por ela em controvérsias literárias ou discussões particulares daqueles primeiros dias. Ela sustentou e defendeu a teoria de que as almas humanas, após a morte, passavam

por um curso de evolução purificadora para outros planetas mais espiritualizados. Tenho notas de uma conversa entre mim e um *Mahatma*, na qual se afirma esta mesma teoria. E isto me confunde mais que tudo, pois, se é bastante concebível que ela, *agente psíquico*, quer pelo imperfeito treinamento *cérebro-psíquico* ou por qualquer outra forma, pudesse não ter tido conhecimento da *sólida base filosófica da teoria da Reencarnação*, é-me difícil entender como idêntica ignorância se pudesse estender ao adepto e professor. É possível que a *Reencarnação* não fosse ensinada a este adepto por seu *Mestre*, e que, assim como *H.P.B.*, ele tivesse de aprendê-la em seguida? Há quem diga que existem sessenta e três estágios da condição de adepto, e não é impossível que assim seja. Disseram-me que há, entre eles, homens que, mesmo sendo quase iletrados, são grandes psíquicos naturais; e pelo menos um que, como *Ananda*, o favorito de *Buda*, não possui *Siddhis*, mas é tão intuitivo que é capaz de compreender todos os escritos esotéricos de vista. Minhas notas dão conta de que o *Professor* me dizia que "*As almas vão, depois da morte, daqui para outros planetas. As almas que devem nascer nesta Terra esperam, noutros planetas invisíveis.*" Estas duas declarações concordam com os últimos ensinamentos de *H.P.B.*, sendo os planetas em questão, a cada término da permanência da alma na Terra, membros da nossa "*cadeia de globos*". Mas fica um vasto hiato entre os dois extremos, que agora compreendemos ser preenchido pelos numerosos renascimentos evolutivos da entidade peregrina. Deixemos a nota ficar como está, mas em *Ísis* (Volume I, pág. 351), *H.P.B.* diz muito explicitamente:

"Vamos agora apresentar alguns fragmentos desta misteriosa Doutrina da Reencarnação — que se distingue da transmigração — que nos deu uma autoridade. A Reencarnação, isto é, o aparecimento do mesmo indivíduo, ou antes,

de sua mônada astral, duas vezes no mesmo planeta, não é regra na natureza, é exceção, como o fenômeno teratológico de um bebê com duas cabeças."

A sua causa, quando ocorre o fenômeno, diz ela, é o ter havido uma interferência no desígnio da natureza no sentido de produzir um ser humano perfeito, devendo portanto ser feita nova tentativa. Tais interferências excepcionais, explica *H.P.B.*, são os casos de aborto, de crianças que morrem antes de atingir determinada idade, e de idiotia congênita e incurável. Em tais casos, os princípios mais elevados não conseguiram unir-se com os mais baixos, de onde resulta que não nasceu um ser perfeito. Mas —

"Se a razão se desenvolveu a ponto de tornar-se ativa e discriminativa (ou discernente), não há Reencarnação nesta Terra, pois as três partes do homem tríplice e uno foram reunidas, e ele é capaz de continuar a raça. Mas quando o novo ser não passou além da condição de mônada, ou quando, como no caso do idiota, a trindade não se completou, a centelha imortal que a ilumina tem de reentrar no plano terreno, já que foi frustrada na primeira tentativa. De outro modo, as almas mortal ou astral, e a imortal ou divina, não poderiam progredir em uníssono e avançar para a esfera superior."

Os grifos são meus, e assim me ensinaram. Minha crença atual é a dos hindus e budistas. Ela disse ao *Sr. Walter R. Old* — que é meu informante — que não havia aprendido a doutrina da *Reencarnação* até 1879 — quando estivemos na *Índia*. Aceito de bom grado essa afirmação, tanto porque ela se coaduna com nossas crenças e escritos em Nova York, como também porque, se ela a conhecesse quando estávamos escrevendo *Ísis*, não haveria razão terrena para que ela tivesse iludido a mim ou a outros, mesmo que o tivesse desejado, o que não acredito.

Ela e eu acreditávamos, e o ensinamos oralmente e por escrito, ser o homem uma *trindade de corpo físico, corpo astral* (alma — do grego *psyché*), e espírito divino. Isto encontra-se exposto em nossa primeira comunicação oficial ao público leitor europeu. Era um artigo intitulado "*The Views of the Theosophists*" ("*Pontos de Vista dos Teosofistas*"), e foi publicado no *Spiritualist* de 7 de dezembro de 1877. Nele, falando por todos nós, digo:

"Acreditamos que o homem de carne morre, se deteriora, e passa pelo cadinho da evolução, para ser trabalhado sempre e sempre; que o homem astral (ou duplo, ou alma), libertado da prisão física, é acompanhado pelas conseqüências de seus feitos, pensamentos e desejos terrenos. E ou ele fica purgado dos últimos traços da grosseria terrena, e, finalmente, após incalculável lapso de tempo, se reúne ao seu espírito divino, e vive para sempre como uma entidade, ou, tendo sido completamente aviltado na Terra, mergulha mais profundamente na matéria e se aniquila."

Continuo a dizer que "*o homem de vida pura e aspirações espiritualizadas seria atraído para um domínio mais espiritual do que esta nossa Terra e repellido pela influência dela*", enquanto que, por outro lado, a pessoa viciosa e profundamente depravada perderia o espírito durante a vida, seria reduzida a uma dualidade ao invés de uma trindade, na hora da morte, e, ao sair do corpo físico, se desintegraria; sua matéria mais grosseira iria para a terra, e a mais refinada se transformaria num *bhút*, ou "*elementar*", "*perambulando por entre as habitações dos homens, obsedando os sensitivos para satisfazer vicariamente seus apetites depravados, até que sua vida se consome por sua própria intensidade, e a dissolução vem coroar a terrível carreira.*"

Essa era, naquela época, a essência e substância de nosso ensinamento sobre a natureza e o destino do homem, e ela demonstra quão infinitamente longe estávamos, *H.P.B.* e eu, de acreditar na *Reencarnação*. Se alguém estiver disposto a dizer que esta minha carta publicada no *Spiritualist* apenas representa minha visão pessoal, e que nem os *Mestres* nem *H.P.B.* são responsáveis pelas minhas rudezas, eu apenas o remeterei à edição do *Spiritualist* de 8 de fevereiro de 1878⁷², na qual aparece uma carta da própria *H.P.B.*, sobre o teor geral de minha carta, a qual suscitara animadíssima discussão entre os principais expoentes do espiritismo inglês, de um lado, e, de outro, *C. C. Massey*, *John Storer Cobb*, o *Professor Alexander Wilder*, a *Srta. Kislingbury*, o *Dr. C. Cártter Blake*, *Gerald Massey* e eu mesmo, e que *M.A. (Oxon.)* chamou de "uma pedrada desferida pelo braço vigoroso da *P.T.S.*, e que criou um grande barulho" no charco insalubre do espiritismo transatlântico. O clarim de *H.P.B.*, como de costume, despertou ecos. Ela se intitula "velho sujeito desinteressante vulgarmente conhecido por *H. P. Blavatsky*" — uma frase muito significativa; diz que "o Coronel se corresponde diretamente com estudiosos hindus, e deles recebe um bom bocado mais do que poderia receber de rude preceptor como eu"; e que ela acha que eu lancei algumas "pistas dignas da atenta consideração dos não preconceituosos." Uma segunda carta minha, em resposta a *M.A. (Oxon.)* foi publicada em fevereiro, e uma de *H.P.B.*, muito longa, muito enérgica e muito explícita, datada de Nova York, 14 de janeiro de 1878, apareceu no *Spiritualist*, em sua edição de 8 de fevereiro do mesmo ano. Essa carta é toda bem digna de ser lida. Nela, diz *H.P.B.*, a propósito da necessidade que teria, de reencarnar, um *Ego* que deixou de unir-se à *dualidade físico-psíquica* de uma criança prematuramente morta: "O ciclo do homem não se completa até que ele se

⁷² Aparentemente, foi colada a data errada no recorte do nosso Álbum. Acho que deve ter sido 19 de fevereiro.

torne individualmente imortal. Nenhum estágio de provação e experiência pode ser pulado. Ele deve ser homem, antes de se tornar espírito. Uma criança morta é um malogro da natureza — deve viver novamente; e a mesma psyché reentra no plano físico mediante outro nascimento. Tais casos, bem como os de idiotia congênita, são, como se afirma em Ísis Revelada, os únicos de reencarnação humana." Pode algo ser mais claro?

Nossa comitiva deixou Nova York, com destino à Índia, a 17 de dezembro de 1878, e poucos dias antes *H.P.B.* escreveu à *Révue Spirite*, de Paris, um artigo publicado naquela revista a 1º de janeiro de 1879; era em resposta a críticas diversas. Ela então descreve o homem como regido por quatro princípios, ou um "*tetraktis*", ou um ser quaternário. Traduzo:

*"Sim, para os teosofistas de Nova York, o homem é uma trindade, não uma dualidade. Ele, contudo, é mais que isso: pois, se lhe acrescentarmos o corpo físico, o homem é um **Tetraktis**, ou quaternário. Mas, embora nesta doutrina específica possamos ter o apoio dos maiores filósofos da Grécia antiga, não é nem a Pitágoras, nem a Platão, nem mesmo aos celebrados **Theodidaktoi** da escola de Alexandria, que a devemos. Mais adiante, falaremos de nossos Mestres."*

Após citar passagens de várias autoridades antigas, em apoio aos pontos de vista apresentados, diz ela: "*Nossos Mestres (quer dizer aqueles de quem aprendemos a doutrina) são **Patanjali, Kapila, Kanada**, todos os sistemas e escolas de **A'ryavârta** que serviram como minas inexauríveis para os filósofos gregos, de Pitágoras a Platão.*" Não todas as escolas indianas, certamente, pois entre elas, as velhas seitas de *Charvakas* e *Brihâspatis* negavam a sobrevivência do homem após a morte, e eram quase protótipos exatos do nosso materialismo moderno. Deve-se também notar que *Patanjali, Kapila* e outros Mestres que ela cita pensavam ser a

Reencarnação regra geral na *Natureza*, ao passo que ela e eu a declaramos exceção.

Finalmente, a doutrina da *Reencarnação* foi plenamente aceita e explicada, tanto em seu sentido exotérico quanto no esotérico⁷³. Não ensinada publicamente até 1879, contudo, pois não se lhe faz referência nos dois primeiros volumes do *Theosophist*, aparecendo apenas no terceiro, e nesse caso em relação aos *Fragmentos da Verdade Oculta*, série de ensaios sob a direção do Sr. A. P. Sinnett, com base em instruções que lhe deram os *Mestres* e *H.P.B.* Nessa forma manifestamente esotérica, ou ortodoxa, recebi-a no Ceilão e a incorporei ao *Catecismo Budista*, cuja primeira edição, depois de submetida ao exame crítico do *Sumo Sacerdote Sumángala Thero*, foi publicada em julho de 1881. O *Catecismo*, naturalmente, era apenas uma sinopse das doutrinas do *Budismo meridional*, não uma proclamação de crenças pessoais. A exposição da teoria da *Reencarnação* foi insuficiente na primeira edição; mas deu-se-lhe uma extensão muito maior na edição revista de 1882, quando defini a relação do ser reencarnado deste nascimento para os precedentes, e respondi à indagação sobre por que não guardamos memória das experiências de encarnações anteriores. Uma conversa com *Sumángala Thero* sobre a moralidade da teoria do *Karma* levou-me a formular a nota definindo a diferença entre *Personalidade* e *Individualidade*, entre a *memória física*, ou *lembrança de coisas que pertencem à consciência desperta ordinária*, e a *memória espiritual*, que tem a ver com as *experiências do Eu Superior e sua Individualidade*. A distinção não fora feita anteriormente, mas foi imediatamente aceita e tem sido propagada por todos os nossos principais escritores teosóficos desde então. *H.P.B.*

⁷³ Diz-se esotérico o conhecimento religioso transmitido em caráter fechado e até certo ponto sigiloso, como as antigas religiões ditas de mistérios. (Do grego *esoterikos* - que é do domínio dos íntimos, dos de dentro). E exotérico: da religião ou culto (e/ou conhecimento) cujos primitivos mistérios foram transformados em ritos de domínio popular e a que se acrescentaram dogmas. (N. do T.)

adotou-a, e introduziu-a em seu *Key to Theosophy* (A Chave da Teosofia) (pp. 134 e 130), com ampliações e ilustrações. Estes são fatos históricos, e sua implicação na presente discussão é evidente.

A primeira declaração publicada de H.P.B. no sentido de que a *Reencarnação* era um elemento da crença teosófica ocorre no artigo de fundo do primeiro número publicado do *Theosophist* ("*What is Theosophy*" - "*Que é Teosofia?*" - Volume I, p. 3, de outubro de 1879). Era apenas uma simples alusão ao tema, e nada mais.

"A **Teosofia**", diz ela, "*crê também na **Anastasis**, ou existência contínua, e na transmigração (evolução), ou uma série de mudanças na alma, que pode ser defendida e explicada à base de princípios filosóficos estritos; e só fazendo-se uma distinção entre **Paramátmá** (alma transcendental, suprema) e **Fivátmá** (alma animal ou consciente), dos **Vedantins**⁷⁴". Isto é extremamente vago, e pouco contribui para resolver o problema. Numa nota de pé de página a esta passagem, contudo, ela promete uma série de artigos em *The World's Great Theosophists* (Os Grandes Teosofistas do Mundo), na qual, diz ela, "*pretendemos mostrar que, a partir de Pitágoras, que obteve na Índia sua sabedoria, até os nossos melhores filósofos e teosofistas modernos que se conhecem - David Hume, e Shelley, o poeta inglês, e inclusive os espíritos da França — muitos acreditaram e ainda acreditam na metempsicose, ou Reencarnação da alma, etc.*" Mas ela não diz claramente qual é a sua própria crença. Infelizmente, a prometida série de artigos nunca apareceu, embora possa ter sido o germe da idéia que ela teve de dedicar um dos novos volumes de *A Doutrina Secreta* a uma relação dos *Grandes Adeptos*.*

⁷⁴ *Anastase* não significa *Reencarnação*, mas sim um ressurgimento da mesma pessoa de entre os mortos; e *Fivátmá* não é a alma animal - como estão cientes mesmo os teosofistas mais jovens.

A famosa série de ensaios do Sr. Sinnett, intitulada "*Fragments da Verdade Oculta*" foi iniciada por H.P.B., no nº 1, Volume III do *Theosophist*, em resposta ao Sr. Terry, de Melbourne, que se opusera aos pontos de vista *anti-espiritistas* dos teosofistas. No primeiro *Fragmento*, ela reitera o ensinamento de Nova York, no sentido de que a alma, na morte, vai para outro mundo, "o assim chamado mundo do efeitos (na realidade, um estado, não um lugar), e aí, purificada de grande parte de seus matizes materiais, desprende de si mesma um novo Ego, que vai renascer (após um breve período de liberdade e gozo) no próximo mundo superior de causas, um mundo objetivo semelhante a este nosso globo presente, porém mais elevado na escala espiritual, onde a matéria e as tendências materiais desempenham um papel bem menos importante que aqui." A Reencarnação é aí postulada, mas não neste globo nem pelo mesmo Ego, senão por outro, que se origina do nosso Ego presente, num estado interplanetário. No *Fragmento Nº 3* (*Theosophist* de setembro de 1882), diz-se que o novo Ego, após passar seu tempo normal — segundo seu mérito, o que está em acordo com a doutrina ensinada por S'ri Krishna, no *Bhagavadgita* — num estado de felicidade (*Devachan*) ou passa para o "*próximo planeta superior*", ou retorna para renascer neste globo, "*se não tiver completado o roteiro que lhe foi designado de vidas na Terra*." Anteriormente a isto, nada houvera sido publicado sobre um número designado de *Reencarnações*, neste globo ou em outros, tendo apenas sido esboçadas as linhas de uma *peregrinação psíquica*, ou progresso evolutivo, desta para outra estrela, de um *Eu Divino*, que a cada *palingênese*⁷⁵ se revestia de novo binômio corpo-alma.

⁷⁵ *Palingênese* - Os dicionários, em geral, registram as formas *Palingenesia* ou *Palingenia* - do grego *Palin* (de novo) + *gênesis* (geração). Usamos, por extensão, *palingênese*, = *Renascimento*. O termo é geralmente empregado para definir certa corrente de *filosofia da História*, segundo a qual as revoluções (e grandes movimentos) se repetem numa ordem *fatalística*. (N. do T.).

Em 1880, nós dois visitamos *Simla*, e o Sr. A. O. Hume gozou da boa sorte — que anteriormente coubera ao Sr. Sinnett — de entrar em correspondência com nossos *Mahatmas*. H.P.B. tornou a visitar *Simla* sem mim, em 1881, e os dois amigos supracitados receberam, no devido tempo, dos *Mestres*, a teoria da *Reencarnação*. O Sr. Sinnett a expôs no *Fragmento Nº 4* (*Theosophist*, Volume IV, Bº I, de outubro de 1882), onde lançou a base da doutrina das *Reencarnações* terrenas, numa série de superiores e inferiores, ou troncos e sub-raças, e a extensão do processo a outros planetas de uma cadeia à qual pertence a Terra. O Sr. Hume fez o mesmo em seu *Hints on Esoteric Theosophy* (*Alusões à Teosofia Esotérica* — Calcutá, agosto de 1882), onde diz, resumidamente, que "o homem tem muitas voltas completas para cumprir todo o ciclo (cadeia, quer ele dizer) dos planetas. E, em cada planeta, em cada volta, tem ele muitas vidas a viver. Em determinado estágio de sua evolução, quando determinadas porções de seus elementos menos materiais se desenvolvem plenamente, ele se torna moralmente responsável." (Op. cit., pág. 52).

Assim, seis anos após a data de minha conversa em Nova York com o *Mahatma*, a idéia fundamental e necessária da *Reencarnação* foi lançada, da terra afim de seu nascimento primevo, no mar do pensamento ocidental moderno.

Fui obrigado a traçar sua evolução dentro de nossas linhas, ao risco de uma pequena digressão, já que era necessário, para o bem futuro da *Sociedade*, mostrar a aparente incongruência da teoria, que nossa atual linha mestra de ensinamento estivera desde o início de posse de H.P.B. Aquela teoria, considero-a perniciosa e sem fundamento. Se estiver errado, terei o maior prazer em ser corrigido. Admiti-la envolveria a necessidade de admitir que ela, sabida e voluntariamente, prestou-se, em *Ísis* e depois, à fraude e ao ensino da inverdade.

Acredito que, então, ela escrevesse como o fez posteriormente, exatamente de acordo com suas luzes, e que foi, em 1876-78, exatamente tão sincera, negando a *Reencarnação*, quanto o foi, depois de 1882, ao afirmá-la. Por que fomos, eu e ela, autorizados a laborar em erro, em *Ísis*, não posso explicar, a menos que eu tenha sido vítima do encanto de acreditar estar falando com um *Mestre*, na noite em questão. Assim, deixemos passar. Os *Mestres* poderiam transmitir a *H.P.B.* o que quisessem, por ditado, podiam escrevê-lo eles mesmos com a mão dela, ocupando-lhe o corpo físico, e podiam fazer-me capaz de escrever, dando-me as pistas e linhas gerais, e auxiliando-me depois em minhas intuições. Porém, não obstante tudo isso, eles não nos ensinaram aquilo que hoje aceitamos como verdade sobre a *Reencarnação*; nem nos ordenaram silêncio a respeito; nem recorreram a quaisquer generalidades vagas que pudessem ser agora transformadas numa aparente concordância com nossos pontos de vista atuais; nem intervieram para evitar que escrevêssemos e ensinássemos a idéia herética e anti-científica de que, salvo em determinados e poucos casos, a entidade humana não reencarnava, nem poderia reencarnar, no mesmo planeta⁷⁶.

Voltando à questão da ocupação (*a'ves'a*) do corpo de *H.P.B.*, havia uma prova colateral que se impunha continuamente à nossa atenção, bastando que apenas a notássemos. Digamos que o *Mestre A ou B* estivesse "*de guarda*" uma hora ou mais, trabalhando em *Ísis*, sozinho ou comigo, e que, em dado momento, estivesse dizendo alguma coisa a mim ou a terceiros, se os houvesse. De repente, ela (ele?) pára de falar, levanta-se e sai da sala, pedindo licença por um momento aos estranhos, sob um pretexto qualquer. Logo depois ela volta, olha em torno como

⁷⁶ Alguns estimados amigos tentaram persuadir-me a omitir todo o argumento precedente sobre a gênese da idéia da *Reencarnação* dentro de nosso movimento, mas não posso admitir que seja de meu dever fazê-lo. Não me disponho nem a suprimir fatos importantes, nem a fazer falsas afirmações.

qualquer recém-chegado o faria ao entrar numa sala onde houvesse companhia, faz um cigarro novo, e diz algo que não tem a menor ligação com aquilo sobre o que se estivera conversando quando deixou a sala. Algum dos presentes, desejando fazê-la seguir o fio da meada, pede-lhe polidamente para explicar. Ela se mostra embaraçada, e revela inabilidade para pegar o fio, expressa talvez uma opinião frontalmente contraditória ao que acabara de afirmar, e, quando repreendida, fica vexada e diz coisas fortes; ou, quando informada de que havia dito tal e tal, parece dar uma olhada para dentro e diz: "*Ah, sim: desculpe-me*", e continua com o assunto. Nessas mudanças, ela era por vezes ligeira como o raio, e eu mesmo, esquecendo-me de sua personalidade múltiplice, fiquei muitas vezes muito irritado por sua aparente incapacidade em manter a mesma opinião, e por sua impertinente recusa em admitir que havia dito aquilo que dissera bastante alto e bom som, um momento antes. No devido tempo, foi-me explicado que leva tempo, depois que se entra num outro corpo vivo, para se estabelecer a ligação da própria consciência com a memória cerebral do ocupante anterior, e que, se se tenta continuar uma conversa antes de completado esse ajuste, podem ocorrer exatamente erros como esses que acabo de descrever. Isto concorda com o que o *Mahatma* me disse em Nova York sobre a ocupação, e com a descrição da maneira pela qual, disseram-nos em *Shankaravijâya*⁷⁷, *Shankara* adentrou o corpo do defunto *Rajá Amaraka*: "*entrou e ocupou paulatinamente todo o corpo do morto até os pés.*" A explicação da fusão gradual dos dois *jîvas* num ânimo estável e outro automatismo corporal (Cf. XVI.) se estende à questão das duas consciências, e até que isto se aperfeiçoe, deve haver exatamente uma tal confusão de idéias, afirmações e lembranças como a que descrevi anteriormente, e com a qual a maioria dos visitantes de *H.P.B.* deve ter se

⁷⁷ Numa recente palestra, em Calcutá, sobre "*O Parentesco entre o Hinduísmo e o Budismo*", mostro que os melhores orientistas consideram o *Shankaravijâya* uma velha palavra espúria. Emprego-a meramente em favor da descrição do processo do áves'a. (N.O.)

confundido. Por vezes, quando estávamos a sós, o *Alguém* que estava saindo dizia: "*Devo pôr isto no cérebro de forma que meu sucessor possa encontrá-lo aí*", ou o *Alguém* que estava entrando, após saudar-me com uma palavra amiga, me perguntava qual era o assunto em discussão antes da "*mudança*".

Assinalei anteriormente como *Mahatmas* diversos, ao escrever-me sobre *H.P.B.* e seu corpo, falavam do último como uma concha ocupada por um deles. No meu Diário de 1878, descubro, com a data de 12 de outubro, no manuscrito de *H.P.B.* de Mahatma "*M*", o seguinte: "*H.P.B. conversou com W., sozinha, até às duas da madrugada. Ele confessou ter visto nela três individualidades **DISTINTAS**. Ele o sabe. Não quer dizê-lo a Olcott por temer que H.S.O. faça troça dele!!!*" O grifo, caixa alta e pontos de exclamação estão copiados literalmente. O "*W*" mencionado era o *Sr. Wimbridge*, nosso hóspede na ocasião. Para explicar a entrada de outra pessoa em meu Diário particular, devo explicar que, quando saía de Nova York a negócios, o que tive de fazer diversas vezes naquele ano, o registro diário era escrito por "*H.P.B.*", nome coletivo. No registro do dia seguinte (13 de outubro), a mesma mão, depois de especificar os sete visitantes que compareceram naquela noite, escreve de um deles: "*O Dr. Pike, olhando diversas vezes para H.P.B., sobressaltou-se e disse que pessoa alguma no mundo o havia impressionado tanto. Uma vez ele vê em H.P.B. uma mocinha de 16 anos, outra uma velha de 100, e outra ainda um homem barbado!!!*" A 22 de outubro, escreve a mesma mão: "*H.P.B. deixou-os (nossas visitas daquela noite) na sala de jantar e retirou-se com H.S.O. para a biblioteca, para escrever cartas. N--- (um certo **Mahatma**) ficou de vigília e entrou S--- (outro adepto); o último com ordens de... completar tudo até o dia primeiro de dezembro (para nossa partida para a Índia). A 9 de novembro, noutra escrita modificada de H.P.B., está escrito: "**Corpo doente e sem água quente para***

banhá-lo. Bela cozinha de navio." A 12 de novembro, na escrita de "M": *"H.P.B. pregou-me uma peça, desmaiando de repente, para grande pavor de Bates e Wim. Usou a maior força de vontade para colocar o corpo sobre as pernas."* A 14 de novembro, na mesma caligrafia: *"N--- evadiu-se e M. entrou (de e no corpo de H.P.B., é o que se quer dizer). Veio com ordens precisas de... "Têm de ir, no mais tardar, entre 15 e 20 de dezembro (para a Índia)."* A 29 de novembro, outro Mahatma escreve que havia *"respondido à Tia Russa"* — isto é, à adorada tia de H.P.B. Finalmente, para não nos demorarmos demais num assunto, a 30 de novembro, escreve um terceiro Mahatma: *"Belle Mitchell veio às 12 e levou S--- (Mahatma M.) para passear. Foi ao Macy's⁷⁸. Teve de materializar rupias⁷⁹. H.P.B. veio para casa às 4 etc."* Tenho também várias cartas dos Mahatmas, aludindo a H.P.B. em sua própria capacidade individual, falando por vezes com muita franqueza sobre as peculiaridades dela, boas e más, e fui uma vez enviado, pelos Mestres, com instruções escritas, numa missão confidencial a outra cidade para suscitar certos acontecimentos necessários à evolução espiritual dela. Tenho ainda o documento. Uma carta bem longa, que recebi em 1879, estando em Kajputana, muito estranhamente altera-lhe o sexo, fala dela no gênero masculino, e confunde-a com Mahatma M — conhecido como nosso Guru. Diz — sobre uma primeira minuta da própria carta, que fora escrita mas não me fora enviada: *"Devido a certas expressões aqui contidas, a carta foi interceptada por ordem de nosso Irmão H.P.B. Como você não está sob minha orientação direta, mas sob a dele (dela), nada temos a dizer, nenhum de nós; etc."* E novamente: *"Nosso Irmão H.P.B. observou corretamente em Jeypore que, etc."* É um aristocrático comunicado, do começo ao fim, e, se tivesse a ver com nosso tema atual, eu me sentiria tentado a publicá-lo, de

⁷⁸ Macy's = Famoso magazine (loja de departamentos) de Nova York. (N. do T.)

⁷⁹ Rupias = Moeda que na Índia colonial inglesa equivalia a pouco mais de um shilling. (N.doT.).

forma a mostrar a alta qualidade da correspondência que, durante anos, prosseguiu entre meus abençoados *Mestres* e eu. Foi nessa carta específica que me contaram, em resposta ao meu desejo expresso de retirar-me do mundo e ir viver com eles, que "*O único meio disponível e ao seu alcance, para chegar até nós, é através da Sociedade Teosófica*", que eu abjurara consolidar, levar adiante e construir; devo aprender a não ser egoísta. Meu correspondente acrescenta: "*Nenhum de nós vive para si mesmo, todos vivemos para a humanidade*." Este era o espírito de todas as minhas instruções, esta a idéia inculcada em todo *Ísis Revelada*. Que as falhas literárias desse livro sejam o que forem; que seu autor seja acusado de plágio ou não; o teor e substância de seu argumento é que o homem é de natureza complexa, animal, num extremo, e divino, no outro; e que a única existência perfeita e real, a única isenta de ilusões, dor e tristeza, porque nela inexiste a causa desses sentimentos — a Ignorância — é a do espírito, o ***Eu Mais Alto***. O livro incita a um viver puro e elevado, à expansão da mente e à *universalização da compaixão* e da brandura, mostra que há uma *Senda superior*, e que esta é acessível aos sábios que sejam corajosos, rastreia todo o moderno conhecimento e especulação até fontes arcaicas; e, ao afirmar a existência presente e passada dos adeptos e da ciência oculta, fornece-nos um estímulo para o trabalho e um ideal a ser atingido. Ao seu aparecimento, o livro causou tal sensação que a primeira edição esgotou-se em dez dias⁸⁰. Os críticos, de modo geral, trataram-no com bondade. O *Dr. Shelton Mackenzie*, um dos mais abalizados da época, escreve que "*é das obras mais*

⁸⁰ O *American Bookseller* (outubro de 1877) diz: "A vendagem é sem precedentes para um livro de sua espécie, tendo-se toda a edição esgotada em dez dias a partir da data de publicação. Em 1782, Godfrey Higgins publicou seu *Anacalypsis*, trabalho de natureza análoga, e embora fossem impressos apenas 200 exemplares, por ocasião da morte do autor, alguns anos depois, permaneciam encalhados muitos exemplares, que foram vendidos a granel, por seus executores testamentários, a um livreiro de Londres. A obra é agora de inextinguível raridade e alcança prontamente \$100 o exemplar. O mundo ficou mais velho desde os dias de Higgins, e o livro de Madame Blavatsky é de maior interesse; ainda assim, é bastante notável a demanda, e muito além das expectativas de seus editores." Pura verdade; e tão surpreso e contente ficou o Sr. Bouton que, a 10 de fevereiro de 1878, em minha presença, propôs a H.P.B. uma soma de \$5.000,00 a título de direitos autorais, pela edição de um livro em um volume, que ela escrevesse, e que viesse tornar *Ísis* um pouco mais revelada. Ele pretendia imprimir apenas 100 exemplares, ao preço de \$100,00 por exemplar. Embora ela precisasse terrivelmente de dinheiro, porém, declinou da oferta, alegando que não tinha permissão para divulgar ainda mais segredos arcanos do que o fizera em *Ísis*. O Sr. Bouton ainda vive e pode confirmar minha afirmação.

notáveis, pela originalidade de pensamento, rigor de pesquisa, profundidade de exposição filosófica e variedade e extensão de conhecimentos, já aparecido em muitos anos." (*Phila Press*, 9 de outubro de 1887). O crítico literário do *New York Herald* (30 de setembro de 1877) diz que "espíritos independentes brindarão a nova publicação como valiosíssima contribuição à literatura filosófica", e que "ela virá complementar o *Anacalypsis* de Godfrey Higgins. Há uma grande semelhança entre as obras... Com suas surpreendentes peculiaridades, sua audácia, versatilidade e prodigiosa variedade de assuntos citados e manuseados, é uma das notáveis produções do século." O Dr. G. Bloede, erudito e estudioso alemão, diz que "sob todos os pontos de vista, a obra se inscreverá entre as mais importantes contribuições à literatura da moderna ciência do espírito, e será digna da atenção de todos os estudiosos ponderados desta ciência."

Algumas das matérias eram suficientemente levianas e preconceituosas para deixar claro que os críticos não haviam lido o livro. A do *Springfield Republican*, por exemplo, dizia que o livro era um grande prato de mexido; O *New York Sun* classifica-o com palavras semelhantes às de tempos atrás, como "bobagens descartadas"; o Editor do *N.Y. Times* escreveu ao Sr. Bouton, lamentando não poder tocar em *Ísis Revelada*, já que eles tinham "um sagrado horror a Mme. Blavatsky e suas cartas"; o *N.Y. Tribune* diz que a erudição dela é "crua e indigesta", e que "seu relato incoerente do bramanismo e do budismo sugere antes a presunção do que a informação da escritora." E assim por diante. O que pesa, contudo, é o fato de o livro ter se tornado um clássico — como o Sr. Quaritch profetizara ao Sr. Bouton⁸¹; teve diversas edições; e agora, decorridos dezessete anos, é procurado em todo o

⁸¹ O Sr. Quaritch escreve de Londres ao Sr. Bouton, a 27 de dezembro de 1877, numa carta que o último gentilmente nos deu como um presságio alvissareiro: "O livro evidentemente fará carreira na Inglaterra e tornar-se-á um clássico. Estou muito feliz por ser o agente inglês." E, devo acrescentar, estávamos mais felizes do que ele devia estar; pois conhecíamos sua reputação de incansável batalhador e espírito esclarecido. (N. do A.)

mundo. Quando estava pronto para publicação, eu, naturalmente, fiz o que podia para divulgá-lo entre as pessoas de minhas relações; e lembro-me de logo depois ter encontrado na rua um deles — um destacado funcionário da justiça — e ele sacudiu o punho para mim, amistosamente, e disse: "*Tenho umas contas a ajustar com você!*" "*E por quê?*", perguntei. "*Por quê? Porque você me fez comprar **Ísis Revelada**, e achei-o tão fascinante que os meus casos jurídicos estão ficando atrasados, passei quase que as duas últimas noites todinhas sentado, lendo o livro. E não é só isso, ela me faz sentir que punhado de basbaques nós somos em comparação com aqueles místicos e filósofos do Oriente sobre os quais ela escreve de maneira tão encantadora.*" O primeiro dinheiro recebido por um exemplar de *Ísis* foi enviado, juntamente com o pedido, por uma senhora de *Styria*; nós o guardamos "*pra dar sorte*", e ele atualmente pende, emoldurado, das paredes do escritório do *Theosophist de Adyar*.

A coisa mais verdadeira que já se disse a respeito de *Ísis* veio na expressão de um autor americano: "*É um livro que tem dentro uma revolução.*"

CAPÍTULO XVIII: Os Primeiros Dias da Sociedade

Entre os eventos públicos que contribuíram para dar notoriedade à nossa Sociedade, em seus primeiros dias, esteve o salvamento de um grupo de indigentes árabes ameaçados de inanição, e seu embarque para Túnis. Foi uma ação teosófica apenas no limitado sentido de ser uma ação humanitária, e, portanto, um ato de altruísmo; e todos os esforços altruísticos são essencialmente teosóficos. Neste caso, sobretudo, o elemento religioso era um fator. A história, em resumo é a seguinte:

Numa manhã de domingo, em julho de 1876, eu e *H.P.B.*, estando sozinhos no "*Lamastério*", lemos nos matutinos que um grupo de nove náufragos árabes muçulmanos tinham sido desembarcados da escuna *Kate Foster*, que acabara de chegar de *Trinidad*. Estavam sem tostão e sem amigos, não falavam uma palavra de inglês, e tinham perambulado durante dois dias pelas ruas, sem comida, até que o secretário do *Cônsul* turco lhes deu uns pães, e, por ordem de *Sua Excelência o Prefeito de Nova York*, concedeu-lhes asilo temporário no *Hospital Bellevue*. Infelizmente para eles, tinha sido adotado, em março último, pelos membros da *Caridade Pública e do Comissariado de Emigração*, um novo estatuto de emigrantes, que tornava esses dois órgãos públicos destituídos de poderes para lidar com casos como o do momento. Os jornais afirmavam que os árabes não haviam trazido consigo documentos que provassem sua nacionalidade, e em consequência transferissem a um *Cônsul* estrangeiro a responsabilidade por sua custódia e assistência; tinham sido levados, em vão, aos *cônsules da Turquia* e da França, e, a menos que lhes chegasse alguma assistência particular, tinham pela frente uma amarga perspectiva. Quão bem me lembro da cena, ao lermos a reportagem! Eu e *H.P.B.* ficamos lado a lado, olhando pela janela da face sul, cada

qual deplorando a sorte dos pobres náufragos. O que falou mais alto aos nossos sentimentos foi o fato de serem eles muçulmanos gentios cuja religião os colocava fora dos limites da pronta solidariedade numa comunidade de cristãos, que, para não falar do preconceito popular, era chamada com demasiada freqüência a aliviar as necessidades de seus correligionários de fé. Esses infelizes tinham direito, então, aos bons ofícios de camaradas pagãos como nós, e decidiu-se ali na hora que eu devia entrar em ação. O resultado foi que consegui, com a complacência do *Prefeito de Nova York*, coletar uns 2.000 dólares, com os quais foram atendidas as necessidades deles, e foram mandados para *Túnis* aos cuidados de um membro de nossa *Sociedade*. Todos os detalhes podem ser encontrados no *Theosophist* de setembro de 1893.

Como foi dito num capítulo anterior, entre as mais aprazíveis reminiscências daqueles primeiros anos teosóficos está a nossa correspondência com pessoas cultas e bem pensantes de ambos os sexos, dentre as quais duas deixaram as mais afáveis recordações. São elas *Charles Carleton Massey* e *William Stainton Moseyn* (ou, em sua corruptela, Moses). Mencionei anteriormente o tópico geral de nossa correspondência (vide Capítulo IV), e os nomes desses dois amigos leais jamais poderão sair-me da memória. Nós, naturalmente, representávamos o partido conservador do *Ocultismo Oriental*; *Stainton Moseyn* (Moses) era progressista, um buscador da verdade, um espírito de elevada cultura, em tudo e por tudo o homem mais capaz entre eles; e *Massey* ficava entre os dois extremos, investigador cândido e convicto dos fenômenos, com propensões mentais profundamente metafísicas, disposto a concordar parcialmente com quaisquer fatos ou idéias novas que pudéssemos propor. O intercâmbio de cartas — algumas tão longas que seriam antes ensaios — continuou, entre nós quatro, durante vários

anos, e nossas discussões abrangeram uma gama muito ampla de questões interessantes, importantes e mesmo vitais para os temas psicológicos. A que foi esmiuçada mais a fundo, imagino, foi a dos *Espíritos Elementais*, seu lugar na natureza, e sua relação com a humanidade. Em nosso primeiro manifesto europeu, a que aludi anterior mente, eu tinha tocado levemente nessa questão, mas dessa vez o assunto foi abordado em todas as suas principais implicações. Lamento profundamente que as pessoas a cargo de quem ficaram os *papéis de Stainton Moseyn* ainda não nos tenham enviado, os quais ter-me-iam auxiliado grandemente em trabalho atual, já que eu o poderia ter tornado muito mais interessante, comparando as cartas de *H.P.B.* e as minhas com as respostas de nossos amigos, por mim conservadas. *S.M.* se dedicara à investigação dos fenômenos mediúnicos com o único propósito de satisfazer a si mesmo quanto à realidade dos mesmos, mas logo descobriu-se médium a despeito de si mesmo, e sujeito a fenômenos da mais extraordinária espécie. De noite ou de dia, sozinho ou em companhia de outras pessoas, ocorriam os fenômenos, e em breve todas as idéias científicas e filosóficas que ele trouxera de Oxford se dispersaram aos quatro ventos, e ele teve de aceitar novas teorias sobre matéria e força, sobre o homem e a natureza. Sua respeitada amiga e benfeitora, a *Sra. Speer*, apresentou, em *Light*, reportagens semanais das sessões realizadas por *S.M.* na casa do *Dr. Speer*, e, atrevo-me a dizer, jamais se escreveu um registro mais interessante sobre mediunidade, pois, no passado ou no presente, dificilmente terá havido um médium mais bem dotado do que o meu irmão de alma, agora não mais entre nós. Sua proeminência consistia no fato de apresentar uma surpreendente variedade de fenômenos, tanto físicos quanto psíquicos, e todos altamente instrutivos, adicionados aos seus dotes mentais treinados, que se refletiam na qualidade da inteligência psiquicamente transmitida, e

sua pertinaz determinação de não acreditar em nada do que lhe fosse dito pelos supostos espíritos e que ele não conseguisse compreender perfeitamente. A maior parte desses ensinamentos, recebia-os por escrita automática através de sua própria mão, exatamente como o *Sr. Stead* parece estar agora recebendo de *Júlia* os seus próprios ensinamentos espirituais; ele podia dedicar-se inteiramente à leitura de um livro ou à conversação, que sua mão solta continuaria a escrever e escrever por toda uma meia hora, e, ao voltar os olhos para as páginas assim cobertas, ele ia encontrar pensamentos originais, contendo novas idéias estranhas às suas próprias crenças, ou respondendo acertadamente às perguntas por ele anteriormente formuladas, talvez noutra ocasião. Ficava sempre convencido, e assim nos declarou veementemente em suas cartas, de que a inteligência que controlava sua mão não era a sua própria, nem sua consciência latente ou desperta, mas simplesmente um espírito ou espíritos; ele alegava conhecê-los perfeitamente de vista (clarividente), fala (clariaudiente) e de escrita, de maneira tão inconfundível quanto conhecia qualquer pessoa viva. Nós, por outro lado, argumentávamos que a questão ainda não estava provada, e que havia pelo menos uma possibilidade regular de que o seu "*Imperador*", ou principal mentor espiritual, fosse o eu latente dele, e de que os fenômenos de seu círculo fossem produzidos por Elementais temporariamente sob o domínio de sua própria vontade dominante. Ao compararem-se as notas, parecia que vários de seus fenômenos mediúnicos mais surpreendentes eram quase idênticos àqueles com os quais *H.P.B.* nos estava edificando em Nova York, e, já que os dela eram reconhecidamente produzidos pelos Elementais a ela sujeitos, parecia-me não haver razão por que os dele também não o pudessem ser. Entre esses estavam: o retinir de doces "*guizos de fadas*" no ar; a produção de perfumes deliciosos no ar e como exsudações do corpo psíquico, os quais, com *H.P.B.*,

orvalhavam-lhe as palmas das mãos, e, no caso de S.M., o couro cabeludo; luzes flutuando no ar; precipitações de escrita em superfícies além do alcance do operador; apports de pedras preciosas e outros objetos; música aérea; a posse, por parte de cada um deles, de gemas que mudavam de cor e ficavam opacas e negras quando seu possuidor caía doente; a desintegração de crayons ou lápis para serem usados em escritas precipitadas; idênticos perfumes orientais percebidos quando determinadas inteligências invisíveis, versadas em ciência oculta, estavam presentes; a percepção de *Oxon* no astral, produzindo pontos de luz colorida dispostos num triângulo de modo a formar o símbolo místico da Loja Oriental de nossos Mahatmas; e, por fim, o poder de sair do corpo físico no "*duplo*", conservando a consciência e retomando a posse do corpo ao fim do vôo da alma. Tão estreita parença de experiências naturalmente criaria um forte e mútuo interesse entre os dois grandes psíquicos, e muito naturalmente S.M. estava ansiosíssimo para beneficiar-se de quaisquer instruções ou pistas que lhe pudesse dar H.P.B. quanto à maneira pela qual ele pudesse aperfeiçoar seus conhecimentos sobre o outro mundo e adquirir aquele controle completo de sua natureza psíquica, em que implica o perfeito acabado para a condição de adepto. Que efeito teve o nosso intercâmbio de pontos de vista sobre a mente de S.M. e os ensinamentos de "*Imperador*" para o círculo *Speer*, consideraremos no próximo capítulo. Terei também algo a dizer com respeito ao parecer adotado pelos hindus cultos quanto ao perigo e puerilidade dos fenômenos psíquicos, quer produzidos por médiuns ou *mántrikas* — possuidores de encantos de poder.

CAPITULO XIX: Visões Conflitantes - I

Os pólos estão menos afastados entre si do que os pontos de vista dos espiritualistas ocidentais e asiáticos com respeito à comunhão com os mortos. Aqueles a encorajam, tentam freqüentemente desenvolver em si mesmos a mediunidade, ou os membros de sua família tentam desfrutar dela, mantêm muitos jornais e publicam muitos livros para falar a respeito e discutir seus fenômenos, e citam os orientais como provas da base científica da doutrina de uma vida futura. Os asiáticos, ao contrário, desencorajam esses mergulhos *necromânticos* como deboche das coisas do espírito, e afirmam que eles produzem incalculável mal, tanto para os mortos quanto para os vivos; obstruindo a evolução normal do espírito do homem e retardando a aquisição de *gnanám*, o conhecimento mais elevado. Na Europa e na América, encontram-se com freqüência, ao redor da mesa de sessão, o mais nobre, o mais puro, o mais culto, bem como seus opostos; no Oriente, os médiuns e feiticeiros, em regra, só são apadrinhados pelos párias e outras castas inferiores. No Ocidente, nestes últimos tempos, as famílias geralmente sentem-se mais contentes do que tristes, se se descobre um médium na casa, ao passo que, na Índia, ele é considerado uma desgraça, calamidade, algo a ser deplorado e minimizado o mais cedo possível.

O *hindu*, o *budista*, o *zoroastriano*, o *muçulmano*, são todos unânimes quanto a essa questão, sendo todos eles influenciados pela tradição ancestral, bem como por suas sagradas escrituras. Não só são desaprovadas as transações com os mortos, mas também a própria exibição dos poderes psíquicos de alguém, quer congênitos ou posteriormente desenvolvidos por treinamento ascético. O *brâmane indiano* veria, portanto, com desgosto, tanto os fenômenos de *M. A. Oxon*, o médium, quanto os de *H.P.B.*, a taumaturga culta. Sem se importar com os

problemas da psicologia ocidental como estímulos intelectuais, e tendo formas de religião que começam com a hipótese básica do espírito, dão eles um mínimo de ênfase aos fenômenos psíquicos como provas de imortalidade, repudiam o médium obsedado como espiritualmente impuro, e têm em menor apreço aqueles que, possuindo *siddhis*, os vulgarizam pela exibição. O desenvolvimento de uma longa lista de *siddhis* ocorre naturalmente e de forma espontânea no desenrolar do treinamento iogue, dos quais apenas oito, *Anima*, *Mahima*, *Laghima* etc. — os *Siddhis* do tipo *Ashta*, em resumo — se relacionam com o estado espiritual mais elevado; os outros dezoito ou mais pertencem ao plano astral e nossas relações com ele e com o plano desta vida. Os praticantes de magia negra e aprendizes lidam com estes; os adeptos adiantados de Magia Branca, com o grupo mais nobre. Deve-se observar, então, que, enquanto os fenômenos de *H.P.B.* granjearam a admiração reverente de seus discípulos ocidentais e outros amigos íntimos, despertando o ceticismo malévolo de seus oponentes, eles, na verdade, fizeram-na decair no conceito dos sábios e ascetas ortodoxos da Índia e do Ceilão, como se denotassem uma evolução espiritual inferior. Em relação a eles, não estava em debate a possível autenticidade dos prodígios, pois todos são como tal reconhecidos e estão catalogados em suas Escrituras; a aura mental de um *Lankester* os asfixiaria. Ao mesmo tempo, se a exibição de fenômenos psíquicos, em público ou diante do vulgo é condenada, o saber-se que um mestre religioso os possui, contribui para sua reputação de santidade, como sintoma de seu desenvolvimento interior; em regra, porém, não devem ser mostrados pelo mestre, mesmo aos seus discípulos, antes que eles se tenham tornado tão versados na filosofia espiritual, que os possam compreender.

No *Kullavagga*, V., 8, I., narra-se a estória da tigela de sândalo do *Setthi de Ragagaha*. Ele mandara entalhar uma tigela num bloco de madeira de sândalo, e suspendeu-a bem alto, no topo de um bambu, amarrada a uma sucessão de outros bambus, oferecendo-a então como presente a qualquer *Sramana* ou *Brâmane* possuído de poderes psíquicos (*Iddhi*) que conseguisse levitar e alcançar a tigela, trazendo-a para baixo. Um famoso monge, de nome *Pindala Bharadvaga* aceitou o desafio, alçou-se no ar e trouxe para baixo a tigela, depois de dar "*três voltas no ar em volta de Ragagaha*". Os observadores, que formavam uma grande platéia, passaram a aclamá-lo e fazer-lhe reverências, e tal bulha chegou aos ouvidos de *Buda*, o qual convocou uma reunião particular de seus discípulos e reprochou *Pindala*.

"Isso não é correto", disse. "*Fere a lei, indesejável, indigno de um Sramana, inconveniente, e não devia ter sido feito... Exatamente como uma mulher que se exhibe por uma miserável moeda, você, por um miserável pote de madeira, ostentou diante dos leigos a qualidade sobre-humana de seu miraculoso poder de Iddhi. Isto não conduzirá nem à conversão dos infieis, nem ao aumento dos conversos; fará, antes, com que permaneçam inconversos os que não se haviam convertido, e fará voltar atrás os que se haviam convertido.*" E ditou então sua regra imperativa: "*Não deveis, ó Bhikkus, exhibir diante dos leigos o poder sobre-humano de Iddhi.*" (Vide Livros Sagrados do Oriente, Vol. XX., pág. 79).

No *Kullavagga*, VII, 4, 7, diz-se que *Devadutta* viu-se obstado em seu caminho (para o estado de *Arahat*), porque já tinha chegado a algo inferior (*pothugganika iddhi*, ou poderes psíquicos) — e estava convencido de ter atingido o zênite do desenvolvimento.

Na nota do *Dr. Rájendralála Mitra ao Aforismo XXVIII dos Sutas* iogues de *Patanjali*, falando sobre os poderes psíquicos desenvolvidos, diz ele:

"As perfeições descritas são do mundo, mundanas, necessárias a fins mundanos, mas sem aplicação para a meditação superior, que tem no isolamento o seu fim. Tampouco são elas simplesmente inúteis, senão também positivamente obstrusivas, pois interferem no sereno teor da calma meditação."

Não é fato amplamente entendido o de que os poderes psíquicos desenvolvidos, compreendendo toda a gama de graus sublimados de visão, audição, tato, gosto, olfato, intuição (profética, retrospectiva e contemporânea) etc., acarretem para a individualidade desperta uma relação semelhante àquela dos cinco sentidos ordinários para com o eu físico, ou personalidade. Assim como devemos aprender a coibir nossas percepções das coisas externas por intermédio das alamedas do sentido, para concentrar todo o nosso pensamento nalgum problema profundo de ciência ou filosofia, assim também deve o *gnáni* ou sábio em potencial controlar a atividade de sua clarividência, clariaudiência etc., quando desenvolvidas, se não quiser falhar em seu objetivo, pelas deambulações de seu pensamento nos atalhos que essas percepções freqüentemente abrem. Nunca antes vi explicarem claramente este ponto, embora seja importante tê-lo em mente. Por ignorarem este preceito, *Swedenborg*, *Davis*, os Santos Católicos, e os visionários religiosos de todas as outras seitas cambalearam, por assim dizer, bêbados de clarividência, pelas galerias de arte do Astral, vendo algumas coisas realmente existentes, e criando outras que não existiam até que eles as engendraram; e então anunciaram profecias deturpadas, imaginaram revelações, e transmitiram maus conselhos, falsa ciência e teologia enganosa.

Os asiáticos afluem em multidão ao possuidor ou suposto possuidor de *siddhis* pelos motivos mais egoísticos — para ter filhos de esposas estéreis; para obter curas de doenças, muitas vezes frutos do vício; recuperar valores perdidos; influenciar a mente dos mestres em seu favor; e para saber o futuro. A isto denominam "*consultar os benditos do Mahatma*", mas o eufemismo não engana a ninguém, por pouco que seja, e, em noventa e nove casos em cada cem, o hipócrita suplicante é despedido insatisfeito. Eu mesmo, em minha humilde experiência, vim a conhecer a baixeza desta classe, pois, dos milhares de doentes clamorosos que curei ou a quem dei alívio em minhas pesquisas experimentais de 1881, duvido de que cem estivessem realmente agradecidos; e antes de terminar o ano, eu tinha aprendido na prática como deve se sentir o iogue quanto a exhibir seus poderes psíquicos. Na verdade, o Sábio declara deveras, no *Suta Samhita*, que o verdadeiro Guru não é aquele que nos ensina as ciências físicas, que confere prazeres mundanos, que treina nossos poderes até que possamos atingir os *gandharvas* ou desenvolver os *siddhis*, pois tudo isso é fonte de problemas e tristeza: o verdadeiro Professor e Mestre é aquele que confere o conhecimento de Brahman. Isto é ensinado igualmente no *Chandogya*, *Brahadaranya* e outros Upanishads, onde se diz que, ao mesmo tempo em que pode o iogue, pelo poder da vontade, fazer ou destruir mundos, chamar a si *pitris*, *gandharvas* e outros seres espirituais, desfrutar do poder de *Ishwara* em puro *sathwa*, deverá, no entanto, evitar todas essas vanidades como sendo de molde a fomentar o sentido de separação e hostis à aquisição do verdadeiro *gnánam*. Quanto a associar-se voluntariamente aos habitantes das esferas astrais, invocar-lhes os favores e submeter-se-lhes às ordens, nenhum asiático bem informado e de boa cabeça sequer pensaria em tal. O *Sri Krishna* resume-o muito concisamente naquele famoso verso do *Gita* (Capítulo

IX): "Aquele que adora (isto é, invoca ou faz **puja** a) os **Devatás** (elementais mais altos) vai a eles (após a morte); o que cultua os **Pitris**, vai aos **Pitris**. Os adoradores dos **Bhútas** (aqui definidos por **S'ankara** como os mais baixos espíritos da natureza; mas a palavra é também sinônimo de **Pisachas**, significando as almas dos mortos, ou cascas astrais) vão para os **Bhútas**. Só os meus cultores (isto é, os devotos de **gnánam**, o conhecimento espiritual mais elevado), vêm a mim." Repetindo: *H.P.B.* seria, então, respeitada como possuindo *siddhis*, mas execrada por mostrar fenômenos; ao passo que *M. A. Oxon* seria olhado com desdém, como médium de *Pisachas* e *Bhútas*, embora dono de uma mente tão bem dotada, altamente culto, como o possa ter feito a Universidade, e movido por objetivos tão puros e desprendidos quanto possam ter sido os dele.

Eis toda a visão asiática do nosso caso. Quanto a mim, eu era totalmente ocidental em minha maneira de encarar os prodígios de *H.P.B.* e *Stainton Moseyn*. Eram para mim de suprema importância como indícios psíquicos e como problemas científicos. E, se por um lado eu não podia decifrar o enigma da complexa entidade dela, por outro estava convencido de que as forças atuando em *H.P.B.* e por trás de seus fenômenos eram destramente manejadas por pessoas vivas que conheciam a psicologia como ciência, e, pela sua prática, haviam adquirido poder sobre as raças elementais. No caso de *Stainton Moseyn* havia igual obscuridade. Sua idéia fixa era a de que seus mestres, "*Imperador*", "*Kabbila*" (Kapila?), "*Mentor*", "*Magus*", "*Sade*" (Sadi?), e outros, eram todos espíritos humanos desencarnados; alguns muito antigos, outros menos, mas todos sábios e benévolos. Eles não só permitiam, como também insistiam em que ele devia usar a razão e abrir seu próprio caminho para o alto; e, com incansável paciência, respondiam às perguntas dele, resolviam suas dúvidas, ajudavam-no a desenvolver seu discernimento espiritual, auxiliavam-no a

proteger seu corpo astral, e, por múltiplos prodígios, provavam a natureza da matéria e força e a possibilidade de controlar os fenômenos naturais: acima de tudo, ensinaram-lhe que existia em todo o Cosmos um sistema de transmissão de conhecimento do mestre para o discípulo, em graus ordenados de desenvolvimento mental e espiritual: como as séries na escola ou faculdade. Em todos esses aspectos, os ensinamentos dele eram idênticos aos meus, e ele jamais conseguiu convencer-me de que, se não o mesmo grupo, pelo menos o mesmo tipo de *Mestres* ocupava-os na formação desses dois centros reformatórios e evolucionários de Nova York e Londres. Que alma nobre lhe animava o corpo, que coração puro, que objetivo elevado, que profunda devoção à verdade! A um tempo erudito, cavalheiro, límpido escritor e pensador, ele se tornou o mais eminente de todos os líderes da comunidade espírita; ou, pelo menos, assim me parece, e fui amigo pessoal de *Davis, Sargent, Owen* e muitos outros. Antes de iniciar este capítulo, li e estudei umas setenta de suas deliciosas cartas a *H.P.B.* e a mim — de um intercâmbio de mais de duzentas epístolas; consultei também os "*Registros*" da *Sra. Speer*, e eles redespertaram o encanto do início de nosso relacionamento. A íntima relação dele conosco e a maneira pela qual se entrelaçaram nossas experiências psíquicas, impõem-me a necessidade de devotar ao homem mais do que uma mera olhadela; e o melhor modo de mostrar o que era ele, em pensamento, espírito e aspiração, será publicar, nesse contexto, partes de uma narrativa autobiográfica contida em uma de suas cartas a mim. É datada assim: "*University College, Londres, 29 de abril de 1876*", e tem o seguinte teor:

"Minha vida dividiu-se em "juncos" — geralmente de uns cinco anos de duração — e a disciplina de cada um é peculiar, mas todos concorrem para o

mesmo. A doença, de alguma forma, permeia todos, e raramente me deixaram numa forma de trabalho mais do que cinco ou sete anos. Herdei boas propriedades, mas me foram tiradas. Perdi tudo num dia, numa incursão do mar. Eu ia bem — em vias de ganhar uma Bolsa. Dez dias antes do exame, tive uma estafa por excesso de trabalho, e não consegui ler ou escrever nem mesmo uma letra durante dois anos, ou antes, fui obrigado a adiar por dois anos o meu trabalho escolar, tendo depois de entrar numa classe comum. Durante esses dois anos, viajei por toda a Europa e aprendi realmente mais do que teria aprendido nos livros. Mas foi um desastre para o meu projeto de vida”.

*“Vieram então os meus cinco anos, ou antes seis, de trabalho teológico. Fiz nome na Igreja, e era tido como pregador que faria carreira e nela continuaria. Eu era extremamente ortodoxo, um teólogo mais ou menos inteligente que tinha realmente estudado tudo e tinha facilidade de argumentação. Fui para uma paróquia inculta, no campo, em parte por conselho médico, para beneficiar-me do ar marinho e da solidão, na recuperação de minha saúde que se estragara em Oxford, e então li avidamente e trabalhei duro. O meu pessoal tudo fazia por mim. Eu podia levá-los aonde quisesse, e fiz nome na Paróquia e no Púlpito. Mais uma vez me excedi no trabalho, e senti que devia abandonar o excesso de trabalho (um distrito de 30 milhas quadradas para trabalhar não é brincadeira: e tudo nas minhas mãos). Vim para o Oeste da Inglaterra e fui designado para um alto posto na **Diocese de Sarum** — espécie de pregador seleta. Atuei duas vezes, e esgotei-me irreparavelmente. Os médicos nada puderam fazer. Disseram que eu estava exausto, que eu devia descansar etc. Não descansei, e não tive melhora. Eu não estava exatamente doente, do ponto de vista físico, mas não ousava fazer algo em público”.*

"Então, caí novamente doente, dessa vez com uma febre, e num lugar onde não se tinha à mão um bom médico. Um visitante cuidou de mim — minha vida por pouco fora tirada do fogo, e ele se tornou meu amigo firme — o **Dr. Speer**. Vim a Londres, e ele me convidou para ir morar em sua casa e ser o preceptor de seu filho. Eu perdera o cargo, a saúde, as propriedades. Ele tomou-me e eu morei com ele. Mas não conseguia fazer nada em público. Ele não o podia entender. Eu não podia explicá-lo: mas era um fato terrível e permanente. Senti que minha vida antiga acabara. Mas eu não tinha dúvidas quanto à fé que sempre abraçara, nenhuma dúvida — nem um pouquinho".

"Aos poucos, porém, descobri que os velhos pontos de referência iam esmorecendo: o pão ficou duro. Daí, um dia, faltou um homem aqui (na Universidade de Londres), e as autoridades universitárias quiseram alguém para continuar com as lições de Filologia. Poucos poderiam fazê-lo, pois a coisa requer preparo. Ouvi falar a respeito e me ofereci. Tenho um jeito de enfurnar o conhecimento até que se faça necessário, e tinha lido sobre filologia em Oxford. Assim, peguei o fio da meada, e eles finalmente me deram um cargo permanente".

"Outra chance, você vê. Eu podia lecionar bastante bem, mas não conseguia realizar meu antigo trabalho clerical. Quando os amigos me descobriram trabalhando novamente, disseram: "**Agora você vai pegar uma Igreja em Londres**", ou "**Fulano e Sicrano ficarão encantados de terem você pregando para eles**": mas eu simplesmente não conseguia fazê-lo. No entanto, jamais escrevi uma conferência, e posso enfrentar uma sem uma nota".

"Esquisito, hein"?

"Bem, a Sra. **Speer** adoeceu, com algo sério, e pegou num dos livros de **Dale Owen**. Assim que desceu, veio sentar-se perto de mim. Embora abominando-o,

concordei em dar uma olhada na coisa. Fui ao **Burns**, obtive tudo o que podia, fui ao **Herne e Williams**, e, em dois meses, estava imerso no mundo da mediunidade física, o que é quase inacreditável. Nossos fenômenos estavam muito diante daquilo que vi onde quer que seja. Continuei durante quatro anos, e agora está se extinguindo, e estou passando para outra fase — e houve muitas mais que eu atravesssei. Realmente, falei demais sobre mim mesmo. Mas você deve saber bem que espécie de homem eu sou.

"No momento atual, perdi toda a fé sectária, isto é, todo o dogmatismo distintivo. Você verá, em **Spirit Teachings** (Ensinamentos de Espírito) como lutei por isso. Agora perdi o corpo, e conservei o espírito. Não mais me considero membro de qualquer Igreja, mas delas todas tirei tudo de bom que pude. Sou um homem livre: com o conhecimento que os sistemas teológicos podem dar. Joguei fora as cascas. E agora, tão logo tenha sido suficientemente purificado, espero humildemente que me seja permitido entrar no céu, esperando não repetir ali um processo que, com algumas modificações, será incessante. Progresso sem fim, purificação perpétua, o levantar-se véu após véu, até — Hein? Até onde conseguirei ir? Deus o abençoe".

"Seu amigo e irmão, M. A. OXON."

Tinha ele chegado a esse estágio quando nos juntamos; para daí por diante mantermo-nos em perfeita solidariedade e trabalharmos juntos afetuosamente em linhas paralelas, com as mesmas aspirações e pontos de vista que não divergiam radicalmente. Tantas e tantas vezes, em suas cartas, lamenta ele o fato de não morarmos na mesma cidade, onde pudéssemos continuamente trocar idéias. No *Theosophist*, dedicaram-se vários capítulos ao tema da mediunidade de *Stainton*

Moseyn e da semelhança entre seus fenômenos e os de *H.P.B.*, matérias que podem ser lidas com proveito.

Nossos amigos ocidentais terão interesse em saber que o hindu que entrasse para um curso de meditação, isto é, de concentração de todas as faculdades mentais de alguém com problemas espirituais, teria um sistema triplo a observar. Há, antes de mais nada, que fazer o *Sthalla S'uddhi*, ou cerimônia, com o objetivo de purificar o chão sobre o qual ele se senta: desligar-se da conexão astral com o corpo astral da terra e com os dementais que a habitam (vide *Ísis*, I, 379). Contribui para esse isolamento a prévia purificação do chão, pela lavagem dele, e sentando-se a pessoa sobre um trato de grama *Kusa*, que faz parte do grupo de vegetais cuja aura resiste aos maus e atrai os bons elementais. Nessa categoria incluem-se também variedades *Neem* (*Margosa*), *Tulsi* (sagrada para o *Vishnu*) e *Bilwa* (sagrada para o *Shiva*). Entre as árvores infestadas por más influências e que se acredita freqüentadas pelos "adversários" do Imperador encontram-se o tamarineiro e a figueira da Índia; infestam também velhos poços, casas há muito desocupadas, lugares de cremação, cemitérios, campos de batalha, matadouros, locais de assassinatos e todos os lugares onde tenha sido derramado sangue: esta, a crença hindu, e a esse respeito veja-se *Ísis*, Capítulos XII e XIII, Volume I. Purificado o chão, e estando o operador isolado das más influências terrenas, ele faz a seguir o *Bhúta S'uddhi*, recitação de versos que têm o poder de manter afastados os "adversários" que habitam a atmosfera, incluindo-se aí tanto os *dementais* quanto os elementares, auxiliar a operação fazendo passes circulares (mesméricos) ao redor da cabeça, com a mão. Ele cria assim uma barreira psíquica, ou parede, ao seu redor. Depois de ter executado muito cuidadosamente estas duas preliminares indispensáveis — que nunca devem ser esquecidas ou feitas perfunctoriamente —

procede então ao *A'tma S'uddhi*, ou recitação de mantras que ajudam a purificar-lhe o corpo e a mente e a preparar o caminho para o despertar de suas faculdades espirituais, a absorção denominada "*meditação*", cujo objetivo é a consecução do gnánan, ou conhecimento. Um local puro, ar puro, ausência de pessoas impuras, isto é, fisicamente sujas, imorais, de mente não espiritualizada, os que comem demais, os não compassivos — tudo isso é indispensável àquele que busca a verdade divina.

As admoestações do Imperador ao círculo Speer, e, na verdade, as que foram dadas a todos os círculos realmente seletos de investigadores espiritualistas, em todas as partes do mundo, concordam substancialmente com as normas orientais. Em resumo, quanto mais estritamente forem observadas estas precauções, mais elevados e nobres os ensinamentos recebidos. As cenas revoltantes e a linguagem e instruções desagradáveis a que se assistiu em tantas e tantas sessões, onde médiuns desprotegidos e não purificados estiveram a serviço de grupos heterogêneos de inquiridores sujos e puros, são atribuíveis à negligência dessas condições protetoras. No espaço destes últimos dezessete anos, as coisas foram gradualmente mudando para melhor: os médiuns físicos e os fenômenos psíquicos estão começando lentamente a dar lugar a formas mais elevadas de mediunidade e manifestações.

As perspectivas do Imperador sobre os demônios e os círculos mistos refletiram-se nos escritos publicados de *Stainton Moseyn*, e, se possível, mais fortemente em sua correspondência particular.

Ele compreendeu plenamente que as experiências de séculos devem ter ensinado aos asiáticos esta realidade, que a aura espiritual pura não pode ser transmitida imaculada por um médium vil e um círculo incompatível, mais do que

uma torrente da montanha pode fluir pura através de um filtro imundo. Daí as suas leis estritas e severas quanto ao isolamento do postulante ao conhecimento de todas as influências corruptivas, e quanto à rigorosa purificação de seu próprio eu. Quando se vê a cega ignorância e irrefletida confiança com que o ocidental vai, ele próprio, e introduz seus filhos sensitivos na aura embotada de pecados de muitos recintos de sessão, pode-se sentir quão profundamente justa é a inflexibilidade do principal guia de *M. A. Oxon* quanto à surpreendente fatuidade demonstrada com respeito às relações com os espíritos dos que se foram. O mais "ortodoxo" dos escritores espíritas só agora, após a experiência de quarenta extraordinários anos com fenômenos mediúnicos, só agora está percebendo parcialmente esta verdade. Mas essas mesmas pessoas, cedendo a um arraigado ódio pela *Teosofia* — para o qual terão a desculpa de creditá-lo à aversão que nutrem por *H.P.B.* — não darão ouvidos à voz dos antigos, nem tomarão as precauções ditadas pela experiência contra os perigos do círculo aberto e do médium público. A melhoria acima apontada deve-se antes ao interesse geral criado pela nossa literatura, e à sua ação reflexa sobre médiuns e círculos, do que à influência direta de editores, comentaristas e escritores. Esperemos que não se passe muito tempo antes que as perspectivas dos teosofistas, com respeito aos elementais e elementares recebam a total atenção que merecem.

CAPÍTULO XX: Visões Conflitantes - II

Uma manhã, sentei-me na varanda de "*Gulistan*", meu chalé de montanha, olhando para o norte por cima do mar de nuvens que escondia da vista as planícies de *Mysore*. Em breve, dissipou-se o oceano vaporoso, e o olho podia ver distintamente as *Colinas Bilgirimangam*, a setenta milhas de distância: com um bom binóculo, era possível perceber distintamente os detalhes. Por associação de idéias, veio-me à mente o problema da ligação entre *Stainton Moses*⁸² e nós dois — *H.P.B.* e eu. À medida que eu repassava um a um os fatos de nosso relacionamento, as nuvens confusas dos acontecimentos subseqüentes dispersaram-se, e, no passado distante, o binóculo da memória mostrou, mais nitidamente que nunca, a relação dele para conosco e nossos *Sábios*. Agora é claro para mim que uma *Inteligência* diretora, seguindo um plano de longo alcance que cobria todos os povos e nações, e agindo por intermédio de muitos agentes além de nós mesmos, teve em mãos o desenvolvimento dele e meu, o seu elenco de provas psíquicas e as que me foram dadas por e através de *H.P.B.* Não sei quem fosse "*Imperador*", o agente — não sei nem mesmo quem era realmente *H.P.B.* — mas sempre estive inclinado a crer que ele fosse, ou o próprio *Eu Superior de S.M.*, ou um adepto; e que "*Magus*" e outros do bando de *S.M.* fossem igualmente adeptos. Tenho meu bando — embora não de "*guias espirituais*". *S.M.* tinha um professor árabe, eu também; ele tinha um filósofo italiano, eu também; ele tinha egípcios, eu tinha um copta, ele tinha um "*Prudens*", "*versando em sabedoria indiana e alexandrina*", eu também tinha — vários; ele tinha o *Dr. Dee*, místico inglês, eu também tinha um — aquele a quem me referi anteriormente como o "*Platônico*"; e, entre os fenômenos dele e os de *H.P.B.*, havia uma espantosa semelhança. Todos esses particulares eram-me

⁸² Sob protesto, uso aqui a forma distorcida do nome.

desconhecidos até a publicação dos *Registros da Sra. Speer*, mas agora está tudo claro. Não espanta que S.M. e eu fôssemos assim reunidos; era inevitável. Que ele também o sentisse, prova-o toda a sua correspondência. Ele o resume nestas poucas palavras, em sua carta de 24 de janeiro de 1876:

"Minha mais forte atração está em vocês dois; e eu daria qualquer coisa para poder ir a vocês" — no *Duplo*, quer ele dizer. O que me entristece é que ele não poderia ter conhecido seu "*bando*" pelo que eles eram — ou o que penso que eram, se preferem. Supondo que minha suposição esteja correta, o obstáculo era a sua peculiar propensão mental. A história intelectual dele em certos aspectos assemelha-se à da *Sra. Beasant*: ambos lutaram desesperadamente por velhas idéias e só as mudaram sob a compulsão de provas cumulativas; cada um deles buscava apenas a verdade, e sustentou-a com denodo. Como é patética a estória da luta da *Sra. Beasant* contra a razão no interesse de sua antiga fé, e sua corajosa rendição final à lógica! Assim, o leitor da narrativa pessoal de *Stainton Moses*, publicada e inédita, deve ver que o Imperador e seus colegas tiveram de lutar contra uma incredulidade combativa no homem mental que não abriria mão de seu domínio sobre a mente do médium até que fosse varrido por um furacão de demonstrações psíquicas⁸³. Era ele, por natureza, uma mula conscienciosa, mas uma vez levado a aceitar a nova filosofia, foi a coragem e a lealdade personificadas, um leão de combatividade e bravura. O primeiro retrato que me enviou representa-o como um ministro de rosto magro, aparentemente "*uma seda*"; e ninguém poderia imaginar que aquela pessoa inofensiva estivesse destinada a tornar-se um dos principais líderes da facção de livres-pensadores espiritualistas. Tão necessária é a clarividência exercitada para mostrar-nos o que é o nosso próximo por trás de seu máyá.

⁸³ Entre minhas passagens comprobatórias, veja-se o que diz Imperador no Registro da *Sra. Speer*, XX.: Light, 30 de julho de 1892.

A minha hipótese sobre o *Imperador*, objetar-se-á que ele mesmo declarou-se um espírito; e tal era, no que concerne a *S.M.*, tivesse ele ou não ainda ligação com um corpo físico. Os bebês não devem ser alimentados com leite? Veja-se com que veemência *H.P.B.* se declarou espírita, em suas primeiras cartas aos jornais e em suas entrevistas iniciais com os repórteres. Vejam-na em Filadélfia, produzindo fenômenos nas sessões de *Holmes*, e deixando que o *General Lippitt*, o *Sr. Owen* e eu mesmo acreditássemos que tais fenômenos pudessem ser atribuídos à mediunidade da *Sra. Holmes*, que, em nosso *Álbum de Recortes*, ela rotula como fraude. Não fui a princípio levado a crer que estava lidando com espíritos desencarnados; e não foi um cavalo de tiro posto a "*bater*" e escrever, e a produzir formas materializadas para mim, sob o pseudônimo de *John King*? Que essa ilusão tenha sido logo afastada e tenha-me sido contada a verdade, atribuo-o ao fato da minha indiferença crônica às teologias e à identidade de personalidades por trás dos fenômenos. Meu registro é claro a esse respeito, já que submeti minhas opiniões ao prelo desde 1853⁸⁴.

Minha disposição de espírito era então idêntica à atual: o que explica o fato pelo qual, com toda a minha afeição por *H.P.B.* e minha reverência por nossos *Mestres* — no que nenhum dos discípulos dela me excede — protesto de contínuo contra a afirmação de que um fato ou ensinamento é, um ceitil que seja, melhor, ou tem mais peso quando associado a *H.P.B.*, ou a um de nossos *Mestres* ou seus *chelas*. Nenhuma religião, filosofia ou seus expositores são mais elevados, maiores ou têm mais autoridade do que a *Verdade*: pois a *Verdade* e *Deus* são idênticos. Não tendo barreiras sectárias a derrubar, cedo me desiludi das inteligências que me ensinavam, ao passo que *S.M.* era a obstinação encarnada, e constitui para mim o

⁸⁴ Vide o velho jornal *Spíritual Telegraph*, de S. B. Britten Editor, de 1853: artigos meus, assinados com meu nome e com o pseudônimo "*Amberst*".

maior dos prodígios que seu "*bando*" fosse tão paciente, bondoso e tolerante em relação ao que lhes deve ter parecido os caprichos de uma criança mimada. A saúde dele, nunca muito sólida, entrou em colapso por excesso de trabalho, como ele nos conta, antes do início de sua mediunidade; mas vemos também que os poderes que já estavam moldando seu destino levavam-no a entrar em colapso sempre que havia uma boa oportunidade para o seu retorno à obra ministerial. Ele era compelido a ficar longe dela, quisesse ou não.

Em vista de todo o acima exposto (isto é, fatos e argumentos apresentados na versão original deste e do precedente capítulo), estaria eu muito errado ao suspeitar da existência de uma íntima ligação entre a *Inteligência* por trás de *Stainton Moses* e a por trás de *H.P.B.*? A 31 de dezembro de 1876, escreve-me ele: "*Não sei se estou certo ao conjecturar do Imperador, esta manhã, que ela (H.P.B.) está perto de mim, trabalhando perto de mim, quero dizer, — de certa forma, para meu bem ou para meu esclarecimento. É inútil perguntar-lhe; mas eu acredito que ela esteja.*" A 10 de outubro de 1876, ele me escreve dizendo que tivera

*"Uma visão esplêndida e perfeitamente completa — ou, como prefiro chamá-la, uma entrevista com Ísis⁸⁵. Era tarde, ou antes, perto de meia-noite — tenho em casa um memorando preciso — quando, de repente, vi Ísis em minha sala de visitas, olhando pela janela aberta para o meu estúdio, onde estávamos C.C.M., sentado, e eu, de pé. Gritei e corri para a sala próxima, seguido de M. Ele não viu nada. Eu vi Ísis o mais nitidamente possível, e conversei com ela durante algum tempo. Notei que minha primeira corrida para a sala teve o efeito de "**dissipar**" a forma, mas ela logo reapareceu e entrou no estúdio, onde diz M. que eu pareci*

⁸⁵ Um dos vários apelidos que os amigos íntimos de H.P.B. usavam para designá-la; outros eram "*Esfinge*", "*Papisa*", e "*A Velha Senhora*".

entrar numa espécie de "transe" ou estado anormal de algum tipo e me absorvia em gestos mímicos de significado maçônico."

Ao copiar isto, descubro, rubricado com minha letra, no verso de uma carta de M. A. Oxon, o seguinte: "Se, entre agora e o 15º segundo⁸⁶, **M.A.O.** não vir **H.P.B.** ela não o visitará mais. (Assinado) **H.S.O.**" E, naquela mesma noite, ela a viu, como descrito acima. Um ano antes (16 de outubro de 1875), ele agradece a *H.P.B.* pela carta dela, e diz que a mesma "*lançou uma torrente de luz, não apenas sobre os fenômenos do espiritismo no geral, como também sobre muitas alusões que me foram feitas e que antes não estavam claras.*" Em resumo, ela o ajudara a compreender seus próprios ensinamentos espirituais. Eis um belo trecho da carta dele, datada de 7 de outubro de 1876:

"Só uma coisa me enche os olhos — a busca da Verdade. Não busco nada mais; e embora eu me possa desviar para examinar aquilo que pretende ser a Verdade, logo abandono o engodo para retornar à estrada reta. A vida me parece dada só para isso, e tudo o mais está subordinado a esse fim. A presente esfera de existência parece ser apenas um meio para aquele fim, e, quando tiver cumprido esse propósito, dará lugar a outra, adaptada para o progresso seguro. Se vivo, vivo para a Verdade, se morrer, quando morrer, morro para melhor buscá-la."

Eis aí um verdadeiro coração de homem, aberto à luz do sol. Mais adiante, ele observa:

"É por não ver claramente — e muito mais porque ele (Imperador) me diz que, no Ocultismo, encontrarei uma fase da Verdade que ainda não conheço, que me volto para você (H.P.B.). Provavelmente jamais chegará o tempo, durante minha

⁸⁶ Isto é, "se dentro de quinze segundos".

estada na terra, em que terei penetrado o véu, provavelmente minha vida se passará na busca da Verdade, por meios dos quais você é para mim o atual expoente."

Quanto a "Magus", tenho alguns dados muito interessantes, e cheguei a uma opinião muito mais clara sobre ele do que a que tenho quanto ao Imperador. Estou quase certo de que ele é um adepto vivo, não apenas isso, mas alguém que teve relação conosco. Em março de 1876, mandei a S.M. um bocado de algodão em rama, ou musselina, impregnado com um perfume líquido que H.P.B. podia fazer exsudar, à vontade, da palma de sua mão, e perguntei a ele se o reconhecia. A 23 daquele mês, responde ele:

*"Aquele cheiro de sândalo me é tão familiar. Um dos fenômenos que mais ocorriam em nosso círculo era a produção de cheiros, quer na forma líquida, quer na de uma brisa impregnada. O cheiro que sempre chamamos de **"Cheiro de Espírito"** era este; e já o conseguimos sob as melhores condições. Isto foi nos últimos dois anos. Meus amigos sempre sabiam quando seriam as nossas melhores sessões, pela persistência desse perfume em minha atmosfera. A casa onde nos reuníamos ficava rescendendo a ele durante dias; e a casa do Dr. Speer na Ilha de Wight, quando lá estive, ficou tão impregnada desse aroma que, ao ser reaberta novamente, seis meses mais tarde, o perfume estava tão forte quanto sempre. Que poder maravilhoso é o que esses Irmãos dominam... Fiquei o dia todo em meus aposentos, tentando mitigar minha tosse atroz... à meia-noite tive um acesso de tosse mais severo do que o normal. Quando passou, vi, ao lado da minha cama, a umas duas jardas de distância e a uns 5 pés e 6 polegadas do chão, três bolinhas fosforescentes de luz, mais ou menos do tamanho de uma laranja pequena. Estavam assim distribuídas, e formavam um triângulo equilátero, cuja base mediria 18 polegadas. Primeiro pensei que fosse uma ilusão ótica causada pela minha tosse*

violenta. Olhei-as fixamente e elas continuaram quietas, cintilando com uma luz fosforescente e firme que não desprendia brilho. Convencido de que o fenômeno era objetivo, alcancei uma caixa de fósforos e acendi um. Não consegui ver as bolas através da luz do fósforo, mas quando este se apagou elas voltaram à vista exatamente como antes. Repeti seis vezes o acender dos fósforos (sete ao todo) e então elas empalideceram e gradualmente desapareceram. É o símbolo que J.K. pôs no verso de seu retrato. (Enquanto eu estava em trânsito, pelo correio, de mim para ele — O.) Era ele de novo? Não era ninguém da minha gente, acredito."

Como já expliquei alhures, as três esferas luminosas formam o símbolo especial da *Loja de nossos adeptos*. E nenhum de nós que fomos seus alunos poderia desejar melhor prova da proximidade deles em relação a *Stainton Moses*. Também ele diz:

"Certamente não há mais qualquer dúvida quanto à Irmandade e sua obra. A mim, não me resta mais nem sombra de dúvida. Acredito, simplesmente, e trabalho até onde me cumpre para adaptar-me a tal obra como eles possam designar-me."

"Você sabe algo de meu amigo Magus?" — escreve-me ele noutra carta. *"Ele é poderoso, e está me trabalhando para o oculto."* Noutra carta — de 18 de maio de 1877 — escreve ele a *H.P.B.*:

"Alguns de seus amigos fizeram-me uma visita demorada embora rara, a julgar pela atmosfera de sândalo — o odor da loja, como diz O. — que penetrou nos meus aposentos e em mim. Sinto-lhe o gosto, exalo-o, tudo o que me pertence está cheirando a ele, e tornou a ocorrer o velho e inexplicável fenômeno que eu não via há muitos meses — mais de um ano — e que costumava ocorrer comigo em relação a outros odores. De um ponto bem definido bem em volta do cocoruto (sobre o

Brahmarândhra? — O.), bem pequeno (do tamanho de uma moeda de meia coroa⁸⁷), exsuda-se um odor poderosíssimo. Este cheiro da Loja é agora tão forte que é quase insuportável. Costumava ser um cheiro de rosa, ou na verdade de qualquer flor fresca que houvesse por perto... Um amigo deu-me uma gardênia, na noite passada, numa festa. Em minutos ela passou a desprender um intenso odor do perfume da Loja, ficou marrom diante dos nossos olhos, até que toda a flor ficou dessa cor, e agora permanece morta e saturada com esse cheiro... Sinto-me num estado de transição, e espero pelo que vai acontecer. "**Magus**" parece agora, de muitas maneiras, ser o gênio que preside."

Não há nada de estranho, dir-se-ia, no fato de S.M. ficar saturado e quase sufocado com a atmosfera recendendo ao perfume da Loja! É um odor muito persistente. Em 1877, mandei-lhe uma mecha do cabelo natural de H.P.B., e com ela uma mecha do cabelo hindu preto azeviche de que falei anteriormente como tendo sido cortado da cabeça dela quando sujeita a um A'ves'am. Eu mesmo cortei esta mecha para mandá-la a S.M. Em sua carta de 25 de março de 1877 a H.P.B., ele acusa o recebimento. Como eu desejava fotografar os diferentes tipos de cabelo para uma ilustração para este livro, para mostrar os reais contrastes da fibra e cor, pedi a C.C.M. para devolver-me esses dois espécimes da coleção de S.M., e bem recentemente eles chegaram-me às mãos. O cheiro da Loja ainda está na madeixa preta, após um lapso de dezesseis anos. Os leitores da história da Igreja hão de recordar-se do fato de que, nos dias da Idade Média, este fenômeno odorífero era freqüentemente observado entre monges e freiras realmente pios e ascéticos, e entre outros reclusos do claustro, da caverna e do deserto. Foi então denominado

⁸⁷ Uma "coroa" é uma moeda inglesa (antiga) de cinco shillings. (N. do T.).

"odor de Santidade"⁸⁸; embora fosse essa uma denominação imprópria, pois de outro modo todos os personagens santos teriam cheirado doce, enquanto sabemos muito bem que muitas e muitas vezes era justamente o contrário! Às vezes, da boca de um extático, enquanto ele ou ela estava em seu transe, escorria uma solução fragrante - o néctar dos deuses gregos; e, no caso de *Marie Ange*, esse líquido foi apanhado e conservado em garrafas. Des Mousseaux⁸⁹, o demonôfobo, atribui esse produto à *química psíquica do Demônio*. Pobre fanático!

⁸⁸ Na crônica Franciscana o fato é claramente assinalado (vide "I Fioretti" e outros). A presença do "odor de santidade" fazia-se sentir sempre que Francisco entregava-se à meditação profunda, mas podia ocorrer também fora do transe. (N. do T.)

⁸⁹ *Hauts Phénomènes de la Magie*, pág. 377.

CAPITULO XXI: A Sede de Nova York

Já contei quase toda a história inicial da *Sociedade Teosófica*. Pouco me resta senão completar minha primeira série de reminiscências, com alguns quadros de nossa vida social em Nova York, até a época de nosso embarque para a Índia.

Do fim de 1876 até o fim de 1878, a *Sociedade Teosófica*, como organismo, foi comparativamente inativa: seus estatutos caducaram, as reuniões quase cessaram. Suas poucas aparições em público foram anteriormente descritas, e os sinais de sua influência crescente estão atestados no aumento da correspondência doméstica e exterior dos *Fundadores*, em seus controvertidos artigos na imprensa, no estabelecimento de sociedades subsidiárias em Londres e Corfu, e no início de relações com simpatizantes da Índia e do Ceilão.

Os espíritas influentes que se juntaram a nós no começo tinham-se retirado todos; nossas reuniões num salão alugado — o Mott Memorial Hall, na Avenida Madison, Nova York — foram interrompidas; foram abolidas as taxas antes impostas à entrada de membros, e a manutenção da Sociedade ficou inteiramente a cargo de nós dois. Mas a idéia nunca esteve mais forte, nem o movimento mais cheio de vitalidade do que quando despida de seu corporativismo externo, e estando então seu espírito comprimido nos nossos cérebros, corações e almas. A vida de nossa Sede foi ideal naqueles anos finais. Unidos em devoção a uma causa comum, em contato diário com nossos *Mestres*, absorvidos em pensamentos, sonhos e atos altruísticos, nós dois existíamos naquela metrópole estrepitosa como que intocados pelas suas rivalidades egoísticas e ambições ignóbeis, como se ocupássemos uma cabana à beira-mar, ou uma caverna na floresta primeva. Não exagero ao dizer que em qualquer outro lar de Nova York não se poderia encontrar um tom mais extraterreno. As distinções sociais de nossos visitantes eram deixados do lado de

fora do umbral de nossa porta; e ricos ou pobres, cristãos, judeus ou infiéis, cultos ou incultos, recebiam eles as mesmas calorosas boas-vindas e atenção paciente às suas perguntas sobre temas religiosos ou não. *H.P.B.* era, de nascença, uma grande aristocrata, de modo que ficava à vontade na mais alta sociedade, e era tão profundamente altruísta e democrata, que dispensava cordial hospitalidade ao mais humilde visitante.

Um dos mais versados em filosofia grega, dentre os nossos hóspedes, era um pintor de casas trabalhador, e lembro-me bem com que alegria *H.P.B.* e eu assinamos sua proposta de ingresso, como fiadores, e o acolhemos como membro da *Sociedade*. Sem uma única exceção, aqueles que publicaram relatos de suas visitas ao "*Lamastério*" — como bem humoradamente designávamos nosso humilde conjunto de salas — declararam que sua experiência fora nova e fora dos padrões correntes. A maioria dessas pessoas escreveu sobre *H.P.B.* em termos de louvor ou deslumbre exagerados. Na aparência, não havia nela nem sombra do asceta: ela nem meditava em reclusão, nem praticava um regime austero, nem se negava aos frívolos e mundanos, nem selecionava suas companhias. Sua porta estava aberta a todos, mesmo àqueles que ela sabia dispostos a escrever sobre ela com penas que ela não poderia controlar. Eles freqüentemente a difamaram, mas, se os artigos tinham verve, ela costumava saboreá-los comigo ao máximo.

Entre nossas visitas constantes estava o *Sr. Curtis*, um dos repórteres mais inteligentes da imprensa de Nova York, e, posteriormente, membro de nossa *Sociedade*. Ele produziu metros de boas matérias sobre o *Lamastério*, por vezes sóbrias, por vezes joviais, mas sempre inteligentes e brilhantes. Uma noite, ele nos levou a uma bela arapuca: é que ele nos levou a um circo onde, dizia ele, dois prestidigitadores egípcios estavam apresentando certos prodígios que podiam ser

atribuídos a um conhecimento de bruxaria, mas que, de qualquer forma, ele queria que víssemos e nos pronunciássemos a respeito como especialistas no sobrenatural. Demos ouvidos à voz da sereia e fomos: o "*show*" revelou-se banal, e os egípcios, franceses ingênuos com quem tivemos uma longa conversa no escritório do *Empresário*, entre um ato e outro. Eles não tinham sequer visto um mágico egípcio do tipo real, descrito pelo Sr. Lane em sua obra famosa. Ao deixar o local, dei minhas condolências a Curtis pela pobreza de sua experiência, mas ele nos causou acessos de riso ao replicar que, pelo contrário, estava agora com uma mão livre e poderia completar todos os fatos necessários à consecução de uma matéria sensacional. E o fez. O World do dia seguinte trazia um relato intitulado "*Teósofos no Circo*", no qual a nossa insípida conversa com os dois franceses virou uma entrevista mística, seguida de um sem fim de *fenômenos sobrenaturais, de aparições espectrais, apports, e desaparecimentos*; toda a descrição provava, se não a veracidade do repórter, pelo menos sua fértil imaginação. De outra feita ele nos trouxe um jornal que narrava o passeio noturno do fantasma de um falecido vigia noturno pelo cais de certo distrito da zona Leste⁹⁰ da cidade, e pediu-nos que fôssemos ver o fantasma. A polícia, disse ele, estava toda ardendo de curiosidade, e o inspetor daquele distrito fizera todos os preparativos para agarrar o fantasma aquela noite. Esquecidos da experiência do circo, aceitamos outra vez. Era uma noite especialmente fria e estrelada, e ficamos sentados durante horas, bem agasalhados, numa pilha de madeira, à beira rio, enganando o tempo fumando e fazendo troças com um grupo de repórteres destacados para descrever os acontecimentos da noite. Mas, daquela vez, o "*Old Shep*"⁹¹ não manifestou seu desprezível *eidôlon*, e, no momento oportuno, voltamos ao nosso *Lamastério*,

⁹⁰ Isto é, o famoso East Side, típica região portuária. (N. do T.)

⁹¹ *Velho Pastor* (N. do T.)

irritados pela perda de toda uma noite. Os jornais do dia seguinte, para nosso inefável desagrado, pintaram-nos como uma dupla de miolo mole que tinha esperado o impossível, dando uma meia idéia de que havíamos afastado o "Old Shep" para privar os repórteres de sua legítima presa! Fomos até parar nos jornais ilustrados, e guardei em nosso *Álbum de Recortes* uma foto representando nós dois, e o venerável séquito de repórteres como "*Membros da Sociedade Teosófica esperando pelo fantasma de Old Shep.*" Felizmente, as fotos minhas e de H.P.B. em nada se pareciam conosco.

Uma noite, *Curtis* estava presente, enquanto a *Condessa Paschkoff* contava uma aventura que tivera, em companhia de H.P.B., no Líbano; ela falava em francês e eu traduzia para o inglês. A história era tão fantástica e interessante que ele pediu permissão para publicá-la, e, sendo-lhe dada a permissão, apareceu devidamente em seu jornal. Como essa história exemplifica o fenômeno latência de quadros de eventos humanos no A'kas'a, e o poder que se pode conseguir, de evocá-los, citarei aqui uma parte dela, deixando a responsabilidade dos fatos ao distinto narrador:

"A Condessa Paschkoff falou novamente, e novamente o Coronel Olcott traduziu para o repórter... Eu estava outra vez viajando entre Baalbec e o rio Orontes, e vi no deserto uma caravana. Era de Madame Blavatsky. Acampamos juntas. Havia um grande monumento ali perto da vila de El Marsum. Era entre o Líbano e o Anti-Líbano. No monumento havia inscrições que ninguém ainda conseguira ler. Mme. Blavatsky podia fazer coisas estranhas com os espíritos, como eu sabia, e pedi-lhe para descobrir que monumento era aquele. Esperamos até à noite. Ela desenhou um círculo e fomos para dentro dele. Fizemos uma fogueira e pusemos-lhe muito incenso. Então ela pronunciou encantamentos. Pusemos então

mais incenso. Daí ela apontou para o monumento com a varinha e vimos sobre ele uma grande bola de chama branca. Havia por perto um sicômoro; vimos nele muitas labaredas pequenas. Vieram chacaís e uivaram na escuridão, a pouca distância. Pusemos mais incenso. Então Mme. Blavatsky mandou que aparecesse o espírito da pessoa para quem fora erguido o monumento. Logo se ergueu uma nuvem de vapor e obscureceu o pouco luar que havia. Deitamos mais incenso. A nuvem assumiu a forma indistinta de um velho barbudo, e veio uma voz, ao que parecia de grande distância, através da imagem. Ele disse que o monumento fora outrora o altar de um templo de há muito desaparecido. Fora erguido para um deus que desde havia muito fora para outro mundo. **"Quem é você?"**, perguntou-lhe Mme. Blavatsky. **"Sou Hiero, um dos sacerdotes do templo"**, disse a voz. Então Mme. Blavatsky mandou que ele nos mostrasse o lugar, como era quando o templo estava de pé. Ele se curvou, e, por um instante, tivemos uma visão do templo e de uma vasta cidade que enchia a planície até onde a vista podia alcançar. Então ela desapareceu, e a imagem se desvaneceu⁹².

Pelo fim de 1877 ou começo de 1878, fomos visitados pelo Hon. John L. O'Sullivan, diplomata americano e espiritualista apaixonado, que estava de passagem por Nova York em sua rota de Londres para San Francisco. Foi ele afavelmente recebido por H.P.B. e defendeu suas crenças intrepidamente contra os ataques dela. Alguns fenômenos instrutivos foram produzidos para ele, os quais posteriormente ele descreveu no *Spiritualist* de 8 de fevereiro de 1878, nos seguintes termos:

"Ela estivera brincando com um terço oriental, numa taça ou tigela de laca, e as contas de madeira aromática do terço, enfiadas, eram mais ou menos do

⁹² TV. Y. World de 21 de abril de 1878, artigo intitulado "Ghost Stories Galore".

tamanho de uma bola grande de gude e profusamente esculpidas em toda a volta. Um cavalheiro presente tomou o terço nas mãos, admirou as contas e perguntou se ela lhe daria uma. "Ah, eu não gostaria de quebrá-lo", observou ela. Mas dali a pouco pegou-o e recomeçou a brincar com ele na tigela de laca. Eu tinha os olhos fixos nas contas, sob a luz intensa de um grande lampião que estava bem acima da mesa dela. Logo ficou claro que as contas estavam se proliferando sob os dedos dela, à medida que ela as manuseava, até que a tigela ficou quase cheia. Daí ela levantou o terço da tigela, deixando um bom número de contas soltas, das quais, disse ao cavalheiro, ele poderia pegar o que quisesse. Desde então, lamento sempre o não ter tido a presença de espírito, ou a ousadia, de pedir algumas para mim. Tenho certeza de que ela mas teria dado livremente, pois ela é toda bondade, bem como, aparentemente, uma mulher de muito saber. Minha suposição sobre as contas assim criadas sob os nossos olhos foi de que fossem *apports* produzidos por espíritos, de acordo com o desejo ou vontade dela. Creio (embora não esteja bem certo disso) que a idéia dela e de Olcott é a de que esses fenômenos sejam produzidos, de alguma forma, por um grande irmão adepto no Tibete — o mesmo de cuja velha espineta me fizeram ouvir, no ar acima de nós (como mencionei anteriormente, e como muitos outros amigos já fizeram) a música tênue mas clara e retinente que, disseram-me, provinha de uma corrente de "**fluido astral**", do Tibete; e disse Madame Blavatsky que ia voltar a esse lar de sua alma (para nunca mais sair) uma vez completada sua missão, tarefa e negócio, compreendendo-se aqui principalmente a publicação de seu livro".

"Outro caso de fabricação de objetos materiais aparentemente do nada. Uma noite, chegando tarde ao seu pequeno salão, onde ela costumava passar, à mesa de trabalho, dezessete das vinte e quatro horas do dia, encontrei com ela o

Coronel Olcott, ocupado em corrigir suas primeiras provas de página. Por essa época eu tinha me tornado algo íntimo do Coronel Olcott e dela, com quem (ambos) manterei sempre um vínculo muito forte bem como profundo respeito. Ele me contou como, naquela tarde, tinha tido lugar um daqueles pequenos incidentes (como os chama) de ocorrência constante ali. Houvera um grupo de visitantes, e uma animada discussão sobre as civilizações comparativas do antigo Oriente e do moderno Ocidente”.

*“Surgiu o assunto dos tecidos fabricados de um e de outro lado. Madame Blavatsky é, nesta contenda, entusiasta do Oriente. De repente ela pôs a mão no pescoço e tirou de seu amplo seio (de baixo da velha bata, que é a única roupa com que a tenho visto), um lencinho de crepe, e perguntou se os teares ocidentais produziam algo superior àquilo. Eles me asseguraram que a peça não estivera ali antes daquele momento (e tenho ampla garantia para acreditar neles). O lenço estava dobrado suave e recentemente, e a conversa surgira acidentalmente. Admirei-o, reconheci prontamente o odor peculiar, pungente e languidamente doce, que acompanha todos esses **apports** procedentes do Extremo Oriente (inclusive as contas já citadas), e observei a assinatura peculiar numa das bordas do lenço, que eu vira em vários objetos, e que, disseram-me, era o nome (escrito em caracteres pré-sânscritos) de um grande irmão '**adepto**' no Tibete — a quem, a propósito, ela mesma se considera muito inferior. Depois, quando fomos convidados a participar do repasto deles, muito simples (ao qual fora acrescentada uma hospitaleira garrafa de vinho para mim, embora eles nunca o provem), ela disse para Olcott: "**Me dê aquele lenço**". Ele lho deu, tirando-o da folha de papel de carta na qual ela o tinha envolvido cuidadosamente em seu estado de suave lisura. Imediatamente, ela fez com ele uma trança negligente e amarrou-a ao redor do pescoço. Quando voltamos*

da sala de jantar para a comodidade mais aquecida de sua sala de visitas, ela tirou o lenço e jogou-o na mesa ao seu lado. **"Você o trata com muita sem-cerimônia"**, notei. **"Não me daria o lenço?"** — **"Oh, claro, se você o quiser"**, e jogou-mo. Alisei-lhe as dobras o melhor que pude, envolvi-o novamente numa folha de papel, e coloquei-o no bolso da frente. Mais tarde, estando eu de saída, e como estivéssemos todos a pé, ela disse: "Olhe, me dê aquele lenço um minuto". Naturalmente, obedeci. Ela virou-me as costas por um momento ou dois, e então, voltando-se novamente para mim, apresentou-me dois lenços, um em cada mão, e disse: **"Pegue aquele que você quiser; achei que talvez você preferisse este (passando-me o novo), já que o viu aparecer."** Naturalmente eu o fiz, e, naquela noite, após viajar quase quinze milhas de trem, dei-o à dama mais indicada para receber um favor que assim me fora conferido por outra dama, a qual, a propósito, alega ser uma septuagenária, embora pareça ter apenas uns quarenta anos. Poucos dias mais tarde, quando parti da América, o lenço ainda não tinha se fundido, nem sido levado de volta para o Tibete numa **'corrente de fluido astral'**, e devo acrescentar que o segundo lenço era um perfeito fac-símile do primeiro, até em cada detalhe do nome escrito em antigos caracteres orientais, o qual, diga-se de passagem, foi evidentemente escrito ou pintado com alguma tinta ou pigmento preto, e não estampado por meios mecânicos."

Minha lembrança do episódio do lenço difere ligeiramente da narrativa do Sr. O'Sullivan. O espécime original foi feito de nada — para usar a errônea expressão comum, pois jamais qualquer coisa poderia ser feita a partir de nada, não obstante a afirmação em contrário dos teólogos — durante uma conversa entre H.P.B. e nosso amigo *Monsieur Herrisse da Embaixada do Haiti*. Ele tinha dito que um seu parente trouxera da China uns lindos lenços de crepe, que os teares

ocidentais ainda não tinham conseguido igualar. Ela então produziu um lenço como aquele descrito, e perguntou ao *Sr. Herrisse* se era aquilo que ele pretendia dizer, ao que ele assentiu. Apossei-me de um, e, na entrevista com o *Sr. O'Sullivan*, mencionei o incidente e mostrei-lhe o artigo, posto o que ele pediu a *H.P.B.* para lho dar. Ela o fez, e, quando, por brincadeira, eu disse que ela não tinha o direito de dar algo que me pertencia, sem o meu consentimento, ela replicou que não me importasse, pois me daria outro. Naquele momento chamaram-nos para o jantar, e estávamos nos encaminhando para a porta, quando disse ao *Sr. O'Sullivan* que lhe emprestasse o lenço por um momento. Como estávamos juntos, ela voltou por um instante as costas, e virou-se novamente com uma duplicata do lenço em cada mão, uma das quais deu ao *Sr. O'Sullivan*, e a outra a mim. Ao voltarmos da sala de jantar e retomarmos nossos lugares de antes, ela sentiu uma corrente de ar frio vindo da janela parcialmente aberta atrás de sua cadeira, e pediu-me qualquer coisa para pôr no pescoço. Dei-lhe o meu lenço mágico, que ela colocou, frouxo, em volta do pescoço, e continuamos a conversar. Observando que as pontas do mesmo não eram suficientemente compridas para ser corretamente trançadas, peguei um alfinete e queria que ela me deixasse prendê-las, mas ela exclamou: "*Não me amole com seus alfinetes; vá, pegue de volta o seu lenço!*", enquanto tirava o lenço do pescoço e mo jogava. No mesmo instante vi uma segunda cópia do original que ainda estava no pescoço dela, e *O'Sullivan*, adiantando-se e estendendo a mão, disse: "*Aquele ali — por favor, me dê aquele, pois vi-o formar-se debaixo dos meus olhos!*" Ela, de bom grado, deu-o a ele, e aquele que estava em poder dele foi devolvido a ela, continuando a conversa. Ainda tenho em meu poder o original, feito na presença de *Herrisse*, e o segundo está com minha irmã. Achei que valia a pena contar esta estória, e outras que ainda vão surgir, para mostrar a natureza das

provas que ela constantemente nos fornecia de seu poder de operar prodígios, naqueles primeiros dias de Nova York, antes que houvesse missionários acampando em seu caminho, e valesse a pena para eles inventar, comprar, ou vir honestamente pela evidência ou arrolar testemunhas para lançar dúvida sobre o caráter dela como pessoa. Se nada mais me tivesse sido dado posteriormente, aqueles primeiros fenômenos teriam definitivamente fixado minha crença no fato de possuir ela certos *Sihhis*, e ter-me-iam feito tomar muita cautela quanto a desacreditar seus ensinamentos sobre as leis psicodinâmicas por trás desses fenômenos. Não era a longos intervalos, mas sim freqüentemente, que os amigos dela e outras visitas recebiam essa evidência cumulativa de que a *filha dos Sarotow*, psiquicamente dotada, se havia tornado na mulher misteriosa de 1875, sem perder uma das faculdades supranormais de sua juventude, mas, ao contrário, tinha-as expandido e infinitamente aumentado e fortalecido. Tais incidentes deram ao seu salon⁹³ um fascinante atrativo, não oferecido por qualquer outro de Nova York. A personalidade dela, não a *Sociedade Teosófica*, era o pólo de atração, e ela folgava no excitação da roda social. Tão variegada era essa roda, uma tal mistura de música, metafísica, orientalismo e fofocas locais, que não posso dar melhor idéia a respeito senão dizendo que era como o conteúdo de *Ísis Revelada*, que por sua vez é um conglomerado sem paralelo entre os produtos literários.

⁹³ Salon - Em francês no original. Cumpre lembrar, aqui, que os "salões" particulares, literários, científicos ou de tendências espiritualistas e esotéricas, voltaram a grande moda em fins do século passado, como o foram, em fins do século XVIII, na Europa, os de tendências eminentemente políticas e filosóficas. (N. do T.)

CAPITULO XXII: Descrição de Fenômenos Diversos

Embora a triste experiência nos tenha ensinado que os fenômenos psíquicos são coisas débeis sobre as quais edifica-se um grande movimento espiritual, têm eles, contudo, um valor distinto em seu lugar correto, quando estritamente controlados. Tal lugar é dentro dos limites do terceiro dos Fins Declarados de nossa Sociedade. Têm uma suprema importância como provas elementares do poder da vontade humana exercitada sobre as forças brutas da natureza. Nesse aspecto, concernem ao problema da inteligência que há por trás dos fenômenos mediúnicos. Acho que os primeiros fenômenos de *H.P.B.* vieram imprimir um rumo distinto à teoria, até então geralmente aceita, de que as mensagens recebidas através de médiuns devem necessariamente provir dos mortos. Pois aí estavam coisas feitas na ausência de condições presumivelmente necessárias, por vezes aparentemente desafiando tais condições. Os registros dessas coisas só subsistem agora em recortes de jornais da época, e na memória de testemunhas que ainda não deram ao prelo suas experiências, estando ainda vivas, e podendo corroborar ou corrigir as minhas narrativas de fenômenos que vimos juntos na presença dela.

Enquanto altamente sugestivos por si mesmos, os prodígios de *H.P.B.* de modo geral não eram inseridos na conversa. Quando estávamos sozinhos, ela podia produzir algum fenômeno para ilustrar um ensinamento, ou podiam eles acontecer como em resposta a uma indagação que surgisse em meu espírito quanto à atuação de alguma força em particular numa dada operação física. Geralmente eles eram, por assim dizer, produzidos instantânea e independentemente de qualquer sugestão perfunctória a qualquer dos presentes. Deixem-me dar um ou dois exemplos dentre os muitos que podiam ser citados, para elucidar o que quero dizer.

Um dia visitaram-nos um espiritualista inglês e seu amigo, e, com o primeiro, seu filhinho, um menino de 10 ou 12 anos. O garoto distraiu-se por um momento, andando pela sala, explorando nossos livros, examinando nossas curiosidades, tentando tocar piano e entregando-se a outros caprichos de curiosidade. Então ele começou a ficar impaciente para ir embora, e puxava o pai pela manga, tentando fazê-lo interromper uma conversa muito interessante com *H.P.B.* O pai não conseguia deter as impertinências dele, e estava a ponto de retirar-se, quando *H.P.B.* disse: "*Ora, não se incomode com ele, ele só quer algo com que se distrair; deixe-me ver se consigo encontrar um brinquedinho para ele.*" Isto posto, ela se levantou da cadeira, levou a mão a uma das portas corrediças que ficava bem atrás dela, e tirou um grande navio de brinquedo, montado sobre rodas, que, ao que eu saiba, não estivera ali até um minuto atrás!

Numa véspera de Natal, minha irmã veio de seu apartamento, que ficava no piso superior do "*Lamastério*", convidar-nos a subir e ir ver a árvore de Natal que ela havia preparado para os filhos — que estavam então, dormindo em suas camas. Olhamos os presentes por todo lado, e *H.P.B.* manifestou seu pesar por não ter tido dinheiro para comprar algo de seu para a árvore. Perguntou a minha irmã o que um dos meninos, um seu preferido, gostaria de ganhar, e, tendo-lhe sido dito que era um assobio, ela disse: "*Bom, espere um minuto.*" Pegou do bolso seu molho de chaves, segurou numa mão três delas juntas, e, um momento depois, mostrou-nos um grande assobio de ferro, pendurado do cordão, no aro da chave. Para produzi-lo, ela usara o ferro das três chaves, e teve de mandar fazer duplicatas, no dia seguinte, num chaveiro. Mais uma vez. Por um ano mais ou menos depois que nos estabelecemos no "*Lamastério*", minha prataria de família era usada à mesa, mas finalmente teve de ser despachada, e *H.P.B.* ajudou-me a embalá-la. Naquele dia,

depois do jantar, íamos tomar café e notamos que não havia pegador de açúcar, e, passando a ela o açucareiro, botei dentro dele uma colher de chá em lugar do pegador. Ela me perguntou onde estavam os pegadores, e, como eu lhe respondesse que os havíamos embalado para despachá-los com o resto da prataria, ela disse: "*Bom, temos de arranjar outro, não?*" e, levando a mão por baixo da cadeira, trouxe um pegador indescritível, do qual dificilmente se encontraria similar numa joalheria. Tinha o suporte muito mais comprido do que o normal, e as duas pinças fendidas como os dentes de um garfo para picles; e no suporte de uma das hastes estava gravado o criptograma de *Mahatma "M"*. Tenho esta curiosidade atualmente em *Adyar*.

Aqui, ilustra-se uma lei importante. Para criar algo objetivo, a partir de matéria difusa do espaço, o primeiro passo é pensar no objeto desejado — em sua forma, modelo, cor, material, peso e outras características: o retrato deve ser vivo e distinto quanto a cada detalhe; o próximo passo é pôr em ação a Vontade exercitada, empregar-se o conhecimento da pessoa das leis da matéria e do processo necessário à sua agregação, e coagir os espíritos elementais a formar e modelar aquilo que se deseja. Se o operador fracassar em qualquer destes detalhes, o resultado será imperfeito. No caso que temos diante de nós, é evidente que *H.P.B.* confundira mentalmente as duas formas diversas de pegador de açúcar e garfo de picles, e assim, combinou-as neste indescritível ou híbrido utensílio. O resultado, naturalmente, foi uma mais vigorosa prova da autenticidade de seu fenômeno, do que se ela tivesse produzido um pegador de açúcar perfeito, pois um pegador comum pode ser comprado em qualquer loja, em qualquer lugar.

Uma noite, estando o nosso estúdio cheio de visitas, estávamos, eu e ela, sentados em lados opostos da sala, e como eu estivesse usando uma grande gema

entalhada à guisa de prendedor de gravata, ela me pediu para emprestar-lha. Tomou-a entre as mãos fechadas, sem nada dizer a ninguém, ou mesmo sem atrair a atenção de ninguém, exceto a minha, e por um minuto ou dois esfregou as mãos, até que em breve ouvimos o tinir de metal sobre metal. Ela chamou-me a atenção, sorriu, e, abrindo as mãos, mostrou-me um prendedor, e, com ele, um outro, igualmente grande, mas de modelo diferente: o sinete era também de heliotrópio verde escuro, ao passo que o meu era de cornalina vermelha. Aquele anel, que ela usou até a morte, e é agora usado pela *Sra. Annie Beasant*, é familiar a milhares de pessoas. A pedra se quebrou em nossa viagem à Índia, e, se bem me lembro, o atual foi gravado e incrustado em Bombaim. Aqui, mais uma vez, nem uma palavra da conversa que se travava levou ao fenômeno; pelo contrário, ninguém, exceto eu, soube do ocorrido até depois.

Outro exemplo. Tive de ir a Albany como advogado especial da *Mutual Life Insurance Company*, de Nova York, para argüir junto ao Poder Legislativo contra um projeto de lei em estudo. *H.P.B.* aproveitou-se da oportunidade de integrar a comitiva para ir comigo e fazer uma visita havia muito prometida ao *Dr. e Sra. Ditson*, de Albany. Ela era uma criatura pouco prática quanto às coisas triviais, e dependia bastante das boas graças dos amigos, entre outras, para emalar e desemalar seus trens. A *Dra. L. M. Marquette*, sua antiga amiga, arrumou nessa ocasião a sacola *Gladstone* que ela devia levar, e deixou-a aberta no quarto dela, no momento em que a carruagem saiu para levar-nos até o trem para Albany. A sacola estava muito cheia, e tive de reembalar algumas coisas em cima e empregar certa força para fechar a sacola e trancá-la. Levei-a então eu mesma para o carro, deste para o vagão, e nosso trem se pôs a caminho. Em breve ver-se-ão meus motivos para mencionar estes detalhes. No meio do caminho para Albany, uma garrafona de

xarope para tosse, na bolsa dela, quebrou-se e fez uma porcaria com o fumo, papéis de cigarro, lenço e outros objetos contidos na bolsa. Fez-se assim necessário reabrir a sacola e tirar uma porção de coisas, procurar mais fumo e papéis etc. Eu mesmo fiz isso, tornei a arrumar, fechar e trancar novamente a sacola, e, ao chegar a Albany novamente levei a sacola para o coche e, na casa do *Dr. Ditson*, carreguei-a por um lance de escadas e deixei-a no patamar, do lado de fora da porta da sala de visitas. A anfitriã começou imediatamente uma animada conversa com *H.P.B.*, que ela via pela primeira vez. A filhinha da *Sra. Ditson* estava na sala e fez amizade com *H.P.B.*, pôs-se nos joelhos dela e brincava com a mão dela. A misteriosa dama em questão não apreciou muito essa interrupção da conversa com a mãe da criança, e por fim disse: "*Vá pra lá, meu benzinho, fique quieta um pouquinho e eu lhe darei um lindo presente.*" "*Cadê ele? Me dê ele agora, por favor*", replicou a criança. Eu, achando que o presente prometido ainda estivesse nalguma loja de brinquedos da cidade, à qual eu em breve seria mandado buscá-lo, maliciosamente cochichei para a pequena que perguntasse à Madame onde ela estava escondendo o presente, e ela o fez. *H.P.B.* disse: "*Ora, não se preocupe, querida, tenho-o na sacola.*" Para mim chegava: pedi-lhe as chaves dela, fui para fora e abri a sacola e — achei, embrulhado da maneira mais artística, entre as roupas, e bem defronte dos olhos de quem abrisse a maleta, um harmônio, ou piano de vidro, de, digamos, 15 por 4 polegadas, com o malho de cortiça ao lado! Ora, *H.P.B.* não tinha feito sua mala em Nova York; não lhe tinha posto as mãos até aquele momento; eu a fechara e trancara antes de partirmos, tornara a abri-la, desfizera-a e refizera-a, e tornara a trancá-la, no meio da viagem; e além daquela sacola, *H.P.B.* não tinha mais bagagem. De onde veio o harmônio, e de que maneira poderia ter sido embalado numa sacola que estava anteriormente cheia até arrebentar, não sei. Talvez algum

S.P.R. sugira que o maquinista do trem tivesse sido subornado e *H.P.B.* o tenha tornado invisível, e tivesse aberto a sacola no chão a meus pés por meio de uma gazua fantasma, e tivesse aberto espaço para o brinquedo musical jogando algumas das roupas de *H.P.B.* pela janela do vagão! Ou — talvez fosse um fenômeno autêntico e ela não fosse, afinal, trapaceira. Se a Dra. Marquette ainda vive, ela pode testemunhar ter-nos visto e à nossa bagagem no trem; e se o *Dr. Ditson* está vivo, pode afirmar que nos levou, e à verdadeira sacola Gladstone, da estação em Albany para sua casa. Cabe-me narrar a história o mais verdadeiramente possível e deixá-la registrada como exemplo de um modo pelo qual minha velha e querida colega por vezes produzia um prodígio simplesmente para agradar a uma criança, que não tinha a menor idéia da importância do que ocorrera.

Na *History of Salem Witchcraft* (História da Bruxaria de Salem), do meu amigo, o Dr. Upham, conta-nos ele que, no caso de uma das pobres vítimas daquela terrível e fanática perseguição de 1695, foi apresentado contra ela, como prova de seu pacto com Satã, o fato de ter-se dirigido com roupas imaculadas a determinada reunião, no meio da chuva e da lama, para o que sugere o douto autor a probabilidade de ser antes a acusada uma mulher asseada, que tivesse, como tal, mantido as vestes imaculadas ao longo da estrada lamacenta. Em todo o livro, mantém ele a atitude de incredulidade quanto a qualquer expediente espiritual que pudesse ter havido por trás dos fenômenos de obsessão, sem, deve-se dizer, tirar proveito do caso. Uma vez, estávamos eu e *H.P.B.* em Boston, num dia muito chuvoso e lamacento, e ela caminhou pelas ruas debaixo de uma chuva tremenda e chegou até seu alojamento sem uma gota de chuva ou um salpico de lama a lhe sujar o vestido; e uma vez, eu me lembro, tínhamos estado conversando na sacada de sua sala de visitas em Irving Place, Nova York, e, como nos forçasse a entrar

uma chuva pesada que durou a maior parte da noite, inadvertidamente deixei do lado de fora uma bela cadeira estofada em veludo ou brocado. De manhã, quando visitei *H.P.B.* como de costume, antes de ir para o escritório, lembrei-me da cadeira e fui buscá-la, esperando encontrá-la empapada pela chuva, mas, pelo contrário, estava o mais seca possível; porque, ou como, não consigo explicar.

A história do *Sr. O'Sullivan*, dos lenços de crepe da China duplicados, contada no capítulo anterior, estará viva na memória do leitor. Uma noite, vi-a fazer uma coisa notável para *Wong Chin Fu*, conferencista chinês famoso desde então nos Estados Unidos. Estávamos os três conversando sobre a ausência de perspectiva na pintura chinesa, ao que ele disse quão admiráveis eram as figuras de seus artistas, quão ricas no colorido e ousadas no desenho. *H.P.B.* concordou, e, da maneira mais casual possível, como pareceu, abriu a gaveta onde guardava seus papéis, e tirou uma pintura lindamente executada de uma dama chinesa vestida num traje longo da Corte. Tenho certeza absoluta de que ele não estava ali antes, mas como *Wong Chin Fu* não tinha um interesse especial pela ciência oculta, que para nós tinha tanto fascínio, não fiz nenhuma observação. Nossa visita tomou na mão o quadro, olhou-o, comentou-lhe a beleza, mas disse: "*Isto não é chinês, Senhora, não tem nenhuma inscrição chinesa no canto. Provavelmente é japonês.*" *H.P.B.* olhou para mim com uma expressão divertida, devolveu o quadro à gaveta, fechou-a por um momento, e então, reabrindo-a, sacou um segundo quadro de uma dama chinesa, que usava, porém, roupas de cores diferentes, e passou-o a *Wong Chin Fu*. Esse ele reconheceu como inequivocamente proveniente de seu país, pois trazia inscrições chinesas no canto esquerdo inferior, e ele as leu imediatamente!

Eis um incidente no qual me foram comunicadas, por via fenomenológica, informações sobre três membros de minha família. Eu e *H.P.B.* estávamos sozinhos

em casa, conversando sobre essas pessoas, quando, de repente, ouviu-se na sala contígua um estrondo. Corri para lá para averiguar a causa, e descobri que a fotografia de uma delas, na abóbada da lareira, tinha sido virada de cara para a parede, o grande retrato a aquarela de outra tinha sido arrancado do prego e jazia no chão, com o vidro quebrado, e a foto da terceira permanecia na abóbada, intocado. Minhas perguntas foram respondidas. Uma versão incorreta e fabulosa desta história circulou, e portanto apresento os fatos exatamente como ocorreram. Ninguém, a exceção de nós dois, estava na hora no apartamento, e ninguém exceto eu mesmo tinha interesse nas questões em pauta.

Que mulher estranha era ela, e que grande variedade havia em seus fenômenos psíquicos! Vimo-la duplicar tecidos; deixem-me relembrar incidentes em que houve a duplicação de cartas. Recebi um dia uma carta de certa pessoa que cometera um grande erro para comigo, e li-a em voz alta para *H.P.B.* "*Devemos ter uma cópia disso*", exclamou ela, e, tomando de mim a folha de papel, segurou-a delicadamente por uma ponta e logo em seguida destacou, diante dos meus próprios olhos, uma duplicata, com papel e tudo! Foi como se ela tivesse dividido a folha em suas duas superfícies. Outro exemplo, talvez ainda mais interessante, é o seguinte: com data de 22 de dezembro de 1887, *Stainton Moses* escreveu a ela uma carta de cinco páginas, de caráter um tanto controverso, ou, até certo ponto, crítico. O papel era almaço, quadrado, e trazia estampado o cabeçalho "*University College, London*", e perto do canto esquerdo superior o monograma dele — um W e um M entrelaçados e cruzados pelo nome "**STAINTON**" em pequenas maiúsculas. Ela disse que devíamos arranjar também uma duplicata desta, e então peguei da escrivaninha cinco meias folhas de papel de carta estrangeiro, do mesmo tamanho do de Oxon, e dei-as a ela. Ela deixou-as de encontro às cinco páginas da carta

dele, e colocou então o conjunto todo numa gaveta da escrivaninha, bem em frente a mim quando me sentei. Continuamos a nossa conversa por algum tempo, até que ela disse que achava que a cópia estava pronta, e era melhor eu ir olhar e ver se assim era. Abri a gaveta, tirei os papéis, e constatei que cada uma das minhas cinco peças recebera, da página com a qual estava em contato, a respectiva impressão. Tão profundamente semelhantes eram os originais e as cópias, que pensei — como deve lembrar-se o leitor que ocorreu em relação ao retrato de *Britten-Louis* — tratar-se de duplicatas exatas. Assim pensei durante todos estes dezesseis anos que se seguiram, mas, desde que procurei os documentos para descrição neste capítulo, vejo que não se trata disto. As escritas são quase duplicatas, mas não exatamente. Parecem-se antes com duas escritas originais da mesma mão. Se H.P.B. tivesse tido tempo de preparar essa surpresa para mim, a explicação de falsificação bastaria para o caso; mas ela não teve. A coisa toda aconteceu como a descrevi, e inclino-me a crer que tenha um inquestionável valor de evidência quanto ao problema de possuir ela poderes psíquicos. Tentei a experiência de colocar uma página sobre a outra para ver qual a correspondência das letras e sinais. Descubro que não se correspondem, e isso prova, de qualquer forma, que a transferência não se fez pela absorção da tinta, pela folha em branco, da outra; sobretudo, as tintas são diferentes, e a de Oxon não é tinta de reprodução. O tempo que todo o fenômeno levou para produzir-se pode ter sido de cinco ou dez minutos, e os papéis ficaram todo o tempo na gaveta em frente a mim, de forma que não houve qualquer truque no sentido de tirar as folhas da gaveta e substituí-las pelas folhas em branco que eu tinha acabado de entregar a ela. Que a coisa seja creditada ao bom nome dela, e contribua para compor o caso com o qual seus amigos contrabalançariam as imoderadas calúnias que os inimigos fizeram circular contra ela.

Em seu *Incidents in the Life of Madame Blavatsky* (Incidentes na Vida de Madame Blavatsky), o *Sr. Sinnett* apresenta uma história (pág. 199) que lhe foi transmitida pelo *Sr. Judge* sobre a produção, por ela, de algumas aquarelas para ele usar na elaboração de um desenho egípcio. Eu estava presente na ocasião e acrescentarei, ao dele, o meu testemunho de testemunha ocular do fato. Aconteceu uma tarde, no "*Lamastério*", *Judge* estava — acho eu — desenhando para ela a figura de um deus fazendo o homem numa roda de oleiro, mas, à falta de cores, não podia terminar o trabalho. *H.P.B.* perguntou-lhe de que tons ele precisava, e, informada, subiu para o piano do chalé, bem atrás da cadeira de *Judge*, e, olhando para o canto formado pela ponta do piano e a parede, segurou o vestido como um avental, para receber algo. Pouco depois ela deixou cair, do vestido para a mesa diante de *Judge*, treze frascos de tintas *Winsor e Newton* para aquarela, entre as quais estavam as que ele tinha pedido. Pouco depois ele disse que gostaria de arranjar um pouco de tinta dourada, posto o que ela lhe disse para ir buscar um pires na sala de jantar, o que ele fez. Então ela pediu-lhe que lhe passasse a chave de metal amarelo da porta, e, segurando pires e chave por sob a borda da mesa, esfregou vigorosamente a chave contra o fundo do pires. No instante seguinte, apresentou-nos novamente os dois objetos, e a parte achatada do fundo do pires estava recoberta de uma camada de tinta dourada da mais pura qualidade. À minha pergunta quanto à função que a chave da porta desempenhara na experiência, disse ela que foi precisa a substância do metal, como núcleo no qual recolher do *âkâsoa* os átomos de qualquer outro metal que ela pretendesse precipitar. Pela mesma razão, tinha ela precisado do meu anel de sinete para ajudar a formar o outro que ela fez para seu próprio uso na ocasião já descrita. Não há aqui uma alusão ao princípio operante da suposta transmutação de metais realizada pelos alquimistas?

Há, digo eu, pois presume-se que esta arte seja conhecida por vários faquires e nianias vivos da Índia moderna. E, sobretudo, as descobertas do *Prof. Crookes* quanto à gênese dos elementos⁹⁴ não nos levam a um ponto em que, se a ciência tiver de avançar e não retroceder, deve inclinar-se para a hipótese ariana de *Purusha e Prakriti*? E essa última teoria não nos mostra a possibilidade de transferir os elementos de um metal para novas combinações que resultariam no desenvolvimento de outro metal, empregando-se o irresistível poder da *Vontade*? Fazer isto por métodos psíquicos significa — como diz o *Professor Crookes* — devolver os elementos de determinado metal àquele ponto extremo onde eles possam ser derivados para a linha que se desenvolveria e levaria à agregação dos elementos do outro metal desejado; algo ainda não alcançado pela ciência física, mesmo com o emprego dos enormes recursos da eletricidade. Mas o que é de uma dificuldade monstruosa para o químico e o eletricista, que dependem inteiramente do auxílio de forças brutas, pode ser bastante fácil para o adepto, cujo agente ativo é o poder do espírito, que ele aprendeu a pôr em funcionamento: o poder, na verdade, que constrói o *Cosmos*.

Entre o ponto no qual *Crookes* ficou, na noite de 15 de janeiro de 1891, quando pronunciou seu *Discurso de Posse como Presidente do Instituto dos Engenheiros Elétricos*, e fez as brilhantes experiências que provaram a verdade de sua hipótese imortal, e aquele ocupado pela ciência européia, apenas um quarto de século antes, há uma incomensurável distância, maior do que a que existe entre ela e o *Gupta Vidya de bissis ancestrais arianos*. *Crookes*, heroicamente, ao reconhecer os obstáculos que tem pela frente e ao notar que "resta ainda um formidável volume de trabalho duro a ser completado", não se mostra nem um pouco desencorajado.

94

"Quanto a mim", diz ele⁹⁵, *"mantenho a firme convicção de que a pesquisa incansável será premiada com uma penetração nos mistérios naturais, que agora mal se pode conceber. As dificuldades, dizia um velho e sagaz estadista, são coisas a serem vencidas; e a meu ver a Ciência deveria desdenhar a noção de finalidade."*

O termos ido até aí prenuncia o dia mais brilhante, em que os homens de ciência verão que seu método indutivo centuplica as dificuldades de entendimento dos *"mistérios naturais"*; que a chave para todos os mistérios é o conhecimento do espírito; e que o caminho para tal conhecimento leva, não ao fogo do laboratório, mas àquela chama mais furiosa que é alimentada pelo egoísmo, mantida acesa pelo combustível da paixão, e soprada pela rajada dos desejos.

Quando o espírito for uma vez mais reconhecido como fator supremo na gênese dos elementos e na construção do *Cosmos*, os fenômenos psíquicos como os da nossa pranteada *H.P.B.* adquirirão transcendental importância, como fatos científicos elementares, e não mais serão vistos, de um lado, como truques de prestidigitação, e, de outro, como milagres para a saciedade dos paspalhos.

⁹⁵ Vide *Four Inst. Elec. Engineers*, Volume XX, pág. 49.

CAPITULO XXIII: Precipitação de Quadros

Os leitores do *Modem Egyptians de Lane* recordar-se-ão da história de um jovem que, ao visitar certo xeque que fazia prodígios, obteve maravilhosas provas dos poderes ocultos deste. O pai do jovem, então num local distante, estava algo adoentado, e o filho perguntou se podia ter notícias do estado do pai. O xeque concordou, disse-lhe que escrevesse ao pai uma nota perguntando o que queria saber; isso feito, a nota foi entregue ao xeque pelo filho ansioso, e por aquele colocada sob a almofada na qual o moço se recostava. Pouco depois, o xeque tirou do mesmo lugar uma carta respondendo às perguntas do jovem. Era escrita pela própria mão do pai, e, se não me falha a memória — pois estou confiando apenas nela — selada com o selo dele. A pedido do filho, também, serviu-se café a toda a comitiva nas próprias xícaras do pai (*fingán*), que, tudo o levava a crer, estavam, no momento da consulta, na casa paterna, naquela vila distante. Uma manhã, *H.P.B.* apresentou-me, sem ostentação nem estardalhaço, um fato que se insere na primeira destas duas categorias. Eu desejava ouvir um determinado adepto sobre certo assunto. Ela mandou-me escrever minhas perguntas, colocou-as num envelope selado, e colocou a carta onde eu a pudesse ver provisoriamente. Isto foi até melhor do que o caso do xeque egípcio, pois, naquele caso, a carta foi escondida do consulente pela almofada. Como no momento eu estava sentado diante da grade da lareira, pus minha carta atrás do relógio sobre a lareira, deixando só uma borda do envelope aparecendo o suficiente para que eu pudesse vê-lo. Minha colega e eu continuamos a conversar sobre diversas coisas, durante uma hora talvez, e então ela disse que minha resposta tinha chegado. Tirei a carta, encontrei meu próprio envelope com o selo intacto, dentro dele minha própria carta,

e, dentro desta, a resposta na caligrafia familiar do adepto, escrita sobre um papel verde de fabricação peculiar, do qual — tudo me leva a crer — não havia em casa similar. Estávamos em Nova York, e o adepto, na Ásia. Este fenômeno foi, sugiro, de ordem tal que não se lhe poderia aplicar a hipótese de truque, e tem portanto muito peso. Só há uma explicação possível — muito imperfeita — além daquilo que eu penso que seja a verdadeira teoria. Admitindo-se que *H.P.B.* possuísse um poder *hipnótico extraordinário*, ela podia ter momentaneamente obnublado minhas faculdades de percepção desperta, de forma a evitar que eu a visse levantar-se da cadeira, pegar minha carta de trás do relógio, tirar a cola, abrir o envelope, ler minha carta, escrever a resposta em letra falsificada, recolocar o conteúdo do envelope, tornar a lacrá-lo, colocá-lo de volta na lareira, e então restituir-me ao meu estado desperto sem deixar em minha memória o menor traço de minhas experiências! Mas eu tinha e ainda conservo perfeita consciência de ter mantido uma conversa de uma hora, de vê-la mover-se de lá para cá, de vê-la fazer e fumar diversos cigarros, de ter eu mesmo enchido e fumado meu cachimbo, e, de modo geral, de ter feito o que uma pessoa desperta pudesse fazer quando seus sentidos estivessem alerta para um fenômeno psíquico então em desenvolvimento. Se quarenta anos de familiaridade com os fenômenos *hipnóticos e mesméricos* e suas leis servirem para alguma coisa, posso positivamente declarar que eu estava plenamente consciente do que estava acontecendo, e que enunciei detalhadamente os fatos. Mas talvez nem mesmo uma experiência de duas vezes quarenta anos no plano da *Máya* física qualificasse alguém a compreender as possibilidades da ciência hipnótica oriental. Talvez eu não seja mais capaz do que um novato de saber o que realmente se passou entre o momento em que escrevi minha nota e aquele em que recebi a resposta. É bem possível. Mas, nesse caso, que peso infinitesimalmente pequeno

deveria ser dado às calúnias que *H.P.B.* sofreu por parte de seus diversos críticos hostis, doutos e leigos, que a julgaram uma completa embusteira, sem terem tido sequer um quarto da minha familiaridade com as leis dos fenômenos psíquicos! No *Spiritualist* (Londres) de 28 de janeiro de 1876, descrevi este incidente, em meio a outros assuntos psíquicos, e o leitor poderá encontrar na minha matéria os detalhes. Não estou ciente de que exista uma categoria especial de fenômenos relativos a cabelo, mas, se houver, o caso que se segue pode incluir-se entre eles, juntamente com o caso do súbito alongamento do cabelo de *H.P.B.* em Filadélfia, que descrevi num dos primeiros capítulos deste livro. Depois de mantido o queixo barbeado durante muitos anos, comecei a deixar crescer toda a barba, a conselho médico, como medida de proteção para minha garganta, de seu natural muito delicada, e, na época a que me refiro, minha barba tinha umas quatro polegadas. Certa manhã, quando fazia minha toalete após o banho, descobri um emaranhado de cabelos compridos sob o queixo, perto do pescoço. Sem saber o que fazer dele, desfiz cuidadosamente o emaranhado, às custas de quase uma hora de confusão, e, muito divertido, descobri que tinha uma mecha de barba de catorze polegadas de comprimento, que ia quase até ao meu estômago! De onde ou por que viera ele, nem as leituras nem a experiência me ajudavam a imaginar; mas lá estava ele, fato palpável e fenômeno permanente. Ao mostrá-lo a *H.P.B.*, ela disse que me tinha sido dado, de propósito, pelo nosso *Guru*, enquanto eu dormia, e aconselhou-me a cuidar bem dele, já que iria servir-me como reservatório da profícua *aura do Guru*. Mostrei-o a muitos amigos, mas nenhum deles conseguiu arriscar uma teoria melhor para explicá-lo, enquanto que todos foram concordes em que eu não devia cortar a barba em seu comprimento anterior. Assim, passei a enfiá-lo por dentro do colarinho para escondê-lo, e o fiz durante anos, até que o resto da barba tivesse crescido para

igualar-se a ele. Isto explica a "*barba rishi*", tantas vezes mencionada em alusões amistosas a minha aparência pessoal, e explica por que eu não me rendi ao meu desejo, por muito tempo acalentado, de aparar a barba num formato mais conveniente e menos conspícuo. Como quer que se possa chamar o fato, seguramente não é um *Máyá*, mas uma verdade real e bastante tangível.

No campo da "*precipitação*"⁹⁶ de escritos e quadros, *H.P.B.* era excepcionalmente forte, como se terá inferido de tudo o que foi explanado anteriormente. Esse era igualmente um dos pontos fortes de *M. A. Oxon*. Em certa noite de 1875, estava eu sentado na casa do *Presidente do Departamento Fotográfico do American Institute*, *Sr. H. J. Newton*, com um médium particular por nome *Cozine*, para testemunhar sua escrita em ardósia⁹⁷, que era bem mais prodigiosa do que a do *Dr. Slade*. As comunicações surgiram na lousa de ardósia em vermelho e azul vivo; não foram usados na experiência nem lápis nem crayon, e eu mesmo segurei a ponta da lousa. Ao mencionar isto a *H.P.B.*, ela disse: "*Acho que poderia fazê-lo; de qualquer forma, vou tentar.*" Então eu saí e comprei uma ardósia, e trouxe-a para casa; ela levou-a, sem lápis ou crayons, para um quartinho escuro, e deixou-a sobre o divã, enquanto eu saí, fechei a porta e esperei do lado de fora. Após uns minutos ela reapareceu com a lousa na mão, com a testa úmida de transpiração, e parecendo muito cansada. "*Por Júpiter!*", exclamou, "isso me esgotou, mas eu fiz, veja!" Na lousa estava escrito em crayons vermelho e azul, em letra que não era a dela. *M. A. Oxon* escreveu-me uma vez um relato de uma sua experiência similar, exceto que, no caso dele, o agente foi *Imperador*, e ele o

⁹⁶ Termo originalmente inventado por mim, que parece transmitir, melhor que os outros todos, uma idéia do método empregado.

⁹⁷ A lousa de ardósia foi, naqueles primórdios, um material de escolha da maioria dos médiuns e paranormais para os fenômenos de precipitação. Enquanto estas experiências se desenvolviam nos Estados Unidos, Kardec, na França, e outros médiuns em toda a Europa, entregavam-se simultânea e independentemente entre si, a experiências análogas, com ardósia. (N. do T.)

médium passivo, o que é bem outro caso. A pedido dele, *Imperador* escreveu-lhe mensagens em várias tintas coloridas, uma após outra, dentro da caderneta que ele tinha no bolso da frente de seu paletó na ocasião. Sendo ainda o *Imperador o x da vida psíquica de Oxon*, foi talvez o *corpo etéreo* de meu amigo que precipitou os escritos coloridos para aplacar o clamoroso ceticismo de sua consciência física, e nesse caso o fenômeno dele e o de H.P.B. seriam algo análogos.

Mencionei alhures o fato de ter *H.P.B.* feito para mim um quadro em cetim, que me mostrou o estágio atingido por *Oxon* em sua tentativa para conquistar o poder de projetar seu *Duplo* pela força do poder concentrado da vontade. Será melhor eu dar agora os detalhes:

Uma noite, no outono de 1876, estávamos trabalhando, eu e ela, em Ísis, de lados opostos da nossa mesa de trabalho, e entramos numa discussão dos princípios envolvidos na projeção *consciente do Duplo*. Devido à sua primitiva falta de familiaridade com esses assuntos, ela não era então muito hábil para explicar questões científicas, e achei difícil entender o que ela queria dizer. Seu temperamento explosivo levava-a, nessas ocasiões, a xingar-me de idiota, e dessa vez ela poupou suas expressões de impaciência à minha pretensa burrice. Por fim, fez o melhor que podia fazer oferecendo-se para mostrar-me num quadro como se estava processando a evolução de *Oxon*, e cumpriu imediatamente a promessa. Levantando-se da mesa, foi e abriu uma gaveta, da qual tirou um rolinho de cetim branco — sobra, creio eu, de um pedaço que ela havia comprado em Filadélfia — e, deixando-o na mesa diante de mim, cortou um pedaço do tamanho que queria, feito o que, devolveu o rolo a seu lugar e sentou-se. Deixou o pedaço de cetim diante de si, virado para baixo, meio coberto com uma folha limpa de papel mata-borrão, e apoiou nele os cotovelos enquanto enrolava e acendia um novo cigarro. Logo depois

pediu-me para ir-lhe buscar um copo d'água. Eu disse que ia, mas fiz-lhe primeiro algumas perguntas que demandavam uma resposta e alguma demora. Entrementes eu estava de olho na borda exposta do cetim, determinado a não perdê-la de vista. Logo, notando que eu não dava sinal de me mover, ela perguntou-me se não pretendia ir buscar-lhe a água. "*Ah, claro*", disse eu, "*só estou esperando para ver o que você vai fazer com aquele cetim.*" Ela deu-me uma olhada com raiva, como se visse que eu não tencionava deixá-la sozinha com o cetim, e então baixou o punho fechado sobre o mata-borrão, dizendo: "*Vou tê-lo agora, neste minuto!*" Daí, levantando o papel e virando o cetim, passou-o a mim. Imaginem, se puderem, a minha surpresa! Descobri, no lado brilhante, um quadro a cores, de natureza extraordinária⁹⁸. Era um excelente retrato, apenas a cabeça, de *Stainton Moses* como ele era então, quase uma duplicata de uma de suas fotografias que eu tinha, "*alinhas*", na parede da sala sobre a prateleira da lareira. Do cocoruto saíam centelhas de chama dourada; nos lugares do coração e do plexo solar havia fogos vermelhos e dourados, como se brotassem de pequenas crateras; a cabeça e o lugar do tórax estavam envoltos em nuvens circulares de aura azul puro, todas salpicadas de ouro; e a metade inferior do espaço onde o corpo deveria estar estava envolvida em nuvens redondas de vapor róseo e cinzento, ou seja, de auras de qualidade inferior às das culminâncias superiores.

Naquele estágio de minha educação ocultista, eu nada ouvira sobre os *seis chakrams*, ou *centros de evolução psíquica* no corpo humano, mencionados nos *S'astras da Yoga* e familiares a qualquer estudioso de *Patanjali*. Portanto, não apreendi o significado dos dois *vórtices chamejantes* sobre as *regiões cardíaca e umbilical*; mas a minha posterior familiaridade com o assunto confere a esse quadro

⁹⁸ O processo de fotogravura não se tendo ainda desenvolvido a ponto de fotografar em cores, nosso recorte representa apenas muito mal o quadro original em cetim.

de cetim um valor maior, já que ele mostra que o oculista prático que o fez aparentemente sabia que, no processo de desentranhar o corpo astral do corpo físico, a vontade deve focalizar-se sucessivamente nos diversos centros nervosos, e o desmembramento deve ser completado em cada etapa antes de se passar ao próximo centro na ordem seqüencial. Interpreto o quadro como significando que a experiência de *Stainton Moses* estava sendo conduzida mais como um processo intelectual do que como um processo espiritual, e eis por que tinha ele formado completamente a cabeça deixando-a pronta para projeção, ao passo que as outras partes de seu corpo astral se encontravam num estado de perturbação nebulosa, não tendo ainda se fixado no estágio de rúpa ou forma. As nuvens azuis representariam a qualidade pura, mas não das mais luminosas, da aura humana — descrita como brilhante ou radiante; um nimbo prateado. Os salpicos de ouro, contudo, que se vêem flutuando no azul, simbolizam centelhas do espírito, a "centelha prateada no cérebro", tão belamente descrita por *Bulwer em seu Strange Story*, enquanto que os vapores cinzentos e róseos das partes inferiores mostram as auras de nossas qualidades corpóreas e animais. Este cinza torna-se mais e mais escuro à medida que o animalismo do homem prepondera sobre seu intelecto, sua moral e suas qualidades espirituais, até que no totalmente depravado, como nos conta o clarividente, é negro como tinta. A aura daquele que está no caminho do adepto é descrita como sendo uma mistura de tons de ouro e prata, como, tenho certeza, alguns dos meus leitores devem conhecer de observação pessoal, e como os poetas e pintores de todas as eras pintaram em seus mais sublimes vôos de percepção espiritual. Este *Téjas ou luz anímica* se irradia do rosto do místico, iluminando-o com um fulgor que, uma vez visto, jamais poderá ser confundido. É o "semblante irradiante" dos anjos bíblicos, a "glória do Senhor", a luz que se irradiava

da face de *Moisés* quando ele desceu do Monte com tal esplendor que os homens não lhe suportavam a visão do semblante; uma radiância que até transfigura as roupas daquele que as veste em "*vestes resplandecentes*". Os hebreus denominam-no *shekinah*, e ouvi certa vez uns judeus de Bagdá usarem o termo para descrever o rosto de um visitante inclinado às coisas do espírito. Assim, também, a palavra "*radiante*" é aplicada de modo semelhante por várias outras nações; os espíritos puros e os homens puros resplandecem com luz branca, os maus e os viciosos estão velados em escuridão.

No caso de outro retrato precipitado, feito por *H.P.B.*, não se mostrou aura: refiro-me ao de um *iogue indiano*, descrito no *Occult World* e no *Incidents in the Life of Mme. Blavatsky de Sinnett*; os documentos a respeito desse retrato foram originalmente publicados no *Spiritualist*, pouco depois da ocorrência de incidente. Aconteceu assim: Um dia, no caminho para o "*Lamastério*", parei no *Clube Lótus* e apanhei alguns papéis de carta e envelopes do clube para usá-los em casa quando precisasse. Era tarde quando cheguei em casa, e *H.P.B.* já estava à mesa de jantar, com o *Sr. Judge* e a *Dra. Marquette* como convidados. Deixei o pacote de material de escrita em minha escrivaninha no escritório (sendo que, entre este e a sala de jantar, havia, aliás, uma parede morta), fiz uma toailete rápida, e fui para o meu lugar à mesa. Ao fim do jantar, tínhamos passado a conversar sobre precipitações, e *Judge* perguntou a *H.P.B.* se ela não podia fazer para nós o retrato de alguém. Quando estávamos passando para o escritório, ela perguntou-lhe o retrato de quem ele queria que fosse feito, e ele escolheu o desse *iogue* em particular, que conhecíamos de nome como tido em grande consideração pelos *Mestres*. Ela foi à minha mesa, pegou uma folha do meu papel timbrado do clube, rasgou-a em duas metades, segurou a metade sem timbre e deitou-a sobre o seu próprio papel mata-

borrão. Daí, raspou talvez um grão da grafita de um lápis preto marca Faber sobre o papel, e esfregou a superfície deste por um minuto mais ou menos, com um movimento circular da palma da mão direita, após o que, passou-nos o resultado. Surgira no papel o retrato desejado, e, deixando inteiramente de lado a questão de sua natureza fenomenológica, é uma produção artística de força e gênio. *Le Clear*, o notável pintor americano de retratos, declarou-a única, um "*original*" no sentido técnico, algo que nenhum artista vivo, no âmbito do conhecimento dele, poderia ter produzido. O *iogue* é mostrado em *Samâdhi*, a cabeça um pouco tombada para o lado, os olhos profundamente introspectivos e mortos para as coisas externas, o corpo parecendo o de um locatário ausente. Cabelo e barba são de comprimento médio, o primeiro desenhado com tal mestria que se percebem as mechas eretas, por assim dizer — efeito este que se obtém em boas fotografias, mas difícil de imitar com lápis ou crayon. O retrato está num meio difícil de distinguir: devia ser crayon preto, sem esfuminho, ou lápis preto; mas não há nem poeira nem brilho na superfície para indicar qual deles, nem quaisquer marcas de esfuminho ou a ponta usada: se se segurar o papel na horizontal, contra a luz, imagina-se que o pigmento estivesse abaixo da superfície, combinado com as fibras. Este quadro incomparável foi submetido posteriormente, na Índia, à afronta de ser esfregado com goma elástica, para satisfazer à curiosidade de um de nossos membros indianos, que o tomara emprestado por especial deferência "*para mostrá-lo à sua mãe*", e o qual quis ver se o pigmento estava na realidade sobre ou sob a superfície! O efeito dessa experiência de vandalismo é agora visível na obliteração de parte da barba, e meu pesar pelo desastre não se atenua nem um pouco por eu saber que ele não se deveu à malícia, mas à ignorância e ao espírito de curiosidade infantil. O nome do iogue sempre foi pronunciado por *H.P.B.* como "*Tiravalá*", mas desde que vim morar

em *Madras*, bem posso imaginar que ela quisesse dizer *Tiruvalluvar*, e que o retrato, agora pendurado na *Galeria da Biblioteca de Adyar*, é realmente o do reverenciado filósofo da antiga *Mylapur*, mestre e amigo dos párias pobres. Quanto à questão de estar ele ainda em seu corpo ou não, não posso aventurar-me a uma afirmação, mas, pelo que *H.P.B.* costumava dizer sobre ele, sempre deduzi que estivesse. Mesmo que, para o resto do mundo, à exceção dos hindus, isso pudesse parecer incrível, já que, diz-se, ele escreveu seu imortal "*Kural*" há coisa de uns mil anos! No Sul da Índia, ele é classificado com um dos Siddhas, e, como os outros dezessete, diz-se que ainda está vivo no *Tirupati* e nas *Colinas Nilgiri*; mantendo-se alerta e vigilante sobre a religião hindu. Estas *Grandes Almas*, que se mantêm fora da vista humana, ajudam, pela sua poderosa força de vontade, os amigos e promotores dessa religião, e todos os que amam a espécie humana. Que sua bênção esteja conosco!

Ao lembrar acontecimentos para esta narrativa, ocorre-me o fato de que não há aura ou ardor espiritual representado ao redor da cabeça do iogue, embora a explicação de *H.P.B.* sobre ele coincida com a de seus admiradores indianos, como tendo ele sido uma pessoa da mais alta espiritualidade de aspirações e do mais puro caráter.

A mesma observação se aplica ao primeiro retrato de meu *Guru*, feito em Nova York em crayons branco e preto por *M. Harrisse*: não há nimbo. Nesse caso, pelo menos, posso dar testemunho da parença, juntamente com outros que tiveram a felicidade de vê-lo. A produção do retrato foi, como a daquele feito à óleo em Londres, em 1884, por *Herr Schmiechen*, exemplo da transferência de pensamento. Acho que nunca antes publiquei esses fatos, mas de qualquer modo, eles mereciam um lugar neste retrospecto histórico.

A gente, naturalmente, gosta de possuir o retrato de um correspondente distante com quem se teve importantes relações; tanto mais, então, o de um mestre espiritual, cujo relacionamento veio a substituir, na *consciência da gente*, um ideal de vida terra-a-terra por outro mais nobre. Eu desejava ardentemente poder ter na minha sala ao menos o retrato de meu reverendo *Mestre*, já que não o pude ver em vida; havia muito que eu importunava *H.P.B.* para que o conseguisse para mim; e ele me fora prometido para a ocasião oportuna. Neste caso, minha colega não teve permissão para precipitá-lo para mim, mas recorreu-se a um método mais simples, embora mais instrutivo de produção: fez-se com que alguém que não era médium nem ocultista o desenhasse para mim, sem saber o que estava fazendo. *M. Harrisse*, nosso amigo francês, era meio artista, e certa noite, quando a conversa girava em torno da bravura da *Índia e de Rajput*, *H.P.B.* sussurrou-me que ia tentar fazê-lo desenhar o retrato de nosso *Mestre*, se eu pudesse fornecer os materiais. Não havia nada em casa, mas fui a uma loja próxima e comprei uma folha de papel adequado e crayons brancos e pretos. O lojista fez o embrulho, passou-mo pelo balcão, pegou a moeda de meio dólar que lhe dei, e saí da loja. Ao chegar a casa, desfiz o embrulho e, quando acabei de fazê-lo, caiu ao chão a quantia de meio dólar, em duas peças de um quarto cada! Como se verá, o *Mestre* quis dar-me seu retrato sem que eu tivesse despesas. Então, *H.P.B.* pediu a *Harrisse* que nos desenhasse a cabeça de um comandante hindu, do jeito que ele a imaginasse. Disse ele que não tinha na mente uma idéia nítida sobre a qual trabalhar, e que queria desenhar para nós outra coisa qualquer; mas, para que eu lhe desse sossego, passou a desenhar uma cabeça de hindu. *H.P.B.* mandou-me ficar quieto, do outro lado da sala, e ela própria foi sentar-se perto do artista e ficou fumando em silêncio. A intervalos, ia suavemente para trás dele como a observar o progresso de seu trabalho, mas não

falou até que a obra estava pronta, digamos por uma hora. Recebi o retrato com gratidão, mandei enquadrá-lo e pendurei-o em meu pequeno quarto de dormir. Mas acontecera uma coisa estranha. Depois de darmos ao quadro uma última olhada, enquanto ele estava diante do artista, e enquanto *H.P.B.* pegava-o dele e o passava a mim, apareceu no papel a assinatura criptográfica de meu *Guru*; desta forma apunha-se, por assim dizer, seu *imprimatur*, realçando grandemente o valor de seu presente. Mas, naquela época, eu não sabia se o retrato assemelhava-se ou não ao *Guru*, já que ainda não o tinha visto. Mais tarde, quando o vi, achei-o verdadeiramente parecido, e, sobretudo, fui presenteado por ele com o turbante que o artista amador desenhara no quadro, cobrindo-lhe a cabeça. Aí estava um genuíno caso de transferência de pensamento, a transferência do retrato de uma pessoa ausente para a consciência cerebral de um perfeito estranho. Terá ele ou não passado pelo pensamento de *H.P.B.* Acho que sim. Acho que foi realizado de forma semelhante àquela pela qual imagens mentais de figuras geométricas e outras foram transferidas para terceiros, nas convincentes experiências registradas pelo *S.P.R.* em seus primeiros relatórios publicados. Com a diferença, porém, de que a própria memória de *H.P.B.* forneceu o retrato a ser transferido para a mente de *Harrisse*, e os poderes ocultos exercitados dela capacitaram-na a efetuar a transferência direta, isto é, sem intermediário, vale dizer, sem a necessidade de se fazer primeiro o desenho num cartão, para que ela o visualizasse mentalmente para depois passá-lo ao cérebro receptor. A pintura, por *Schmiechen*, dos magníficos retratos a óleo do mesmíssimo *Mestre*, agora na *Biblioteca de Adyar*, foi uma circunstância ainda mais interessante, pois as fisionomias são tão perfeitas e tão admiráveis que parecem dotadas de vida. Os olhos falam à gente e tocam-nos no fundo do coração; o olhar nos acompanha quando a gente se movimenta por perto; os lábios parecem a ponto

de proferir, conforme se possa merecer, palavras de bondade ou de reprovação. São mais uma inspiração do que uma ilustração de transferência de pensamento. O artista fez deles duas ou três cópias, mas nenhuma destas tem em si a alma que os originais contêm. Não foram feitas com a divina disposição da inspiração, e nelas não se focaliza o poder da vontade dos *Mestres*. Os originais são o paládio de nossa sede, as cópias, como imagens vistas em espelho, possuem os detalhes de forma e cor, mas são desprovidas do espírito energizante.

CAPÍTULO XXIV: Projeção do Duplo

Todas as teorias e especulações sobre a *dúplice corporeidade* do ser humano, isto é, o fato de possuir ele um *corpo astral ou fantasmal*, bem como um *corpo físico*, só conduz ao ponto em que se exigem provas antes de prosseguir adiante. É tão incrível para o espírito materialista, como fenômeno que transcende a experiência comum, que é mais provavelmente colocado de lado como um sonho do que aceito sequer como hipótese de trabalho. Este, na verdade, tem sido o tratamento que lhe dispensa a média dos cientistas, e quando um investigador mais corajoso que o comum afirma sua crença nesta teoria, arrisca aquela reputação de fria cautela que se presume — com risível inconsistência não obstante - ser a marca do verdadeiro descobridor científico. Apesar de terem sido publicados, em diferentes ocasiões, muitos livros tão precisos e sugestivos quanto o de *D'Assier*⁹⁹, sendo, entre eles, o principal o *Phantasms of the Living*¹⁰⁰, dos Srs. Gurney, Myers e Podmore, com uma sólida frente de fatos impossíveis de negar, embora difíceis de acreditar. O caso parece agora ter sido amplamente provado pela compilação de alguns milhares de fenômenos observados deste tipo; e parece ter chegado a época em que o metafísico que os ignorar não tenha o direito de querer ser tido na conta de fidedigno professor de homens. Mas, enquanto que a razão pode estar convencida por este atavio de fatos, a existência real do corpo astral, e a possibilidade de sua separação do "*invólucro*" físico durante a vida só podem ser conhecidos de uma ou duas maneiras — vendo-se o corpo astral de outrem, ou projetando-se o próprio corpo astral e vendo-se o corpo físico *ab extra*. Com qualquer destas experiências, a gente pode dizer que **SABE**; com ambas, o

⁹⁹ *Posthumous Humanity: a Study of Phantoms* (i.e. Humanidade Póstuma: Estudo sobre Fantasma).

¹⁰⁰ "*Fantasma de Vivos*" (N. do T.).

conhecimento torna-se absoluto e inabalável. Tive ambas. Como testemunho, testifico pela verdade para auxiliar meus camaradas de trabalho. Omito, fazendo-lhes simples menção, os incidentes em que vi *H.P.B.* em seu corpo astral numa rua de Nova York, enquanto seu corpo físico estava em Filadélfia; ou aquele em que vi, de maneira semelhante, um amigo que estava, então, em seu corpo num Estado do Sul, a várias milhas de distância; aquele em que vi num trem americano e num vapor americano, determinado adepto que estava então fisicamente na Ásia; aquele em que recebi, das mãos de outro adepto, em *Jummu*, um telegrama que me fora enviado de Madras por *H.P.B.*, e enviado pelo adepto sob o disfarce do telegrafista de *Cachemira*, cuja aparência ele emprestou momentaneamente para esse fim, dissolvendo-se um momento depois no *luar do plenilúnio*, quando fui até a porta para olhá-lo; aquele em que fui saudado, na *Ponte Worli*, em Bombaim, por outro desses homens majestosos, noutra noite tropical, quando estávamos *eu, H.P.B e Damodar*, sentados em nosso *fáeton*, gozando o alívio do calor e a brisa refrescante do mar; vi-o encaminhar-se para nós de uma pequena distância, avançar até bem do lado da carruagem, pousar a mão na de *H.P.B.*, afastar-se umas cinquenta jardas, e desaparecer subitamente de nossa vista na calçada sem árvores, arbustos ou outros locais de esconderijo, em pleno resplendor do raio. Omito esta e outras experiências semelhantes, para chegar àquela que foi, de todas, a mais momentosa em suas conseqüências sobre o curso de minha vida. A história já foi contada antes, mas ganhou um lugar na presente retrospectiva, pois foi a principal causa que me levou a abandonar o mundo e vir para o meu lar indiano. Foi, em conseqüência, um dos principais fatores na edificação da *Sociedade Teosófica*. Não quero dizer que sem ele eu não tivesse vindo à Índia, pois meu coração instava-me a vir, desde a época em que aprendi o que a Índia tinha sido para o mundo, e o que devia ser feito

novamente. Possuía-me um insaciável anseio de vir à terra dos *Rishis* e dos *Buddhas*, a Terra Santa entre as terras, mas eu não conseguia ver claro o meu caminho para quebrar os laços de circunstâncias que me prendiam à América, e devia sentir-me impelido a adiar a coisa para aquela "*ocasião oportuna*" que tão freqüentemente nunca chega para aquele que adia e espera pelo curso dos acontecimentos. Esta experiência em questão, contudo, decidi meu destino, num instante as dúvidas se dissiparam, e a clara presciência de um desígnio estabelecido mostrou-me o caminho, e, antes que surgisse a aurora daquela noite insone, comecei a imaginar os meios e a dirigir todas as coisas para esse fim. O acontecimento foi assim:

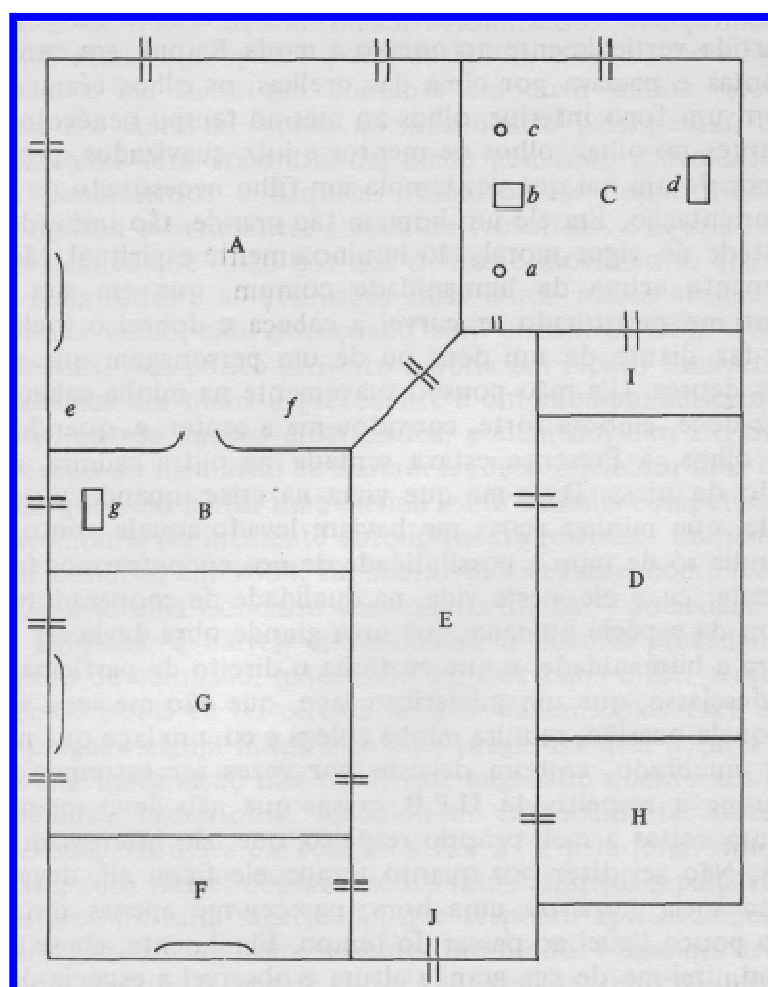
Terminado nosso trabalho da noite em *Ísis*, desejei boa-noite a *H.P.B.*, retirei-me para o meu próprio quarto, fechei a porta como de costume, sentei-me para ler e fumar, e logo estava absorvido no meu livro, o qual, se bem me lembro, era o *Traveis in Yucatan*¹⁰¹ de *Stephens*; de qualquer modo, não era um livro sobre fantasmas, nem um livro que visasse, o mínimo que fosse, a estimular a imaginação de alguém para a visão de espectros. Minha mesa e cadeira estavam à esquerda, à frente da porta, a cama de campanha à direita, a janela de frente para a porta, e sobre a mesa havia um bico de gás na parede. A simples planta baixa que se segue dará uma idéia correta das instalações do "Lamastério", embora sem precisão quanto às medidas.

Explicação — **A**, nossa sala de trabalho e recepção; **B**, quarto de *H.P.B.*; **C**, meu quarto; **D**, um quartinho escuro; **E**, corredor; **F**, cozinha; **G**, sala de jantar; **H**, banheiro; **I**, armário embutido suspenso; **J**, porta externa do apartamento, abrindo para a escada de casa, sempre fechada com uma tranqueta de mola, e trancada de

¹⁰¹ *Viagens no Iucatã* (N. do T).

noite. No meu quarto, **a** é a cadeira onde eu estava sentado, lendo; **b**, a mesa; **c**, a cadeira onde se sentou o visitante durante a entrevista; **d**, minha cama de vento. Em nosso gabinete de trabalho, **e** é o lugar do relógio cuco na parede, e **f** o local das prateleiras suspensas contra as quais me machuquei. Em **B**, **g** representa o local da cama de *H.P.B.* A porta do meu quarto, como se verá, ficava à minha direita quando eu estava sentado,- e sua abertura seria imediatamente notada, tanto mais que, por tudo o que me lembre agora, ela estava trancada. Que eu não seja mais positivo, não parecerá estranho em vista da excitação mental na qual me lançaram os acontecimentos do momento, acontecimentos tão espantosos que me fizeram esquecer vários detalhes menores, os quais, com maior frieza de espírito, talvez tivessem ficado retidos na minha memória.

Oitava Avenida



Eu estava lendo tranquilamente, com toda a minha atenção focalizada em meu livro. Nada, nos acontecimentos da noite, tinha-me preparado para ver um adepto em seu corpo astral; eu não o tinha desejado, não o tinha tentado conjeturar na imaginação, nem esperara por isso nem um pouco. Subitamente, enquanto eu lia com o ombro um pouco virado contra a porta, surgiu um clarão de algo branco no canto direito de meu olho, voltei a cabeça, deixei cair o livro, abismado, e vi elevar-se acima de mim, em sua grande estatura, um oriental vestido de roupas brancas e usando um turbante de tecido com listras cor de âmbar, bordado à mão em fio de seda amarelo. Cabelos longos, negros e brilhantes, caíam-lhe de sob o turbante sobre os ombros; a barba negra, repartida verticalmente no queixo à moda *Rajput*, era enrolada nas pontas e passava por cima das orelhas; os olhos eram animados com um fogo interior, olhos ao mesmo tempo benévolos e penetrantes no olhar, olhos de mentor e juiz, suavizados, porém, pelo amor de um pai que contempla um filho necessitado de conselho e orientação. Era ele um homem tão grande, tão imbuído da majestade do vigor moral, tão luminosamente espiritual, tão evidentemente acima da humanidade comum, que em sua presença senti-me perturbado, e curvei a cabeça e dobrei o joelho como se faz diante de um deus ou de um personagem que se pareça aos deuses. *U'a mão* pousou suavemente na minha cabeça, e uma voz doce, embora forte, convidou-me a sentar, e, quando levantei os olhos, a *Presença* estava sentada na outra cadeira, do outro lado da mesa. Disse-me que viera na *crise*, quando eu precisava dele, que minhas ações me haviam levado àquele ponto, que dependia só de mim a possibilidade de nos encontrarmos freqüentemente, eu e ele, nesta vida, na qualidade de cooperadores para o bem da espécie humana; que uma grande obra devia ser realizada para a humanidade, e que eu tinha o direito de participar dela, se o desejasse; que um

misterioso laço, que não me seria explicado naquela ocasião, reunira minha colega e eu, um laço que não podia ser quebrado, embora devesse por vezes ser estremecido. Contou-me a respeito de *H.P.B.* coisas que não devo repetir, assim como coisas a meu próprio respeito, que não interessam a terceiros. Não sei dizer por quanto tempo ele ficou ali, deve ter sido uma meia hora ou uma hora; pareceu-me apenas um minuto, tão pouco liguei ao passar do tempo. Finalmente, ele se levantou, e admirei-me de sua grande altura e observei a espécie de esplendor em seu semblante — não um brilho externo, mas o suave resplendor, por assim dizer, de uma luz interior — a do espírito. De repente, veio-me à mente o pensamento: "*E se isto for apenas uma alucinação; e se H.P.B. tiver lançado sobre mim um feitiço hipnótico? Quero ter um objeto tangível para provar-me que ele realmente esteve aqui, algo que eu pudesse manusear depois que ele tenha ido embora!*" O Mestre sorriu bondosamente, como se lendo meu pensamento, desamarrou da cabeça o *fehtâ*, deu-me um benévolo adeus e se foi: a cadeira dele estava vazia, eu estava só com minhas emoções! Mas não exatamente só, pois na mesa jazia o turbante bordado, prova tangível e duradoura de que eu não fora iludido, ou psiquicamente feito de bobo, mas estivera cara a cara com um dos *Irmãos Decanos da Humanidade, um dos Mestres de nossa raça de difícil aprendizado*. Meu primeiro impulso foi correr e ir bater à porta de *H.P.B.* e narrar-lhe minha experiência, e ela ficou tão contente em ouvir minha estória quanto eu em contá-la. Voltei ao meu quarto para pensar, e a manhã cinzenta veio encontrar-me ainda pensando e decidindo. Daqueles pensamentos e daquelas resoluções se desenvolveram todas as minhas subseqüentes *atividades teosóficas*, e aquela lealdade aos *Mestres* que estão por trás de nosso movimento, que os choques mais rudes e as decepções mais cruéis nunca abalaram. Tenho, desde então, sido abençoado com encontros

com este e outros *Mestres*, mas pouco proveito haveria em repetir a narrativa de experiências das quais a precedente é um exemplo suficiente. Entretanto, outros, menos afortunados, podem duvidar, ***EU SEI***. Em atenção ao meu ideal de franqueza, devo lembrar uma circunstância que veio lançar uma dúvida sobre a minha competência como testemunha do incidente anteriormente relatado. Enquanto estava em Londres, em 1884, fui submetido a exame, como testemunha, perante uma *Comissão Especial da S.P.R. — Sociedade de Pesquisa Psíquica*, e narrei, entre outras, a história precedente. Um membro da comissão, inquirindo-me, por assim dizer, perguntou-me como podia eu ter certeza de que *Madame Blavatsky* não tinha empregado algum hindu alto para pregar-me essa peça, e de que a minha imaginação não me tivesse enganado quanto aos supostos detalhes misteriosos. Assediou-me então uma tal aversão pela cruel suspeita deles em relação a *H.P.B.*, e pela tergiversação que faziam, com visível desonra, sobre fatos espirituais palpáveis, sob o disfarce de falsa sagacidade, que respondi apressadamente nunca ter visto, até aquele momento, um hindu. Fugiu-me inteiramente do espírito o fato de eu ter, na verdade, feito em 1870, a viagem através do Atlântico em companhia de dois cavalheiros hindus, um dos quais, *Mooljee Thackersey*, tornou-se depois nosso amigo íntimo em Bombaim. Foi um nítido caso de amnésia (perda de memória), pois eu não tinha a menor intenção ou interesse em esconder um fato tão banal; o encontro de 1870, quatorze anos antes do exame a que me submeteu a *S.P.R.*, não me deixara na memória uma tal marca que viesse a ser evocada no meu momento de raiva, e assim a força de meu testemunho enfraqueceu-se àquele ponto. Um encontro com hindus, mais ou menos cinco anos antes de eu conhecer *H.P.B.*, e, por intermédio dela a verdadeira Índia, não teria sido de capital importância para um homem de múltiplos e variados conhecimentos pessoais e aventuras, como eu. Foi,

sim, amnésia; mas ter um lapso de amnésia não é mentir, e minha história é verdadeira, ainda que alguns possa— duvidar dela. E este é o local adequado para eu dizer que, como alguns de meus capítulos foram escritos em viagem, estando eu longe de meus livros e papéis, e, especialmente, já que grande parte de meu relato é escrito apenas de memória, sobre fatos passados há tanto tempo, peço indulgência para quaisquer equívocos involuntários que possam ser descobertos. Tento ao máximo ser preciso e certamente serei verdadeiro.

Passo agora às minhas experiências pessoais de projeções do *Duplo*. Com relação a este fenômeno, deixem-me dar uma palavra de cautela ao estudioso menos avisado de psicologia prática: *o poder de retirar do corpo físico o corpo astral não é, necessariamente, prova de alto desenvolvimento espiritual*. Talvez a maioria dos que fazem incursões fortuitas ao ocultismo acredite no contrário, mas estão errados. Uma primeira prova, e que basta, é o fato de a emergência do corpo astral suceder muito freqüentemente a homens e mulheres que dispensaram pouco ou nenhum tempo à pesquisa oculta, não se dedicaram a seguir qualquer sistema iogue, não fizeram qualquer tentativa de conseguir a coisa, geralmente ficaram amedrontados ou muito confusos e incomodados quando convictos do fato, e não se revelaram nem um pouco notáveis, sobre o comum das pessoas, pela sua pureza de vida e pensamento, espiritualidade de ideal, ou "*dons do espírito*" aos quais se referem as *Sagradas Escrituras*; freqüentemente é bem o contrário. Então, mais uma vez, os anais da *Arte Negra* abundam em inumeráveis exemplos de projeção visível e invisível (exceto por clarividência) do *Duplo* por pessoas perversas inclinadas ao mal, de bilocações, assombração de vítimas odiadas, disfarces licantrópicos, e outras "*bruxarias malditas*". Então, novamente, há três ou quatro mil casos de projeções do *Duplo*, ou mais, por todos os tipos de homens e em todos os estados,

alguns nada melhores do que deviam ser, se não ocasionalmente bem piores, dos que foram registrados e investigados pela *S.P.R.*, e ainda mais os milhares deles não armazenados nos celeiros de ferro fundido dela. Todos se combinam para provar a verdade da minha advertência — que não se deve pelo menos acolher o mero fato de que certa pessoa pode viajar — não importa se consciente ou inconscientemente — no corpo astral, como evidência de que essa pessoa é melhor, mais sábia, mais avançada espiritualmente, ou melhor qualificada para servir de *Guru*, do que qualquer outra pessoa que não seja assim dotada. O fato é, simplesmente, sinal de que o sujeito da experiência, por uma propriedade congênita ou por esforço desenvolvido, fez com que o corpo astral se soltasse em seu invólucro, tornando-lhe assim mais fácil o sair e voltar novamente, quando o corpo exterior esteja natural „ou hipnoticamente adormecido, e portanto, submisso. Neste contexto, o leitor há de lembrar-se da experiência que *H.P.B.* fez para mim, neste sentido, do quadro de *M.A. Oxon* em cetim. De uma forma ou de outra, nunca encontrei tempo para autotreinarmos em ioga, desde que assumi a minha linha de trabalho prático em nosso movimento teosófico. Jamais pareci importar-me com o ter ou não adquirido poderes psíquicos, jamais aspirei à condição de *Guru*, nem me importei com poder ou não atingir a *Libertação* durante esta vida. *O servir à humanidade sempre me pareceu a melhor das iogas, e a capacidade de fazer mesmo que um pouco pela difusão do conhecimento e a redução da ignorância, uma grande recompensa.* Assim, naqueles primeiros dias, nunca me passou pela cabeça que eu devesse exercitar-me como vidente ou fazedor de prodígios, metafísico ou adepto, mas prossegui, todos estes anos, na pista que me foi dada por um *Mestre*, de que o melhor meio de se dirigir a eles era através da *Sociedade Teosófica*: uma esfera humilde, talvez, mas que está bem dentro das minhas

limitadas capacidades, totalmente compatível e ao mesmo tempo útil. Falando nas minhas primeiras saídas do corpo, não devo portanto ser interpretado como se me estivesse vangloriando de um suposto grande desenvolvimento espiritual, nem pretendendo jactar-me de uma especial destreza como psíquico. O fato é, presumo, que me ajudaram a alcançar isto, com muitas outras experiências psíquicas, como base da educação especial necessária a alguém a quem tivesse sido designado um trabalho como o meu.

Eis um dos meus fatos: uma noite, em 1876, eu e *H.P.B.* — morávamos então na Rua 34 Oeste¹⁰² — tínhamos acabado de escrever um capítulo do rascunho original de *Ísis Revelada*, ao nos despedirmos por aquela noite, pusemos de lado a grande pilha de material, numa caixa de papelão, com a primeira página por cima, e a última no fundo da pilha. Ela ocupava o apartamento exatamente abaixo do meu, no segundo andar do prédio, e nós dois, naturalmente, trancávamos nossas portas externas para manter-nos seguros contra ladrões. Enquanto eu tirava a roupa, ocorreu-me que se tivesse acrescentado, à frase final do último parágrafo, três determinadas palavras, o sentido de todo o parágrafo teria sido reforçado. Fiquei com medo de que pudesse tê-las esquecido pela manhã, e então deu-me na veneta ir, em meu *Duplo*, ao estúdio do andar de baixo e talvez escrevê-las por via fenomenológica. Nunca, antes, eu tinha viajado assim, conscientemente, mas sabia como tentá-lo, a saber: fixando firmemente no espírito a intenção de fazer a coisa, quando estivesse caindo no sono, e assim fiz. Eu não soube mais nada até a manhã seguinte, quando, após vestir-me e tomar meu café da manhã, parei no apartamento de *H.P.B.* para dar-lhe um até logo antes de ir para o escritório. "*Bem*", disse ela. "*quer me dizer que diabo você estava fazendo aqui a noite passada, depois que foi*

¹⁰² Não era o "Lamastério", mas o local em que residíamos antes de ir para lá.

se deitar?" "Fazendo?", repliquei, "o que você quer dizer?" "Porque", tornou ela, "eu tinha ido para a cama e estava lá, quieta, quando, olha aí! Vi o corpo astral do meu Olcott fluindo pela parede. E você parecia também bastante estúpido e sonado! Falei com você, mas você não respondeu. Foi para o estúdio e ouvi-o fuçar nos papéis; e foi só. Do que é que você estava atrás?" Contei-lhe então sobre a experiência pretendida: fomos juntos ao outro cômodo, despejamos a pilha de originais, e, na última página, no fim do parágrafo final, achamos duas das três palavras pretendidas, totalmente escritas com a minha própria letra, e a terceira, começada, mas não terminada: parece que se esgotara o poder de concentração, e a palavra terminava num garrancho! Como manejei o lápis, se é que o manejei, ou como escrevi as palavras sem manejá-lo, não sei dizer: talvez eu tenha sido capaz, só aquela vez, de precipitar a escrita com a ajuda de um dos dementais benevolentes de *H.P.B.*, utilizando moléculas de grafita de um dos lápis que havia sobre a mesa junto ao manuscrito. Mas, seja como for, a experiência foi proveitosa.

O leitor deveria notar o fato de que a minha escrita fenomenológica se deteve no ponto em que eu, por inexperiência, deixava minha vontade extraviar-se do trabalho à mão. Fixá-la de maneira inarredável é algo indispensável, justamente por ser a concomitante necessária do bom trabalho no plano intelectual normal. No *Theosophist* de julho de 1888 (artigo intitulado "*Precipitated Pictures at New York*" - "*Quadros Precipitados em Nova York*"), explico a conexão entre a concentração do poder exercitado da vontade e a permanência de escritos, quadros e outras provas precipitadas do poder criativo da mente. Mencionei os detalhes, muito interessantes e sugestivos, da projeção do *Duplo* e da projeção de escrita, apresentados por *Wilkie Collins* em sua novela *The Two Destinies* — livro, à sua maneira, tão digno da

atenção de qualquer estudioso do ocultismo¹⁰³ quanto o *A Strange Story de Zanon*, ou *The Corning Race*, deste último autor. Citei, ainda, o caso do retrato de *Louis*, precipitado por mim e por *Mlle. Liebert*, que se desvaneceu na manhã seguinte, mas que *H.P.B.*, a pedido do *Sr. Judge*, fez reaparecer em seguida e "fixar-se" de modo a estar ainda tão nítido e novo, após um espaço de muitos anos, como quando foi feito. Mas quantidade alguma de leitura ou experimentação, em segunda mão, pode se comparar mesmo com uma pequena experiência original, como aquela minha, descrita anteriormente, em seu poder de nos fazer perceber a verdade da operação cósmica universal de o pensamento criar forma. O *s'loka Bahúsyam Prajdyejaiti* etc. (VI *Anuváka*, 29 *Valli*, *Taittiriya-Upanishad*), "*Ele (Brahma) desejou, possa eu ser muitos, possa eu avançar. Ele meditou sobre si mesmo. Depois de ter assim meditado, exalou tudo, tudo o que existe. Tendo-o exalado, entrou em tudo;*" é para mim profundamente instrutivo. Tem um significado incomensuravelmente mais profundo, mais verdadeiro e mais sugestivo para aquele que, ele próprio, meditou e então criou forma, do que para aquele cujos olhos apenas leram as palavras na página, sem que lhe ecoasse o assentimento de dentro de seu ser.

Lembro-me de outro caso meu, de projeção do meu *Duplo*, que ilustra a lei conhecida como de "*repercussão*". O leitor pode encontrar, na literatura relativa a bruxaria, feitiçaria e magia, os mais amplos subsídios para formar uma opinião correta sobre esse assunto. A palavra "*repercussão*" significa, nesse contexto, a reação a um golpe, facada ou outra machucadura, no corpo físico de alguém, quando infligidas ao seu *Duplo* enquanto projetado e deambulando como uma entidade separada: "*bilocação*" é a aparição simultânea de uma pessoa em dois

¹⁰³ Foi esse artigo que levou o *Sr. Collins* a escrever-me dizendo que, entre os incidentes de sua vida, nenhum o surpreendera mais do que o ter descoberto, pela minha nota sobre seu livro, que ele havia, por mero exercício da imaginação, aparentemente "*topado*" com uma das misteriosas leis da ciência oculta. (N.O.)

lugares, sendo que uma aparição é a do corpo físico, a outra, a do corpo astral, ou *Duplo*. *M. d'Assier* discute ambas, em seu *Posthumous Humanity*, e, na minha versão inglesa dessa excelente obra, acrescento ao tema minhas próprias observações pessoais. Falando da imposição de ferimentos a suas vítimas, por feiticeiros que tinham a capacidade de duplicar seu próprio corpo e visitar as vítimas no *Duplo*, diz o autor (pág. 224): "*A feiticeira entrava na casa daquele contra quem tinha uma desforra a tirar, e atormentava-o de mil maneiras. Se este último fosse decidido, e tivesse uma arma à mão, podia, muitas vezes, acontecer de ele golpear o fantasma, e, ao recobrar-se do transe, a feiticeira descobriria em seu próprio corpo os ferimentos recebidos durante a luta fantasmal.*"

Des Mousseaux, o escritor católico que combateu a feitiçaria e outras "*artes negras*", cita, dos arquivos jurídicos da Inglaterra, o caso de *Jane Brooks*, que perseguiu uma criança chamada *Richard Jones* de modo bastante malicioso. Em algumas das visitas dela, a criança gritava que o fantasma de *Jane* estava presente e simulava tocar a mulher com a ponta do dedo. Uma testemunha, por nome *Gibson*, saltando para o local indicado pela criança, acutilou o fantasma com uma faca, embora este só fosse visível para o menino. A casa de *Jane Brooks* foi imediatamente visitada por *Gibson*, em companhia do pai do menino e de um policial, e encontraram-na sentada no seu banquinho, segurando uma das mãos com a outra. Ela negou que lhe tivesse acontecido qualquer coisa à mão, mas, afastando-se-lhe a mão que segurava a outra, descobriram que esta estava coberta de sangue, e apresentava um ferimento exatamente como o que o menino dissera ter sido infligido à mão do fantasma pela *faca de Gibson*. Há registro de grande número de casos semelhantes, e todos vêm provar que qualquer acidente ou

ferimento que ocorra com o Duplo projetado reage e se reproduz, no mesmo local, no corpo físico¹⁰⁴. Isto me leva à minha própria experiência.

No nosso estúdio no "*Lamastério*", havia, pendurado na parede, ao lado da chaminé, um relógio cuco suíço, ao qual eu costumava, metodicamente, dar corda todas as noites antes de me retirar para meu próprio quarto. Uma manhã, quando fui para o espelho, depois do banho, notei que meu olho direito estava preto e azul, como se eu tivesse recebido um soco. Eu não tinha a menor explicação para o fato, e fiquei ainda mais confuso ao descobrir que não sentia dor na parte ofendida. Torturei, em vão, o meu cérebro em busca de uma explicação. No meu quarto não havia coluna, pilar, canto vivo, ou outro obstáculo do qual eu pudesse ter recebido a machucadura, supondo-se que eu tivesse caminhado sonhando - hábito esse que jamais adquiri, aliás. Mas também, um choque, que fosse suficientemente brutal a ponto de me pretejar o olho daquele jeito, ter-me-ia necessariamente acordado instantaneamente, ao passo que eu havia dormido a noite toda, tão calmo como de costume. E assim continuou a minha perplexidade, até que encontrei, à mesa do café da manhã, *H.P.B.* e uma amiga que dividira com ela a cama naquela noite. A amiga deu-me a chave do enigma, ao dizer: "*Bem, Coronel, o senhor deve ler-se machucado, na noite passada, quando veio dar corda ao cuco!*" "*Dar corda ao cuco*", repliquei, "*o que quer dizer com isso? Não trancou a porta quando fui para meu quarto?*" "*Sim*", disse ela, "*eu mesma a tranquei; e como, então, o senhor podia ter entrado? Mas tanto Madame como eu o vimos passar pelas portas corrediças do*

¹⁰⁴ A exata duplicidade dos corpos astral e físico no homem tem sido afirmada desde as eras mais remotas. É uma teoria oriental que o homem astral é produto de seu Karma passado, e que ele molda seu invólucro exterior de acordo com suas próprias qualidades inatas, tornando-o uma representação visível do mesmo. Esta idéia é sucintamente encarnada no seguinte verso de Spenser, em *Faerie Queene*:

*"For of the soul the body form doth take,
For soul is form, and doth the body make."*

*"Pois da alma o corpo toma a forma,
Pois aquela é forma, e este conforma."*

nosso quarto e o ouvimos puxar a corrente para dar corda ao relógio. Eu chamei, mas o senhor não me respondeu, e não vi mais nada." Bem, pensei eu, então, se entrei no quarto em meu Duplo e dei corda ao relógio, duas coisas são inevitáveis: a) o relógio deve mostrar que recebeu corda na noite passada, e não ter parado; b) deve haver algum obstáculo no meu caminho entre a porta e a chaminé, em frente, contra o qual eu pudesse ter batido o olho. Examinamos as premissas e constatamos:

1. O relógio estava funcionando e tinha, aparentemente, recebido corda na hora de costume.
2. Bem perto da porta havia, pendurada, uma pequena prateleira de livros, e a quina frontal mais afastada de uma das repartições era exatamente da altura necessária para pegar-me o olho, caso eu tivesse colidido com ela. Veio-me então a confusa recordação de estar-me movendo, do fundo da sala para a porta, com a mão direita esticada como que se protegendo da porta, de um choque súbito, na atitude de "*ver estrelas*" — como se diz comumente — e então... eu não me recordava de mais nada, até de manhã.

Isso, parece-me, é curioso; muito curioso que uma pancada, recebida na cabeça física, de molde a, quase inevitavelmente, acordar alguém imediatamente, tivesse, quando ocorrida sobre o *Duplo projetado*, deixado sua marca substancial após si, pela repercussão sobre o corpo físico, sem me fazer recobrar a consciência. E o caso é, igualmente, instrutivo sob outros aspectos. Ele mostra que, desde que as condições sejam favoráveis ao deslizamento do *Duplo para fora do corpo físico*, a "*duplicação*" provavelmente ocorre sob o estímulo de uma predisposição mental,

como, por exemplo, o hábito diário de fazer determinada coisa num horário fixo. Supondo que as condições não sejam favoráveis à "projeção" ou "duplicação", o sujeito, sob outro conjunto de condições, tornar-se-ia sonâmbulo, levantar-se-ia da cama e iria fazer aquilo que estivesse em sua mente, voltando depois à cama e dormindo profundamente sem se lembrar do que tivesse ocorrido. Os editores da tradução do Dabistan em língua inglesa dizem: *"É impossível fixar a época em que se originaram práticas e opiniões específicas... em particular a crença de que alguém possa atingir a faculdade de deixar o corpo e a ele retornar, ou considerá-lo como uma veste solta, que ele pode tirar à vontade para ascender ao mundo de luz, e, ao voltar, ser novamente unido aos elementos materiais. Todos estes assuntos são considerados muito antigos"* (Dabistan, Prefácio, lxxix). Uma das minhas experiências mais interessantes foi a de encontrar pessoas em diferentes partes do mundo, até então estranhas, que asseveraram ter-me visto em locais públicos, e que eu os visitara no corpo astral, tendo por vezes conversado com elas sobre assuntos ocultos, por vezes curado-as de doenças, por vezes, ainda, tendo ido, em companhia delas, ao plano astral, em visita aos nossos *Mestres*; isso tudo, porém, sem que eu guardasse qualquer lembrança dos diversos incidentes. Quando se pensa no assunto, porém, não é tão improvável, afinal de contas, que alguém cuja vida, em sua totalidade, e de quem todos os pensamentos e desejos conscientes se liguem a este nosso grande movimento, que nada deseja além do sucesso desse movimento, que não alimenta qualquer ambição além de impulsioná-lo para o seu objetivo final, levasse, para os domínios do sono, sua predisposição, e vogasse, através das correntes da *Luz Astral*, rumo aos seres afins, *ligados pelo mesmo magnetismo ao mesmo centro de atração de vontade e aspiração*. No seu sentido mais verdadeiro —

*"É a secreta afinidade,
O elo de prata, o laço de prata,
Que pode unir coração a coração,
Mente a mente, corpo e alma."*

CAPÍTULO XXV: Swami Dyanand

Se eu deixasse de apresentar o episódio de nossa breve e desagradável ligação com *Swami Dyanand Sarasvati* e sua *Arya Samaj*, esta não poderia ser chamada de uma verdadeira história dos começos de nossa *Sociedade*. Se pudesse, eu preferiria omitir totalmente o episódio, pois não é agradável registrar os detalhes de esperanças que se desvaneceram, de amargos mal-entendidos e ilusões desaparecidas. Agora, que tanto *H.P.B.* quanto o *Swami* estão mortos, e que se passaram dezesseis anos desde que votamos por uma fusão das duas sociedades, sinto-me liberado para apresentar a chave daquilo que foi, até aqui, uma espécie de mistério com relação ao incidente, e para explicar as causas ocultas da união e subsequente litígio entre nós e o grande *Pandit*.

Já contei tudo o que diz respeito à formação da *Sociedade Teosófica*, de como ela se originou, quais eram objetivos e metas declarados e de como ela gradualmente se reduziu a um organismo pequeno e compacto, cuja energia dual eram os dois *Fundadores*: mero núcleo da atual organização. Atrevo-me a dizer que não se pode apresentar uma linha sequer que venha mostrar que nossas opiniões religiosas foram alguma vez ocultadas ou deturpadas, seja a que credo esotérico for que tenham pertencido nossos correspondentes. Portanto, se o *Swami Dyanand* e seus seguidores um dia entenderam mal nossa posição e a da *Sociedade Teosófica*, o erro foi deles, não nosso. Nossos corações, de ambos, nos impeliavam para o Oriente, sonhávamos com a Índia, nosso principal desejo era entrar em relações com o povo asiático. No entanto, nenhum caminho ainda tinha-se aberto no plano físico, e parecia-nos muito tênue nossa possibilidade de nos retirarmos para nossa Terra Santa, até que, numa noite do ano de 1877, visitou-nos um viajante americano, que tinha estado recentemente na Índia. Aconteceu que, estando ele

sentado lá, eu, olhando naquela direção, notei, na parede acima dele, a foto emoldurada dos dois cavalheiros hindus com quem eu fizera a travessia do Atlântico em 1870. Tirei-a da parede, mostrei-a a ele, e perguntei-lhe se conhecia qualquer dos dois. Ele conhecia *Moolji Thackersey*, e, bem recentemente, tinha-se encontrado com ele em Bombaim. Peguei o endereço, e, pelo próximo correio, escrevi a *Moolji* sobre nossa *Sociedade*, nosso amor pela Índia e o que o motivava. A seu tempo, respondeu-me ele em termos bastante entusiásticos, aceitou o diploma de membro da *Sociedade*, que lhe era oferecido, e falou-me de um grande sábio e reformador hindu, que havia iniciado um movimento poderoso em prol da ressurreição da religião védica pura. Ao mesmo tempo, apresentou-me, em termos elogiosos, um certo *Hurrychund Chintamon*, *Presidente da Arya Samaj de Bombaim*, com quem passei particularmente a corresponder-me daí por diante: e cujo mau tratamento à nossa chegada a Bombaim é fato histórico. Este indicou diversos cavalheiros hindus de Bombaim para membros da *Sociedade*, falou-nos mais lisonjeiros termos de *Swami Dyanand*, e estabeleceu um intercâmbio de correspondência entre mim e o *Swami*, como chefes de nossas respectivas sociedades. O *Sr. Hurrychund* escreveu-me, ao ler minhas explanações de nossos pontos de vista quanto à *impersonalidade de Deus — Princípio Eterno e Onipresente que, sob muitos nomes diferentes, era o mesmo em todas as religiões — que os princípios da Arya Samaj eram idênticos aos nossos*, e sugeriu que, nesse caso, era inútil manter duas sociedades, quando, pela fusão de ambas, aumentaríamos nossos poderes de utilidade e nossas chances de êxito¹⁰⁵. Nem então nem jamais eu havia ligado à honra vazia da liderança, e assim, já me deixava bastante contente o ficar no segundo lugar abaixo do *Swami*, a quem me fizeram ver como sendo incomensuravelmente superior a mim sob todos os

¹⁰⁵ Para uma exposição completa do caso, com provas documentais, veja-se o *Suplemento Extra do Theosophist*, número de julho de 1882.

aspectos. As cartas de meus correspondentes de Bombaim, meus próprios pontos de vista sobre a filosofia védica, o fato de ser ele um grande sábio sânscrito, e de realmente desempenhar um papel de um *Lutero hindu*, predispuseram-me a acreditar sem dificuldade no que *H.P.B.* me contou mais tarde a respeito dele, ou seja, nem mais nem menos, que ele era um adepto da *Irmandade Himalaia*, habitando o corpo do *Swami*, bem conhecido de nossos próprios professores, e em contato com eles para a consumação da obra que tinha em mãos. Não admira, pois, que eu me mostrasse tão pronto quanto possível a aderir ao plano de *Hurrychund de fusão da S.T. com a Arya Samaj*, e a sentar-me aos pés do *Swami* como o discípulo sob o mestre! Para fazer uma tal ligação eu deveria ter estado pronto, se necessário, a ser seu servo e a servi-lo contente durante os anos seguintes, sem esperar recompensa. Assim, explicada a questão aos meus colegas de Nova York, nosso *Conselho* votou, em maio de 1878, pela união das duas sociedades e pela alteração do título da nossa para "*Sociedade Teosófica da Arya Samaj*". Isto foi comunicado ao *Swami*, e no devido tempo ele devolveu-me o esboço de um novo Diploma (que tenho agora diante de mim enquanto escrevo), o qual eu lhe enviei, assinado como me fora pedido, com o nome dele e selado com seu próprio selo. Mandeí gravar isso, expedi-o para uns poucos membros que se quiseram alistar sob o novo esquema, e produzi uma circular ditando os princípios sob os quais pretendíamos trabalhar.

Até aí correu tudo bem, mas, a seu tempo, recebi da Índia uma tradução para o inglês das regras e doutrinas da *Arya Samaj*, feita pelo *Pandit Shyamji Krishnavarma*, um protegido do *Swami*, a qual nos causou um grande choque — a mim, pelo menos. Não podia haver nada mais claro do que a mudança radical que se operara nos pontos de vista do *Swami* desde o último mês de agosto, quando a *Lahore Arya Samaj* publicou a defesa de seu *Veda Bhâshya* contra os ataques dos

críticos, no decorrer da qual ele citava aprovativamente as opiniões do *Prof. Max Muller, dos Srs. Colebrooke, Garrett e outros, de que o Deus dos Vedas* era uma impersonalidade. Ficava patente que a *Samaj* tinha um caráter diverso do da nossa *Sociedade*, e era, antes, uma *nova seita do Hinduísmo* — uma *seita védica*, que aceitava como suprema a autoridade de *Swami Dyanand* como juiz de quais partes dos *Vedas e Shastras* eram e não eram infalíveis. Tornou-se manifesta a impossibilidade de levar a cabo a pretendida fusão, e nós imediatamente relatamos o fato a nossos confrades indianos. A *Sociedade Teosófica* reassumiu seu prévio *status quo*; e eu e *H.P.B.* redigimos duas circulares, que o *Conselho* publicou, uma definindo o que era a *Sociedade Teosófica*, e a outra (com data de setembro de 1878) definindo um novo organismo, a "*Sociedade Teosófica da Arya Samaj de Aryavart*", como uma ponte entre as duas sociedades-mães, apresentando em detalhes a tradução das regras da A.S. etc., e deixando aos nossos membros pela liberdade para aderir à "*sociedade-elo*", como a chamei, e concordar ou não com seus estatutos.

Nossa filial de Londres, que depois de mais de dois anos de circunlóquios, tinha-se organizado formalmente a 27 de junho de 1878, sob o título de "*Sociedade Teosófica Britânica*"¹⁰⁶, fez publicar a sua primeira circular como "*Sociedade Teosófica Britânica da Arya Samaj de Aryavart*". Com perdão da digressão, citarei aqui, pelo seu interesse histórico, alguns trechos de meu exemplar desta circular, a saber:

¹⁰⁶ Sob a presidência da falecida *Dra. Anna Kingsford*, foi alterado, em 1884, o nome da *Subsidiária* inglesa, para a forma em que permanece até hoje, ou seja, "*London Lodge of the Theosophical Society*" ("*Loja de Londres da Sociedade Teosófica*") (N.O.)

"I. A Sociedade Teosófica Britânica se funda para a finalidade de descobrir a natureza e poderes da alma e espírito humanos, pela investigação e experimentação."

"II. O objetivo da Sociedade é o progresso da saúde, bondade, conhecimento, sabedoria e felicidade humanos".

"III. Os Companheiros se comprometem a empenhar-se, na medida de seus poderes, a viver uma vida de temperança, pureza e amor fraternal. Acreditam numa Grande e Primeira Causa Inteligente, e na Filiação Divina do espírito humano, e em conseqüência, na imortalidade desse espírito, e na fraternidade universal da raça humana".

"IV. A Sociedade mantém ligação e afinidade com a Arya Samaj de Aryavart, Sociedade cujo objetivo é elevar, por meio de uma verdadeira educação espiritual, a espécie humana, das formas degeneradas, idólatras e impuras de culto, onde quer que estas prevaleçam."

Era esse um programa claro, franco e inquestionável, que refletia o tom, embora não o teor real, da minha circular da *Sociedade Teosófica de Nova York* para o mesmo ano. Em ambas, declara-se a aspiração à consecução do conhecimento espiritual através do estudo dos fenômenos naturais, especialmente os ocultos, bem como à fraternidade da espécie humana. Ao redigir a circular de Nova York, ocorreu-me que os membros da mesma, e as entidades supervisoras por trás da Sociedade seriam naturalmente agrupadas em três divisões, a saber: novos membros não desligados de interesses mundanos; alunos, como eu próprio, que se tivessem afastado dos mesmos ou estivessem prontos a fazê-lo; e os próprios adeptos, que, sem ser realmente membros, estavam, pelo menos, ligados a nós e

preocupados com nossa obra como um recurso potencial para fazer o bem espiritual ao mundo. Com o concurso de *H.P.B.*, defini estes três grupos, denominando-os secções, e subdividindo cada um em três graus. Isto, naturalmente, na esperança e expectativa de que tivéssemos mais orientação prática do que tínhamos tido — ou tivéramos anteriormente, devo acrescentar. No item VI, a circular de Nova York dizia:

"São vários os objetivos da Sociedade. Ela influencia seus membros a adquirir um conhecimento íntimo da lei natural, especialmente nas manifestações ocultas desta."

Seguem-se então estas frases escritas por *H.P.B.*:

"Como ponto mais alto do desenvolvimento físico e espiritual, no terreno da causa criativa, o homem deveria aspirar a resolver o mistério de seu ser. É ele o procriador de sua espécie, no plano físico, e, tendo herdado a natureza da causa desconhecida mas palpável de sua própria criação, deve possuir em seu interior físico esse poder, em menor grau. Ele deveria, portanto, estudar para desenvolver seus poderes latentes, e informar-se a respeito das leis do magnetismo, da eletricidade e de todas as outras formas de força, quer de universos visíveis ou invisíveis."

Estabeleci então o seguinte:

"A Sociedade ensina a seus filiados, e deles espera, que exemplifiquem pessoalmente as mais elevadas aspirações de religião e moralidade; que se oponham ao materialismo da ciência e a qualquer forma de dogmatismo teológico. . .; que tornem conhecidos, entre as nações ocidentais, os fatos por muito tempo abafados sobre as filosofias religiosas do Oriente, e sua ética, cronologia, esoterismo, simbolismo...; que disseminem o conhecimento dos sublimes ensinamentos daquele sistema esotérico puro do período arcaico que se reflete nos

Vedas mais velhos, e na filosofia de Gautama Buddha, Zoroastro e Confúcio; por fim, e principalmente, que ajudem a instituição de uma Fraternidade da Humanidade, na qual todos os homens bons e puros de todas as raças se reconheçam uns aos outros como efeitos iguais (neste planeta) de uma Causa Incrível, Universal, Infinita e Eterna."

Os parênteses (neste planeta) foram inseridos por *H.P.B.*

O passo que estávamos tomando, ao retomar a *autonomia da Sociedade*, quando da descoberta do caráter sectário da *Arya Samaj*, extraiu de nós a declaração categórica de princípios aqui apresentada, na qual, o leitor observará, abrangíamos:

1. O estudo da ciência oculta;
2. A formação de um núcleo de fraternidade universal; e
3. O renascimento da literatura e filosofia orientais. Em resumo, todos os três *Objetivos Declarados* sobre os quais se edificou a *Sociedade Teosófica* nos dezessete anos que se seguiram.

Se nossos amigos de Bombaim tinham anteriormente nutrido o menor mal-entendido com relação aos objetivos e princípios de nossa *Sociedade*, a circular supracitada vinha excluir a derradeira desculpa para a permanência desse mal-entendido. O prefácio à circular da *Arya Samaj*, por nós publicada em setembro de 1878 — apenas três meses antes de nossa partida para a Índia — chamava a atenção para a tradução do *Pandit Shyamji das regras da Samaj*, englobadas na circular, e dizia: "*A observância destas regras só é obrigatória aos companheiros que voluntariamente solicitarem sua admissão à Arya Samaj; o resto continuará a*

ser, como até aqui, desvinculado do trabalho especial da Samaj." E continuava, dizendo que a nossa *Sociedade*, com o propósito de colaborar "*no estabelecimento de uma Fraternidade da Humanidade, tinha organizado secções (quer dizer, grupos) nos quais se dava lugar a pessoas nascidas nas mais variadas fés religiosas, exigindo-se apenas que os candidatos desejassem sinceramente aprender as verdades sublimes, escritas inicialmente pelos arianos nos Vedas, e, em diferentes épocas, promulgadas por sábios e videntes, e que orientassem suas vidas de acordo com elas. E ainda, que eles deveriam desejar isso, empenhar-se por adquirir aquele controle sobre determinadas forças da natureza, que o conhecimento dos mistérios da mesma natureza confere a seu possuidor.*" O treinamento ocultista e o desenvolvimento atingido por *H.P.B.* e os discípulos do grau dela eram aí sugeridos. A frase mostra que a primeira e original motivação dos *Fundadores da Sociedade* era a de promover esta espécie de estudo, sendo sua firme convicção que, com o desenvolvimento dos poderes psíquicos e da percepção espiritual, todo o conhecimento religioso era acessível, e todo o dogmatismo religioso ignorante devia desaparecer. A circular acrescenta que "*a Sociedade, assim, dá as boas vindas, e seus membros convivem em harmonia com budistas, lamaístas, bramânistas, parses, confucionistas e judeus*" etc., o que era estritamente verdadeiro, tendo-se já inscrito como camaradas candidatos provenientes de todas essas organizações religiosas. A incongruência desta plataforma com a *da Arya Samaj* é inconfundível e pode ser notada numa *vista d'olhos*, pois a *Regra 2, na versão de Shamji*, reza:

"Os quatro textos dos Vedas serão recebidos e observados como contendo em si mesmos tudo o que é necessário para fazê-los constituir-se numa autoridade extraordinária em todos os assuntos relativos à conduta humana."

Nada se diz, aqui, sobre qualquer outra escritura religiosa como autoridade sobre a conduta humana, nem sobre qualquer interesse benévolo expresso no bem-estar religioso dos povos não védicos; em resumo, é um organismo sectário, não eclético. Ao dizer isso, não expresso qualquer opinião quanto ao fato de ser a *Samaj* uma seita boa ou má, conservadora ou progressista, ou se o seu estabelecimento por parte do *Swami* constituiu-se numa bênção para a Índia, ou o contrário. Quero, simplesmente, dizer que a *Samaj* é uma seita, e que, não o sendo a nossa *Sociedade*, que mantinha uma plataforma bastante diferente, não poderíamos adequadamente fundir-nos com a *Samaj*, embora pudéssemos e desejássemos ser amigos.

Para mostrar, ainda, a autoridade arbitrária em que o *Swami* se arvorava e exercia ao prescrever o que era e o que não era "*autorizado*" dos *S'astras*, cito, da mesma *Regra 2 da Arya Samaj*, o seguinte:

"Os Brâmanes começam com o Shatapatha; os seis Angas ou membros dos Vedas, com o Shiksha; os quatro Upvedas; os seis Darshanas ou Escolas de Filosofia; e as Leituras I, 127 dos Vedas, denominadas Shakhas (Chacras), ou os ramos — estas serão aceitas como expoentes do significado dos Vedas, bem como da história dos Aryas. Até onde estas venham a concordar com os pontos de vista dos Vedas, serão consideradas como autoridade normal."

Aí, define-se uma seita, uma seita do hinduísmo, uma seita baseada nas linhas traçadas por seu fundador. O *Swami*, como se verá de passagem, coloca-se em oposição a todo o organismo dos *pandits* ortodoxos, já que exclui de sua lista de livros escritos sob inspiração muitos dos que são tidos por aqueles como sagrados.

Os *Smritis*, por exemplo, são omitidos pelo *Swami*, como não sendo autoridades conclusivas. Mas o *Manu*, Capítulo II, 10, sustenta que os "*Vedas*" são

"revelações", e os "Smritis" (*Dharma S'astras*), "tradições"; estes dois são irrefutáveis em todos os assuntos, pois, por meio deles, advêm as virtudes. Fica portanto mantido que os Smritis devem ser respeitados como "autoridade".

As coisas ficariam assim até a chegada dos *Fundadores* à Índia, e seu encontro, logo depois, com o *Swami Dyanand*, em *Sabaran-pur*. As probabilidades de nos envolvermos numa série de mal-entendidos foram, naturalmente, grandemente aumentadas pela necessidade que tínhamos, nós e o *Swami*, de conversar através de intérpretes, que, embora bem seguros no inglês ordinário, careciam da fluência que lhes possibilitaria verter corretamente nossos pontos de vista sobre as *abstrusas questões de filosofia, metafísica e ciência oculta*, que tiveram de ser discutidas. Fizeram-nos, com certeza, entender que o *Swami Dyanand* concebia Deus como um *Parabrajman vedântico*, de acordo portanto com a nossa própria concepção. Sob esse equívoco — como ele declarou depois — pronunciei uma palestra em Meerute, na presença dele, para a *Arya Samaj*, e declarei que agora todas as causas de mal-entendidos tinham sido afastadas, e as duas sociedades eram realmente gêmeas. Mas assim não era: elas não tinham mais afinidade entre si do que a nossa *Sociedade tinha com a Brahma Samaj* ou qualquer outra seita cristã. A ruptura era inevitável, e adveio no devido tempo. O *Swami*, perdendo a calma, tentou repudiar suas próprias palavras e atos, e por fim voltou-se para nós com denúncias e maus tratos, e expediu uma circular para o público, e distribuiu volantes em *Bombaim*, nos quais nos chamava de charlatões e sei lá o que mais. Isto forçou-nos, em defesa própria, a relatar nosso caso e produzir nossas provas, o que foi feito num *Suplemento extra ao Theosophist*, edição de julho de 1882, na qual toda a evidência é citada na íntegra e apresentam-se *fac-símiles* de um importante documento que traz a assinatura do *Swami* e o certificado do *Sr.*

Seervai, então nosso *Secretário de Documentação*. Assim, após um turbulento relacionamento de mais ou menos três anos, as duas sociedades foram separadas e cada qual seguiu seu próprio caminho.

Os elementos inerentes de ruptura foram: 1) Minha descoberta de que o *Swami* era simplesmente aquilo — isto é, um *sábio asceta* — e não absolutamente um adepto; 2) O fato de a *Samaj* não se coadunar com a plataforma eclética da *Sociedade Teosófica*; 3) O desapontamento do *Swami* por retrocedermos em nosso primeiro gesto de assentimento ao convite de *Harischandra* para a fusão; 4) A irritação dele — a qual me foi expressa em termos bastante severos — pelo fato de *eu estar ajudando os budistas do Ceilão e os parses de Bombaim a amarem suas religiões* mais do que até então, enquanto que, como dizia ele, eram ambas falsas religiões. Também tive dúvidas quanto a se *Hurrychund Chintamon*, correspondente intermediário nosso e dele, já lhe explicara exatamente quais eram nossos pontos de vista e a verdadeira plataforma da nossa *Sociedade*. A descoberta subsequente foi o fato de ter *Hurrychund* embolsado os Rs.600 extras que nós lhe enviáramos para a *Arya Samaj*, tendo ele restituído o dinheiro em Bombaim sob a pressão de *H.P.B.*, o que me inclina à opinião de que ele, nesse aspecto, enganava tanto ao *Swami* quanto a nós, e que, exceto por ter eu recebido a tradução de *Shyamji das Regras da Samaj*, teríamos continuado sob o mesmo equívoco até chegarmos à Índia.

É bastante inútil, e um desperdício de espaço, para mim, alongar-me neste caso, desde que aqueles que quiserem mais detalhes poderão encontrá-los na íntegra no *Suplemento extra ao Theosophist*, ao qual já se aludiu aqui. O *Swami* era indubitavelmente um grande homem, um erudito *Pandit Sânskrita*, com imensa resolução, força de vontade e autoconfiança — um líder. Quando nos encontramos com ele pela primeira vez, em 1879, ele tinha acabado de se recuperar de um

ataque de cólera, e seu físico mostrava-se mais refinado e delicado do que de costume. Achei-o surpreendentemente belo, alto, porte digno, e maneiras elegantes para conosco; causou ele uma forte impressão em nossa imaginação. Mas da próxima vez em que o vi, em *Benares*, creio eu, poucos anos depois, ele estava bastante mudado, e não para melhor. Tornara-se obeso, a gordura assentava-se em cilindros sobre seu corpo seminu e, sob o maxilar, caía-lhe um duplo queixo. O aumento da largura "*roubara-lhe*" altura, de modo que ele me pareceu realmente mais baixo¹⁰⁷, e a expressão poética tinha-lhe abandonado o rosto dantesco. Felizmente, tenho uma lembrança de sua primeira aparência, numa cópia a óleo de uma fotografia, que me foi dada na Índia do Norte. Ele, agora, já se foi deste mundo, mas a sua *Samaj* sobrevive, e se espalhou por toda a *Índia Setentrional*, a ponto de atingir duzentas ou trezentas subsidiárias. *Eu e Annie Besant* fizemos uma visita à *Samaj* central, em *Lahore*, durante nossa recente visita ao *Punjab*, e contribuímos um pouco, espero, para abrandar os duros sentimentos que os filiados desse organismo alimentaram durante muito tempo a nosso respeito.

O mundo é grande o bastante para todos nós, e melhor seria tentarmos conviver como irmãos.

¹⁰⁷ O autor vale-se aqui, naturalmente, de uma imagem literária. A tradutora valeu-se igualmente de uma, ao usar o verbo "*roubar*". Assim, deve-se entender que não houve com o filósofo hindu nenhum fenômeno físico que o fizesse diminuir de tamanho. Simplesmente, o efeito visual, muito comum, de uma pessoa razoavelmente alta nos parecer "*mais baixa*", quando subitamente ganha muito em peso. (N. do T.)

CAPITULO XXVI: Mme. Blavatsky na Intimidade

Até aqui, tratamos de *H.P.B.* principalmente em suas atribuições da vida pública; vamos agora ver como ela se mostrava na intimidade. Antes, porém, será que alguém sabe por que ela preferia tanto ser chamada de "*H.P.B.*", e tinha tamanha aversão pelo título de "*Madame*"? Que ela não gostasse que se lhe dirigissem pelo sobrenome *Blavatsky*, não é tão estranho, quando a gente relembra os fatos que envolveram aquele malfadado casamento, como os apresenta o Sr. Sinnett em seu Incidentes na *Vida de Mme. Blavatsky*. Esse casamento não trouxe a ela nem crédito nem felicidade, nem paz ao consorte que ela, por uma aposta, ligou a si para o que desse e viesse. Mas antes de se casar com o outro *Sr. B.*, em Filadélfia, ela estipulou que não mudaria o sobrenome, e não o fez, salvo nos papéis que se seguiram, relativos ao divórcio, nos quais ela se faz chamar pelo nome do segundo marido. O título "*Madame*" causava-lhe certa aversão, já que ela o associava a uma cachorra com esse nome, que uma amiga dela tinha, em Paris, e por quem ela nutria especial antipatia. Acho que a aparente excentricidade de se fazer chamar pelas três iniciais tinha um significado mais profundo do que geralmente se supôs. Significava que a personalidade de nossa amiga estava tão amalgamada com as de diversos dos seus *Mestres* que, o nome que ela usava só raramente aplicava-se a qualquer inteligência que o estivesse controlando no momento; e o personagem asiático que estivesse falando à gente através dos lábios dela não era certamente nem *Helena*, nem a viúva do *General Blavatsky*, nem, afinal, uma mulher. Mas cada uma dessas personalidades instáveis contribuiu para a composição de uma entidade composta, soma delas todas e da própria *Helena Petrovna*, que podia igualmente ser designada por "*H.P.B.*" ou por qualquer outra coisa. O caso evoca em meu espírito o da fotografia composta — uma entidade

aparentemente real, embora apenas uma mistura de uma dúzia ou mais — que *Sir Francis Galton* trouxe primeiro ao nosso conhecimento em seu *Inquiry into Human Faculty*. Minha teoria pode parecer, à primeira vista, insustentável, para aqueles que a conheceram tão intimamente quanto eu, embora eu me incline a crer que é correta.

A rotina de nossa vida no "*Lamastério*" era a seguinte. Tomávamos o café da manhã às 8, jantávamos às 6, e nos recolhíamos entre à uma e às quatro da madrugada, de acordo com nosso trabalho e as interrupções dele por visitas. *H.P.B.* almoçava em casa, e eu na cidade, em qualquer lugar perto do meu escritório de advocacia. Quando nos conhecemos, eu era um membro bastante ativo do *Clube Lótus*, mas a feitura de *Ísis* pôs fim, de uma vez por todas, à minha ligação com clubes e complicações mundanas em geral. Depois do desjejum, eu saía para o meu escritório e *H.P.B.* sentava-se à escrivaninha para trabalhar. Ao jantar, tínhamos quase sempre convidados, e era raro estarmos sozinhos à noite, pois mesmo quando não vinham visitas, tínhamos geralmente alguém conosco em nosso apartamento. Nossos hábitos domésticos eram dos mais simples, não bebíamos vinho ou bebidas alcoólicas, e só comíamos comida simples. Tínhamos uma empregada para todo o serviço, ou antes, uma procissão delas indo e vindo, pois não ficávamos muito tempo com uma. A moça ia para a casa dela depois de tirar as coisas do jantar, e daí por diante tínhamos de atender nós mesmos à porta. Isso não era muito; mais sério era fornecer chá, com leite e açúcar, a uma sala cheia de convidados, vamos dizer, à uma da manhã, quando *H.P.B.*, com altaneira desconsideração pelas possibilidades domésticas, convidar-se-ia a si mesma a tomar uma xícara, e por extensão, dizia: "*Vamos todos tomar: que acham?*" Era-me inútil fazer-lhe gestos de desaprovação, ela não lhes prestava atenção. Assim, após

diversas incursões infrutíferas pela vizinhança, em busca de leite ou açúcar, o verme voltava, e então coloquei um aviso nestes termos:

"CHÁ"

"Os convidados encontrarão água fervente e chá na cozinha, e talvez leite e açúcar, e farão o favor de servir-se"

Isso estava tão de acordo com o tom boêmio da coisa toda, que ninguém o levou a mal, e passou a ser muito divertido ver os habitues levantarem-se quietamente e irem à cozinha preparar chá para si mesmos. Senhoras finas, professores cultos, artistas e jornalistas famosos, tornaram-se todos, jocosamente, membros do nosso *"Gabinete de Cozinha"*, como o chamávamos.

H.P.B. não tinha sequer uma noção rudimentar de prendas domésticas. Uma vez, querendo preparar ovos quentes, ela pôs os ovos crus sobre brasas vivas! Às vezes nossa empregada saía num sábado à noite e deixava que nos arranjássemos como pudéssemos quanto às refeições do dia. E era então *H.P.B.* quem cuidava do abastecimento e da cozinha? Oh, não, de jeito nenhum, era isto sim o pobre do colega dela. Ela, ao invés, sentava-se e escrevia e fumava, ou entrava na cozinha e atrapalhava. No meu *Diário de 1878*, encontro o seguinte, no verbete de 12 de abril: *"A empregada "deu no pé" sem preparar o jantar; então a Condessa L.P. veio e me ajudou a fazer uma excelente salada. Além dela, tivemos conosco O'Donovan ao jantar."* Era um indivíduo raro, aquele irlandês; escultor de notável talento, excelente companhia, com um irresistível humor mordaz. Modelou o retrato dela, ao vivo, num medalhão fundido em bronze, o qual tenho em meu poder. O que possa ele ser agora, não sei, mas naquela época gostava de um copo de bom uísque (se é que algum uísque pode ser chamado bom), e certa vez fez a sala toda estourar de rir com um aparte dado a um dos presentes. Estavam bebendo juntos, e

a pessoa em questão, depois de provar a bebida dele, depôs o copo com a exclamação: "*Bah! Que uísque ruim!*" O'Donovan, virando-se para ele com solene gravidade, pôs-lhe u'a mão no braço e disse: "*Não, não diga isso. Não há uísque ruim, apenas uns são melhores que outros.*" Era, de nascimento, católico apostólico romano, embora não o fosse, ao que parecia, em particular, na sua crença real. Mas, ao ver o quão furiosa e aborrecida ficava *H.P.B.*, sempre que se falava em catolicismo romano, ele costumava simular a crença de que esse credo ia finalmente varrer da face da terra o budismo, o hinduísmo e o zoroastrianismo. Embora ele lhe pregasse esta peça vinte vezes, *H.P.B.* era invariavelmente pega outra vez na armadilha sempre que *O'Donovan* a preparasse para ela. Ela se enfurecia e praguejava, e chamava-o idiota incurável e outros nomes pouco lisonjeiros, à toa: ele sentava-se e fumava em grave silêncio, sem mudar a expressão, como se estivesse ouvindo uma dramática declamação na qual não tomassem parte os sentimentos do próprio narrador. Depois de ela ter falado e vociferado até ficar sem fôlego, ele virava lentamente a cabeça para um vizinho qualquer e dizia: "*Ela fala bem, não? mas não acredita nisso; é só uma réplica. Algum dia ela será uma boa católica.*" E então, quando *H.P.B.* explodia a esta suprema audácia, e fazia como se fosse jogar qualquer coisa nele, ele escapava para a cozinha e preparava uma xícara de chá para si mesmo! Eu soube que ele levou amigos lá só para apreciarem esta espécie de mordida de urso; mas *H.P.B.* nunca guardou rancor, e, depois de dar vazão a algumas censuras, ficava em tão bons termos como sempre com o seu inveterado aporrinhador.

Um dos nossos visitantes freqüentes e mais apreciados era o *Professor Alexandre Wilder*, bela personalidade, o tipo genuíno da extensa classe da burguesia americana autodidata; homens da poderosa têmpera dos *Pais Puritanos*;

homens de cérebro e pensamento, profundamente independentes, muito versáteis, muito honestos, muito decididos e patrióticos. Eu e o *Prof. Wilder* fomos amigos desde antes da Rebelião¹⁰⁸ e sempre o tive na mais alta estima. Tem uma cabeça cheia de saber, o qual ele prontamente comunica a ouvintes simpáticos. Ele não é, imagino, um acadêmico ou um homem do mundo, mas se alguém deseja idéias profundas sobre a migração das raças e símbolos, o significado esotérico da filosofia grega, o valor de textos gregos ou hebraicos, ou os méritos e deméritos de várias escolas de medicina, ele pode fornecê-las tanto quanto o mais completo bacharel. Homem alto e esguio, do tipo de Lincoln, de cabeça nobre e abobadada, maxilares delgados, cabelo grisalho e linguajar pleno de curiosos idiomatismos anglo-saxões. Costumava vir conversar uma hora com *H.P.B.*, muitas vezes deixando-se ficar reclinado no sofá, com — como costumava dizer — "*uma perna comprida no candelabro e outra no aparador da lareira.*" E ela, que tinha de gorda o que ele tinha de esbelto, de volúvel o que ele tinha de sentencioso e epigramático, fumava cigarros sem conta e participava brilhantemente da conversa. Ela o fez escrever muitas das idéias dele para usá-las em *Ísis*, onde podem ser encontradas em citação. As horas passavam sem que se as notasse, até que ele por vezes descobria que já era tarde demais para pegar o último trem para Newark, e teria de deter-se toda a noite na cidade. Acho que, de todos os nossos visitantes, era o que menos ligava para os fenômenos psíquicos de *H.P.B.*: acreditava na sua possibilidade científica e não duvidava de que ela os possuísse, mas a filosofia era o ídolo dele, e as maravilhas da mediunidade e da condição de adepto só o interessavam no plano abstrato.

¹⁰⁸ A rebelião - Olcott refere-se naturalmente à *Rebelião Confederada* de 1860, na qual ele mesmo tomou parte. (N. do T.)

No entanto, alguns dos fenômenos de *H.P.B.* eram realmente bastante estranhos. Além daqueles descritos até aqui, há, no meu *Diário*, menção de outros, entre os quais este, curioso:

Encontrei certo dia, na parte baixa da cidade (Nova York), um conhecido com quem me detive por uns momentos a conversar. Ele não simpatizava nada com *H.P.B.*, e falou dela em termos bastante ácidos, mantendo sua opinião a despeito de tudo o que eu pudesse dizer. Por fim, usou uma linguagem tão censurável que eu, com profunda repugnância, deixei-o apressadamente e continuei meu caminho. Cheguei a casa, como de costume, no horário do jantar, e fui para meu quarto - o que tem a marca "G" na planta apresentada no Capítulo XXIV, e que era então meu dormitório - para fazer minha toalete. *H.P.B.* veio pelo corredor até a porta aberta, e dali desejou-me boa-noite. O lavatório ficava no canto noroeste, oposto à porta, e a parede branca acima dele, "*mal acabada*", sem quadros ou qualquer outra coisa. Ao acabar de lavar-me, quando me virei para o aparador, atrás de mim e bem em frente à janela, para escovar o cabelo, vi algo de cor verde refletido no espelho. Uma segunda olhada mostrou-me que era uma folha de papel verde, escrita, e presa à parede bem acima do aparador de barbear onde eu estivera ocupado um momento atrás sem ver nada além da parede branca diante dos meus olhos. Constatei que o papel estava preso ao estuque por pregos nos quatro cantos, e a escrita sobre ele eram diversos textos orientais do *Dhammapada* e dos *Sutras*, escritos num estilo peculiar e assinados, no canto inferior, por um dos *Mestres*. Os versos eram reproches dirigidos a mim, por ter permitido que *H.P.B.* fosse vilipendiada sem tê-la defendido; referiam-se inequivocamente ao meu encontro na cidade com a pessoa com quem me havia encontrado, embora não se mencionassem nomes. Eu não tinha estado nem cinco minutos na casa desde minha chegada, não falara a

ninguém sobre o incidente, nem trocara, com qualquer pessoa na casa, mais do que as poucas palavras de saudação com *H.P.B.*, da porta de meu quarto. Na verdade, o ocorrido fugira-me da mente. Este é um daqueles fenômenos de tipo superior, que envolvem o poder de ler o pensamento, ou clarividência à distância, e/ou o de produzir documentos sem contato, ou o de escrevê-los da maneira normal, prendendo-os à parede antes de eu voltar à casa, e então inibir minha visão de modo a tornar--mos invisíveis num momento, mas visíveis no instante seguinte pela restituição de minha visão normal. Das duas, esta parece a explicação mais provável, mas, mesmo assim, vejam que lindo fenômeno, primeiro, pela clariaudiência a três milhas de distância, e depois, pela inibição de minha visão sem despertar em meu espírito a menor suspeita de que o truque estivesse sendo usado em mim. Guardei esse papel verde cuidadosamente comigo até 1891, quando, estando ele comigo na minha viagem pelo mundo, alguém se apropriou dele sem minha permissão. Eu ficaria contente em recuperá-lo. Com ele desapareceu outra produção de *H.P.B.* É uma caricatura, representando meu suposto julgamento de iniciação na escola de adeptos, um quadro muito divertido. No primeiro plano inferior, apareço de pé, tendo um *fetá* (ou turbante) hindu como única peça de vestuário, sofrendo um exame catequético por parte do *Mestre K.H.* No canto inferior direito, uma mão solta no espaço segura uma garrafa de bebida alcoólica, e uma "*bayadère*"¹⁰⁹ ossuda, que parece uma camponesa irlandesa famélica, em tempo de escassez de batatas, dança um "*pas de fascination*"¹¹⁰. No canto superior aparece *H.P.B.*, usando um chapéu-de-sol tipo Nova Jersey e sapatos antigos de homem, de bicos virados para cima, e carregando uma sombrinha em forma de sino com uma

¹⁰⁹ "*Bayadère*" - Em francês no Original. Literalmente = bailadeira". O termo designa especificamente uma dançarina popular hindu. (N. do T.)

¹¹⁰ "*Pas de fascination*" - Idem. Dança popular típica executada pelas "*bayadères*". Por extensão, qualquer dança popular. (N. do T.).

bandeirola escrito "Jack" esvoaçando na ponta; ela monta um elefante e empunha u'a mão gigantesca, para "*controlar os elementos*" em meu auxílio, enquanto outro Mestre permanece ao lado do elefante assistindo ao meu ordálio. Um pequeno elemental engraçado, de barrete de dormir e segurando uma vela acesa, diz: "*Minhas estrelas! que é isso?* ", de um poleiro no ombro de K.H., e a sátira "*nonsense*" completa-se com uma série de perguntas e respostas absurdas. Desta descrição, pode o leitor julgar da jovialidade de temperamento de H.P.B. naquela época, e da liberdade que bondosamente nos permitiam os nossos *Professores* em nosso tratamento mútuo¹¹¹. O simples pensamento de tal irreverência fará, sem dúvida, perpassarem calafrios pela espinha de alguns dos últimos discípulos de H.P.B. Não sei de que maneira eu poderia ilustrar melhor essa jubilosa exuberância dela, do que citando a expressão usada por um repórter de *Hartford*, ao escrever em seu jornal. "*Madame riu-se*", escreve ele. "*Quando escrevemos Madame riu-se, sentimos como se disséssemos que o Riso estava presente! pois, de todos os risos claros, joviais e brincalhões que já ouvimos, o dela é a própria essência. Ela parece, na verdade, o Gênio do estado de espírito que apresenta em todos os momentos, tão intensa é sua vitalidade.*" Este era o tom de nossa vida doméstica e sua jovialidade, a verve epigramática, o brilhantismo de sua conversação, a amizade acalentadora àqueles de que ela gostava ou queria que gostassem dela, o fundo de anedota e, principal atração para a maioria de seus visitantes, seus divertidos

¹¹¹ Esta afirmação de Olcott vem de encontro às tendências e observações mais recentes, no sentido de que "*há muito senso de humor e disposição jovial entre os habitantes do Astral Superior*". O que, aliás, contraria saudavelmente uma tendência largamente disseminada principalmente no Brasil, de encarar-se tais comunicações como sempre revestidas de pesada solenidade e uma austeridade quase tumular. Essa nova postura intelectual começa a influenciar até mesmo a ficção. No "*Homem de Nazaré*", de Anthony Burgess (que é um autor católico), o Anjo Gabriel, na cena da Anunciação a Maria, é mostrado como um adolescente de discurso fácil e afável, e, enquanto anuncia a Maria a solene *Encarnação do Verbo*, permite-se tomar de uma espátula que há na casa e limpar as unhas. (N. do T.)

fenômenos psíquicos — fizeram do "Lamastério" o salão mais atraente da metrópole, de 1876 até o fim de 1878.

Um fenômeno muito interessante é o da duplicação de objetos, a transformação de um em dois ou mais. Dei anteriormente alguns exemplos, e aqui está outro, descrito na correspondência de *Nova York para o Hartford Daily Times* de 2 de dezembro de 1878. O correspondente passa uma noite conosco e conhece diversos outros visitantes, de um dos quais, um artista inglês, obtém a história que se segue, sobre o que este último vira *H.P.B.* fazer:

"Sei que lhe parecerá incrível, caro companheiro", dizia meu amigo, "pois assim me parece quando me volto para você; porém, ao mesmo tempo, sei que meus sentidos não poderiam ter-me enganado. Além do que, estava comigo na ocasião outro cavalheiro. Vi Madame criar coisas."

"Criar coisas!" Gritei eu. "Sim, criar coisas — produzi-las a partir de nada. Posso narrar-lhe dois exemplos".

"Saímos, um dia, eu, Madame e meu amigo, e estávamos olhando as lojas, quando ela disse que desejava alguns daqueles abecedários iluminados que vêm em folhas, como as placas pintadas de passarinhos, flores e animais, e outras figuras, tão populares para decoração de cerâmica e vasos. Ela estava fazendo um álbum de recortes, e queria ordenar as pequenas páginas com essas lindas letras coloridas. Bem, procuramos por toda parte, mas não conseguimos encontrar nenhum, até que, finalmente, achamos só uma folha, contendo as vinte e seis letras, num lugar qualquer da Sexta Avenida. Madame comprou aquele e fomos para casa. Ela queria vários, naturalmente, mas, não os encontrando, pôs-se a usar deste o que podia. Eu e meu amigo sentamo-nos ao lado da mesinha dela, enquanto ela tirava seu álbum de recortes e começava aplicadamente a colar nele suas letras."

Dali a pouco, exclamou petulantemente: "Quero dois Ss, dois Pp e dois Aa." Eu disse: "Madame, vou procurá-los na cidade. Acho que posso encontrá-los nalgum lugar."

"Não, não precisa", respondeu ela. Então, de repente, erguendo os olhos, disse: "Quer me ver fazer alguns?"

"Fazer alguns? Como? Pintar alguns?"

"Não, fazer alguns exatamente como estes."

"Mas, como é que isso é possível? Estes aí foram impressos por máquinas."

"É possível - veja!"

*"Ela pôs o dedo sobre o **S** e olhou para ele. Olhou-o com infinita intensidade. Sua sobrancelha franziu-se. Ela parecia o próprio espírito da vontade. Dali a um meio minuto, ela sorriu, levantou o dedo, pegou dois **Ss** exatamente semelhantes, e exclamou: "Está feito!" E fez o mesmo com os **PP**".*

*"Então meu amigo pensou: "Se isso for truque, pode-se descobrir. Num abecedário só pode haver uma letra de cada. Vou experimentá-la." E então lhe disse: "Madame, que tal se agora, em lugar de fazer duas letras em separado, a senhora as fizesse juntas, assim **A-A**?"*

*"Para mim é indiferente", respondeu ela com indiferença, e, colocando o dedo sobre o **A**, em poucos segundos levantou-o e passou a ele dois **Aa**, ligados como ele queria. Eram como que estampados a partir do mesmo pedaço de papel. Não havia suturas ou ligaduras (artificiais) de qualquer espécie. Ela teve de separá-los cortando-os para usá-los. Isto se fez à plena luz do dia, na presença apenas de meu amigo e eu, e apenas para comodidade dela.*

Estávamos ambos pasmos e perplexos. Examinamos as letras com o máximo cuidado. Pareciam-se tanto quanto duas ervilhas. Mas, se preferirem, posso mostrar-lhes neste momento as letras. "*Madame, podemos pegar seu álbum de recortes para olhar?*"

"Sem dúvida, com prazer", tornou Madame, cortesmente. Esperamos impacientemente até que o Sr. P. conseguisse abrir o volume. A página estava belamente arranjada, e, em letras brilhantes, lia-se o seguinte:

"TERCEIRO VOLUME, ÁLBUM DE RECORTES DA SOCIEDADE TEOSÓFICA".

Nova York, 1878. SEUS TRIUNFOS E ATRIBULAÇÕES.

"Lá", disse ele, apontando para o **S** da palavra Recorte¹¹² e o da palavra Sociedade, "*aquelas são as letras que ela usou, e esta é a que ela fez.*" Não havia diferença entre elas¹¹³.

Nada havia de incomum no mobiliário e decoração de nosso apartamento, salvo na sala de jantar e no estúdio — que era, ao mesmo tempo, nossa biblioteca e recepção — e eles eram certamente bastante bizarros. A parede morta da sala de jantar, que a separava do quarto de H.P.B., era inteiramente recoberta por um quadro feito com folhas silvestres secas, e que representava uma cena da selva tropical. Ao lado de uma poça d'água havia um elefante, ruminando, e, do fundo, um tigre saltava para ele, enquanto que uma enorme serpente estava enrodilhada ao redor do tronco de uma palmeira. Na página 205 da publicação *Popular Monthly*, de

¹¹² O "S" da palavra *Recortes* refere-se a inicial de "*Scrap*", de *Scrap Book* - Álbum de Recortes. Já o de *Sociedade*, como em Português, é a inicial de "*Society*" = "*Sociedade*" (N. do T.).

¹¹³ Parece que o repórter, fiando-se na própria memória, deixou de transcrever, na ocasião, as palavras da inscrição que - diante de mim agora - vejo estar assim redigida: "*História pré e pós natal da Sociedade Teosófica, e das mortificações, atribulações e triunfos de seus Camaradas.*" As letras que H.P.B. duplicou foram os **Ss** das palavras "*History*", "*Theosophical*" e "*Society*", duas delas tendo sido decifradas da terceira; os **Pp** são de "*Post*" (pós) e "*Triumphs*" (triunfos), e são menores que os **Ss**. Parece que ela duplicou em surdina diversas outras letras, pois descobri nada menos que oito **Aa** além dos outros duplicados.

fevereiro de 1892, *Frank Leslie* apresenta uma reprodução muito boa desse quadro; apesar do quadro da sala, o criado hindu trazendo o assado, os convivas do jantar, à mesa, bebendo vinho, é ridiculamente inexato. A sala não era como a pintaram, não tínhamos criado *hindu*, não tínhamos em casa uma só gota de vinho ou bebidas alcoólicas, nossa mobília era totalmente diferente da que o artista representou. Jamais ouvi falar de outro mural do tipo mencionado, e parecia sensibilizar a todos os nossos convidados como inteiramente apropriado a uma casa como o "*Lamastério*". Toda a cena da floresta originou-se da cobertura com folhas de outono, de uma figura de elefante, cortada de papel pardo. No estúdio, fiz outra invenção semelhante. A porta de entrada ficava num ângulo formado pelo corte de um canto, e sobre ela, a parede formava um quadrado de 4 por 5 pés talvez. Um dia, descobri, numa loja de curiosidades, uma cabeça de leoa esplendidamente montada: os olhos olhavam com raiva, as mandíbulas bem abertas, a língua retraída, os dentes brancos e ameaçadores. Quando a levei para casa e procurava ao redor um lugar para colocá-la, este quadrado de parede chamou-me a atenção, e ali pendurei meu troféu. Por meio de um arranjo de capins compridos, secos, fiz com que parecesse que uma leoa furiosa estivesse se arrastando através da selva e pronta a saltar sobre os visitantes que por acaso olhassem para ela. Era um de nossos gracejos fazer os recém-chegados sentarem-se numa espreguiçadeira que ficava de frente para a porta, e gozávamos o susto deles quando seus olhos se apartavam de *H.P.B.* para olhar ao redor da sala. Se por acaso a visita fosse uma solteirona histérica que gritava ao ver o troféu, *H.P.B.* ria-se francamente. Em dois cantos do aposento, coloquei folhas de palma, que tocavam o teto e se curvavam graciosamente nas pontas; macaquinhos empalhados espreitavam sobre as cornijas da cortina; uma linda cobra empalhada, no alto do espelho da lareira, deixava

pendar a cabeça sobre um dos cantos; um grande babuíno empalhado, ataviado em colarinho, gravata branca e um par de óculos meus, e portanto sob um braço o manuscrito de uma conferência sobre a "*Descendência das Espécies*", e apelidado "*Professor Fiske*", mantinha-se ereto num canto; uma linda corujona cinzenta estava encarapitada numa estante de livros; um ou dois lagartos de brinquedo arrastavam-se parede acima; um relógio suíço de cuco pendia à esquerda do parapeito da chaminé; armarinhos japoneses, imagens esculpidas em madeira do Senhor *Buddha* e um *talapõe*¹¹⁴ siamês, curiosidades de diversos tipos, ocupavam o topo do piano, consoles, cantoneiras e outros espaços adequados; no centro da sala havia uma escrivaninha comprida; na outra ponta havia algumas prateleiras de livros, com nossa escassa biblioteca, entre as duas janelas da Oitava Avenida; e o espaço térreo era preenchido por cadeiras e um ou dois divãs, de forma que a gente tinha de abrir caminho para ir até a outra ponta do aposento. Um candeeiro a gás de quatro bicos, regulável, colocado sobre a mesa, fornecia-nos a necessária iluminação física; a outra era fornecida por *H.P.B.* Um par de portas de vidro deslizantes (raramente fechadas) dividia o estúdio do pequeno dormitório dela, e na parede sobre as portas, construímos um imenso triângulo duplo de placas finas de aço perfurado. No conjunto, a sala era muito artística e agradável a seus ocupantes e convidados, e constituiu-se no tema de muitas descrições em jornais e de conversas entre nossos amigos. Nenhuma moldura seria mais apropriada para abrigar a bizarra personalidade de *H.P.B.*, sua misteriosa ocupante. Muitas foram as descrições sobre a sala, aparecidas nos jornais americanos da época; entre elas, apresento a seguinte, de autoria do mesmo correspondente do *jornal de Hartford*:

¹¹⁴ *Talapõe* = espécie de monge budista, mendicante e pregador, andarilho, no Laos, Birmania, Sião e outros países da Ásia. (N. do T.)

"Madame estava sentada em seu pequeno estúdio e parlatório, pois era ambos, e, pode-se dizer, também a sua loja de curiosidades, pois jamais um apartamento foi mais abarrotado do que este de coisas bizarras, elegantes, velhas, belas, caras e aparentemente inúteis. De cigarro na boca e tesoura na mão, ela ocupava-se aplicadamente em recortar trechos, artigos, tópicos, críticas e demais matérias, de uma pilha de jornais de todo o mundo, relativas a ela, seu livro, a Sociedade Teosófica, a toda e qualquer coisa que se relacionasse com a obra de sua vida e seus objetivos. Acenou-nos para que nos sentássemos, e, enquanto lia atentamente um artigo qualquer, tivemos oportunidade de observar as paredes e mobília deste **LAMASTÉRIO DE NOVA YORK**. Bem no centro havia um macaco empalhado, de peitilho e gravata brancos, um manuscrito no sobaco e óculos no nariz. Seria uma sátira muda ao clero¹¹⁵? Por cima da porta havia uma cabeça empalhada de leoa, de bocarra aberta e aspecto ameaçador; os olhos despediam uma ferocidade quase natural. Um ídolo de ouro ocupava o centro do aparador da lareira; armarinhos japoneses e chineses, ventarolas, cachimbos, implementos e mantas, divãs e canapés baixos, uma secretária grande, um pássaro mecânico que cantava, álbuns, álbuns de recortes, e os inevitáveis porta-cigarros, papéis e cinzeiros, faziam com que a bata solta e preciosa com que Madame se vestia parecesse em perfeita harmonia com o que a cercava. Que raro e estranho semblante tem ela! Uma combinação de estados diversos de espírito parece desenrolar-se constantemente em seus traços. Percebe-se-lhe, na expressão dos olhos, uma corrente subterrânea de sentimento e percepção, mordaz, alerta e sutil. Isto causou-nos então, e invariavelmente causa uma impressão de dupla personalidade: como se ela estivesse ali e não estivesse ali; conversando e não

¹¹⁵ Não, era uma sátira aos cientistas materialistas. - H.S.O.

obstante pensando, ou agindo longe dali. O cabelo dela, louro, muito espesso e naturalmente ondulado, não tem um fio grisalho. A pele, logicamente um pouco queimada pela exposição ao mar e ao sol, não tem rugas; seus braços e mãos são delicados como os de uma garota. Toda a sua personalidade expressa autodomínio, comando e um certo sangfroid¹¹⁶ que se abeira da indiferença masculina, sem contudo ultrapassar por um só momento os limites da delicadeza feminil." Assinalou-se anteriormente, se bem me lembro, que o que tornava uma visita ao *Lamastério* algo tão picante era a oportunidade que tinha o visitante, de poder ver, em qualquer ocasião, H.P.B. fazer algum prodígio, além de diverti-lo(la), deliciá-lo(la) ou edificá-lo(la) com seu chiste e sua conversa animada. Numa pausa da conversa, talvez um hóspede erguesse o dedo, dissesse "*Silêncio!* ", e então, com todos ouvindo em silêncio, a respiração suspensa, ouvir-se-iam no ar notas musicais. Podiam, às vezes, soar esmaecidamente à distância, vindo depois mais perto e ganhando volume até que a música élfica flutuasse pela sala, perto do teto, tornando a morrer num acorde perdido e seguindo-se-lhe o silêncio. Ou podia acontecer de H.P.B. estender a mão num gesto imperioso, e... plim! plim!, surgiriam no ar, lá onde ela apontava, os sons argentinados de um sino. Algumas pessoas cogitam que ela devia ter um sino escondido sob a roupa, para fazer seus truques; mas a resposta a isso é que, não apenas eu, mas outros, após o jantar e antes de nos levantarmos da mesa, dispusemos uma série de copos e cálices, contendo água em diversas profundidades, para fazer com que emitissem diferentes notas quando sensibilizados, e então, tocando-lhes as bordas com uma faca ou lapiseira, ou qualquer outra coisa, fazer com que ela duplicasse no espaço cada nota tirada dos "*copos musicais*". Nenhum sininho usado para truques, e manejado por baixo das

¹¹⁶ *Sangfroid* - Em francês no original: sangue frio (N. do T.).

saías de uma mulher, faria isso. Então, mais uma vez, quantas pessoas não estiveram presentes quando ela, pousando a mão num tronco de árvore, numa parede de casa ou caixa de relógio, na cabeça de um homem ou onde quer que lhe pedissem, fez soar o sininho de fadas dentro da substância do corpo sólido em contato com o qual estavam suas mãos. Eu estava com ela na casa do *Sr. Sinnett* em *Simla* quando, estando todos nós na varanda, ela fez vir a nós, no ar da noite estrelada, os sons musicais, provindos do vale escuro para o qual descia a encosta sobre a qual estava edificada a casa. E eu estava presente quando ela fez soar um sino dentro da cabeça de um dos maiores juriconsultos anglo-indianos, e outro no interior do bolso do casaco de outra alta personalidade, do outro lado da sala onde ela estava sentada.

Ela jamais conseguiu dar qualquer explicação científica satisfatória sobre o *modus operandi*. Um dia, quando estávamos a sós, eu e ela, e falávamos disso, ela disse: *"Bom, veja aqui: você é um grande assobiador; como você forma instantaneamente qualquer nota que deseje produzir?"* Respondi-lhe que não sabia dizer exatamente como o fazia, exceto que uma determinada disposição dos lábios e compressão do ar dentro da boca, cuja prática fora adquirida depois de muitos anos, faziam com que cada nota soasse simultaneamente ao meu ato de pensar dela. *"Bom, então me diga: quando você quisesse fazer soar uma nota, você ia pensar que, para produzi-la, tinha de fazer assim ou assado com os lábios, comprimir a respiração e acionar os seus músculos guturais de determinada maneira, e passar então a fazê-lo?"* "Absolutamente", disse eu; *"um longo hábito tornou automáticas minhas ações musculares e pneumáticas."* *"Pois muito bem, eis a coisa: eu penso numa nota; automática ou instintivamente, aciono as correntes astrais por meio de minha vontade treinada; mando, do meu cérebro a um determinado ponto no*

espaço, uma espécie de corrente contrária, e lá nesse ponto forma-se um vórtice entre essa corrente e a grande corrente que flutua na luz astral conforme o movimento da terra, e nesse vórtice ressoa a nota em que eu penso. Exatamente, como você vê, como a nota que você pretende assobiar soa no tubo de ar formado pelos seus lábios, quando você os coloca na posição correta, faz funcionar o lábio e os músculos da garganta da maneira certa, e força a respiração para fora desse canal ou orifício labial. É-me impossível explicá-lo melhor. Posso fazê-lo, mas não sei dizer-lhe como o faço. Agora, por favor, experimente produzir notas quaisquer e vamos ver se eu consigo imitá-las." Produzi uma nota ao acaso, num dos copos, e imediatamente ela soou no ar, como se sua alma ressoasse na terra das fadas; às vezes soava bem acima da cabeça, ora neste canto, ora naquele. Por vezes ela não acertava exatamente a nota, mas quando eu lhe dizia isso, ela me pedia para assobiar de novo a nota, e então esta voltava a nós exatamente, vinda do A'kasha.

Em relação ao que acabamos de narrar, leia-se o que diz a Sra. *Speer* (em *Light*, edição de 28 de janeiro de 1893) sobre os sons musicais que acostumavam acompanhar *M. A. Oxon*.

"19 de setembro — Antes de nos encontrarmos, esta noite, ouvimos os "sininhos das fadas" tocando em diferentes partes do jardim onde passeávamos; soavam por vezes longínquos, parecendo tocar no alto de algum olmo alto, e a música e as estrelas confundiam-se; depois eles chegavam mais perto de nós, seguindo-nos finalmente na sala de sessão, que dava para o gramado. Depois de nos sentarmos, a música ainda permaneceu conosco, tocando nos cantos da sala, depois sobre a mesa ao redor da qual estávamos sentados. Tocavam, a pedido, escalas e acordes, com a maior rapidez, e imitavam notas que o Dr. S. produzia vocalmente. Após a entrada do Sr. S.M., a música tornou-se mais alta, e soava

como uma brilhante execução ao piano. Naquela sala não havia instrumentos".

Os fenômenos musicais eram, evidentemente, idênticos aos de H.P.B., com a radical diferença, porém, de que ela produzia os sons à sua vontade, enquanto que, no caso de *Stainton Moseyn*, estavam além de seu controle e eram mais brilhantes quando o corpo dele estava tomado. O Círculo Speer teve, do começo ao fim, uma grande quantidade desses "*sinos de fadas*", e algumas teorias, bem pouco convincentes, foram fornecidas pelos espíritos para explicá-los. O suposto espírito de *Benjamin Franklin*, por exemplo, disse-lhes que (vide *Light*, edição de 18 de março de 1893, pág. 130) "*o som que vocês denominam sinos de fadas representa um instrumento espiritual, usado nas esferas.*" E acrescenta ainda: "*Poderíamos fazer muito mais por vocês, tivesse o nosso médium uma organização musical, mas ele é muito ruim em música.*" Ora, por que, se os sons eram extraídos de um instrumento? Isso é quase como dizer que *Thalberg* ou *Paderevsky* poderiam tocar melhor seus instrumentos se o fornecedor de gás do edifício não fosse surdo de um ouvido! Podemos, seguramente, negar a teoria do "*instrumento espiritual*", pois temos a explicação no fato de que, quanto mais musical seja o médium, de seu natural, mais melodiosos podem-se tornar em sua presença os sinos de fadas. Sobretudo, no caso de um médium, quanto mais profundamente ele mergulhar no transe, tanto mais próximos e nítidos devem ressoar os sinos, blem, blem, blem!

CAPÍTULO XXVII: Ilusões

O mensageiro elemental de *H.P.B.* fez, uma vez, soar o sino das fadas com efeito patético, no momento em que o canário dela morreu. Isto se me fixou indelevelmente na memória, desde que o fato está associado à recordação do sentimento de *H.P.B.*, de genuíno pesar. Era apenas uma canarinha comum, não muito notável pela beleza, mas uma dona-de-casa admiravelmente industriosa; cativante por ser tão evidentemente honesta. Não me lembro de onde a conseguimos, mas acho que *H.P.B.* a trouxe de Filadélfia, enquanto que eu comprei o companheiro dela — um esplêndido cantor — em Nova York. Não tem importância, nós os tivemos conosco por longo tempo, e tornaram-se quase como nossos filhos, por assim dizer. Costumávamos deixá-los voar pela sala à vontade, e o macho nos retribuía, empoleirando-se na moldura de um quadro perto de nossa mesa de trabalho e cantando melodiosamente. A fêmea pousava na nossa mesa, temerosíssima, e caminhava, chilreando, bem debaixo de nossos narizes, e apanhava qualquer fiapo de linha ou coisa semelhante, levando-os para construir o ninho, próximo ao teto, no enfeite de bronze do cano do candeeiro. Ela parecia dar especial valor às compridas e finas tiras de papel cortadas por *H.P.B.* quando esta procedia aos cortes e reajustes de seus originais em papel almaço. A pequena "*Jenny*" esperava às vezes até que sua patroa tivesse cortado um pedaço de papel e o deixasse cair na mesa ou no chão, e então saltava para ele e o levava embora, para a sonora aprovação de seu lindo marido, "*Pip*". Havia no chão um tapete turco com pontas franjadas, e este deu a Jenny tudo o que ela pôde pegar. A criaturinha pegava no bico uma das pontas, dobrava-a sobre os pés, e então curvava-se para trás e arrastava e puxava com toda a força, tentando inutilmente soltá-lo.

Finalmente terminou a construção do ninho, e então Jenny começou a sentar-se por cima de nossa mesa, com a cabecinha aparecendo para além da borda da taça de bronze, ou enfeite, no conduto do gás. Pip cantava o mais docemente que sabia, e nós esperávamos com divertido interesse pela eclosão dos ovos que estavam no choco. Passaram-se as semanas e Jenny continuava chocando e nós esperávamos, mas não ouvíamos o pipilar dos filhotes, e cogitávamos do que poderia estar errado. Um dia, afinal, quando o macho estava fora em busca de sementes e água, coloquei uma cadeira sobre a nossa mesa de trabalho, *H.P.B.* segurou-a e subi para dar uma olhada. O ninho estava absolutamente vazio, não havia nem avezitas nem cascas, quer inteiras ou quebradas: fôramos iludidos pela nossa atarefada canarinha. *H.P.B.* forneceu a única explicação possível, dizendo que "*Jenny estivera chocando suas ilusões*": ou seja, ela se havia persuadido de que pusera os ovos, e de que era de seu dever chocá-los!

Tudo correu bem conosco e os pássaros durante muitos meses, mas por fim nosso quarteto se rompeu, com a morte de *Jenny*. Encontramo-la de costas, em seu último alento, na gaiola. Tirei-a e a pus na mão de *H.P.B.*, e juntos pranteamos nosso bichinho. *H.P.B.* beijou-a, afagou-lhe delicadamente as penas, tentou restituir-lhe a vitalidade por meio de respiração magnética, mas nada adiantou; a respiração da ave tornou-se mais e mais débil, até que vimos que seria apenas uma questão de minutos. Então o duro rosto granítico de *H.P.B.* se desfez em ternura, ela abriu o vestido e pousou a pequena *Jenny* junto ao seio; como se para dar-lhe a vida dela, colocando a canarinha junto ao coração que estremecia de piedade por ela. Mas foi inútil, adveio um derradeiro alento, uma derradeira palpitação do coraçãozinho, e

daí? Daí, penetrante, doce e claro, no *A'kasha* perto de nós, soou um sino de fada, o réquiem pela vida que se extinguia, e *H.P.B.* chorou por sua canária morta.

Falando das possibilidades de *Máya*, será que devemos classificar nessa categoria o fenômeno que se segue? Um dia, movendo-se ao redor da mesa, *H.P.B.* fez um borrão de tinta num "*peignoir*" de cambraia clara que estava usando. Devia haver uma colher de chá do líquido, que escorreu em torrentes da frente da sala para o chão. A roupa se estragara. Omitirei as exclamações que ela deixou escapar, dizendo simplesmente que foram mais rudes que poéticas. Mas em breve ela mostrou-me que o mal não era irremediável, pois, encaminhando-se para o seu quarto, sem contudo cruzar o umbral, ela voltou-me as costas, e começou a passar as mãos por toda a roupa, ou até onde podia alcançar; e, no momento seguinte, voltou-se para mim, e oh! , o roupão claro, manchado, tinha desaparecido, e lá estava ela, vestida com um roupão cor de chocolate. Isso foi *Máya*? Se foi, quanto tempo dura um *Máya*? Pois ela usou o roupão marrom pelo tempo normal que uma roupa costuma durar, e jamais tornei a ver o roupão claro.

Ela me contou uma vez, com grande prazer, de um *Máya* que fora extraído dela. Estava viajando no deserto, disse ela, em companhia de certo adepto copta da magia branca, a quem não darei nome, e, quando acamparam, uma noite, ela manifestou o ardente desejo de tomar uma xícara de bom café com leite francês. "*Bem, certamente, se você quer tanto*", disse o guia e guardião. Ele foi até o camelo das bagagens, tirou água do cantil, e pouco depois retornou, trazendo na mão uma xícara de café cheiroso e fumegante, misturado com leite¹¹⁷. *H.P.B.* achava que isso, naturalmente, foi uma produção fenomenológica, já que seu companheiro era um alto adepto e possuidor de grandíssimos poderes. Ela, pois,

117

agradeceu-lhe encarecidamente, e bebeu, e deliciou-se, e declarou que jamais provara melhor café no *Café de Paris*. O mágico nada disse, mas apenas acenou prazenteiro e ficou como que esperando para receber a xícara de volta. H.P.B. sorvia a bebida fumegante, e conversava alegremente — mas que é isto? O café desaparecera e nada, senão água pura, resta-lhe na xícara! E nunca foi senão isso; ela estivera bebendo e cheirando e sorvendo o Máya do quente e cheiroso café de *Moca*. Dir-se-á, naturalmente, que uma ilusão assim pode ser vista no espetáculo de qualquer hipnotizador ambulante, em que se faz querosene saber a chocolate e vinagre a mel. Há, porém, a diferença de que a ilusão, no caso de *H.P.B.*, foi produzida em silêncio, por simples transmissão de pensamento, e tendo como sujeito alguém que tinha, ela mesma, o poder de lançar encantos sobre terceiros. Da rude experiência mesmérica, num auditório de província, com entrada paga, ao mais elevado exemplo de encanto *maiáxico* lançado em silêncio sobre uma pessoa ou uma multidão por um *prestidigitador, faquir, sanyasi ou adepto oriental*, há apenas uma diferença de grau. Um mesmo princípio rege todos estes e outros fenômenos, cuja observação é função dos sentidos corpóreos. Seja o Máya induzido de fora, por palavra oral, gesto sugestivo ou pela vontade silenciosa de outrem, seja ele auto-engendrado pela imaginação iludida atuando sobre os sentidos através da vontade, é sempre o mesmo, e aquele que dominar inteiramente a premissa do espetáculo do apresentador de província e do prestidigitador indiano desnudo, será capaz de apreender o sentido da teoria do Máya em escala cósmica. Quando se vive em diuturno contato com uma pessoa que possui esse poder de lançar encanto sobre outra a seu talante, depois de algum tempo a idéia torna-se mais opressiva, pois nunca se sabe se aquilo que aparentemente se diz ou vê é realmente isso. Nem mesmo uma visita como a que me fez o *Mahatma*, com a concomitante de ter ele me

tocado e me falado, e de eu o ter sentido como um homem de corpo substancial como eu mesmo, seria realmente uma prova de que eu não estivesse, na época, sob um encantamento. O leitor há de lembrar-se de que essa seqüência de pensamento veio-me à mente no curso de nossa conversação, e, quando estávamos para nos separar, o *Mahatma* deu-me, sorridente, a prova que eu queria, ao deixar-me seu turbante, uma peça palpável de algodão com o criptógrafo dele gravado, sobre a minha mesa.

Quanto já lemos, nas estórias do folclore, sobre "*o ouro das fadas*" e "*jóias de fadas*", os quais, ao amanhecer, encontram-se transformados em varinhas, folhas, palha ou outra ninharia! Descobre-se que tais histórias correm entre quase todos os povos de quase todas as terras. Ouvi-as contar na Índia. Em tais casos, ilustra-se o princípio do *Máya*; mas poderia parecer, do exemplo que apresentei, de ter-me o *Mahatma* reembolsado do meio dólar que eu gastara para comprar o material de desenho com o qual ia ser-me feito o retrato dele, que a mesma pessoa que pudesse produzir o *Máya* de dinheiro, à vontade, também fosse capaz de criar moedas reais, ou, pela lei do *apport*, trazer o dinheiro a alguém de algum local distante onde se encontrasse no momento,

A produção dos dois quadros de damas chinesas ou japonesas foi ato de encantamento, assim como o foi o caso seguinte. O *Hon. J. L. O'Sullivan*, ex-Ministro dos Estados Unidos em Portugal, a quem já aludi aqui, estava nos visitando um dia, quando a conversa passou a versar sobre o fenômeno da duplicação. Naquela tarde eu trouxera para casa uma nota de US\$ 1.000,00, e dera-a a *H.P.B.* para que a guardasse para mim. Ela tirou essa nota da gaveta, deu-a para o *Sr. O'Sullivan* segurar, e enrolou-a, na mão dele. Dali a pouco disse-lhe para abrir a mão e ver o que ia encontrar. Ele o fez, e, desenrolando a cédula, achou dentro dela uma outra,

perfeita duplicata da primeira quanto ao papel, número de série e impressão de frente e verso. "Bem", exclamou ele, *"este é um jeito famoso de se ficar rico!"* "Na verdade não é", respondeu H.P.B. *"É só um truque psicológico. Nós, que temos o poder de fazê-lo, não ousamos usá-lo em nosso próprio proveito ou no de outrem, assim como o senhor não se atreveria a praticar a falsificação pelos métodos dos contraventores. Em qualquer dos casos, seria uma lesa Governo."* Ela se recusou a satisfazer-nos a curiosidade quanto à maneira pela qual realizara a duplicação, dizendo-nos com uma risada que descobríssemos se pudéssemos. As duas notas foram postas na gaveta, e, depois que nossa visita se foi, ela mostrou-me que só ficara a original; a duplicata tinha novamente desaparecido. Pouco antes de deixarmos Nova York, H.P.B. saiu comigo, um; noite, para fazer compras pessoais. As compras perfizeram cinqüenta dólares, e como, na ocasião, ela estivesse absolutamente *"dura"*, paguei as notas e guardei os comprovantes. Quando estávamos para entrar na porta de nossa casa, ela largou-me o braço, pegou-me a mão e pôs nela algumas cédulas, dizendo: *"Eis os seus cinqüenta dólares!"* Ela, repito, não tinha dinheiro seu, e não houve nenhuma visita que tivesse vindo à nossa casa e de quem ela pudesse tê-lo tomado emprestado: nem, ao sairmos de casa, ela sabia o que ia comprar nem quanto ia gastar. Ela simplesmente tinha dinheiro quando realmente precisava dele, e quando fosse correto que ela o tivesse. Por exemplo: pediram-me uma vez para ir a determinada cidade e encarregar-me de um trabalho para os *Mahatmas*, trabalho esse do qual dependiam coisas importantes. Calculei que ia precisar de pelo menos um ou dois meses, e, como estava prevendo as despesas do *"Lamastério"* e tinha sobre mim outros encargos pesados, eu disse francamente a H.P.B. que não conseguiria arcar com uma ausência de Nova York por aquele espaço de tempo. *"Muito bem"*, disse ela, *"faça como achar melhor; você*

ainda não é um neófito comprometido, e os Irmãos não têm o menor direito de afastá-lo de seus negócios." No entanto, eu não suportava a idéia de recusar a menor coisa que fosse que os *Professores* me pedissem, e embora eu não conseguisse ver de que maneira seriam providas as minhas necessidades durante minha ausência, disse finalmente que iria, custasse o que custasse. *H.P.B.* perguntou-me o que eu poderia perder, se fosse, e eu lhe respondi que, calculando muito por baixo, nada menos de US\$ 500,00 por mês. Eu fui, e não voltei senão no segundo mês. Ao ir ao banco para ver o meu saldo, fiquei abismado ao ser informado de que havia um saldo de exatamente mil dólares mais do que eu me podia dar contas. O contador não se enganava? Não, o saldo era tanto e tanto. Perguntei-lhe, então, se conseguiria lembrar-se da aparência da pessoa que, ao que parecia, fizera dois depósitos de US\$ 500,00 cada em minha conta. Felizmente ele conseguia, porque o homem que o fizera tinha uma aparência bem estranha: era muito alto, de cabelos negros e longos a enrolar-se-lhe nos ombros, e complexão morena: em resumo, um asiático. O mesmo homem fizera ambos os depósitos, simplesmente entregando o dinheiro e pedindo que me fosse creditado. Não tinha a minha caderneta de depósitos, e pediu ao caixa-recebedor para preencher o recibo de depósito, já que *"ele não sabia escrever em inglês"*. Supondo-se que *H.P.B.* tivesse os amigos que tinha, anos depois, na Europa e na Índia, não seria de todo estranho que ela fizesse com que um deles lhe emprestasse o dinheiro para cobrir o meu *déficit*, mas na época não havia ninguém, além de mim mesmo, entre os conhecidos dela, de quem ela pudesse ter emprestado cem dólares que fosse, quanto mais um mil.

Em Bombaim, novamente, sempre lhe davam dinheiro quando ele era terrivelmente necessário. Quando desembarcamos, havia o estritamente necessário

para pagar com alguns meses de antecedência as nossas despesas domésticas, deixando de lado qualquer esbanjamento em supérfluos e "*mordomias*"; mas eu e ela seguimos para o *Punjab*, com *Moolji* e *Babula*, naquela jornada memorável que ela desenvolveu em seu vívido romance *Cavernas e Selvas do Indústão*, e gastamos aproximadamente duas mil rupias sem que isso nos prejudicasse. O óleo e a comida nunca se acabaram, pois o de que precisávamos nos era dado pelos *Mestres* cuja obra estávamos realizando. Quando indaguei como isso era possível, já que os *Mestres* viviam fora do mundo em que se faz dinheiro e se ganha dinheiro, *H.P.B.* disse-me que eles eram os guardiões da riqueza oculta das minas e de tesouros e jóias escondidos, que, de acordo com o *Karma* a eles ligado, podia ser empregado para o bem da espécie humana mediante diferentes expedientes. Alguns desses tesouros, contudo, estavam tão impregnados da aura do crime, que, se se permitisse que eles fossem escavados e postos em circulação antes que se cumprisse em detalhe a lei do *Karma*, gerariam novos crimes e terrível miséria humana. Mais uma vez, o *Karma* de alguns indivíduos exigia que eles, ainda que pelo mais fortuito acidente, descobrissem potes enterrados de dinheiro ou outros valores, ou atraíssem para si mesmos, através dos negócios, fortunas maiores ou menores. Estes efeitos de compensação eram postos em ação pelos dementais do reino mineral¹¹⁸, com quem — segundo a crença oriental - os aparentemente protegidos pela sorte se ligavam intimamente, através da preponderância dos elementais sobre o próprio temperamento deles.

¹¹⁸ A crença em "*espírito dos metais*" ou "*espíritos das minas*", bem como a de que o metal é uma entidade viva, com espíritos (elementais?) a seu serviço, era corrente entre povos antigos, e subsiste ainda entre primitivos cuja civilização já tenha atingido a fase da mineralogia. Citemos, a propósito, Mircea Eliade: "*Na África, entre os bayeka, no momento em que vai ser aberta uma nova galeria, o chefe, acompanhado de um sacerdote e rodeado de trabalhadores, recita uma oração aos 'espíritos do cobre' ancestrais que reinam sobre a mina.*" ("*Ferreiros e Alquimistas*", pág. 46) (N. do T.).

Esta questão da existência de espíritos elementais sempre se constituiu no nó da questão em relação aos espíritos, embora a *Sra. Britten*, um de seus líderes, declare (vide *Banner of Light*) que "**ELA SABE** da existência de espíritos outros que não os humanos, e viu aparições da existência espiritual ou elementar, evocadas por palavras e práticas cabalísticas." O *Hon. A. Aksakof*, sobretudo, afirma que "o *Príncipe A. Dolgorouki*, a grande autoridade em Mesmerismo, escreveu-me que verificou que os espíritos que desempenham o papel mais destacado nas sessões são elementares — *gnomos*, etc. Seus clarividentes os viram e descreveram-nos assim." *Spiritual Scientist*, número de dezembro de 1875. (*Álbum de Recortes da Sociedade Teosófica*, I, 92).

Resumindo, então a mão de um tal indivíduo, tendo nele uma preponderância dos elementais pertencentes ao reino natural dos minerais e dos metais, com a mão de Midas, rei da Frigia¹¹⁹, teria a propriedade mágica de "*transformar em ouro tudo o que toca*"; e, não importa quão estúpido fosse esse indivíduo quanto aos negócios em geral, sua "*sorte*" seria constante e irresistível. Assim, também, com a preponderância dos elementais da água, seria ele atraído para a vida de marinheiro, e nela perseveraria a despeito de toda a dureza e sofrimentos. Ainda, a preponderância dos elementais do ar no temperamento de um homem o levaria, em criança, a subir em árvores e telhados, a escalar montanhas,

¹¹⁹ Midas, legendário rei de um dos mais antigos reinos do mundo grego, a Frigia, na Ásia Menor, era filho de Górdias e Cibele. Por ter prestado um favor a Dioniso, restituindo-lhe Sileno, o deus concedeu-lhe uma graça à sua escolha. Midas pediu então que tudo o que tocasse se transformasse em ouro. Dioniso cumpriu literalmente o pedido do rei, e a partir de então, até mesmo o alimento e a bebida que Midas levava aos lábios transformava-se no precioso metal, bem como qualquer pessoa - mesmo as que lhe fossem mais caras - a quem o soberano tocasse. Midas rogou a Dioniso que lhe fosse retirado aquele terrível e raro dom. E o deus, compadecendo-se dele, mandou que se banhasse nas águas do Rio Páctolo. Midas assim fez, e o dom aurífero saiu dele, impregnando porém as próprias areias do rio, que passaram a "ser de ouro". O mito grego apresenta, note-se, diversos temas concordantes com a tradição oriental que vimos vendo no texto de Olcott: 1?) A conquista das boas graças de entidades do mundo mineral; 2P) O cumprimento "*ao pé da letra*", com conseqüências funestas, de uma ordem ou pedido formulado; 39) A predisposição, por assim dizer, de um indivíduo à conquista da riqueza, aqui diretamente simbolizada pelo ouro. (N. do T.).

andar de balão, andar amarrado em cordas em alturas vertiginosas, e, de outro modo, tentar elevar-se sobre a superfície da terra. *H.P.B.* contou-me várias histórias para ilustrar este princípio, as quais não precisam ser citadas aqui, já que a vida humana abunda de exemplos que podem ser compreendidos cotejando-os com a chave aqui apresentada. Quanto à *Sociedade Teosófica*, devo dizer que, enquanto nem *H.P.B.* nem eu nunca tivemos permissão de ter supérfluos, jamais nos deixaram sofrer pelo que fosse necessário à nossa vida e ao nosso trabalho. Vezes e vezes, vinte, cinqüenta vezes, vi nosso caixa quase esgotado, e as perspectivas bastante desanimadoras no sentido financeiro, mas como sempre eu recebia, em remessas provenientes de um lugar ou de outro, aquilo de que precisava, nosso trabalho jamais se interrompeu um dia sequer por falta de meios para dar prosseguimento à Sede.

Mas o intermediário dos *Mestres* invisíveis é muitas vezes desqualificado para julgar da necessidade ou não, para o sucesso de sua obra pública, de lhe chegar o dinheiro. Quando, em 1873, mandaram *H.P.B.* mudar-se de Paris para Nova York, ela em breve percebeu que estava na mais negra penúria, sendo-lhe necessário, como já afirmei num capítulo anterior, reaproveitar várias vezes a borra do café por falta de uns níqueis para comprar café novo; e, para não morrer de fome, teve por fim de fazer trabalho de agulha para um fabricante de gravatas. Ela não recebeu presentes de fontes imprevistas, não encontrou o ouro das fadas no colchão, ao acordar pela manhã. Ainda não era hora. Mas, embora estivesse ela mesma em tão completa miséria, ela teve no baú, durante algum tempo após sua chegada, uma grande soma em dinheiro (acho que algo como 23.000 francos), que lhe haviam confiado os *Mestres*, para aguardar ordens. Veio finalmente a ordem para que ela fosse a *Buffalo*. Ela não tinha a mais remota idéia de onde ficava ou

como fazer para chegar até lá, até que perguntou: *O que eu vou fazer em Buffalo?* "*Não interessa: leve o dinheiro com você.*" Ao chegar ao seu destino, disseram-lhe para pegar um cavalo de aluguel e dirigir-se a determinado endereço, e dar o dinheiro a tal e tal pessoa, para não dar explicações, mas pegar o recibo do destinatário e voltar. Assim fez ela: o homem foi achado no endereço dado, e em condições peculiares. Ele estava escrevendo uma carta de despedida à família, tendo na mesa uma pistola carregada, com a qual ia se matar em meia hora, se H.P.B. não tivesse chegado. Parece — como ela me contou em seguida — que se tratava de um homem riquíssimo, que fora roubado em 23.000 francos, de um jeito extraordinário, que fazia necessário, para salvaguardar os acontecimentos que deviam em seguida advir em conseqüência — eventos de importância para o mundo — que se lhe restituísse o dinheiro numa crise particular, sendo *H.P.B.* o agente encarregado deste ato de beneficência. Quando nos conhecemos, ela esquecera por completo o nome do homem, bem como seu endereço. Temos aqui um caso em que a própria intermediária escolhida para levar o dinheiro ao beneficiário estava, ela mesma, em necessidade, mas não teve permissão para usar um franco do fundo fiduciário para comprar para si mesma uma libra de café fresco.

Recordo-me ainda de outro caso em que *H.P.B.* foi incumbida de distribuir o "*ouro das fadas*" — para usar o termo popular. Felizmente, o beneficiário, neste caso, deixou-nos a história impressa.

Parece que, numa reunião de certos espíritas famosos de Boston (Massachussetts), disse-se algo sobre a possibilidade de o *Spiritual Scientist* vir a morrer por falta de patrocínio. O falecido *C.H. Foster*, médium famoso que estava presente, deu, como se procedesse de um espírito que o controlava, a declaração positiva de que a calamidade em questão estava pendente; como na verdade era, já

que o editor do jornal, Sr. Gerry Brown, tinha uma conta grande a saldar muito em breve, sem dispor dos respectivos meios para fazê-lo. Estes fatos preliminares foram publicados no *Spiritual Scientist*, juntamente com a seqüência, reproduzida de um recorte daquele jornal, o qual encontro num dos nossos álbuns de recortes:

*"Há poucos dias o diretor do **Scientist** recebeu um aviso para visitar o Escritório da **Western Union Telegraph** e o recibo de remessa em dinheiro enviada por telégrafo. Ele passou pela experiência que se segue":*

"Cenário — Escritório da Western Union Telegraph. Hora — ao meio-dia. À esquerda, o recebedor à escrivania. Entra à direita um indivíduo que apresenta um aviso de ordem de pagamento".

"Funcionário — Está esperando dinheiro"?

"Indivíduo — Bem, na ordem de pagamento estão meu nome e endereço, e trata-se de um aviso de vocês para mim. No entanto, eu não esperava dinheiro algum".

"Funcionário — Conhece um tal Sir Henry de Morgan"?

"Indivíduo (com um largo sorriso) — Bom, ouvi dizer que o espírito do cavalheiro que o senhor citou, que viveu na terra há 250 anos, interessa-se graciosamente pelo meu bem-estar. Vou receber o dinheiro".

"Funcionário (recuando e mudando de tom) — Conhece alguém aqui que possa identificá-lo"?

"Indivíduo — Conheço".

"É chamado, então, um membro da Companhia, que conhece o Indivíduo, e efetua-se o pagamento".

"Uma hora depois, chega um telegrama dizendo":

"Estou contribuindo com.....dólares para pagar.....nota, vencível a 19 de junho, e desafio Charles Foster a cumprir sua profecia. Publique-se o desafio. Vá ao Escritório da Western Union Telegraph, apanhe o dinheiro e acuse recebimento por telegrama".

a) *"SIR HENRY DE MORGAN."*

"O dinheiro foi enviado de uma cidade distante. Como o telegrama nos pede a publicação, fazemo-lo de bom grado. Não adiantamos qualquer opinião sobre o caso. Já mostramos o telegrama a diversos espíritas de projeção, um dos quais é de opinião de que um membro do círculo está nos gozando. Pois muito bem. Estamos dispostos a submeter-nos de bom grado a este tipo de gozação, sempre que alguém quiser fazê-la."

A "cidade distante", naturalmente, era Filadélfia, e o remetente, *H.P.B.*, que — como se disse anteriormente — estava, comigo, interessada em ajudar o *Editor* a tirar seu jornal de uma crise financeira. Só que eu estou perfeitamente a par da limitação dos recursos de *H.P.B.* naquela época, e sei com toda certeza que ela não estava, absolutamente, numa situação que lhe permitisse enviar quantias, quer grandes ou pequenas, a terceiros necessitados, como sei também que o segundo marido dela era tão pobre quanto ela própria, sem fontes de crédito a quem recorrer. Ela deve ter obtido o dinheiro da mesma maneira que obteve aquele que usou para suas compras em Nova York e para as despesas de viagem na Índia, a saber, da *Loja*. O *Sir Henry Morgan* do telegrama era *John King*, suposto guia espiritual, em nome de quem se produziram os primeiros fenômenos de *H.P.B.* em Nova York e Filadélfia.

Por uma interessante coincidência, ao corrigir estas provas, descobri em nossa Biblioteca um livro sobre *Morgan*, que eu havia perdido de vista durante

alguns anos. Seu título é *The History of the Bucaniers of America; from their First Original down to this Time*, escrito em várias línguas; e agora compilado em um volume. Compreendendo: *Proezas e Aventuras de Le Grand, Lolonois, Roche Brasileiro, Bat Português, Sir Henry Morgan*, etc. Escrito em holandês por Jo. Esquemeling, um dos bucaneiros, e traduzido por isso para o espanhol, etc. etc. (Londres, 1699. Edição Original).

É um velho livro bizarro, extraordinário, eletrizante, que adquirei em Nova York, acho, e com ele cedo nos familiarizamos. O que lhe empresta um especial interesse para nós é o fato de que a inteligência que, para minha edificação, disfarçou-se em *John King*, precipitou, fenomenologicamente, nas três páginas em branco que antecedem a página-título, os seguintes versos de pé quebrado:

"Ao meu amigo do peito, Henry Olcott.

*"Atentai, ó cavalheiros - à narração
Da linhagem deste Morgan, Capitão,
Que aqui vos faz o ardiloso Esquemeling;
Este último, aliás, reles mandrião,
- Judeu holandês - e até certo ponto,
Do Espanhol um espião
- Que penas e penas buscou,
E, ao velejar para o brumoso torrão,
Pôs-se a vender livros.
Sus, vil e ardiloso cão!
Embora o Capitão Morgan*

*Se entregasse à pirataria,
Sabia ele muito bem, todavia,
- Ponhamos as coisas em seus justos lugares
Que este Capitão nunca fugiu do fogo,
E à vista do inimigo,
Jamais deu às de vila Diogo,
E embora demais lhe aproovessem
Donzelas, vinho e ouro
- Foi um cavaleiro de decoro.
E quando lhe deram sepultura, Louvavam-lhe a nobreza e a
lisura
Os amigos que o mandaram para o Alto .
- Agora já mudado
- Com seu título e nome tão famosos Que podem parecer
estranhos, Embora não o seja
- John King - o Rei dos Espíritos,
Defensor das donzelas indefesas
E defensor do direito e da justiça...
Paz aos ossos de ambos,
Do Pirata e do Cavaleiro,
Pois em ambos consumiu-se a chama do bem e do mal,
E, desencarnados, encontraram-se ambos, afinal.
O biógrafo holandês se viu numa enrascada
O espírito de Sir Henry Morgan,
Que de há muito guardava a trapalhada*

*Do Judeu, célere se pôs à caça
Do espírito do inimigo,
E jamais, antes ou depois,
O mundo dos espíritos presenciou
Mais prazenteira raça,
ou surra maior do que aquele levou."*

"Moral da História"

*"Sabe - Amigo Harry,
Que aqui, na Terra dos Bem-aventurados¹²⁰,
Refregas de espíritos são coisas corriqueiras,
E os maus feitos deles,
Uma vez na Terra começados,
Difícilmente serão olvidados.*

"Teu benévolo amigo",

"JOHN KING¹²¹."

¹²⁰ No original, Summer Land = textualmente, Terra do Verão. A expressão, referindo-se ao Mundo Superior, aparece por exemplo nas mitologias nórdicas, e compreende-se que povos sempre acostumados aos eternos rigores do inverno visualizem o seu "paraíso" como uma terra de eterno verão. O que talvez não se aplicasse, digamos, a povos que vivem sob os rigores da zona tórrida e tropical. Summer Land equivale mais ou menos às "Ilhas dos Bem-aventurados" da mitologia grega, ou aos "Campos Elíseos" da latina. (N. do T.)

¹²¹ Os versos de John King são realmente pitorescos, embora tenha razão Olcott ao dizê-los "de pé quebrado". São escritos num inglês arcaico e até certo ponto rebuscado. Por isso, a tradução aqui apresentada é livre, não literal. Tentamos, sempre mantendo o significado e o espírito do texto original, dar uma idéia aproximada de seu tom jocoso e jovial. Não estranhe portanto o leitor, se um dia cotejar esta tradução com o original de Morgan. (N. do T.)

A difícil pronúncia e leitura destes versos exigirá atenção, e, a meu ver, são muito mais característicos de uma inteligência como presumivelmente era a do cavaleiro bucaneiro, do que o montão de confusas comunicações que temos recebido através de médiuns.

Além das estantes abertas entre as janelas de nosso estúdio no *Lamastério*, havia uma menor, com portas de vidro, que ficava na janela nordeste. No dia em que comprei a cabeça de leoa, anteriormente citada, comprei também um lindo espécime da grande coruja cinzenta americana, que estava muito bem montada. Coloquei-a primeiro num pequeno suporte num dos cantos, mas depois a transferi para o alto dessa estantezinha de livros, e pus uma caixa dentro da cornija para sustentar a ave na altura correta para que fosse vista. Menciono o fato em virtude de um fenômeno instrutivo ocorrido entre a ocasião em que coloquei a caixa dentro da cornija e aquela em que levei o pássaro da mesa de trabalho, atrás de mim, para suspendê-lo em seu lugar. Nesse lapso de tempo, apareceram na parte lisa da cornija e nos caixilhos das duas portas de vidro umas grandes inscrições tibetanas em letras de ouro; e de um tipo tão resistente que lá permaneceram até sairmos de Nova York. Observe-se o processo: estou de frente para a estante, para colocar no alto dela a caixa vazia, e nessa posição meu rosto acha-se realmente em contato com a face exposta da estante, e não vejo absolutamente nada escrito ou pintado nas superfícies lisas da madeira. Volto-me sobre os meus passos, pego a ave, torno a virar-me para pô-la em seu lugar, e — eis as mensagens tibetanas em letras douradas, diante dos meus olhos. Teria sido um *Máya* positivo ou negativo, a precipitação, naquele momento, de uma inscrição pela força do pensamento, da distância em que *H.P.B.* estava sentada, no outro lado da sala? ou será que foi uma inibição da minha própria visão e da visão das diversas outras pessoas na sala, até

chegar o momento de remover a condição de cegueira especial e temporária, permitindo-nos ver então o que *H.P.B.* provavelmente escrevera com tinta dourada durante o dia, tendo-o então ocultado sob o seu "*véu de Máya*"? Acredito na última hipótese.

O *Sr. Judge* narra ao *Sr. Sinnett* (vide *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pág. 191, op. cit.) um fenômeno de precipitação, do qual também fui testemunha. Os fatos aconteceram assim: uma noite, estávamos reunidos, *H.P.B.*, o *Sr. Judge* e eu, e era preciso escrever uma carta ao *Sr. M. D. Evans*, de Filadélfia, corretor de seguros. No momento, nenhum de nós conseguia lembrar-se do endereço dele; não havia por perto nenhum lugar onde se pudesse consultar um catálogo de Filadélfia; e estávamos num beco sem saída. Eu e *H.P.B.* nos recordamos de que na mesa dela, em Filadélfia, houvera uma folha móvel de mata-borrão, com o nome do *Sr. Evans* impresso, numa linha ondulada, junto com o da companhia de seguros que ele representava, mas nenhum de nós conseguia lembrá-lo. Por fim, ela fez isto: pegou da mesa à nossa frente um cortador de papel envernizado, agitou-o suavemente, pôs sobre ele um pedaço de papel mata-borrão, passou a mão pela superfície, ergueu o papel, e lá estava, na superfície negro-envernizada do corta-papel, impressa em tinta de bronze, o *fac-símile* da inscrição do mata-borrão de Filadélfia, que *Evans* lhe dera naquela cidade. O cérebro físico dela não conseguia lembrar-se da inscrição, mas quando ela focalizou o poder de sua vontade na vaga memória (fisicamente falando) de seu cérebro astral, a imagem oculta foi novamente trazida à luz e precipitada sobre a superfície determinada. Este foi um caso de conversão da consciência "*subliminar*" em consciência

supraliminar¹²²; e um caso interessantíssimo, convenhamos.

Deixo ao leitor a decisão sobre se o fenômeno que narrarei a seguir foi um *Máya*, um *apport*, um truque, ou uma criação. Estávamos, eu e ela, como de costume, fumando certa noite durante o trabalho; ela fumava o cigarro dela, eu o meu cachimbo. Era um cachimbo novo, recordo-me, e o fumo era do melhor que se poderia desejar, mas subitamente ela fungou e disse: "*Bah, que fumo horrível você está fumando, Olcott!*" Eu lhe disse que ela estava muito enganada, já que tanto o cachimbo quanto o fumo eram excepcionais. "*Bem*", disse ela, "*não estou gostando dele esta noite, tome um cigarro.*" "*Não*", repliquei, "*não vou fumar, já que isso incomoda você.*" "*Por que você não usa um daqueles lindos cachimbos que vêm de Constantinopla¹²³?*", ela falou. "*Porque não tenho um — um ótimo motivo.*" "*Bem, nesse caso, eis um pra você*", exclamou, deixando pender a mão do lado do braço da poltrona, e tornando a levantá-la com um cachimbo, que me passou. Tinha o forninho de argila vermelha e brilhante, ornado de filigrana dourada, com o cabo recoberto de veludo púrpura, e, como enfeite, uma corrente, leve e dourada, com moedas de imitação. Peguei-o com um simples "*Muito Obrigado*", enchi-o e o acendi, e continuei com meu trabalho. "Que acha dele?", perguntou ela. "*Muito bom*", disse eu, "*embora, ao invés de púrpura, eu preferisse veludo azul.*" "*Muito bem, então tome um azul*", comentou; baixou novamente a mão, e depois tornou a erguê-la, com um cachimbo de cabo azul. Agradei e continuei meu trabalho. Repetiu-se a manobra, e ela disse: "*Eis um cachimbo de nenê*", e deu-me uma miniatura do modelo maior. Como ela estava, ao que parecia, com a veia das

¹²² O tema da memória subliminar - que Olcott, em sua época, só poderia abordar de forma mais ou menos empírica, é hoje um tópico importante na pesquisa parapsicológica. Experiências demonstram que esse tipo de memória desempenha papel preponderante, tanto no âmbito dos fenômenos psicológicos comuns, quanto na produção de fenômenos parapsicológicos. Investigadores que foram mais além cogitam de sua recorrência em vidas sucessivas (?) (N. do T.).

¹²³ Atual Istambul (N. do T.).

surpresas, produziu a seguir, um após outro, uma piteira turca em dourado e âmbar, uma cafeteira e açucareiro turcos, e, finalmente, uma bandeja dourada em metal rebatido com enfeites de imitação de laca. "*Mais alguma coisa?*", perguntei. "*Alguma loja turca pegou fogo?*" Ela riu-se e disse que chegava por aquela noite, mas que, de outra feita, ela podia sentir-se inclinada a me dar, por meios mágicos, um cavalo árabe completamente ajaezado, para que eu descesse a Broadway montado, numa procissão da *Sociedade Teosófica* e aturdisse os nativos! Muitas, muitas pessoas mesmo viram os cachimbos e o serviço para café, dali em diante, em nossa casa, e, quando partimos de Nova York, eles foram dados aos amigos, com exceção da bandeja dourada e do açucareiro, que eu trouxe para a Índia e ainda tenho.

CAPITULO XXVIII: Um Esboço de Madame Blavatsky

Algumas palavras mais, para completar o esboço de *H.P.B.* Ela, mesmo na juventude — a julgar por seus primeiros retratos — era gorducha, e, no fim da vida, tornou-se muito corpulenta. Parece ter sido um traço de família. No caso dela, a tendência se agravou pelo estilo de vida que levava, quase sem fazer qualquer exercício físico, e comendo muito, a menos que estivesse seriamente enferma. E mesmo então, ingeria em grande quantidade alimentos gordurosos e, no café da manhã, costumava despejar manteiga derretida em quantidade sobre os ovos fritos. Vinhos e bebidas alcoólicas, jamais os tocava, constituindo-se o chá e o café nas suas bebidas, de preferência o último. Seu apetite, enquanto a conheci, era extremamente extravagante, e ela era extremamente rebelde a horários fixos para as refeições, constituindo-se assim no terror de todas as cozinheiras e no desespero de seu colega.

Lembro-me de uma ocasião em Filadélfia que mostra em grau particular esta peculiaridade. Ela tinha uma empregada para o serviço geral, e, nesse dia em particular, estava sendo cozida para o jantar uma perna de carneiro. De repente *H.P.B.* lembrou-se de que tinha de escrever um recado a uma amiga que morava no outro lado da cidade, a uma hora de viagem de ida e volta, pois não havia bondes ou outro meio de transporte público direto de uma casa à outra. Chamou a empregada em altos brados e mandou-a partir imediatamente com o recado e trazer a resposta. A pobre moça disse-lhe que o jantar ia se estragar, e que ela não conseguiria provavelmente estar de volta senão uma hora depois do horário normal. *H.P.B.* não ouvia, e disse-lhe para "*se mandar*" imediatamente. Quarenta e cinco minutos depois, *H.P.B.* começou a queixar-se de que aquela estúpida e idiota não tinha voltado: estava com fome e queria jantar, e mandou para o inferno todas as

empregadas de Filadélfia. Dentro de mais quinze minutos, tinha ficado desesperada, e então descemos à cozinha para dar uma olhada. Naturalmente, as panelas de comida e verduras voltaram para o fogão, o fogo estava apagado, e havia pouquíssimas possibilidades de o jantar sair. *H.P.B.* era veemente em sua raiva, e assim, nada nos restava senão voltar e cozinhar para nós mesmos. Ao voltar, a empregada recebeu uma tal saraivada de recriminações que caiu em pranto e pediu a conta! Em Nova York se acontecia de estar por lá uma boa visita, ou o jantar tinha de esperar indefinidamente, ou ele, ela ou eles — pois não fazia qualquer diferença — era convidado a jantar, as porções preparadas para nós dois tinham de ser divididas e subdivididas por talvez quatro pessoas. Em Bombaim, era pior: um dia o jantar tinha de ser adiado por duas horas, e noutro *H.P.B.* mandava servir uma hora antes do horário; e daí aterrorizava as desgraçadas criadas goanas, porque as verduras estavam meio cruas e a comida mal cozida. Assim, quando nos mudamos para *Adyar*, resolvi pôr um fim a essa chateação, e construí uma cozinha no terraço perto do quarto de *H.P.B.*, dei-lhe um grupo de criados só para ela e deixei que ela comesse ou passasse sem comer, conforme lhe aprouvesse.

Ao visitá-la em Londres, depois que se mudou para lá, descobri que continuava em vigor o mesmo sistema antigo, o apetite de *H.P.B.* tinha se tornado mais excêntrico que nunca em virtude do avanço da doença, embora os amigos arrajassem para ela todas as iguarias possíveis para satisfazê-la. Coitada! Não era culpa dela, embora a sua má saúde tivesse em grande parte decorrido de sua negligência, durante quase a vida inteira, às regras da digestão. Ela jamais foi asceta, tampouco vegetariana, enquanto a conheci, sendo a dieta de carne, aparentemente, indispensável à sua saúde e conforto, do mesmo modo que o é a tantos outros na nossa *Sociedade*, inclusive a mim. Sei de muitos que tentaram ao

máximo passar para a dieta vegetariana, e, de alguns, como eu, por exemplo, que continuaram com a experiência por vários anos, mas viram-se afinal obrigados, contra a sua vontade, a voltar à velha dieta. Alguns, pelo contrário, como a *Sra. Besant* e outros teosofistas eminentes que eu poderia citar, sentiram-se muito mais saudáveis, mais fortes e melhor seguindo uma alimentação sem carne, e gradualmente adquiriram positiva aversão à carne em todas as suas formas. O que atesta a veracidade do velho provérbio que diz "*O alimento de uns é o veneno de outros*"¹²⁴. Acho que não se deve maldizer um caso nem louvar o outro, seja lá qual for o regime que alguém escolha. Não é o que entra pela boca que corrompe o homem, mas o que repousa no coração dele¹²⁵. Um sábio ditado, justamente lembrado pelos virtuosos.

H.P.B. era, todo mundo sabe disso, uma fumante inveterada. Consumia diariamente um número imenso de cigarros, e era extremamente hábil para enrolá-los. Conseguiu até mesmo enrolá-los com a mão esquerda enquanto escrevia com a direita. Seu devotado médico londrino, o *Dr. Mennel*, tem o presente mais singular que ela poderia ter dado a alguém: uma caixa, com o monograma dele primorosamente gravado na tampa, e contendo centenas de cigarros que ela enrolou para ele, com suas próprias mãos. Ela mandou-lhe o presente logo antes de morrer, e o Doutor o tem, guardado, como lembrança daquela que foi, indubitavelmente, seu mais ilustre e interessante paciente.

Enquanto escrevia *Ísis Revelada*, em Nova York, ela não se ausentaria de seu apartamento por seis meses de uma vez. Desde manhãzinha até bem tarde da

¹²⁴ Vale dizer, segundo um provérbio popular brasileiro, "*O que para uns é mel, para outros é fel*", ou então, "*Olhos de um, ramela de outros*". (N. do T.)

¹²⁵ A exegese moderna dos grandes textos religiosos, cotejada ao estudo histórico das respectivas religiões e profetas, parece unânime em que, de modo geral, as proibições e prescrições alimentares obedeceram, à sua época, mais a fatores de ordem sanitária do que religiosa. É o caso das proibições contidas na lei Mosaica e no Alcorão. Já no Novo Testamento, Cristo diz textualmente: "*O que contamina o homem não é o que lhe entra pela boca, mas o que dela sai, isso é o que contamina o homem*" (Mateus, 15.11) (N. do T.)

noite, ficava sentada à mesa, trabalhando. Não era raro ela passar dezessete das suas vinte e quatro horas em seu trabalho de escrever. Seu único exercício era ir à sala de jantar ou ao banheiro, para voltar novamente à mesa de trabalho. Como ela era, então, uma grande comilona, a gordura acumulou-se-lhe em massas pelo corpo: ganhou um queixo duplo e triplo, uma gordura aquosa formou-se-lhe nos membros e pendia-lhe em massas dos quadris, os braços desenvolveram grandes bolsas de tecido adiposo, as quais ela freqüentemente exibia aos visitantes e das quais se ria como se fossem uma grande piada - uma piada amarga, como ficou provado nos anos que se seguiram. Terminado *Ísis*, e como começássemos a ver evidenciar-se nossa partida, ela saiu um dia com minha irmã e foi se pesar, a balança parou nas 245 libras (17 ponto 7)¹²⁶, e ela então anunciou que pretendia chegar ao peso adequado para viajar, que fixou em 156 libras (11 ponto 2)¹²⁷. Seu método era simples: diariamente, dez minutos após cada refeição, ela fazia levarem-lhe um copo de água pura, mantinha a palma de u'a mão sobre ele, olhava-o mesmericamente, e depois bebia-o. Não me lembro exatamente por quantas semanas ela continuou com esse tratamento, mas finalmente pediu a minha irmã que fosse novamente com ela, pesar-se. Elas trouxeram e me mostraram o certificado do balconista que manejara a balança, atestando que "*O peso de Madame Blavatsky, neste dia, é de 156 libras!*"

Assim continuou ela até bem depois de termos chegado à Índia, quando a obesidade reapareceu e persistiu, agravada por hidropisia, até sua morte.

Havia um aspecto da personalidade dela que divertia os estranhos e a fazia atraente àqueles que a amavam. Refiro-me à espécie de deleite infantil que ela exibia quando determinadas coisas a agradavam muito. Uma vez ela teve transportes de alegria, ao receber uma caixa de caviar, doces e outras guloseimas

¹²⁶ 245 libras equivalem mais ou menos a 111,129 kg, tomando-se por base a medida de peso de 453,59 g, atribuída a uma libra. (N. do T.)

¹²⁷ 156 libras = aproximadamente 70,760 kg, pelo mesmo padrão anterior. (N. do T.)

da Rússia, enquanto estávamos em Nova York. Ela queria que nós todos provássemos das iguarias, e quando eu reclamei que as ovas de peixe tinham gosto de sola de sapato salgada, ela esteve a ponto de me aniquilar. Uma migalha de pão preto que por acaso estava num jornal que lhe tinham mandado de casa sugeria toda a vida doméstica em Odessa. Ela me descreveu sua adorada tia *Nadjeda*, sentada, tarde da noite, em sua sala, lendo os jornais enquanto mordiscava uma dessas mesmas casquinhas; e os diferentes aposentos da casa, seus ocupantes e respectivos hábitos e ocupações. Ela embrulhou mesmo a migalha num pedaço do jornal e guardou-a debaixo do travesseiro para sonhar sobre ela.

No meu Diário de 1878, encontro um verbete de 14 de julho, um domingo, a respeito de um passeio à beira-mar, que fizemos com Wimbridge. Diz assim:

"Dia magnífico, sol brilhando, dia fresco, ar agradável, tudo encantador. Nós três pegamos um coche, tocamos para a praia e todos tomamos banho. H.P.B. estava divertidíssima, deslizando na arrebentação, com as pernas nuas e demonstrando um júbilo quase infantil por estar num tão "esplêndido magnetismo".

Em Madras, ela recebeu de presente, de sua tia, vários brinquedos feitos com serra tico-tico. Alguns, de desenhos cômicos, ela tirava para mostrar a todas as visitas, até que acabou a novidade. Um deles, uma bolsa de parede de madeira de ébano e calamânia, está pendurada no velho quarto dela em *Adiar*, onde estou escrevendo agora.

Na mesa dela, em Nova York, fica um cofrinho em forma de túmulo ou templo gótico — não se pode dizer qual dos dois — que era para ela fonte de constante deleite. Tinha uma fenda no interior da cúpula, e um tampo de mesa redondo, de ar inocente, sobre um pilar. Este ligava-se a uma manivela externa, e se uma moeda fosse colocada no cofre e girada a manivela, a moeda era arrastada

pela fenda e caía dentro, de onde só podia ser tirada desatarrachando-se determinada plaquinha ao fundo. Fizemos dele a nossa caixa de coleta para a *Arya Samaj*, e *H.P.B.* — mais deixarei o repórter do *N. Y. Star* falar por si mesmo sobre esse ponto. Naquele jornal, edição de 8 de dezembro de 1878, está escrito:

*"Madame Blavatsky, ou, como ela prefere ser chamada, H.P.B. (ela mandou o título de **"Madame"** fazer companhia ao de **"Condessa"**, por ela dispensado anteriormente) ficou encantada com a idéia. **"Vou encher de dólares o meu templozinho"**, gritava, **"e não me envergonharei de levá-lo à Índia."** O templo a que se referia é um edifício pequeno, mas intrincado, com entrada mas sem saída, para o dinheiro dado em contribuição à **Arya Samaj**. É solidamente construído em ferro fundido, e montado por um pequeno **"Dev"**. *H.P.B.* gentilmente explicou ao repórter que **"Dev"** é uma palavra sânscrita, diferentemente interpretada como deus, ou demônio, ou gênio, por diferentes nações do Oriente. O visitante eventual do Lamastério é freqüentemente convidado a colocar uma moedinha no alto do templo e a virar uma manivela. Invariavelmente, o resultado é o grande regozijo dos Teósofos, o desconcerto do visitante eventual, e o enriquecimento da **Arya Samaj**, pois no processo desaparece a moeda."*

O mesmo autor, vejo, diz algo bonito sobre o mural em folhas secas, representando uma selva tropical, da nossa sala de jantar, o qual foi há pouco descrito noutro capítulo. Pensamos em fazer uma loteria entre nossos amigos, para sortear o mobiliário do Lamastério, e esse mural devia ser um dos prêmios. O repórter do *Star* diz:

"Talvez uma das coisas mais notáveis de toda a coleção de prêmios exóticos seja uma que não tem o crédito de mágica. É um mural, tão elaboradamente belo, e no entanto tão simples, que parece estranho que não seja

*de bom gosto*¹²⁸. Numa das paredes da sala de jantar do já famoso apartamento, está representada uma cena tropical, na qual aparecem um elefante, um tigre, uma enorme serpente, uma árvore caída, macacos, pássaros e borboletas, e duas ou três poças d'água. Não é nem pintado nem desenhado, mas o desenho foi inicialmente recortado em papel, colando-se-lhe a seguir folhas outonais de várias tonalidades, enquanto que a água foi representada por pedacinhos de espelho quebrado. O efeito é notavelmente bonito, mas o ganhador do prêmio provavelmente necessitará da arte mágica para removê-lo em boas condições, pois o mural ficou tanto tempo em seu lugar que as folhas estão secas e quebradiças."

O lado trocista da personalidade de *H.P.B.* constituía um de seus maiores encantos. Ela gostava de dizer coisas espirituosas, bem como de ouvi-las de outros. Como já notei anteriormente, o salon dela nunca foi monótono, salvo, naturalmente, para aqueles que não tivessem qualquer conhecimento da literatura oriental e nada entendessem de filosofia oriental, e para estes o tempo devia arrastar-se pesadamente quando *H.P.B.* e *Wilder*, ou o *Dr. Weisse* ou alguns outros sábios ficavam a discutir esses profundíssimos abismos e elevadíssimas culminâncias do pensamento durante horas a fio. Mas mesmo então ela falava tão descontraidamente, e formulava seus pontos de vista com tanta verve e paradoxos tão impressionantes, que, mesmo que o ouvinte não conseguisse acompanhar-lhe o fio do pensamento, devia admirá-lo como se deve admirar a pirotécnica do *Crystal Palace*, embora não se conheçam os processos químicos empregados na fabricação das peças. Ela apanhava e fazia sua qualquer frase ou palavra original, como, por

¹²⁸ A julgar pelas repetidas descrições de Olcott, a decoração do "*Lamastério*", e em particular o famoso mural das folhas secas, eram bastante impregnados daquele estilo a que modernamente chamamos "kitch", isto é, exatamente uma mistura de estilos e tendência estéticas, cujo resultado final é um conjunto heterogêneo, por vezes composto de elementos dissonantes. Analisada por um purista, soa geralmente como de mau gosto. Daí, talvez, a observação do repórter do *N. Y. Star*. Note-se porém que o efeito, conquanto discutível, nem sempre é desagradável. (N. do T.)

exemplo, "*flapdoodle*", "*whistle-breeches*"¹²⁹, e diversas outras que passaram a ser vistas como invenções dela mesma. Nas nossas horas de folga, isto é, quando acabávamos nosso trabalho noturno, ou quando vinham visitas, ou, raramente, quando ela queria tirar um pequeno descanso, ela me contava histórias de magia, mistério e aventura, e, em troca, fazia-me assobiar ou cantar canções cômicas, ou contar histórias engraçadas. Uma dessas últimas tornou-se, pelos aumentos acrescentados durante dois anos ao original, uma espécie de Odisséia burlesca da família *Moloney*, cujos inúmeros descendentes em questão, retornos ao estado de força cósmica, miscigenações, mudanças de credo, pele e aptidões, formavam uma fantasia da qual *H.P.B.* parecia jamais faltar-se. Ela me fazia contar na presença de terceiros, às vezes me entediando, e gozava a surpresa deles ante essa grosseira improvisação. Era tudo recitado com sotaque irlandês, mera fanfarronada de "*nonsense*" de todo tipo, lidando-se de forma extravagante com os problemas de evolução macrocósmica e microcósmica: a coisa toda se baseava no parentesco dos *Moloneys*, por casamento, com os *Molecules*¹³⁰, tendo ambos gerado a potência suprema da força irlandesa, a qual controlava as vicissitudes de todos os mundos, sóis e galáxias. Era, comparada com a história trivial a partir da qual se desenvolveu, como a figueira brava gigante comparada com sua sementinha. Por fim ela passou a chamar-me de *Moloney*, tanto falando como escrevendo, e eu

¹²⁹ Os neologismos de Madame Blavatsky não constam em dicionários. "*Flapdoodle*": flap, literalmente, é aba, fralda, ponta, ou ainda, como verbo, bater asas, esvoaçar, dar pancadinhas, etc. doodle = rabisco, garatuja, ou, como verbo, escrever a esmo, rabiscar, escrevinhar maquinalmente enquanto se faz outra coisa. O neologismo de Madame Blavatsky poderia ser algo como "*rabisquelho*", ou "*escrevinheta*". Já "*shistle-breeches*" seria qualquer coisa como "*bumbum farfalhante*", considerando-se que "*breeches*", literalmente, é, como singular (*breech*), nádegas, traseiro, culatra; e, como plural, calções. E *whistle* - assobio, sussurro, e, como verbo, assobiar, zunir, sibilar, silvar. De qualquer forma, as duas palavras são muito mais sonoras em inglês do que qualquer possível tradução em português. E parece que era exatamente o som exótico que fascinava Madame Blavatsky. (N. do T.).

¹³⁰ Molecule = molécula, partícula. Transformou-se o substantivo comum num nome próprio, a "*família Molecule*", ou "*os Molecules*" - uma brincadeira semântica, aliás, muito ao gosto dos povos de língua inglesa. (N. do T.).

revidava chamando-a de *Mulligan*. Os dois apelidos pegaram entre nossos amigos, e, nas minhas velhas caixas-arquivo, há muitas cartas dirigidas a ela e a mim sob esses pseudônimos hibernico¹³¹s

Ela era uma esplêndida pianista, e tocava com técnica e expressão simplesmente soberbos. As mãos dela eram modelos — reais e ideais - para escultura, e jamais se mostravam de forma tão favorável como quando deslizavam sobre o teclado descobrindo suas mágicas melodias. Ela foi aluna de *Moscheles*, e, quando esteve em Londres, em mocinha, com o pai, tocou num concerto beneficente com *Madame Clara Schumann* e *Madame Arabella Goddard*, numa peça de Schumann para três pianos¹³². Durante a época de nosso relacionamento, ela tocava afinal muito pouco. Uma vez que compramos o piano, ela tocou nele durante algumas semanas, mas depois ele permanecia sempre fechado, até que o vendemos, e funcionava como prateleira dupla para livros. Havia ocasiões, quando ocupada por um dos *Mahatmas*, em que ela tocava com indescritível grandeza. Sentava-se às vezes ao crepúsculo, ninguém na sala além de mim, e tirava do melódico instrumento improvisações que bem podiam nos fazer imaginar que estivéssemos ouvindo os *Gandhâvas* ou membros do coro celestial. Era a harmonia dos céus.

Em seu estado normal, ela tinha má vista para lidar com cores e proporções, e bem pouco daquele belo senso estético que leva uma mulher a vestir-se apropriadamente. Fui com ela ao teatro por vezes esperando que a casa se levantasse à nossa entrada. Ela, uma mulher robusta e de aparência notável, usando um garboso chapéu com plumas, vestido de noite em cetim com muitos

¹³¹ Hibernicos = relativos à Hibérnia, antigo nome do Eire, ou Irlanda (N. do T.)

¹³² Poucas semanas após a publicação destas linhas, eu soube, por um membro da família dela, que, pouco antes de vir para a América, H.P.B. excursionou, como pianista, pela Rússia e Itália, sob o pseudônimo de "*Madame Laura*".

enfeites, corrente de ouro, comprida e pesada, ao redor do pescoço, presa a um relógio azul-esmaltado, com monograma em diamantes baratos na parte de trás, e aquelas mãos adoráveis com doze ou quinze anéis pequenos e grandes. As pessoas deviam rir ao lado dela, mas, se lhe surpreendessem o olhar severo e olhassem naquele pesado rosto calmuco, a risada delas logo desapareceria, para que o espanto e o temor as possuíssem.

Ela por vezes era generosa ao extremo, esbanjadora até; outras vezes, justamente o contrário. Quando tinha dinheiro, parecia encará-lo como algo de que devia livrar-se depressa. Contou-me que gastou, em dois anos, um legado de 85.000 rublos (cerca de 170.000 rupias) que lhe deixara a avó, perambulando a esmo pelo mundo. Uma boa parte do tempo, teve com ela um enorme cão da raça Newfoundland, que levava por uma pesada corrente de ouro!

Era uma pessoa muito franca e objetiva, quando não estava trocando gentilezas com um novo conhecido, ocasiões em que mostrava-se uma grande dama até a ponta dos dedos. Não importa o quão mal ajambrada ela pudesse ser, na aparência, portava a marca indelével das pessoas de berço nobre, e, se o quisesse, poderia ser tão enaltecida quanto uma duquesa francesa. Na sua vida normal e cotidiana, porém, era, em seu sarcasmo, contundente como uma faca, e, em seus momentos de raiva, explosiva como uma bomba. O pecado imperdoável, para ela, era a hipocrisia e os ares grã-finos. Mostrava-se então impiedosa, e as fontes de diversas línguas exauriam-se para cobrir a vítima de invectivas. Por clarividência, via freqüentemente, como num espelho, os pecados secretos de homens e mulheres que encontrava; e se, por acaso, eles estivessem particularmente inclinados a falar da *Teosofia* com desdém, ou dela com pouco caso, ela lhes despejava na cabeça as garrafinhas de irada franqueza. Detestava os

"*maria-vai-com-as-outras*", mas para uma pessoa pobre, ignorante e franca, quer fosse respeitável ou não, tinha sempre uma palavra gentil e muitas vezes um presente. Sempre cultuou a informalidade, e nada lhe agradava mais do que fazer e dizer coisas que chocassem os pudicos. A esse respeito, encontro por exemplo, em meu diário, o registro de certa noite em que ela pôs a camisola, foi para a cama e recebeu uma comitiva de senhoras e cavalheiros. Isto, segundo a moda das damas da nobreza e da realeza européia dos dias pré-revolucionários. Sua palpável assexualidade de sentimentos desincumbiu-se disso tudo sem contestar. Nenhuma das visitantes jamais veria nela uma provável rival, nenhum dos homens imaginaria poder seduzi-la para cometer indiscrições. Ela praguejava como o exército em Flanders, mas não pretendia fazer mal, e, se a esse respeito a predileção incomum dela não tivesse sido tão alardeada e denunciada pelos ferrenhos defensores da observância das convenções — eles próprios, como ela via por clarividência, por vezes pecadores convictos por trás de portas fechadas — ela teria sem dúvida entrado na linha. É da natureza humana, como o era da dela, em grau extremo, perseverar na prática do que é proibido, exatamente por espírito de revolta. Conheci uma vez uma senhora cujo filho pegou, dos colonos da fazenda, o hábito de dizer nomes feios. A mãe, dama exemplar sob todos os aspectos, ficava desolada. Os castigos corporais e outras punições só faziam piorar as coisas, e não se obteve melhor resultado com o recurso extremo de "lavar a boca da criança com sabão", ao ouvi-lo blasfemar. Por fim, algum amigo sensível aconselhou os pais a tentar simplesmente não prestar atenção aos palavrões da criança. O plano obteve êxito total, e, em poucos meses, o delinquente não praguejava mais. *H.P.B.* se rebelava contra toda idéia convencional da sociedade, sendo em crenças, gostos, vestimenta, ideais e comportamento, uma hilita social; e se vingava apresentando seus próprios

talentos e realizações impressionantes e levando a sociedade a temê-la. Secretamente afligida pela sua falta de beleza física, alardeava continuamente o seu "*nariz de batata*", como que desafiando a crítica. O mundo, para ela, era um simulacro vazio, seus galardões apenas escória, e a vida desperta dela uma existência lúgubre, sendo sua vida real a da noite, quando, deixando o corpo, ia sentar-se aos pés de seus Mestres. Assim, ela sentia pouco mais que escárnio e profundo desprezo pelos hipócritas cegos e pelos homens de ciência de mente estreita, que não tinham sequer um extraviado vislumbre da verdade, e no entanto aplicavam a ela um julgamento injusto, e conspiravam para reduzi-la ao silêncio por meio de uma conspiração de calúnias. Pelo clero, como um todo, ela sentia ódio, porque, sendo eles próprios absolutamente ignorantes das verdades do espírito, arrogavam-se o direito de conduzir os cegos de espírito, de manter sob controle a consciência laica, de desfrutar de proventos que não tinham ganho, e de condenar os heréticos, que freqüentemente foram sábios, iluminados, adeptos. Temos um álbum de recortes no qual costumávamos colar parágrafos extraídos de jornais, contando os crimes de clérigos e padres levados à Justiça, e, antes de partirmos para a Índia, havia uma grande coleção deles.

H.P.B. fazia incontáveis amigos, mas muitas vezes tornava a perdê-los e via-os transformados em inimigos pessoais. Quando ela queria, ninguém poderia ultrapassá-la em fascínio, e ela escolhia esse caminho quando desejava conquistar pessoas para a sua obra pública. Usava inflexões e maneiras cativantes, e fazia a pessoa achar que ela o tinha na conta de seu melhor, senão seu único amigo. Chegava mesmo a escrever no mesmo tom, e acho que eu poderia citar por nome diversas mulheres que lhe conservaram as cartas dizendo que iam ser as sucessoras dela na *S.T.*, e o dobro de homens a quem ela declarou serem eles seus

"*únicos verdadeiros amigos*" e "*chelas admitidos*". Tenho várias declarações dessas, e costumava considerá-las como tesouros, até que, comparando as notas com terceiros, descobri que esses tinham sido encorajados de maneira semelhante, e vi que todos os elogios dela eram desprovidos de valor. Com pessoas comuns, como eu e seus outros íntimos, eu não diria que ela fosse leal ou sincera. Éramos para ela, acredito, nada além de peões num jogo de xadrez, pelos quais não nutria um amor profundo. Ela repetia para mim os segredos de pessoas de ambos os sexos — mesmo os mais comprometedores — que lhe haviam sido confidenciados, e tratava os meus, tal como são — estou convencido — da mesma maneira. Mas à sua tia, aos seus outros parentes e aos *Mestres*, era leal ao extremo, aos *Mestres*, por cuja obra teria ela sacrificado não apenas uma, mas vinte vidas, e calmamente veria consumir-se em fogo toda a raça humana, se necessário fosse.

CAPÍTULO XXIX: Madame Blavatsky Torna-se Cidadã Americana - Formação da Sociedade Teosófica Britânica - Últimos Dias em Nova York

Era apenas natural que a Rainha de nossa pequena boêmia recebesse, dos artistas boêmios que se lhe agrupavam ao redor, convites para pronunciar conferências; e sucedeu assim que ela posou para *Thos. Le Clear* para o retrato a óleo, e para *O'Donovan* para um medalhão em bronze. O assentamento de 24 de fevereiro (1878) do *Diário* revela que nessa data fomos nós dois passar tarde no estúdio de *Walter Paris*, e nos divertimos muitíssimo, na companhia de alguns dos maiores artistas de Nova York. A maioria deles pertencia ao famoso *Tile Club*, cujos membros se reúnem mensalmente nos estúdios uns dos outros, e nessa reunião pintam em telhas fornecidas pelo anfitrião do dia, tornando-se então propriedade dele, que as manda cozer e enquadrar às suas próprias expensas. Um arranjo encantador, pelo qual cada membro do Clube se torna, a seu turno e por um preço irrisório, proprietário de um acervo assinado por bons artistas.

H.P.B. divertiu-se de modo indescritível por um acontecimento ligado às minhas improvisações burlescas, das quais já falei anteriormente. Uma das coisas que ela pedia com freqüência era uma palhaçada sobre a "*mediunidade oral*", na qual os maneirismos e chatices de determinada classe de oradores de púlpito eram imitados. Na noite em questão, tivemos por visitante um literato londrino, ex-editor do *Spectator* e um acadêmico. Interessara-se um bocado pela investigação do *Espiritismo* e nele acreditava. Eu fingi estar sob o controle do espírito de um falecido clérigo da Alta Igreja, e, de olhos fechados e em tom solene, comecei um discurso contra as influências desmoralizantes do momento, entre as quais outorguei o primeiro lugar à *Sociedade Teosófica*. Os promotores dessa nefasta organização, fiz

o pseudo-espírito denunciar numa categoria especial, enquanto que sobre H.P.B., suma-sacerdotisa e principal demônio, lancei os raios da excomunhão maior e menor. A velha senhora ria até chorar, mas nosso convidado sentou-se, fitando-me espantado (como reparei, de tempos a tempos, ao dar-lhe uma rápida olhadela por entre minhas pálpebras quase cerradas), e por fim explodiu nesta exclamação: "*É terrível, é terrivelmente real; na verdade a senhora não deveria deixá-lo fazer isso, Madame!*" "*Fazer o quê?*", perguntou ela. "*Desenvolver essa mediunidade, quando o eu dele está inteiramente obsedado por uma personalidade do mundo espiritual, tão forte e vingativa!*" Isso foi demais para minha jovial colega, e ela explodiu numa risada. Finalmente, tomando fôlego, ela gritou: "*Pare! Pelo amor de Deus, pare, Olcott, ou você vai me matar!*" Bem nessa hora eu estava no meio de uma explosão de escárnio sobre a pretensa erudição e altruísmo dessa "*embusteira russa*", mas cessei de imediato, e, voltando-me para o Sr. L., pedi-lhe no tom mais calmo e mais prosaico um fósforo para meu cachimbo. Quase perdi minha gravidade ao ver-lhe o súbito e espantado sobressalto, e o penetrante olhar perquiridor que ele me lançou em rosto, expondo categoricamente sua crença de que, ou eu era louco, ou era o mais extraordinário dos médiuns, já que conseguia "*voltar a mim*" tão instantaneamente. A seqüência dos acontecimentos quase deu cabo de H.P.B. Na manhã seguinte, às oito horas, o Sr. L. apareceu, para ir comigo à cidade e tentar fazer falar seus poderes de persuasão no sentido de que eu abandonasse essa mediunidade que, garantiu-me ele, iria destruir minha expectativa de uma obra pública proveitosa para o futuro! O médium, explicou ele — como se eu não soubesse disso havia pelo menos vinte anos — era um verdadeiro escravo, na medida de sua verdadeira mediunidade, o agente passivo de forças desencarnadas cuja natureza não tinha meios de testar, e sobre cujo domínio não tinha poder

seletivo. Dissesse eu o que dissesse, não consegui convencê-lo de que todo aquele negócio da noite passada fora apenas uma brincadeira, uma das muitas que usávamos, *H.P.B.* e eu, para relaxar a tensão de nosso trabalho sério; para ele, eu era médium, e tivemos de deixar as coisas nesse pé. Mas para nós a coisa virou piada, e *H.P.B.* contou-a vezes sem conta aos visitantes.

No dia 5 de abril, *T. A. Edison* remeteu-me sua proposta assinada de adesão à *Sociedade*. Eu tivera de providenciar para ele a exibição de suas invenções elétricas na *Exposição de Paris* daquele ano, sendo eu secretário honorário de uma *Comissão Nacional de Cidadãos*, constituída a pedido do Governo Francês, e incumbida de persuadir o Governo dos Estados Unidos a aprovar um projeto-de-lei provendo o país de recursos para participar da primeira exposição internacional da indústria mundial desde a queda do Império e a fundação da República Francesa. *Edison* e eu chegamos a conversar sobre forças ocultas, e ele despertou-me grande interesse à observação de que havia feito algumas experiências nesse sentido. Sua meta era provar que um pêndulo, suspenso na parede de seu laboratório particular, podia ser levado a mover-se pela força da vontade. Para essa experiência, ele usara como condutores fios elétricos de metais variados, simples e compostos, e tubos contendo diferentes fluidos, sendo uma ponta do condutor ligada à testa do experimentador, e a outra ligada ao pêndulo. Como não se publicaram os resultados, desde aquela época, presumo que as experiências não tiveram êxito. Pode interessar a ele, se por acaso ele visse este relato, saber que, em 1852, conheci em Ohio um jovem chamado *Macallister*, ex-Shaker¹³³, que me contou ter descoberto determinado fluido com o qual, banhando a testa, conseguia transmitir o pensamento a outra pessoa que empregasse o mesmo

¹³³ Shakers: seita fundada na Inglaterra em 1747, e que ganhou considerável número de adeptos nos Estados Unidos entre fins do século XVIII e meados do século XIX. (N. do T.).

líquido numa hora combinada, não importando a distância que separasse as duas pessoas. Lembro-me de ter escrito um artigo sobre o assunto, sob o título "*Telegrafia Mental*", para o antigo jornal *Spiritual Telegraph*, do falecido Sr. S. B. Britten. Tendo privado com diversos eminentes inventores americanos, aprendi deles os processos psicológicos pelos quais separadamente chegavam às primeiras idéias de suas invenções¹³⁴, descrevi-os a Edison e perguntei de que maneira lhe vinham suas descobertas. Disse-me que, muitas vezes, talvez enquanto caminhava pela Broadway com um conhecido, e conversando sobre assuntos bem outros, em meio à barulheira da rua, perpassava-lhe de súbito a mente o pensamento de que determinada coisa que ele desejava podia ser conseguida de determinada maneira. Ele corria para casa, punha-se a trabalhar na idéia, e não a deixava até que obtivesse êxito ou descobrisse ser a coisa impraticável.

A 17 de abril, começamos a conversar com *Sotheran*, o *General T.*, e um ou dois outros altos maçons, sobre a constituição da nossa *Sociedade* numa organização maçônica, com graus e ritual. A idéia era que isso constituiria um complemento natural aos graus mais altos do ofício, restituindo-lhe o elemento vital do misticismo oriental que lhe faltava ou que ele tinha perdido. Ao mesmo tempo, tal disposição daria à *Sociedade* força e permanência, aparentando-a à antiga *Irmandade* cujas lojas estão estabelecidas em todo o mundo. Agora, que torno a encará-lo, estávamos na verdade apenas planejando repetir a obra de *Cagliostro*, cuja *Loja Egípcia* foi, em seus dias, um centro tão poderoso para a propagação do pensamento oculto oriental. Não abandonamos a idéia senão bem depois de nos

¹³⁴ Modernamente, Arthur Köestler retomou este mesmo tema e tentou explicá-lo à luz da moderna psicologia. Köestler foi mais além, mostrando que não só no terreno científico, como também no da Arte, a primeira idéia, ou o impulso inicial daquilo que com frequência acaba por se tornar uma Escola ou corrente artística, não ocorre a um homem isoladamente, mas a diversos, por vezes tão distantes entre si como em continentes separados, e inteiramente desconhecidos uns dos outros. Ver a respeito "*The Act of Creation*" e "*The Ghost in the Machine*", do autor citado. (N. do T.).

termos mudado para Bombaim, e a última menção a ela, em meu *Diário*, é um registro sobre a promessa que me fizera o *Swami Dyanand Sarasvati*, no sentido de compilar um *Ritual* para ser usado pelos nossos membros de Nova York e Londres. Alguns velhos colegas negaram os fatos supracitados, mas, embora eles não soubessem, o plano foi seriamente considerado por H.P.B. e por mim, e só renunciámos a ele ao descobrirmos que a Sociedade estava crescendo rapidamente por seu próprio ímpeto inerente e tornava-se para nós muito impolítica a fusão num organismo maçônico.

Uma noite, *H.P.B.* produziu um lindo fenômeno de duplicação. O *Dr. B.*, um médico francês, era uma das nove pessoas que nos estavam visitando em casa, e estava sentado perto da escrivaninha de *H.P.B.*, de forma que o candeeiro fixo brilhava sobre uma grande abotoadura de ouro com suas iniciais, que ele estava usando. Como o olhar de *H.P.B.* fosse atraído pelo brilho da abotoadura, ela esticou-se por sobre a mesa, tocou a abotoadura, e depois, abrindo a mão, mostrou ao *Dr. B.* e a nós outros uma duplicata da mesma. Todos nós a vimos, mas ela não ia dá-la a nenhum de nós, e, logo em seguida, reabrindo a mão, o *Máya* desapareceu. Coisa muito mais interessante fez ela para mim, uma noite em que estávamos os dois sozinhos. A espaços, contara-me ela histórias de aventura e façanhas sobre diversas pessoas, algumas na Índia, outras nos países do Ocidente. Nessa noite, ela tinha as mãos ocupadas em baralhar a esmo um maço de cartas, quando de repente segurou o maço aberto na minha direção e mostrou-me o cartão de visita da mulher de determinado funcionário inglês, que por acaso vira na Índia do Norte um *Mahatma* e se apaixonara acintosamente pelo esplêndido rosto deste. O cartão trazia o nome da mulher, e, num canto inferior, o nome do regimento do marido, parcialmente raspado, como se com uma faca, de modo que eu não pudesse

identificar a dama, se algum dia viesse a encontrá-la na Índia. O embaralhamento continuou, e a cada um ou dois minutos ela abria o maço e me mostrava cartões de visita de outras pessoas que conhecíamos de nome: alguns eram acetinados, outros simples; uns tinham o nome gravado em letra de imprensa, outros em letra quadrada; uns eram impressos em tipos, alguns cercados por "fio" preto, uns pequenos, outros grandes. Foi um fenômeno maravilhoso e bastante incomum. Mas quão estranho era que aquela preciosa força psíquica — tão difícil de ser gerada, tão fácil de se perder — fosse desperdiçada para objetivar, por um breve momento em cada caso, esses fantasmas astrais de cartões de visita comuns, quando o mesmo volume de força podia ter sido empregado para compelir alguns grandes cientistas a acreditar na existência dos registros do *A'kas'a*, e a devotar suas energias à pesquisa espiritual. Um dia, H.P.B. mostrou à minha respeitada irmã, a *Sra. Mitchell* — que ocupava, juntamente com o marido e filhos, um apartamento no mesmo prédio que nós — uma coleção de gemas e jóias, a qual, diz ela, devia representar uma importância de pelo menos 10.000 libras, e que, achava minha irmã, eram parte da herança de família de *H.P.B.* Tão pouco ela suspeitou que essas peças fossem simplesmente ilusórias, que chegou a ficar incrédula quando lhe contei que *H.P.B.* não possuía tal propriedade. Se a possuísse, tenho certeza de que não se teria jamais deixado ficar nos apuros em que estive.

Quanto mais se aproximava a época de mudarmos a nossa base, mais veementes se tornavam os louvores de *H.P.B.* à Índia, aos hindus, ao Oriente e aos orientais como um todo, e seu menosprezo pelo povo do Ocidente em geral, seus costumes sociais, sua tirania religiosa e seus ideais. Houve no Lamastério noites tempestuosas, entre as quais sobressai muito distintamente um episódio. *Walter Paris*, o artista, e um dos melhores de nossos camaradas, vivera alguns anos em

Bombaim como arquiteto do Governo, e se regozijava em conversar conosco sobre a Índia. Mas, como não tinha a nossa excessiva reverência pelo país e simpatia pelo povo, muitas vezes ofendia a sensibilidade de *H.P.B.* com observações que agora sei serem as linhas anglo-indianas. Uma noite, falava ele sobre um velho criado seu, que havia cometido alguma estupidez, ao arrear e selar um cavalo, e calmamente notou que picara o homem a chicote. Imediatamente, como se tivesse recebido o golpe na própria face, *H.P.B.* pulou, pôs-se na frente dele e, numa fala de quase cinco minutos, passou-lhe tão injuriosa reprimenda que o deixou sem fala. Estigmatizou-lhe o ato como de covardia, e fê-lo servir de texto a um garrido discurso sobre o tratamento das raças orientais pela classe dominante anglo-indiana. Não foi apenas uma explosão casual adaptada ao mercado ocidental; ela manteve o mesmo tom, do princípio ao fim, e ouvi-a com frequência, em *Allahabad, Simla, Bombaim, Madras e alhures*, usar o mesmo discurso inflamado para os mais altos funcionários anglo-indianos.

Depois que terminamos *Ísis Revelada*, uma maneira que *H.P.B.* usava para "enganar" as horas tediosas era desenhar caricaturas em cartas de baralho, trazendo o valor em pontos das figuras. Diversas dessas hábeis produções eram muito gozadas. Uma, feita do *Dez de Paus*, era uma representação de menestréis; foram admiravelmente esboçadas as grotescas contorções dos "condenados", a solene brutalidade dos "Interrogadores" e a afável vacuidade dos intermediários. Outra era uma sessão espírita, com banjo, acordeões e tamborins flutuando no ar, um balde invertido sobre a cabeça de um "investigador", e um travesso elementalzinho de dentes arreganhados, no regaço de uma dama que lhe segura a cauda fendida, pensando ser parte do corpo de algum amigo desencarnado. Uma terceira carta — feita de um Sete de Copas, creio eu — mostra dois monges gordos

a uma mesa posta com peru, presunto e outras iguarias, tendo algumas garrafas de vinho ao alcance da mão e outras gelando, num balde de gelo no chão. Um dos reverendos padres, de feições profundamente animais, leva a mão atrás para receber um *billet-deux*¹³⁵ de uma criadinha afetada de touca e avental. Outra, ainda, representa um guarda apanhando pelo pé um ladrão que ia fugir; ainda outra, um par de gatos enfatuados caminhando com suas namoradas; uma terceira, um negro patriarcal, correndo com o neto preto nos braços etc. etc. Bem recentemente, vim a saber que o finado pai dela tinha um especial talento nesse mesmo sentido, o que tornou bem fácil explicar a aptidão dela. Eu lhe disse que achava uma pena que ela não "*maquiasse*" assim todo um baralho, pois isso seguramente lhe renderia uma bela quantia de direitos autorais. Ela disse que ia fazê-lo, mas o capricho não durou o suficiente para apresentar o resultado desejado.

No dia 8 de julho, ela tirou seus papéis de naturalização, foi comigo ao *Tribunal de Segunda Instância* e prestou devidamente o juramento como cidadã dos Estados Unidos da América. No meu *Diário*, ela o descreve assim: "*H.P.B. teve de jurar eterna afeição, devoção e defesa à e da Constituição dos Estados Unidos da América, abjurar qualquer partícula de fidelidade ao Imperador Russo, e tornou-se uma "Cidadã dos Estados Unidos da América." Recebeu seus documentos de naturalização e foi para casa feliz.*" Naturalmente, os jornais americanos do dia seguinte estiveram cheios de relatos do acontecimento, e mandaram-se repórteres entrevistar a nova cidadã, que os fez rir a todos com suas *naïve*¹³⁶ opiniões sobre a política e os políticos.

A formação da *Sociedade Teosófica Britânica* (hoje chamada Loja de Londres da S.T.) ocupou grande parte de minha atenção durante os primeiros meses

¹³⁵ Em francês no original, *billet-deux*: bilhete de namoro, ou, como dizemos nas quermesses do interior do Brasil, "correio elegante". (N. do T.).

¹³⁶ *Naïve* - Em francês no original: naif, ve - singelo, simples. (N. do T.).

do verão de 1878. Esta, nossa primeira Sucursal, foi finalmente organizada a 27 de junho pelo *Dr. J. Storer Cobb, LL.D.*, Tesoureiro da S.T., o qual se valeu de sua visita a Londres, na época, para constituir-se em meu agente oficial para esse fim. O Sr. Sinnett teve a fineza de brindar-me com a seguinte cópia da ata de reunião, extraída do Livro de Atas da Loja, sob sua custódia oficial, o qual publico em virtude de seu valor histórico:

REUNIÃO DOS MEMBROS

Realizada aos 27 de junho de 1878 no endereço de 38 Great Russel Street, Londres.

Presentes: Os Companheiros, J. Storer Cobb, Tesoureiro (Sociedade de Nova York), C.C. Massey, Dr. C. Cártter Blake, Dr. George Wyld, Dr. H.J. Billing, e E. Kislingbury.

Na Presidência da Mesa, o companheiro J. Storer Cobb leu as cartas do Sr. Yarker, do Dr. K. Mackenzie, do Capitão Irwin e do Sr. R. P. Thomas, expressando o pesar deles por sua inevitável ausência, e sua simpatia pelos objetivos da reunião; também uma carta do Rev. W. Stainton Moses, declarando-se impossibilitado de tomar parte na reunião, tendo renunciado à sua condição de membro da Sociedade de Nova York.

Tendo o Sr. Tesoureiro Cobb enunciado as instruções do Presidente Olcott quanto à base de uma sociedade subsidiária inglesa, como já fora comunicado em reunião anterior dos Companheiros neste local, propôs ele sua renúncia, já que não era sua intenção tornar-se membro da nova filial. Sendo convidado a permanecer como ouvinte, seguiu-se uma discussão informal, e

*finalmente, por moção do Companheiro Massey, secundado pelo Dr. H. J. Billing, ficou "**Decidido que, na opinião dos Companheiros Ingleses da Sociedade de Nova York, presentes a esta reunião, é desejável a constituição de uma Sociedade na Inglaterra, em conexão e afinidade com aquele organismo.**"*

De conformidade com o boletim de instruções recebido do Presidente, a assembléia pôs em pauta a questão do Presidente da Sociedade Subsidiária, e no escrutínio realizado constatou-se que o Sr. C. C. Massey fora eleito Presidente.

Ao aceitar o cargo, o Sr. Massey fez alguns comentários e assumiu a presidência. Ele propôs, secundado pelo Dr. Cártter Blake, a Srta. Kislingbury fosse a Secretária da Sociedade Subsidiária. A proposta foi comunicada e a Srta. K. aceitou-a, pro tem.

Transferiu-se a assembléia até o recebimento de mais informações de Nova York, e solicitou-se à Secretária que fornecesse uma cópia destas minutas ao Coronel Olcott (Presidente) e uma cópia da Resolução, supracitada, aos membros ingleses ausentes.

Foi então redigido e assinado o memorando que se segue, e entregue à Secretária para ser enviado ao Coronel Olcott, a saber:

"LONDRES, 27 de junho de 1878. "

Ao CORONEL HENRY S. OLCOTT,

Presidente da S. T. de Nova York

Certifico, pelo presente, que no dia de hoje realizou-se uma assembléia na qual foi constituída uma sucursal inglesa da supracitada Sociedade, de cuja Subsidiária foi eleito Presidente, pelo escrutínio dos votos dos Companheiros presentes, o Companheiro Charles Carleton Massey.

(Assinado) "JOHN STORUR COBB,

Tesoureiro da Sociedade de N. Y.

(Assinado) C.C, MASSEY "

Minhas cartas oficiais, reconhecendo a *Sociedade Teosófica Britânica* e ratificando os atos da supracitada reunião, foram escritas a 12 de julho de 1878, e enviadas ao *Sr. C. C. Massey* e à *Srta. E. Kislingbury*, respectivamente Presidente e Secretária.

Há, no meu Diário, um registro de 25 de outubro, interessante por demonstrar a faculdade de clarividência que *H.P.B.* por vezes exercitava. Diz:

"O'Donovan, Wimbridge, H.P.B. e eu estávamos jantando quando a empregada trouxe uma carta de Massey, que o carteiro acabara de trazer. Antes de chegar a carta, H.P.B. anunciou sua chegada e natureza, e quando a recebi, antes de abri-la, ela disse que continha uma carta do Dr. Wyld, e leu isso também sem olhar para a carta."

Recorda-me ter pego o envelope da mão da empregada e tê-lo posto ao lado de meu prato, pretendendo adiar a leitura para quando nos levantássemos da mesa. Entre a carta e *H.P.B.* havia um grande jarro d'água de louça, mas enquanto a carta esteve ali, ela leu primeiro o conteúdo da carta de Massey e depois o do anexo do *Dr. Wyld*. Acho, sobretudo, que a carta principal tinha numa das páginas um escrito dos Mahatmas, e que a devolvi ao remetente com um relato dos fatos, assinado por mim e pelo *Sr. Wimbridge*.

É uma coincidência particularmente notável o fato de diversos astrólogos, clarividentes e ascetas indianos terem profetizado que *H.P.B.* morreria no mar. Descubro algo desse tipo anotado na página correspondente a 2 de novembro de

1878. Um cavalheiro sensitivo, amigo de *Wimbridge*, "*vaticinou a morte de H.P.B. no mar — morte súbita. Ele duvidava de que ela chegasse mesmo a Bombaim.*" *Majji*, o *Yogini de Benares*, fez idêntico prognóstico quanto ao lugar da morte de H.P.B. e mesmo quanto à época, mas nenhum deles mostrou estar certo. Não mais certo esteve um cartomante de Nova York, que predisse a morte de *H.P.B.* por assassinato, antes de 1886. Ao anotar o caso, *H.P.B.*, muito naturalmente, colocou dois pontos de exclamação após a palavra assassinato, e cinicamente acrescentou a observação: "*Nada como a clarividência!*"

Um dos nossos visitantes foi mais bem sucedido como profeta, mas não experimentou sua faculdade com *H.P.B.* Eis a descrição que dele fiz no Diário:

"Um médico hebreu místico. Um homem estranho, muito estranho. Tem presciência das visitas, das mortes, e uma percepção espiritual quanto às doenças deles. Velho, magro, curvado, o cabelo dele, fino, bonito, é grisalho e destaca-se em todas as direções desde sua nobre cabeça. Pinta as faces para corrigir sua palidez natural. Tem o hábito de jogar a cabeça para trás e olhar para o espaço enquanto ouve ou conversa. De compleição pálida, pele transparente e extremamente magro. Usa roupas de verão no pico do inverno. Tem o hábito peculiar de dizer, quando está para responder: "Bem... veja aqui!"

Durante trinta anos ele estudara a *Cabala*, e suas conversas com *H.P.B.* em grande parte limitavam-se aos mistérios cabalísticos. Ele me disse uma noite ao ouvido que, a despeito de suas pesquisas de trinta anos, não chegara a descobrir o verdadeiro sentido que ela lia em certos textos, e que os iluminava com uma luz sagrada.

Tendo-se finalmente decidido a nossa partida, comecei, no outono de 1878, a colocar em ordem meus negócios mundanos. Encetamos correspondência

ativa com nossos amigos de Bombaim e do Ceilão (diversos budistas e hindus juntaram-se à S.T. por carta), embarcou-se a nossa pequena biblioteca, e fomos aos poucos vendendo ou dando nossos pertences domésticos. Não alardeamos nossas intenções, mas a nossa casa era mais do que nunca abarrotada pelos amigos e conhecidos a quem haviam chegado as novas. Os registros de *H.P.B.* em meu *Diário*, durante minhas freqüentes ausências de Nova York nas últimas semanas, dão testemunho da nervosa ansiedade que ela sentia por ir-se embora, e de seus temores de que meus planos pudessem gorar. No registro de 22 de outubro, escreve ela — falando da urgência de nossos *Mahatmas*: "*N — saiu para vigiar e entrou S — com ordens de — para que tudo estivesse pronto no começo de dezembro. Bem, H.S.O. está jogando sua grande cartada final.*" Há aí referências à mudança de personalidades nas Inteligências que controlavam o corpo de *H.P.B.*, e os registros, em diferentes caligrafias, apóiam esta idéia. Um registro semelhante ocorre a 14 de novembro, onde se diz que devemos empregar todo esforço para irmos embora até 20 de dezembro no mais tardar. Há um parágrafo final nessa página, nestes termos: "*Ó deuses, ó Índia do rosto dourado, é este em verdade o começo do fim!*" A 21 de novembro, vieram pelo mesmo canal outras ordens urgentes, e foi-nos ordenado que começássemos a fazer as malas. Diversas pessoas quiseram acompanhar-nos à Índia, e algumas se esforçaram para tal, mas a comitiva compôs-se finalmente de apenas quatro — *H.P.B.*, a *Srta. Bates*, uma governanta inglesa, o Sr. *Wimbridge*, artista e arquiteto, e eu. No dia 24 estávamos prontos, e no dia seguinte, o primeiro membro de nosso planejado grupo de quatro, a *Srta. Bates*, embarcou para Liverpool, levando consigo dois dos *baús de H.P.B.* Vieram mais e mais vezes Ordens para apressarmos a nossa partida. Escrevendo sobre a inesperada renúncia de um membro, *H.P.B.* exclama: "*Oh! esta raça desgraçada; quando ficaremos livres*

*dela?" O registro relativo ao dia seguinte (a lápis vermelho, em letras grandes) diz, quanto a eu ficar pronto depressa: "O destino dele depende disso:" o que sobrou de nossa mobília deve ir a leilão antes do dia 12 de dezembro, e a venda realmente se efetivou no dia 9. Nesse dia, ela escreve: "Fui para a cama às quatro da manhã e levantei de novo às seis, graças a M —, que trancou a porta e Jenny (a criada) não podia entrar. Levantei-me, tomei o café da manhã e saí para o Battery, para encontrar-me com- (um ocultista ligado à Loja da Irmandade Branca). Voltei às duas e encontrei uma fila infernal e uma balbúrdia no leilão. Todas as nossas coisas se foram por "**dois tostões**", como eles dizem na América... Cinco da tarde. — Tudo acabou: **Barão de Palm**, adieu! Servido numa tábua de três polegadas de largura!"*

Houve então uma torrente de visitas, artigos publicados nos jornais, réplicas escritas por *H.P.B.* No dia 13, recebi do Presidente dos Estados Unidos uma carta de recomendação para todos os Ministros e Cônsules americanos; e, do Departamento de Estado, um passaporte especial, do tipo expedido para os diplomatas americanos, e a missão de reportar ao Governo sobre a viabilidade de expandir os interesses comerciais do nosso país na Ásia. Mais tarde, na Índia, esses documentos mostraram-se úteis, quando eu e *H.P.B.* estivemos sob suspeita de sermos espiões russos! Os detalhes desse episódio ridículo serão contados em local apropriado.

Encontro, no *Diário*, assentamentos mostrando que, durante esses últimos dias, mal descansei, permanecendo a noite toda sentado, escrevendo cartas, correndo a Filadélfia e outras cidades, tomando às pressas um bocado de comida quando podia: enquanto que, de toda a narrativa, ressoa o surto das ordens para partirmos antes que passasse o dia de graça fixado — o dia 17. A escrita de *H.P.B.* vai ficando esgarranchada, e, na página referente a 15 de dezembro, noto duas das

variantes citadas de sua escrita, o que demonstra que o corpo dela era então ocupado por dois dos *Mahatmas* na mesma noite. Eu comprara um fonógrafo Edison, do modelo original, e naquela noite um bom número de nossos membros e amigos, entre os quais um certo *Sr. Johnston*, que Edison mandara como seu representante pessoal (estando ele inevitavelmente ausente), falavam no receptor mensagens para os nossos irmãos na Índia, os então conhecidos e desconhecidos. As diversas folhas de estanho, adequadamente marcadas para identificação, foram cuidadosamente removidas do cilindro, embaladas, e estão ainda guardadas na *Biblioteca de Adyar*, para a edificação dos tempos que virão¹³⁷. Entre as vozes guardadas estão as de *H.P.B.* — um registro muito claro e agudo — a minha própria, a do *Sr. Judge* e a de seu irmão, *John*, a do *Prof. Alex. Wilder*, da *Srta. Sarah Cowell*, dos dois *Srs. Laffan*, do *Sr. Clough*, do *Sr. D. A. Curtis*, do *Sr. Griggs*, da *Sra. S. R. Wells*, da *Sra. e Srta. Amer*, do *Dr. J. A. Weisse*, do *Sr. Shinn*, do *Sr. Terriss*, do *Sr. Maynard*, do *Sr. E. H. Johnston*, do *Sr. O'Donovan* etc., todos eles inteligentes, e alguns bastante famosos como autores, jornalistas, pintores, escultores, músicos ou outras coisas.

O dia 17 de dezembro foi nosso último dia em solo americano. O registro de *H.P.B.* diz: "*Grande dia! Olcott fez as malas para partir... e agora? Tudo escuro — mas tranqüilo.*" E vem então, escrito em letras grandes, o profundo brado de alegria, **CONSUMMATUM EST!** O parágrafo final tem a seguinte redação: "*Olcott voltou às sete da noite, com as passagens para o vapor inglês, o Canadá, e escreveu cartas até às 11:30. Curtis e Judge passaram a noite. Maynard levou H.P.B. (vejam os*

¹³⁷ Bem recentemente, a saber, em maio de 1895, mandei esses registros em chapas para o escritório de *Edison em Londres*, a ver se eles não podiam ser gravados num dos modernos cilindros de cera, e, assim, serem salvos para a posteridade. Infelizmente, nada se pôde fazer deles, pois haviam quase desaparecido os sulcos produzidos pelas vozes. É uma grande pena, pois de outra forma poderíamos ter obtido duplicatas a partir dos originais, e teríamos assim a poderosa voz de *H.P.B.* falando audivelmente em nossas reuniões locais, em todo o mundo, no "*Dia do Lótus Branco*", quando se comemora o aniversário da morte dela.

autores sempre falando dela na terceira pessoa) para jantar na casa dele. Ela voltou para casa às 9. Ele fez-lhe presente pessoal de uma tabaqueira. Charles (nosso gato grande) se perdeu!! Por volta da meia-noite, H.S.O. e H.P.B. despediram-se do candelabro¹³⁸ e partiram, numa carruagem, para o navio." Assim se encerra o primeiro volume da história da *Sociedade Teosófica*, com a partida de seus Fundadores da América.

Atrás deles ficam três anos de lutas, de obstáculos vencidos, de planos toscos, parcialmente realizados, de trabalho literário, de deserções de amigos, de refregas com adversários, de lançamento dos amplos alicerces da organização destinada a levantar-se, no tempo certo, para a reunião das nações, possibilidade essa porém da qual eles então não suspeitavam. Pois tinham eles edificado melhor do que sabiam — melhor, de qualquer modo, do que eu sabia. O que repousa no futuro, não previmos. As palavras de H.P.B. mostram isso: "*Tudo escuro, mas tranqüilo.*" A maravilhosa extensão de nossa *Sociedade* não entrara sequer em nossos sonhos. Um ex-funcionário nosso publicara a afirmação de que a *Sociedade* tinha morrido de morte natural antes de partirmos para a Índia. O diagrama na página ao lado mostrará que, se por um lado ela se havia reduzido a quase nada, começou a reviver a partir do momento em que seu centro executivo foi transferido para a Índia.

Passamos, no navio, uma noite desgraçada, com um frio terrível, a cama úmida, a aparelhagem de aquecimento sem funcionar, e o ranger do guindaste e o nhec-nhec-nhec das manivelas puxando a carga. Em vez de sair cedo, o vapor não saiu do cais até às 2:30 da tarde do dia 18. Então, como perdera a maré, teve de

¹³⁸ O leitor deve estar lembrado de que Olcott se refere ao famoso candelabro, em capítulo anterior, como a terceira pessoa da trindade teosófica original. Naquele capítulo ele antecipa um trecho da descrição da partida, dizendo que, nessa ocasião, ele e Blavatsky chegaram a fazer um breve e comovente discurso de despedida ao candelabro. Trata-se do candelabro fixo, que ficava sobre a mesa de trabalho, no apartamento da dupla em Nova York. (N. do T.)

fundear ao largo de Coney Island e só cruzou a barra de Sandy Hook no dia 19 ao meio-dia. Estávamos, finalmente, cruzando a água azul rumo à nossa Terra da Promissão; e tão cheio estava o meu coração com essa perspectiva, que não esperei no convés para ver as *Navesink Highlands* sumirem da vista, mas desci para minha cabine e procurei Bombaim no meu Mapa da Índia.

RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA S.T.

EVENTOS	ANO	Nº DE FILIAIS
Fundação da S. T.	1875	—
Retração	1876	—
Publicação de <i>Isis Revelada</i>	1877	—
Fundação da S. T. Britânica (1ª Filial) Partida dos Fundadores dos EUA. }	1878	1
Estabelecimento da Sede em Bombaim e Fundação do <i>Theosophist</i> }	1879	2
Visita dos Fundadores ao Ceilão	1880	10
Ida a Simla.	1881	25
Estabelecimento da Sede em Madras	1882	52
1ª Excursão demorada de H.S.O. na Índia. . .	1883	95
Ação Missionária e Coulomb.	1884	107
H.P.B. se estabelece na Europa }	1885	124
2ª Excursão Indiana de H.S.O. }	1886	136
Fundação da Secção Americana.	1887	158
3ª Excursão Indiana de H.S.O. }	1888	179
H.P.B. se muda para Londres }	1889	206
Fundação da Loja Blavatsky.	1890	241
Annie Besant adere à S.T.	1891	279
Forma-se a Secção Britânica	1892	304
Morte de H.P.B. }	1893	352
Viagem de H.S.O. pelo mundo }	1894	394
Forma-se a Secção Européia }		
1ª Excursão Indiana de Annie Besant		
Comissão Judicial reúne-se em Londres para julgar W.Q. Judge		

* As estatísticas referentes às Sucursais são anualmente compiladas no mês de dezembro, para o Discurso Anual do Presidente.

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>